HEITOR CORADINI

**METALINGUAGEM NA OBRA *DE LINGUA LATINA*
DE MARCOS TERÊNCIO VARRÃO**

Tese de Doutorado

apresentada ao DCLV-FFLCH-USP

orientação: Prof.^a Dr.^a

Zélia L. V. Almeida Cardoso

USP - FFLCH - DLCV

SÃO PAULO

1999

HEITOR CORADINI

**METALINGUAGEM NA OBRA *DE LINGUA LATINA*
DE MARCOS TERÊNCIO VARRÃO**

USP - FFLCH - DLCV

SÃO PAULO

1999

HEITOR CORADINI

METALINGUAGEM NA OBRA *DE LINGUA LATINA*

DE MARCOS TERÊNCIO VARRÃO

***Marthae uxori,
Filiisque Luciano ac Leandro,
Amoribus,
Dedico.***

***Nam huius rei
satis mihi fuerunt
auctores, magistri egregiique doctores*** (Varr., *L.L.VI*, 2):

**Isaac Nicolau Salum (*in memoriam*)
Jaime Bruna (*in memoriam*)
Aida Costa (*in memoriam*)
Gilda Reale Starzinski
José Cavalcante de Souza
Isis Borges Belchior da Fonseca
Henrique Graciano Murasco
Anna Lia Almeida Prado
Filomena Yoshie Hirata Garcia
Alice Cunio Machado Fonseca
Ariovaldo Augusto Peterlini
Elisa Guimarães Pinto
Maria da Glória Novak
William Edwin Mierse
Antônio Medina Rodrigues
Antônio da Silveira Mendonça
Ingeborg Braren
Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso**

***À Prof.^a Dr.^a Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso,
Professora Titular da Universidade de São Paulo
e minha orientadora:
especial gratidão
pelo acompanhamento na pós-graduação,
com admiração pela competência e grande saber.***

RESUMO

Da vasta obra do erudito Marcos Terêncio Varrão Reatino (setenta e quatro títulos e seiscentos e vinte livros) restam apenas o *De re rustica* (três livros), o *De lingua Latina* (seis livros dos vinte e cinco) e muitos fragmentos. O *De lingua Latina*, o primeiro tratado lingüístico conhecido no mundo romano, constitui o objeto desta tese, que se divide em três partes. A primeira parte apresenta uma breve biografia de Varrão (capítulo I); a segunda, em seis capítulos, examina a superestrutura da obra, ou seus aspectos externos: a metalinguagem que a caracteriza (II); sua composição (III); o padrão técnico e científico (IV); o estilo literário (V); o tom dialogal (VI) e finalmente a coesão e coerência textual (VII); e a terceira parte, também em seis capítulos, analisa a macroestrutura, isto é, os aspectos temáticos: as fontes varronianas (VIII); o enciclopedismo, a evolução da *ars grammatica* em Roma, o conceito de *latinitas* (IX); as bases étnicas do latim e suas origens (X); a doutrina de Varrão nas áreas da etimologia (XI), morfologia (XII) e fonética (XIII). Esta tese mostra que o *De lingua Latina*, na literatura latina, é uma longa metalinguagem do latim como código lingüístico dos romanos, tendo por objetivo a *latinitas*, isto é, o falar latim correto, norma e instrumento lingüístico apto para fomentar a unificação do Estado Romano. Esta tese procura também mostrar que, contrastando com o extremismo metodológico moderno — pleno de mútua prevenção entre Filologia e Lingüística — Varrão conciliou, no estudo da língua, dois planos opostos mas simultaneamente conectados para a explicação do fenômeno: o plano histórico-diacrônico (da etimologia), que estabelece o léxico básico (*impositio uerborum*) e o sistêmico-sincrônico (gramática) que garante a estrutura da língua e sua expansão econômica (*declinatio uerborum*). Assim, Varrão abriu o caminho para aproximar temas importantes e sempre atuais: o uso lingüístico e a norma, a irregularidade e a regularidade, a liberdade criativa e a coercividade gramatical, a mutabilidade e a estabilidade, enfim, a anomalia e a analogia, pólos necessários ao equilíbrio e dinamismo da língua.

ABSTRACT

From the scholar Marcus Terentius Varro's vast literary work (seventy-four titles and six hundred and twenty books), only *De re rustica* (three books), *De lingua Latina* (six books from twenty five) and a lot of fragments remain. *De lingua Latina*, the earliest linguistic treatise known in the Roman world, is the subject of this thesis, which has three parts. The first part presents Varro's brief biography (chapter I); the second part, in six chapters, examines the superstructure of the work, or its external aspects: the metalanguage, that characterizes it (II), its composition (III), the technical and scientific pattern (IV), the literary style (V), the dialogus (VI), and finally, the textual cohesion and coherence (VII); and the third part, in six chapters, analyses the macrostructure, that is, the thematical aspects: the Varronian sources (VIII), the encyclopaedism, the *ars grammatica's* evolution in Rome and the *latinitas* concept (IX), the ethnical bases of Latin and its origins (X), Varro's doctrines in the areas of etymology (XI), morphology (XII) and phonetics (XIII). This thesis shows that *De lingua Latina*, in Latin Literature, is a long metalanguage of Latin as the Romans' linguistic code, aiming at the *latinitas*, that is, the correct spoken Latin, norm and linguistic instrument apt to increase the unification of the Roman State. This thesis attempts also to show that, contrasting with the modern and methodological linguistic extremism, full of mutual prevention between Philology and Linguistics, Varro conciliated, in the study of the language, two adverse but simultaneously connected plots to the explanation of the phenomenon: the historic-diachronical plot (of etymology), which establishes the basic lexicon (*impositio uerborum*), and the systemic-synchronal plot (of grammar), that warrants the structure of language and its economic expansiveness (*declinatio uerborum*). Thus, Varro opened the way to approach important and always present themes: the linguistic use and the norm, the irregularity and the regularity, the creative liberty and the grammatical coercion, the mutability and the stability, finally, the anomaly and the analogy, two necessary poles to the balance and dynamism of the language.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	24
PRIMEIRA PARTE — BIOGRAFIA.....	32
CAPÍTULO I - Marcos Terêncio Varrão: vida, caracteres pessoais e reflexos de sua personalidade na obra	34
1. Campo e tradição, trabalho e formação, política e erudição.....	34
1.1. Formação: Roma, Atenas, na administração e política com Pompeu.....	36
1.2. Triunvirato: com apreensão, mas com fidelidade a Pompeu	38
1.3. O pós-Farsália: com César, mas com <i>dignitas</i>	41
1.4. O pós-César: o trabalho na biblioteca de Roma e proscrição.....	43
2. Caracteres pessoais	45
2.1. Aspecto físico: a fórmula da longevidade	45
2.2. Temperamento: um rude campônio em Roma	47
2.3. Senso ético, estético e místico: o humanista romano.....	48
2.4. Inteligência: menos especulativa, mais pragmática	52
2.5. Caráter: severidade e dever, coerência e lisura	55
3. Reflexos da personalidade de Varrão em sua obra.....	57
3.1. Austeridade e metodologia na estrutura das obras.....	57
3.2. Tradição: nacionalismo moderado e antiquário.....	58
3.3. Equilíbrio e racionalidade, ecletismo e conciliação	62
 SEGUNDA PARTE — SUPERESTRUTURA: NÍVEIS DE EXPRESSÃO .	64
CAPÍTULO II - Metalinguagem na obra varroniana e no <i>De lingua Latina</i>: expressão da <i>latinitas</i>	65
1. Metalinguagem no texto varroniano: o sentido da obra	65
2. Fundamentos da metalinguagem: autores	66
3. Conceituação de metalinguagem: ênfase no código.....	68

4. Língua-objeto e metalinguagem: sentido amplo e sentido estrito	70
5. Aplicabilidade: forma nova em prototexto	73
6. Metalinguagem: um caminho literário, erudição e poligrafia	75
7. Momentos especiais da metalinguagem no <i>De lingua Latina</i>	77
7.1. O latim visto pelo próprio sistema latino: forma endógena	77
7.2. O latim visto por outros sistemas: forma exógena, o grego	79
7.3. Na práxis etimológica: pesquisa histórica, diacronia	81
7.4. Na teoria da língua: gramática, sistema e sincronia.....	84
7.5. No plano de conteúdos: simbiose entre filosofia e gramática	86
7.6. Na forma de expressão: coesão textual e coerência.....	88

CAPÍTULO III – Estrutura composicional e temática da obra

varroniana: a obra gramatical	91
1. A obra varroniana: conjecturas sobre o legado escrito	91
2. Editores, tratadistas e estudiosos	92
3. O trabalho de reconstituição geral da obra e os grandes temas.....	94
- Erudição: história, antiquário e teologia	95
- Linguagem: gramática, filologia, crítica e dramatologia	96
- Didática: obras técnicas, doutrinárias, jurídicas e burocráticas	100
- Filosofia e arte	102
4. As obras gramaticais.....	104
5. Os fragmentos gramaticais: 608 dos quais 234 <i>incertae sedis</i>	105
6. O <i>De lingua Latina</i> : edições e estabelecimento do texto	108
7. Conteúdo dos livros supérstites e perdidos e a “sintaxe”	110
8. Estrutura temática da obra: etimologia, morfologia e “sintaxe”	114

CAPÍTULO IV – De lingua Latina: um texto didático, científico e técnico	117
1. Função social do texto varroniano.....	118
2. A intenção didática do texto: clareza, brevidade e dosagem.....	118
3. Nos percalços de um texto científico	121
4. Um texto eminentemente técnico: <i>ars grammatica</i> como instrumento	125
5. A terminologia técnico-gramatical: contenção	126
6. Conectores e fórmulas derivativas nos livros etimológicos.....	137
7. Operadores argumentativos: abundância e variedade	142
 CAPÍTULO V - Níveis de expressão: estilo e literariedade.....	148
1. O latim sem charme: críticas acerbas, amenização	148
2. O texto varroniano: defeitos, descuidos e justificativas	151
3. A <i>inconcinitas</i> : deselegância, desarmonia e labirinto	158
4. Virtualidades do texto varroniano: o elogiável	160
5. Literariedade do texto: elegâncias de poeta e metáforas.....	166
 CAPÍTULO VI - Dialogicidade — referentes textuais e contextuais: dêixis	177
1. A permanente situação comunicativa	178
2. Referentes textuais e contextuais: as relações dêiticas e anafóricas	179
3. Dialogicidade textual: uma função dos pronomes	180
4. Pronomes pessoais: sua gênese na dêixis	183
4.1. A 1. ^a pessoa: marcas do sujeito na enunciação	183
4.1.1. O <i>ego</i> varroniano: explícito e implícito no texto.....	184
4.1.2. A pessoalidade do autor e a dinamização do texto	185
4.2. A 2. ^a pessoa: presença explícita e implícita do leitor	189
4.2.1. A 2. ^a pessoa explícita: <i>tu, te, tibi</i>	189

4.2.2. A 2. ^a pessoa: implícita nas desinências verbais	190
4.2.3. Cícero e Septímio, dedicatários e leitores-modelos.....	191
4.2.4. Leitores virtuais: perfil e interação	192
4.2.5. O <i>nos</i> autoral: auto-afirmativo, adversativo e conativo	194
4.2.6. O pronome possessivo em 1. ^a pessoa do plural: <i>noster</i>	195
4.3. A 3. ^a pessoa e o grande referente lingüístico: o povo	196
4.3.1. Pronomes pessoais de 3. ^a pessoa, substantivos	200
4.4. Pronomes demonstrativos: dêiticos e dêiticos anafóricos.....	200
4.5. Pronomes possessivo, indefinidos, relativos: dêiticos e anafóricos	205
4.6. Advérbios pronominais (advérbios)	207
4.7. Advérbios de lugar, participantes da dêixis	209
4.8. Advérbios de tempo: anterioridade, simultaneidade, posterioridade	210
4.9. Texto para a análise	212
5. Consciência da dêixis no <i>De lingua Latina</i> : indícios	214
6. Referentes contextuais e textuais: actantes da cultura e da língua.....	216

CAPÍTULO VII - Conectividade no *De lingua Latina*: coesão e coerência

1. Intencionalidade: o projeto de uma vasta obra gramatical.....	219
2. Conectividade do texto do <i>De lingua Latina</i>	220
3. Conectividade seqüencial e conceitual: coesão e coerência.....	221
4. Conectividade seqüencial: coesão textual.....	222
4.1. Coesão gramatical: frásica, interfrásica, temporal e referencial.....	222
4.1.1. Coesão gramatical frásica	222
4.1.2. Coesão gramatical interfrásica: seqüenciação, concatenação	222
4.1.2.1. Junção.....	223
4.1.2.2. Disjunção.....	223
4.1.2.3. Junção e disjunção	223

4.1.2.4. Contrajunção	224
4.1.2.5. Subordinação	224
4.1.3. Coesão gramatical temporal	226
4.1.4. Coesão gramatical referencial	227
4.2. Coesão lexical: reiteração e substituição	227
4.2.1. Reiteração.....	228
4.2.2. O processo de substituição	228
4.2.2.1. Sinonímia	228
4.2.2.2. Paronímia.....	231
4.2.2.3. Antonímia.....	232
4.2.2.4. Hiperonímia e hiponímia	232
5. Conectividade conceitual: coerência no método e na doutrina.....	233
5.1. Coerência na metodologia: pesquisa, leitura-reflexão e exposição.....	233
5.1.1. Pesquisa	233
5.1.2. Leitura e reflexão	234
5.1.3. Exposição.....	234
5.2. Coerência na doutrina: o princípio da conciliação	236
Conclusão da segunda parte.....	239

TERCEIRA PARTE — MACROESTRUTURA: PLANOS DE CONTEÚDO

CAPÍTULO VIII - As fontes varronianas: influências, assimilação e originalidade

1. Fontes do saber varroniano: pioneirismo e originalidade	243
2. Mais fácil perguntar a Varrão do que aos seus predecessores	243
3. Compilação e originalidade.....	245
4. Abordagem das fontes	246
5. Fontes: Atenas, Pérgamo, Alexandria e Rodes; da filosofia à gramática.....	247

6. Roma: reação, absorção, reflexão e elaboração línguoliterária	248
7. Os nomes das fontes heleno-helenísticas: análise	249
7.1. Cínicos	250
7.2. Pitagóricos e platônicos	252
7.2.1. Numerologia	252
7.2.2. Teologia e espiritualismo	253
7.2.3. Neopitagorismo: Nigídio Fígulo	255
7.2.4. Princípios pitagóricos e linguagem	256
7.2.5. Teoria da <i>impositio nominum</i>	256
7.2.6. A língua: fenômeno simultaneamente positivo e sagrado	257
7.3. Platonismo	259
7.3.1. A Academia de Antíoco de Ascalona	260
7.3.2. Platonismo e pitagorismo	261
7.3.3. Testemunho de Cícero: Varrão, seguidor de Antíoco	262
7.3.4. Platão, pitagorismo e teoria da <i>impositio</i>	262
7.3.5. Antíoco: platonismo em convívio com as demais filosofias	262
7.3.6. Ecletismo: pitagorismo, platonismo e estoicismo	263
7.3.6.1. Júpiter e os elementos da natureza	264
7.3.6.2. Alma do mundo: o fogo criador	264
7.3.6.3. Religião cósmica e conceito de templo	264
7.3.7. Antíoco: metade acadêmico e metade estóico	265
7.4. O estoicismo	266
7.4.1. O estoicismo ortodoxo: Zenão, discípulos e influências	267
7.4.2. Cleanto	268
7.4.3. Crisipo de Sole e outros	269
7.4.4. A escola de Pérgamo: Crates de Malos	270
7.4.5. O meio-estoicismo: Panécio e Posidônio	271

7.4.6. Escolas de Pérgamo, Alexandria e Rodas: sincretismo	272
7.4.7. Lúcio Élio Estilão Preconino: fonte imediata e tutor.....	273
7.5. A escola de Alexandria	276
7.6. Peripatéticos	278
7.6.1. Aristóteles	278
7.6.2. Tirânio	280
7.6.2.1. O acento intermediário.....	282
7.6.2.2. A quadripartição aristotélica: método de análise	283
7.6.3. Independência varroniana.....	286
7.6.4. Dicearco: pré-história e história	287
7.7. Epicurismo	288
7.7.1. Epicuro e Lucrécio: contra a <i>impositio</i> ; língua e necessidade.....	288
7.7.2. Necessidade lucreciana e utilidade varroniana da língua	289
7.7.3. <i>Clinamen</i> e <i>declinatio</i> : a física atomística e a linguagem	290
7.7.4. Economia da língua: meios finitos e possibilidades infinitas	292
7.7.5. O universo e a linguagem.....	294
7.7.6. Independência varroniana: a língua como criação contínua.....	297
8. Fontes situadas no mundo romano: nomes e círculos.....	298
8.1. Lingüistas de atuação desvinculada de cenáculos itálicos	298
8.2. Cenáculos romanos: Ênio, Cipião, Cátulo e Élio.....	299
9. Intertextualidade	300
9.1. Vozes de doutrinadores helênicos na obra	300
9.2. Vozes de doutrinadores itálicos: predecessores e contemporâneos.....	301
9.3. Poetas gregos e latinos.....	304
9.4. Obras citadas	307
9.4. Obras citadas do próprio Varrão	307
9.5. Obras anônimas, de domínio público	308

9.6. Fontes de informação generalizadas.....	309
--	-----

CAPÍTULO IX - Enciclopedismo, gramática e *latinitas*: resgate e súmula

1. Enciclopedismo varroniano: absorção e confronto com a cultura grega	311
1.1. Um luminar para os romanos nas ciências, artes e letras	311
1.2. Tradição enciclopédica romana	313
1.3. O humanismo varroniano: παιδεία, ἀρετή, <i>uirtus</i> e artes liberais	315
2. Τέχνη Γραμματική: sua gestação no mundo helênico	318
2.1. Estudos lingüísticos: da generalização à especialização	319
2.2. Gramática: disciplina tardia e acessória; busca de identidade	320
2.2.1. Gramática sob o monitoramento da filosofia: condição ancilar.....	321
2.2.2. Gramática e crítica literária: provedora de recursos.....	322
2.2.3. Gramática subsidiária da retórica: provedora de léxico e de tropos	325
2.3. <i>Ars grammatica</i> : sintonia com o pragmatismo romano.....	327
2.3.1 A gramática em Roma: absorção e implantação	327
2.3.2. Início lento e obscuro: autores pioneiros e temática.....	328
2.3.3. Evolução do ensino gramatical, mestres e escolas	331
2.3.4. Duas prioridades: correção da linguagem e análise de texto	334
2.3.5. Produção: obras de crítica, comentário e interpretação	335
2.4. As tendências romanas: filosofia, crítica textual e retórica.....	337
2.4.1. Tradição filosófico-lingüística em Roma.....	337
2.4.2. Na crítica textual: comentários e lexicologia	339
2.4.3. Do asianismo e do aticismo às questões gramaticais	341
2.4.4. Gramática e modismo em Roma.....	342
2.5. A doutrina gramatical varroniana	345
2.5.1. O sentido histórico da gramática: sua infância e <i>litteratio</i>	346

2.5.2. O sentido integrante-evolutivo: da alfabetização à <i>latinitas</i>	346
2.5.3. Intuições: <i>dictio</i> e <i>dicibile</i> , significante e significado	347
2.5.4. O sentido técnico: a gramática em função do texto	349
2.5.5. Funções da gramática: leitura, explicação, crítica, comentário	349
3. A <i>latinitas</i>	350
3.1. Elementos da <i>latinitas</i> : <i>natura</i> , <i>analogia</i> , <i>consuetudo</i> , <i>auctoritas</i>	351
3.2. O falar latim: <i>latine loqui</i> , <i>lingua Latina</i> , <i>sermo Latinus</i> etc.	353
3.3. Sentido positivo e negativo: elegância, correção, clareza; sem vícios	354
3.4. Sentido geográfico, sócio-lingüístico, gramatical e retórico-literário.....	354
3.5. <i>Latinitas</i> e <i>urbanitas</i> e a quivalência: ἑλληνισμός e ἄττικισμός	355

CAPÍTULO X - Fundamentos étnicos, culturais e lingüísticos da *latinitas*.....

1. A investigação étnica: pré-história e história no território itálico.....	359
1.1. Investigação varroniana: a pré-história	360
1.1.1. Teses na antiguidade sobre a origem do mundo e da humanidade.....	360
1.1.2. Posição filosófica varroniana: <i>principium exstitit nullum</i>	361
1.2. Investigação varroniana: a história	362
1.2.1. Obras varronianas de história e filologia: interdisciplinaridade	362
1.3. Os estudos helenísticos sobre dialetologia: obras perdidas	363
1.4. A origem do latim: o dialeto eólico em foco e a tese nacionalista	364
1.4.1. Postura varroniana: realismo e dependência do latim	365
2. Duas teorias sobre a origem do latim: herança e empréstimos	366
2.1. Teoria da herança primitiva	367
2.1.1. O advento do elemento estrangeiro: os ciclos das lendas.....	367
2.1.1.1. Lenda dos pelásgios	368
2.1.1.2. Lenda de Evandro.....	368

2.1.1.3. Lenda de Hércules	369
2.1.1.4. Lenda troiana: Enéias, Latino e Rômulo	369
2.1.2. Análise histórico-etimológica da teoria da herança primitiva	371
2.1.3. Preponderância do eólio	373
2.1.3.1. Ressalvas ao eólio como dialeto predominante.....	374
2.1.4. Visão moderna: lenda e ciência	375
2.2. Teoria dos empréstimos sucessivos: processo e interação	377
2.2.1. Análise dos aportes e das relações bilíngües greco-latinas	377
2.2.2. Estudo dos empréstimos	378
2.2.2.1. Cronologia dos empréstimos primitivos e recentes	379
2.2.2.2. Empréstimos de outros dialetos e falares regionais	380
2.2.3. Aproximações com o método comparativista: língua-mãe	381
2.2.4. Méritos da teoria dos empréstimos sucessivos	383
3. Rumo à expansão do léxico latino	384
3.1. Vocabulário das áreas técnico-científicas	384
3.2. “Calques” fonéticos e semânticos	385
4. Nacionalismo gramatical e sabinismo	385
4.1. O sabinismo varroniano	386
4.2. O pansabinismo	386
4.3. Pansabinismo e panarcadismo	387
4.4. Sabinos e etruscos	388
4.5. O dialeto sabino nos usos e nas instituições romanas.....	389
4.6. O dialeto sabino: intermediário entre o grego e o latim.....	391
5. Outras fontes do latim: empréstimos de outras línguas	392
5.1. O etrusco	392
5.2. O gaulês, o ibérico, o cartaginês, o armênio e o sírio	394

CAPÍTULO XI - Metalinguagem nas operações etimológicas.....	397
1. Etimologia: origem das palavras e seu significado verdadeiro	397
1.1. Os vários nomes e o sentido de “etimologia”	398
1.1.1. A busca de substitutivos latinos para “etimologia”	399
1.1.2. Relutância e preferência pelo nome latino: o insucesso.....	401
1.2. Objeto da etimologia: ajuste entre <i>uerbum</i> e <i>res</i>	402
1.3. O interesse pela atividade etimológica na Grécia e em Roma	403
1.3.1. O nível poético da linguagem e o desafio da interpretação	404
1.4. O enigma da linguagem: <i>nomen omen</i> ; méritos do etimólogo	405
1.5. A etimologia: atrelagem à filosofia	406
1.5.1. Debate: natureza <i>uersus</i> convenção e arbitrariedade do signo.....	407
1.5.1.1. Pitagóricos: posição intermediária entre <i>θέσις</i> e <i>φύσις</i>	407
1.5.1.2. Heráclito: palavras como imagens virtuais das coisas	408
1.5.1.3. Demócrito: a favor da arbitrariedade do signo	408
1.5.1.4. Sofistas: naturalistas e convencionalistas	408
1.5.1.5. Platão, convencionalista: crítica científica à etimologia	409
1.5.1.6. Estóicos: equalização entre <i>uerbum</i> e <i>res</i>	411
1.5.1.7. Aristóteles: convencionalista categórico.....	412
1.5.1.8. Diodoro de Mégara: a total arbitrariedade do signo	413
1.5.1.9. Epicuro: signo natural na origem e convencional no processo	413
1.5.1.10. Alexandrinos: convencionalistas convictos.....	413
1.5.1.11. Teses em Roma: Lucrécio, Élio Estilão, Nigídio Fígulo.....	414
1.6. Posições varronianas sobre a origem e a natureza da linguagem.....	415
1.6.1. A palavra (<i>uerbum</i>): a expressão da verdade das coisas (<i>res</i>)	416
1.6.2. A palavra é o poder de nomear: a <i>impositio</i>	416
1.6.3. A <i>impositio uerborum</i> e a criação do léxico básico da língua	416
1.6.4. Dupla estrutura da língua: a <i>impositio</i> e a <i>declinatio</i>	416

1.6.5. <i>Declinatio uoluntaria</i> e <i>declinatio naturalis</i> : derivadas e flexão	417
1.6.6. Os <i>impositores</i> : competência na criação e expansão da língua	418
1.6.7. Falhas na <i>impositio</i> : inexperiência e capricho do povo	420
1.6.8. As estruturas da língua: natureza, analogia, uso e autoridade	421
1.6.9. Natureza antitética da língua: liberdade criativa e norma	421
1.6.10. O processo de criação contínua da língua	422
1.6.11. Síntese da posição varroniana: ecletismo e conciliação	422
2. Passagem do interesse diacrônico ao sincrônico-gramatical	423
2.1. Dificuldades da etimologia: a língua, uma selva trevosa e sem sendas	424
2.2. Os quatro graus de dificuldades etimológicas	425
2.3. Análise e interpretação dos quatro graus	426
2.4. O arcaísmo: estabilidade do léxico <i>uersus</i> neologismo apressado	427
2.5. O quarto grau na perspectiva político-teológica	428
2.6. O quarto grau numa interpretação filosófico-espistemológica	430
3. Os livros etimológicos varronianos: complexidade crescente	430
3.1. O plano seqüencial das etimologias: dificuldade gradativa	431
3.2. O valor das etimologias varronianas	433
3.3. A debilidade das etimologias e a injunção metodológica estóica	434
3.4. O método estóico-realista: identidade entre nome e coisa	435
4. Etimologia e semântica	437
5. O método etimológico: princípios etimológicos produtivos	438
5.1. Onomatopéia	439
5.2. Palavras expressivas: efeitos sonoros e aliteraões	441
5.3. O campo figurativo como princípio produtivo de etimologias	442
5.3.1. Metáfora	442
5.3.2. Metonímia	443
5.3.3. Catacrese	444

5.3.4. Antonomásia.....	444
5.3.5. Antífrase.....	446
5.4. Atração paronímica: <i>additio, demptio, traiectio</i> e <i>commutatio</i>	446
5.5. As etimologias populares: <i>uerba aperta</i>	449
5.6. Onomástica: antroponímia.....	450
 CAPÍTULO XII - Metalinguagem nas operações morfológicas	456
1. Morfologia: parte teórica	456
1.1. Objeto do estudo morfológico: <i>declinatio</i> e sincronia	457
1.2. O plano varroniano: teórico, prático e polêmico	458
1.3. Origens da querela entre a analogia e a anomalia	460
1.4. O debate entre analogistas e anomalistas	462
1.4.1. Os anomalistas no ataque: base filosófica	462
1.4.2. Os analogistas na defesa: base filológica	463
1.4.3. O tom moderado e construtivo dos analogistas alexandrinos	464
1.5. A gramática de texto alexandrina: parte nobre	465
1.6. Cronologia da controvérsia	465
1.6.1. Crates de Malos	465
1.6.2. A controvérsia em Roma; até Sexto Empírico	466
1.6.3. Cícero: anomalista ou analogista? Isenção.....	469
1.6.4. César: fixação dos critérios para analogia.....	470
1.7. Argumentos de anomalistas e analogistas.....	471
1.8. Solução varroniana: analogista com concessões à anomalia.....	473
1.9. Em debate a própria existência da controvérsia.....	474
2. Morfologia: parte prática, a <i>ars grammatica</i>	477
2.1. Os livros morfológicos e seus conteúdos.....	477
2.2. Partes do discurso (oração)	478

2.2.1. O nome e o grupo nominal	480
2.2.1.1. O gênero.....	481
2.2.1.2. O número	482
2.2.1.3. O caso	483
2.2.1.3.1. As declinações	485
2.2.1.4. Graus de comparação: <i>declinatio augendi e minuendi</i> :.....	488
2.2.1.5. Os numerais	490
2.2.1.6. Os pronomes	491
2.2.2. Os verbos.....	493
2.2.2.1. Os tempos e as pessoas.....	493
2.2.2.2. Os modos.....	494
2.2.2.3. Formas nominais do verbo.....	495
2.2.2.4. Vozes	496
2.2.2.5. Conjugações.....	497
2.2.2.6. Os aspectos verbais: <i>infectum e perfectum</i>	498
2.2.3. Palavras invariáveis	499
2.2.4. Os participípios	499
2.3. A derivação	499
2.3.1. A derivação sufixal	500
2.3.2. A prefixação.....	503

CAPÍTULO XIII - Metalinguagem na teoria e na aplicação dos elementos fonéticos.....506

1. Fonética: parte teórica	506
1.1. O som da linguagem: definição; duas teorias	506
1.1.1. Teoria estóica da emissão do som: corpo sonoro independente	507
1.1.2. Teoria platônico-aristotélica: ondulatória ou do choque	508

1.2. Propriedades dos sons da voz: <i>longitudo, altitudo, crassitudo</i>	508
1.2.1. Expressividade	512
1.3. Classificação dos sons	513
1.3.1. <i>Litterae</i> e <i>syllabae</i>	514
2. Fonética Aplicada	514
2.1. Vocalismo	516
2.1.1. <i>Commutatio</i> [transformação].....	516
2.1.2. <i>Traiectio</i> [transposição].....	517
2.1.3. <i>Demptio</i> [supressão]	517
2.1.4. <i>Additio</i> [acrécimo].....	517
2.1.5. <i>Demptio, commutatio</i> e <i>traiectio</i>	517
2.1.6. Traços dialetais, forma rural	518
2.1.7. Ditongos: <i>demptio</i> e <i>commutatio</i>	518
2.2. Consonantismo.....	519
2.2.1. <i>Commutatio</i> : p>b, t>d, t>c, k>g, r>s, s>r, d>r, l>r, h>s, d>l	519
2.2.2. <i>Demptio</i> [supressão]: s, r, c	521
2.2.3. <i>Demptio, traiectio</i> [transformação]	521
2.2.4. Palavras aspiradas (h)	521
2.2.5. Geminação: <i>additio</i>	524
2.2.6. Grupos fônicos complexos	525
2.2.7. O prefixo: <i>ambi - ambe - amb - am - an</i>	526
2.2.8. A supressão de sílabas: <i>detractio syllabarum</i>	527
2.2.9. Correspondências com o grego: <i>commutatio</i> e <i>demptio</i>	527
CONCLUSÃO.....	530
BIBLIOGRAFIA.....	535

INTRODUÇÃO

A moderna Lingüística do Texto¹ teoriza que este, e não a frase, é a unidade fundamental da comunicação.² Esta acontece não por frases, mas por um fluxo contínuo e totalizante, motivado por uma intenção expressiva e impregnado de significação — que constitui, precisamente, o discurso ou texto.³ Recorrendo a uma linguagem da arquitetura, essa ciência explica

¹ E. Bernárdez (Bernárdez, 1982, p. 15-50 e 242) cita os principais nomes relacionados à Lingüística do Texto: J. S. Petöfi (Frankfurt, 1978), Teun van Dijk (Berlim, 1978), H. Isenberg (Humburgo, 1977), M. A. K. Halliday (Londres, 1978), J. S. Martem'Janov (Moscou, 1964), A. Garcia Berrio (Madrid, 1977), B. Fossetol (Oslo, 1980), E. Coseriu (Tubinga, 1980), Hannes Rieser (Hamburgo, 1977), S. Gindin (Moscou, 1978), S. J. Schmidt (Munique, 1976), N. E. Enkvist (Dressler, 1978), Zellig Harris (Chicago, 1963). Para o autor, a Lingüística do Texto tem por objeto o estudo científico de qualquer ato verbal, oral ou escrito. Ela examina os processos de constituição e compreensão do texto, de sua estrutura interna e de suas relações com a situação em que é produzido. Eis a definição de texto dada por Bernárdez, depois de dez páginas de discussão: "Texto é a unidade lingüística comunicativa fundamental, produto da atividade verbal humana, que possui sempre caráter social; está caracterizado por seu fecho semântico e comunicativo, assim como por sua coerência profunda e superficial devida à intenção comunicativa do falante de criar um texto íntegro e à sua estruturação mediante dois conjuntos de regras: as próprias, de nível textual e as do sistema da língua" (tradução sob minha responsabilidade). Obs.: Por oportuno, cabe citar a valiosa síntese sobre lingüística textual elaborada por E. Guimarães (Guimarães, E. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1993).

² Varrão parece ter alguma intuição sobre o texto como unidade da comunicação. Diz ele no *De lingua Latina: Igitur is loquitur, qui suo loco quodque uerbum sciens ponit, et is tum prolocutus, quom in animo quod habuit extulit loquendo* [Por isso fala (*loquitur*) aquele que coloca conscientemente cada palavra no lugar que lhe corresponde; então, uma pessoa terá chegado a se expressar (*prolocutus*) quando manifestou pela fala (*loquendo*) o que tinha em mente (*in animo*)] (VI, 56). O autor parece extrapolar o conceito de língua como sistema de signos e adentrar num outro horizonte de compreensão da unidade textual: aquela da língua como instrumento de comunicação, sendo o texto, ou o discurso, o resultado lingüístico final de uma intenção comunicativa.

³ E. Coseriu (Coseriu, 1977, p. 125) já aproximava os conceitos de "discurso" e de "texto".

que uma unidade textual se erige sobre dois componentes ou entidades lógicas: uma superestrutura e uma macroestrutura. A superestrutura se constitui dos esquemas formais e globais do texto. Ela consiste, externamente, num conjunto de categorias ordenadas relativas à sua composição (título, introdução, capítulos, conclusão), e, internamente, na forma de expressão temática (narrativa, argumentação, representação, interpretação, metalinguagem etc.). Portanto, a superestrutura se define por ser de ordem formal, externa e sintática, enquanto a macroestrutura se aprofunda no cerne dos temas, revelando seus conteúdos semânticos, profundos e globais.⁴ A superestrutura se implementa com a macroestrutura e ao mesmo tempo a viabiliza.

Entenda-se, pois, aqui, a validade de uma abordagem de textos clássicos à luz, se não total, ao menos parcial, dessa moderna lingüística de texto. Trata-se de textos fundadores, produtos inestimáveis do pensamento humano. Cabe, então, por todos os meios, e evitados os anacronismos, tentar esclarecer-lhes as estruturas do melhor modo possível, mediante metodologias consolidadas, para que esses textos possam ser perenemente entendidos, pelas sucessivas gerações, no seu significado e valor literário.

Assim, esta tese, depois da primeira parte (Capítulo I), em que se discorrerá sobre a vida do erudito reatino de berço e romano de pátria, abre-se em duas outras, consagradas à superestrutura e à macroestrutura. Na segunda parte, serão focalizados temas circunscritos à superestrutura. No capítulo II será analisada a obra varroniana no conjunto, como uma vasta metalinguagem, *lato sensu*, relativa à expressão sócio-cultural do

⁴ Para T. A. van Dijk (Dijk, 1983, p. 55-78) macroestrutura é a estrutura semântica global do texto, a reconstrução teórica daquilo que se chama tópico de um discurso, isto é, sua informação mais importante enquanto unidade de significação. Superestrutura ou hiperestrutura (p. 141-74) é o complexo de categorias e regras de formação que determinam a ordem (coordenação) global das partes do texto. Segundo ele, uma superestrutura é, por exemplo, a própria narratividade de um texto (sua estrutura narrativa), independentemente do conteúdo narrado (sua macroestrutura); a superestrutura constitui a forma do texto (narrativo, informativo, argumentativo, científico, comentário etc.), enquanto a macroestrutura se determina pelo plano temático (p. 142).

povo romano, e o *De lingua Latina* como uma obra de metalinguagem pontualizada, *stricto sensu*, isto é, voltada para a *latinitas*, entendida como o ideal da expressão verbal em latim. No capítulo III será visto o lado documental-editorial e composicional-temático do conjunto da obra varroniana e do *De lingua Latina* em especial. No capítulo IV examinar-se-á a tipologia dessa obra, qual seja, de um texto marcado pela preocupação didática, técnica e científica. No capítulo V buscar-se-á esclarecer o nível da expressão lingüística, o estilo do autor e a literariedade do texto. No capítulo VI focalizar-se-á a dialogicidade do texto varroniano, a interação autor-leitor e os referentes textuais e contextuais que se viabilizam pelo fenômeno lingüístico da dêixis e da anáfora. Finalmente, no capítulo VII procurar-se-á evidenciar a conectividade do texto, que se manifesta nos mecanismos de coesão e coerência. Enfim, o que seria a superestrutura dos 74 títulos e 620 livros do erudito reatino? E a de suas obras gramaticais em 10 títulos e 60 livros? Mais precisamente, qual seria a superestrutura do *De lingua Latina*, esse *opus magnum* projetado em 25 livros? É isso que se buscará esclarecer nessa primeira parte.

Quanto à macroestrutura, isto é, os conteúdos semânticos do *De lingua Latina*, será ela tratada na terceira parte, também em seis capítulos. Inicialmente, no capítulo VIII ver-se-á a complexa e longa discussão das fontes varronianas. Nenhum autor é uma ilha — parafraseando Thomas Merton.⁵ Assim também a originalidade de Varrão teve seus preparativos numa torrente de influências heleno-helenísticas vindas desde Pitágoras até os alexandrinos e aportadas no mundo intelectual romano na época do erudito reatino. Quais teriam sido os influxos filosóficos e lingüísticos que acabaram abrindo a mente do mestre para o ecletismo? Já no capítulo IX focalizar-se-á o conteúdo enciclopédico de sua obra, os percalços da gramática em Roma e, dentro do interesse gramatical, o epicentro de todo o empenho metalingüístico: a *latinitas*. O que é a *latinitas* para Varrão? No capítulo X examinar-se-ão os fundamentos étnicos, culturais e lingüísticos que teriam gerado a *latinitas*. Quais foram os actantes do latim? Qual é a

⁵ *Nenhum homem é uma ilha*, é o conhecido título de uma obra de teologia mística de Thomas Merton.

dívida do latim para com o grego e outras línguas? Nos capítulos XI, XII e XIII focalizar-se-á a doutrina gramatical varroniana sob estes seguintes títulos, respectivamente: metalinguagem nas operações etimológicas, nas operações morfológicas e nos elementos fonéticos. Não se pode perder essa característica do *De lingua Latina*: trata-se de uma metalinguagem e é precisamente por esse ângulo que a obra se diferencia de outras da literatura latina.

Há investigações sobre o *De lingua Latina* em múltiplos aspectos, entre os quais o filosófico, o teológico, o histórico-antiquarista, o jurídico, o poético, o literário, o lingüístico e o gramatical. Na verdade, há entre eles uma forte interação. Entretanto, obviamente, o eixo da obra é o lingüístico-gramatical, que é também o privilegiado nesta tese. Embora focalizando o latim, o *De lingua Latina* distancia-se do teor das posteriores e atuais obras gramaticais normativas; antes, apresenta-se como um tratado descritivo geral da linguagem, incluindo temas que interessam até hoje: a diacronia e a sincronia, a origem natural ou convencional da língua, a arbitrariedade do signo, a economia da língua, o sistema flexional, os lexemas, os morfemas afixais e os desinenciais, os níveis de fala, o uso e a norma, a língua e a fala, a enunciação e o enunciado, a irregularidade (anomalia) e a regularidade (analogia) da língua, os aspectos verbais etc.

O estudo da gramática varroniana foi aprofundado por vários autores, que constituem referência básica nesta tese, e principalmente por Jean Collart. Entre seus livros pode-se citar *Varron grammairien latin* e *Varron, grammairien antique et stylistique latine*, trabalho por ele dirigido; entre os artigos que escreveu estão “Analogie et anomalie”, na coleção *Entretien sur l'Antiquité Classiques*, t. 9, da Fondation Hardt, e “Varron grammairien e l'enseignement grammatical dans l'antiquité romaine”, na revista *Lustrum*. Conclui-se que Varrão não teria cogitado em apenas elaborar um sistema gramatical latino, ao estilo da *Ars grammatica* (Τέχνη Γραμματική) de Dionísio Trácio. Antes, o *De lingua Latina* se apresenta, por seu porte, como um verdadeiro tratado, o primeiro tratado em latim sobre o latim e sobre lingüística geral no mundo ocidental.

Cumprе observar que os estudos lingüísticos da época de Varrão estavam atrelados, em primeiro lugar, ao interesse etimológico, por

impulso proveniente do historicismo estóico. O exercício etimológico chegou a tornar-se moda entre os lingüistas romanos antecessores de Varrão. Entretanto, para Franco Cavazza — outro estudioso da gramática varroniana em seu *Studio su Varrone grammatico*, referencial também importante nesta tese —, a etimologia que se desenvolvia em Roma e à qual Varrão dedicou seis livros do *De lingua Latina* já mostrava índices de uma disciplina em fase terminal, por se verificar que já não atendia às aspirações científicas da época. Decaindo o interesse pela etimologia, emigrou-se, agora por influência dos eruditos alexandrinos, para o campo propriamente gramatical, sincrônico e analógico, sob a forma da crítica textual, da morfologia e da sintaxe do texto vigente.

A originalidade das considerações colocadas nesta tese consiste, pois, em retroprojetar uma conceito elaborado pela lingüística moderna — a metalinguagem — sobre um prototexto, o *De lingua Latina*, que, por sua vez, traz, no seu corpo redativo, vozes antigas, ou seja, pequenos e preciosos hipotextos (discursos) em forma direta ou referencial-indireta, em poesia ou em prosa, de autores gregos e latinos, tais como Homero, Ésquilo, Hesíodo, Pitágoras, Platão, Aristóteles, Zenão de Cício, Crates, Aristarco, Lívio Andronico, Névio, Plauto, Ênio, Pacúvio, Terêncio, Lucílio, Catão, Mânlio, Atílio, Aurélio Opilo, Ácio, Élio e outros, e, ainda, de textos literários e jurídicos anônimos, que Varrão já considerava verdadeiros documentos lingüísticos, como o *Canto dos Sális*, o *Canto dos irmãos Arvais*, os *Anais*, a *Lei das doze Tábuas* e outros, como se verá no capítulo VIII. Presencializando todo esse universo intelectual, Varrão enfatiza a consciência do *latine loqui* [falar em latim] ao dar ênfase no estudo de uma língua que já se mostrara estruturada, apurada e suficiente para dar expressão ao gênio romano-latino.

Como metodologia para esta pesquisa e tese, a primeira providência foi o próprio levantamento da bibliografia e sua leitura. A segunda foi a de traduzir para o vernáculo — a primeira tradução de que se tem conhecimento — os seis livros supérstites do *De lingua Latina*, ou seja, os livros V, VI e VII (ditos etimológicos) e os livros VIII, IX e X (ditos morfológicos), visando-se o contacto imediato com o texto varroniano; para tanto, foram utilizadas as edições críticas de K. G. Kent, da Classical Loeb,

Londres (obra completa) e a de Pierre Flobert, livro VI, da *Les Belles Lettres*, Paris; foi também cotejada, suplementarmente, a edição comentada, não-crítica, de Manuel Antônio Marcos Casquero, da *Anthropos*, Madrid. Num terceiro passo metodológico para esta pesquisa e tese, aprofundou-se, em uma longa monografia (intitulada: “O uso do infinitivo, particípio, gerúndio-gerundivo e supino em Varrão”), um aspecto da fraseologia varroniana, ou seja, as formas nominais utilizadas pelo escritor no texto do *De lingua Latina*, o exame dos conteúdos etimológicos, o léxico e as estruturas sintáticas varronianas. Somente num quarto momento é que se projetou a temática e se delineou o tema desta tese: a metalinguagem como caráter fundamental do texto do *De lingua Latina*; metalinguagem duplamente entendida: do mundo cultural latino-romano (*lato sensu*) e da *latinitas* como excelência da língua (*stricto sensu*).

Varrão contava já com seus 70 anos, entretanto, ainda dinâmico e produtivo, falava das reais dificuldades do etimólogo para pesquisar e captar as palavras em sua origem — muitas vezes obscurecida pelo tempo (V, 5). Ele tem sido considerado — pela crítica de seu tempo, posterior e atual — como um estudioso do antiquário itálico-romano. Sua visão histórica estabelecida no *Antiquitates (humanae e diuinae)* fundamenta-se nessa sua forte índole intelectual. Ele se especializou exatamente em colher e apresentar para seus concidadãos romanos os dados do vasto patrimônio histórico, étnico, cultural e lingüístico do mundo greco-romano construído até o final da República. Varrão operou o resgate e a sùmula desse universo, buscando o sentido original das coisas-realidades e das palavras. Portanto, além de pesquisador antiquarista e historiador, foi também filósofo, poeta e lingüista — face privilegiada nesta tese. Resumindo, foi polígrafo, de sorte que estudá-lo é como abordar uma longa estante de uma biblioteca: 74 títulos em 620 livros, segundo os recenseadores modernos. Por onde começar? Pelo que sobrou de um lamentável naufrágio. É espantoso registrar, mas, de todo esse acervo, restou isto: o *De re rustica*, integral em três livros, o *De lingua Latina*, em seis livros de um tratado de vinte e cinco livros, e um considerável número de pequenos fragmentos.

Sua postura de pesquisador do latim estende-se como exemplo conciliador para todo estudioso do fenômeno da língua em geral, da diacronia à sincronia, ou seja, dos apegados à filologia e dos que só insistem em considerar o aqui-agora do fato lingüístico.⁶ Varrão mesmo não consegue separar as duas tendências, porque, para ele, a língua é história e presença. Vê-a como evolução (*impositio*, que estimula o estudo da etimologia, evidenciando a anomalia, a diversificação e mudança constante) e ao mesmo tempo sistema (*declinatio*, que precisa alimentar a regularidade, a analogia, a praticabilidade do signo lingüístico). Entende a língua como síntese de dois movimentos, ou seja, como liberdade e enquadramento, uso e norma, *parole* e *langue*, o dado mutante e fixo, o instável e o estável, mas não imutável, pois a língua é do povo, que a cria, usa e renova. Assim, Varrão valoriza toda a reflexão sobre a língua, a dos estóicos e a dos alexandrinos, a dos anomalistas e a dos analogistas, procurando conciliar as tendências, porque todas elas constituem contributos à explicação do fenômeno e buscam a excelência da língua, a *latinitas*. Se a língua apresenta irregularidades, ela, no entanto, não é caos; ao contrário, ajusta-se a uma como que espinha dorsal de fatos e procedimentos regulares que permitem que ela mesma, a língua, seja articulada de forma econômica. Todos esses aspectos serão examinados ao longo deste estudo, no tempo e lugar.

Todavia, antes de adentrar a obra e a doutrina varroniana, cabe fazer um esboço da vida e da personalidade de Varrão, no que permite o estado atual da documentação. Pela sua marcante presença no mundo intelectual romano contemporâneo e posterior, verifica-se que, reunindo todos os seus títulos, principalmente os de antiquarista, historiador, filósofo e gramático — em síntese, de erudito —, Varrão foi um humanista por excelência. Quantos conheceram diretamente seus textos puderam deixar o

⁶ E. F. Konrad Koerner (Koerner, 1997, p. 7-20) historia a evolução e o valor dos termos Filologia e Lingüística como disciplinas, chama a atenção para certas diferenças terminológicas no uso das duas designações e conclui que a Lingüística pode usufruir do trabalho filológico e que sem uma boa base filológica, adequadamente adquirida, uma pesquisa no campo da Lingüística não representa um avanço de conhecimento.

testemunho da grandeza do mestre no caráter, na conduta, na cultura e na sensibilidade da poesia que também cultivou. *In medias res*, à primeira parte deste estudo, ao capítulo I.

PRIMEIRA PARTE

BIOGRAFIA

CAPÍTULO I

MARCOS TERÊNCIO VARRÃO: VIDA, CARACTERES PESSOAIS E REFLEXOS DE SUA PERSONALIDADE NA OBRA

Os dados biográficos dos autores antigos são, geralmente, escassos, incertos e pouco documentados. Entretanto, mesmo correndo riscos, é interessante, pelo menos por curiosidade, vislumbrar os principais traços de suas vidas e personalidades, de suas lides e anseios, porque esses fatores se refletem de algum modo na semântica fundamental de suas obras. No *De lingua Latina*, por exemplo, por tratar-se de uma obra puramente técnica, Varrão é extremamente lacônico a respeito de si; já no *De re rustica*, trabalho também técnico, porém com um tema mais livre e ameno, o autor deixa transparecer claros índices de sua personalidade; certamente no *De sua uita*, biografia perdida, ele deve ter sido mais generoso no falar de si e de suas posturas ideológicas. Enfim, respigando elementos de fragmentos de outras obras suas, ajuntando breves depoimentos de tantos e incondicionais admiradores, contemporâneos e posteriores, como Cícero, Suetônio, Quintiliano, Agostinho — sempre a propósito de questões filosóficas, históricas, teológicas, políticas e lingüísticas —, e alinhavando conjecturas válidas ou plausíveis, é possível delinear a trajetória básica desse luminar romano e ver coerências entre seu estilo de vida e as principais linhas de sua produção intelectual. Assim, se, por exemplo, Varrão foi um eclético no pensamento, é porque estagiou em Atenas junto a Antíoco de Ascalona, líder da última academia, que, lúcido e avançado, analisava os pontos de contato e o entrelaçamento das filosofias em seu tempo. Além disso, depois de sua formação acadêmica, Varrão viajou a serviço de Pompeu, podendo, na militância política, conhecer formas diferenciadas de pensamento e, desse modo consolidar sua doutrina, ponderada e eclética. Se o reatino era reconhecido como um meio-estóico, foi porque teve contatos com os alexandrinos, através do mestre Élio. Se buscou o equilíbrio entre analogia e anomalia na gramática,

foi por causa da sua índole racional, aversão aos radicalismos, apreço ao equilíbrio e amor à conciliação dos espíritos num mundo romano tão conturbado por guerras civis. Enfim, se gostava da pesquisa antiquarista e etimológica e se valorizava o arcaísmo na língua, não foi por um espírito antiquado, obsoleto e rançoso e sim porque era um intelectual de ampla visão, um erudito nacionalista, moderado e conservador — pois que só personalidades dessa envergadura, como ele, arcam com o peso da responsabilidade perante o risco de perda de valores patrimoniais culturais tão preciosos e de seu registro.

1. CAMPO E TRADIÇÃO, TRABALHO E FORMAÇÃO, POLÍTICA E ERUDIÇÃO

Nascido em 116 a.C., em Reate (hoje Rieti), nos campos da Sabina,⁷ Marcos Terêncio Varrão Reatino⁸ viveu a meninice num ambiente familiar

⁷ J. Collart (Collart., 1954, p. 229) cita as várias referências aos nomes Reate e Sabina, principalmente no *De re rustica*: *Reate, Reatinus, Reatini montes, Reatinus ager, Sabinus, Sabinus ager*; tais nomes refletem a vibração poética e patriótica de Varrão pela região onde, provavelmente, nasceu; ele pertencia à tribo Quirina, que habitava em Reate e se identificava com a romanidade.

⁸ A Garzetti (Garzetti, 1976, p. 102) informa que o cognome *Reatinus* é atribuído a Varrão pela primeira vez no século IV pelo orador Quinto Aurélio Símaco: *Terentium non comicum, sed Reatinum illum...* [Terêncio, não o comediógrafo, mas o reatino] (*Epist.* 1, 2).

simples, austero⁹ e apegado às tradições provincianas¹⁰, embora fosse possuidor de um rico patrimônio composto de latifúndios e vilas.¹¹

Pertencia a uma família da classe senatorial renomada e extensa. Alguns *Terentii Varrones* haviam desempenhado cargos relevantes em Roma, como o cônsul *Caius Terentius Varro*, nos tempos de Emílio Paulo.¹² Cumpre citar o homônimo mais famoso de *Marcus Terentius Varro*. Trata-se do poeta contemporâneo *Publius Terentius Varro Atacinus* (82 a 40 a. C.).¹³

⁹ B. Riposati (Riposati, 1976, p. 61) cita o fragmento 19 do *Logistorici libri* de Varrão: *Mihi puero modica una fuit tunica et toga, sine fasceis calceamenta, ecus sine ephippio, balneum non cotidianum, alveus rarus* [Quando eu era menino, dispunha apenas de uma modesta túnica e uma toga, calçados sem meias, cavalo sem sela, banho não diário, jogos raros].

¹⁰ Segundo Riposati (Riposati, 1976, p. 82), Varrão é um *laudator temporis acti* [louvador dos tempos passados], fundamental característica de sua personalidade aristocrática. Originado de uma família de *optimates*, via-se naturalmente vinculado ao poder, o que iria determinar sua participação no partido conservador-senatorial pompeano.

¹¹ A. Garzetti (Garzetti, 1976, p. 103) conclui que os bens conhecidos de Varrão eram um latifúndio em Reate, as pastagens na Apúlia (para transumância do gado) e as vilas de Cuma, Túsculo e Cassino, essa última, a mais famosa.

¹² Varrão sentia orgulho em pertencer à família dos *Terentii Varrones*; esse orgulho se explica pela ênfase com que também *Tremelius Scrofa* interpreta seu cognome (*scrofa*=porca): ele não comenta nenhum dado pejorativo nem se reporta a qualquer característica física; ao contrário, trata o cognome gloriosamente, pois vinha de seu avô, a partir de quando este cometera um ato de bravura durante uma batalha (*De re rustica* II, 4, 1-2).

¹³ H. Zehnacker - J. C. Fredouille (Zehnacker - Fredouille, 1993, p. 106) informam que o nome *Atacinus* derivava de Átax (Aude), localidade da Gália Narbonense, e que Marcos Terêncio Varrão Atacino fora autor de várias obras, entre as quais um poema épico, o *Bellum Sequanicum*, sobre a campanha de César contra Ariovisto, *Sátiras* e uma tradução dos *Argonautas* de Apolônio de Rodes. Desconhece-se qualquer grau de parentesco entre ambos os *Terentii*, o *Reatinus* e o *Atacinus*.

1.1. FORMAÇÃO: ROMA, ATENAS; TRABALHO: NA ADMINISTRAÇÃO COM POMPEU

A exemplo de tantos provincianos que ocupariam lugar importante nas letras latinas — pense-se em Cícero, Virgílio, Horácio, Ovídio —, Varrão transferiu-se para Roma onde teve mestres ilustres como Lúcio Ácio, tragediógrafo e gramático, e Lúcio Élio Estilão, orador e filólogo de inspiração estóica.¹⁴ Nesse ambiente, Varrão conheceu também o grupo renovador de Lutácio Cátulo,¹⁵ precursor dos *poetae noui*.¹⁶ Estes, influenciados pela poesia helenística de argumento erótico e subjetivo de Calímaco e Partênio de Nicéia, opunham-se ao antigo grupo de Emílio Cipião,¹⁷ que havia recebido formalmente o pensamento estóico em Roma. Nas imediações do 60 a. C., Varrão manteve contato com o peripatético Tirânio, discípulo de Dionísio Trácio, este, autor da *Τέχνη γραμματική*, primeira gramática grega.¹⁸ Pouco antes de 85 a. C., Varrão publica sua primeira obra, *De antiquitate litterarum*, dedicada a Lúcio Ácio.

¹⁴ Élio Estilão era um estudioso de antigas obras latinas como o *Carmen Saliare* e as *XII tabulae* (Varr., *L.L.* VII, 2; Gell., *N. A.* 16, 8, 2; Cic., *Br.* 56, 205).

¹⁵ E. Paratore (Paratore, 1983, p. 158) informa que o círculo de Lutácio Cátulo (político, mecenas, poeta e orador) representava uma continuação do programa cultural de Ácio (falecido aproximadamente em 84 a. C.); o grupo reunia novas mentalidades, das quais as mais conhecidas no meio literário da época eram Valério Edítuo, Lévio Melisso, Pórcio Licínio, Fúrio Filo, Lutácio Dáfnide, Q. Valério Sorano (Cf. também Della Corte, 1937, p. 150).

¹⁶ E. Paratore (Paratore, 1983, p. 312) informa os principais nomes de poetas e escritores vinculados ao círculo de Lutácio Cátulo: Valério Catulo, Licínio Calvo, Hélvio Cina, Valério Catão, Fúrio Bibáculo e Varrão Atacino.

¹⁷ E. Paratore (Paratore, 1983, p. 96) considera que o círculo de Cipião Emiliano incluía intelectuais gregos (Crates de Malos, Panécio de Pérgamo, Políbio de Megalópolis) e latinos (Lélio, Rutílio Rufo, Terêncio comediógrafo, Lucílio).

¹⁸ Y. Lehmann (Lehmann, 1988, p. 179) comenta que a atividade de Tirânio em Roma não se reduzia à propaganda das idéias de Aristóteles; ele era um pedagogo atento à transmissão de um saber altamente especializado, comentador dos grandes textos da filosofia antiga, além de confidente das figuras mais importantes de Roma (César, Cícero, Pompeu).

Em Roma, Varrão vivia os últimos e turbulentos decênios da República. No Ponto, Mitridates ameaçava invadir o território itálico. Na Espanha, Quinto Sertório organizava milícias contra o exército romano. Gaio Mário (157-86 a. C.) e Lúcio Cornélio Sula (ou Sila, 138-78 a. C.), após a derrota de Jugurta (107 a. C.) e as guerras sociais (91 a 88 a. C.), digladiavam-se e praticavam as temíveis proscrições. Lúcio Sérgio Catilina, tramando e aspirando inutilmente ao consulado, tumultuava a vida civil.

Resguardando-se da ditadura silana, Varrão retirou-se para Atenas (82 a 79 a. C.), onde estudou filosofia com Antíoco de Ascalona. Este, mentor da Academia e criador do ecletismo, passou para o discípulo essa mesma tendência filosófica, conforme atestado por Cícero (*Ac. post.* I, 3, 12).

De volta à Itália, Varrão ingressou na vida pública, exercendo sucessivas magistraturas.¹⁹ Aos 18 anos (88 a. C.), era *Triumvir capitalis*, encarregado de fazer respeitar a lei.²⁰ Em 85 a. C., atuava como questor (Heurgon, 1978, p. XIII).

Em 78 ou 77 a. C., iniciava sua carreira militar na guerra dalmática na Ilíria, como legado de Coscônio. Entre 76 e 75 a. C., encontrava-se na Espanha (Hispania) como enviado de Pompeu para dar combate ao rebelado Sertório. Em 71 a. C. retornaria àquela província como proquestor.²¹ Dessa forma, Varrão consolidava seus vínculos políticos com seu general, feito cônsul em 70 a. C., juntamente com Crasso. Pompeu era o grande líder do partido aristocrata-senatorial, além de prestador de

¹⁹ A reconstituição dessas magistraturas e sua cronologia, tentada pelos biógrafos C. Cichorius, H. Dahlmann e F. della Corte, é tarefa difícil devido à perda das obras biográficas *De sua uita* e *Legationum libri*.

²⁰ B. Riposati (Riposati, 1976, p. 62) comenta que Varrão, convocado pelo tribuno Públio Pórcio, recusou-se a comparecer; o reatino, conhecedor da lei, argumentava que a convocação poderia ser feita legalmente apenas em tempos turbulentos.

²¹ J. Heurgon (Heurgon, 1978, p. XIII) comenta que a partir daí Varrão se engajou no partido de Pompeu até à derrota deste na batalha de Farsália. Durante a sua permanência na península ibérica, Varrão adquiriu uma grande experiência na vida agrária.

relevantes serviços a Roma (Zucchelli, 1976, p. 610). Na sua pessoa, o não menos conservador Varrão via um firme baluarte do regime republicano. Amigo e conselheiro, redigiu para Pompeu o *Isagogicus ad Pompeium*, um pró-memória de procedimentos que este devia manter junto ao senado.²² Assim, o militante reatino atrelava-se à facção que, apoiada no ideário republicano e concorrendo com César — líder democrático com idéias monárquicas —, tentava tomar o poder em Roma.

1.2. TRIUNVIRATO: COM APREENSÃO MAS COM FIDELIDADE

Naquele mesmo ano de 70 a. C., Varrão foi eleito tribuno da plebe (Gell, N. A. 13, 12, 6). Em 68 a. C., foi encarregado de um setor naval (*legatus naualis*) na guerra contra os piratas ilíricos.²³ Em dezembro de 60 a. C., tomava ciência do acordo entre César, Pompeu e Crasso, instituindo o primeiro triunvirato.

O novo regime político provocara reações diversas no cenário romano. Cícero protestou com veemência ao saber da notícia.²⁴ Catão

²² Em comunhão de ideais, Varrão consagrou a Pompeu três obras: *De Pompeio libri III*, de cunho político-biográfico; *Ephemeris naualis*, uma efeméride naval; e *Isagogicus ad Pompeium*, de teor burocrático e político, escrito em 71 a. C. Pompeu era apoiado também por outros intelectuais como Cícero e Nigídio Fígulo.

²³ No *De re rustica* II, *Praef.* 6, Varrão registra o fato: *...tum cum piratico bello inter Delum et Siciliam Graecia classibus praeesset* [então, quando na guerra pirática chefiar, na Grécia, as esquadras, entre Delos e a Sicília...]. Pela exitosa atuação, Varrão foi condecorado com a *corona naualis* ou *rostrata*, honra que Augusto concederá mais tarde somente a Agripa (Cf. Plin., *N.H.* 16, 7; 7, 31).

²⁴ Segundo B. Zucchelli (Zucchelli, 1976, p. 619), Cícero era mais sensível que Varrão aos fatos políticos; o arpinate protestou imediatamente, pois o triunvirato lhe parecia um golpe contra a liberdade civil; e escreveu a Ático sobre a atmosfera política reinante em Roma naquela ocasião: *...scito nihil fuisse tam infame, tam turpe, tam ...offensum quam hunc statum qui nunc est....Pompeius, nostri amores, quod mihi summo dolori est, ipse adflixit.* [...saiba que não tem havido nada tão infame, tão torpe, tão ofensivoquanto este estado de coisas que agora aí está ... O próprio Pompeu, objeto de nosso afeto, o que muito me entristece, desviou-se...] (Cic., *At.* 2, 19, 2). Como Cícero, Varrão sentira, provavelmente,

Uticense sustentava que a união dos três poderosos seria funesta para o Estado romano.²⁵ Também Varrão, segundo Apiano (*B. C.* 2, 9, 33, *apud* A. Garzetti — Garzetti, 1976, p. 95), manifestara seu desagrado, a seu modo, através da sátira intitulada Τρικέφαλος [o monstro de três cabeças].²⁶ Porém, mesmo opondo-se, colocou-se a serviço do triunvirato, como membro de uma comissão agrária, em abril de 59 a.C., composta de vinte membros (*uigintiui*) e encarregada de aplicar a *Lex Iulia agraria* de César, para a distribuição de terras aos veteranos de Pompeu. Era um dos primeiros atos executivos do triunvirato. A aceitação dessa convocação, que fora rejeitada por Cícero, pode ser interpretada ou como incoerência, ou, positivamente, como senso de responsabilidade perante a *res publica*. Homem rude, segundo Cícero (*At.* 13, 25, 3), Varrão tinha melhores condições psicológicas de superar o impacto. Entretanto, por coincidência, e surpreendentemente, o amigo reatino de Pompeu abandonou o cenário político ao longo do decênio de 50 a. C.

O pacto entre os triúnviros fora renovado em 56 a. C., porém com a morte de Júlia, filha de César e esposa de Pompeu, em 54 a. C. e a de Crasso em 53 a. C., extinguiu-se a aliança política. Pompeu e César passaram a hostilizar-se. Como já visto, o primeiro era um aristocrata-

alguma decepção pela adesão de Pompeu ao triunvirato; entretanto, o reatino parecia mais prevenido e hábil que o arpinate para superar o golpe de poder.

²⁵ B. Zucchelli (Zucchelli, 1976, p. 615) registra a reação (segundo Plutarco) de Catão uticense contra esse primeiro triunvirato formado por Pompeu, César e Crasso: “Primeiramente eles se coalizaram para destruir a nobreza romana; depois, realizado o escopo, lançaram-se uns contra os outros” (Plut., *Caes.* 13, 5-6). A tradução é de minha responsabilidade.

²⁶ Segundo B. Zucchelli (Zucchelli, 1976, p. 613), Anaxímenes já usara tal imagem para criticar Atenas, Esparta e Tebas, no sentido de que a rivalidade entre esses estados-cidades impedia a unidade grega. O autor comenta que outros estudiosos não vêem nessa sátira uma oposição de Varrão ao triunvirato: F. della Corte julga tratar-se de uma ironia varroniana à Roma democrática e corrupta que precisava de punho forte; W. S. Anderson considera que Varrão apoiava a utilidade do triunvirato, associando-o à maravilha do mito; Santo Mazzarino coloca a hipótese de que o poeta reatino saudava com humor a concórdia e a união dos três líderes políticos romanos mais importantes da época.

republicano apoiado pela oligarquia senatorial; o segundo, um democrata, mas autocrático e monárquico.²⁷ Quando César sentiu que os pompeanos queriam destituí-lo do comando das tropas, rumou das Gálias para Roma, onde exibiu sua força militar. Abriu-se oficialmente a luta pelo poder, a *regnandi contentio*, na expressão de Cícero (*At.* 10, 7), com forte possibilidade de acarretar nova guerra civil. Varrão, pessoalmente, parecia admitir a intervenção de um poder forte que recompusesse o Estado, retomassem a ordem e o projeto expansionista, mas temia a liquidação da constituição republicana, o que era projeto político de César. Restava o dilema. De um lado, como espírito conciliador, ordeiro, moderado e legalista, amante sincero da pátria, Varrão angustiava-se pela ameaça de nova guerra civil e fratricida (Riposati, 1976, p. 64). De outro, precisava manter a palavra dada a Pompeu, apesar de reconhecer as dificuldades deste em organizar, como César, forças militares pela legalidade. Assim, Varrão teve de aceitar o posto de lugar-tenente do chefe Pompeu na província da Espanha, assumindo grandes riscos.²⁸ Enfim, mediram-se as forças entre os dois generais na batalha de Farsália, na Tessália, em 48 a. C. Com menos tropas, porém mais coeso e determinado, César saiu vitorioso e pôs-se no encalço de Pompeu. Os desdobramentos são conhecidos. Pompeu, que se refugiara no Egito junto ao rei Ptolomeu — a quem prestara benefícios —, acabou sendo atraído. Sua cabeça foi

²⁷ Rostovzev. *Storia economica e sociale dell' impero romano*. Firenze, 1933. *Apud* A. Garzetti (Garzetti, 1876, p. 93-9). Segundo o autor, a diferença entre César e Pompeu era mínima. Havia, sim, uma classe política em luta, mas essa classe era pouco diferenciada do ponto de vista social e cultural; César (romano), também era um nobre aristocrata.

²⁸ L. Robinson (Robinson, 1976, p. 478-9) cita dois fragmentos de sátiras menipéias em que Varrão mostra a experiência do absurdo da guerra civil: *toga tractata est et abolla data est, / ad turbam abii, fera militia / munera belli ut praestarem* [a toga foi lançada fora e foi dado o manto militar; avancei para o meio da confusão, para desempenhar as cruéis funções da guerra] (fr. 223); neste outro fragmento Varrão expressa o horror vivido na batalha de Tapsos (em 46 a. C., na África) em que irmãos, filhos de Enéias, se trucidavam: *Africa terribilis, contra concurrere ciuis / ciui atque Aenae misceri sanguine sanguen (sic)* [Terrível África, cidadão lutava contra cidadão, misturava-se sangue com sangue de Enéias] (fr. 225).

exibida a César, que não apreciou a homenagem, por questão de conduta com os vencidos (Paratore, 1983, p. 261).

1.3. O PÓS-FARSÁLIA: COM CÉSAR, MAS COM *DIGNITAS*

Varrão, Cícero, Nigídio Fígulo e outros pompeanos aguardaram as conseqüências. Veio o perdão. Varrão passara para o lado de César, provavelmente porque via agora nele um eficiente tutor da ordem imediata. Neste passo, incrimina-se o erudito sabino por defecção.²⁹ Compara-se sua sorte com a de Nigídio e a de Catão uticense, que, por fidelidade aos ideais políticos, pereceram, o primeiro no exílio (45 a. C.) e o segundo, por suicídio em 46 a. C., após a batalha de Tapsos. Em desabono a Varrão, tem-se comentado sua suposta indiferença face ao exílio de Nigídio, contemporâneo, com fama de erudito. Questiona-se também o radicalismo anticesariano de Nigídio, *homo acerrimus*, diante da clemência de César.³⁰ Para F. della Corte, Varrão era um funcionário, um magistrado provincial envolvido na guerra, contra sua vontade.³¹ Para A. Garzetti (Garzetti, 1976, p. 98) Varrão, realista, procurou ser honesto consigo mesmo, ser fiel a Pompeu, mesmo com a derrota pompeana em Farsália. Seguindo seu

²⁹ F. della Corte (*Varrone, il terzo gran lume romano*. Firenze, 1970, p. 114, *apud* B. Riposati — Riposati, 1976, p. 65) pondera que somente critica Varrão quem quer ver nele homem partidário e radical como era Nigídio Fígulo. A. Traglia (Traglia, 1978, p. 273-89) considera que entre os partidários dos pompeanos (Cícero, Varrão, Nigídio, Catão uticense, Domício Enobarbo, Ligário, Marcelo), Nigídio possuía o currículo anticesariano mais hostil, além de sua projeção e liderança no *sodalitium* pitagórico (sociedade secreta); mantinha também práticas místicas avessas à teologia oficial representada por César, então Pontífice Máximo. Daí se explica sua relutância em voltar atrás, isto é, pedir perdão, e a tentativa inútil de Cícero de resgatá-lo do exílio, porque, segundo este, além de César, havia os cesarianos.

³⁰ Essa clemência de César parecia ser sincera, a ponto de levá-lo a negligenciar sua segurança pessoal e se tornar alvo de inimigos pessoais.

³¹ Segundo F. della Corte (*Varrone, il terzo gran lume romano*. Firenze, 1970, p. 114, *apud* B. Riposati — Riposati, 1976, p. 64) Varrão sempre militou dentro da ordem e da legalidade, mas observa que alguns autores (Drumman, Mommsen) consideram a flexibilidade política de Varrão oportunista e incoerente.

sentido de equilíbrio, agiu sensatamente, não fugindo de suas obrigações; ao contrário, permaneceu fiel aos seus ideais políticos como lhe era possível num tempo tumultuado.³² Seu pensamento político assentava-se em base ética sólida. Queria sobretudo a paz interna, a conciliação dos ânimos, para que Roma pudesse cumprir sua grande missão. Cedeu tacitamente ao vencedor César, procurando conservar sua independência e dignidade, sem humilhar-se,³³ porque também não se considerava anticesariano irreduzível; ao contrário, mantinha amizade com alguns deles, como Fúfio Caleno. Além do mais, não compactuava com a política do “quanto pior, tanto melhor”.³⁴ Na verdade, a situação menos dramática de Varrão no pós-Farsália dependeu dele mesmo e do vencedor. O perdão, comentado pelo próprio Cícero (*Diu.* 1, 32, 68; 2, 55, 114) e a provisão do cargo de direção da biblioteca pública (Suet., *Iul.* 44; Isid., *Etym.* 6, 5, 1) fizeram jus ao valor intelectual do vencido, Varrão, e confirmaram o saudável pragmatismo do vencedor, César. Além disso, esse precisava do apoio da aristocracia e de Varrão como um de seus representantes, para seus propósitos monárquicos. Inauguraria a nova fase política com o possível equilíbrio entre o poder pessoal e a forte tradição aristocrática, senatorial e republicana.

³² L. Robinson (Robinson, 1976, p. 477) insiste em que essa consistência e fidelidade era natural em Varrão, provinda do berço familiar e de uma região, a Sabina, em que as tradições, as boas relações familiares, a palavra dada, fundada na ética e na religião, eram respeitadas.

³³ B. Zucchelli (Zucchelli, 1976, p. 622) pondera que Varrão procurou não desmentir seu passado político pompeano. Não faltaram ocasiões para mostrar sua dignidade e coerência no relacionamento humano. No verão de 45 a. C., morrera Pórcia, irmã de Catão de Útica e esposa do anticesarista L. Domício Enobarbo, morto na batalha de Farsália. Varrão publicou o elogio de Pórcia logo após o aparecimento do *Anticatones* de César, que continha uma dura réplica à *laudatio Catonis* (uticense) de Cícero. Esse elogio a Pórcia, no contexto, assumia um significado político com certo matiz de desafio.

³⁴ B. Zucchelli (Zucchelli, 1976, p. 625) comenta que a obra varroniana *Antiquitates rerum diuinarum* era favorável a César e que o *De re rustica* já se delineava como obra (técnica) a serviço da ideologia de Augusto.

Entretanto, partidários de César tentaram o caminho da repressão política sobre Varrão, por seu passado pompeano. Em 47 a. C., Marco Antônio quis tomar-lhe a propriedade de Cassino, mas foi impedido por César. Em reconhecimento, Varrão dedicou a este os 16 livros das *Antiquitates rerum diuinarum*. Na dedicatória a César, que nesse tempo era *Pontifex Maximus*, Varrão parecia expressar também um pacto de silêncio ou o propósito de deixar a vida pública e a política partidária para se dedicar ao labor intelectual, o que aconteceu pelos restantes vinte anos de vida.

1.4. O PÓS-CÉSAR: O TRABALHO NA BIBLIOTECA E A PROSCRIÇÃO

No fatídico 15 de março de 44 a.C., tombou César sob a fúria dos conjurados. Em fins de 43 a. C., Marco Antônio, agora *magister equitum* e senhor da situação, praticava o revisionismo, incluindo o ex-pompeano na lista dos proscritos. Reiniciava-se a perseguição por razões políticas.³⁵ Varrão, que atuava na chefia da biblioteca, fugiu de Roma, perdendo, na pressa da fuga, grande parte de seus livros (Gell., *N. A.* 3, 10, 17). A vila de Cassino, devastada, transformou-se de *deuersorium* [pousada, retiro] *studiorum* em *deuersorium libidinum*, isto é, de retiro para reflexão em bordel da soldadesca, segundo A. Garzetti (Garzetti, 1976, p. 99), sendo depredada sua biblioteca particular (Cic., *Phil.* II, 104). Varrão salvou-se

³⁵ Apiano (*B. C.* 4, 47, 202., *apud* Zucchelli — Zuchelli, 1976, p. 625) dá um motivo para a perseguição a Varrão: [Filósofo e historiador, com bons serviços como soldado e como comandante, pode ser essa a razão de ter sido proscrito como inimigo da monarquia]. (A tradução é de minha responsabilidade). Cf. também J. Heurgon (Heurgon, 1978, p. XVII), que coloca, entre outras causas da perseguição, a cobiça dos perseguidores e a caça aos “tesouros” de Varrão”. Zucchelli comenta, ainda, que Varrão, embora velho, manteve um comportamento claro e coerente como adversário do regime cesariano; sua inclusão na lista de proscritões não teria sido de todo privada de um fundamento político.

graças ao amigo e agente antoniano, Quinto Fúfio Caleno, que o escondera em sua casa.³⁶

Depois da batalha de Filipos, em 42 a. C., a anistia decretada por Otaviano permitiu ao reatino continuar suas pesquisas por quinze anos em efetiva tranqüilidade, entre as vilas de Cassino e Túsculo.³⁷

O projeto da primeira biblioteca fora continuado por Otaviano, através de Asínio Polião. Em 38 a.C., com 78 anos de idade, Varrão pôde ver em vida seu busto junto aos de ilustres antepassados romanos, uma homenagem inédita na história de Roma. No final de seu longo périplo, aos 80 anos, ele é visto, à moda antiga e como tantos outros aristocratas e literatos romanos, buscando a paz do campo, escrevendo o *De re rustica*,³⁸ obra técnica de agricultura, mas não desprovida do tom idílico, que, por isso, teria sido uma fonte, em prosa, para as *Geórgicas* virgilianas, conforme A. Garzetti (Garzetti, 1976, p. 106).

Nos últimos anos da sua vida, Varrão sentia-se atraído pelas doutrinas neopitagóricas. Como Platão em seu *lectulus lucubratorius*, o erudito foi acolhido pela morte em 27 a. C., quando Otávio inaugurava seu principado e era consagrado como Augusto, para iniciar oficialmente o que seria o grande império romano (Casquero, 1990, p. XI). Varrão, como desejava, foi enterrado de acordo com o “ritual pitagórico” num sarcófago de argila, envolvido em “folhas de mirto, oliveira e choupo negro”.³⁹

³⁶ Segundo L. Robinson (Robinson, 1976, p. 479), ambos, Quinto Fúfio Caleno e Varrão, estariam envolvidos numa política de apaziguamento entre os adversários; política contrária, aliás, ao próprio Cícero.

³⁷ As vilas de Cassino e Túsculo são citadas no *De re rustica* III 4, 2 e 13, 1, respectivamente.

³⁸ Assim se inicia o *De re rustica* II, Praef.: *Viri magni nostri maiores non sine causa praeponabant rusticos Romanos urbanis* [Nossos ilustres antepassados tinham, não sem razão, em maior apreço os romanos do campo do que os da cidade].

³⁹ Plin., *N.H.* 35, 160: *...sicut M. Varro, Pythagorio modo in myrti et oleae atque populi nigrae foliis* [assim como Marcos Varrão, em ritual pitagórico, em folhas

Na segunda metade do século I a. C., Roma vira apagar-se tragicamente de seu cenário tantas luzes do mais alto brilho como Pompeu, Cícero, Catão de Útica, Nigídio Fígulo, César. Assim também, porém serenamente, se apagou esse grande luminar, Varrão. Mesmo para ele, aristocrata, rico, influente e erudito, a vida fora uma experiência plena de temores. Com seus 89 anos, num fragmento de sátira e numa alusão que pode ser interpretada como pessoal, Varrão buscava entender o curso da sua vida,⁴⁰ debuxando-a em poucos traços: do começo ao fim, pontuada de liberdade e servidão.

2. CARACTERES PESSOAIS

Com esses registros biográficos e mais algumas conjecturas, podem-se vertebrar alguns aspectos da personalidade de Varrão.

2.1. ASPECTO FÍSICO: A FÓRMULA DA LONGEVIDADE

Sobre o tipo físico do escritor sabino não há informes. Sobre sua constituição física, conjectura-se.⁴¹ Um sóbrio regime de vida, sem sofisticação e hipocondrias,⁴² aliado ao conhecimento de princípios

de murta, oliveira e choupo...]. Nesse desejo de se ver enterrado com simplicidade junto à natureza endereçava-se uma crítica aos sepulcros luxuosos.

⁴⁰ Varr., *Men.* fr. 174, *apud* B. Riposati (Riposati, 1976, p. 81) segundo o qual esse fragmento de uma sátira menipéia parece referir-se a esse estado de espírito varroniano de luta permanente pela liberdade: *...uitae cursum ut cognoscere possem, et quae seruitutis et libertatis ab origine ad exodium adductae...* [...para que eu pudesse entender o curso da vida e as situações de servidão e liberdade vividas do começo ao fim ...].

⁴¹ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 156) observa que Varrão escreveu *De uoletudine tuenda* [*Sobre o cuidado com a saúde*], obra da senectude e assunto que devia ser-lhe muito atraente.

⁴² Varr., *Logist.* Fr. 28. *Apud* B. Riposati (Riposati, 1976, p. 60). Esse fragmento revela o sentido de uma vida sóbria, sem luxo, pautada pelo pensamento do não mais que o necessário: *uel maxime illic didici esse sitienti theriacam mulsum et esurienti panem cibarium siligineum et exercitato somnum suauem.* [...e ali eu aprendi muito bem que para quem tem sede o vinagre é doce como a mistura de

profiláticos, de prevenção contra doenças contagiosas,⁴³ devem ter-lhe garantido boa saúde e resistência física na lide política e na exaustiva produção intelectual.⁴⁴ A. Lehmann apresenta fragmentos do livro IV *do De uita populi Romani* em que Varrão lamenta o abandono da simplicidade e da frugalidade dos primeiros tempos da *Vrbs*, onde o vinho, qual remédio, era usado com moderação.⁴⁵ Segundo F. della Corte, Varrão, coerente com suas idéias pitagóricas, apreciava o vegetarianismo.⁴⁶ Hábitos de campônio, simplicidade, rusticidade, sobriedade, cuidados profiláticos, ideal vegetariano, preferência pela inumação — são índices de uma vida atenta e ajustada à natureza e, por isso, marcada pela disposição e operosidade. O

vinho e mel, para quem tem fome o pão grosseiro é feito do trigo de primeira qualidade e para quem está cansado o sono é suave].

⁴³ K. Sallmann (Sallmann, 1976, p. 508) comenta que Varrão foi o primeiro a dar informes sobre o contágio bacteriológico vindo dos pântanos: *...ubi crescunt animalia quaedam diminuta, quae non possunt oculi consequi, et per aera intus corpus per os ac nares perueniunt atque efficiunt difficiles morbos* [...onde crescem certos seres diminutos, que os olhos não conseguem ver e que, através dos ares e pela boca e nariz, penetram no corpo e causam sérias doenças] (Cf. *De re rustica* 1, 12, 2); dessa forma Varrão estabelece os fundamentos de uma microbiologia.

⁴⁴ A vida política de Varrão deve ter transcorrido entre 78 a. C. e 48 a. C., ano este da batalha de Farsália, que pôs fim aos ideais pompeanos; Varrão, como homem de confiança de Pompeu, desgastava-se dando apoio político e militar ao general, inclusive em operações bélicas, como na Espanha (contra Sertório) e na repressão aos piratas ilíricos.

⁴⁵ A. Lehmann (Lehmann, 1988, p. 270) comenta que Varrão culpava o general L. Licínio Luculo (cônsul em 74 e rival de Pompeu, no tempo das campanhas militares contra Mitridates) por ter trazido da corruptora Ásia — o Oriente, com as suas novidades atraentes e perigosas para os padrões morais de Roma — o mau exemplo, o luxo e a intemperança, resumidos num comportamento avesso à sobriedade adotada pelos patrícios conservadores, que, justamente, temiam essa influência perniciosa.

⁴⁶ F. della Corte (Della Corte, 1976, p. 128) comenta que Varrão, estimulado pelo neopitagorismo, endossava as idéias sobre a pré-história do historiador grego Dicearco. Segundo este, o primeiro estágio da humanidade, o natural (os outros dois teriam sido o pastoril e o agrícola), foi o mais feliz, pois vigorava o princípio ético de “não matar nenhum ser vivo” (μηδὲν φονεῦειν ἔμψυχον).

apreço à natureza (φύσις) reaparecerá como um tema fundamental na sua teoria da linguagem. Dignos de admiração são sua rigidez moral e seu estóico espírito de renúncia. Cercado de bens e facilidades, dispensava seu desfrute para se dedicar às árduas tarefas intelectuais. Com seus 80 anos, no início do *De re rustica*, obra dedicada à sua mulher Fundânia, Varrão escrevia que já era tempo de “recolher a bagagem para partir da vida.” No mesmo passo, revelava-se também um perfeccionista, pois gostaria de oferecer à mulher um livro mais interessante (*commodius*), se tivesse tempo disponível.⁴⁷ Entretanto, parecia ironizar sobre o tempo de sua partida, porque ainda nos seus últimos anos de vida, entre 33 e 31 a.C., se via atarefado com a redação e a publicação de sua última obra, o *Disciplinarum libri IX*, sobre as artes liberais.⁴⁸

2.2. TEMPERAMENTO: UM RUDE CAMPÔNIO EM ROMA

Sobre seu temperamento há informações mais consistentes. G. Boissier (Boissier, 1861, p. 11 *et seqs.*)⁴⁹ estudou as impressões de Cícero

⁴⁷ No início do *De re rustica* (*R.R.*, I, 1) Varrão observa: *Otium si essem consecutus, Fundania, commodius tibi haec scriberem...quod, ut dicitur, si est homo bulla, eo magis senex.* [Se eu tivesse tempo livre, Fundânia, escreveria para ti estas coisas de uma forma mais agradável, ... porque, como se diz, se o homem é uma bolha de ar, quanto mais um velho...]. A composição da obra (*De re rustica*) é solicitada por Fundânia, a esposa de Varrão, a propósito de uma propriedade que ela adquirira para si e que desejava tornar rentável.

⁴⁸ Pietro Ferrarino (Ferrarino, 1976, p. 364) divide as nove artes liberais varronianas (musas) dos *Disciplinarum libri IX* em literárias — gramática, dialética, retórica e técnicas — geometria, aritmética, astronomia, música, medicina, arquitetura. Muito posteriormente, Marciano Capella (séc. V) e Cassiodoro (séc. VI) substituíram a dialética pela lógica e suprimiram a medicina e a arquitetura que se tornaram autônomas. Moldou-se assim o currículo medieval, composto de *triuium-quadriuium*, que se constituía das seguintes sete disciplinas: gramática, lógica e retórica; geometria, aritmética, astronomia e música.

⁴⁹ G. Boissier (Boissier, 1861, p. 11 *et seqs.*) *apud* B. Zucchelli (Zucchelli, 1976, p. 621) escreve : “Cicéron (*At.* 13, 27) nous le représente comme um homme difficile et importé; “on avait grand peine à ne point le fâcher et il fallait mesurer toutes les expressions quand on lui écrivait”.

em carta a Ático sobre Varrão. Para o arpinate, o escritor sabino era um rude campônio, de difícil trato, inclusive com os de seu nível.⁵⁰ Daí, talvez, se explique a pouca propensão do reatino à retórica.⁵¹ Cabe lembrar que, por sua condição social, Varrão se ligava ao poder político e à área administrativa.⁵² Para melhor tramitar nessa esfera, estudou retórica com Lúcio Élio Estilão. Além disso, sabe-se que elaborou peças oratórias e teorizou sobre direito.⁵³ Entretanto, não há notícia sobre uma tendência varroniana pela eloquência militante. Talvez isso se deva à sua índole simples e reta, pouco dada a tergiversar, ou ao ofuscamento produzido pelos astros da eloquência romana contemporânea, Cícero⁵⁴ e Q. Hortênsio. Agostinho admitia a inferioridade de Varrão nesse campo (*C. D.* 6, 2) e Quintiliano confirmava que o reatino trouxera mais ciência do que eloquência.⁵⁵ Entretanto, nesse árido temperamento, talvez um pouco retraído, florescia o mais fino senso ético, estético e místico da vida.

2.3. SENSO ÉTICO, ESTÉTICO E MÍSTICO: O HUMANISTA

Primeiramente, considerado modelo do humanista romano com as implicações intelectuais desse conceito apresentadas por B. Riposati

⁵⁰ Cícero (*At.* 13, 25, 3) confirma: (*Varro*) *est, ut scis*, δεῖνος ἀνὴρ...[(Varrão) é, como sabes, um homem difícil...].

⁵¹ Varrão não era um orador profissional, apenas estagiou junto aos mestres de retórica, como os demais jovens romanos da aristocracia.

⁵² A. Garzetti (Garzetti, 1976, p. 92.) considera que era muito difícil definir em que mãos estava o poder político naquela situação. Como rico aristocrata, Varrão se alinhava de forma praticamente obrigatória e se inseria no contexto da luta pelo poder legal através do partido aristocrático-republicano liderado por Pompeu.

⁵³ Varrão escreveu obras de teor jurídico, tais como: *Orationes* (22 livros), *Suasionum libri III* e *Laudatio Porciae*.

⁵⁴ Cícero (*At.*, 12, 6, 1) observava que a eloquência de Varrão seguia um estilo asianista.

⁵⁵ Quintiliano (*Inst. or.* 10, 1, 95, *apud* B. Riposati — Riposati, 1976, p. 83) informa a respeito da eloquência varroniana: *...plus scientiae collaturus quam eloquentiae* [contribuirá mais com a ciência do que com a eloquência].

(Riposati, 1949, p. 246-66), Varrão configura-se como ser ético e humanitário. Insistia, como diz A. Traglia, na *dignitas* (Traglia, 1979, p. 537); não admitia abuso de poder (Riposati, 1976, p. 61); não aceitava bens de proscritos (Garzetti, 1976, p. 104); temia a guerra civil fratricida; e não via com bons olhos a sofisticação da vida urbana (Robinson, 1976, 477-83). No *De lingua Latina*, no desenrolar das etimologias de *prata* [prados], *rura* [campos], *agri* [terras], *praedia* [propriedades], insere, circunstancialmente, o problema fundiário e o da reforma agrária itálica (Bianco, 1976, 299-316). Apesar de ser rico proprietário, parece que apoiava o jurista Sulpício, segundo o qual seria justo distribuir amplamente (*largiter*) a terra ao povo para que este a cultivasse e produzisse.⁵⁶ Concedia que se distribuisse terra para os radicados no campo, mas criticava os que abandonavam a foice e o arado e iam para Roma ocupar-se de teatro e circo. Censurava a elite rural que preferia construir vilas sofisticadas a investir na lavoura.⁵⁷ Mostrava-se também humanitário com os escravos do campo, para os quais prescrevia um tratamento digno, incluindo garantias. Permitia que tivessem vida sexual normal: *facile est quod habent conseruam in uilla* [podem facilmente ter uma companheira na vila] (*De re rustica* II, 10, 6). Além disso, estimulava a consolidação dessas relações de forma progressiva: as *conseruae* [companheiras] recebiam o nome de *coniunctae* [juntadas] e, depois, *coniuges* [esposas], com direito à estabilidade familiar.⁵⁸ Vivendo num

⁵⁶ No *De lingua Latina* se lê: *Diuidi tamen esse ius scribit Sulpicius plebei rura largiter ad adorem* [Sulpício escreve que é justo distribuir ao povo os campos, para que se faça abundante colheita] (V, 40). Trata-se do jurista Sêrvio Sulpício Rufo, cônsul em 51 a. C.

⁵⁷ Varrão (*R.R.* II, *Praef.* 3) já observava o fenômeno da fuga do campo: *...relictis falce et aratro, et manus mouere maluerunt in theatro ac circo quam in segetibus ac uinetis...* [abandonando a foice e o arado, preferiram pôr as mãos no teatro e no circo a pô-las nas messes e nas vinhas...].

⁵⁸ R. Martin (Martin, 1978, 113-26) observa que os fazendeiros romanos relutavam em permitir que os escravos na lavoura tivessem relações sexuais regulares e, menos ainda, que constituíssem famílias, por vários motivos: ocupação da terra, encargos sociais com a prole, crescimento do poder reivindicatório, redução da capacidade de trabalho.

contexto brutalmente escravocrata, mas também buscando o justo lucro nos investimentos agrícolas, Varrão mostrou incomum sensibilidade para o problema, revelando um pragmatismo mais responsável, uma prática capitalista menos exploratória, por isso, mais humana do que a de Catão (censor) no seu *De agri cultura*.⁵⁹

Imbricada ao ser ético varroniano está a visão estética do real. É a face poética de sua personalidade, enquanto sente, imagina e cria. Neste estudo sobre Varrão-gramático não se deve esquecer que ele escrevera 150 livros de sátiras, as *Sátiras Menipéias*, ao longo de mais de trinta anos (de 80 a 46 a. C.).⁶⁰ Nelas, ele se safa da influência do erotismo temático da poesia alexandrina,⁶¹ rapidamente assimilado pelos poetas neotéricos,⁶² e oferece um prato mais substancioso e variado⁶³ de reflexões filosóficas, humor,

⁵⁹ B. Nicolas (Nicolas, 1976, p. 282) faz um estudo sobre algumas características que Varrão estipulava para os escravos na agricultura — que fossem maiores de 21 anos, fortes, sadios, peritos nas coisas da lavoura, sabendo ler e escrever (*litterae*) e outras disciplinas (*humanitates*) — e sobre seus direitos — que fossem tratados com dignidade (deveriam ser admoestados verbalmente antes de alguma medida repressora), que pudessem ter família, alimentos, vestes, montaria e um pedaço de terra para cultivo e criação própria.

⁶⁰ B. Riposati (Riposati, 1976, p. 82) lembra que essa obra, as *Sátiras Menipéias*, é inspirada no pensamento do cínico grego Menipo de Gadara. Composta ao longo de mais de 30 anos (80 a. C. a 46 a. C.), dela restaram cerca de 600 fragmentos. Segundo F. della Corte, porém, em 55 a. C., Varrão já a havia terminado, pois Cícero se referia a ela no *Academica posteriora* (45 a. C) como obra do passado, usando a expressão “*uetera illa carmina*”.

⁶¹ E. Paratore (Paratore, 1983, p. 312) cita Calímaco, Euforíão e Partênio de Nicéia como os nomes mais representativos da tendência erótica na poesia.

⁶² Segundo L. T. Pari (Pari, 1976, p. 567), os neóteros mais conhecidos foram Valério Catulo, Licínio Calvo e Hêlvio Cina. Como estóico, sabino e tradicionalista, Varrão mostrava resistência a essa onda erótica, a “*pazzia universale*”, que, vindo do helenismo (greco-oriental), ameaçava minar as bases morais da sociedade romana.

⁶³ Segundo L. Robinson (Robinson, 1976, p. 477 *et seqs*), a característica principal da sátira latina é a variedade temática; ela era endereçada a indivíduos e a certos grupos sociais em tom diversificado: sério, parodístico, mordaz, jocoso, moralista, filosófico, irônico, complacente etc.

estocadas moralistas, indignação, ironia, comicidade velada e crítica à sociedade, em forma de prosa e verso.⁶⁴

Ao lado do ético e do estético, o místico. Autêntico sabino e estóico, repugna-lhe o duro materialismo-racionalismo dos epicuristas, endereçado contra a religião. Mesmo sendo intelectual e erudito, ele aceita a religião como fenômeno social, porque ela, com seu aparato tradicional, moraliza o povo, corrobora o sadio nacionalismo e consolida o poder do Estado.⁶⁵ Nesse sentido, Varrão elaborou sua teologia tripartite. A primeira é a teologia mítica; é a visão religiosa do povo, alimentada e ampliada pelos poetas; carrega-se de elementos mitológicos fantasiosos; Varrão a considerava menos válida, mas não menos adequada à sua finalidade. A segunda é a teologia natural, a dos filósofos, fundamentada na cosmologia e na metafísica. Aprova-a porque satisfaz suas exigências intelectuais. A terceira é a teologia civil, pública, tradicional, aquela legitimamente romana, oficialmente admitida e praticada por representantes do Estado. Varrão julga-a apenas necessária.⁶⁶ Além de elaborar toda essa arquitetura teológica reveladora de uma profunda preocupação com o ser divino no

⁶⁴ E. Paratore (Paratore, 1976, p. 243) vê nas sátiras varroninas uma espécie de diário íntimo, algo pessoal. F. Della Corte, *apud* E. Coleiro (Coleiro, 1976, p. 338), entende que a mensagem básica das *Sátiras Menipéias* era de teor filosófico, literário e sobretudo político.

⁶⁵ O pensamento teológico de Varrão coincidia com o de César, então *Pontifex Maximus*. César certamente precisava desses fundamentos teológicos varronianos para consolidar seu poder temporal.

⁶⁶ A. Waszink (Waszink, 1976, p. 209-223) faz um estudo dos elementos principais da religião oficial nos 16 livros do *Antiquitates rerum diuinarum* de Varrão: sacerdotes, deuses, templos, cultos públicos e privados, festas e sacrifícios. A Trapè (Trapè, 1976, p. 553-63) afirma que Santo Agostinho julgava falsa a teologia mítica varroniana; quanto à teologia natural (= filosófica) do erudito pagão, o bispo até admitia que Varrão a cultivasse, pois conduzia ao monoteísmo; quanto à teologia civil (oficial), o bispo hiponense via incoerência em Varrão, porque este a aceitava plenamente e ao mesmo fazia restrições à mítica, praticada pelo povo. G. Lieberg (Lieberg, 1976, p. 409-13), por sua vez, pondera que a crítica de Santo Agostinho à teologia oficial de Varrão é igualmente incoerente, visto que também o cristianismo pugnava por se oficializar como religião do Estado romano, certamente para receber vantagens e benefícios advindos do poder temporal.

mundo,⁶⁷ Varrão mostra também seu lado místico, íntimo e pessoal.⁶⁸ Ele adota para si, embora de forma discreta, certos princípios ditados pelo espiritualismo neopitagórico: o sentido do universo astral, a inumação como sistema mais condizente com o ritmo da natureza e a numerologia, sempre presentes em sua obra. Enfim, esse senso místico se reflete em suas concepções filosóficas e lingüísticas — o que mereceria um estudo à parte.⁶⁹

2.4. INTELIGÊNCIA: MENOS ESPECULATIVA, MAIS PRAGMÁTICA

Não sendo vocacionado para a especulação filosófica pura, Varrão era versátil em combinar a teoria e a prática, o que fez dele homem de pensamento e ação. Soube, por exemplo, teorizar longamente sobre a anomalia e a analogia nos livros VII, IX e X como também soube elaborar esquemas práticos para ser mais eficiente numa estratégia militar ou para

⁶⁷ Conjectura-se que essa perspectiva teológica tenha sido apresentada em alguma parte dos 16 livros das *Antiquitates rerum diuinarum*.

⁶⁸ A propósito, veja-se este passo do *De lingua Latina*: *Sol uel quod ita Sabini, uel quod solus ita lucet, ut ex eo deo dies sit. Luna uel quod sola lucet noctu. Itaque ea dicta Noctiluca in Palatio: nam ibi noctu lucet templum* [O Sol assim se chama ou porque os sabinos lhe dão tal nome, ou porque é o único (*solus*) que resplandece, de modo que a luz provém desse deus. O nome de *Luna* se deve por ser a única a brilhar durante a noite. Por isso, no Palatino se lhe dá o nome de *Noctiluca*, pois ali de noite brilha o seu templo] (V, 68). Em meio às etimologias Varrão insere uma visão astrológica, mítica e mística e não menos poética: o sol é deus, do qual promana a luz do dia; a lua jorra sua luz plácida sobre o seu templo no Palatino e recebe uma apelido que soa afetivamente: *Noctiluca*.

⁶⁹ P. Boyancé (Boyancé, 1975, 57-84) comenta o passo V, 7-8 do *De lingua Latina*, sobre os quatro graus de dificuldades das etimologias. Varrão situa o quarto grau no segredo dos santuários e no ritual de iniciação dos reis. Estes teriam sido os ὀνομαθετοί, os primeiros a darem os nomes às coisas. Essa doutrina, na versão pitagórica, coloca a origem da linguagem num plano místico-transcendental, de fundo teológico, abrindo-se para posteriores discussões sobre a natureza da língua (nominalistas = θέσις, convenção e realistas = φύσις, natureza, costume). A solução lingüística varroniana é pela θέσις, a partir da φύσις, e sempre com base nesta.

incrementar a produção agrícola, como o fez no *De re rustica*. Transitava habilmente da ἐπιστήμη (conhecimento puro, *scientia*) para a ἐμπειρία (conhecimento prático).⁷⁰ Da esfera da filosofia em que se encontrava o estudo da língua, Varrão trouxe-o para o terreno da técnica gramatical, para tentar, nesse nível, explicar os fatos lingüísticos. Da história, como ciência pura, interpretante dos fatos, desceu ao antiquário, ente constitutivo da base da história, concretizado no inventário do visível, audível e palpável de uma cultura, como, por exemplo, uma divindade, um personagem, um poeta, uma obra, um lugar, um templo, uma data, uma festa, uma instituição, um costume, uma iguaria, uma veste, um instrumento, uma lenda, um ditado popular (um *adagio* ou *ambagio*) etc. Tudo isso perfaz o conceito de antiquário romano-latino-italico que ele procurou resgatar para o seu tempo. O próprio Cícero valorizava muito esse empreendimento varroniano, porque via nele um despertar para a memória e, daí, para a coesão espiritual nacional.⁷¹ E essa tendência antiquarista, enraizada no modo de ser conservador e tradicional-intelectualista de Varrão, influenciará sua própria atividade etimológica como um princípio metodológico: por exemplo, ele privilegiará sempre as palavras antigas (da época do rei Latino) ao mostrar a origem da língua latina.

Por outro lado, essa bivalência intelectual varroniana entre teoria e prática contribuiu para marcar uma característica do gênio romano que é a pragmaticidade, a habilidade de traduzir para a prática os conhecimentos

⁷⁰ F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 114 *et pass.*) considera que ἐμπειρία é a observação prática, a experiência orientada pela teoria e que τέχνη é o esquema, a arte, a praticidade sistematizada, enfim, técnica e profissionalização.

⁷¹ Cícero (*Br.* 15, 60) define Varrão como *diligentissimus inuestigator antiquitatis*. P. Flobert (Flobert, 1978, p. 43-51) considera o reatino, antes que um historiador, um antiquarista, dominado pela idéia de trazer o passado para o presente. Esse nacionalismo expressa-se também no interesse de Varrão pela etimologia, que lhe permite reconstituir as origens das palavras. Cícero (*Acad. post.* 9) confirmava a importância desse trabalho de reconstituição e resgate, realizado pelo erudito reatino: “Em nossa pátria éramos como ignorantes e estrangeiros; teus livros nos reconduziram à nossa casa antiga, fazendo-nos saber quem somos e de onde. Tu nos fizeste conhecer a idade de nossa pátria e deste a cronologia dos templos...” (A tradução é de minha responsabilidade).

teóricos. Se os gregos ofereceram ao Ocidente a grande proposta da ciência, os romanos, depois do aporte etrusco, brindaram-no com a tecnologia dos materiais que fizeram a grandeza visível de Roma,⁷² ou com a técnica administrativa que lhes permitiu gerir o império, ou, ainda, com o currículo escolar que avançou para dentro da Idade Média: o *triuuium* e o *quadriuium*. Assim, a inteligência varroniana se preocupava em elaborar a síntese da cultura antiga (grega, itálica, latina e romana), para deixar a romanidade em prontidão para o arranque, rumo ao grande futuro imperial. Sobre o perfil dessa inteligência e capacidade de pesquisa, Santo Agostinho se interrogava: *Quis Marco Varrone curiosius ista quaesivit? Quis inuenit doctius? Quis considerauit attentius? Quis diligentius pleniusque conscripsit?* [Quem pesquisou todas essas coisas com maior empenho do que Marcos Varrão? Quem as encontrou com maior sabedoria? Quem refletiu sobre elas com maior desvelo? Quem as registrou com mais aplicação e de forma mais completa ?] (C.D. 6, 2).

2.5. CARÁTER: SEVERIDADE E DEVER, COERÊNCIA E LISURA

Em relação ao seu caráter — que seria o aspecto volitivo da personalidade — Varrão pautou sua vida pelo senso de dever e coerência, pelos ditames da consciência e da lei, não se permitindo ambigüidades de comportamento. Quando, como já se observou, era tribuno, repelia o autoritarismo (Gell, N. A. 13, 12, 5-6). Ou quando, nas proscrições, bens de inimigos políticos eram alienados e passados aos comparsas dos chefes — ocasião que os aristocratas contemporâneos aproveitaram para alargar inescrupulosamente seus patrimônios⁷³ —, Varrão não ampliou os seus.⁷⁴

⁷² N. & A. Ramage (Ramage, 1996, p. 14) mostram como a arte romana — principalmente a arquitetura pública — e a política estavam intimamente conectadas pelo serviço da propaganda política. Consideram também que por trás de cada monumento é preciso ver a intenção de um grande patrocinador: o imperador e o Estado.

⁷³ Segundo A. Garzetti (Garzetti, 1976, p. 104), M. Licínio Crasso, futuro triúmviro, M. Emílio Lépidio, cônsul em 78 a. C., L. Domício Enobarbo, futuro cônsul em 54 a. C., ferrenho anticesariano e avô do futuro imperador Nero, e o próprio Salústio,

Os fundos de Reate (*De re rustica* II, 2, 9) e a vila de Cassino já eram antigas propriedades da família (*De re rustica* III, 5, 9-17). A vila de Túsculo fora adquirida do cônsul e pompeano M. Pupio Pisão Calpurniano (*De re rustica* III, 3, 8; 13, 1; Cic., *Fam* IX 1, 2; 5, 3; 6, 4). Quanto às pastagens da Apúlia, reservadas à transumância do rebanho (*De re rustica* II, *Praef.* 6; II, 2, 9) e à vila de Cuma, embora não se saiba a forma da aquisição delas, foram certamente incorporações compatíveis com o nível patrimonial que Varrão já atingira,⁷⁵ análogas ao dos demais componentes da estirpe senatorial e decorrentes da expansão do capital, do senso de economia e capacidade administrativa — qualidades óbvias do autor, inferidas da leitura do *De re rustica*. Acresce ainda, a favor da legitimidade dessas propriedades, o fato de que seus bens nem diminuíram nem foram ameaçados, como observa A. Garzetti, a não ser na proscrição antoniana, por perseguição política (Garzetti, 1976, p. 102). Alguns críticos estranham que Varrão ignore ou silencie no *De re rustica* o problema fundiário itálico em torno de 37 a. C., quando publicava essa obra. A explicação mais viável é que o autor reatino tencionava tratar apenas da cultura da terra e da criação de gado nos latifúndios tradicionais. Além disso, segundo ele, somente grandes porções de terras é que seriam próprias para a agricultura sistemática e não os pequenos assentamentos dos veteranos (Garzetti, 1976, p. 103). Varrão, coerente com sua visão do problema agrário, condenava o êxodo do campo, pois, como já comentado, criticava os chefes de família que abandonavam as atividades na lavoura e iam entregar-se às novidades da capital. Ainda a favor da lisura varroniana no tocante à

quando procônsul na Numídia, são exemplos de pessoas que agiram inescrupulosamente (Cf. também Paratore, 1983, p. 263 e 292).

⁷⁴ L. Robinson (Robinson, 1976, p. 478) apresenta o fragmento 36 das *Sátiras Menipéias* no qual se insere uma crítica às riquezas de Crasso: “A paz de espírito é conseguida não por tesouros; nem podem as montanhas da Pérsia e os átrios do rico Crasso tirar as preocupações e os temores da mente”. (A tradução é de minha responsabilidade).

⁷⁵ J. Heurgon (Heurgon, 1978, p. 92) observa que Fundânia, esposa de Varrão e também latifundiária (*R.R.* I, 1), era filha do latifundiário C. Fundanius, que é um dos interlocutores nessa obra.

legitimidade de seus bens, quando os soldados de Marco Antônio vilipendiavam a propriedade de Cassino e pilhavam sua biblioteca, Cícero defendeu o reatino na segunda Filípica como *sanctissimus atque integerrimus uir* (*Phil.* 2, 103). Essa era a imagem que o orador e formador da opinião pública projetava a respeito do escritor reatino. Todavia, dentre as manifestações da firmeza do caráter de Varrão reatino, a mais crucial para ele foi certamente manter fidelidade a Pompeu até às últimas conseqüências, ou seja, até à desastrosa batalha de Farsália em 48 a. C., visto que permanecer de seu lado na Espanha, sabendo ser quase certa a vitória de César, significava participar de uma operação capaz de lançar a pátria numa nova e estúpida guerra civil. Mesmo correndo esse risco, Varrão preferiu ficar do lado do amigo Pompeu na hora da tempestade, o que mostra seu empenho pela palavra dada e o alto nível em que colocava as relações interpessoais.

Essa vontade de portar-se pelo paradigma do *mos maiorum* forjava o caráter irrepreensível de Varrão e o impulsionava para a realização de um objetivo maior: seus estudos. Desgastava-se noite a dentro, à luz da lamparina, para, por exemplo, comparar o pensamento lingüístico de Cleanto com o de Aristarco (V, 7).⁷⁶ Um pouco antes desse passo, ele mostrara sua determinação para a pesquisa, apesar de os domínios da linguagem constituírem uma selva complexa e obscura, sem sendas, quase intransponível (V, 5). No último capítulo do *Brutus*, de Cícero, o dialogante Varrão afirma ter investido um grande esforço na sua formação intelectual: *...acerrimo studio tenebar cotidieque et scribens et legens et commentans...At uero ego hoc tempore omni noctes et dies in omnium doctrinarum meditatione uersabar* [...mantinha-me num duro e diário regime de estudo, escrevendo, lendo, comentando;...durante todo aquele tempo eu passava noites e dias na meditação de todas as teorias] (*Br.* 305 e 308). Foi certamente essa determinação pelo estudo que impulsionou Varrão a erigir seu edifício intelectual, mostrando que sua erudição tivera um preço.

⁷⁶ No passo, Cleanto e Aristarco são tomados, respectivamente, como símbolos dos anomalistas (estóicos) e analogistas (alexandrinos).

Terminando essas reflexões sobre a personalidade varroniana, cumpre lembrar o alto apreço de Cícero pela pessoa do reatino e sua grandeza moral: *...te semper magnum hominem duxi tum quod his tempestatibus es prope solus in portu fructusque doctrinae percipis eos, qui maximi sunt...*[...eu sempre te considerei um grande homem, porque nessas tempestades tu és, talvez, o único a ficar junto ao porto e a colher os frutos de tua doutrina, que são de suma importância...] (*Fam.* 9, 6, 4).

3. REFLEXOS DA PERSONALIDADE DE VARRÃO EM SUA OBRA

Na personalidade de Varrão observam-se três características que merecem reflexão: o apreço à austeridade, o apego à tradição e a preferência pelo equilíbrio nas vicissitudes. Essas marcas atuaram como diretrizes disciplinares para sua vida, determinando comportamentos, metodologias e até conteúdos doutrinários. Cumpre, pois, analisar sucintamente a interação entre vida, personalidade e obra varroniana.

3.1. AUSTERIDADE E METODOLOGIA NA ESTRUTURA DAS OBRAS

Varrão parece orientar-se prioritariamente pelo que é necessário e não pelo que agrada. Dizia, relembando sua infância, que o pão grosseiro resolve o problema da fome do mesmo modo que o pão branco e macio. Dizia também que não lhe era tão incômodo usar sapatos sem meias. Para ele preponderava a substância, o conteúdo, não tanto o acidente, a embalagem ou o estilo, o que lhe valeu sérias críticas dos estilistas por causa de seu descuido com a linguagem.⁷⁷ Por outro lado, essa rígida

⁷⁷ J. Collart (Collart, 1978, p. 20) cita o passo em que Suetônio, indignado, diz que Quintus Remmius Palaemon, professor e gramático em Roma nos reinados de Tibério e Calígula, ousou chamar Varrão de *porcus*: *arrogantia fuit tanta ut M. Varronem porcum appellaret* [Foi tão arrogante que chamou M. Varrão de porco] (*Gramm.* 23). Collart pergunta: ousadia, rivalidade ou brincadeira profissional de Palemon? O contexto não permite saber qual o sentido da expressão que, sem dúvida, é forte, para qualificar o estilo (desleixado) de Varrão. E. Norden (*Die antike Kunstprosa*, I. 195 f, 1923, *apud* E. Laughton — Laughton, 1960, p. 1-28) afirma que no *De lingua Latina* se encontra o pior latim de uma obra em prosa. A

estrutura mental, visível na estrutura do *De lingua Latina*, garantiu-lhe metodologia e unidade temática para que pudesse abordar coerentemente o vasto conteúdo que se descortinava à sua frente. Assim, como exemplo, os 41 livros sobre as antiguidades (*Antiquitatum libri*) ele divide em duas partes: 26 livros sobre as *res humanae* e 15 sobre as *res diuinae*, ambas estruturadas em subtemas: *de hominibus*, *de locis*, *de temporibus*, *de rebus* e *de deis* (Casquero, 1990, p. XIV). Assim também os 25 livros do *De lingua Latina*, estruturou-os em três partes: etimologia, morfologia e sintaxe, sendo as partes conhecidas delimitadas por subtemas bem definidos. Além disso o autor procura manter clara essa organização interna de forma projetiva, apresentando a matéria a ser tratada, e retrospectiva, verificando o caminho percorrido. O planejamento simples e austero lhe foi útil não só na atividade intelectual mas também em outras situações. Permitiu-lhe, por exemplo, assimilar com eficiência a vida militar como homem de confiança de Pompeu, posicionar-se pela legalidade constitucional, acatar a infausta mas necessária ditadura de César. Por essa autodisciplina, renunciou também ao ócio que sua fortuna propiciava, para se dedicar ao exaustivo trabalho de pesquisa: selecionar assuntos, organizar temáticas e compor livros.

3.2. TRADIÇÃO: NACIONALISMO MODERADO E ANTIQUÁRIO

O apego à tradição, à família, à religião e ao ambiente sabino fez dele um homem conservador, um *laudator temporis acti* [elogiador do tempo passado], interessado em investigar o surgimento do povo romano-itálico (história), o patrimônio cultural (antiquário) e a origem do latim (etimologia). Do tradicionalismo vinha igualmente seu espírito patriótico e

opinião de Norden sobre o *De re rustica* não era muito melhor. J. Collart, representando uma crítica moderada e considerando influências do estilo asianista em Varrão, além da própria intencionalidade da obra, explica: Varrão, com sua erudição e enciclopedismo, deu prioridade máxima à compilação de dados e às informações a que tinha acesso bem como à organização temática, um tanto árida. Legou uma gigantesca obra que, porém, ficou sem a adequada revisão, inclusive estilística. Esse é também o parecer de E. Paratore (Paratore, 1983, p. 174-5).

nacionalista. Imbuído do respeito ao *mos maiorum* como paradigma da cidadania e avesso à vida sofisticada, Varrão se apresentou, às vezes, como reacionário, porém consciente. Não se entusiasmava com certas transformações sociais e culturais por que passava a sociedade romana, pois representavam perda da identidade nacional. Ao contrário, procurava trazer do passado tudo o que pudesse frisar essa identidade, para reforçar os laços itálicos. Autocrítico, aos sessenta anos ele ironizava a si mesmo e sua mania antiquarista, através da sátira *Sexagesis*. Tratava-se de uma metáfora do indivíduo sincero mas pedante. Eis seu conteúdo: um indivíduo, tendo conhecido Roma aos dez anos, cai em sono profundo e acorda cinqüenta anos depois, aos sessenta anos. Agora, com barba e cabelos revoltos, aspecto horrível e assustador, começa a denunciar a corrupção na cidade. Verifica que inexistente em Roma a piedade, a integridade e a temperança. Um irmão menor quer envenenar o maior, finas iguarias são consumidas, votos são vendidos, jurados comprados, leis desobedecidas. Resultado: “Completamente reprovado por minhas acusações e antigas reminiscências, fui arrastado para fora como um inútil velho; atiraram-me da ponte do rio Tibre”.⁷⁸ Entretanto, o fato de querer evidenciar o passado romano não faz de Varrão um homem fora da época; ao contrário, participou plenamente de todos os seus problemas e vivenciou-os profundamente. É verdade que depois da conciliação com César, sua mente se encontrava mais aberta à aceitação do helenismo, principalmente vindo de Alexandria.⁷⁹ Entretanto, sua obra, no conjunto,

⁷⁸ L. Robinson (Robinson, 1976, p. 482-3) cita o fragmento 493 das *Sátiras Menipéias*: ...*De ponte in Tiberim deturbant* [atiram (-me) da ponte no rio Tibre] e comenta que há no texto uma forte referência à pessoa de Varrão, pois também ele foi forçado ao silêncio depois da derrota militar e política imposta por César em Farsália sobre Pompeu e pompeanos. Entretanto, a leitura principal parece ser esta: é tarefa ingrata fazer uma geração desinteressada pelos valores da pátria e encantada pelas novidades estrangeiras despertar para o passado nacional.

⁷⁹ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 151-2 *et pass.*) analisa a complexa evolução da mentalidade varroniana. Com 28 anos de idade, Varrão elaborara o *De antiquitate litterarum* que dedicou ao mestre Áccio em 84 a. C. A partir de 79-80 a. C., após o retorno de Atenas, ele passou a trabalhar na prolongada composição dos 150 livros das *Sátiras Menipéias*, que terminou em 55 a. C. Por esse tempo, Varrão recebia

forte influência do cinismo do poeta grego Menipo de Gadara, tanto na forma de prosa e verso como no teor filosófico-literário. Observe-se que, embora sem o conteúdo satírico, Áccio também usara em seus escritos a forma combinada (prosa e verso). Concomitante a essa influência cínica intermediada por Áccio, houve uma segunda influência em Varrão, a do asianismo. Ela teria sido intermediada a) pelos poetas asiáticos e anomalistas Antípatro e Árquias, b) pelos poetas romanos oriundos da Grécia, Lévio Melisso e Seio Nicanor (de espírito asiático, com tons eróticos e idílicos) e c) pelo cenáculo de Lutácio Cátulo (que acolhia de bom grado as contribuições poéticas do helenismo oriental). Por essa influência, principalmente dos dois primeiros poetas, se explica o gosto de Varrão pelo asianismo de Hegésias. E. Laughton (Laughton, 1960, p. 1-28) comenta que o próprio Cícero, aticista moderado, já notara o estilo oratório asianista de Varrão: *Habes Hegesiae genus quod Varro laudat...* [Tens o gênero de Hegésias que Varrão elogia...] (At. 12, 6, 1). Passada essa fase pós-ateniense de influências cínica e asianista e com a experiência da elaboração dos 41 livros das *Antiquitates*, cujos primeiros 26 livros das *res humanae* ficaram prontos em 56 a. C., verifica-se uma terceira influência no espírito do reatino, a do estoicismo, mediada principalmente por Lúcio Élio Estilão. Mas Varrão recebera também em Atenas influxo direto de Antíoco de Ascalona, que, nesse tempo, era filósofo “meio acadêmico (platônico) e meio estóico”, na expressão ciceroniana (Ac. post. I, 3,12; I, 3). Com ele, Varrão abria-se para o ecletismo. Por outro lado, o estoicismo de Élio, por influência do ambiente rodiense liderado por Panécio, definia-se também como um médio-estoicismo. A metodologia e a mentalidade estoicizante de Varrão não se modificará até 47 a. C. Na elaboração do *De lingua Latina* (de 47 a 45 a. C.) ocorre uma mudança essencial: a perspectiva histórica, antiquarista e etimológica que predominava no *Antiquitates* e nos livros etimológicos (V, VI e VII) sofre uma alteração gradativa nos livros VIII e IX e decisiva no livro X (livros morfológicos). Neste último se verifica uma “conversão” formal para uma visão lingüístico-gramatical e literária de origem peripatético-alexandrina, sob cuja influência Varrão escreveu parte do *De lingua Latina*, o *Imagines* ou *Peplographia* (reminiscência aristotélica), o *De re rustica* e os *Disciplinarum libri IX*. Assim, seu pensamento adquire tom cesariano, neoático, alexandrino, vale dizer, enciclopédico e bibliotecário, emoldurando-se ao pensamento estético de César. Depois do período da biblioteca, Varrão parece ter-se dedicado à especulação filosófica. Nos últimos anos, infere-se que pelo teor do *De principiis numerorum*, pelos esquemas numéricos do *De lingua Latina* e pela simpatia pelo ritual pitagórico, ele praticava uma espécie de retorno filosófico, imbuído que estava da ideologia órfico-pitagórica (Plin., NH 35, 160). Resumindo, tem-se, grosso modo, a seguinte evolução mental de Varrão, na visão de F. della Corte: cinismo, asianismo, plato-estoicismo, peripato-alexandrinismo e orfo-pitagorismo. Tais influências serão objeto de estudo no capítulo VIII.

apesar de voltada para o registro de elementos arcaicos, nada tinha de antiquado, ao contrário, como suma que era da cultura grega, visava justamente à atualização dos romanos. Para Varrão, porém, essa atualização não poderia perder o sentido de profundidade. Deveria ser ao mesmo tempo capaz de incorporar legítimas aquisições e de rejeitar novidades ditadas pela frivolidade e pela demagogia apressada. A época de Augusto tenderá a esquecer Varrão, porque passou a predominar entre os romanos uma forte e geral tendência para olvidar a época pré-otaviana. Queriam viver a plena euforia dos novos tempos do principado. Augusto já conseguira consolidar a unidade itálica e a nova geração entregara-se à absorção dos valores helenísticos. O próprio Augusto não ocultava em seu projeto imperial o encanto por Atenas⁸⁰ e pelo helenismo, ou, mais precisamente, pelo classicismo.⁸¹ Entretanto, por um sensato nacionalismo como também por uma moderada política assimilada junto ao tio, Júlio César, o príncipe não negligenciava a cultura, a arte e a religião itálicas. Assim, fez construir no fórum de seu nome, o Fórum de Augusto, o templo de *Mars Ultor*, com a estátua desse deus e a de *Venus Genetrix*, deuses especialmente venerados pelos romanos, e a de Júlio César entre ambos. Outro exemplo de valorização de elementos artísticos autóctones foi a construção do templo hoje conhecido pelo nome de *Maison Carrée* de Nîmes, na Gália Narbonense (em 19 a. C.), que, apesar de apresentar algumas linhas clássicas, mantinha vários elementos etruscos.⁸²

⁸⁰ N. & A. Ramage (Ramage, 1996, p. 105) comentam que Augusto revelava abertamente seu gosto pelo estilo clássico, por exemplo, no amplo uso do mármore em Roma, nos relevos da *Ara Pacis Augustae* em *Prima Porta* ou na aplicação das *exedrae* (colunas em semicírculo) no fórum de Augusto.

⁸¹ G. C. Picard (Picard, 1962, p. 12) distingue as duas estéticas na arquitetura e na escultura: a helênica, mais recente, que, enriquecida pelos progressos da técnica, buscava a magnificência, o sensacionalismo, a surpresa pela complicação de planos e o brilho da decoração; e a estética clássica, ou classicismo, que, mais antigo, buscava sobretudo racionalidade e proporção, sobriedade e elegância, que César e Augusto preferiam para combinar com arquiteturas de estilo itálico.

⁸² N. & A. Ramage (Ramage, 1996, p. 107) registram os elementos arquitetônicos etruscos do citado templo de Nîmes: o pódio elevado, os degraus na entrada, o átrio semiprotégido por seis colunas frontais (hexastilo), o frontão tradicional, as

Retornando à questão da influência de Varrão na época áurea, mostra a história que uma geração, embora esquecendo ou negando a anterior, sempre se aproveita dos avanços e conquistas até então efetuadas. Assim, a dita fase áurea da literatura latina se beneficiou — embora tacitamente — do labor enciclopédico efetuado antes de Augusto, principalmente por Varrão.⁸³

3.3. EQUILÍBRIO E RACIONALIDADE, ECLETISMO E CONCILIAÇÃO

Quanto ao equilíbrio emocional, como visto anteriormente, apesar de ser chamado por Cícero de homem ríspido e intratável, verifica-se, entretanto, que no ser profundo daquele provinciano sabino prevalecia a postura equilibrada, ancorada numa racionalidade que o proibia de atuar de forma radical nas várias circunstâncias. Natureza e razão em sua vida serão *natura* e *ratio* na sua teoria da linguagem. Para não prolongar uma guerra civil, ele aceitou o poder autárquico de César. Para despertar nos ânimos a mística da unidade nacional, empenhou-se em resgatar os antigos valores itálicos. Nas teorias buscou uma postura eclética, não sem conhecer antes cada tendência da filosofia grega: pitagórica, atomística, cínica, sofista, platônica, aristotélica, estóica e sincrética. Na linguagem, analisou Cleanto e Aristarco, ou seja, as contraposições mais recentes das escolas de Pérgamo e de Alexandria, mas observou também a postura intermediária dos eruditos de Rodes. Na gramática, procurou equalizar os extremos uso e norma, convenção e natureza, anomalia e analogia, *impositio* e *declinatio*. Esse equilíbrio permitiu-lhe ser pragmático sem ser materialista ou

meias colunas engajadas nas paredes da *cella*, formando um pseudoperípetro nos lados e atrás. Comparam também os relevos da *Ara Pacis* com os da heroína Tarpéia na estátua da Basílica Emília: o primeiro é o estilo grego-clássico, idealizado e elegante e o segundo é o estilo itálico, plebeu, dramático, intenso e direto. Sobre o templo de Nîmes, G. C. Picard (Picard, 1962, p. 13) comenta que se trata de um estilo combinado (itálico-etrusco e clássico).

⁸³ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 152) confirma que a obra varroniana foi útil e apreciada por todos os séculos do império, por autores pagãos e cristãos, que dele auferiram conhecimentos como de uma fonte inexaurível.

positivista, rechaçar a superstição religiosa sem negar a divindade, enfim, amalgamar Estado e religião como gestores da unidade nacional. Buscando o equilíbrio, praticou a ataraxia estóica nos duros momentos da notícia do triunvirato, da iminência de guerra civil, da perseguição de Marco Antônio e da temível proscrição, segundo B. Riposati, sem se abalar moralmente e sem perder o ímpeto na consecução do seu projeto intelectual (Riposati, 1976, p. 68).

Amigo de Pompeu, reconhecido por César, elogiado por Cícero, admirado por Plutarco, Plínio, Valério Máximo, Quintiliano, Suetônio e Agostinho, compilado por Jerônimo e citado por Aulo Gélíio, Diomedes, Probo, Carísio, Sérvio, Filargírio, Nônio Marcelo, Júlio Toledano, Donato, Pompeio, Caledônio, Lactâncio, Prisciano e Isidoro, Varrão é tido como o homem mais erudito de seu tempo, eminente autoridade nos domínios histórico-antiquários e o mais citado dos gramáticos antigos.⁸⁴

⁸⁴ J. Collart (Collart, 1978, p. 3) faz um estudo estatístico sobre o prestígio de Varrão junto a alguns gramáticos latinos. Compara o número de citações de Varrão com o número de citações dos demais gramáticos e chega à conclusão de que Varrão, de longe, é o gramático mais citado, como se verá no capítulo III.

SEGUNDA PARTE

SUPERESTRUTURA: NÍVEIS DE EXPRESSÃO

CAPÍTULO II

METALINGUAGEM NA OBRA VARRONIANA E NO *DE LINGUA LATINA*: EXPRESSÃO DA LATINITAS

A superestrutura de uma obra literária é constituída pelos fatores extrínsecos a esta, ou seja, motivadores de sua própria existência e constitutivos de seus elementos composicionais. Assim, a intencionalidade e a funcionalidade parecem surgir como os primeiros componentes dessa superestrutura, respondendo a duas questões fundamentais: Para quê? Como?

1. METALINGUAGEM NO TEXTO VARRONIANO: O SENTIDO DA OBRA

Qual o significado da obra de Marcos Terêncio Varrão na literatura latina? Como se explica o surgimento do *De lingua Latina*, que é o tratado lingüístico mais antigo de que se tem notícia no mundo romano? Qual foi a intenção principal desse texto ? Por que “metalinguagem” no título desta tese? São questões que requerem esclarecimento antes de uma simples e pronta resposta. Deve-se reconhecer, por exemplo, que a teoria das funções dialógicas da linguagem trouxe excelente contribuição para o entendimento do ato verbal. Aí se insere o tema da metalinguagem. Neste capítulo, cuidar-se-á de fazer um estudo sucinto dessas funções, focalizando esse tema apenas na medida necessária para fundamentar sua aplicação ao universo da obra varroniana e ao *De lingua Latina*. Então se poderá responder a esta questão mais concreta: Como se entende o conjunto da obra varroniana como uma metalinguagem no sentido amplo e o *De lingua Latina* no sentido estrito?

2. FUNDAMENTOS DA METALINGUAGEM: AUTORES

André Martinet assinala cinco funções da linguagem humana: comunicação, suporte do pensamento lógico, meio de expressão, afirmação do eu e função estética.⁸⁵ Esse autor não apresenta um nome específico para uma função que seria a metalinguagem. Parece ser a segunda, a de suporte do pensamento lógico, que mais se aproxima do sentido dessa função, porque força o emissor a uma constante verificação da gramaticalidade do código que está usando, para não gerar equívocos no ato verbal.

Outro pesquisador desse campo lingüístico, tendendo ao neurolingüístico, K. Bühler, estabelece três funções da linguagem: a expressão, o apelo e a representação,⁸⁶ sendo esta última, segundo ele, a mais importante e específica da linguagem humana — a que representa seu pensamento pelo sistema da dupla articulação. Bühler parece também não ter desenvolvido uma reflexão específica sobre o papel da metalinguagem (Cf. Mattoso Câmara, 1977, p. 18).

⁸⁵ A. Martinet (Martinet, 1964, p 6-7) afirma que a primeira função da linguagem (a comunicação) é a mais importante, pois é a própria manipulação da língua como instrumento e código da comunidade lingüística; a segunda função (suporte do pensamento lógico) é a que exige, por seu rigor, maior formalização ou gramaticalidade da língua; a terceira (meio de expressão) manifesta os estados emotivos e se diferencia da primeira (comunicativa) pela intenção do usuário, ou seja, pela necessidade, em si, de exteriorizar-se, sendo menos importante o interlocutor; a quarta (afirmação do eu) realiza-se no manejo das relações antitéticas eu - não-eu (que podem ser: eu - tu, eu - contexto, eu - mundo etc.); a quinta e última (função estética) se refere à intencionalidade artística da linguagem para criar a polaridade autor-obra.

⁸⁶ Segundo K. Bühler (Bühler, 1966, p. 2-3), a expressão lingüística acontece pela exteriorização psíquica, isto é, pelos indícios de comunicação do emissor com o receptor; o apelo ocorre no direcionamento intencional da linguagem para atuação social do emissor sobre o receptor; a representação é a função predominante e exclusiva da linguagem humana.

Entre os estudiosos da lingüística moderna, que refletiram sobre as funções da linguagem, destaca-se R. Jakobson. Ele parte das três funções apresentadas por K. Bühler, explica-as, pensando principalmente no contexto da comunicação oral, e impõe uma nomenclatura própria. A função referencial (o mesmo que denotativa ou cognitiva) corresponderia à função representativa de Bühler; a função emotiva, equivaleria à expressiva; e a conativa designaria a apelativa pensada pelo lingüista alemão. Além dessas, Jakobson desenvolve sua teoria sobre três outras funções: a fática, a metalingüística e a poética.⁸⁷ O autor considera que os falantes fazem metalinguagem inconscientemente quando querem esclarecer o significado de palavras ou da estrutura frasal. As expressões “quer dizer”, “isto é” indicam que se trata de um momento de verificação do código por parte do emissor, às vezes necessária,⁸⁸ para melhorar sua competência e atuação.⁸⁹ Em termos formais, numa gramática ou num tratado de lingüística, o objeto que se examina é o próprio código lingüístico para focalizar aspectos do seu funcionamento. Nesse caso, essa

⁸⁷ R. Jakobson (Jakobson, 1969, p. 118-62) diz que as três últimas funções foram deduzidas da observação da linguagem infantil e dos textos literários. Na função fática observa-se a preocupação do contato entre os interlocutores, principalmente no início da conversação. Na função poética, diferentemente de Martinet que centraliza essa função na intenção de produzir obra de arte literária, R. Jakobson focaliza o modo de produção da mensagem em si mesma. A metalinguagem é a revisão do código.

⁸⁸ Varrão recorre muitas vezes, espontaneamente, ao artifício metalingüístico contido no “isto é”. Por exemplo, neste passo do *De lingua Latina* (V, 81) afirma: *Censor ad cuius censionem, id est arbitrium, censeretur populus* [Censor; o povo será avaliado (*censeretur*) de acordo com sua avaliação (*censio*), isto é, seu arbítrio]. O autor deve ter percebido que o enunciado não apresentou uma evolução lexical (*censeretur, censio*); tratou de esclarecer imediatamente.

⁸⁹ Para N. Ruwet (*Introduction a la Grammaire Générative*. Paris: Plon, 1968, p. 18, *apud* E. Lopes — Lopes, 1995, p. 190 *et seqs.*), a competência seria “o saber lingüístico implícito dos sujeitos falantes, o sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro” em nível de *langue* e se diferencia do que Chomsky chama de *atuação* que seria a manifestação exterior, atualizada da *parole* (*performance*).

gramática ou tratado lingüístico constituiriam o momento ou o lugar mais explícito de metalinguagem.

Outro estudioso, D. Hymes (*The Ethnography of Speech*, p. 5-13, *apud* Leonor Scliar Cabral — Cabral, 1988, p. 216), estabelece uma relação entre fatores da fala e as seis funções do modelo de R. Jakobson e cria uma sétima função, a contextual, relativa ao ambiente físico, psicológico e lingüístico. Eis as relações entre fatores e funções que esse autor estabelece: emissor-expressiva, receptor-diretiva, mensagem-poética, canal-contactante, código-metalingüística, tópico-referencial, situação-contextual.

Finalizando, E. Coseriu, em vez teorizar sobre funções da linguagem, elabora um esquema de contextos lingüísticos que, presentes no ato da fala, enriquecem a mensagem pela atuação de componentes implícitos. São eles o contexto idiomático, o verbal e o extraverbal.⁹⁰

3. CONCEITUAÇÃO DE METALINGUAGEM: A ÊNFASE NO CÓDIGO

Para entender melhor o papel da metalinguagem, cabe recapitular o modo como se expressa o pensamento no esquema da lingüística moderna. No quadro das ciências naturais está a Semiologia ou Semiótica que estuda os sistemas de signos, quaisquer que sejam as suas esferas de utilização.⁹¹

⁹⁰ Segundo E. Coseriu (*Teoria del Lenguaje y Lingüística General*. Madrid: Gredos, 1967, *apud* L. S. Cabral — Cabral, 1988, p. 217), o contexto idiomático é o saber que subjaz como lastro em cada ato de fala. O contexto verbal recebe o nome genérico de contexto temático. O contexto extraverbal é constituído de circunstâncias não lingüísticas: contexto físico (entes, espaço, tempo), empírico-natural (coisas conhecidas), prático ou ocasional (tipo de receptor e situação), histórico (o passado particular do emissor e do receptor) e cultural (incorporado pela comunidade). Por exemplo, uma complicada fórmula de Física é um signo convencional não-lingüístico (como um apito, um gesto ou uma placa informativa no trânsito), cuja inteligibilidade precisa ser aprendida pela linguagem de signos verbais.

⁹¹ E. Lopes (Lopes, 1995, p. 15) observa que Saussure considerava a Semiologia como uma disciplina da Psicologia Social e que Charles Sanders Pierce confundia a Semiótica (a teoria formal dos signos) com a Lógica.

No interior da Semiologia, a Lingüística é a ciência que se especializa no signo verbal pelo qual se realizam as línguas naturais.⁹² Estas o homem utiliza para dois fins básicos: ou para falar sobre o *designatum* que é o que ele pensa de acordo com sua *imago mundi* (visão ideológica do mundo, segundo Chomsky) ou para falar sobre a própria linguagem que ele usa, que constitui o código. No primeiro caso, tem-se a função referencial ou interpretativa e figurativa ou representativa, e no segundo, a função metalingüística. Eis um esquema possível do quanto exposto:

pensamento	—> referente	—> função
<i>designatum</i>	—> <i>imago mundi</i>	—> referencial/interpretativa
		—> figurativa/representativa
língua	—> código	—> metalingüística

Por função metalingüística entende-se, pois, a função da língua que, em pleno ato comunicativo, interrompe a mensagem e se dirige ao código, questiona-o, considerando-o como referente, para explicitá-lo, explicá-lo ou corrigi-lo, para, assim, dando seqüência à enunciação (tornada inteligível) da mensagem na língua-objeto (língua natural), atingir o objetivo, o *designatum*. Em sentido amplo, entende-se que qualquer que seja a natureza do significante (plano de expressão), o estudo de seu significado (plano de conteúdo) se encontra num nível de metalinguagem (Lopes, 1995, p. 65). As línguas naturais, como o grego e o latim, na antiguidade, o português, o inglês, o francês, hoje, são as únicas garantidoras de inteligibilidade. Por exemplo, fórmulas da Matemática, Física ou Química poderiam ser explicadas por outros sistemas semióticos que não o lingüístico, ou por sistemas lingüísticos não naturais, mas a

⁹² E. Lopes (Lopes, 1995, p. 20) considera que a língua natural é o microcosmo do macrocosmo que é o total da cultura de uma sociedade. Cada língua recorta a realidade de um modo particular. As línguas naturais delimitam aspectos de experiências vividas por cada povo e essas experiências não coincidem. Por isso, uma língua pode expressar com inteira justeza somente sua própria cultura. Traduzir uma língua é uma tarefa muito difícil. Diz o autor: “As línguas naturais são uma espécie de metalinguagem universal, capaz de traduzir todos os códigos que elas mesmas modelaram”.

língua natural, embora nenhum sistema semiótico, inclusive o verbal, seja plenamente satisfatório, é a única que praticamente garante a inteligibilidade, uma vez que toda significação, em última análise, se reduz à expressão da língua natural. Nesse sentido, o emprego metalingüístico das línguas sempre foi percebido como instrumento de explanação da própria língua.⁹³ Por outro lado, a metalinguagem pode ocorrer também em etapas sucessivas.

4. LÍNGUA-OBJETO E METALINGUAGEM: SENTIDO AMPLO E ESTRITO

As línguas naturais são fechadas sobre si mesmas como um universo semântico; só se deixam traduzir ou por si mesmas ou por outra língua natural (Lopes, 1995, p. 310). Em Atenas, por exemplo, a explicação do léxico grego se fazia em grego, nos ἑτυμολογικά, criados pelos estóicos como um *corpus* lexical a serviço da filosofia.⁹⁴ Em Roma, inspirados no trabalho dos gregos, já se encontravam glossários, traduzidos e adaptados ao universo lingüístico latino. Élio Estilão já dispunha de um *Etymologicon* para desenvolver suas etimologias e seu discípulo Varrão

⁹³ E. Lopes (Lopes, 1995, p. 45) diz que toda significação é, finalmente, lingüística pois “ainda que a ciência, no interesse de uma transcrição e manipulação mais puras, possa romper a casca da linguagem, os seus símbolos não-lingüísticos devem ser retraduzidos para as línguas naturais para que seja possível a inteligibilidade”.

⁹⁴ F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 17 e 49) pondera que a etimologia clássica fora iniciada por Platão. Mas este logo percebera (no *Crátilo*) seu teor assistemático, empírico e, às vezes, ridículo e previu no seu nascimento seu falimento como ciência, por falta de base teórica. Não obstante, os estóicos se dedicaram a ela como método de investigação histórica da palavra e como subsídio imprescindível à sua filosofia. Zenão (fundador do estoicismo e primeiro a se empenhar no estudo da estrutura da língua), Cleante, Crisipo, Diógenes da Babilônia, Crates (gregos), Élio Estilão (romano), todos procuraram desenvolver o método; e Varrão, seguindo a esteira estóica, foi o último nessa tentativa, que, aliás, seria retomada só muito mais tarde, 600 anos depois, por Isidoro de Sevilha.

apenas quis dar continuidade a essa elaboração, aliás, concretizada nos livros etimológicos (V, VI e VII) do *De lingua Latina*.⁹⁵

A descodificação é a característica fundamental do processo metalingüístico. Assim, a obra varroniana, compreendendo mais de 70 títulos em 620 livros, pode ser entendida como uma metalinguagem ampla, porque ela buscava descodificar, ou seja, traduzir e interpretar para os romanos o seu universo cultural. Como perpétuo mecanismo do conhecer em todas as línguas vivas, descortinavam-se diante do romano comum dois universos: o cultural (o macrocosmo, no caso, o mundo real greco-romano, a *imago mundi*) e o lingüístico (o microcosmo representativo, no caso, a língua latina). Pode-se, então, dizer que no cerne da obra varroniana vigorava uma intenção metalingüística, isto é, de resgatar os dados históricos e valores pátrios e interpretá-los, em nível lingüístico, para os patrícios contemporâneos, a fim de levá-los a melhor perceber a riqueza sócio-cultural herdada e assim se tornarem cidadãos mais conscientes. Esta seria a semântica fundamental da obra varroniana em seu conjunto: uma vasta metalinguagem, em seu sentido amplo, do universo cultural greco-romano.

Entretanto, há também a metalinguagem em sentido estrito. Ela ocorre de forma explícita nas obras gramaticais de uma língua natural, como é o caso do *De lingua Latina*. Nesta, o código explica o código, ou, o latim, o latim.⁹⁶ Eis, pois, a finalidade do processo metalingüístico estrito e explícito no *De lingua Latina*: esclarecer o código para aperfeiçoar a

⁹⁵ Para melhor ilustrar o conceito de língua-objeto e metalinguagem ampla e estrita, imagine-se um mestre romano bilíngüe a ensinar grego a cidadãos romanos. A língua grega (matéria de estudo, disciplina) seria a língua-objeto e o latim (usado para explicar) seria a metalinguagem no sentido amplo. Agora aquele mestre ensina latim para romanos. Nesse caso o latim seria simultaneamente língua-objeto, enquanto disciplina, e metalinguagem estrita e explícita, enquanto instrumento lingüístico para ensinar a língua latina.

⁹⁶ Assim Varrão inicia o primeiro livro das etimologias: *Quemadmodum uocabula essent imposita in lingua Latina sex libris exponere institui* [Como os vocábulos foram impostos às coisas na língua latina, eu resolvi expor em seis livros] (V, 1).

competência e atuação do usuário.⁹⁷ A *latinitas* era o nível ideal de uso da língua latina na concepção de um profissional da gramática como Varrão.⁹⁸ A *latinitas*, ou o uso do latim, eficiente, correto e elegante, constitui a meta primordial e última ou o fundo semântico dos estudos gramaticais varronianos e especialmente do seu *opus magnum* que é o *De lingua Latina*. Para melhor entendimento, veja-se o esquema:

(língua-objeto)	—> (metalinguagem) > performance
s. lato = cultura romana	—> obra varroniana > nova <i>imago mundi</i>
s. estrito = latim	—> <i>De lingua Latina</i> > <i>latinitas</i>

Pela vasta temática abordada, como se verá, o conjunto da obra varroniana organizava e explicitava a massa de dados, fatos e temas sobre o mundo romano que povoava a mente do cidadão e polarizava seus interesses, de acordo com o grau de cultura e participação. Eis os principais temas: *patria*: etnias, lendas, folclore, nacionalismos; *religio*: mitos, deuses, festas religiosas, templos, cultos, sacrifícios, arúspices, adivinhação; *comitium*: datas, calendário, líderes, partidos, eleições, cargos; *maiores*: fundadores, reis, legisladores, heróis; *respublica*: senado, constituição, leis, demandas, fórum, burocracia; *bellum/pax*: revoltas, guerras sociais, guerras civis, proscrições; *imperium*: exército, guerras de conquista, fronteiras, bárbaros, invasores, colônias, províncias, poder, hegemonia; *rus*: terras, vilas, propriedades, cereais, agricultura, mercado; *otium*: cultivo do campo, vinho, banhos, jogos, circo, arena, vilas; *urbs*: arquitetura, prédios, aquedutos, vias e portos; *domus*: *matrona*, *paterfamilias*, indumentárias, cardápio e educação; *theatrum*: poetas, música, atelanas, comédias e tragédias; *philosophia*: escritores, poetas, oradores, escolas, doutrinas, biblioteca, mundo helênico, mundo oriental e

⁹⁷ Ou ‘performance’, na linguagem chomskyana.

⁹⁸ A *latinitas* como uso ideal da língua foi um conceito pensado por Cícero e por vários gramáticos posteriores como Quintiliano e Diomedes, conforme se verá no capítulo IX.

misticismo; *uirtus*: plebeus, patrícios, escravos; *urbanitas*: sofisticação, devassidão, decadência. Numa palavra: Roma, — que se colocava como universo e referencial de todas as vivências sociais. Tais e outros componentes do macrocosmo cultural vivido e intuído pela sociedade romana revestiam-se de papel social e eram todas linguagens no sentido vasto da palavra.⁹⁹ Ora, a interpretação mesma desse macrocosmo cultural (realidade pensada e vivida, plano de conteúdo) feita pelo microcosmo lingüístico (o latim falado e escrito, plano de expressão) constitui uma vasta metalinguagem pela qual se diferencia a obra varroniana das demais obras da literatura latina.

5. APLICABILIDADE: FORMA NOVA EM PROTOTEXTO

Embora a teoria das funções da linguagem se tenha fundamentado na língua falada, é válido aceitar que possa ser aplicada também ao texto escrito. Este, como produto da atividade lingüística, tem as marcas intencionais específicas de todo ato comunicativo escrito, envolvendo um autor-escriptor e um público-leitor. Igualmente, os textos clássicos, ainda que remotos e estabelecidos, mas sempre abertos à interpretação, podem e devem ser abordados pelos enfoques da ciência da linguagem em todos os tempos, desde que evitadas as anacronias e incompatibilidades interpretativas. Vedar essa heurística ou negar métodos de investigação moderna na abordagem de textos clássicos greco-latinos, significaria condená-los à perene quietude das estantes das bibliotecas. Daí a validade da verificação do processo da metalinguagem num prototexto lingüístico produzido há mais de dois mil anos, que é o *De lingua Latina* — mesmo estando ciente o pesquisador hodierno de que o escritor antigo não tinha consciência dessa função da língua.

Entende-se, como já dito, que a obra varroniana, inspirada no grande contexto sócio-cultural greco-romano-italico, é uma metalinguagem *lato*

⁹⁹ E. Lopes (Lopes, 1995, p. 21), a respeito dos conceitos de língua e cultura, cita Mattoso Câmara, segundo o qual “uma língua é resultado e sùmula de uma cultura; é o meio para a cultura operar, a condição para ela subsistir”.

sensu e que o *De lingua Latina* o é *stricto sensu*. Entretanto, cumpre notar que as funções da linguagem naqueles textos literários não ocorrem de forma exclusiva e unilateral e, sim, numa hierarquia em que se deve buscar distinguir as funções primárias das secundárias. Vejam-se as obras de Cícero, por exemplo. A maior parte delas, criadas por um gênio da retórica, estavam impregnadas do tom argumentativo e persuasivo intrínseco às peças oratórias. Outras, principalmente as cartas, surgiram em função de seus contatos com intelectuais contemporâneos ou de sua atuação como advogado, comunicador e formador de opinião. Por essas características, sua obra poderia, *grosso modo*, classificar-se como um especial exercício conativo-fático da linguagem. Já os textos dos poetas neotéricos, inaugurando uma estética erótico-intimista e surpreendentemente subjetivista, seriam de função expressiva. Era a força do lirismo egocêntrico de Valério Catulo¹⁰⁰ e dos elegíacos Tibulo,¹⁰¹ Sulpícia,¹⁰² Propércio¹⁰³ e Ovídio,¹⁰⁴ trazendo algo inteiramente novo à poética. Júlio César e Salústio fizeram-no numa linha primariamente referencial, o primeiro como comentarista e o segundo como iniciante de uma historiografia científica. As *Sátiras Menipéias* varronianas, algumas figurativas e outras temáticas, estariam, as primeiras, voltadas, com prioridade, para a função expressiva (como “*Sexagesis*” e “*Τρικάρανος*”) e as segundas, para a referencial, enquanto endereçadas à informação e à reflexão (“*Caue canem*” [Cuidado com o cão], *Nescis quid Vesper serus uehat* [Não sabes o que pode trazer o cair da tarde]). Entretanto, no todo,

¹⁰⁰ *Da mihi basia mille, deinde centum, deinde mille altera...*[Dá-me mil beijos, depois cem, depois outros mil] (Cat. 5, 7-8).

¹⁰¹ *Sit satis e membris tenuem perscindere uestem* [Seja suficiente rasgar do corpo a fina veste] (Tib. I, 10, 60).

¹⁰² *...ardorem cupiens dissimulare meum...*[...querendo dissimular meu próprio ardor...] (Sulp. III, 18, 6).

¹⁰³ *Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis* [Cíntia, com seu olhar, foi a primeira que, coitado de mim, me enfeitiçou...] (Prop. I, 1, 1).

¹⁰⁴ *Quo me fixit Amor, quo me uiolentius ussit...*[Quanto mais me feriu o Amor, quanto mais violento me queimou...] (Ov., A. A. I, 23).

apresentavam a função conativa, porque, como crítica, incluíam moralismo sob a máscara de humorismo e persuasão. O *Isagogicum ad Pompeum* era, provavelmente, de caráter conativo-apelativo, porque recomendava ao cônsul recém-eleito posturas adequadas junto ao senado. Os *Disciplinarum libri IX*, de interesse curricular, eram, essencialmente, obra de função referencial, mas também metalingüística no primeiro livro, provavelmente dedicado à gramática (*De grammatica*).

6. METALINGUAGEM: O CAMINHO LITERÁRIO, ERUDIÇÃO E POLIGRAFIA

A literatura latina se constitui de um grande repertório de gêneros e autores: teatro, poesia, prosa filosófica, histórica e científica, oratória, epistolografia etc., com as subdivisões conhecidas. Porém Cícero chama Varrão de *homo polygráphatos* (At., 13, 18, 2) face à variedade de assuntos abordados por ele e à cosmovisão (*Weltenschaung, imago mundi*) inserida em sua obra. Cícero já parecia compreender esse conceito quando, na publicação dos primeiros vinte e cinco livros das *Antiquitates (Res humanae)* em 56 a. C., homenageava o reatino numa fala muito sincera: “Todos nós vivíamos em nossa cidade como viajeiros errantes, como se fôssemos forasteiros nela, até que teus livros nos retornaram, por assim dizer, à nossa casa antiga, de maneira que podemos, por fim, saber de quem somos provenientes e onde moramos. Tu nos revelaste a idade de nossa pátria, a cronologia de nossa história, as instituições religiosas, sacerdotais, políticas e militares, a localização das comarcas e dos lugares; em uma palavra, os nomes, tipos, funções e causas de todo o divino e humano; tu jorraste esclarecedora luz sobre nossos poetas e, em geral, sobre a gramática e a literatura latinas; compuseste, servindo-te dos mais variados versos, uma obra cheia de colorida elegância (*Sátiras Menipéias*); e escreveste, enfim, sobre filosofia, se não o bastante para fazer-nos conhecê-la a fundo, ao menos os princípios para o seu estudo” (Cic., *Ac. post.* I, 3, 9). No final do século I d. C., passado o tempo mais que necessário para consolidar julgamentos e críticas, Quintiliano escrevia que Varrão era ...“o homem mais erudito de todos os romanos, autor de

muitíssimos livros cheios de doutrina, conhecedor profundo da língua latina, de todo o mundo antigo e da história romana e grega.”¹⁰⁵ Nos albores da Renascença italiana, após as primeiras edições do *De lingua Latina*, ao referir-se ao papel de Varrão, em seu tempo, Petrarca o considerou “um farol a iluminar o mundo romano”, *il terzo lume romano (Trionfo della Fama III, 38)*, ao lado de Cícero e Virgílio. Nos tempos modernos, E. Paratore vê no cerne da obra varroniana essa mesma função tradutiva de um universo cultural, realizada com a finalidade de despertar nos contemporâneos a consciência do mundo greco-romano: “A aspiração de sistematizar para os usos cotidianos as doutrinas que servem para ilustrar ao homem o mundo em que vive é, talvez, o sinal distintivo desse espírito prático de provinciano sabino e a herança mais durável que ele transmitiu ao mundo da cultura romana” (Paratore, 1983, p. 178). Se o mundo helênico e o próprio processo étnico-cultural estavam oclusos ao entendimento do cidadão romano da época, a obra varroniana surgiu como uma chave para o desvelamento, ou, na imagem do supramencionado poeta da Renascença italiana, uma como luz oportuna a iluminar um código obscuro. E foi nesse sentido que os próprios romanos, num gesto inédito de gratidão, erigiram-lhe uma estátua em vida.

Retornando, pois, aos quatro textos citados, verifica-se neles o comum entendimento de que o modo textual varroniano parece ser o da pluralidade, variedade e abundância de informações. Elas jorram da sensibilidade literária e da vasta erudição concretizadas numa ampla metalinguagem para os contemporâneos — modo literário que entusiasmou o próprio Cícero. Hodiernamente, a súpula produzida por Varrão seria comparável a uma espetacular enciclopédia que, *mutatis mutandis*, deixa também o homem moderno maravilhado e, de alguma forma, apaziguado em seu espírito, porque lhe oferece um código seguro para a leitura do mundo.

¹⁰⁵ Quint., *Inst. orat.* 10, 1, 95; as duas traduções são de minha responsabilidade.

7. OPERAÇÕES EXPLÍCITAS DE METALINGUAGEM NO *DE LINGUA LATINA*

Enfim, cabe analisar os principais ângulos sob os quais se exercita a metalinguagem no *De lingua Latina*. Vejam-se os itens sucintamente, antes de se passar ao desenvolvimento de cada um deles:

a) Varrão constrói metalinguagem explicando o sistema lingüístico por uma forma endógena, isto é, pelo latim ele explica o latim;

b) Quando, porém, necessário, ele recorre ao modo exógeno, esclarece o seu sistema (o latim) por outro, isto é, o sistema alternativo principal que foi o grego e por outros, secundários, que foram o céltico, o ibérico, o cartaginês, o sírio, o armênio, além das línguas e dialetos itálicos: o etrusco, o sabino, o osco-umbro;

c) O autor opera a metalinguagem pela prática etimológica; não só recorre a glossários existentes como também organiza o seu glossário, utilizando a metodologia etimológica para explicar o léxico latino;

d) Ele realiza metalinguagem erigindo uma teoria gramatical; coloca a estrutura gramatical ao lado do léxico, exibindo-os como as duas colunas de sustentação formal da língua;

e) Ele faz metalinguagem pela apresentação de planos de conteúdos no estudo da língua;

f) Ele estabelece metalinguagem pela forma de expressão, pelo modo como administra o ensino da língua: planeja, divide, define, fixa pontos importantes sobre a estrutura da língua, recapitula, com o fim de proporcionar uma eficiente aprendizagem da língua.

7.1. O LATIM PELO PRÓPRIO SISTEMA LATINO: FORMA ENDÓGENA

Homem de senso geopolítico, Varrão pôs em evidência o sistema lingüístico latino como fator de unidade itálica. Dedicou 10 obras, em 60 livros, ao estudo da língua latina. Sua intenção nesses livros, sobretudo no *De lingua Latina*, foi fazer metalinguagem, pois o referente imediato e

explícito é a própria língua latina. Nesse tratado há uma tomada de defesa do latim como código lingüístico autônomo e auto-suficiente (Collart, 1978, p. 18). Varrão parece querer esclarecer que o latim, definitivamente, tendo raízes próprias, não é dialeto grego.¹⁰⁶ Ele elabora uma formal distinção entre *nostra* e *aliena uerba* (V, 10), ou seja, as palavras autóctones e as palavras estrangeiras. Nesse mesmo passo, cria uma terceira classe, os *obliuia uerba*, as palavras caídas em desuso. No livro X, e com mais detalhes, ele divide os elementos lexicais da língua latina em três tipos (*genera*) (X, 69): *unum (genus) uernaculum ac domi natum* — palavras vernáculas, nascidas na pátria, como *sutor*, *pistor*, com seus dativos *sutori*, *pistori* [sapateiro, padeiro]; *alterum aduenticium* — palavras estrangeiras como *Hectores et Nestores* com seus acusativos *Hectoras*, *Nestoras* [homens semelhantes a Heitor e a Nestor];¹⁰⁷ *tertium nothum ex peregrino hic natum* — palavras bastardas, como *Achilles et Peles*.¹⁰⁸

Por outro lado, o autor repete com freqüência termos que reafirmam o papel sócio-lingüístico do latim: *nostra uerba* (V, 10); *nostra nomina* (VI, 2); *uocabula nostra* (VII, 65); *lingua nostra* (V, 29); *lingua uernacula* (VI, 40); *ἐτυμολόγον Latinum* [etimologia latina] (V, 29); *nostri* em oposição a *Graeci* (V, 36; VI, 6); *ueteres et nostri* [os antigos e os contemporâneos] (V, 98, 100); *antiqui nostri* [nossos antepassados] (VI, 58; VII, 39, 87, 88). Todos esses *nostri* são actantes dos vários verbos: *nominarunt*, *dicebant*, *uocabant*, *utuntur* [denominaram, diziam, chamavam, empregam] e

¹⁰⁶ F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 96) comenta que entre ser romanista ou helenista, Varrão pendia por uma moderada autoctonia do latim. A respeito da origem deste e segundo a teoria varroniana, houve um patrimônio lexical básico e inicial (*uernacula uerba*) ao qual se juntaram vocábulos de proveniência itálica, isto é, da língua etrusca e dos dialetos sabino e osco-umbro. A esses elementos lexicais básicos ter-se-iam ajuntado elementos estrangeiros, sobretudo gregos, mas também gálicos, ibéricos, siríacos, armênios, cartagineses, como se verá no capítulo X.

¹⁰⁷ Palavras grecizadas ou helenizadas, isto é, mantidas na declinação da língua grega (ex.: *Hectoras*, acusativo grego).

¹⁰⁸ Palavras latinizadas, isto é, adaptadas à declinação latina (ex.: *Hectorem*, acusativo latino).

remetem à idéia de posse: de um lado, os possuidores, os usuários; de outro, a coisa possuída que é o patrimônio lingüístico comum herdado do passado e construído no presente, como um *continuum*.

Varrão planeja o seu estudo afirmando que explicará primeiramente os *uerba nostra* (*cur sint*), depois estudará a origem dos *aliena uerba* (*unde sint*); quanto aos *obliuia*, irá deixá-los de lado (*relinquam*) ou até poderá comentá-los, mas somente quando tiver informações suficientes (V, 10). Por fim, diz que dará maior valor às palavras arcaicas, pois elas, mais que outras, mostram as origens da língua. Deduz-se que Varrão priorizará a explicação do processo derivativo pela fórmula endógena, isto é, em princípio, ele esclarecerá um vocábulo latino por outro vocábulo latino,¹⁰⁹ recorrendo ao grego somente quando o sistema lexical latino não apresentar solução etimológica aceitável.

7.2. O LATIM POR OUTRO SISTEMA: O GREGO E OUTROS; FORMA EXÓGENA

Nacionalista moderado, Varrão não se furtava a reconhecer os empréstimos lexicais tomados pelo latim. Quando necessário, recorreu ao grego, a outras línguas e aos dialetos itálicos para esclarecer o surgimento

¹⁰⁹ G. Pascucci (Pascucci, 1979, p. 342) comenta o fragmento 89 da obra *Antiquitates rerum diuinarum* (= G.R.F. 130, p. 234), no qual Varrão não considera bom o método de seu mestre, Élio Estilão que, insistindo em explicar as palavras latinas somente pelo latim, chegava a equivocar-se, ao fazer a etimologia de palavras gregas antigas: ... *in quo L. Aelius noster, litteris ornatissimus memoria nostra, errauit aliquotiens. Nam aliquot uerborum Graecorum antiquorum...reddidit causas falsas* [no qual Lúcio Élio, nosso mestre, exímio nas letras, pelo que nos lembramos, errou, por vezes. Pois de várias palavras antigas gregas...informou origens incorretas...]. Deve-se observar, primeiramente, a presença de um Varrão atento ao que acontecia ao seu redor no campo da etimologia; em segundo lugar, o rigor científico, que o levava a contestar seu ilustre mestre, não obstante os grandes conhecimentos deste na matéria; e, em terceiro lugar, a provável tendência itálico-nacionalista e conservadora de Élio em lingüística, a ponto de revelar pouca consideração pelo grego como fonte de empréstimos ao latim.

dos vocábulos latinos ou incorporados ao sistema latino.¹¹⁰ Ele apresenta a origem grega como informação certa: *Malum, quod Graeci Aeolis dicunt μάλον* [*Malum* (maçã) porque os gregos da Eólia dizem μάλον] (V, 102), ou como opção etimológica: *Apri ab eo quod in locis asperis, nisi a Graecis quod hi κάπροι* [*Javalis (apri)*, porque vivem em lugares ásperos (*asperis*); a não ser que venha dos gregos, já que estes dizem *cáproi* (κάπροι)] (V, 101). Ao contrário dos gregos, e graças ao seu nacionalismo comedido, Varrão considerava positivo para o latim o encontro ou confronto deste com as línguas estrangeiras, principalmente o grego.¹¹¹ Além dos empréstimos tomados deste, Varrão apontou alguns outros de fora do território itálico como do céltico (gaulês), do ibérico, do cartaginês, do sírio, do armênio, da língua itálica predominante, o etrusco, como também dos principais dialetos itálicos, o sabino e o osco-umbro — o que será objeto de estudo mais detalhado no capítulo X.¹¹² Superando o confinamento ao próprio território lingüístico latino, Varrão mostrou ter os princípios de uma visão moderna no que se refere a um ecumenismo lingüístico. Ele entende a

¹¹⁰ Varrão faz menção explícita de muitas palavras “*et potissimum quae in Graeca lingua putant Latina*” [e principalmente aqueles vocábulos latinos cuja origem se considera que esteja na língua grega] (VI, 96).

¹¹¹ M. Baratin (Baratin, 1988, p. 187) verifica que os gregos, puristas e ciosos de sua língua, não viam com bons olhos os solecismos internos, a ponto de chamar de bárbaros os que não falavam grego. Já os romanos parece não terem sido nem preconceituosos nem fundamentalistas na estima de sua língua, talvez devido à consciência de serem recentes beneficiários de outras culturas e línguas, especialmente a grega. Por exemplo, o conceito de *latinitas* teria surgido não por oposição ao de ἐλληνισμός mas, sim, por necessidade de criar um paralelismo. A *latinitas* tinha, no meio lingüístico culto, uma conotação livre e positiva, como um ideal a ser atingido. Com Varrão, esse conceito passou a incluir critérios normativos: natureza, analogia, uso e autoridade na língua. Já Cícero usara a *latinitas* como parâmetro para comparar o estilo de autores latinos, indigitando os maus latinistas como Pacúvio e Cecílio e apontando para a excelência do latim de César, como se verá no capítulo IX.

¹¹² Hipsícrates, gramático da época de Sila e citado no *De lingua Latina* (V, 88), havia feito um inventário de empréstimos tomados do grego pelo latim. Mas Aulo-Gélio ponderava que Hipsícrates, numa perspectiva oposta ao nacionalismo de Élio Estilão, cometia exagero (Gell., *N. A.* 16, 12, 6).

língua como uma árvore que tem uma área própria e delimitada para deitar suas raízes. Essas, porém, às vezes, se alastram por debaixo do terreno, extrapolam seus limites, invadindo, subrepticiamente, o subsolo vizinho (V, 13). Essa metáfora, vivida no campo, esclarece que cada língua é um sistema; este, porém, não é fechado e absoluto, pois a mútua interpenetração das línguas de povos vizinhos acaba sendo um fato lingüístico, proveniente do mundo cultural.¹¹³ Varrão verifica também que existem palavras com origem nebulosa, principalmente as que expressam tempo...*locus difficillimus aetuma*...(VI, 40), por não apresentarem raízes identificáveis na língua grega. Tal constatação revela que Varrão teve noção, ainda que tênue, de um método comparativista ou de uma língua mãe. Isso se insinua quando ele, segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 224), aplica suas fórmulas derivativas (A < B):

- *errare ab ἔρρειν* [*errare* (errar) de *ἔρρειν*] (VI, 96);
- *edo a Graeco ἔδω* [*edo* (eu como) de *ἔδω*] (VI, 84);
- *Stagnum a Graeco quod ii dicunt stegnon* [*Stagnum* (pântano) porque os gregos dizem *stegnon* (pântano)] (V, 26).

7.3. NA PRÁXIS ETIMOLÓGICA: PESQUISA HISTÓRICA E DIACRONIA

A investigação do léxico é dos momentos mais importantes da metalinguagem. É nos dicionários organizados, dos comuns aos especializados, que os usuários de uma língua podem verificar a origem e o valor de cada étimo. Varrão ocupou-se dessa tarefa na primeira hékada do *De língua Latina*. Ele diz (V, 1) que nos livros II, III e IV (perdidos) estabelecera as bases teóricas e a razão de ser do estudo etimológico e que nos livros V, VI e VII (supérstites) cuidará da prática etimológica, explicando cada palavra de acordo com uma determinada classificação. No mesmo parágrafo informa o leitor sobre duas vertentes fundamentais da natureza das palavras: de que objeto elas se originam (etimologia) e em que

¹¹³ Alguns autores vêem nessa consideração um vislumbre varroniano do comparativismo do século XIX, que revolucionou a filologia e abriu o campo para a hipótese de uma língua primitiva comum, o indoeuropeu.

se aplicam (semântica) (V, 2). Diz que dará prioridade ao estudo da etimologia.¹¹⁴ Esclarece o leitor sobre as duas formas de expressão lingüística: a prosa e a poesia. As palavras da prosa popular ele apresentará nos livros V e VI e as poéticas no livro VII. Um pouco mais adiante, informa sobre as quatro dificuldades crescentes do fazer etimológico, utilizando para isso a metáfora dos quatro graus ou degraus (V, 8-9). Há o nível popular da etimologia, o da gramática antiga que se dedicava ao comentário poético, o filosófico e o real-sacerdotal. Nesse mesmo passo, o autor abre a longa discussão sobre a *impositio uerborum*. Varrão parte da tese de que um ou vários *impositores* (ὀνομοθετοί) impuseram um estoque inicial de palavras na língua. Esse alguém era dotado de muita capacidade intelectual e detinha o poder régio, sacerdotal ou poético de impor: talvez o rei e o sacerdote (*ubi est adytum et initia regis* — V, 9). O quarto grau a que ele se refere pressionava a etimologia para uma zona transcendental, metafísica, querendo, talvez, com essa imagem, expressar a idéia de que a origem última da língua é inatingível ou inacessível à investigação científica, ou de que o patrimônio antigo da língua (arcaísmos) precisa manter-se preservado, em contraponto ao número avassalador de neologismos. São interpretações possíveis para um passo tão obscuro. Entretanto, paralela a esse problema da origem e da *impositio*, surge a

¹¹⁴ F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 49) considera que Varrão distinguia claramente a operação etimológica da atividade semântica; ou seja, na primeira, o reatino questionava por que e de onde se originam as palavras; na segunda, ele investigava em que objeto se aplica o sentido de um vocábulo ou qual seu valor de *sema* numa situação concreta. Cavazza entende que a dedicação maior à etimologia, que estava mais em moda, se devia à influência dos estóicos, preocupados com a pesquisa histórica da língua, que hoje corresponderia ao estudo diacrônico. A semântica, na verdade, não conheceu sua autonomia no mundo antigo. Todavia, Varrão entra implicitamente no campo dessa disciplina; aponta mudanças de sentido de palavras e elabora, por influência dos alexandrinos, etimologias de teor semântico, tendente mais ao comentário poético (como fez no livro VII, sobre termos poéticos) do que à pesquisa da origem das palavras. Essa vertente corresponderia, hoje, ao estudo sincrônico da linguagem ou à gramática de texto. Cavazza também confirma essa hipótese: se os estóicos elaboraram glossas de teor etimológico-histórico e exegético, os alexandrinos preferiram as de sentido etimológico-semântico e interpretativo.

antiga e magna discussão sobre a natureza da língua (V, 8): a língua é natural, expressa a própria natureza das coisas (realismo) ou é convencional (nominalismo)? Ela é φύσις ou θέσις?¹¹⁵ E assim Varrão passa para outro tema discutido no seu tempo: o da arbitrariedade do signo lingüístico. Logo após, ele estabelece que privilegiará os termos arcaicos (V, 9). Para um etimólogo, um vocábulo criado pelo rei Latino desperta maior interesse do que um criado, por exemplo, pelo poeta Ênio,¹¹⁶ porque, sendo mais remoto, está mais próximo das fontes da língua. Assim o fator antiguidade prevalece sobre o fator estética, pois oferece vantagem na investigação histórica da língua. Mais adiante, Varrão estabelece as premissas filosóficas para o desenvolvimento temático: palavras usadas na prosa, indicativas de espaço (livro V), palavras usadas na prosa, indicativas de tempo (livro VI) e palavras indicativas de espaço e de tempo (livro VII), porém já em nível poético (V, 10). Com esses dois conceitos pitagóricos, espaço e tempo, Varrão cria as duas categorias gramaticais básicas do nome e do verbo; em torno do nome: corpo (*corpus*), coisa (*res*), espaço (*locus*), imobilidade (*status*); e em torno do verbo: tempo (*tempus*), ação (*actio*), movimento (*motus*, *agitatus*) (V, 11) e aspecto (*infectum* e *perfectum* (IX, 32). Como se observa, no desdobrar desses conceitos fundamentais da linguagem, Varrão conduz seu leitor a um elevadíssimo patamar da metalinguagem, no qual explica que o processo etimológico é, prioritariamente, um método de pensamento e de pesquisa lingüística. Na rotina desse processo — depois de avisar aos estóicos genuínos que nem toda a origem de palavras pode ser desvendada¹¹⁷ —, Varrão passa à prática

¹¹⁵ Essas questões serão aprofundadas no capítulo XI, sobre a metalinguagem nas operações etimológicas.

¹¹⁶ Com esse exemplo Varrão parece admitir que poetas também podem ser *impositores*.

¹¹⁷ No *De lingua Latina* se lê: *neque omnis impositio uerborum extat* [...não se conserva todo o processo de imposição de palavras] (V, 3). Para Varrão, a etimologia se apresenta como uma ciência cujo objeto de estudo é mutável: algumas palavras desaparecem, outras se transformam, outras, ainda, não se adaptam às coisas (realidade) de modo perfeito. O terreno da pesquisa é obscuro e impõe modéstia ao pesquisador. Nisso ele dirigia uma crítica à metodologia estóica que estipulava que toda palavra tinha que ter uma explicação

etimológica com a possível segurança, decisão e rapidez, como neste exemplo: *Vineta ac uinea a uite multa. Vitis a uino, id a ui*. [*Vineta* (vinhedos) e *uineae* (vinhas) tomam nome da abundância da videira (*uite*). *Vitis* (videira) (deriva) de *uinum* (vinho) e este de *ui* (energia)] (V, 37).

7.4. NA TEORIA DA LÍNGUA: GRAMÁTICA, SISTEMA E SINCRONIA

Existe uma gramática natural na mente dos falantes de uma língua. Ela age de forma inconsciente no ato verbal, acarretando espontaneamente o encadeamento de semas e sintagmas nos três níveis do enunciado: na sintaxe, na semântica e na pragmática.¹¹⁸ Já a teoria da língua é a própria gramática, não a natural e sim a tética, aquela expressamente produzida pelos falantes. A gramática e o acervo lexical constituem, ambos, o que há de mais explícito em metalinguagem. Foi o que Varrão concretizou no *De lingua Latina*. Ao lado do estudo do léxico através da etimologia, ergueu sua teoria gramatical. Os lingüistas gregos já vinham tentando estabelecer uma gramática da língua. A única, porém, de que se tem notícia é a Τέχνη Γραμματική de Dionísio Trácio, elaborada por volta do ano 100 a. C., da qual resta uma parte. Não se sabe exatamente se Varrão conheceu essa gramática. Cumpre lembrar que o *De lingua Latina*, com seus 25 livros, não deixa de ser uma sùmula do universo lingüístico produzido anteriormente e, por isso, nesse tratado se inserem partes do que já estava consolidado. Porém Varrão, não obstante seu ecletismo, imprimiu na obra marcas originais da sua doutrina gramatical, tanto no plano do conteúdo como no da expressão, elaborando uma síntese própria. Nesse sentido, pode-se dizer que ele intuiu o sistema binário, intrínseco à própria

absolutamente certa. O nome ἐτυμολογία é revelador: ἔτυμον λέγειν = dizer a verdade, que Cícero traduziu por *ueriloquium*, como se verá com mais detalhes no capítulo XI.

¹¹⁸ Seriam, respectivamente: as relações que um signo mantém com os demais dentro do enunciado: função sintática; a relação de um signo enquanto veículo de informação direcionada para o seu objeto (*denotatum*): função semântica; a relação de um signo com o seu remetente/emissor e seu destinatário/receptor: função pragmática.

natureza da língua, envolvendo conceitos de fundo antitético, alguns ainda presos à filosofia, tais como: finito e infinito, tempo e espaço, corpo e movimento, teoria (ἐπιστήμη) e prática (ἐμπειρία, τέχνη), história (diacronia) e sistema (sincronia), morfologia (descrição) e sintaxe (função, combinação), analogia (*similitudo*, *ratio*, *proportio*) e anomalia (*dissimilitudo*), imposição (*impositio*) e declinação-flexão (*declinatio*), palavras primitivas (*uerba primigenia*) e palavras derivadas (*uerba declinata*), natureza (φύσις) e convenção (θέσις), regra (*ratio*) e uso (*consuetudo*), verbo e nome, poesia e prosa (*oratio soluta*) etc. Varrão preocupa-se também em apresentar a divisão da obra em hexas e tríades, que, fundamentalmente, são binárias e obedecem ao seguinte esquema:

história —> etimologia —> *impositio* —> tríade teórica (livros II, III, IV)

—> tríade prática (livros **V, VI, VII**)

sistema —> morfologia —> *declinatio* —> tríade teórica (livr. **VIII, IX, X**)

—> tríade prática (livr. XI, XII, XIII)

—> sintaxe —> “*coniunctio*” —> tríade teórica (XIV, XV, XVI)

—> tr. prática (XVII, XVIII, XIX)

—> “*coniunctio*” —> (livros XX —> XXV).

Obs.: Os números grifados indicam os livros supérstites do *De lingua Latina*.

Não cabe aqui desenvolver todos esses conceitos binários. Um deles, talvez o de maior importância, vincula-se ao mecanismo de economia da língua. Trata-se da *impositio* e da *declinatio*. A primeira prende-se ao campo da etimologia, abrindo-se para a investigação da língua no seu aspecto histórico-diacrônico. A língua é produto histórico, por isso é dinâmica, dispersiva, instável, mutável, incontrollável, anômala. A *declinatio* é a base da morfologia e fundamenta a língua como estrutura e sistema sincrônico, fechado, impondo racionalidade, estabilidade e economia, em contraponto ao princípio caprichoso da *impositio*. Esta cria

os radicais do léxico através dos impositores,¹¹⁹ a *declinatio* erige a gramática através da analogia, enquadra em regras, permitindo a articulação (sistema flexional) relativamente econômica da língua. Mas é também um fator criador e multiplicador, não das palavras primitivas pré-existentes (radicais), mas sim, de derivadas.

O *De lingua Latina* é a primeira tentativa formal nas letras latinas de fazer descer a linguagem de seu antigo pedestal filosófico, como a entendiam acadêmicos, peripatéticos e estóicos, para o campo técnico-gramatical em que, desde meados do século II, a vinham moldando os eruditos ecléticos de Pérgamo e de Alexandria e sincréticos de Rodes.¹²⁰ Ora, elaboração da história do léxico (etimologia), criação de uma teoria da língua, exposição de normas gramaticais, demonstração dos mecanismos que regem as estruturas da língua (gramática) constituem os momentos expressos da metalinguagem.

7.5. NO PLANO DE CONTEÚDOS: SIMBIOSE ENTRE FILOSOFIA E GRAMÁTICA

Os estudos varronianos em torno da linguagem compreendem 10 obras em 60 livros. J. Collart estabeleceu uma estatística sobre a quantidade das operações etimológicas realizadas por Varrão no conjunto das suas obras;

¹¹⁹ Talvez Varrão não se tenha preocupado em definir quais foram esses *impositores*, ou seja, criadores do léxico básico. É possível que ele tenha pensado abstratamente, isto é, no fato em si de que palavras nascem, palavras morrem de acordo com a necessidade dos usuários. Pensa-se, por exemplo, que se está criando um neologismo, como *clone*, quando, na verdade, recorre-se a velhas e esquecidas raízes: κλών, ὠνός = o desenvolvimento, o rebento, o ramo, o broto, o renovo (Cf. A. Bailly — Bailly, 1950).

¹²⁰ F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 38) esclarece que Crates de Malos foi um mediador nos estudos lingüísticos de seu tempo, quer dizer, ele estaria entre a tendência filosófica e a gramatical. Cita F. Müller que, justamente, caracterizara Crates como “*grammaticus in philosophis*” e “*philosophus in grammaticis*”. Quanto a Varrão, não obstante sua projeção como gramático e seu interesse menor pela especulação filosófica, Suetônio, no *De grammaticis et rethoribus*, cita-o como filósofo e não como gramático. Cf. F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 20).

chegou a 1750 verbetes,¹²¹ sendo 1350 somente no *De lingua Latina*. Ao lado desse *quantum*, demonstrativo do empenho varroniano, tem-se a qualidade, isto é, o repertório de temas selecionados e tratados de forma explícita ou implícita por Varrão. Embora estivesse ele atento ao interesse da época pela gramática, sentia-se ainda caudatário daquela visão de predomínio da filosofia sobre a nova disciplina, de forma que as grandes divisões do *De lingua Latina* correspondem a grandes temas da filosofia. Por exemplo, o tempo e o espaço, conceitos elaborados especialmente pelos estóicos. O livro V trata de etimologias referentes às realidades de espaço e lugar. Já o livro VI desenvolve etimologias de nomes de realidades vinculadas ao tempo, inclusive as ações. Essa divisão de nível filosófico vai repercutir na divisão gramatical, sob a forma de nomes (substantivos) e verbos. De fato, se Varrão trata de verbos, isto ele o faz no livro VI. Já o livro VII reúne esses dois critérios de tempo e espaço aplicados a termos poéticos. Aliás, a própria estrutura do livro VII, elaborado segundo o modelo etimológico-semântico alexandrino, manifesta distanciamento do autor em relação ao estilo estóico e, ao mesmo tempo, aproximação da forma alexandrina. Justamente os alexandrinos se empenhavam em livrar a gramática da esfera da filosofia. Vejam-se alguns temas já discutidos e outros por apresentar: a noção de código lingüístico, ou seja, língua vernácula em contraste com a língua estrangeira (*nostra* e *aliena uerba*), a sua origem (sentido histórico-evolutivo), a natureza da língua (natural ou convencional: arbitrariedade do signo), a noção da língua como sistema (*ratio*, *analogia*, *proportio*), a economia da linguagem (*declinatio*= declinação, derivação e conjugação), o uso como território da anomalia, a norma como base da analogia, a consabida classificação: etimologia, fonética, alfabeto, ortografia, morfologia (formação de palavras), sintaxe, tempo e aspecto verbal. Subjacente a todos esses temas encontra-se o grande tema da *latinitas*, verdadeira mola propulsora do autor pelo direcionamento metalingüístico do *De lingua Latina*.

¹²¹ J. Collart (Collart, 1978, p. 17) esclarece que os dados estatísticos se baseiam no *De lingua Latina*, no *De re rustica* e em 468 fragmentos de obras diversas.

7.6. NA FORMA DE EXPRESSÃO: COESÃO TEXTUAL E COERÊNCIA

É preciso considerar o modo pessoal com que Varrão realizou a metalinguagem do latim. Primeiramente, seu tom gramatical é mais descritivo que normativo. Apresenta a gramática como um longo tratado, despreocupado e distanciado do sentido dos manuais acadêmicos posteriores. Há, sem dúvida, divisões e subdivisões, classes e subclasses, mas o autor redige os grandes temas de forma contínua, sem explicitá-las demasiadamente, do começo ao fim do livro. Uma preocupação constante é a planificação do assunto nos inícios dos livros, como também a referência ao que já foi (anáfora) e ao que será (catáfora) desenvolvido no texto. Para as tríades teóricas ele cria um esquema dinâmico e conhecido da retórica: *contra, pro, de* [contra, a favor e sobre], inspirado na fórmula dialética da tese, antítese e síntese. Segundo A. Traglia, *O De lingua Latina* apresenta um desenvolvimento inédito, diverso do da *Tέχνη γραμματική* de Dionísio Trácio. Embora Varrão não faça nenhuma referência a essa obra, é possível que a tenha conhecido através de Tirânio, discípulo de Dionísio. A gramática dionisiana, já tomara aspectos escolásticos, incluindo o interesse acadêmico-didático, enquanto o *De lingua Latina* fora concebido como um tratado de lingüística (Traglia, 1976, p. 177-95). Assim, o *opus magnum* varroniano representa uma continuidade em relação aos conteúdos gramaticais gregos e latinos anteriores — que existiam de forma muito dispersa — e, ao mesmo tempo, uma ruptura no modo de apresentação dos estudos lingüísticos.

Seleção, classificação, subdivisão, definição, recapitulação, progressão temática, uso de conectores e dêiticos, linguagem telegráfica — a todos esses meios Varrão recorreu para conferir coesão e economia interna ao seu texto. Projeção e articulação do assunto, perseguição aos seus objetivos temáticos e, sobretudo, manutenção de uma postura eclética, moderada e conciliadora — não lhe faltaram para dar consistência e coerência ao seu trabalho. Enfim, coesão textual e coerência ideológica são marcas do texto varroniano e resultam espontaneamente da originalidade e unidade temática, do modo pitagórico na enumeração de componentes, da solidez e autonomia doutrinária (Cavazza, 1981, p. 156-7), do investimento na

conciliação de teorias, da síntese que Varrão faz de suas fontes, do seu poder de crítica, da modéstia perante as limitações, do afã didático e expositivo, da presencialização do binômio autor-leitor na obra e, por último, mas não o último, da permanente perspectiva interdisciplinar, ínsita na própria estrutura intelectual do erudito reatino nas dimensões de lingüista, historiador e filósofo. Verifica-se no *De lingua Latina*, ao lado da seriedade e da necessária frieza científica do pesquisador, o compromisso do mestre empolgado por um só assunto: a língua latina e sua metalinguagem.

Concluindo este capítulo, observa-se que o mundo romano viveu, em meados do século I a. C., o auge de uma fase turbulenta e dramática, com guerras civis e proscritões e com sombrias perspectivas de mudança de regime de governo e de Estado. Este, de forma preocupante, derivava acéfalo, pois o regime republicano não previa que um só executivo, único e forte, pudesse enfeixar as rédeas do poder político-militar. Em decorrência, por incompetência do Estado, a carruagem da sociedade era arrastada para os ínvios caminhos da guerra civil. Na literatura, Valério Catulo ensaiara e logo cessara seu lirismo leve e despreocupado. Na verdade, parecia não ser momento propício à poesia lírica. Ou, se ela aconteceu, foi por necessidade de fuga de um contexto político turbulento. Ao contrário, refletindo a crise, proliferaram os fortes textos retóricos e de jurisprudência (Cícero, Hortênsio), as histórias de guerra, crônicas e biografias (César, Salústio, Cornélio Nepos). Mas foi também o momento da erudição de Varrão reatino, ou seja, de seus longos e profundos textos sobre o antiquário romano e seu inventário, de suas grandes sínteses históricas, de seus ensaios sobre a identidade desse povo, agora imerso em guerras civis. E foi também o momento de ele produzir seu *opus magnum* gramatical, o *De lingua Latina*, para sondagem das origens e das estruturas do código lingüístico comum, na intenção de projetá-lo como alicerce de novas e grandiosas metas geo-políticas do povo romano, ou seja, o império. Notáveis intelectos romanos assistiam ao tristonho desfecho da República e procuravam explicá-lo. Foi nesse interregno, entre a República agonizante e o Principado em gestação, que também brilhou a estrela de Marcos Terêncio Varrão, luz dos romanos, na visão de Petrarca e de F. della

Corte, como já comentado anteriormente. A totalidade de sua obra foi, em sentido lato, uma vasta metalinguagem da cultura da época e o *De lingua Latina*, no estrito, uma brilhante metalinguagem do código lingüístico dos romanos, o latim.

CAPÍTULO III

ESTRUTURA COMPOSICIONAL E TEMÁTICA DA OBRA VARRONIANA – A OBRA GRAMATICAL

Dando prosseguimento ao estudo da superestrutura da obra varroniana, cabe analisar-lhe a composição física e a variada articulação temática. Neste capítulo, impondo limite à análise, essa superestrutura será examinada nestes três níveis, decrescentes na quantidade, mas crescentes em intensidade:

- 1.^o - a vasta obra varroniana, em seus aspectos gerais;
- 2.^o - as obras gramaticais que circundam o nascimento do *De lingua Latina*; e
- 3.^o - o texto do *De lingua Latina* e os fragmentos de teor gramatical.

O estudo da composição física e temática das obras varronianas compreenderá o legado escrito varroniano, sua reconstituição, os eruditos, filólogos e lingüistas mais dedicados a esse trabalho, a sua cronologia, os títulos, o número de livros de cada obra, a temática e a forma redacional e o agrupamento por assuntos. Descendo ao *De lingua Latina*, depois de um exame dos livros e dos fragmentos de teor gramatical, serão examinados os editores, as edições, a estrutura composicional e temática dessa obra; e, ao final, serão feitas algumas considerações sobre o conteúdo dos livros que, supostamente, seriam referentes à sintaxe.

1. A OBRA VARRONIANA: CONJECTURAS SOBRE O LEGADO ESCRITO

A princípio, o estudo da obra varroniana apóia-se em algo inconsistente, assemelhado, talvez, aos dispersos destroços de um naufrágio em alto mar, aportando na orla, como vestígios do que fora uma grandiosa nau; ou, talvez, a um estupendo campo arqueológico exibindo os raros e proeminentes pilares, o fraturado entablamento, os fragmentos de fragmentos pelo chão, índices do que se erguera como um imponente

complexo arquitetônico. Essas possíveis imagens convidam o pesquisador a entrar no vasto campo das conjecturas. Porém é sobre estas e mais algumas poucas certezas que pertinazes estudiosos tentaram fazer a reconstituição da obra varroniana — admirável trabalho que não pode nem deve também correr o risco de perder-se.

2. EDITORES, TRATADISTAS E ESTUDIOSOS

Em 39 a. C., aos 77 anos, Varrão calculava que já havia escrito 490 livros, dos quais muitos se haviam perdido no tempo da perseguição antoniana (Gell, *N. A.* 3, 10, 17). Jerônimo (340 a 420 d. C), num catálogo considerado incompleto, cita 39 obras varronianas, compreendendo 320 livros.¹²² Com os dados provenientes de escritores, gramáticos e escoliastas, F. Ritschl (cf. J. Heurgon, 1978, p. XVI) conseguiu enumerar 74 títulos, abrangendo cerca de 620 livros. Entretanto, de todo este acervo restaram:

- uma obra completa, o *Rerum rusticarum libri III* (ou *De re rustica*);
- 6 livros (dos 25) do *De lingua Latina*, e com não poucas lacunas;
- numerosos fragmentos, dos quais 608 gramaticais.

¹²² Esse famoso catálogo foi estudado por F. Ritschl (*Opuscula* 3, 419 *et seqs.*), por H. Dahlmann (*P. W., Suppl.*, col. 1181) e por F. della Corte (*Varrone, il terzo gran lume romano*, p. 237 *et seqs.*). Segundo esse último autor (Della Corte, 1937, p. 153), o catálogo jeronimiano, que também apresenta problemas de fonte e de autenticidade e segue certa sistematização cronológica, surgiu da admiração de Jerônimo pelos dois, segundo este, mais fecundos escritores gregos e latinos: Orígenes e Varrão. Esse catálogo apresenta a obra varroniana em cinco partes: 1.^a) obras de erudição, história e filosofia, compreendendo as realizadas desde *Antiquitates* (55 a. C.) até *De similitudine uerborum*, tendo sido as últimas obras produzidas na época da atuação de Varrão na biblioteca pública de Roma; 2.^a) obras de assunto burocrático-jurídico, como *Legationes*, *De iure ciuili*; 3.^a) os ἐπίτομαι, ou seja, obras resumitivas das *Antiquitates*, de *Images* e do *De lingua Latina*; 4.^a) obras da vida privada e da senectude, sobre filosofia e agricultura; 5.^a) obras não doutrinárias: poesia e prosa, sátiras e *orationes* (observe-se que, embora relacionadas por Jerônimo nesta última parte, as *Sátiras Menipéias* pertencem, cronologicamente, à fase inicial).

Diante dessa lamentável perda, os críticos modernos resignam-se a chamar Varrão genericamente de polígrafo. Na verdade, a reconstituição da cronologia de uma obra, produzida ao longo de pelo menos 60 anos (de 84 a 27 a. C.) e constituída de multifária temática, apresenta problemas complexos de identificação, por vezes insolúveis, devido à falta de documentação. Não obstante, muitos eruditos do século passado se envolveram no trabalho fundamental de crítica do texto e reconstituição, sendo os mais citados: K. O. Müller (1833), L. Spengel (1854), H. Keill (1855), F. Ritschl (1857), G. Boissier (1861), que elaborou uma biografia de Varrão (*Étude sur la vie et les ouvrages de M.T. Varron*. Paris, 1861), H. Kettner (1865), A. Wilmanns (1869), P. Mirsch (1882), O. Ribbeck (1886), E. Norden (1893), R. Ahagd (1898). Segundo observa J. Collart (Collart, 1954, p. 22), esse árduo trabalho de reconstituição ficou inacabado. Foi, porém, retomado com bastante consistência por H. Dahlmann (1935) e F. della Corte, o qual, no apêndice de sua obra *La filologia latina dalle origine a Varrone* (1937), dedicou onze judiciosas páginas ao assunto.

Na primeira metade deste século XX, os estudos varronianos se direcionaram, *grosso modo*, para a consolidação do vasto trabalho crítico do século XIX, ou seja, para edições críticas completas das obras supérstites (*De re rustica* e *De lingua Latina*) e dos fragmentos. Muito se elaborou, portanto, como já exposto, sobre a reconstituição da obra, mas, não menos, sobre as fontes varroninas.

Na segunda metade deste século, os estudos se encaminharam para edições críticas parciais — cada autor se especializando na edição de determinado livro —, além de alguns tratados, traduções e numerosos ensaios. Na seqüência cronológica dos trabalhos produzidos, seguem os nomes mais citados que, como editores, tratadistas e comentaristas, ou reunindo as três atividades ao mesmo tempo, trouxeram sua contribuição direta ou indireta ao esclarecimento das obras de Varrão neste século. Foram eles: R. Reitzenstein (1901), H. Funaioli (1907), P. Fraccaro (1907), G. Goetz - F. Schoell (1910), H. Usener (1913), W. M. Lindsay (1921), C. Cichorius (1922), Bücheller-Heraeus (1922), H. Dahlmann (1932, 1940, 1953, 1963, 1976), A. E. Giffard (1935), R. G. Kent (1938, 1951), F. della Corte (1937, 1954, 1963, 1976), V. Pisani (1947-1976), B. Riposati (1949,

1972, 1976), J. Heurgon (1950-1978), A. Mazzarino (1952), H. J. Mette (1952), Collart (1954, 1963, 1978), V. d'Agostino (1955, 1976), A. Traglia (1956, 1974, 1976), K. Barwick (1957), E. Vetter (1958), R. Schrötter (1959, 1963), D. Fehling (1969), B. Cardauns (1976), R. Riganti (1978), F. Cavazza (1981), C. Guiraud (1985), P. Flobert (1985), M. A. M. Casquero (1990). Segue ainda o elenco de outros estudiosos que trouxeram contribuições importantes, embora mais pontualizadas, como G. Pascucci, W. Belardi, J. P. Cèbe, J. Fink, M. Gigante, P. Boyancé, G. Calboli, A. Michel, I. Oko, E. Laughton, G. Ranucci, J. E. Skydsgaard, J. Stefanini, D. J. Taylor, A. Trapé, E. Paratore, A. Garzetti, J. H. Waszink, U. Pizzani, J. Ijsewijn, B. Zucchelli. Além desses, há também a colaboração de outros estudiosos vertida nos periódicos do Centro di Studi Varroniani de Rieti (Itália) bem como nas Atas do Congresso Internacional de Estudos Varronianos ocorrido naquela cidade em 1976, em comemoração ao bimilenário da morte do escritor sabino.

3. O TRABALHO DE RECONSTITUIÇÃO

Para se ter uma idéia do volume e amplitude dos assuntos tratados por Varrão, cabe elencar os títulos de suas obras, uma cronologia aproximada e um rápido comentário, quando possível. Este elenco se fundamenta principalmente na reconstituição elaborada por F. della Corte na obra já citada, que é o estudo moderno que mais se aproxima do dos eruditos do século passado, conforme J. Collart e E. Zaffagno.¹²³ A divisão da obra varroniana revela-se complexa se se consideram os aspectos eidográficos-cronológicos, temáticos e outros. Em linhas gerais, pode-se dividi-la em quatro grandes partes ou conjuntos temáticos:

- obras de erudição sobre a antiguidade: história, antiquário e teologia;
- obras sobre gramática, filologia, crítica literária e dramatologia;
- obras de interesse didático: técnico, doutrinário, jurídico, burocrático;

¹²³ J. Collart (Collart, 1954, p. 23) e E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2321) confirmam que os estudos realizados no século XIX e na primeira metade do século XX giraram em torno da crítica literária.

- obras de finalidade filosófico-artística.

Seguindo essa divisão e incluindo as duas obras supérstites (*De lingua Latina* e *De re rustica*), eis as obras que Varrão teria escrito, reunidas por conjunto de assuntos pertinentes:

a) Obras de erudição sobre a antiguidade: história, antiquário e teologia

- *Antiquitates*, em 41 livros. Dividia-se essa obra em duas grandes partes: *Res humanae* em 26 livros, publicada em 56 a. C. e *Res diuinae* em 15 livros, publicada em 47 a. C., sendo esta segunda parte dedicada a César, Sumo Pontífice. Era obra doutrinária, de teor preponderantemente histórico-antiquário, religioso e filológico. Por essa obra, Varrão recebeu de Cícero o título de *diligentissimus inuestigator antiquitatis* (Br. 15, 60), que se poderia traduzir por antiquarista, no amplo sentido de apreciador, inventariante e comentador;

- *De uita populi Romani* em 4 livros, composto entre 56 e 44 a. C. Teve por modelo a Βίος Ἑλλάδος de Dicearco de Mesina. Desenvolvia a história romana em 4 épocas: Monarquia, República, Guerras Púnicas/Aníbal e história contemporânea. A obra foi dedicada a Ático;¹²⁴

- *De familiis Troianis*, em diversos livros. A obra foi composta em 68 a. C.; envolvia pesquisa genealógica e heráldica, em função da antiguidade de certas famílias patrícias romanas;¹²⁵

- *Rerum urbanarum libri III*. É a última obra do elenco de São Jerônimo;¹²⁶

¹²⁴ B. Riposati (*M. Terenti Varronis, De uita populi Romani*. Fonti, esegesi, edizione critica dei frammenti. Milano, 1978; *apud* E. Zaffagno – Zaffagno, 1988, p. 2321) como também J. Collart (Collart, 1954, 19) confirmam a dedicatória do *De uita populi Romani* a Ático.

¹²⁵ E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2321) alude ao fato de que, nessa época, César, numa tentativa autopromocional, pretendia alinhar sua família à progênie de Vênus, mãe de Enéias, segundo os cânones do ciclo lendário troiano.

¹²⁶ E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2322) observa que, segundo o escoliasta (o próprio Jerônimo), nada se pode dizer dessa obra a não ser que tenha uma correspondência analógica com o *De re rustica*.

- *Liber tribuum*, publicado entre 47 e 45 a. C. É citado por Varrão no *De lingua Latina* (V, 56);¹²⁷

- *Annalium libri III*. A obra foi dedicada a Ático; apresentava uma descrição da Roma antiga, inclusive das suas “virtudes e vícios, glórias e humilhações, instituições privadas e públicas, ritos religiosos oficiais e domésticos” (Zaffagno, 1988, p. 2321);

- *De gente populi Romani libri IV*. Publicada após 43 a. C. A obra incluía a questão da deificação de César, após o assassinato;¹²⁸

- *Legationum libri III*. Era obra autobiográfica, sobre a atuação do autor como legado na Ilíria em 78 a. C., na Espanha (Hispania) em 76-72 a. C., na guerra pirática em 67 a. C., e, novamente, na Espanha em 49 a. C.;

- *Aetia*, obra de 60 a. C. É conhecida por alguns fragmentos de Sérvio. (*Ad Aen.* 1, 418 ; 8, 128, *apud* B. Riposati — Riposati, 1976, p. 73);

- *De Pompeio libri III*. Era obra biográfica e de propaganda política;

- *De sua uita libri III*. Tratava-se de obra autobiográfica, elaborada na fase senil;

b) Obras sobre gramática, filologia, crítica literária e dramatologia

- *De descriptionibus libri III*. Era um tratado sobre os elementos constitutivos das comédias e um estudo dos caracteres dos personagens;

- *De personis libri III*. O argumento é incerto. Conforme F. della Corte, seria o mundo do teatro e suas máscaras; ou tratava do nome “*persona*” metaforicamente, como o indivíduo perante o Estado (cf. também Zaffagno, 1988, p. 2320);

- *De actis scaenicis libri III*;

¹²⁷ E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2322) observa que, talvez, o *Liber tribuum* tenha sido um destaque da obra *Antiquitates rerum humanarum*.

¹²⁸ Segundo J. Tondriau (Romains de la république assimilés à des divinités. *SO XXVII*, 1949, p. 128-40, *apud* E. Zaffagno — Zaffagno, 1988, p. 2321), há também, nessa obra varroniana, uma previsão da época de ouro e da apoteose de Otávio Augusto.

- *Scaurus uel De scaenicis originibus libri III*;
- *De actionibus scaenicis libri V*. Esta obra e as duas anteriores tratavam de história e crítica dramatológica; estariam em conexão temática com os estudos plautinos;¹²⁹
- *Quaestionum Plautinarum libri V*. Era obra de crítica literária e interesse gramatical (Riposati, 1976, p. 72);
- *De comoediis Plautinis*. A obra fixava as 21 comédias autênticas de Plauto, que constituem o *Corpus Varronianum*;¹³⁰
- *Epistulae Latinae* em 8 livros. A obra fora composta antes de 44 a. C.; algumas cartas eram endereçadas a César;
- *Quaestiones epistolarum*, em 7 livros. Obra do gênero epistolográfico, reunia escritos da fase juvenil;
- *De bibliothecis libri III*. Obra de difícil datação, não deve ter sido anterior a 47 a. C.;¹³¹
- *De lectionibus libri III*. Tratava-se de pesquisa erudita e crítica literária;¹³²
- *De compositione saturarum*. É desconhecido o número de livros e a data de composição, mas provavelmente se tratava de obra juvenil, de conteúdo teórico sobre a sátira;¹³³

¹²⁹ B. Riposati (Riposati, 1976, p. 72) informa que os pouquíssimos fragmentos dessas obras dramatológicas encontram-se na obra de H. Peter. *Historicorum Romanorum Reliquiae*. Leipzig: Teubner, 1906-1914, p. 235 *et seqs.*

¹³⁰ B. Riposati (Riposati, 1976, p. 73) observa que sobre as comédias plautinas proliferaram falsificações. Deve-se muito a Varrão a revelação do Plauto autêntico através do citado *Corpus Varronianum*, não só com base no estilo, como fez Élio Estilão, mas também em documentos e arquivos, além da análise do aspecto didascálico.

¹³¹ E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2319) observa que essa obra se vincula, provavelmente, à época da atuação do escritor na direção da biblioteca pública.

¹³² E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2319) informa que Varrão uniu a pesquisa erudita à crítica literária, envolvendo textos de Plauto e de outros poetas.

- *De proprietate scriptorum libri III*. Nela o autor expunha os ditames da analogia e os princípios do purismo lingüístico;¹³⁴
- *De poematis libri III*. A obra é citada no *De lingua Latina* como projeto (...ut de poematis cum scribam, ostendam [como demonstrarei quando eu escrever sobre “os poemas”] (VII, 36); tratava-se de um projeto de obra que deve ter sido concretizado em data posterior a 45 a. C.;¹³⁵
- *De poetis*. Segundo H. Dahlmann, continha epigramas de Névio, Plauto e Pacúvio, com interesse histórico-literário;¹³⁶
- *Imagines (Imaginum libri XV)* ou *Peplographia*, como Cícero preferia chamar (*At.* 16, 11, 3), por causa da obra *Peplos* de Aristóteles. Intitulava-se também *Hebdomades*, por tomar como número fundamental o sete, de acordo com a doutrina pitagórica. A obra, da época de Varrão como diretor da biblioteca de Roma, foi iniciada em 45 e terminada em 39 a. C. (*Gell, N. A.* 3, 10, 17), sendo dedicada a Ático. Escrita em prosa e verso, continha breve biografia ilustrada (primeiro caso na antiguidade) e finalizava por um dístico;¹³⁷
- *Epitome ex imaginum libris*, em 4 livros. A obra tinha o mesmo assunto do *Imagines*, resumido;

¹³³ Segundo E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2319), a obra é conhecida por um único fragmento citado por Nônio.

¹³⁴ Segundo E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2319), nessa obra Varrão se propõe seguir os ditames da analogia e os princípios do purismo lingüístico.

¹³⁵ Segundo E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2319), a obra é um documento crítico sobre a literatura latina e uma tentativa de historiar a *latinitas*.

¹³⁶ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 152) considera que o *De poetis* pode ter sido um livro com a mesma estrutura de *Imagines*, uma espécie de biografia literária, portanto, de caráter eidográfico, de interesse histórico-literário.

¹³⁷ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 152), a obra elencava, ao todo, 700 personagens latinos e estrangeiros, especialmente gregos, número esse correspondente a 100 hebdômadadas (100 x 7), sobre os seguintes tipos humanos: 1) reis e generais, 2) homens políticos, 3) poetas, 4) prosistas, 5) técnicos especializados, 6) artistas, 7) outros ofícios. A obra mostra influência peripatética, caráter alexandrino e, ao mesmo tempo, interesse pelo antiquário.

- *De lingua Latina*, em 25 livros; a obra foi redigida entre 47 e 45 a. C., publicada em fins de 45 ou início de 44 (Cic., *At.* 16, 11, 3) e dedicada a Septímio e Cícero, como se verá no capítulo V;
- *Epitome De lingua Latina*, constante no catálogo de Jerônimo. Foi escrito depois de 44. a. C., em 9 livros. Tratava-se de resumo do assunto do *De lingua Latina* (J. Collart, 1954, p. 24);
- *De similitudine uerborum libri III*. A obra é de difícil datação: talvez tenha sido redigida entre 56 e 47 a. C., ou no início do seu trabalho na biblioteca, em 47. É elencada por Jerônimo e citada por Prisciano;¹³⁸
- *Περὶ χαρακτήρων* [Sobre os Caracteres]. Sua existência é atestada unicamente por Carísio; tratava, provavelmente, de questões relativas à analogia;¹³⁹
- *De utilitate sermonis libri IV*. Não relacionada por Jerônimo, é atestada por Carísio; tratava, presumivelmente, da anomalia na linguagem;¹⁴⁰
- *De antiquitate literarum ad Accium*. Não está incluída no inventário de Jerônimo; compunha-se de, pelo menos, 2 livros. Parece Ter sido o primeiro trabalho gramatical de Varrão, pois é dedicado a Áccio, que morrera entre 86 e 84 a. C.;¹⁴¹
- *De origine linguae Latinae libri III*. A obra, dedicada a Pompeu e com datação entre 56 e 47 a. C., é atestada por João Lídio;¹⁴²

¹³⁸ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 29), há concordância entre os críticos de que o tema da obra era a analogia na linguagem.

¹³⁹ Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 27), a obra abrangia pelo menos três livros.

¹⁴⁰ J. Collart (Collart, 1954, p. 29) observa que *utilitas* e *consuetudo* são termos usados por Varrão para contrapor a *similitudo*. A obra, portanto, era, provavelmente, uma reflexão sobre a anomalia.

¹⁴¹ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 151) informa que dessa obra restam apenas dois fragmentos seguros, um de Prisciano e outro do gramático Pompeio. Tratava-se de um estudo histórico sobre questões alfabéticas (nome, origem das letras) e ortográficas, que alimentaram a polêmica entre Áccio e Lucílio.

¹⁴² Segundo Collart (Collart, 1954, p. 25), a obra é identificada com o título *Περὶ Ῥωμαικῆς διαλέκτου*; incluía uma divergência em relação a Áccio, sobre fonética.

- *De sermone Latino ad Marcellum libri V*. O destinatário é de difícil identificação. A publicação da obra ocorreu entre 46 e 44 a. C.; é, portanto, contemporânea do *De lingua Latina*;¹⁴³

c) Obras de interesse didático: técnico, doutrinário, jurídico, burocrático;

- *Disciplinarum libri IX*. Essa obra foi composta, segundo F. della Corte, entre 33 e 31 a. C. Os nove livros desenvolvem o assunto de cada uma das nove artes liberais: gramática, dialética, retórica, geometria, aritmética, astronomia, música, medicina e arquitetura. Trocando a dialética pela lógica e suprimindo a medicina e a arquitetura, ter-se-á, posteriormente, o *triuium* e o *quadriuium*;¹⁴⁴

- *De Ephemeris naualis ad Pompeium*. Foi obra de 77 a. C., escrita por ocasião da guerra pirática;¹⁴⁵

- *De ora maritima*. Segundo E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2322), tratava-se de obra de geografia marítima, fruto da experiência direta de Varrão durante a guerra pirática;

- *De litoralibus*. A obra, segundo Zaffagno, apresentava teor semelhante ao do *De ora maritima*;

- *De aestuariis*. É citado no *De lingua Latina* (IX, 26);¹⁴⁶

- *De mensuris*. A obra é de 59 a. C.;¹⁴⁷

¹⁴³ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 154), o escrito versava sobre a *latinitas* sob o aspecto da métrica, literatura e estilística.

¹⁴⁴ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 154), a obra é, provavelmente, do tempo em que Varrão trabalhava na biblioteca, pois, sendo de caráter enciclopédico, exigia erudição e bibliografia disponível para desenvolver uma vasta matéria.

¹⁴⁵ Segundo E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2322), tratava-se de uma obra técnica, de informação geográfica e cosmográfica, para uso prático.

¹⁴⁶ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 158) considera que essas quatro últimas obras do período pompeano (*De Ephemeris naualis ad Pompeium*, *De ora maritima*, *De litoralibus* e *De aestuariis*) eram livros de informações geográficas, de interesse naval.

- *De uoletudine tuenda liber*. Era uma obra da fase senil, sobre profilaxia e saúde, argumento predileto do velho Varrão, conforme F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 160);
- *De iure ciuili libri XV*. Essa obra é citada no catálogo jeronimiano como obra doutrinal (Varro *philosophus*); relacionava-se com a atividade burocrática e jurídica;¹⁴⁸
- *De gradibus*. O livro, testemunhado por Sérvio, referia-se aos graus de parentesco;
- *Liber de philosophia*. É mencionado por Agostinho;¹⁴⁹
- *De forma philosophiae libri III*. O livro, posterior à atividade filosófica de Cícero (*Acad. post. I, 3, 9*), era produto das especulações neopitagóricas sobre os números;
- *De principiis numerorum libri IX*. A obra, incluída no elenco de Jerônimo, deve ter sido escrita entre os anos 45 e 36 a. C.;¹⁵⁰
- *Isagogicum ad Pompeium*. Era obra de 71 a. C. Constituía uma pauta de procedimentos de Pompeu, recém eleito cônsul, junto ao Senado (Gell, *N. A. 14, 7, 2*);
- *Rerum rusticarum libri III - De re rustica*. A obra foi escrita em 37 a. C., quando Varrão tinha 80 anos. É a única que chegou íntegra aos tempos hodiernos. De estrutura dialógica,¹⁵¹ foi inspirada no *Aristotelicus mos* dos

¹⁴⁷ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 160), nesse ano de 59 a. C., Varrão participava da comissão dos *uigintiuiri*, para medição e distribuição de terras. A obra é mencionada por Prisciano (*GL 2, 120 H. Keil*) e identificada com o tratado *De geometria*, que era parte integrante dos *Disciplinarum libri IX*.

¹⁴⁸ Segundo E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2322), a obra resultava da atividade burocrática e jurídica de Varrão, unida ao interesse teórico.

¹⁴⁹ E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2322) cita Agostinho (*C. D. 19, 1*), segundo o qual o *Liber De philosophia* é identificável com o livro VII dos *Disciplinarum libri IX*.

¹⁵⁰ Para F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 153) o livro foi escrito sob influência da ideologia órfico-pitagórica.

¹⁵¹ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 153) afirma que a obra era de inspiração peripatético-alexandrina.

peripatéticos alexandrinos. O primeiro livro aborda o tema do cultivo do campo (*de agricultura*), da quinta, dos instrumentos de trabalho, da vinha e das oliveiras; o segundo trata da criação de gado (*de re pecuaria*); e o terceiro se ocupa da criação de animais de viveiros, capoeiras e tanques (aves, lebres, porcos, peixes), enfim, de uma criação típica de fazenda (*de uillaticis pastionibus*), para atender ao consumo refinado da cidade. O primeiro livro é dedicado à esposa, Fundânia. A obra revela um fundo autobiográfico e domínio prático do autor sobre a matéria tratada, enquanto latifundiário e escritor. Ao lado da consciência de investimento de capital e da perspectiva de lucro, há um vivo empenho no respeito à natureza e no tratamento ético dos agentes do campo, entre os quais o escravo lavrador. Há, na obra, muito de experiência pessoal e senso pragmático, mas há também a busca de fundamentos teóricos em importantes autores gregos que escreveram sobre a agricultura e que são citados. A obra representa um avanço, em comparação com o *De agricultura* de Catão, no modo mais sistemático e técnico de tratar não só a produção agropecuária como também seu mercado e sua lucratividade;

d) Obras de finalidade filosófico-artística

- *Λογιστορικῶν libri LXXVI* [Os 76 livros dos logistóricos]. Essa obra, citada por Jerônimo com título em grego, apresenta dificuldade para a datação. Compunha-se de diálogos contendo uma combinação entre reflexão filosófica e realidade histórica; incluía discursos (*lógoi*) dirigidos a personagens da história (títulos) e temas morais encarnados no modo de ser desses personagens mediante rápidos subtítulos caracterizadores, como estes: *Cato, de liberis educandis; Martius, de fortuna; Aticus, de numeris; Scaeuola, de philosophia; Orestes, de insania; Pius, de pace; Curio, de cultu deorum; Tubero, de origine humana*;¹⁵²

- *Orationes*. Parece ter sido uma obra em prosa; no entanto, está relacionada no catálogo de Jerônimo entre as obras de poesia (Zaffagno, 1988, p. 2322);

¹⁵² Segundo E. Zaffagno (Zaffagno, 1988, p. 2323), a obra era composta em prosa, apresentando uma linguagem semelhante à do *De re rustica*.

- *Suasionum libri tres*. A obra continha, provavelmente, discursos pronunciados a favor de leis vigentes; era obra de caráter prático e não declamatório (Zaffagno, 1988, p. 2322);
- *Laudatio Porciae*. Tratava-se de uma peça oratória citada por Cícero, publicada por ocasião da morte de Pórcia, irmã de Catão;
- *Poematum libri X*. Tratava-se, provavelmente, da obra que ele cita no *De lingua Latina* como um projeto: *cum scribam* [quando eu escrever] (VII, 36); foi, portanto, uma obra posterior ao citado tratado gramatical;
- *Saturae*, em quatro livros; teria sido uma obra de sátiras ao estilo de Lucílio;
- *Pseudotragediarum libri VI*. Era uma obra envolvendo temas trágico-filosóficos e mitológicos, de inspiração cínica;
- *Saturarum Menippearum libri CL*. Os 150 livros das sátiras menipéias foram compostos, segundo F. della Corte, entre 80 e 55 a. C. A “forma menipéia” consistia na combinatória de verso e prosa com o conteúdo de sátira: filosofia, moralismo, humor, crítica social, política e denúncia, ao estilo do filósofo e poeta grego, o cínico Menipo de Gadara (século III a. C.).¹⁵³ Eis alguns títulos conhecidos de sátiras menipéias: “Bimarcus”, “Marcopolis”, “Marcipor”, “Endymiones”, “Eumenides”, “Caue canem”, “Sexagesis”, “Cena”, “Triphalus”, “Andabatae”, “Papiapapae”, “Τρικάρωνος”.

Lamenta-se a maciça perda da obra varroniana. Não se sabe até que momento ela se manteve acessível aos antigos. O fato é que, depois de Agostinho e de Jerônimo, ou seja, após 430 d. C., há um silêncio concernente ao conhecimento da totalidade da obra de Varrão por parte dos grandes escoliastas como Macróbio, Marciano Capela e Isidoro, que, entretanto, o citam e dele dependem, principalmente este último. Conforme

¹⁵³ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 150) observa que o estilo do cínico Menipo chegou a Varrão através de Antípatro e Árquia e, de alguma forma, também através de Áccio, que praticou a forma menipéia (prosa e verso), porém sem o teor satírico.

J. H. Waszink,¹⁵⁴ por volta de 600 d. C. os *Antiquitatum diuinarum et humanarum libri* já estavam perdidos. Isidoro teria conhecido, na íntegra, somente o *Rerum rusticarum libri III (De re rustica)* e, parcialmente, o *De lingua Latina* (livros V a X); essas duas obras, juntamente com os fragmentos recolhidos pelos estudiosos do século passado, perfazem precisamente a obra supérstite disponível hoje.

4. AS OBRAS GRAMATICAIIS

Para estudar a obra gramatical de Varrão, têm-se à disposição os livros V a X do *De lingua Latina* e centenas de fragmentos de obras gramaticais e não gramaticais. Por meio deles se deduz que, além do *De lingua Latina*, Varrão escreveu pelos menos mais nove obras gramaticais, cujos títulos, já citados, são os seguintes, com indicação do ano de publicação:

- *De antiquitate litterarum ad Accium* (2 livros, antes de 86 ou 84 a. C.);
- *De utilitate sermonis* (4 livros, entre 56 e 47 a. C.);¹⁵⁵
- *De origine linguae Latinae* (3 livros, entre 56 e 47 a. C.);
- *De similitudine uerborum* (3 livros, entre 56 e 47 a. C.);
- *Περὶ χαρακτήρων* (3 livros, entre 56 e 47 a. C.);¹⁵⁶
- *De sermone Latino ad Marcellum* (5 livros, em 46 a. C.);
- *De lingua Latina ad Ciceronem* (25 livros, em 45 ou 44 a. C.);

¹⁵⁴ Segundo J. H. Waszink (Waszink, 1976, p. 223), até a metade do século V os textos das *Antiquitates diuinae*, do *De gente populi Romani* como também os de um grande número das *Saturae Menippeae* eram conhecidos pelos padres da Igreja.

¹⁵⁵ J. Collart (Collart, 1954, p. 29) comenta que, segundo A. Funaioli, essa obra se acoplava ao *De similitudine uerborum*.

¹⁵⁶ *Char.*, p. 246, K. Barwick, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 27; 1978, p. 7). J. Collart cita Carísio que atesta a existência da obra: “*Varro sic ait in III περὶ χαρακτήρων: propius proxime*”. O título significaria “características desinenciais”, pelo que é considerado da área da analogia, e, portanto, obra gramatical. Segundo Collart, porém, H. Dahlmann tende a considerar que a obra versava sobre estilística e retórica e não sobre gramática.

- *Quaestiones Plautinae* (5 livros, após 45 a. C.);¹⁵⁷
- *Epítome de lingua Latina* (9 livros, após 44 a. C.);
- *De Grammatica* (ou: *Disciplinarum liber I*, entre 35 e 32 a. C.).¹⁵⁸

Somando, contabilizam-se 60 livros gramaticais varronianos. A cronologia das obras é esclarecida na sutil argumentação de F. della Corte (Della corte, 1937, p. 149-60). Entretanto, as certezas são relativamente poucas. O que há de seguro é que o *De antiquitate litterarum* é anterior à morte de Áccio (86 ou 84 a. C.), que o *De lingua Latina* é de fins 45 ou início de 44 a. C. e que o *Epítome*, por ser resumo, é, obviamente, posterior ao tratado integral do *De lingua Latina*.

5. OS FRAGMENTOS GRAMATICAI: 608, DOS QUAIS 234 INCERTAE SEDIS

Quanto aos fragmentos gramaticais varronianos, verifica-se que desde 1619 havia interesse na sua coleta, o que, porém, ocorria de forma dispersa. Entre 1857 e 1880 surgia o *G. L. K. = Grammatici Latini*, de H. Keil, Teubner. Todavia, o primeiro trabalho científico nesse sentido, J. Collart o atribui a A. Wilmanns, que, em 1864 — juntamente com seu estudo sobre as obras gramaticais intitulado *De M. Terenti Varronis libris grammaticis* —, publicou 112 fragmentos, extraídos somente das obras filológicas; sua classificação para os demais seria de *incertae sedis* (Collart, 1954, p. 30, n. 2). Em 1910, Goetz e Schoell, com mais rigor, e junto com a sua importante edição crítica e completa do *De lingua Latina*, publicavam 130 fragmentos extraídos somente de obras gramaticais, declarando 14 deles *incertae sedis*. Entretanto, o trabalho mais amplo de reunião dos fragmentos gramaticais, ponderado e consistente, foi o de G. Funaioli, o *Grammaticae Romanae Fragmenta* (*G. R. F.*), de 1907.

¹⁵⁷ J. Collart (Collart, 1954, p. 29), com base em G. Funaioli (*G.R.F.*, p. 220), observa que a obra é citada no inventário de Jerônimo e é considerada obra gramatical, em oposição ao *De comoediis plautinis*, que estaria voltado para a crítica literária.

¹⁵⁸ O *De grammatica* era o primeiro livro dos *Disciplinarum libri IX*, relativo às nove artes liberais.

Funaioli contabilizava 229 fragmentos gramaticais varronianos *incertae sedis* e 232 de referência certa. Desses, 52 pertenciam a tratados gramaticais, e desses 52, 27 eram referentes ao *De lingua Latina*. Funaioli não considerou as 140 digressões gramaticais ocorrentes no *De re rustica*. Com esses subsídios e ponderações próprias, J. Collart (Collart, 1954, p. 33) apresenta um quadro de 468 fragmentos gramaticais, sendo 234 de referência certa, extraídos de 332 livros (60 livros gramaticais, 60 de história, 91 de filosofia, 150 de sátiras, 25 de crítica) e 234 *incertae sedis*, além das 140 indicações gramaticais do *De re rustica*. Relacionando estatisticamente a quantidade de fragmentos com as principais partes da gramática (compreendido o *De re rustica*), ele chega aos seguintes números:

- grafia e fonética: 34 fragmentos;
- morfologia (analogia, anomalia, palavras duvidosas): 72;
- etimologia: 309;
- semântica: 110;
- sintaxe e estilística: 10;
- história da língua e reflexões gramaticais: 11;
- métrica: 17;
- crítica literária: 45;
- total = 608 fragmentos.

J. Collart compara também o número de fragmentos gramaticais recolhidos por A. Funaioli referentes a Varrão com o número de fragmentos referentes a outros gramáticos ou filogramáticos latinos, chegando aos seguintes resultados, que mostram que, enquanto de Varrão foram recolhidos 468 fragmentos, do conjunto dos gramáticos foram-no 348, o que representa uma proporção considerável da demanda de interesse sobre as obras e as teorias gramaticais varronianas:

- Varrão: 468 fragmentos;
- Plínio o Velho: 128;

- Élio Estilão: 78;
- Nigídio Fígulo: 47;
- Aneu Cornuto: 39;
- Vérrio Flaco: 35;
- César: 31 fragmentos.

O autor compara também o número de citações que alguns autores latinos fazem de Varrão com o número de citações de outros gramáticos considerados em conjunto. Assim, Quintiliano cita Varrão 23 vezes e outros autores em conjunto, 23 vezes. Veja-se o interessante quadro, revelador do alto conceito que gozava o reatino junto a famosos lingüistas e gramáticos posteriores:

Quintiliano	—>	cita Varrão	—>	23 vezes	e	outros	—>	23		
Aulo Gélío	—>	“	“	—>	84	“	“	“	—>	82
Carísio	—>	“	“	—>	115	“	“	“	—>	118
Prisciano	—>	“	“	—>	49	“	“	“	—>	155
Isidoro	—>	“	“	—>	24	“	“	“	—>	18.

Desse estudo sobre os fragmentos da gramática romana feitos com base nos dados de G. Funaioli e depois também nos de A. Mazzarino, que em 1955 publicou o *Grammaticae Romanae Fragmenta aetatis Caesareae*, tiram-se algumas conclusões. Primeiramente, o interesse de Varrão pela linguagem e pela gramática é disseminado por toda sua obra. Prova-se isso pela quantidade de fragmentos provenientes de tratados não gramaticais — o que também leva a considerar o seu interesse interdisciplinar com relação ao uso da língua. Depois, parece ser ele o gramático mais citado e conceituado pelos sucessores. Finalmente, ele usufrui de uma autoridade hegemônica na área gramatical de pelo menos 700 anos, considerando-se apenas a antiguidade clássica, pois que, por exemplo, Prisciano, um dos últimos gramáticos romanos, cita Varrão 49 vezes, ao passo que a Donato, apenas 19 vezes e a Carísio, apenas 18 vezes. Isidoro, o último dos enciclopedistas e avaro em citações, segundo J. Collart, nomeia Varrão 24 vezes.

6. O *DE LINGUA LATINA*: EDIÇÕES E ESTABELECIMENTO DO TEXTO

Apesar da existência de um bom número de fragmentos, a doutrina gramatical varroniana se encontra articulada sobretudo no *De lingua Latina*, que, infelizmente, já aportou à Idade Média mutilado. Restaram os livros V a X (dos vinte e cinco que a obra comportava) e, mesmo assim, lacunados. No estado atual da documentação, a fonte única do *De lingua Latina* é o manuscrito F (*Laurentianus LI, 10*) do século XI, pertencente à Biblioteca Laurentiana de Florença. Esse manuscrito, de escritura longobarda, apresentava-se, na sua descoberta, muito corrompido,¹⁵⁹ com forte inconsistência ortográfica, talvez devido à desatenção dos copistas. Por outro lado, o próprio estilo abrupto de Varrão, acusado de pressa e descuido redacional, levou os editores a descobrir lacunas que totalizam quase 10% (dez por cento) do texto disponível, correspondentes a 700 (setecentas linhas) do manuscrito; L. Spengel (1826), baseado em seus trabalhos de recomposição, fixou um número de seis lacunas.¹⁶⁰ Além disso, há no texto inserções, transposições e glosas, que se percebem em não raras contradições e repetições. No livro V, por exemplo, encontra-se uma dupla etimologia de *merces*, *uuidus*, *uitis*; *fruges* é explicado primeiramente por *fero* e depois por *frui*. Segundo J. Collart, K. O. Müller (1833) julgava o *De lingua Latina* um *opus interruptum*, o que foi contestado por L. Spengel; este via nele antes um *opus impositum*, pelo fato de ser um tratado técnico monumental, rapidamente produzido, às vezes em “estilo telegráfico”.

R. G. Kent, em sete páginas (Kent, 1977, p. XVII–XXIII), historia o périplo do texto do *De lingua Latina* em suas várias edições. Segundo ele, a

¹⁵⁹ R. G. Kent (Kent, 1977, p. XVII) pronuncia-se sobre as condições da fonte única do *De lingua Latina*: “The text of F is unfortunately very corrupt, and while there are corrections both by the first hand and by a second hand, it is not always certain that the corrections are to be justified.”

¹⁶⁰ R. G. Kent (Kent, 1977, p. XVI), fundamentando-se em L. Spengel, relaciona os lugares em que ocorrem as lacunas: 1) depois de V, 162; 2) início do livro VII; 3) após VII, 23; 4) fim do livro VIII e início do livro IX; 5) depois de X, 23; 6) depois de X, 34.

editio princeps, a mais antiga, surgiu em Roma em 1471, tendo sido preparada por Pompônio Leto. Depois dela, vieram a *Editio Vetustissima* (1474), a *Editio Veneta* (1483 — juntamente com os textos de Nônio Marcelo e de Festo), a *Editio Rholandelli* (Veneza, 1475, reeditada em 1483). O século XVI conheceu várias edições: a *Editio Baptistae* (Milão, 1510), a *Editio Aldina* (Veneza, 1513, reeditada em 1517 e 1527), a *Editio Parisiensis* (1529), a *Editio Gryphiana* (Lion, 1535 — juntamente com os fragmentos das *Origines* de P. Catão), a *Editio Vulgata* (Roma, 1554), a *Editio Vertranii* (Lion, 1563), a *Editio Turnebi* (Paris, 1566); a *Editio* de Enrico Stefano (Paris, 1569 — juntamente com os *Coniectanea in M. Varronem de lingua Latina* de G.G. Scaligero). O século XVII conheceu duas edições: a de Popma (Leiden, 1601) e a *Editio Gaspari* (Ingolstadt, 1602 — reeditada em 1605). O século XVIII viu apenas uma edição: a *Editio Bipontina* (Baviera, 1788). Somente no século XIX surgem as primeiras edições verdadeiramente filológicas: a de Leonhard Spengel (Munique, 1826 — intitulada *M. Terenti Varronis de lingua Latina libri qui supersunt*, cuja 2.^a edição aparecerá em Berlim, em 1885, preparada por seu filho Andreas Spengel);¹⁶¹ e a edição de K. O. Müller (Leipzig, 1833 — reeditada em Paris, 1837 por A. Egger, com pequenos retoques). O século XX vê as seguintes edições completas e mais acessíveis ao pesquisador dos tempos modernos:

- Goetz-Schoell (Leipzig, Teubner, 1910 — edição crítica monolíngüe);
- R. G. Kent (Londres, Loeb Classical, 1951 — edição crítica, bilíngüe, tradução inglesa);
- A. Traglia (Turin, 1974 — com tradução italiana e notas, mas sem aparato crítico).

Ao lado dessas edições completas (compreendendo os seis livros), há as seguintes edições parciais, com aparato crítico, notas e tradução (francês, alemão, italiano, espanhol):

¹⁶¹ R. G. Kent (Kent, 1977, p. XXXII) tece elogios à edição de Andreas Spengel, pelo aparato crítico: “This edition is notable because of the abundant critical apparatus”.

- J. Collart, livro V (Paris, 1954);
- E. Riganti, livro VI (Bolonha, 1978);
- H. Dahlmann, livro VIII (Berlim, 1940 — reimpressa em 1966);
- H. J. Mette, livros VIII - X (Halle, 1952);
- A. Traglia, livro X (Bari, 1956 — reeditada em Roma, 1967);
- P. Flobert, livro VI (Paris, 1985);
- M. A. M. Casquero (Barcelona, 1990); baseando-se principalmente no texto crítico de R. G. Kent, essa edição não oferece aparato crítico; apresenta uma introdução e anotações suficientes para seu objetivo, que é a divulgação.

7. CONTEÚDO DOS LIVROS SUPÉRSTITES E PERDIDOS E A “SINTAXE”

Conjectura-se que o *De lingua Latina* tenha aparecido em dois blocos desiguais e em dois momentos.¹⁶² O primeiro bloco constituiria os três livros iniciais (II, III e IV), dedicados a P. Septímio, o questor de Varrão, citado em VII, 109.¹⁶³ Esses livros teriam sido escritos antes de 47 a. C. como uma monografia sobre etimologia. Depois desses três livros, Varrão teria projetado um estudo bem mais extenso sobre a língua latina. Teria, então, redigido um segundo bloco, os livros V a XXV, e uma introdução geral (livro I). Nessa ocasião fez a dedicatória a Cícero, preservando aquela que havia feito a P. Septímio. Justificava-se assim o título *De lingua Latina ad Ciceronem*, com o qual os gramáticos latinos posteriores se

¹⁶² M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. XXI) comenta que, posteriormente, Varrão fez um resumo, um Ἐντομή do *De lingua Latina ex libris XXV*, em 9 livros.

¹⁶³ M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. XXI) observa que P. Septímio é, provavelmente, o tratadista de arquitetura que Vitrúvio menciona (*De arch., praef.* 14) juntamente com Varrão e os seus *Disciplinarum libri IX*.

reportam à obra. A publicação desta teria ocorrido no final de 45 ou início de 44 a. C.¹⁶⁴

O plano geral da obra estava estruturado em três partes, etimologia, morfologia e sintaxe, conforme este passo: *Quocirca quoniam omnis operis De lingua Latina tris feci partes, primo quemadmodum uocabula imposita essent rebus, secundo quemadmodum ea in casus declinarentur, tertio quemadmodum coniungerentur...*[Por conseguinte, como eu dividi a obra toda (o *De lingua Latina*) em três partes, a primeira, como os nomes foram impostos às coisas (= Etimologia), a segunda, como eles se declinam nos seus diferentes casos (= Morfologia) e a terceira, como eles se articulam (= Sintaxe)...] (VII, 110). No livro VII, o autor torna a explicitar seu projeto para a obra: *Quom oratio natura tripartita esset, ut superioribus libris ostendi, cuius prima pars, quemadmodum uocabula rebus essent imposita, secunda, quo pacto de his declinata in discrimina ierint, tertia, ut ea inter se ratione coniuncta sententiam efferant...*[Como a linguagem, como mostrei nos livros anteriores, se apresenta, por natureza, dividida em três partes, sendo a primeira como as palavras foram impostas às coisas (= Etimologia), a segunda, de que forma as palavras derivadas dessas passam a ter significações diferentes (Morfologia), a terceira, como as palavras, logicamente relacionadas entre si, expressam uma sentença (= Sintaxe)...] (VIII, 1). Observa-se que cada livro constitui uma unidade, mas eles se agrupam em três para formar um bloco mais amplo, as tríades, que, por sua vez, se agrupam em duas para constituir uma seção completa de seis livros, a hékada.

A primeira hékada, correspondendo à primeira parte, trata da Etimologia, centrada na imposição dos nomes às coisas (*impositio uerborum*). A primeira tríade, perdida, desenvolvia a parte teórica da etimologia, cuja estrutura é conhecida pelo que diz Varrão no início do

¹⁶⁴ Cícero, na carta a Ático (*At.* 13, 2, 3), queixa-se da lentidão com que Varrão compunha a obra que ele havia prometido dois anos antes.

livro V.¹⁶⁵ A segunda tríade da primeira hécada (livros V, VI, VII) desenvolve a prática da etimologia.

A segunda hécada trata da Morfologia, centrada na *declinatio uerborum* e na discussão do problema da analogia e da anomalia em torno da flexão (VIII, 24). Sua primeira tríade supérstite (constituída dos livros VIII, IX, X) desenvolve o esquema retórico da tese, antítese e síntese, ou seja, a teoria *anomalista* (*quae contra similitudinem declinationum dicantur*, isto é, contra a analogia), a teoria *analogista* (*quae contra dissimilitudinem declinationum dicantur*, isto é, contra a anomalia) e sobre a verdadeira analogia (*de similitudinis forma*). A terceira parte, abrangendo provavelmente duas hécadas (a terceira e a quarta), perfazia a segunda metade da obra e tratava da “Sintaxe”.¹⁶⁶

J. Collart (Collart, 1954, p. 42-3), confirmando a hipótese de que uma “sintaxe” constituiria a terceira parte do *De lingua Latina*, cita um longo fragmento conservado por Aulo Gélíio. Varrão teria procedido, nessa parte, a uma classificação das “proposições.”¹⁶⁷ Por outro lado, Agostinho, por

¹⁶⁵ No início do livro V se lê: ...*quae contra eam dicerentur, uolumine primo, quae pro ea, secundo, quae de ea, tertio*. [...as opiniões consideradas contra ela (Etimologia) estão no primeiro livro (livro II), as favoráveis no segundo (livro III) e a sua doutrina, no terceiro (livro IV)] (V, 1). Observe-se que esse mesmo esquema retórico (tese, antítese e síntese) será aplicado nos livros VIII, IX e X sobre a analogia.

¹⁶⁶ Varrão divide o *De lingua Latina* em três partes, etimologia, morfologia e “sintaxe”. Entenda-se: a terceira, hipoteticamente relativa à “sintaxe”, seria muito longa, compreendendo doze livros, a metade da obra. Conjectura-se, então, que após o livro XIX, Varrão tenha criado uma quarta parte, coincidente, provavelmente, com a quarta hécada (XX a XV), modificando, assim, a economia de seu tratado. Tal suposição se baseia numa analogia com a estrutura do *Antiquitates humanae* que apresentava uma introdução e quatro hécadas, totalizando vinte e cinco livros, que teriam inspirando a estrutura do *De lingua Latina*.

¹⁶⁷ Aulo Gélíio (*N. A.* 16, 8, 1-14) chama as proposições de *proloquia* (ἀξιόματα), termo grego da dialética estoica elaborada principalmente por Crisipo e define-as como *sententiae in quibus nihil desideratur* (= de sentido completo). Elas podiam ser hipotéticas (*Si Plato ambulat, Plato mouetur*), disjuntivas (*aut malum est*

inspiração varroniana reconhecida e confirmada pelos críticos, distingue os *uerba simplicia* e os *uerba coniuncta*, as *sententiae simplices* e as *sententiae coniunctae*, mostrando como estas últimas levam a uma conclusão.¹⁶⁸ Ora, a aproximação desses textos permite pensar que os livros da segunda metade da obra deveriam tratar de uma pseudo-sintaxe à maneira estóica, ou, pelo menos, de uma lógica formal da linguagem, dada ainda a preponderância do campo da dialética sobre o da gramática, ciência nova. É possível imaginar o seguinte temário para essa terceira parte do *De lingua Latina*, supostamente de teor sintático. Na terceira hécada (livros XIV - XIX), Varrão teria tratado dos *uerba simplicia* e *coniuncta* bem como das *sententiae simplices* — noções que, na verdade, constituíam os preâmbulos da dialética (*de loquendo*: o enunciado) —, incluindo uma morfossintaxe das partes do discurso: os tempos, os modos e as vozes, à maneira estóica. Na quarta hécada (livros XX-XXV), Varrão teria exposto as *sententiae simplices* e especialmente as *coniunctae*, o que corresponderia a uma “sintaxe” evoluída, compreendendo noções mais complexas e associativas como: a) *de eloquendo* (as sentenças verdadeiras), b) *de proloquendo* (proposições complexas) e c) *de proloquiorum summa* (o raciocínio completo). Essa terceira parte do *De lingua Latina* revelaria uma total dependência da gramática em relação à filosofia, especialmente à dialética, disciplinas em que os estóicos, liderados por Crisipo, eram mestres. Todas essas conjecturas partem do próprio Varrão, que dissera

uoluptas aut bonum, aut neque bonum neque malum est), ou copulativas (*P. Scipio Pauli filius et bis consul fuit et triumphavit*).

¹⁶⁸ Aug., *De dial.* 1, 7, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 42). Este autor observa que o passo é reconhecido pelos críticos como resultante da influência de Varrão sobre Agostinho. Agostinho dá exemplos: a palavra isolada (apenas carregada de informação: *unum quidam significant*), a palavra formando oração, ou seja, o período simples e depois o período composto: *Verba...simplicia..., ut cum dicimus “homo, equus”; coniuncta uerba..., ut cum dicimus “homo ambulat, aut homo festinans in montem ambulat”; simplices sententiae...ut est illud quod dicimus “omnis homo ambulat”; coniunctae..., ut est “si ambulat mouetur”*. E explica mais: *“homo iste ambulat”, simplex sententia est*, diferenciando-a de uma *coniuncta*: *“quisquis autem ambulat, mouetur”*, porque nela há uma conclusão (*summa*): *“homo iste igitur mouetur”*.

claramente e em dois passos, que essa terceira parte trataria deste tema: *...tertio quemadmodum (uocabula) coniungerentur...*[em terceiro lugar, como os vocábulos se combinam] (VII, 110); ou: *tertia, ut ea inter se ratione coniuncta sententiam efferant...*[a terceira, como as palavras, logicamente relacionadas entre si, expressam uma sentença] (VIII, 1). Essencialmente, essa doutrina parece nada ter mudado em relação à idéia moderna que se tem de sintaxe. Ao lado das complexificações debatidas pelos lingüistas atuais, o que se mantém é que: a) a sintaxe comanda a relação funcional dos termos do enunciado;¹⁶⁹ b) ao lado do componente fonético e semântico, o componente sintático é o único dotado de propriedade gerativa de significado (Lopes, 1993, p. 205); c) a sintaxe, embora mais independente que a semântica, se encontra cada vez mais imbricada a esta, conforme a moderna teoria do discurso (Fiorin, 1992, p. 18). Isso retoma, de alguma forma, o sentido primitivo do estudo da sintaxe. Esse não deve reduzir-se a uma análise quase mecânica do período. Na verdade, a própria sintaxe, elemento de superfície, depende de um substrato que a rege e determina: a semântica, ou seja, a premência de expressão dos significados profundos.

8. ESTRUTURA TEMÁTICA DA OBRA: ETIMOLOGIA, MORFOLOGIA E “SINTAXE”

Resumindo, pode-se, então, estabelecer o seguinte esquema geral ou estrutura temática do *De lingua Latina*:

Introdução geral (livro I)

Parte I. Etimologia

1.^a héxada (livros II - VII: *impositio uerborum* — VII, 109-110)

a. 1.^a tríade (livros II - IV: teorias sobre a etimologia)

a.1 —> livro II: argumentos contra a etimologia

¹⁶⁹ E. Lopes (Lopes, 1993, p. 17) comenta que a sintaxe preside as relações intersignificas, ou seja, as relações que um signo qualquer mantém com os demais signos pertencentes ao mesmo enunciado. Essa é a função sintática, referente à superfície do enunciado.

a.2 —> livro III: argumentos a favor da etimologia

a.3 —> livro IV: o objeto da etimologia

b. 2.^a tríade (livros V - VII: prática da etimologia)

b.1—> livro V: palavras que exprimem espaço - na prosa

b.2—> livro VI: palavras que exprimem tempo - na prosa

b.3—> livro VII: termos usados pelos poetas

Parte II. Morfologia (analogia-anomalia)

2.^a hécada (livros VIII- XIII: *declinatio uerborum* — VIII, 24)

a. 1.^a tríade (livros VIII - X: teoria da flexão)

a.1—> livro VIII: teoria anomalista: contra a analogia

a.2—> livro IX: teoria analogista: contra a anomalia

a.3—> livro X: a verdadeira analogia

b. 2.^a tríade (livros XI - XIII: prática da flexão) —> hipótese

b.1—> livro XI: a flexão na língua falada: prosa

b.2—> livro XII: a flexão na língua escrita: prosa

b.3—> XIII: a flexão na língua escrita: poesia

Parte III. Sintaxe —> hipótese

1.^a e 2.^a hécadas (livros XIV - XXV: *Quemadmodum uocabula coniunguntur* — VII, 7, 110 e V,1).

A perda total dos livros XIV-XXV impede a reconstrução do esquema geral da parte III. Pode-se presumir, por comparação com os livros precedentes, que, na terceira e quarta hécadas, as primeiras tríades abordassem a “sintaxe” no seu plano teórico e as segundas, no prático. Conjectura-se também que Varrão, na terceira hécada (livros XIV a IXX), tenha tratado dos *simplicia uerba* bem como das *simplices sententiae* (o período simples) e que na quarta hécada (livros XX a XV) tenha desenvolvido os *coniuncta uerba* ou as *coniunctae sententiae* (o período composto).

Essa é a superestrutura compositiva e temática da obra varroniana e do *De lingua Latina*. Com os poucos elementos consistentes supérstites — uma obra integral (*De re rustica*), a quarta parte de outra (*De lingua*

Latina) e um valioso acervo de fragmentos —, os estudiosos, quais arqueólogos, levantaram hipóteses e fizeram conjecturas, que judiciosamente colocadas, levaram a resultados bastante convincentes sobre o que teria sido o vastíssimo legado escrito varroniano para as letras latinas.

CAPÍTULO IV

DE LINGUA LATINA: UM TEXTO DIDÁTICO, CIENTÍFICO E TÉCNICO

Em lingüística de texto, ou, mais precisamente, nos domínios da análise do discurso como forma de conhecimento da linguagem, reconhece-se que a tipologia — um componente da superestrutura textual — ainda se encontra num plano intuitivo. Segundo Henrique Bernárdez, não há ainda uma teoria geral que ofereça critérios científicos plenamente adequados para tipificar qualquer texto, ressalvado, em parte, o literário (Bernárdez, 1982, 212).¹⁷⁰ Portanto, é na prática das análises que os conceitos poderão adquirir mais nitidez e permitir erigir alguma teoria.¹⁷¹ Não obstante, S. J.

¹⁷⁰ E. Bernárdez (Bernárdez, 1982, p. 211-46), no capítulo VI de sua obra, faz um estudo sobre tipologia de texto; considera os aspectos gerais (p. 211) e as condições colocadas por H. Isenberg (p. 217) para uma tipologia correta e apresenta alguns critérios ou modelos de classificação (p. 219). Na segunda parte do capítulo (p. 230-46), Bernárdez discute questões epistemológicas fundamentais, ou seja, as filosofias modernas da ciência que dão suporte ao conceito amplo e integrado de tipologia e à própria lingüística do texto. Terminando o capítulo, afirma, a favor da lingüística de texto como método mais convincente que as anteriores (pelo seu não-reducionismo) na abordagem da própria linguagem: “En esencia, por tanto, la lingüística textual no es otra cosa que una nueva forma de plantear-se científicamente la cuestión de como estudiar el lenguaje. Al igual que la gramática histórico-comparada, el estructuralismo o el gerativismo, cada uno en su tiempo, es la plasmación de las tendencias científicas generales, para aplicarlas al estudio del lenguaje. Naturalmente, pensamos que (la lingüística del texto) es una forma mucho más completa y adecuada, y con más posibilidades de desarrollo, que otras tendencias lingüísticas anteriores reduccionistas” (p. 246).

¹⁷¹ Um certo avanço no desenvolvimento do conceito de tipologia se deve aos estudos sobre os gêneros literários. Uma tipologia elementar já existia, portanto, no campo da literatura. Mas o conceito lingüístico de texto deve distinguir-se do histórico-literário de gênero (lírica, épica, drama e as subclassificações mais recentes), pois a lingüística de texto não pode limitar-se a textos literários; ao contrário, estuda qualquer tipo de texto (Cf. Bernárdez, 1982, p. 213).

Schmidt (*Apud* Bernárdez, 1982, p. 215) recomenda prestar atenção a dois sinalizadores (*markers*): a) nas estruturas internas do texto e b) na situação externa ou função do texto, a qual será sempre de caráter social.

1. A FUNÇÃO SOCIAL DO TEXTO VARRONIANO

Verifica-se, primeiramente, sob o aspecto da função social do texto, que o *De lingua Latina* é um metatexto, isto é, uma extensa metalinguagem do código lingüístico, o latim. Tendo sido este, como é toda língua natural para seus falantes, um dos elementos constitutivos da infra-estrutura da sociedade romana, o texto do *De lingua Latina* cumpria sua função social, *ad extra*, na medida em que oferecia aos usuários do latim um valioso e inédito subsídio, como um manual técnico, teórico e prático. Assim, poderiam eles instruir-se e melhorar o nível de uso da língua latina, como seu código. Essa era a meta da obra.

2. A INTENÇÃO DIDÁTICA DO TEXTO: CLAREZA, BREVIDADE, DOSAGEM

Quanto à sua estrutura interna, evidencia-se, no decorrer do texto, a intenção didática do autor de expor ao público expectante¹⁷² os resultados de suas pesquisas sobre a língua latina.¹⁷³ É isso que ele declara no início do livro V com referência à etimologia, objeto da primeira hécata. Ele

¹⁷² Em Roma, o interesse pela gramática estava na moda. O leitor-símbolo, imediato, era nada menos que Cícero, dedicatário, que solicitara o projeto e aguardava, com certa ânsia, a publicação da obra.

¹⁷³ Há várias passagens no *De lingua Latina* em que Varrão se apresenta como estando em permanente pesquisa dos fatos lingüísticos, o que ocorre, por exemplo, em V, 10. No passo, afirma que sobre as palavras esquecidas ele se pronunciará somente quando descobrir algo ou tiver uma opinião a respeito; às vezes, ele historia a própria pesquisa, como ocorre em V, 123: *...apud scriptores Graecos inueni appellari poculi genus δεπέσαι* [nos antigos escritores gregos descobri um tipo de vaso denominado δεπέσαι]; ou em VI, 33: *...cuius nomen ego antiquis litteris quod nusquam inueni, magis puto...* [como eu não encontrei o nome desse mês (abril) em nenhum lugar nos escritos antigos, inclino-me a pensar que...].

coloca o tema em forma de pergunta (indireta) e busca uma solução: *Quemadmodum uocabula essent imposita rebus in lingua Latina, sex libris exponere institui* [De que maneira os nomes foram dados às coisas na língua latina (?), eu resolvi expor em seis livros] (V, 1). No início da segunda héxada, com referência à gramática, ele conclui e faz a projeção para o novo estudo: *...prima parte exposita, secundam incipiam hinc...De huiusmodi multiplici natura discriminum causae sunt hae, cur et quo et quemadmodum in loquendo declinata sunt uerba* [...tendo concluído a primeira parte, início, a partir daqui, a segunda...Sobre tal multiplicidade de formas (*declinatio*), os motivos dessas diferenças a serem examinados são os seguintes: por que, para que e de que maneira se declinam as palavras na língua] (VIII, 1-2). Nos finais dos livros, ou encerrando a exposição de certas partes, o autor usa expressões que indicam o término do esforço demonstrativo, como nos seguintes exemplos:

- *Ad uocabula...satis arbitror dicta* [Quanto aos termos....julgo que foram satisfatoriamente expostos] (V, 184);
- *Quod ad origines uerborum...satis multas arbitror positas...*[Quanto às origens das palavras....creio que foram apresentadas satisfatoriamente] (VI, 97);
- *Prima parte perpetrata...huic libro faciam finem* [terminada a primeira parte, ...darei por terminado este livro] (VII, 110);
- *Quare cum hic liber id quod pollicitus est demonstraturum absoluerit, faciam finem* [Visto que este livro realizou a demonstração daquilo que era para ser demonstrado, vou finalizar] (IX, 115).

Com bastante frequência, Varrão renova para os leitores seu propósito didático, qual seja, a explicação do latim, como código lingüístico, isto é, como língua-objeto. Para isso, recorre às fórmulas típicas de um expositor, tais como:

- *exponere institui* [resolvi expor] (V, 1, 57);
- *dicam* [falarei, explicarei] (V, 2, 10);
- *primum dicendum* [primeiramente, deve-se dizer] (X, 3);
- *repetam* [retomarei] (V, 4);

- *ostendi* [mostrei] (V, 6, VIII, 1-9);
- *expediam* [tratarei] (V, 7);
- *explanandi gradus* [graus de explanação] (V, 7);
- *quaerere* [investigar] (V, 9);
- *ponam* [tratarei, porei] (V, 13);
- *incipiam* [começarei] (V, 14);
- *puto* [penso que] (V, 19);
- *docere* [ensinar] (V, 58);
- *sumus rati* [acreditamos] (V, 184);
- *admonui* [eu adverti] (VI, 40);
- *difficilia explicatu* [difíceis de esclarecer] (VII, 1);
- *percurrere breuiter* [abordar brevemente] (VII, 1);
- *dicere contra* [argumentar contra] (VII, 25);
- *quaero* [investigo, pergunto, questiono] (VIII, 40);
- *nunc uideamus* [agora vejamos, examinemos] (VIII, 50);
- *reliquitur de casibus* [resta (tratar) dos casos] (VIII, 63);
- *sequitur de* [vem a seguir a questão sobre...] (VIII, 80);
- *pollicitus est demonstraturum* [propôs-se demonstrar] (IX, 115);
- *scribam de* [escreverei sobre] (IX, 115);
- *ut breui potui informaui* [informei do modo mais breve possível] (X, 79).

Dinamizando o assunto, Varrão o projeta pela prática da catáfora; anuncia o tema do texto futuro: *dicam, exponam* [direi, exporei] e distende a explanação. Num movimento contrário, ele recorre à anáfora; retroprojeta seus esquemas, fazendo o leitor lembrar-se de que tais e tais tópicos constituem um texto pretérito: *ut ostendi* [como já mostrei]. Esse procedimento de estar em contato com o leitor, recapitular e perceber que está sendo entendido revela senso didático no texto varroniano. Para ele, o enunciado precisa ser claro e breve: *Omnis oratio cum debeat dirigi ad*

utilitatem, ad quam tum denique peruenit, si est aperta et brevis, quae petimus, quod obscurus et longior orator est odio...[Todo discurso deve ter como meta a utilidade, à qual chega quando é claro e breve, qualidades que exigimos, porque o falante obscuro e extenso se torna odioso...] (VIII, 26). Ora, esse é o cerne da arte didática: ser claro, para ser entendido, e breve, para ser logo entendido (*ut cito intellegatur* ...[para que seja entendido o mais rapidamente possível]). Dessas características também se reveste um texto técnico. Também este busca a brevidade e a clareza didática, caso contrário o saber, por profundo que seja, tornar-se-á opaco como a luz sideral que se derrama e se perde no infinito, por não encontrar corpo refletor. Assim, Varrão renuncia a entrar em minúcias, para terminar logo seu livro VII e para não ser tornar maçante. Como ele diz metaforicamente, prefere abandonar algumas espigas no transporte entre a seara e o paiol, ou seja, deixar de lado alguns detalhes, a irritar ou indispor o leitor. Mas ele faz isso com certo escrúpulo, pensando nos detalhistas e esperando que eles, que são minoria, futuramente não o tachem de negligente.¹⁷⁴ Diz ele: *Sed quod uereor ne plures sint futuri qui de hoc genere me quod nimium multa scripserim reprehendant quam quod reliquerim quaedam accusent, ideo potius iam reprimendum quam procudendum puto esse uolumen: nemo reprehensus qui e segete ad spicilegium reliquit stipulam.* [Mas como eu tenho receio de que mais pessoas haverá que me critiquem pelo fato de ter escrito coisas demais sobre esta matéria do que as que me acusem de haver deixado algumas de lado, penso que este volume já deve ser mais contido do que alongado: ninguém que no caminho da seara ao paiol deixa de lado uma palha é criticado por esse fato] (VII, 109).

3. NOS PERCALÇOS DE UM TEXTO CIENTÍFICO

O cuidado do autor reatino em se fazer didático — num esforço de superação do seu próprio estilo, reconhecidamente minucioso e irregular — está em função do próprio objeto apresentado no *De lingua Latina*.

¹⁷⁴ Nesse passo Varrão também ironiza, porém se enquadra à realidade. Verifica que a maioria dos leitores e estudiosos não suportam situações exaustivas decorrentes da pesquisa profunda. Nessas circunstâncias é forte a tentação da superficialidade.

Trata-se de uma árdua exposição da língua, uma metalinguagem de ordem científica. Confirma Teun A. van Dijk (Dijk, 1983, p. 158-64) que a superestrutura de um texto técnico-científico é a argumentação, com sua chave “hipótese, demonstração, conclusão”, sendo esta última necessária, provável ou possível. Segundo ele, no interior dessa superestrutura argumentativa serão visíveis, num texto que se pretende científico, os esquemas textuais subsidiários, marcados por operações como: situar e historiar um problema, fundamentar, estabelecer metodologia, dividir as partes, conceituar, definir, categorizar, esquematizar, projetar, retroprojetar, descrever, classificar, citar, exemplificar, elencar, comparar, reforçar, recapitular, etc. Ressalvados o nível de apuro metodológico, o rigor das novas teorias e os vastos recursos de que se dotou a ciência moderna, inclusive o estudo das línguas, verifica-se que também Varrão, há vinte séculos, elaborou seu *opus magnum* imbuído desse mesmo espírito científico. Primeiramente, ele situa o ponto a estudar, colocando o *status quaestionis* já no início do livro V: *Quemadmodum uocabula essent imposita rebus in lingua Latina, sex libris exponere institui...*[De que maneira os nomes foram dados às coisas na língua latina resolvi expor em seis livros] (V,1) — cuja solução é ao mesmo tempo processo e resultado, isto é, esclarecimento e aquisição do entendimento. Logo a seguir, no mesmo parágrafo, o autor historia, ao reconhecer que os gregos já haviam palmilhado as áreas lingüísticas da etimologia e da semântica (V, 1); eles já haviam também debatido a questão da anomalia e da analogia (V, 9) em torno da qual surgiram escolas filológicas, como a dos filósofos estóicos liderada por Cleanto e a dos eruditos alexandrinos, encabeçada por Aristófanos. Já nesse primeiro parágrafo do livro V e continuando no segundo, o autor realiza simultaneamente algumas operações argumentativas, tais como divisão, metodologização, conceituação, exemplificação. Ele divide a obra e situa o leitor, mostrando-lhe que está a meio caminho da redação da primeira héxada, ou seja, havia terminado a primeira tríade composta pelos livros II, III e IV e ia agora iniciar a segunda tríade constituída dos livros V, VI e VII. Informa que a primeira tríade fora uma exposição teórica da etimologia e que a segunda será prática. Ele conceitua, apresentando os níveis, ou precisamente, as formas da linguagem: a prosa popular, que ele chamará *oratio soluta*, e a poesia. O

autor age com metodologia ao afirmar que dará mais importância à etimologia do que à semântica, campo então relegado da lingüística. Porém em V, 2, mostra não negligenciá-la, pois conceitua o objeto de estudo de ambas: a etimologia examina a origem de um nome e a semântica, o significado. E exemplifica, para esclarecer nuances semânticas: *pertinacia* (de *pertendere*) é teimosia e obstinação sem inteligência, portanto, sema negativo; já *perseuerantia* possui significado positivo. Para reforçar sua argumentação, Varrão cita freqüentemente filósofos, lingüistas, poetas, juristas, médicos, historiadores, pontífices, artistas, reconhecendo neles fonte, competência e autoridade. Ele também fundamenta suas teorias gramaticais, partindo de princípios filosóficos, à luz dos quais estabelece as grandes diretrizes de seu tratado. Em V, 11, cita Pitágoras de Samos de forma expressa e solene, abrindo o parágrafo: *Pythagoras Samius ait...* Baseia-se no seu binarismo: finito-infinito, bem-mal, vida-morte, imobilidade-movimento e mostra como deste último binômio promana a quadruplicidade ou a quadriga dos princípios (*initiorum quadriga*: espaço-corpo, tempo-ação) e, dela, as duas categorias básicas da gramática, o nome e o verbo. E elabora um esquema que se poderia reduzir ao seguinte quadro:

- onde se move	—> o espaço	—> o estádio	
- o que se move	—> o corpo	—> o corredor	—> o nome
- enquanto se move	—> o tempo	—> a duração	
- o mover-se	—> a ação	—> a corrida	—> o verbo

Em função dessa quadriga de princípios pitagóricos (V, 12) e da divisão da linguagem em popular e poética, prosa e verso, Varrão, diante dessa complexificação natural do próprio objeto do seu estudo, projeta claramente a matéria a ser tratada: os nomes usados na prosa designativos de lugar-espaço e de coisas que se referem a lugar-espaço serão tratados no livro V; os designativos de tempo e de quanto nele se realiza serão apresentados no livro VI; e as palavras poéticas da área de tempo e espaço serão objeto de atenção no livro VII. Varrão aprofunda gradativamente o estudo, adentrando numa conceituação de suma importância, de nível macroestrutural — já que se reporta aos conteúdos —, mas que repercute

decisivamente na superestrutura da obra. Ele afirma que duas são as origens (*principia*) das palavras: a imposição (*impositio*) e a flexão (*declinatio*) (VIII, 5). No item seguinte (VIII, 6) ele diz que, para esclarecer a primeira, precisa recorrer à história e para entender a segunda deverá examinar a gramática. E apresenta a língua na sua dupla face: uma, os fatos lingüísticos, com origem, evolução e uso (*parole*); outra, sua estrutura lógica (*langue*). A língua é, pois, mutabilidade e estabilidade, história e estrutura. Com esses dois conceitos (que formam a macroestrutura global) ele divide a obra inteira em três partes, revelando expressamente seu plano global, sua superestrutura temática. São elas:

- a etimologia (primeira parte), que flui no campo da pesquisa histórica dos radicais da língua e na formação do léxico (*impositio*);
- a morfologia (segunda parte), que já é estrutura (em primeiro estágio) assentada sobre a *declinatio* (flexão) para expandir o léxico através de palavras derivadas (*propago*);¹⁷⁵
- a “sintaxe” ou sistema sintático (terceira parte) que é estrutura (segundo estágio) que se apóia na *coniunctio uerborum* para gerar a *propositio* (frase, enunciado, sentença).

Portanto, para Varrão, a língua é história (diacronia) e estrutura fonética e morfossintática (sincronia).¹⁷⁶

¹⁷⁵ J. Collart (Collart, 1954, p. 79) comenta que, pelo estado atual do texto do *De lingua Latina*, a estrutura morfológica é a mais perceptível na obra; mas sobre a estrutura sintática, embora anunciada com clareza por Varrão, consegue-se apenas estabelecer algumas conjecturas sobre o modo como a sintaxe teria sido tratada, devido à falta dos livros XIV a XXV. Quanto à fonética, pondera o autor, ela mantém uma forte dependência da etimologia e da morfologia; embora ocorram rudimentos do que seria a fonética como ciência autônoma, seu conjunto não forma um corpo de doutrina em Varrão, nem, aliás, nos gramáticos posteriores; os elementos fonéticos encontram-se muito dispersos no *De lingua Latina*, como se verá no capítulo XIII. Conjectura-se que Varrão teria analisado a fonética de forma mais consistente em outra obra, provavelmente no *De antiquitate litterarum*.

¹⁷⁶ Segundo E. Lopes (Lopes, 1995, p. 205), a lingüística moderna elabora sua teoria sobre três componentes gramaticais: “a” o sintático, que é o único dotado de

Como se verifica, Varrão se preocupa em fazer uma metalinguagem científica: situa, historia, faz metodologia, divide, fundamenta, conceitua, exemplifica, cita, aprofunda, esquematiza, recapitula didaticamente, projeta e retroprojeta o texto, define, enfim, realiza praticamente todas as operações típicas, segundo van Dijk, de um texto argumentativo. Seria demasiadamente longo querer analisá-las todas. Aliás, o estudo do aspecto técnico do texto, a seguir, poderá complementar seu teor e sentido científico, como, por exemplo, no uso da terminologia e na definição.

4. UM TEXTO EMINENTEMENTE TÉCNICO : *ARS GRAMMATICA* COMO INSTRUMENTO

Uma ciência erige-se à base de uma nomenclatura técnica. Varrão, criticando as obscuras definições de gramáticos antigos (X, 75), sente a necessidade de definir, de assegurar univocidade à sua terminologia, como diz neste passo: *Quare magis apparebit, si erit aperte de singulis partibus quid dicatur uerbum, quid similitudo uerbi, quid declinatio...*[Por essa razão, haverá mais inteligibilidade se houver clareza em cada uma das

propriedade gerativa; “b” o fonológico, que é interpretação externa de “a”; “c” o semântico, que também interpreta “a”. Assim, “b” e “c” são dotados de propriedade interpretativa; são eles os encarregados de traduzir, fonológica e semanticamente, o componente sintático das línguas. Obviamente, na gramática varroniana, a fonologia (aqui fonética) estava adormecida como disciplina, mesmo porque Varrão, como se verá, parece imiscuir letra e fonema. A fonética estava absorvida pela etimologia e principalmente pela morfologia. Quanto à semântica, embora também na penumbra, Varrão tinha plena consciência de sua importância como ramo da gramática. No começo do livro V, diz que a situaria (a semântica) num segundo plano de interesse, porque, afinal, o seu objetivo imediato era desenvolver etimologias. Mesmo assim, percebeu que não poderia apartá-la de sua pesquisa; com efeito, na prática etimológica ele não abandona a semântica, ao contrário, vai, muitas vezes, questionar o significado dos signos. Portanto, a semântica parece andar à sombra da etimologia, subjacente a ela. Resumindo, o fulcro gramatical varroniano parece estar na morfologia e na “sintaxe”. Da primeira tem-se apenas a explanação teórica, uma vez que está perdida a parte prática; da segunda, que teria abrangido 12 livros, não se tem nem uma nem outra parte, ressaltados alguns fragmentos.

partes, como: o que se entende por palavra, o que é semelhança de palavra, o que é flexão...] (X, 76). E afirma, por exemplo, com a entonação de mestre na técnica requerida para uma definição:¹⁷⁷ *Verbum dico orationis uocalis partem, quae sit indiuisa et minima* [Eu denomino “palavra” a parte indivisível e mínima do discurso falado] (X, 77). E esta outra, sobre flexão, no mesmo passo, menos categórica e mais descritiva: *Declinatio est, cum ex uerbo in uerbum aut ex uerbi discrimine, ut transeat mens, uocis commutatio fit aliqua* [Flexão é o que ocorre quando, partindo de uma palavra para outra ou da diferença de uma palavra, se produz alguma variação na expressão, com a finalidade de informar uma mudança de significado] (X, 77). Conhece sua limitação no vasto campo da pesquisa lingüística (que perdura também para os modernos). Diz-se contente se, sobre o quarto grau das dificuldades etimológicas — aquele que parece ser de nível místico-transcendental ou remete aos arcanos da linguagem —, puder munir-se, se não do conhecimento científico, ao menos, de uma opinião. Trata-se, portanto, de um texto de caráter técnico-científico, resultante de estudo comparativo e de pesquisas noite a dentro: *...quod non solum ad Aristophanis lucernam, sed etiam ad Cleantis lucubraui* [...porque passei noites estudando à luz não só de Aristófanes mas também de Cleanto] (V, 9). Por herança dos gregos, ele vê o fenômeno da língua como objeto da ciência e a gramática como *ars*, τέχνη, isto é, instrumento útil para iluminar a prática da língua.

5. A TERMINOLOGIA TÉCNICO-GRAMATICAL: PELA CONTENÇÃO

O vocabulário gramatical, que na época de Varrão não estava definido, realça a índole técnica do texto do *De lingua Latina*. Em princípio, ele

¹⁷⁷ M. Bunge. *La investigación científica. Su estrategia y su filosofía*. Barcelona: Ariel, 1969, p. 139, *apud* E. Bernárdez (Bernárdez, 1982, p. 75). Este reproduz o texto de Bunge que procura definir o que seja uma definição: “(la definición es) ...una operación puramente conceptual por la qual *se introduce* formalmente un nuevo término en algún sistema de signos...y *se especifica* en alguna medida la significación del término introducido; en la medida, precisamente, en que es precisa la significación de los términos definientes”.

parece fugir de engrossar a relação de termos gramaticais. Mas há aqueles inevitáveis, já consagrados pela lingüística grega. Uns ele mantém no grego, inclusive na grafia, outros ele adapta, latinizando-os; para outros, ainda, ele cria análogos latinos. Assim, ele usa *ἐτυμολογία*, *ἐτυμολογική* e o equivalente *etymologia*, mas também emprega, muitas vezes, um substituto, *origo*; *ἀναλογία* é *similitudo*, *proportio*; *ἀρχαί* é *radices*; *ἄξιωμα* é *propositio*; *ἔτυμος* é *uocabulum*. Em outros casos, apropria-se do étimo grego: *ὁμωνυμία* (*homonímia*), *παρωνυμία* (*paronímia*), *συνωνυμία* (*sinonímia*), *περὶ σημαينوμένων* (*semântica*), por não haver equivalente latino. Mas há também os vocábulos latinos que ele usa indistintamente ou com aproximação semântica, como estes:

- *anomalía*, *dissimilitudo*, *inaequabilitas* [anomalía, dissemelhança, irregularidade];
- *consuetudo*, *usus* [costume, uso];
- *analogia*, *ratio*, *similitudo*, *aequabilitas*, *proportio* [analogia, racionalidade, semelhança, regularidade, proporção];
- *uernacula uerba*, *nostra uerba*, *domi nata uerba* [palavras vernáculas, palavras nossas, palavras autóctones];
- *aliena*, *peregrina*, *aduenticia uerba* [palavras alheias, estrangeiras; vindas de fora];
- *lingua*, *sermo* [língua, fala];
- *nomen*, *uerbum*, *uocabulum* [nome, palavra, vocábulo];¹⁷⁸
- *sexus*, *genus* [gênero gramatical];
- *mas*, *masculinum genus*, *uirile genus* [gênero masculino];
- *femina*, *femininum genus* e *muliebre genus* [gênero feminino].

Algumas palavras assumem sentido elástico: *origo* significa etimologia (*origo uerborum*), “princípio” das analogias (*origo similitudinum*) (X, 11,

¹⁷⁸ No *De lingua Latina*, o termo *nomen* é reservado, muitas vezes, para designar o nome próprio, enquanto os termos *uocabulum* e *uerbum* se aplicam ao nome-substantivo comum; às vezes, porém, *uerbum* designa a forma verbal.

13); *oratio* é linguagem, discurso falado, enunciado, oração; *consuetudo communis* ou *oratio soluta* é a prosa, em oposição à linguagem poética; *radices uerborum* designa os diferentes lexemas das famílias de palavras como também as palavras primitivas (V, 74 e 93). Segue, pela ordem alfabética, com referências textuais,¹⁷⁹ um elenco dos vocábulos técnicos gramaticais e perífrases, com sua significação, de uso mais freqüente no *De lingua Latina* e nos fragmentos de teor gramatical. Observe-se que alguns termos já foram citados no parágrafo anterior, com o objetivo de mostrar o seu emprego dentro do processo sinonímico:¹⁸⁰

- *accusatiuus* [acusativo] (VII, 66, 67);
- *additio litterarum* [acréscimo de letras] (V, 6);
- *adiectio syllabarum* [adição de sílabas] (V, 6);
- *aduenticia uerba* [palavras estrangeiras] (X, 20);
- *aequabilitas* [regularidade, consistência da língua] (IX, 1);
- *analogia, ratio, proportio, aequabilitas, similitudo* [analogia, regra, sistematização, norma, igualdade, regularidade, semelhança] (VIII, 23...);
- ἀναλογία [analogia] (VIII, 23, X, 37, 39);
- *anomalía, dissimilitudo, inaequabilitas* [irregularidade, dissemelhança, inconsistência] (IX, 1, 3, 113...);
- ἀνωμαλία [anomalía] (VII, 23; IX, 1);
- *appelandi partes* [categoria dos nomes: provocábulos = *quis*, vocábulos = *scutum*, *nomina* = *Romulus* e *pronomina* = *hic*] (VII, 44, 45);

¹⁷⁹ Nas referências serão feitas da seguinte forma: com as poucas indicações existentes, com várias indicações (...) e com a informação do número de ocorrências do termo, dada a sua importância na obra.

¹⁸⁰ Cabe lembrar que Varrão é o primeiro gramático latino “profissional”, de que se tem notícia. Passa-se como sendo ele o primeiro a utilizar a terminologia gramatical latina, que, aliás, procurou manter reduzida ao mínimo. Por se tratar de uma fase em que Varrão, entre outros, buscava a consolidação da gramática, cumpre não esperar do erudito reatino a (relativa) precisão terminológica gramatical de hoje, resultante de séculos de reflexão.

- *appellata (nominata) uerba a parte* [metonímias] (V, 141, 155);
- *ars* [técnica, conhecimento, habilidade, sistema] (V, 93; VIII, 6...);
- *articulus > infinitus* ["provocábulo" = *quis, quae*];
 > finitus = ["pronomes" = *hic, haec*] (VIII, 45; X, 18...);
- *auctoritas* [competência, um dos quatro componentes da *latinitas*:
 natura, analogia, consuetudo, auctoritas] (*G.R.F.*, p. 268);
- *augendi genus* [aumentativo] (VIII, 52);
- *commutatio* [comutação, permuta] (V, 6);
- *correptio syllabarum* [abreviação, redução de sílabas] (V, 6);
- *casus rectus, casus obliquus* [casos reto e oblíquo] (V, 4; VII, 33...);
- *concine loqui* [falar harmoniosamente] (VI, 57);
- *cognatio uerborum* [família, parentesco de palavras] (V, 13);
- *coniuncta uerba* [palavras relacionadas, estrutura sintática] (VII, 10;
 VIII, 1);
- *coniugatio* [conjugações do verbo] (*G. L. K.* I, 371, 23-36);
- *copula* [junção] (VII, 10, 14; IX, 4; X, 33);
- *consuetudo, usus* [costume, uso, anomalia] (V, 1, 6, 8...);
- *contraria uerba, quae contraria non habent* [verbos depoentes] (VIII,
 58, 59);
- *dandi casus* [caso dativo] (VIII, 16, 36);
- *declinata uerba/uocabula* [palavras flexionadas, derivadas] (V, 7...);
- *declinatio* [declinação, conjugação, derivação] (VI, 2, 33, 36...);
- *declinatio naturalis/uoluntaria* [declinação natural e voluntária] (VIII, 3,
 5, 6, 10...);
- *declinationes > di[e]rectae* [coordenadas verticais, gênero e número];
 > obliquae [coordenadas horizontais, casos] (X, 44);
- *declinatus uerborum* [declinação, conjugação e derivação] (VI, 36...);
- *definitiones grammaticorum* [definições dos gramáticos] (X, 75);

- *demptio litterarum* [supressão de letras] (V, 6; VII, 1);
- *detractio syllabarum* [elisão de sílabas] (V, 6);
- *diminutio, diminutium* [diminutivo] (*GLK* V, 164, 13-18);
- *discordia uerborum* [incongruência das palavras] (V, 6);
- *discrimina* [tipos diferentes de palavras] (VI, 12...);
- *dissimilitudo* [anomalia, irregularidade, dissemelhança] (VIII, 23...);
- *diuisio* [divisão] (VIII, 44...);
- *duplex uerbum/uocabulum* [palavra composta] (IX, 97);
- *duplicia uerba* [palavras com singular e plural] (IX, 63);
- ἐτυμολογία [etimologia] (V, 2);
- ἐτυμολογική [etimologia] (V, 1; VII, 109);
- *etymologia* [etimologia] (VII, 3, 109);
- *etymologus* [etimólogo] (VI, 39);
- ἔτυμος [étimo, etimologia, origem] (VI, 40, 51, 83...);
- *explanandi gradus* [nível de explicação] (V, 7-9);
- *extrema littera* [última letra] (IX, 44...);
- *extrema syllaba* [última sílaba] (IX, 44...);
- *extrita littera* [eliminada uma letra] (V, 96...);
- *figura* [aspecto, figura, estrutura] (VI, 78...);
- *finitum* [definido, determinado] (V, 11...);
- *forma* [forma, aspecto, flexão] (VI, 78....);
- *formula* [modelo] (IX, 103; X, 33, 43, 44);
- *futurum* [tempo verbal] (VIII, 20, 58);
- *genera prima rerum* [categorias básicas das coisas = espaço, corpo, tempo e ação] (V, 13...);
- *genera nominum: mas, uirile, femina, muliebre, neutrum* [gêneros dos nomes: masculino, feminino e neutro] (VIII, 57, 62);

- *genera uerborum* [tipos de palavras: de caso, de tempo, sem caso e sem tempo, com caso e com tempo] (X, 31);
- *genera participiorum* [tipos de participios: *amans*, *amaturus*, *amatus*] (IX, 110);
- *genera similitudinum* [dois tipos de analogia]:
 - > *uerborum materia* > [radical, lexema];
 - > *materiae figura* > [tema, flexão, declinação] (X, 11);
- *genera analogiae* [tipos de analogia: nas coisas, nas palavras, entre coisas e palavras] (X, 64);
- *genera declinationis, nominatus* [tipos de flexões]:
 - > *nominandi* [denominativo: *equus*, *equile* = cavalo, cavalaria];
 - > *casuale* [casual = *equus*, *equum*];
 - > *augendi* [aumentativa = *albus*, *albius*];
 - > *minuendi* [diminutivo = *cista*, *cistula*] (VIII, 52);
- *glossa* [glosas, comentários, glossários] (VII, 10);
- *glossemata* [glossários] (VII, 34, 107);
- *historia uerborum* [etimologia das palavras, *impositio*] (VIII, 6);
- *impositicius casus* [nominativo, caso reto] (X, 61);
- *impositicum nomen* [nome imposto, forma primitiva] (VIII, 5);
- *impositio uerborum* [imposição dos nomes] (V, 1, 3...);
- *impositor* [impositor, criador de nomes] (V, 18; VII, 1, 2...);
- *impositum nomen, uerbum* [nome imposto, forma primitiva] (V, 1-3...);
- *inaequabilitas* [dissemelhança, inconsistência] (VII, 28, 30; IX, 1);
- *indeclinabilia uerba* [palavras invariáveis *iam uix*, *cras*] (VIII, 9, X, 14);
- *infinitum uerbum* = [provocábulos = *quis*, *quae*];
 - > *ut infinitum uerbum* [vocábulo = *scutum*] (VIII, 45);
- *infectum* [aspecto verbal = presente, pret. imperfeito e futuro] (X, 48...);

- *initia regis* [os princípios, os arcanos] (V, 8);
- *initia rerum* [princípios fundamentais das coisas] (V, 11; VIII, 3, 45...);
- *latinus casus, sextus casus* [ablativo] (X, 62);
- *lingua* [língua, *langue*] (V, 1...);
- *littera* [letra e fonema] (V, 3, 6, 30 ...);
- λόγος, *ratio* [sistema, proporção, analogia] (X, 2, 37);
- *mas* [gênero masculino] (V, 58...13);
- *minuendi genus* [diminutivo] (VII, 52);
- *muliebre genus* [gênero feminino] (V, 15);
- *multitudo* [número plural] (X, 65...);
- *natura* [natureza, ordem natural/flexional] (V, 2...);
- *neutrum genus* [gênero neutro] (VIII, 36...);
- *nomen* [nome comum, nome próprio: *Romulus*] (VIII, 45...);
- *nominandi casus* [nominativo, ‘caso’ reto] (VIII, 42);
- *nominatiuus* [nominativo] (X, 23);
- *nominatus* [categoria de nomes: provocábulo e pronome] (VIII, 45...);
- *notha uocabula/uerba* [palavras bastardas] (IX, 69-71);
- *numeri, uocabula multitudinis finita* [os numerais] (IX, 76 ...);
- *obliqui casus* [casos oblíquos] (VIII, 1, 2, 6, 7, 16 ...);
- *oblivia uerba* [palavras esquecidas, fora de uso] (V, 5, 10; VII, 42);
- ὁμωνυμία [homonímia] (IX, 89);
- *oratio* [frase, discurso, enunciado] (V, 64...);
- *ordo* [paradigma] > *transuersus* [coordenada vertical, casos];
 > *derectus* [coordenada horizontal, gêneros] (X, 22...);
- *origo* [origem] (V, 3...);
- παροιμία = *adagio, ambagio* [provérbio] (VII, 31);

- *partes orationis* [partes da oração, categorias, *uerba quae habent*]:
 - > *casus = appellandi* [nominal = *homo, Nestor*];
 - > *tempora = dicendi* [verbal = *scribo, lego*];
 - > *neutrum = adminiculandi* [adverbial = *docte, commode*];
 - > *utrumque = iungendi* [participial = *scribens; legens*] (VIII, 44...);
- *participia, participalia* [copulativos, participiais] (IX, 110; X, 34);
- *patricus/patrius casus* [genitivo] (VIII, 16...);
- *peregrina uerba* [palavras estrangeiras] (V, 77...);
- *περὶ σημαινόμενων* [sobre os significados, semântica] (V, 2);
- *praesens, futurum, praeteritum* [tempos verbais] (VIII, 20);
- *perfectum* [aspecto terminativo: pretérito perfeito, pretérito mais que perfeito e futuro do pretérito] (IX, 32, 96, 97...);
- *persona* [pessoas gramaticais: *qui loquitur, ad quem, de quo*] (VIII, 2);
- *praenomen* [caracterizador: *Quintus, Sextus, Postumus*] (IX, 60);
- *praeteritum* [tempo verbal: pretérito] (VIII, 20, 58...);
- *praeuerbia* [prefixos: *incessit, decessit* etc.] (VI, 32, 82);
- *principia* [elementos pirmordiais, primeiros fundamentos] (X, 11);
- *principia uerborum* [palavras primitivas, raízes] (VI, 39);
- *primigenia uerba* [palavras primitivas] (VI, 36, 37);
- *prisca uerba* [palavras antigas] (X, 71);
- *productio* [alargamento da sílaba] (V, 6, IX, 104);
- *profata, proloquia, ἀξιώματα* [proposições] (Gell, 16, 8, 1-14);
- *prolocutus* [aquele que acabou de falar] (VI, 57);
- *pronomen (finitum)* [pronomes *hic, hi haec*] (VIII, 45);
- *proportio, analogia, ratio, similitudo* [analogia] (V, 170...: 29 ocorrências);
- *prouocabula (infinita)* [pronomes *quis, quae*] (VIII, 45);

- *radix, radices* [raiz, radical] (VI, 37);
- *ratio, analogia, similitudo, proportio* [analogia] (X, 2, 6, 8,...);
- *regula* [regra, ordenamento, paradigma] (IX, 86);
- *sermo* [língua, fala, *parole*] (VI, 63, 64...);
- *significatio* = [significado, sentido] (VII, 1; IX, 40);
- *signum, signa* > [signos zodiacais] (VII, 14);
 > [constelação] (VII, 50, 73, 74; IX, 24);
 > [estátua] (IX, 78; X, 64);
 > [*signa morbi* [sinais de doença] (X, 46);
- *similitudo, analogia* [semelhança] (V, 75, 78...);
- *singulare* [singular] (IX, 63-64...);
- *societas uerborum* [sociedade, família de palavras] (V, 13; VI, 40...);
- *soluta oratio* [prosa] (VI, 97...);
- *sonitus* [som da voz] (VI, 45...);
- *species* [as seis formas/modos das palavras que não têm caso] (X, 31):
 (verbos):
 > tempo (*lego, legebam*);
 > pessoa (*sero, seris*);
 > modo interrogativo (*legisne?*)
 > modo indicativo (resposta: *lego*),
 > modo optativo (*dicam, dicerem*);
 > modo imperativo (*cape, capito*);
- *συνωνυμία* [sinonímia] (IX, 90);
- *traiectio* [transposição de letras] (V, 6);
- *translatum uocabulum, translaticium nomen* [metáfora] (V, 32...);
- *translatio a similitudine* [catacrese] (V, 77, 117, 161, 167);

- *uerba quae contraria non habent* [verbos depoentes] (VIII, 59);
- *uerbum* [palavra, verbo] (105 ocorrências);
- *uerba aperta/obscura* de origem evidente e não evidente] (V, 84);
- *uerba uernacula* [palavras autóctones] (X, 69);
- *uerba peregrina* [palavras estrangeiras] (V, 77);
- *uerba dicta a parte simili* [catacrese] (V, 77, 117, 161, 167);
- *uerbum temporale* [verbo, ação] (VIII, 95);
- *uerbum* [verbo], seus componentes (IX, 95):
 - > *tempora* [tempos];
 - > *personae* [pessoas];
 - > *genera* [voz];
 - > *diuisiones* [aspectos: *perfectum* e *imperfectum*];
- *uocabulum* [nome comum] (105 ocorrências);
- *uocandi casus* [vocativo] (VIII, 16, 42, 68...);
- *usus* [uso, costume, anomalia] (VIII, 14, 28...);
- *utilitas* [utilidade, uso] (VIII, 26-29...).

Como se verifica, o vocabulário gramatical varroniano é mais freqüentemente descritivo que denominativo, e, não raro, perifrástico, isto é, contorna o objeto por outras palavras para chegar ao significado desejado ou ao entendimento do fato gramatical. A gramática era uma ciência nova, em projeção em Roma. Pelo estado atual da documentação, infere-se que Varrão era o primeiro erudito romano a se aventurar a realizar a sùmula das descobertas gramaticais heleno-helenísticas e também romanas, aplicando-as com originalidade num tratado de 25 livros.¹⁸¹ O *De lingua Latina* assumia um porte enciclopédico; a obra precisava manter discrição na apropriação da nomenclatura, mesmo para

¹⁸¹ Como já se verificou no capítulo III, o *De lingua Latina*, como obra enciclopédica definitiva, fora antecedido por vários ensaios gramaticais realizados por Varrão.

não correr o risco de desagradar os intelectuais romanos, nacionalistas atentos, como Cícero. Assim, e com relutância, Varrão usou uma só vez a palavra que “os gregos chamam ἔτυμολογίαν”, no início do livro V (V, 2), num contexto em que era preciso explicar a origem da palavra e da ciência. A partir daí, latinizou-a em “*etymologia*”, que ele chega a usar duas vezes. Depois cria uma palavra própria, na verdade, semi-substitutiva, “origo”, que é aplicada vinte e sete vezes ao longo do texto. Ele evitou também o empréstimo da palavra μεταφορά (= transporte; transporte do sentido próprio ao figurado); para isso dizia *translaticium nomen* ou *translatum uocabulum*. Nessas circunstâncias, a nomenclatura gramatical latina estava, naturalmente, em formação, daí a necessidade das perífrases. Por exemplo, Varrão chama os depoentes de *uerba quae contraria non habent*, isto é: “verbos que não apresentam a distinção mórfica binária para indicar a relação entre eles e seus sujeitos, ou seja, a atividade ou a passividade destes perante a ação expressa pelo verbo” ou, afinal, verbos que não apresentam voz ativa e passiva — que é o que ocorre, no latim, com os verbos depoentes.¹⁸² Como se observa, outros termos se abrem num leque

¹⁸² Os verbos depoentes ou médios têm forma passiva e sentido ativo. Alguns são transitivos (*Sequor patrem* = Acompanho meu pai), outros, intransitivos (*nascor* = estou nascendo). Uns são semidepoentes, isto é, têm forma depoente no pretérito perfeito e nos tempos derivados deste. Ex.: (*audeo* = presente = ousar; *ausus sum* = pretérito perfeito = ousei). Explica-se, em latim, a existência de verbos de formas passivas com significação ativa. Tais verbos chamam-se depoentes porque depuseram (*de-ponere*) a significação passiva. Veja-se o exemplo: *Puer libro delectatur* [O menino é alegrado pelo livro = O menino alegra-se com o livro]. Neste caso, à forma passiva do latim corresponde, em português, uma forma reflexa — alegra-se — que exprime o sentido medial, nem ativo nem passivo do verbo. Ou também neste exemplo: *Agricola curru uehitur* [O camponês é levado de carroça (voz passiva) > O camponês transporta-se (vai-se) de carroça (voz reflexiva/medial) > O camponês anda de carroça (voz ativa)]. Como se verifica, à forma passiva do latim (*uehitur*) corresponde, em português, uma forma ativa que, pelo sentido, pertence mais à voz passiva. Mas a significação medial do verbo obliterou-se em algumas formas, que tomaram sentido meramente ativo, como o verbo *hortor* = admoesto. Em outros casos, era o sentido do verbo que mal permitia forma ativa, como em *patior* = sofro, sou objeto da dor, padeço a ação = sou passivo. Voltando aos verbos *delecto* e *ueho*, que não são depoentes porque possuem as formas ativa e passiva, parece ter sido

de aplicações, como *genus, oratio, ratio*. Outros, ainda, têm nome apenas circunstancial e pouco descritivo de sua função, como ocorre com o sexto caso, o ablativo, chamado por Varrão de *latinus casus*. Note-se também que para Varrão *signum* significa apenas constelação, estátua, sintoma de doença, sentidos, portanto, distantes ainda do lingüístico moderno (signo lingüístico) emprestado de *σήμα* ou *σημεῖον* — que também não ocorrem no *De lingua Latina*, embora Varrão use *περὶ σημαινομένων* para dizer semântica (sobre os significados).

Considerem-se, pois, as dificuldades e, por trás delas, o mérito e a originalidade varroniana. Quase sem parâmetros pré-existentes, sem convenção ou consenso romano a respeito da nomenclatura gramatical latina, Varrão erigiu de forma pioneira seu *opus magnum* gramatical, o *De lingua Latina*.

6. CONECTORES E FÓRMULAS DERIVATIVAS NOS LIVROS ETIMOLÓGICOS

Na leitura dos livros V, VI e VII, e principalmente a partir do passo V, 13 em que Varrão inicia o glossário etimológico de 1350¹⁸³ palavras — até aí ele colocara os prolegômenos à etimologia, para desenvolver seu trabalho —, pode-se perceber, na superfície sintática dos parágrafos, um esquema fraseológico repetitivo, formado por conectores não só de caráter derivativo, mas também explicativo, justificativo, comparativo e inclusivo, típicos do raciocínio etimológico. Vejam-se os conectores mais freqüentes:

- derivativos > *a, ab, a quo, ab hoc, unde, inde, hinc* [daí, a partir daí, a partir daqui, donde];

desse mecanismo entre voz ativa, medial e passiva que surgiu a própria voz passiva. O latim possuía duas vozes verbais: *ueho* e *uehor*; *ueho* exprime ação ativa = eu transporto; *uehor* tinha, primitivamente, significação medial = eu me transporto. Mais tarde prevaleceu o sentido passivo e daí originou-se a voz passiva. Cf. J. N. Madwig (Madwig, 1972, *passim*).

¹⁸³ Segundo levantamento estatístico de J. Collart (Collart, 1978, p. 17), Varrão elaborou 1750 etimologias no conjunto de suas obras, das quais 1350 figuram no *De lingua Latina*.

- causativos-explicativos > *quod, eo quod, ab eo quod, nam, enim* [pois, porque, visto que, dado que, pois que];
- comparativos > *ut...sic* [como...assim];
- conclusivos > *igitur, itaque, ideo* [em conclusão, portanto, por conseguinte];
- inclusivos-conjuntivos > *sic, item, etiam* (assim, igualmente, também).

Tais conectores funcionam, entre si, de forma muito aproximada, imbricando-se no nível sintático e tornando difícil analisar-lhes o sentido isolado do corpo da frase. Veja-se nestes exemplos o mecanismo que torna a linguagem etimológica de Varrão abrupta, quase telegráfica, típica de um dicionário etimológico:

- *Fluuius **quod** fluit, **item** flumen...* [*fluuius **porque** flui, igualmente flumen*] (V, 27) (causa: inclusão);
- *Via quidem iter, **quod** (causa) ea uehendo teritur; iter **item** (inclusão) actus, **quod** (explicação) agendo teritur; **etiam** (comparação) ambitus iter, **quod** (causa) circumeundo teritur: **nam** (explicação) ambitus circuitus; **ab eoque** (justificação) Duodecim Tabularum interpretes ambitus parietis circuitum esse describunt. **Igitur** (conclusão) tera terra et **ab eo** (derivação) poetae appellarunt summa terrae quae sola teri possunt, sola terrae.* [Via é *iter* (caminho) porque é pisada ao ser transitada; igualmente *iter* é o movimento de ir (*actus*), porque com o transitar é pisado; também o contorno é *iter*, porque, ao ser contornado, é pisado, já que âmbito (*amb-itus*) é circuito (*circu-itus*); e por isso os comentaristas da *Lei das XII Tábuas* definem circuito como contorno do muro (*ambitus parietis*). Por conseguinte *terra* é *tera* (terra = pisada) e a partir daí os poetas chamaram essas superfícies da terra, que são as únicas que podem ser pisadas, de *sola terrae* (solos da terra)] (V, 22).
- *Ignis **a** (derivação) gnascendo, **quod** (causa) **hinc** (derivação) nascitur et omne quod nascitur ignis succendit* [*Ignis (fogo) vem de gnascor (nascer), porque, a partir dele, nascem as coisas e tudo o que nasce se inflama*] (V, 70).

No fazer etimológico, Varrão manipula fórmulas mais ou menos fixas e repetidas à exaustão, próprias da técnica lingüística etimológica, nas quais os citados conectores (principalmente *a/ab, ab eo, quod, ab eo quod, hinc* e outros) figuram quase obrigatoriamente. Essas fórmulas são puramente derivativas (A a B) ou causativas/explicativas (A quod B); elas se apresentam também combinadamente, ou seja, de teor derivativo e ao mesmo tempo causativo/explicativo; entenda-se: juntamente com o sentido derivativo é dada uma razão (causa ou explicação) para o fato derivativo (A a B quod). Cabe, pois, analisar, a seguir, alguns exemplos, para se verificar como Varrão incide, quase inconscientemente, nesses como também em outros esquemas mais complexos ainda. Observe-se que A é o nome focalizado e B é um nome (ou uma razão) em função do qual surge A.

- a) Ele usa freqüentemente o esquema derivativo puro, mais simples e breve: A a B:

Ex.: *Hordeum* **ab** *horrido*

A < B

[*Hordeum* (cevada) vem de *horridus* (erichado)] (V, 106).

- b) Às vezes interpõe um verbo (*dicitur, dictus est, nominatus est, appellatus est*, estando o “est” geralmente eliptizado), neste esquema:

A dicitur a B

Ex.: *Virgultum* **dicitur a** *uiridi*

A < B

[*Virgultum* (rama) recebe esse nome de *uiridis* (verde)] (V, 102).

Ex.: ...*hosticus* **dictus ab** *hostibus* [*hosticus* (hostil) recebe esse nome de *hostes* (inimigo)] (V, 33).

- c) Varrão aplica também o esquema causativo/explicativo puro:

A quod B ou A dictus quod B.

Ex.: ...*testudo*, **quod** *testa tectum hoc animal* [*testudo* (tartaruga) porque este animal é protegido por uma casca (*testa*)] (V, 79).

Ex.: *Capitolium* (A) **dictum quod** *hic, cum fundamenta foderentur aedis Iouis, caput humanum dicitur inuentum* (B) [O Capitólio tem esse nome, porque aí, quando estavam sendo escavados os fundamentos do templo de Júpiter, encontrou-se, segundo contam, uma cabeça humana] (V, 41).

d) Em muitos casos, o autor usa uma combinatória do esquema derivativo com o causativo/explicativo, resultando no seguinte esquema, novo e ampliado:

A ab eo quod B ou A dictus ab eo quod B ou A a B quod hinc.

Ex.: *Comitium* (A) **ab eo quod** *coibant eo comitiis curiatis et litium causa* (B). ...[*Comitium* (local da assembléia) assim se chama pelo fato de que naquele lugar se reuniam para os comícios curiados e por causa dos litígios jurídicos] (V, 155).

Ex.: *Prata* (A) **dicta ab eo quod** *sine opere parata* (B) [Os prados assim se denominam pelo fato de que, sem precisarem ser trabalhados, estão preparados] (V, 39).

Ex.: *Ignis* **a gnascendo quod hinc** *nascitur* [*Ignis* (fogo) deriva de *gnasci* (nascer), porque dele nascem as coisas] (V, 70); obs.: este passo, já citado acima como exemplo de uso de conectores, está sendo reapresentado para explicitar o uso de esquema: *A a B quod hinc*).

e) Em outros casos, ele apresenta uma cadeia de derivações regressivas (C < B, vinda de um radical (< A) e coloca um quarto elemento, o mais desenvolvido na cronologia derivativa (> D):

C a B...B a A, hinc D = (C < B B < A —> D)

Ex.: *Vitis* **a** *vino*, *id* **a** *ui*, **hinc** *uindemia*.

C < B.....B < A —> D

[*Vitis* (vinha) vem de *uinum* (vinho) e este, de *ui* (força), daí *uindemia* (colheita)] (V, 37).

f) Em muitos passos Varrão usa um esquema explicativo-conclusivo, isto é, partindo da semântica primitiva de um vocábulo chega a um terceiro com a base primitiva acrescida de outro aspecto:

A quod B, dictus C.

Ex.: *Ager* (A) **quod** *uidebatur pecudum ac pecuniae esse fundamentum* (B), *fundus* (C) **dictus** [O campo (*ager*), porque era considerado a base (*fundamentum*) dos rebanhos, recebeu o nome de *fundus* (propriedade)] (V, 37).

g) Em outros casos, o autor oferece opção derivativa, seguida de elemento explicativo ou causativo, pois não tem certeza da etimologia:

A ab B, quod C, nisi potius ab D, quod E...

Ex.: *A puteis* (B) *oppidum ut Puteoli* (A), **quod** *incircum eum locum aquae frigidae et caldae multae* (C), **nisi a putore potius** (D), **quod** *putidus odoribus saepe ex sulphure et alumine* (E) [Uma cidade como *Puteoli* recebe seu nome de poços (*putei*), porque em suas cercanias (há) numerosos mananciais de águas frias e quentes; a não ser que, preferivelmente, seja derivado de *putor* (pestilência, mau cheiro), porque (aquele lugar está) freqüentemente empestado pelas emanções de enxofre e alumínio] (V, 25).

h) Varrão prefere, às vezes, historiar o étimo (A...), do qual surge um outro étimo (B), no seguinte esquema:

A a quo B appellatus

Ex.: *Ager Romanus primum diuisus in partis tris* (A...), **a quo tribus** *appellata Titiensium, Ramnium, Lucerum* (B) [O território romano estava inicialmente dividido em três regiões, vindo daí o nome *tribus*: dos *Titienses*, dos *Ramnes* e dos *Luceres*] (V, 55).

i) Em várias situações etimológicas, principalmente em se tratando de topônimos, antropônimos e teônimos, Varrão desenvolve mais uma ampla história do nome do que uma derivação propriamente dita; para isso chega a dispender um ou dois parágrafos inteiros, como é o caso da etimologia do nome do rio Tibre.

Ex.: *Sed de Tiberis nomine anceps historia. Nam et suum Etruria et Latium suum esse credit...*[Entretanto, sobre o nome do Tibre existe uma dupla tradição, visto que tanto a Etrúria como o Lácio acreditam ser seu ...] (V, 30).

Ex.: *Principes dei Caelum et Terra. Hi dei idem qui Aegypti Serapis et Isis, etsi Harpocrates digito significat, ut taceam. Idem principes in Latio Saturnus et Ops. Terra enim et Caelum, ut Samothracum initia docent, sunt dei magni...etc.* [Os primeiros deuses são Céu e Terra. Esses deuses são os mesmos que, no Egito, são conhecidos como Serápis e Ísis, apesar de que Harpócrates, com seu dedo, esteja me fazendo sinal para que me cale. Igualmente, esses primeiros deuses são, no Lácio, *Saturnus* e *Ops*. Terra, pois, e Céu, como ensinam os mistérios dos Samotrácios, são os grandes deuses...] (V, 57-58).

j) Tem-se ainda o tipo da etimologia complexa, apoiada numa autoridade lingüística, mas opcional, ou seja: Varrão fornece a etimologia latina, confirma-a através de um poeta latino, mas, por dúvida, admite que a palavra possa vir do grego, criando o seguinte esquema:

A quod B, ut ait..., nisi quod Graece —> *A < B ut C, nisi quod D*

Ex.: *Nox* (A), *quod*, ***ut*** *Catulus ait*,

“Omnia nisi interueniat sol pruina obriguerint” (B),

quod *nocet* (C), *nox*, ***nisi quod Graece*** *vóξ* *nox* (D).

[A noite (*nox*) se denomina assim porque, como diz Catulo, “se o sol não interviesse, tudo se congelaria na neve”; quer dizer, chama-se assim a noite porque é nociva (*nocet*); a menos que derive do grego *vóξ*, que significa noite] (VI, 6). É interessante observar, face à citação interposta, a retomada que Varrão faz do referente (*nox*) e do conector (*quod*) para gerar clareza na frase.

Encerrando o estudo dessas fórmulas derivativas, vê-se que são repetitivas mas não cansativas, pois elas vão se sucedendo num quadro de situações bastante variadas.

7. OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS: ABUNDÂNCIA E VARIEDADE

Se a técnica divisória dos três livros etimológicos (V, VI e VII) se fez em função do princípio binário pitagórico (espaço e tempo) combinado

com a teoria dos níveis da linguagem (popular e poética),¹⁸⁴ a dos livros morfológicos (VIII, IX e X) obedece ao clássico esquema retórico da tese, antítese e síntese na busca de uma verdade, a mais científica possível. No livro VIII, os anomalistas defendem a anomalia, apresentando argumentos contra a analogia. O tom dos anomalistas é mais negativo e intransigente; na verdade, eles mais atacam a analogia do que justificam a anomalia.¹⁸⁵ No livro IX, a argumentação dos analogistas é mais tranqüila e positiva; os argumentos são mais de defesa da analogia do que de ataque à anomalia, à qual até fazem concessões. O livro X é síntese conciliatória com uma moderada vantagem para a analogia. Os três livros apresentam, seqüencialmente, o seguinte esquema: *contra - pro - de*, isto é, contra a analogia (livro VIII), a favor da analogia (livro IX) e a verdadeira forma da língua (livro X) constituída pela conciliação dos dois pólos aparentemente opostos. Mas o que interessa frisar neste item é o esquema técnico-científico de que se imbuía a mente do autor. Se a superestrutura dos livros etimológicos era mais demonstrativa, porque comprometida com as numerosas e repetitivas formas etimológicas tendentes a mostrar a origem e a razão de ser de cada palavra — o que induzia necessariamente o autor a um estilo abrupto e elíptico —, nestes livros morfológicos essa superestrutura revela a face argumentativa. Conseqüentemente, os enunciados são mais extensos, porque mais amplas são as diretrizes do raciocínio varroniano em função da polêmica analogia-anomalia. Assim, o texto desses livros VIII, IX e X é densamente argumentativo. O autor coloca as teses dos anomalistas no livro VIII e as dos analogistas no livro IX;

¹⁸⁴ Essa divisão já foi estudada no capítulo III: palavras do uso popular (prosa) referentes ao espaço e ao que nele está (livro V), palavras de uso popular referentes ao tempo e ao que nele existe (livro VI) e palavras dessas duas categorias no uso dos poetas (livro VII).

¹⁸⁵ Observe-se que a tese varroniana é pela prevalência da analogia sobre a anomalia na língua. Entretanto, a ordem tese > antítese > síntese (*pro* > *contra* > *de*) está invertida nos dois primeiros termos, pois no livro VIII combate-se a analogia na defesa da anomalia e no livro IX defende-se a analogia contra a anomalia. Em outras palavras, a seqüência real da argumentação nos livros é: antítese (VIII) > tese (IX) > síntese (X) ou *contra, pro, de*.

neste, diz que se propõe rebater, uma por uma, as questões colocadas contra a analogia, levantadas no livro VIII. No final do livro IX ele arremata, expressando sua intenção argumentativa e a meta alcançada: *Quibus rebus solui arbitraremur posse quae dicta sunt priori libro contra analogian, ut potui breui percucurri* [Expus da maneira mais breve possível os argumentos com os quais cremos ter rechaçado as críticas que contra a analogia se levantaram no livro precedente] (IX, 113). O enquadramento a esse rígido esquema retórico, que potencializa a controvérsia anomalia *uersus* analogia, reflete-se, como causa e efeito, no uso dos operadores argumentativos, aos quais o autor justamente recorre para dar encadeamento ao discurso. Eles são causa, porque geram ou denunciam, sintaticamente, o rumo argumentativo do texto (*cum*, *si*, *quare*, *ergo* etc.) e são efeito, porque obedecem à intenção primeira de argumentar. Vejam-se os mais freqüentes:

a) Causa-explicação

- *Cum* [considerando que, dado que] (VIII, 13; IX, 48);
- *Nam* [efetivamente, com efeito, de fato] (IX, 9);
- *Quoniam* [visto que] (VIII, 21);
- *Eo iam magis* [Já por maior razão] (VIII, 35);
- *Itaque* [por isso] (IX, 93);
- *Quare cum* [por essa razão, como] (VIII, 30, X, 67);
- *Quare quoniam* [por isso, visto que] (IX, 83);
- *Quare quod* [por esse motivo, visto que] (IX, 84);
- *Quare proinde* [por essa razão então] (X, 16);
- *Quare* [por esse motivo, por isso] (IX, 62).

b) Explicação-condição ou condição-conclusão:

- *Quod si* [porque se] (VIII, 31, 33, 34; IX, 52);
- *Si enim* [se, pois] (IX, 23);
- *Quare si* [por essa razão, se] (X, 61).

c) Sucessividade:

- *Nunc* [agora] (VIII, 50);
- *Primum* [primeiramente] (VIII, 54);
- *Secundo* [em segundo lugar] (VIII, 64);
- *Sed prius* [antes porém] (IX, 70);
- *Denique* [enfim, em conclusão] (VIII, 37);
- *Postremo* [por último] (VIII, 38);
- *Deinceps* [continuando, em prosseguimento] (VIII, 75).

d) Conjunção/inclusão:

- *Item* [igualmente, assim também] (VIII, 70);
- *Ne...quidem* [certamente não, também não] (VIII, 60);
- *Etiam* [também] (IX 101);
- *Praetera* [além disso] (VIII, 58);
- *Similiter* [igualmente] (IX, 99);
- *Sic* [assim] (IX, 69);
- *Sic item* [assim] (VIII, 68);
- *Quod* [quanto a] (IX 63);
- *Equidem* [certamente] (IX, 31).

e) Contrajunção:

- *Contra* [ao contrário, por outro lado] (VIII, 22; X, 83);
- *Sin* [ao contrário, se] (VIII, 41);
- *Sed* [mas] (IX, 107);
- *Sed ne* [mas também não] (IX, 71);
- *Sed quoniam* [mas porque] (X, 54);
- *Qui autem* [os que, porém] (IX, 63).

f) Disjunção interrogativa:

- *Nonne* [acaso...não?] (IX, 24);
- *Num* [por acaso...não?] (IX, 25);
- *An non* [por acaso...não ...?] (IX, 31).

g) Comparação:

- *Vt...sic* [como...assim] (VIII, 4);
- *Nam ut...sic* [pois como...assim] (X, 38).

h) Conclusão:

- *Igitur* [portanto] (VIII, 5);
- *Ergo* [portanto] (VIII, 59);
- *Ex quo* [disso, daí] (IX, 96);
- *Sic enim* [assim, pois] (VIII, 69);
- *Quocirca* [por conseguinte] (IX, 102).

Como se verifica, é grande a variedade de operadores dos quais Varrão faz uso no seu texto. Eles apontam constantemente para o fato de que este, o texto, caminha no sentido da argumentação, cujo objetivo é a demonstração de uma verdade científica, segundo o interesse tanto dos anomalistas como dos analogistas. Seguem alguns exemplos em frases, com a indicação do sentido que mais as impregna:

- a) Explicativa: **Quom** (*Cum*) *oratio natura tripartita esset...*[Como a linguagem se divide, por natureza, em três partes...] (VIII, 1);
- b) Comparação: **Vt** *in hominibus quaedam sunt agnationes ac gentilitates, sic in uerbis...*[Como existe entre os homens relação de parentesco e consaguinidade, assim ocorre entre as palavras] (VIII, 4);
- c) Conclusão: **Duo igitur** *omnino uerborum pincipia, impositio et declinatio* [Portanto, duas são, ao todo, as origens das palavras: a imposição e a flexão] (VIII, 5);
- d) Condição-conclusão: **Si enim** *usquequaque non esset analogia...*[Se, pois, a analogia não se estendesse por todos os níveis...] (IX, 23).

Na tentativa de tipificar o *De lingua Latina*, verificou-se que se trata de um texto eminentemente didático e comprometido com a intenção de passar aos leitores os conhecimentos relativos a uma temática claramente enunciada e abordada por formas ainda hoje prestigiadas: a divisão da matéria, a explanação, a recapitulação, a fixação etc. Trata-se também de um texto técnico-científico — considerados os parâmetros da ciência da época —, pois que está impregnado do espírito de pesquisa, concisão e objetiva exposição do assunto. Por outro lado, o texto inclui uma terminologia, senão rica, ao menos adequada, ao lado de articuladores, fórmulas e operadores argumentativos — todos suficientes para atingir o escopo de ser uma vigorosa metalinguagem da língua latina.

Concluindo, verifica-se que Varrão, despreocupado da intenção primária de realizar uma obra estética e prazerosa — que seriam requisitos primordiais em toda obra literária —, buscou, antes, produzir um texto denso de metalinguagem, ou seja, pleno de dados da gramática e do *corpus* literário até então conhecido, direcionados de forma didática, científica e técnica, em decorrência do propósito de oferecer aos romanos bons motivos para apreciarem e aprimorarem as riquezas do seu código lingüístico, o latim.

CAPÍTULO V

OS NÍVEIS DE EXPRESSÃO: ESTILO E LITERARIEDADE

O leitor antigo admirava; o moderno, pasmo, aplaude o que teria sido a grande e complexa obra varroniana. Ele sabe que, hoje, tem acesso a uma mínima parte dela, isto é, o *De re rustica* (inteiro) e o *De lingua Latina* (uma quarta parte). Considerando-se o total de 74 títulos admitidos pela crítica como realizados, os citados dois títulos correspondem a magros 3,7%. Acresça-se a esse cômputo uma quantidade razoável de 487 pequenos fragmentos. Verifica-se que, qual Vesúvio em antecipada erupção de saber, Marcos Terêncio Varrão jorrou para o mundo antigo uma massa inédita de informações sobre os mais variados temas. Já pelo volume de títulos escritos examinados no capítulo III, ele é inigualável na literatura latina, como também o é pelo espírito técnico-científico e didático que imprimiu à sua obra, como se procurou demonstrar no capítulo IV. Por aí se explica a enorme influência que ele exerceu sobre os escritores que se ocuparam do patrimônio cultural romano. Cabe, pois, agora, passar à análise de um outro elemento essencial à superestrutura de todo texto: o nível ou tons da expressão, ou seja, o estilo literário de que se impregna.

1. O LATIM SEM CHARME: CRÍTICAS ACERBAS E AMENIZAÇÃO

Apontou-se muitas vezes, em Varrão, enquanto escritor, sua falta de charme e de harmonia (Paratore, 1983, p. 178). O estilo com que expôs seu pensamento gramatical no *De lingua Latina* tem sido objeto de acerbas críticas de antigos e modernos estudiosos do latim e da literatura latina. Já se observou anteriormente que Palemon, seu leitor imediato e gramático da época de Tibério, o chamara de *porcus*. Suetônio saíra na defesa do reatino, atacando a audácia do crítico: *Arrogantia tanta fuit ut M. Varronem porcum appellaret* [Foi tanta sua arrogância que chamou Marcos Varrão de

porco] (Suet., *De gramm.* 23). Já Quintiliano fazia a distinção entre Varrão erudito, pesquisador e expositor: o sabino era o mais erudito de todos os romanos, escrevera um grande número de obras, conhecia a fundo as antiguidades gregas e romanas, todavia... *plus tamen scientiae collaturus quam eloquentiae* [...irá contribuir mais sob o aspecto da ciência do que da eloquência...] (Quint., *Inst. orat.* X, 1, 95). E Agostinho, teorizando sobre a relação obra-leitor, dizia que “Apesar de ter um estilo pouco agradável, Varrão é tão pleno de ciência, tão rico em pensamentos, que, na ordem da erudição secular..., ele instrui o leitor que aprecia adquirir conhecimentos, ao passo que Cícero encanta o amante de belas frases”. E continua: “Cícero o elogiou como o escritor mais sábio...Ele não disse o mais eloqüente, o mais brilhante.”¹⁸⁶ De fato, Cícero criticava o estilo asianista oratório e floreado de Varrão, cheio de escórias, tentando imitar Hegésias, como já visto no capítulo IV (*At.* 12, 6, 1).¹⁸⁷

Também os modernos, como já se adiantou no capítulo I, criticam o latim do *De lingua Latina*, como E. Norden: “Pode-se dizer que este vastíssimo tratado sobre a língua latina foi escrito no pior estilo latino que jamais uma obra em prosa apresentou”.¹⁸⁸ M. Huergon,¹⁸⁹ mais

¹⁸⁶ Aug., *C. D.* VI, 2 (A tradução é de minha responsabilidade).

¹⁸⁷ Segundo A. Traglia (Traglia, 1979, p. 532), o asianismo ou antiaticismo, tendo por iniciador Hegésias, era um estilo oratório inovador, floreado, antitético, caracterizado por frases curtas. Traglia considera que o estilo varroniano era uma reação à tendência helenizante (purismo e clareza de César e elegância de Cícero) e uma busca da simplicidade e da essência da arte antiga. O estilo de Varrão corresponde, de alguma forma, ao seu caráter de sabino severo, conservador e tradicionalista: brevidade, concisão, rusticidade, desarmonia (*inconcinitas*), eis as marcas preponderantes. A. Desmouliez (Desmouliez, 1952, p. 168-85) esclarece que havia em Roma duas reações estéticas: uma, plástica (escultura, arquitetura) contra o estilo helenizante e outra, literária, contra o asianismo; a disputa retórica entre o aticismo e o asianismo repercutia na gramatical; nesta, prevalecia a contenda entre a analogia e a anomalia; Desmouliez encerra a questão fazendo estas perguntas: aticistas, por que eles eram analogistas? Ou: analogistas, por que eles eram aticistas?

¹⁸⁸ E. Norden (*Die antike Kunsprosa*, Leipzig, 1898, v. I, p. 195, ap. A. Traglia (Traglia), 1982, p. 481-511): “Man wird wohl sagen dürfen, dass dies grösste Werk über die lateinische Sprache in dem schlechtesten lateinischen Stil geschrieben ist,

condescendente, relata, com alguma justificativa: “Temos a oportunidade, se se ousa dizer, de ter em Varrão um mau escritor...Há nele um esforço por captar o leitor mediante artifícios retóricos, uma procura ingênua e maníaca por efeitos...O *De lingua latina* é menos polido do que o *De re rustica*...Tem-se a impressão de que a forma é mal acabada”. J. Collart considera que Varrão apresenta no *De lingua Latina* muitos elementos de oralidade, isto é, tende a trazer para a escrita o nível de fala, embora isso não seja suficiente para explicar o estilo obscuro. Tais julgamentos, ainda segundo J. Collart, devem levar em consideração os seguintes fatos (Collart, 1954, p. 337):

a) O manuscrito F é o mais autorizado, mas, por estar extremamente corrompido, oferece graves problemas para o estabelecimento do texto — o que implica no risco de se imputar a Varrão redações inorgânicas que aparentemente não venham dele;

a) É possível que Varrão, por razões pessoais, tenha apressado a redação e a publicação de seu *De lingua Latina* e, assim, não tenha feito uma revisão;

c) Varrão, nesse tratado que comporta uma complexa teoria e um grande repertório de exemplos, não tinha a intenção de fazer obra literária.¹⁹⁰

den irgendein Prosawerk zeigt”. A. Traglia, no seu estudo, tentou atenuar essa opinião radical de E. Norden, analisando uma série de passos que apresentam, segundo ele, um estilo cuidadoso e esmerado.

¹⁸⁹ M. Huergon. *Style de Varron*, p. 62, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 336). A tradução é de minha responsabilidade.

¹⁹⁰ O *De re rustica*, ao contrário, com sua forma dialogada, tema menos árido, trechos descritivos, propiciava o exercício de um estilo mais aprimorado, embora, na sua dedicatória, no início da obra, Varrão expressasse que gostaria de ter feito algo melhor, se tivesse mais tempo disponível.

2. O TEXTO VARRONIANO: DESCUIDOS E JUSTIFICATIVAS

Quais seriam, então, os defeitos mais aparentes do escritor reatino? Vejam-se, com exemplos, os mais freqüentes, segundo E. Laughton (Laughton, 1960, p. 1-28):

a) Omissão do pronome antecedente.

Com freqüência, Varrão omite o pronome antecedente normalmente requerido pelo conseqüente, como ocorre nas seguintes frases:

- *Similis causa (...) quae ab scientia uocantur aliqua ut prestigiator* (V, 94). Inserindo-se nos parênteses (em negrito) os elementos eliptizados, isto é, um pronome adjetivo demonstrativo (*eorum*, com o seu nome-substantivo *uerborum*) que deveria preceder o pronome relativo conseqüente (*quae*), a frase, reescrita, seria: *Similis causa **eorum uerborum** quae ab scientia uocantur aliqua ut praestigiator..* [Semelhante é a explicação daquelas palavras que têm um nome derivado de um determinado conhecimento, como *prestigiator* (prestidigitador)].

- *Igitur de originibus uerborum (...) qui multa dixerit commode potius boni consulendum, quam (...) qui aliquid nequierit reprehendendum, praesertim quom etymologice non omnium uerborum posse dici causam* (VII, 4). Incluindo-se nos parênteses (em negrito) os pronomes antecedentes eliptizados (*ei*, *eum*) que deveriam preceder os relativos (*qui*, *qui*), a frase ficaria assim estabelecida: *Igitur de originibus uerborum **ei** qui multa dixerit commode potius boni consulendum (est), quam **eum** qui aliquid nequierit reprehendendum, praesertim quom etymologice non omnium uerborum posse dici causam* [Por isso, deve-se ter em especial apreço a quem muito e apropriadamente escreveu sobre a origem das palavras em vez de censurar a quem não pôde encontrar solução para alguma questão, principalmente quando a ciência etimológica confirma não ser possível estabelecer a origem de todas as palavras].

Resumindo, visualize-se o jogo desses pronomes nos enunciados acima estudados:

antecedentes <—> conseqüentes

—> “eorum”....	<— quae
—> “ei”	<— qui
—> “eum”	<— qui

Obs.: Note-se também a elipse do verbo *est* após *consulendum*.

b) Uso do pronome com antecedente vago ou distante.

Tal uso ocorre em muitos passos, como com o pronome **quorum** (V, 10), **in eo** (V, 48), **ex qua** (V, 96). Veja este exemplo com o pronome *quorum*:

- *Igitur quoniam in haec sunt tripertita, quae sunt aut nostra aut aliena aut obliuia, de nostris dicam cur sint, de alienis unde sint, de obliuiis relinquam, **quorum** partim quid tamen inuenerim aut opiner scribam.* [Por isso, visto que as palavras se repartem em três categorias, isto é, ou são nossas, ou alheias ou esquecidas, vou explicar por que existem as nossas, qual é a origem das alheias e deixarei de lado as esquecidas: quando, porém, eu descobrir algo ou tiver uma opinião sobre elas, escreverei] (V, 10). Esse pronome (*quorum*) é generalizador. Não indica exatamente a que tipo de palavras o autor se refere como objeto de futuros esclarecimentos; pela proximidade, seriam as *obliuia*.

c) Elipse de verbos (*esse, dicere, uiuere* etc.).

Vejam-se estes exemplos em que foram eliptizadas formas verbais, que seriam, provavelmente, as que estão em parênteses e em negrito:

- *Quod si uiri sapientissimi...laudati **(sunt)*** [Pois que, se têm sido elogiados os mais sábios homens...] (IX, 13).

- *deae honos apud antiquos **(fuit)*** [tal deusa foi venerada entre os antigos] (VI, 19).

- *a quo potest **(esse)** ara deum...* [Pode ser que seja essa a origem da palavra *ara* (altar) dos deuses] (V, 38).

*Dicemus primo de temporibus, tum quae per ea fiunt, sed ita ut de natura eorum **(dicere possimus)*** [Primeiramente iremos falar dos tempos,

depois, das ações que neles acontecem, porém, de tal forma que, antes, possamos abordar a natureza deles (VI, 3).

- *hoc erat antiquum Macellum, ubi holerum copia (**erat**)* [Este era o antigo *Macellum* (mercado), onde se encontravam produtos de horta em quantidade] (V, 146).

- *Apri (**dicti sunt**) ab eo quod in locis asperis (**uiuunt**)* [Apri (javalis) são assim chamados por causa dos lugares ásperos em que vivem] (V, 101).

- *Nam et Asia, quae non Europa (**est**), in quo etiam Syria (**est**)...* [Pois, por um lado, a Ásia, continente que não é a Europa, no qual se inclui também a Síria...] (V, 16).

A omissão da forma verbal “*est*” é constante em Varrão, o que revela sua preocupação em abreviar a frase, para ganhar tempo, face à grande quantidade de palavras a explicar.

d) Emprego das mesmas palavras com sentidos diferentes.

Veja-se este exemplo:

- *actus* [passagem para animais e medida agrária] (V, 34).

e) Pleonasmos

Seguem alguns exemplos com uma tradução aproximada do que seriam esses pleonasmos pensados pelo autor:

- *itaque inde* [por isso, daí, por isso mesmo] (V, 66);

- *itaque propter* [por isso, por essa razão precisamente] (V, 112);

- *foris ac palam* [por fora e à vista, declaradamente, ostensivamente] (V, 131);

- *deinde tum* [depois, então, logo depois] (VI, 42).

f) Elipse do pronome **se** na construção do acusativo com infinitivo.

Vejam-se estes dois exemplos:

- *esset enim ut si quis, Menaechmos geminos cum uideat, dicat (...) non posse iudicare similesne sint* (VIII, 42). Transcrevendo-se a frase e incluindo-se no parêntese e em negrito o dito pronome **se**, tem-se:

- *esset enim ut si quis, Menaechmos geminos cum uideat, dicat **se** non posse iudicare similesne sint* [Seria como se alguém, vendo os gêmeos Menechmos, dissesse que não poderia decidir se são ou não são semelhantes...].

- *Quare cum hic liber id quod pollicitus est (...) demonstraturum absoluerit, faciam finem* (IX, 115). Rescrevendo-se a frase e incluindo-se nos parênteses e em negrito o dito pronome **se**, tem-se:

- *Quare cum hic liber id quod pollicitus est **se** demonstraturum absoluerit, faciam finem* [Visto que este livro concluiu aquilo que ele prometera que iria demonstrar, finalizarei].

g) Repetição de *quod, ut, itaque*.

Note-se a presença desses elementos, em negrito, nas frases abaixo:

- **itaque** *qui adest assiduus fere et quom oportet, is frequens (sc. est), cui infrequens opponi solet. **Itaque** illud...*[Por isso, quem se faz quase sempre presente em um lugar e quando é preciso, este é freqüente (assíduo), ao qual se costuma opor infreqüente. Por isso, aquilo...] (VII, 99).

- *Hircus, **quod** Sabini fircus...*[Denomina-se *hircus* (bode), porque os sabinos dizem *fircus*] (V, 97). *Aries, **quod** eum dicebant ares ueteres* [*Aries* (carneiro), porque os antigos chamavam-no *ares*...] (V, 97, 98).

A repetição de *quod, ut, itaque* se justifica no desenvolvimento das etimologias. O autor precisa dar constantes razões ou estabelecer comparações para explicar a origem das palavras, por isso recorre rotineiramente a essas conjunções.

g) Mudança ideológica de sujeito.

Veja-se este exemplo em que o sujeito, inicialmente “pessoa” (*qui*), passa, bruscamente, para “coisa” (*sacramentum*):

- *qui iudicio uicerat, suum sacramentum e sacro auferebat, uicti (...) ad aerarium redibat* (V, 180). Entenda-se que o sujeito do verbo *redibat* não é mais *qui* e sim, *sacramentum*, que deveria estar explícito na frase após *uicti* (entre parênteses, supra). Rescrevendo a frase, e inserindo o novo

sujeito (*sacramentum*, em negrito), a frase ficaria constituída da seguinte forma:

- *qui iudicio uicerat, suum sacramentum e sacro auferebat, uicti **sacramentum** ad aerarium redibat* [...a pessoa que ganhava a causa em juízo retirava o seu depósito feito junto ao depositário-confidente (e *sacro*); o dinheiro do perdedor passava para o erário] (V, 180).¹⁹¹

h) Mudança de sujeito determinado para indeterminado plural, coletivo.

Eis um exemplo:

- *Vindemiator uel quod uinum legit dicitur uel quod de uiti id demunt* (ou ***demit*** ?) [Diz-se *uindemiator* (vindimador) seja porque colhe a uva (*uinum*), seja porque a desprendem (*demunt*) (e não *demit* = desprende) da parreira] (V, 94). Sendo o sujeito da primeira frase *uindemiator*, esperava-se que o verbo da segunda parte da alternativa (*uel*) ficasse também no singular (*demit*, ver, supra, entre parênteses, em negrito e em interrogação), em simetria com o anterior, *legit*. Dessa forma, o plural *demunt* surpreende pela inovação brusca, embora possa ser explicado pelo fato de que a ação de cortar os cachos de uva da parreira é, normalmente, realizada por mais de um indivíduo.

i) Silepses de gênero e número.

Examine-se este caso:

- *Vbi frumenta secta, ut terantur, arescunt area. Propter horum (***huius, harum*** ?) similitudinem...*[O lugar onde secam os cereais colhidos para serem trilhados chama-se *area* (eira). Devido à semelhança com estas...] (V, 38). O que está em parênteses, em negrito e em interrogação, é uma anotação deste autor (*huius, harum?*). Questiona-se por que Varrão não usou *huius* para concordar com o singular *area*? Ou, se ele quis alterar, subitamente, para um plural (*areae*), por que não usou o demonstrativo

¹⁹¹ Varrão está se referindo ao dinheiro que as partes litigantes depositavam nas mãos dos pontífices, que é o procedimento *per sacramentum* (= depósito em juízo). Quem vencia recuperava sua parte (quinhentos asses). O dinheiro de quem perdia revertia para o tesouro público.

feminino plural *harum*, para concordar com um feminino plural? Dessa forma, o uso de *horum*, neste caso, se apresenta como sendo uma silepse simultânea de gênero e de número.

Eis o seguinte exemplo de silepse de gênero, que, aliás, já foi examinado acima, sob o aspecto da elipse do verbo *est*:

- *Nam et Asia, quae non Europa, in quo (**qua?**) etiam Syria...* [Pois, por um lado, a Ásia, continente que não é a Europa, no qual se localiza também a Síria...] (V, 16). A interposição de *qua* (entre parênteses, em negrito e em interrogação) é uma anotação deste autor. Questiona-se por que Varrão utilizou o pronome relativo masculino *quo* e não o feminino *qua*. Em outras palavras, em que termo masculino ele teria pensado para realizar uma silepse de gênero? Ou seria um trivial lapso dos copistas ?

Ainda outro exemplo de silepse de gênero:

- *Cum Caelio coniunctum (**coniunctae ?**) Carinae...* [Vinculadas ao Célio estão as Carinas] (V, 47). O leitor esperava que se usasse *coniunctae*, em parênteses, em negrito e em interrogação, concordando com *Carinae*, em vez de *coniunctum*.

j) Frases emaranhadas.

Quando a frase varroniana se alonga, ela se torna, por vezes, obscura, por causa da inserção e superposição de vários níveis sintáticos. Veja-se este exemplo:

- *Quod in pecore pecunia, tum pastoribus consistebat et standi fundamentum pes a quo dicitur in aedificiis area pes magnus et qui negotium instituit pedem posuisse, a pede pecudem appellarunt, ut ab eodem pedicam pedisequuum et peculiariae oues aliudue quid: id enim peculium primum.* [Como naquele tempo a riqueza (*pecunia*) para os pastores se baseava no gado (*pecus*), e devido a que o pé é a base do equilíbrio — por isso, na construção de edifícios se fala de *pes magnus*,¹⁹² referindo-se a um solar —, desse pé tomaram nome *pecudes* (gado), assim

¹⁹² Segundo M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 74), tratava-se do *pes contractus*, empregado pelos geômetras, equivalente a uns 60 centímetros.

como *pedica* (cepo), *pedisequus* (lacaio) e *peculiariae* (base do pecúlio) ou qualquer outro recurso: esse foi, pois, o pecúlio inicial] (V, 95). Como se nota, antes de chegar à oração principal (*a pede pecudem appellarunt*) Varrão coloca várias subordinadas: a) *Quod in pecore...*b) *et standi fundamentum pes*, c) *a quo ...*d) *et qui...* Depois de algumas comparações presas à idéia da principal (*ut*), conclui com um *enim* (pois) que mais parece conclusivo do que explicativo (pois, posposto = portanto). Prevalece, pois, no período, uma hipotaxe contorcionista que dificulta o entendimento e a seqüenciação natural dos sintagmas frasais.

A que atribuir tais e outros defeitos? Segundo Heidrich (*Stil des Varro*, p. 35, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 337), há uma espécie de desprezo de Varrão pelos modos elegantes em Roma, por influência grega; há um “coquetismo” que o levava a praticar a *inconcinitas* (deselegância, desarmonia) como reação.¹⁹³ Para E. Norden esse estilo resultava da intenção de imitar os antigos e, mais recentemente, o asianismo de Heségias. Para M. Marouzeau, os defeitos devem ser imputados ao gênero didático da obra, que, como um manual ou sumário, visava fornecer o máximo de dados possíveis, incidindo num estilo “telegráfico”. Para E. Laughton (Laughton, 1952, p. 2), Varrão dera mesmo pouca atenção à questão do estilo e, com efeito, teria tido alguns rasgos de imitação do asianismo, o que se verifica pelo uso de antíteses, quiasmos, paralelismos, repetições, anacolutos, falta de suavidade, dissimetrias, retomadas exaustivas, elipses freqüentes etc.¹⁹⁴ De fato, a impressão que se tem na leitura do *De lingua Latina* é de que Varrão concede primordial importância aos dados, ao inventário, ao intenso registro de informações,

¹⁹³ Ver-se-á que Varrão, apesar de seu esforço conciliativo, pende para a prevalência da analogia na linguagem, mas no passo VIII, 31, debatendo o princípio da utilidade e da elegância ou prazer estético que vem da natureza das coisas, ele põe na boca dos anomalistas o argumento de que a *elegantia* se encontra com mais freqüência no critério do diferente, da *dissimilitudo*, isto é, na anomalia. É possível que esse raciocínio tenha determinado certo gosto varroniano pelo asianismo, relacionado com o critério anomalista.

¹⁹⁴ Para Cícero (*Or.* 226, 230; *Br.* 286), o asianismo ou antiaticismo como estilo literário consistia num artificial desarranjo do enunciado.

passando a um plano secundário a maneira como esses elementos pudessem ser atraentemente oferecidos. Ele se apresenta estritamente como um técnico, com interesse em dois aspectos no *De lingua Latina*: no estudo dos dados do antiquário e da gramática.¹⁹⁵ E, geralmente, a aridez dos temas que atraíram sua atenção era pouco propícia à inspiração literária. Ele mesmo sente que esses temas são maçantes e enfadonhos para o leitor; freqüentemente percebe que é tempo de terminar um segmento ou de dar por encerrado o próprio livro. Vejam-se estes passos em que o autor transmite essa sensação de saturação: *sunt satis, ut arbitror dicta* [foram, penso eu, satisfatoriamente expostas] (V, 184); *...satis multas arbitror positas; desistam* [penso que muitas (etimologias) foram apresentadas suficientemente; darei por encerrado] (VI, 97).

3. A INCONCINITAS: DESELEGÂNCIA, DESARMONIA E LABIRINTO

Face ao padrão da *latinitas* de César e Cícero, centrada na clareza e na elegância, o estilo varroniano evidencia-se como desarmônico e quase caótico, o que ocorre no período abaixo, selecionado para estudo. E, no entanto, é nele que Varrão elabora um dos momentos mais explícitos de sua teoria gramatical, contrastando a visão de alguns (*qui dicunt*) com a sua visão (*ego puto*), segundo a qual ele busca conciliar o princípio da analogia (fundada na *declinatio naturalis*) com o da anomalia (ancorada na *impositio* e na *declinatio uoluntaria*). Eis o longo passo, para análise:

- *Qui autem duo genera esse dicunt analogiae, unum naturale, quod ut ex satis nascuntur <lentibus> lentes sic ex <lupino> lupinum, alterum uoluntarium, ut in fabrica, ut uident scaenam ut in dexteriore parte sint ostia, sic esse in sinisteriore simili ratione factam, de his duobus generis*

¹⁹⁵ Segundo H. Dahlmann (*Varro und die hellenistische Sprachtheorie*. Berlin, 1932, *apud* F. Cavazza — Cavazza, 1981, p. 46), é provável que Varrão tenha aproveitado muitos elementos das *Antiquitates* (de interesse basicamente histórico-antiquário) nos livros etimológicos do *De lingua Latina*, em que, por vezes se entrelaçam etimologia e dados da história e do antiquário romano; não raro o autor se contentava em apresentar apenas o contexto histórico em que surgia uma palavra, como, por exemplo, o nome do *Lacus Curtius* (V, 148-150).

naturalem esse analogian, ut sit in motibus caeli, uoluntariam non esse, quod ut quoiq[ue] fabro lubitum sit possit facere partis scaenae: sic in hominum partibus esse analogias quod eas natura faciat, in uerbis non esse, quod ea homines ad suam quisque uoluntatem fingat, itaque de eisdem rebus alia uerba habere Graecos, alia Syros, alia Latinos: ego declinatus uerborum et uoluntarios et naturalis esse puto, uoluntarios quibus homines uocabula imposuerint rebus quaedam, ut ab Romulo Roma, ab Tibure Tiburtes, naturales ut ab impositis uocabulis quae inclinantur in tempora aut in casus, ut ab Romulo Romuli Romulum et ab dico dicebam dixeram (IX, 34). A tradução, que segue, com especial destaque para os conectores que armam a hipotaxe, revela a complexidade sintática do texto:

1.[Há, porém, os que afirmam **que** existem dois tipos de analogia: um, a natural, **porque, como** das sementes de lentilhas nascem lentilhas, **assim** do tremoço nasce o tremoço; o outro, a voluntária, **como**, por exemplo, num teatro, **quando** eles vêem um cenário concluído: **como** há portas à direita, assim as há, pela mesma razão, à esquerda; desses dois tipos, a analogia natural é a genuína, **como** ocorre nos movimentos siderais; a voluntária não o é, **porque, como** um cenógrafo pode construir as partes de um palco **como** melhor lhe apraz, **assim** existem analogias nas partes (constitutivas) do homem, **porque** a natureza as cria; já na linguagem elas não existem, **porque** são os homens que as criam segundo a vontade de cada um; **por isso**, para as mesmas coisas, os gregos empregam umas palavras, os sírios, outras, os latinos, outras. 2. Eu afirmo **que** a derivação das palavras é **tanto** voluntária **como** natural: voluntária, pela **qual** os homens impõem determinados nomes às coisas, **como** o nome de *Roma* derivado de *Romulus*, o de *Tiburtes* (tiburtinos) derivado de *Tibur*; natural **quando**, a partir das determinadas palavras, se flexionam as formas temporais ou casuais, **como** de *Romulus*, dizemos *Romuli*, *Romulum*, e de *dico* (eu digo), dizemos *dicebam* (eu dizia), *dixeram* (eu dissera)] (IX, 34).

Observa-se, portanto, que a exuberância da explanação e da ilustração, decorrente da necessidade de o escritor Varrão se fazer entender, ocasiona uma seqüência, em cascata, de frases subordinadas adverbiais (causal = *quod*; causal/comparativa = *quod ut...sic*; comparativa = *ut...sic*;

conformativa = *ut*; temporal = *ut*); substantivas (a.c.i.), adjetiva (*quibus*), além da frase coordenada (*itaque*). Se nos livros etimológicos prevalece o período curto e coordenado (parataxe), nos morfológicos parece predominar a frase longa, entrecortada e labiríntica, intensamente hipotática, como no período apresentado. Nesta, o escritor parece esquecer-se de como o período começara; entretanto, ele não se desvia do rumo sintático que a forma verbal *dicunt* impõe ao período, ou seja, o acusativo com infinitivo (*dicunt > duo genera esse analogiae...; unam..., alteram...; naturalem esse analogian...; esse analogias...*). A segunda parte (*ego...puto*) parece construir-se com melhor eficiência, porque, sendo o período mais curto, o verbo (*puto*) marca, de perto, a mesma construção do acusativo com o infinitivo (*puto > declinatus esse....uoluntarios...naturales...*), criando até o balanço entre estes dois elementos: *uoluntarios quibus....e naturales ut*. Em conclusão, tem-se a impressão de que, à primeira vista, sem uma atenta e prévia análise, o leitor se sentiria diante de um caos sintático ou, se preferir, de um período caótico.

4. VIRTUALIDADES DO TEXTO VARRONIANO: O ELOGIÁVEL

Depois dessa análise, em que se verifica que o estilo varroniano encerra o elemento estilisticamente indesejável e repreensível, vejam-se algumas características que, considerada a tipologia do texto — isto é, um texto didático, técnico e científico, voltado para a compilação de dados e a exposição de teorias —, são até justificáveis, tais como a escrita telegráfica, a *breuitas*, o jogo de conceitos. Outras surgem como construções criativas, plenamente elogiáveis do ponto de vista literário, como a antítese, o quiasmo e o paralelismo. Já a anáfora, devido à frequência com que ocorre, revela-se como uma licença autoral e marca pessoal, senão inconfundível, da frase varroniana. Ei-las, nestes exemplos abaixo:

a) O estilo teleográfico.

Esse estilo, já comentado, é uma das constantes características do modo varroniano de escrever, principalmente em certas etimologias nas quais seu objetivo não é comentar e sim mostrar, com rapidez e

desenvoltura, derivações e famílias de palavras. Como exemplo, veja-se este estudo etimológico:

- *Ab sedendo appellatae sedes, sedile, solium, sellae, siliquastrum; deinde ab his subsellium* [De *sedere* (sentar-se) recebem seu nome *sedes* (assento, residência), *sedile* (assento, banco), *solium* (trono), *sellae* (sela, cadeira), *siliquastrum* (assento elevado); mais tarde, desse nomes derivou *subsellium* (banco, tribunal)] (V, 128).

b) *A breuitas.*

Muitas vezes essa é obtida por uma elipse generalizada de muitos elementos, resumidos, por exemplo, no pronome demonstrativo neutro **haec** (= estas coisas, tudo o que se disse...). Veja este passo em que Varrão inicia um parágrafo, e, com ele, um novo segmento — cuja tradução trai, quase necessariamente, a densidade e a brevidade do período latino:

- **Haec** de hominibus. *Hic quod sequitur de pecore, haec.* [Essas coisas sobre os homens. Neste ponto, a seguir, estas, relativas ao gado] (V, 95).

c) O jogo de conceitos e idéias.

Nos livros etimológicos aparece constantemente este tipo de efeito. Varrão pensa na existência de uma “*societas uerborum*” (= cognatas), constituída não somente pela base morfológica mas também pela simples aproximação fonética, que parece sugerir um efeito aliterativo. Eis um exemplo:

- *Quare ut a cauo cauea et caullae et conuallis, cauata uallis, et cauernae, cauationes ut nauium, sic ortum, unde omnia apud Hesiodum, a chao cauo caelum* [Por isso, do mesmo modo que de *cauus* (côncavo) deriva *cauea* (local da platéia), como também *caullae* (cavidades) e *conuallis* (vale fechado), que é *cauata uallis*, e *cauernae* (cavernas), *cauationes ut nauium* (cavidades como as dos navios); assim também *caelum* (céu) derivou de *chaos cauus* (caos côncavo), donde, segundo Hesíodo, emanam todas as coisas] (V, 20).

As cognatas (*societas uerborum*) segundo Varrão são, no caso:

- *cauus, cauea, caullae, conuallis, cauata uallis, cauernae, cauationes*

- *chao, cauus, caelum.*

d) A anáfora.

A anáfora, um deslocamento de elementos sintáticos, é uma das mais importantes características do estilo varroniano, por sua freqüência. Examine-se esta frase em que aparece em destaque o *quod*, distanciado, em anáfora:

- *Fiber, ab extrema ora fluminis dextra et sinistra maxime **quod** solet uideri* [*Fiber* (castor) tem esse nome, porque costuma ser visto principalmente no ponto extremo da margem direita ou esquerda de um rio] (V, 79). Observe-se que a posição normal de *quod* seria após *fiber*. A frase ficaria da seguinte forma:

- *Fiber, **quod** ab extrema ora fluminis dextra et sinistra maxime solet uideri.*

Outro exemplo de anáfora:

- *ideo ad bellum **cum** exit imperator...*[por isso, quando um general parte para a guerra...] (VII, 37). Igualmente, a posição normal de **cum** seria logo após *ideo*; sem a anáfora, o período assim começaria:

- *ideo **cum** ad bellum exit imperator...*

e) A antítese.

Eis um exemplo em que Varrão opera com elementos em contraponto:

- *quem **puerum** uidisti **formosum**, hunc uides **deformem** in **senecta*** [a quem tu viste menino formoso, a esse verás desfigurado na velhice] (V, 5). Eis o esquema dessa dupla antítese de sintagmas nominais:

puerum <—> (in) senecta = senex
formosum <—> deformem.

Eis outro exemplo de antítese pondo agora em contraste dois sintagmas frasais:

- *Insignis eorum est error qui malunt quae nesciunt docere quam discere quae ignorant, in quo fit Crates* [Insigne é o erro daqueles que preferem

ensinar o que não sabem a aprender o que ignoram, no qual incidiu Crates] (IX, 1). Eis os sintagmas frasais antitéticos gerados pelo verbo *malunt*:

docere quae nesciunt <—> ***discere quae ignorant***.

f) O quiasmo.

O quiasmo, cuja imagem sintática, com um pouco de imaginação, lembra a letra grega χ — por fazer um jogo de inversões na ordem das palavras — tem um bom exemplo na seguinte frase:

- *Sed quoniam in hoc de **paucis** rebus uerba feci **plura**, de **pluribus** rebus uerba faciam **pauca*** [Mas, como nesta investigação usei muitas palavras sobre poucas questões, vou agora empregar poucas palavras sobre numerosos assuntos] (VI, 96). Tem-se o seguinte esquema para esse quiasmo:

paucis rebus <—> *plura uerba*

χ

pluribus rebus <—> *pauca uerba.*

Veja-se este outro exemplo de uso do quiasmo:

- *non, **si non potuero** indagare, eo ero **tardior**, sed **uelociter** ideo, **si quiuero*** [se eu não puder seguir a pista, não por isso quero ficar para trás; ao contrário, por essa razão serei mais rápido, se puder] (V, 5). Esquemáticamente, tem-se:

si non potuero <—> *tardior*

χ

uelociter <—> *se quiuero.*

Outro exemplo de quiasmo encontra-se neste passo:

- *cum poeticis multis verbis **magis delecter quam utar**, antiquis **magis utar quam delecter*** [porquanto em muitas palavras poéticas eu descubro mais prazer que utilidade, ao passo que nas antigas eu descubro mais utilidade que prazer] (V, 9). Eis o esquema desse quiasmo:

magis delecter <—> *quam utar*

X

magis utar <—> *quam delecter.*

g) O paralelismo.

Uma frase apresentando elementos de paralelismo — que consiste na aproximação de dois nomes pelas imagens ou conceitos que evocam — encontra-se neste passo:

- *Iubar dicitur **stella Lucifer**, quae in summo quod habet lumen diffusum, ut **leo** in capite **iubam**.* [*Iubar* chama-se a estrela *Lucifer* (estrela matutina) porque em seu ponto superior apresenta uma luz difusa, como um leão apresenta sua juba na cabeça] (VII, 76). Tem-se o esquema que aproxima a figura da estrela matutina à da juba de um leão:

iubar —> *in summo* —> *stella Lucifer*

iuba —> *in capite* —> *leo.*

h) O anacoluto.

No seguinte passo encontra-se também um bom exemplo de anacoluto, que é o nome que se dá à interrupção de uma seqüência sintática esperada:

- *Collis uiminalis a Iove Viminio, quod ibi ara eius. Sunt qui (...) quod ibi uimineta fuerint...* (V, 51). Como se verifica, o sintagma frasal **Sunt qui...** está interrompido. Parece haver uma forte elipse de “*dicunt*” ou “*putant*”. Assim, tentando preencher o elemento faltante no espaço entre parênteses acima indicado, com a finalidade de dar continuidade sintática, a tradução teria a seguinte resolução: [A colina do Viminal tem seu nome de Júpiter *Viminus*, porque aí se encontra seu altar. Há os que **(dizem/pensam que ela tem esse nome)**, porque havia vimineiras naquele lugar].

Como se verifica, o estilo varroniano também apresenta suas virtudes, suas construções, imagens e figuras colocadas com muita propriedade, tornando-se difícil dizer o que é nele erro e o que é estilo, o que é analogia e rigor sintático e o que é anomalia, ou seja, liberdade e criatividade capazes de romper as barreiras de uma linguagem intelectual, para ousar

colocar o elemento diversificado e requerido por uma linguagem emocional — estudo este que implicaria numa incursão mais profunda ao vasto campo da estilística.

5. LITERARIEDADE DO TEXTO VARRONIANO: ELEGÂNCIAS DE POETA E METÁFORAS

Não obstante o lado obscuro do estilo de Varrão no *De lingua Latina* — e, paradoxalmente, num tratado sobre a língua —, não se deve esquecer que o erudito lingüista também se sentiu atraído pela glória literária propriamente dita, quer dizer, não só interpretou a língua como um frio gramático mas também, para usar a imagem, arregaçou as mangas e adentrou o terreno do fazer artístico, enfim, foi poeta.¹⁹⁶ Bom seria para o pesquisador ter hoje nas mãos suas obras poéticas completas para examinar seu lastro, e, assim, numa visão mais ampla, fazer um julgamento correto e poder, quem sabe, contrabalançar as virtualidades do poeta com o ângulo não muito apetecível ou até inapreciável do lingüista Varrão, sobre o qual, por azares, se tem mais conhecimento. Mas, certamente, é em função desse fato — de ser poeta e saber manipular efetivamente a língua — que Varrão revela no *De lingua Latina* plena capacidade de produzir, quando quer, períodos latinos balanceados, que também os há nesse pouco palatável tratado e constituem, aí, bons índices de literariedade. Sem intencionar aprofundar a análise, pelo menos aprecie-se, entre tantos

¹⁹⁶ Os Λογιστορικῶν *libri XXVI*, do qual restam apenas alguns capítulos (*Cato, de liberis educandis; Marius, de fortuna; Atticus, de numeris; Orestes, de insania*), eram, provavelmente, uma combinatória de reflexão filosófica com a realidade histórica e lendas, ou, talvez, discursos atribuídos a personagens da história. A obra combina a face erudita de Varrão com sua veia artística. Peças artísticas seriam as de retórica: *Orationes, Suasiones, Laudatio Porciae*; e as de poesia: os *Poematum libri X*, quatro livros de sátira à maneira de Lucílio e os *Pseudotragediarum libri VI*; porém, obra de teor literário foram as *Saturarum Menippearum libri CL*, os 150 livros de sátiras, em prosa e verso, de temática variada, em que, seguindo a inspiração do filósofo cínico Menipo de Gadara (séc. III a. C.), o poeta reatino inclui, entre outros aspectos, a pregação da moral sob a máscara do humorismo.

outros, este exemplo de enunciado fluente e sintaticamente equilibrado, além de original: o autor compara um médico que cura um doente a um filogramático que zela por uma língua enfraquecida por uma longa epidemia, pois que constantemente maltratada por seus usuários:

- *Cum uituperandus non sit medicus qui e longinqua mala consuetudine aegrum in meliorem traducit, quare reprehendendus sit qui orationem minus ualentem propter mala consuetudine traducat in meliorem?* [Se não se deve criticar um médico que de uma longa e antiga enfermidade leva o enfermo a um estado melhor, por que se deverá criticar a quem tenciona tornar melhor uma linguagem pouco eficiente em decorrência do mau uso?] (IX, 11).

Prosseguindo na intenção de revelar a face luminosa do estilo varroniano, verifica-se que, seja para ilustrar didaticamente, seja para obter efeitos figurativos, Varrão inseriu espontaneamente no texto do *De lingua Latina* metáforas originais, que cabe examinar. Apesar de tratar de um assunto abstrato e árido, típico de um texto temático e interpretativo, ele tem meios didáticos para criar momentos textuais representativos, descansar o raciocínio gramatical e ativar a imaginação do leitor através de metáforas muito oportunas. Como viveu sua meninice nos campos reatinos onde aprendeu a apreciar a natureza e a gostar especialmente da atividade agrícola, várias dessas figuras são inspiradas nessas áreas-fontes.

a) Metáfora da árvore e raízes: a língua, a palavra e seus radicais.

O fundo semântico desta metáfora é o universo agrícola. A língua é uma árvore cujas raízes, as palavras, muitas vezes invadem o subsolo do terreno vizinho: *Saepe enim ad limitem arboris radices sub uicini prodierunt segetem* [Pois muitas vezes as raízes de uma árvore próxima do limite se expandem para debaixo da seara vizinha] (V, 13). A metáfora esclarece o fato de que uma língua natural não é um sistema absolutamente fechado; mantém aberturas naturais para sistemas lingüísticos vizinhos, chegando a apropriar-se de alguns de seus componentes verbais.

b) Metáfora da selva: assim a língua, assim a etimologia.

O fundo de significação é a natureza. O autor aproxima o campo dos estudos etimológicos à imagem de uma selva densa, com as decorrentes dificuldades: escuridão, falta de trilhas, obstáculos intransponíveis: *Non mediocres enim tenebrae in silua ubi haec captanda* [Não são poucas as trevas na selva onde estas (as palavras) têm de ser colhidas] *...neque...semitae tritae* [em que...não há trilhas marcadas], *...in tramitibus quaedam obiecta quae euntem retinere possent* [...havendo no caminho obstáculos que podem reter o transeunte] (V, 5). A figura alude às sérias dificuldades da etimologia como ciência, à sofrida e ao mesmo tempo heróica posição do pesquisador, do qual a ciência exige plena competência, erudição e autonomia para aclarar os sombrios caminhos da origem das palavras e da própria linguagem.

c) Metáfora da pereira: etimologia e modéstia.

É outra metáfora do campo. O agricultor reconhece, naturalmente, a árvore, mas nem sempre as raízes (origens) da árvore. O etimólogo, estudando a origem das palavras, é um agricultor que reconhece o fruto (*pirum*, pera) que está na rama, a rama que está na árvore e a própria árvore que está presa às raízes. Mas também ele, como o agricultor, não deve ser censurado por não conhecer, às vezes, as raízes invisíveis (*quas non uideo*), pois não se consegue informar a origem (*origo, causa, radix, principium*) de todas as palavras: *non omnium uerborum potest dici causa* (VII, 4). Varrão, de alguma forma, se rebela contra os que querem exigir plena e absoluta eficiência do etimólogo. É preciso modéstia nessa ciência, porque nem toda palavra pode ser explicada em sua origem.

d) Metáfora do medicamento: em defesa do etimólogo.

A imagem vem da área da medicina enquanto arte de curar. Não cabe questionar o profissional farmacêutico sobre como e por que um medicamento é capaz de curar. Assim não se deve censurar a quem não consegue explicar... *qui ac qua re res utilis sit ad medendum medicina*

[...como e por que uma coisa é útil como remédio para curar] (VII, 4). Ao contrário, deve-se ser grato ao etimólogo pelas palavras que ele consegue desvendar e não censurá-lo pelas que não consegue.¹⁹⁷ A metáfora representa uma defesa do etimólogo. Segundo Varrão, todos os usuários da língua devem ter noção de uma etimologia popular, a ponto de reconhecer que, por exemplo, *argentifodinae* é um composto de *argentum* e *fodinae* [minas de prata]. Entretanto, não se deve incidir no exagero de exigir que um estudioso da língua, ou um etimólogo profissional, explique absolutamente tudo. Isso é impraticável porque a língua mantém fronteiras obscuras.

e) Metáfora da festa das *Vinalia*: vinho na festa e vinho na palavra.

O fundo é sócio-lingüístico: uma festa popular. Eis o texto: *Multa societas uerborum, nec Vinalia sine vino expediri nec Curia Calabra sine calatione potest aperiri* [A sociedade de palavras envolve multiplicidade: não são realizáveis as *Vinalia* (festa do vinho) sem vinho nem se pode abrir a *Curia Calabra* sem convocatória pública] (V, 13). Trata-se de uma sutil e humorada observação de Varrão sobre a interação entre o fato social e o fato lingüístico, isto é, não existe a “festa” das *Vinalia* sem vinho (plano real, extraverbal) nem a “palavra” *Vinalia* sem o radical *uinum* (plano verbal, etimológico). Igualmente, não existe a *Curia Calabra* sem o chamamento = *calatio*. Varrão quer dizer que as palavras (cognatas) constituem família, “sociedade”.¹⁹⁸ Ele insiste nessa idéia de família de

¹⁹⁷ Quanto ao *qui*, trata-se de um antigo ablativo de *quis*. Quanto à “sociedade” de palavras, A. Michel (Michel, 1965, p. 72) observa que Varrão fez o que devia ser feito para ainda tentar ressuscitar a atividade etimológica em Roma, embora certamente ouvisse críticas aos desacertos. Nessa defesa do trabalho do etimólogo, há também o reconhecimento da limitação da etimologia como ciência ou um pré-anúncio de sua falência (Platão já a declarara no *Crátilo*), tanto que, após Varrão, os estudos etimológicos não tiveram seqüência na filologia latina; foram retomados só mais tarde por Isidoro de Sevilha, em 610 d. C.

¹⁹⁸ M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 153) registra que as *Vinalia* eram festas do vinho, celebradas em 23 de abril, em honra de Júpiter e em 19 de agosto, em honra de Vênus e de Júpiter conjuntamente (VI, 20). A *Curia Calabra* situava-se

palavras, criando uma outra imagem, a do parentesco e consangüinidade: *Vt in hominibus quaedam sunt agnationes ac gentilitates, sic in uerbis* [Como existe entre os homens relação de parentesco e consangüinidade, assim ocorre entre as palavras] (VIII, 4). Essa idéia ele reapresenta neste outro passo: *Quare cum inter se tanta sint cognatione* [Por essa razão, tendo as palavras tão estreita relação de parentesco entre si...] (X, 40). Enfim, Varrão explica as palavras cognatas pelos fatos sócio-lingüísticos (*Vinalia, Curia Calabra*) e genéticos (parentesco).

f) Metáfora da fonte e do rio: economia da língua, geração e controle.

A imagem é tirada da natureza para significar dois princípios basilares da língua, a imposição (*impositio*) e a flexão (*declinatio*): *Duo igitur omnino uerborum principia, impositio et declinatio, alterum ut fons, alterum ut riuus* [dois são, ao todo, os princípios geradores das palavras: a imposição e a flexão; a primeira é a fonte, a segunda, o rio] (VIII, 5). A primeira é o eixo vertical, o princípio gerador das palavras (que serão em menor número possível = *quam paucissima*), a segunda, é o princípio multiplicador de palavras (que serão em grande número = *quam plurima*) e regulador da economia da língua (*quam paucissima*).

g) Metáfora da quadriga: mobilidade e estabilidade da língua.

Esta figura inspira-se no mundo esportivo. Varrão quer dizer que os princípios pitagóricos formam uma quadriga: *Igitur initiorum quadrigae locus et corpus, tempus et actio* [Por isso o espaço e o corpo, o tempo e a ação constituem a quadriga dos princípios fundamentais] (VII, 11). Essa imagem sugere a idéia de que a língua é movimento (tempo, ação) e estabilidade (corpo, espaço). Varrão complementa a imagem com outros componentes de um esporte: o corpo é o atleta; o espaço é o estádio, o tempo é a duração e a ação é a corrida.

na colina do Capitólio, onde os sacerdotes reuniam o povo para anunciar o calendário do mês.

h) Metáfora do homem = corpo + alma; o uso = anomalia + analogia.

A imagem surge da antropologia, da necessidade de conciliação. Para esclarecer sua teoria conciliadora, Varrão afirma que a própria analogia (norma) nasceu de um certo uso (*ex quadam consuetudine*), como igualmente deste nasce a anomalia (a-norma). Portanto, analogia e anomalia não se excluem do uso. Essa trilogia se estampa no homem (uso, imediatismo), no corpo (analogia) e na alma (anomalia), por isso: *neque anomalia* (alma, liberdade, despreendimento) *neque analogia* (corpo de regras, enquadramento, sistema) *repudianda, nisi si non est homo ex anima, quod est ex corpore et anima* [Não se deve rechaçar nem a anomalia nem a analogia; a não ser que um homem não seja dotado de alma; quando, na verdade, ele se constitui de corpo e alma] (IX, 3).

i) Metáfora da messe: arte didática como dosagem e oportunidade.

Essa metáfora tem como referente a messe, a realidade do trabalhador agrícola. Envolve coisas imediatas: a seara, o ceifador, a espiga, o paiol, a estocagem. O autor está no dilema: exaurir o assunto e não ser prolixo para não aborrecer o leitor cansado. Espera não ser censurado se omitir algum informe (uma espiga), pois: *nemo reprehensus qui e segete ad spicilegium reliquit stipulam* [...não é repreendido um homem que abandona uma espiga no percurso entre a seara e o paiol] (VII, 9), porque essa repreensão seria in consentânea com a abundância da colheita que é, metaforicamente, a doutrina como um todo, ou, por exemplo, a proficiência de um mestre. Varrão mostra que a erudição não endossa o pedantismo e que a dosagem nos conteúdos é questão fundamental da didática.

j) Metáfora da miniescultura: o miniaturista e o meticuloso.

Essa metáfora prende-se à área das artes plásticas. O árduo e minucioso trabalho dos etimólogos, quais editores críticos diante de um termo ou texto obscuro dos poetas — pois *difficilia sunt explicatu poetarum uocabula* [pois são difíceis de explicar os termos poéticos] (VII,

1) —, é como o do miniaturista grego Mimércides (IX, 108). Acrescentam-se, suprimem-se letras, para que mais facilmente se veja o que subjaz ao texto: *litteram adiciunt aut demunt, quo facilius quid sub ea uoce subsit uideri possit* [adicionam letras ou tiram-nas, para que mais facilmente se possa ver o que está subjacente a determinada palavra] (VII, 1).

l) Metáfora da lamparina: a árdua pesquisa lingüística.

Esta metáfora tem como pano de fundo a pesquisa, o esforço intelectual noite adentro; ela se reporta ao estudioso que renuncia também a programas amenos, viagens, férias, leituras interessantes, aos agradáveis convívios e afazeres do lar e até mesmo ao sono e à alimentação regular — por amor ao estudo; a metáfora revela também que, para o pesquisador reatino, a erudição, embora partindo do poder do talento, não é gratuita, mas sim adquirida com estudo prolongado e paciente. Ele mesmo afirma que tem estudado muito: *ad lucernam...lucubraui* [passei noites estudando à luz da lamparina...] (V, 9). E lamenta por não ser esse um estudo sempre gratificante: *...quem non erunt in lucubratione litterae prosecutae* [o estudioso...a quem, em meio às suas reflexões, as letras não acompanham...] (VII, 2). Esse passo parece ser uma frustrante alusão a que o árduo estudo da língua e das letras não compensa intelectualmente os esforços empenhados, porque o estudioso não chega a conclusões satisfatórias. Varrão associava essa frustração ao seu próprio mestre Élio Estilão que, segundo o juízo do discípulo sabino, e por falta de documentação, acabara realizando um ensaio lingüisticamente fraco (*exile*) sobre o *Canto dos Sális* (VII, 2). Poder-se-ia inferir também, desse passo, que o estudioso Varrão se decepcionava por não auferir compensação material no estudo das letras? O texto parece não sugerir isso, pois, no contexto geral da atividade profissional línguo-literária em Roma, ocorria, na época, uma surpreendente demanda pelo estudo da gramática além de que, segundo J. Collart, os professores dessa nova ciência, a τέχνη γραμματική, não eram mal pagos (Collart, 1954, p. 10).

m) Metáfora da nave: capitão e tripulação, norma e uso.

É extraída da vida náutica, precisamente da marinhagem. Varrão procura conciliar norma e uso. Diz que a língua é um patrimônio não individual e sim coletivo; mas é sempre um sistema, portanto, dirigido, racional. O povo cria a língua, porém, ainda que seja soberano no uso, ele precisa seguir a *ratio*, como a tripulação precisa prestar obediência ao capitão: *Ego populi consuetudinis non sum ut dominus, at ille meae est. Vt rationi obtemperare debet gubernator, gubernatori unusquisque in navi, sic populus rationi, nos singuli populo*: [Eu não sou dono do uso lingüístico do povo, ao passo que ele é dono do meu uso. Como o capitão de uma nave deve obedecer à razão e cada um dos que nela estão devem obedecer ao capitão, assim o povo deve seguir a razão e cada um de nós os ditames do povo] (IX, 6). Interessante observar, no passo, o pensamento de Varrão a respeito da linguagem como um produto ou patrimônio coletivo. A nave é a língua. A tripulação é o povo, é o uso. O capitão é a razão, as regras, a norma, enfim, a gramática normativa. É preciso haver uma conciliação entre a tripulação e o capitão, isto é, entre o uso e a norma. O povo é o dono da língua (nave), mas ele precisa estudar a norma de uso desta, aperfeiçoar seu conhecimento da gramática da língua, obedecer às regras de uso, caso contrário a nave se perderá sem rumo e o código lingüístico, mal identificado, comprometerá a própria comunicação no interior da nave.

n) A metáfora dos degraus da escada: os arcanos da linguagem.

Essa metáfora (V, 7-8) envolve-se no contexto do conhecimento acadêmico da língua. Varrão quer dizer que as dificuldades para entender as origens das palavras (a etimologia ou, por extensão, a natureza da língua) se apresentam gradativamente, do primeiro degrau, simples, ao quarto, nebuloso e misterioso. Essa modéstia — de reconhecer que não domina o conhecimento da língua — lhe é natural, a ponto de ele mesmo, como especialista, dizer que não tem certeza se vai atingir o conhecimento realmente científico sobre o quarto grau, ou seja, sobre as últimas origens da língua latina, vale dizer, sobre a linguagem como fenômeno humano. Se chegar ao nível de “opinião”, isto é, de uma quantidade de informações, já se sentirá relativamente satisfeito (V, 9). Segundo Varrão, os quatro

degraus se resumem em reconhecer os níveis da linguagem do povo (em prosa), dos poetas (artístico), dos filósofos (científico) e do rei (esfera sagrada e política). A. Michel ¹⁹⁹ associa esses quatro degraus aos estágios do conhecimento na visão antiga: aos sentidos (o povo), ao mito (poetas), à ciência (filósofos) e à lei/poder (o rei, a autoridade do Estado). Cabe ler o texto varroniano, por si, esclarecedor. Ele diz que vai agora tratar das origens das palavras, cujos graus de explanação são quatro: ***Infimus** quo etiam populus uenit...secundus quo grammatica...ostendit quemadmodum quodque poeta finxerint uerbum...tertius gradus, quo philosophia ...aperire coepit...quartus ubi est adytum et initia regis* [O mais baixo é aquele a que chega também o povo... O segundo é aquele a que a gramática ...mostra de que maneira um poeta aplicou cada palavra...O terceiro é aquele ao qual a filosofia...começa a esclarecer...O quarto é onde está a parte secreta do templo e os segredos iniciáticos do rei] (V, 7- 8). Varrão parece frisar que a lingüística, como ciência, tem seus limites na abordagem de seu objeto, a língua, porque esta, sendo produto humano, oculta facetas insondáveis, como o homem.

o) Metáfora do fogo e da água: a força da união.

Vênus é a força da natureza. O fundo é uma cosmogonia, uma teologia de Vênus presa a uma gênese. Esta é a força da natureza expressa na junção (*uis uinctionis* [a força da união]) do fogo e da água (*causa nascendi* [origem do nascimento]), como se afirma no seguinte passo: *Igitur causa nascendi duplex, ignis et aqua. Ideo ea nuptiis in limine adhibentur, quod coniunguntur hic, et ma(r)s ignis quod ibi semen, aqua*

¹⁹⁹ A. Michel (Michel, 1965, p. 71) interpreta uma passagem de Plutarco (*De l'amour*, 18, 763, b-f), a respeito dos estágios do conhecimento (os sentidos/sensações, o mito, a ciência e a lei). Os sentidos, as sensações, constituem o primeiro e comum estágio do conhecimento (do povo), pois convivem, de imediato, com os dados físicos da natureza, captando-os e traduzindo-os para as necessidades imediatas; o mito é a área da fantasia e da interpretação, portanto, área da poesia e dos poetas; a ciência, a *ratio*, é alçada da filosofia, construção de filósofos; a lei administra os conhecimentos para a vida civil; ela promana da fonte do poder sagrado e político, o rei.

femina, quod fetus ab eius humore et horum uinctionis uis Venus [Por conseguinte, a origem do nascimento é dupla: o fogo e a água. Por isso, nas bodas se colocam ambos os elementos no umbral da casa, porque ali tem lugar uma união: o fogo é varão, porque nele está a semente; a água é mulher, porque o feto é produto de sua umidade. E a força da união de ambos (*uis uinctionis*) é Vênus] (V, 61-63).²⁰⁰ A metáfora mostra o gosto arraigado na personalidade de Varrão pela conciliação nas várias dimensões da vida dos romanos, inclusive no nível sócio-político e lingüístico. Ele queria vê-los unidos numa pátria. No passo seguinte (V, 62), ele associa o nome de Vênus, a deusa mais querida deles (*Aeneadum genetrix*), a dois símbolos: vitória (*uictoria*) e união (*uinctio*) e mostra que a coroa que cinge a cabeça da deusa resulta de uma trançagem, de um vínculo (*uinclum*) inerente ao ser de Vênus, que devia unir os romanos.

p) Metáfora do hortelão: *langue-parole, lingua-sermo*.

Como afirma o próprio Varrão, também esta é uma metáfora extraída do campo (*translaticio ex agris uerbo*), a propósito da etimologia que ele desenvolve sobre a palavra *sermo*: *Quod dicimus disserit item translaticio aequae ex agris uerbo: nam ut holitor disserit in areas sui cuiusque generis res, sic in oratione qui facit, dissertus. Sermo, opinor, est a serie, unde certa;...sermo enim non potest in uno homine esse solo, sed ubi*

²⁰⁰ B. Veneroni (Veneroni, 1976, p. 602) faz uma comparação entre Lucrécio e Varrão a respeito de Vênus. Lucrécio, no início de seu poema, celebrou Vênus como princípio do prazer personificado e emanado da própria natureza, acentuando o aspecto psico-social, isto é, erótico-gerativo, fator de construção da pátria: no tempo da primavera, a deusa instila o *blandum per pectora amorem* que leva à geração; ela é a *Aeneadum genetrix*, mãe dos enéiades, os romanos; por outro lado, aplacando Marte (senhor das armas), a deusa gera também a paz para seus protegidos (que vivem uma “época terrível para a pátria”) (R.N. I, 19-41). Varrão, por sua vez, interpreta a deusa como princípio da natureza, privilegiando o lado psicofisiológico: identificada com a natureza, ela não quer lutar com a chuva e o frio, prefere esperar a sua estação (*uer*), a primavera (L.L. V, 61); Varrão acentua também o aspecto cosmogônico de Vênus, na medida em que ela concilia o fogo e a água (ordena o caos), elementos do ilozoísmo pré-socrático, pitagórico e estóico.

oratio cum altero coniuncta [A forma *disserit* (semeia) que nós utilizamos num verbo de sentido translato vem, igualmente, do campo, pois como o horteiro semeia nos canteiros coisas de cada espécie, assim faz, pela linguagem, quem conversa. Na minha opinião, *sermo* (língua = diálogo, conversa) vem de *series* (seqüência, encadeamento), donde resulta *serta* (grinalda); ...uma conversa (*sermo*) não pode existir estando a pessoa só, mas sim, quando o enunciado está relacionado com outra pessoa] (VI, 64). Lendo atentamente o passo, Varrão parece aludir, por antecipação, aos futuros e modernos temas da seqüenciação textual, do ato verbal e da comunicação da Lingüística de texto, além de focalizar a função sociabilizadora da linguagem através do ato de “conversar”. Essa metáfora parece antecipar também o conceito de *langue* (ser abstrato, *lingua*) e de *parole* (fenômeno individual = *sermo*). Como ser abstrato-coletivo, a *langue* só se viabiliza na *parole*.²⁰¹

Concluindo este estudo do estilo de Varrão no *De lingua Latina*, deve-se assinalar que o porte enciclopédico da obra, a pressa e a expectativa de Cícero em ver o tratado pronto²⁰² — quem sabe, ansioso por ver seu nome na dedicatória —, os encargos que o reatino passou a assumir como diretor da biblioteca de Roma, o impacto psicológico das perseguições e da

²⁰¹ E. Bernárdez (Bernárdez, 1982, p. 85), no capítulo “El concepto de Texto”, depois de um judicioso estudo sobre as várias concepções de “texto” junto a pesquisadores da lingüística de texto, chega a esta definição: “Texto es la unidad lingüística comunicativa fundamental, producto de la actividad verbal humana, que posee siempre carácter social...”. Para Varrão, *sermo* só se realiza *ubi oratio cum altero coniuncta*...[onde o enunciado está relacionado com outra pessoa]. Para Bernárdez, o resultado dessa *oratio coniuncta* (= *sermo*), cujos traços fundamentais são a unidade e a intenção comunicativa, constitui o que ele chama de texto. Essa teoria do texto modifica a visão tradicional em Lingüística, que enfatizava a frase como unidade do discurso. Ambos, portanto, Varrão e Bernárdez, atribuem especial importância ao dado social (situação comunicativa) como condição prévia para que um ato verbal se erija em forma de texto.

²⁰² Conforme P. Flobert (Flobert, 1978, p. 46), essa redação precipitada pode ter sido motivada pela pressa e impaciência com que Cícero aguardava a obra.

proscrição encadeada pelos cesarianos revisionistas,²⁰³ a tendência a incorporar elementos arcaicos e orais na língua escrita, enfim, o seu manifesto apreço pela retórica asianista com seu espírito contestatório, pronto para se expressar também no nível da linguagem — são, todos esses, fatores que levaram o polígrafo Varrão a certo descuido pela linguagem. Tais fatores recomendam ver no escritor reatino não um estilista²⁰⁴ e, sim, um erudito e prolixo compilador de informes históricos, antiquaristas, teológicos, jurídicos e gramaticais do universo romano, por um lado, capacíssimo de realizar sua síntese própria, mas, por outro, seriamente comprometido, por causa de um trivial defeito editorialista: revisão; revisão nula ou precária. Obviamente, tal contexto básico, envolvendo uma falha original na gênese da obra varroniana, inclusive do *De lingua Latina*, foi, por si, prejudicial aos posteriores trabalhos de copiografia, à preservação física, e — mera decorrência — à transmissão integral de sua teoria da linguagem.²⁰⁵

²⁰³ P. Flobert (Flobert, 1978, p. 46) comenta que as condições políticas no ambiente itálico não eram propícias ao amadurecimento e à gestação de uma extensa obra de erudição como o *De lingua Latina*. Depois da batalha de Farsália, em 48 a. C., os cesarianos revisionistas, liderados por Marco Antônio, chegaram a ocupar propriedades de Varrão. Depois da morte de César, seu protetor, eles recrudesceram, passando da perseguição à proscrição. A época de elaboração e publicação do *De lingua Latina* (de 47 a 44 a. C.) coincide com esse tempo tumultuado, adverso a qualquer propósito de produção intelectual.

²⁰⁴ Ele conviveu com os dois maiores estilistas da prosa latina, Cícero e César. Entretanto, embora não podendo ser qualificado como tal, Varrão compôs as *Sátiras Menipéias* em 150 livros, elogiadas por Cícero; escreveu sobre a arte poética (*De poematis*) e manifestou grande apreço aos poetas (especialmente Plauto), cuja linguagem estudou no livro VII das etimologias e em outras obras.

²⁰⁵ J. Collart (Collart, 1954, p. 337) observa que a transmissão do texto do *De lingua Latina* ficou seriamente prejudicada, porque se os copistas se acomodaram copiando maquinalmente o texto, sem poder dar atenção ao sentido, é porque a frase varroniana, mais que a de outros escritores, era desencorajadora e, acrescente-se, fator de riscos de infidelidade na cópia. E. Paratore (Paratore, 1983, p. 177) pondera que já a abundância e certa desarticulação dos escritos desestimulava a geração de cópias. Interessante observar que o próprio Varrão, conhecedor dos problemas da área da arte copigráfica, reclamava dos copistas: *De*

CAPÍTULO VI

DIALOGICIDADE — REFERENTES TEXTUAIS E CONTEXTUAIS: DÊIXIS

Verificou-se, no capítulo anterior, que Varrão não privilegiou a literariedade no *De lingua Latina*, apesar dos bons e esporádicos indícios de possuir ele o sentido estético-literário.²⁰⁶ Antes, o erudito escritor reatino projetou essa obra (e a maior parte de sua produção) como uma fonte de informações sobre o latim, concebida nos padrões da didática, da técnica e da ciência da época, conforme visto no capítulo IV; projetou-a, enfim, como uma vigorosa metalinguagem da língua latina — o que foi objeto de estudo no capítulo II. Cumpre, pois, advertir para o fato de que o *De lingua Latina* não é um texto polissêmico, em que o leitor tem ampla margem interpretativa. Ao contrário, nele predomina a paráfrase, em que, segundo Orlandi, a leitura precisa ser dirigida para o reconhecimento do sentido que o autor quer impor.²⁰⁷

hoc genere parcius tetigi, quod librarios haec spinosiora indiligentius elaturos putavi [Toquei ligeiramente neste assunto porque sei que os copistas não vão estar muito atentos a estes detalhes] (VIII, 51).

²⁰⁶ A. Traglia (Traglia, 1979, p. 500) observa que Varrão não teria praticado a *latinitas* enquanto *delectus uerborum, elegantia, concinnitas* e *urbanitas* (em oposição à *rusticitas*). Ao contrário, nele teria preponderado o conceito de *latinitas* como correção da linguagem.

²⁰⁷ Para E. P. Orlandi (Orlandi, 1987, p. 57-69) a legibilidade de um texto envolve dois tipos de leitura: a leitura parafrástica, que se caracteriza pelo reconhecimento (reprodução) de um sentido que se supõe ser o do texto (dado pelo autor); e a leitura polissêmica, que se define pela atribuição de múltiplos sentidos ao texto. Sendo o *De lingua Latina* um texto expositivo, deve ser lido na perspectiva cognitiva do autor, ou seja, parafrástica.

1. A PERMANENTE SITUAÇÃO COMUNICATIVA

Entretanto, o texto do *De lingua Latina* não é, em absoluto, um árido e frio manual de estudos da língua latina, tal como se poderia esperar de um erudito severo e conservador, absorto na pesquisa do antiquário do mundo greco-romano e nos estudos lingüísticos — marcas de sua personalidade e produção intelectual. Ao contrário, apesar de ser densamente técnico e não incluir o discurso direto, o texto é dialógico, pois envolve uma permanente situação comunicativa²⁰⁸ que se revela em dois planos: a) nos referentes textuais, e b) nos referentes situacionais ou contextuais — objetos do estudo deste capítulo, sempre sob o enfoque dessa dialogicidade ou predisposição de diálogo interno entre autor e leitores.²⁰⁹

Por outro lado, é notório que o remetimento para os referentes de um texto resulta, em grande parte, do uso da dêixis, pois é ela que realiza o campo mostrativo da língua mediante os pronomes, pronomes adverbiais e advérbios de lugar. Mas como os advérbios de tempo também dinamizam o texto, introduzindo nele os critérios de passado, presente e futuro bem como o de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, eles também farão parte deste estudo, visto que são elementos auxiliares na criação da dialogicidade textual. Cumpre então esclarecer que pronomes, pronomes adverbiais e advérbios de lugar e tempo serão focalizados não enquanto categorias, e, sim, enquanto suportes do fenômeno da dêixis, porque esta abre o campo para os referentes e estes para o tema da dialogicidade.

²⁰⁸ R. Jakobson (Jakobson, 1975, p. 123) considera que, na práxis comunicativa, ou seja, no mundo *sub specie communicationis*, a mensagem sempre se condiciona a um contexto, ao qual remete, para se tornar eficaz.

²⁰⁹ O tema da dialogicidade neste estudo deve ser entendido como o modo pelo qual o autor se relaciona com os elementos textuais e contextuais. Não se trata da dialogicidade com textos de outras obras de Varrão nem com textos de outros autores chamados por ele para o interior do texto do *De lingua Latina*. Tal ângulo será examinado num sucinto estudo de intertextualidade, no final do capítulo VIII.

2. REFERENTES TEXTUAIS E CONTEXTUAIS, RELAÇÕES DÊITICAS E ANAFÓRICAS

Cumprir notar que os elementos lingüísticos que mais claramente marcam os referentes textuais e contextuais num texto são a dêixis e a anáfora. A dêixis (δείξις = mostraçã), segundo Karls Bühler, é a faculdade que tem a linguagem de designar objetos apreendidos como substâncias (nomes), processos (verbos) e propriedades ou qualidades (adjetivos) do contexto extra-verbal, exofórico, mostrando-os, em vez de conceituar.²¹⁰ A anáfora (ἀναφορά = movimento para cima, pois se entende que o texto se desenvolve verticalmente) é também um movimento mostrativo, como esclarece Herculano de Carvalho.²¹¹ Todavia, ela não aponta para os objetos da realidade, e sim para os conceitos lingüísticos operados no interior do texto. Há, portanto, a mostraçã física, extraverbal ou contextual, substitutiva do gesto — denominada por Bühler *demonstratio ad oculos* —, e a mostraçã anafórica (textual, verbal). Veja-se o esquema:

dêixis = mostraçã —> *demonstratio ad oculos* —> contextual, “gestual”

dêixis anafórica —> anáfora —> textual, verbal.

Como se verifica, é a dêixis que instaura no texto o sentido para as referências contextuais é a dêixis anafórica que opera a dinâmica dos elementos textuais.

²¹⁰ Para o psicolingüista alemão (Bühler, 1966, p. 134-85), o signo lingüístico é símbolo, enquanto conjunto sônico que representa, conceitua e simboliza, e é sinal, enquanto conjunto sônico que indica ou mostra. Assim, o pronome é, justamente, o termo que se reporta aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização, como os nomes. A dêixis se baseia na realidade do discurso, que envolve a pessoa que fala, a que ouve e os seres em torno do eixo falante-ouvinte.

²¹¹ Herculano de Carvalho (Carvalho de, 1974, p. 210) apresenta os tipos de dêixis estudados por K. Bühler, que são: a mostraçã ou mostraçã *ad oculos* (material, física, ou instrumental); a mostraçã anafórica; e a mostraçã em fantasma (dos olhos e ouvidos interiores ou do espírito). A dêixis ou dêixis *ad oculos*, é a indigitação, em termos lingüísticos, para um objeto do contexto (extraverbal), substitutiva de um gesto. Já a dêixis anafórica é a indicação de um objeto mencionado (ou a mencionar) no interior do texto (verbal). A mostraçã em fantasma, fenômeno psicológico, escapa à expressão lingüística.

3. DIALOGICIDADE DO TEXTO VARRONIANO: UMA FUNÇÃO DOS PRONOMES

O objetivo deste estudo é verificar a dialogicidade, isto é, a presença do autor do *De lingua Latina*, sua pessoalidade, seu trato com o leitor, enfim, seu modo próprio de articular os elementos extrínsecos e intrínsecos ao seu texto. Ora, os elementos lingüísticos que mais indicam a presença do autor num texto são precisamente a dêixis e a anáfora. Segundo J. H. de Carvalho, a significação dêitica,²¹² puramente dêitica ou dêitica-anafórica — terminologia convencionada no quadro anterior e que será usada neste estudo —, se faz em primeira instância, pelos pronomes pessoais, todos eles essencialmente dêiticos, partindo da 1.^a para a 2.^a e, por inferência, para a 3.^a pessoa.²¹³ A atuação fortemente dêitica desses pronomes pessoais se difunde para os outros tipos de pronomes, pronomes adverbiais e advérbios de lugar. Para facilitar a análise, pode-se adotar a classificação dessas categorias, conforme abaixo, empregando-se o código D (dêixis = mostraço contextual) e DA (dêixis anafrica = mostraço textual). Assim, os pronomes pessoais de 1.^a e 2.^a pessoa so apenas dêiticos (D), ao passo que os pronomes pessoais oblquos de 3.^a pessoa podem ser dêiticos e dêiticos anafricos (D, DA). Eis a possvel classificao:

²¹² Herculano de Carvalho (Carvalho, 1974, p. 203-11) teoriza sobre quatro espcies de significao gramatical: a) categorial ou classificadora (substncia: nome, processo: verbo, propriedade ou qualidade: adjetivo; b) relacional ou relacionadora (no plano lingstico, por exemplo, entre sujeito e verbo, verbo e objeto etc. e extralingstico-real, por exemplo, entre os objetos designados: laranja, laranjeira, laranjal, laranjada); c) atualizadora (da pura virtualidade atualizao significativa dos signos); e d) dêitica ou mostrativa (realizada por certas formas lingsticas equivalentes a um gesto), que objeto de estudo neste captulo.

²¹³ Os pronomes pessoais, primariamente dêiticos, so os de 1.^a e 2.^a pessoa (*ego-tu*), entidades que expressam o ser do emissor e do receptor do discurso. Os pronomes de 3.^a pessoa so dêiticos, secundariamente, por inferncia.

- a) pronomes pessoas de 1.^a e 2.^a pessoa (D) ²¹⁴
- > retos: *ego, tu*;
- > oblíquos: *mei, mihi, me, me; tui, tibi, te, te*;
- b) pronomes oblíquos 3.^a p. (DA) —> *sui, sibi, se, se* (reflexivos)
- c) pronomes demonstrativos (D, DA) —> *hic, haec, hoc*;
- > *iste, ista, istud*;
- > *ille, illa, illud*;
- impropriamente demonstrativos —> *is, ea, id*;
- > *idem, eadem, idem*;
- > *ipse, ipsa, ipsum*;
- d) pronomes possessivos (D, DA) —> *meus, tuus, suus*;
- e) pronomes indefinidos (D) —> *quis, aliquis, quidam*;
- f) pronomes relativos (DA) —> *qui, quae, quod*;
- g) pronomes-adverbiais (D, DA):
- > *hic, hinc, huc, adhuc* [aqui, daqui, para aqui, até aqui];
- > *istic, istinc, istuc* [aí, daí, para aí];
- > *illic, illinc, illuc* [lá, de lá para lá].

Estes pronomes-adverbiais têm, geralmente, significação espacial, mas podem também assumir o aspecto temporal: *hic* = agora, *istic* =aí, nesse momento, *abhinc* = a partir daí, a partir desse momento.

- h) advérbios de lugar (D, DA):
- > *hic* [aqui = também pronome adverbial];
- > *ibi* [aí];

²¹⁴ Ex.: Eu (D) comprei um livro para mim (DA). ‘Eu’, sujeito da enunciação, apontará sempre para essa entidade contextual ao discurso, ao passo que ‘de mim’ opera essa mostração (D) e, ao mesmo tempo, aponta para o ‘Eu’ da enunciação (DA).

- > *ubi* [onde];
- > *inde* [daí];
- > *indidem* [do mesmo lugar];
- > *unde* [de onde];
- > *qua* [por onde];
- > *quo* [para onde];

i) advérbios de tempo

- presente, simultaneidade:

- > *dum* [enquanto];
- > *tum* [então, quando, naquele tempo];
- > *nunc, etiam nunc* [agora, hoje, ainda hoje];
- > *nunc primum* [antes de mais nada];
- > *hactenus* [até aqui];

- passado, anterioridade:

- > *tunc* [então, naquele momento];
- > *ante, antea* [antes];
- > *primum, primo, prius* [no princípio, primeiramente];
- > *olim* [antigamente, outrora];

- futuro, posterioridade:

- > *postea* [depois, mais tarde];
- > *deinde, dein* [em seguida, a seguir];
- > *deinceps* [em prosseguimento];
- > *secundo* [em segundo lugar];
- > *dehinc* [a partir daí, daí];
- > *denique* [finalmente];

—> *postremo* [por último];

- expressões antitéticas temporais:

—> *primum-secundo; primo-postea/posteaquam* [primeiro-depois];

—> *prius-tum* [antes-depois];

—> *prius-deinde; primum-deinde* [primeiramente-depois];

—> *nunc-tunc* [hoje-antigamente];

—> *nunc-ante* [agora-antes];

—> *tum-ante, etiam nunc* [antigamente-ainda hoje].

Todos esses pronomes, advérbios pronominais, advérbios de lugar e tempo citados neste item contribuem para incrementar a dialogicidade no texto do *De lingua Latina*, indicando as relações pessoais, textuais, contextuais, espaciais e contemporâneas, como se verá mais adiante na abordagem direta ao texto varroniano.

4. PRONOMES PESSOAIS: GÊNESE NA DÊIXIS

Originada no próprio ato da fala, em que um indivíduo entra em comunicação com outro, a dêixis está na gênese das pessoas do discurso, que vão manifestar-se através de um categorema (os pronomes pessoais *ego/tu*) ou de um morfema preso na desinência verbal (*arbitror*) ou de ambos ao mesmo tempo (*ego arbitror*). Cabe melhor analisar a ocorrência desses elementos pronominais não tanto como categoria gramatical e sim enquanto manifestantes da dialogicidade do texto.

4.1. A 1.^a PESSOA: MARCAS DO SUJEITO DA ENUNCIÇÃO

A primeira pessoa, naturalmente, como sujeito da enunciação, é o ponto de partida da mostra verbal.²¹⁵ Ela chama a atenção sobre si,

²¹⁵ J. Herculano de Carvalho (Carvalho, 1974, p. 664) confirma que os pronomes pessoais de 1.^a e 2.^a pessoa não são dêiticos anafóricos, mas apenas dêiticos (=mostrativos extralingüísticos). Eles apontam para essa entidade extralingüística

designando-se como *ego*, *me*, *mihi*, formas ocorrentes no *De lingua Latina*.

4.1.1. O *EGO* VARRONIANO: EXPLÍCITO E IMPLÍCITO NO TEXTO

O “*ego-varroniano*”, explícito como sujeito da enunciação em nominativo ou nas formas oblíquas *me*, *mihi*, é pouco freqüente no texto do *De lingua Latina*. Surge quando Varrão tem a intenção de firmar-se autoralmente ou divergir de outro autor, em algum ponto teórico, como nestes exemplos de debreagens enunciativas (Fiorin, 1992, p. 44), em que o o sujeito do enunciado (‘eu’) toma consciência de si no momento do ato verbal:

- ***ego*** *magis puto*... [Eu me inclino a pensar...] (V, 19);
- ***ego*** *maxime puto*...[Eu estou certo de que...] (V, 43);
- ***ego*** *arbitror*... [Eu penso] (V, 83, X, 11);
- ***me*** *puero*... [quando eu era menino] (V, 125);
- *auctor satis* ***mihi*** *Chrysipus*...[para mim é autoridade bastante Crisipo] (VI, 1).

Implícita nos verbos, a 1.^a pessoa é bastante freqüente nos seguintes tópicos, inclusive em contraste com o pronome de 2.^a pessoa:

- na dedicatória: *tibi* ...***scripsi*** [escrevi para ti] (VII, 109); *ad te* ***misi*** [enviei a ti] (VII, 110);
- nos prolegômenos dos livros: ***scribam*** [escreverei] (V, 1);
- nos epílogos (*ut in primo libro* ***dixi***) (como eu disse no primeiro livro] (V, 184);
- no início e fim de segmentos: *Quod ad loca*...***dixi***; *nunc*...***expediam*** [Expus sobre os lugares...; vou agora referir-me...] (V, 57).

chamada sujeito do enunciado, instalado nele (debreagem enunciativa). Cf. J. L. Fiorin (Fiorin, 1992, p. 40).

Essa 1.^a pessoa gramatical ocorre em função do investimento didático do autor em busca do leitor ideal ou virtual. O sujeito da enunciação assume postura moderadamente fática e expressiva, para marcar sua pessoalidade e autoridade, e, ao mesmo tempo, conativa, para direcionar os conteúdos da obra para o leitor, fazê-lo saber algo: a origem e a estrutura da língua latina. Apesar da tecnicidade e aridez do texto, Varrão deixa nele traços pessoais e subjetivos, o que se prova pela presença de muitos verbos *dicendi* e *sentiendi* em 1.^a pessoa do singular e, por vezes, também do plural.

Há o uso dos *uerba dicendi*, espontaneamente empregados ou para anunciar os temas (catáfora), tais como: *dicam, inquam, expediam, incipiam, exponam, tangam, percurram, scribam*; ou para referir-se a retroações (anáfora), nestas expressões: *ut dixi, ut ostendi, ut demonstraui*; ou para fazer o texto fluir no presente: *respondeo, dico, ut informem* etc.

Há também os *verba sentiendi* marcando a pessoalidade: *ego magis puto* [eu me inclino a pensar que...] (V, 19), *uereor* [acredito que] (7, 109), *ego magis arbitror* [eu, preferencialmente, penso...] (VI, 34) etc. Por vezes, esses verbos apresentam teor didático categórico: *dico, trado, doceo, puto, arbitror, mallem* etc. Em alguns casos, aludem a uma pesquisa em processo ou já feita: *uideo* [constato] (V, 164), *inueni*, ou *inueni scriptum* [encontrei, encontrei registrado] (VII, 39); *quas aduerti* [que examinei] (V, 166); ou são usados para marcar uma advertência: *...admonui* [adverti] (VI, 4); *quas sequi debeamus* [que devemos seguir] (VIII, 47); uma chamada de atenção para a evolução da matéria tratada: *Quod ad loca...dixi; nunc...* [Referi-me aos lugares...; agora...] (V, 57); ou um fechamento abrupto do assunto, geralmente nos finais de livros: *relinquam, desistam, finem faciam* [deixarei, darei por terminado, farei um ponto final] (*passim*).

4.1.2. A PESSOALIDADE DO AUTOR E A DINAMIZAÇÃO DO TEXTO

Diferentemente da aridez que caracteriza a maior parte dos tratados de lingüística ou dos manuais de gramática, no *De lingua Latina* o leitor pode perceber o entusiasmo expositivo e participativo de Varrão. Numa

linguagem cursiva, sem divisões explícitas, ele se entroniza diretamente no texto como regente, pelo uso do verbo em primeira pessoa, ou indiretamente, através de estratégias variadas que revelam vibração com o assunto tratado (perguntas, ironias, polêmica, humor, decepção, apoios) — tudo isso para manter o fluxo de interações com o leitor, o que pode ser verificado em muitos passos, como nestes que seguem:

- O autor envolve o leitor com perguntas: *At hoc, quid ad uerborum poeticorum aetatem?* [Mas, o que tem isso a ver com a idade dos termos poéticos?] (VII, 3);
- Ele anuncia, divide e administra a matéria: *Nunc singulorum uerborum origines **expediam**, quorum quattuor explanandi gradus* [Vou agora tratar da origem de cada uma das palavras, cujos graus de explanação são quatro] (V, 7);
- Reconhece os pais intelectuais da disciplina: *Huius rei auctor satis **mihi** Chrysipus et Antipater* [Nesta matéria é para mim autoridade bastante Crisipo e também Antípatro] (VI, 2);
- Expõe seu parecer: *Sic uidetur **mihi**...non debere* [Assim, me parece que...não devem] (IX, 85);
- Pontifica:...*naturalem declinationem **dico**, quae non a singularum oritur uoluntate* [denomino declinação natural aquela que não se origina da vontade de cada um] (VII, 22);
- Categoriza: *Falluntur* [Enganam-se eles] (IX, 104); ...*errant* (IX, 50, 81, 99);
- Relata suas pesquisas: *Verbum esse Graecum **arbitror**, quod apud Callimachum in poematibus eius **inueni*** [Creio que o vocábulo (*camilla*) é grego, pois o encontrei em Calímaco, nos seus poemas] (VII, 34);
- Revela senso de auto-limitação e modéstia no conhecimento: *Non, **si non potuero** indagare...* [De minha parte, se não puder investigar] (V, 5), pois a etimologia, como método, tem seus limites gnoseológicos: ...*quom dicat etimologice non omnium uerborum posse dici causam* [...quando confirma que etimologicamente não pode ser esclarecida a origem de todas as palavras] (VII, 4);

- Decepciona-se pelo esforço não compensado no estudo das letras: *quem non erunt in lucubratione literae prosecutae, multum licet legeret* [a quem, nas suas lucubrações, as letras não recompensarão, embora tenha lido muito] (VII, 2); quem leu e estudou muito foi o próprio autor;
- Ousa divergir de seu mestre: *Caelum dictum scribit Elius:...Omnino **ego magis puto**...*[Élio escreve que...Quanto a mim, penso que...] (V, 18-19);
- Informa que tem estudado muito: *ad lucernam...**lucubraui*** [passei noites estudando à luz (da lamparina)] (V, 9);
- Manifesta ambição na pesquisa e vontade de ir além dos antecessores na investigação: ***Volui praeterire** eos qui poetarum modo uerba ut sint ficta expediunt* [Propus-me superar aqueles que apenas expõem de que maneira se impuseram os termos poéticos] (V, 9);
- Mostra-se realista frente à pretensão dos estóicos de explicar todas as palavras,²¹⁶ uma vez que o campo de pesquisa é obscuro: *Quae ideo sunt obscuriora* [estes aspectos são por demais obscuros] (V, 3);
- Adverte sobre a falta de clareza dos antecessores, apesar da boa vontade em explicar: *Haec diligentius quam apertius dicta esse **arbitror*** [Tais conceitos, creio eu, foram explicados com mais aplicação do que com clareza] (X, 75);
- Informa que não dará importância à crítica, quando, para explicar, precisar inovar, recorrendo, por exemplo, à *cognatio* (deixando um pouco de lado as categorias estóicas de tempo e espaço): *si qua erunt ex diuerso genere adiuncta, potius cognationi uerborum quam auditori calumnianti **geremus morem*** [e se aqui houver termos relacionados por diferentes

²¹⁶ Segundo Agostinho (*Dialect.*, p. 238 GS, *apud* F. Cavazza — Cavazza, 1981, p. 26, n. 26), para os estóicos....*nullum esse uerbum cuius non certa explicari origo possit* [não havia nenhuma palavra cuja origem não pudesse ser explicada com certeza]. O enquadramento a tal princípio induziu os filólogos a soluções etimológicas fantasiosas, já que não dispunham dos instrumentos comparativistas modernos. Varrão, preso a essa metodologia e empenhando-se em erguer a etimologia como ciência, incorreu em erros, mas apontou para o fato de que a língua, como objeto de estudo, sempre incluirá uma faixa inacessível à pesquisa.

origens, darei atenção mais à parentagem dos vocábulos do que às críticas de quem escuta] (VI, 1);

- Põe sua versão sobre os conceitos: *Sermo, opinor, est a serie* [Na minha opinião *sermo* (discurso, conversa) vem de *series* (encadeamento, seqüência)] (VI, 64);

- Traduz a irritação dos anomalistas no debate com os analogistas, incapazes estes de mostrar onde há regularidade na língua: **impudentes sunt** *qui dicunt esse analogias* [são insolentes os que dizem existir analogias] (VIII, 41);

- Põe humor e ironia na argumentação dos analogistas, através de perguntas: *Quis est tam tardus qui illas quoque non animaduerterit similitudines?* [Quem é tão tardo que não tenha observado também aquelas similitudes (= analogias) ?] (IX, 32);

- Ironiza conferencistas gregos (Crates) que vêm a Roma para ensinar sem terem o pleno conhecimento das doutrinas dos mestres anteriores: *Insignis eorum est error qui malunt quae nesciunt docere quam discere quae ignorant, in quo fit Crates* [Insigne é o erro daqueles que preferem ensinar o que não sabem a aprender o que ignoram — erro em que incidiu Crates] (IX, 1);

- Polemiza: *ad haec respondeo* [a estas questões respondo] (VII, 74, 76);

- comenta o trabalho dos antecessores como incompleto: *quod nec fundamenta, ut debuit, posita ab ullo* [Visto que por ninguém foram expostos os fundamentos, como se deveria] (X, 1);

- Defende os gramáticos, que não merecem ser repreendidos pela obscuridade da matéria: *...quorum obscuritates eo minus reprehendendae, quod pleraque definitiones re incognita propter summam brevitatem non facile perspiciuntur, nisi articulatim sunt explicatae* [cujas obscuridades não devem ser criticadas, porque as definições, na sua maior parte, face ao desconhecimento da matéria — e por causa da extrema brevidade delas — não se entendem facilmente, a não ser que sejam explicadas uma por uma] (X, 75);

- Apóia os que fazem algo para esclarecer os problemas do léxico e sua origem: *Igitur de originibus uerborum qui multa dixerit commode potius boni consulendum, quam qui aliquid nequierit reprehendendum...*[Por isso, alguém que tem feito muitos e pertinentes esclarecimentos sobre a origem das palavras deve ser visto com mais estima do que quem se mostra inábil para dar alguma contribuição] (VII, 4);

- Reclama da negligência dos copistas para os detalhes gráficos: *quod librarios haec spinosiora indiligentius elatuos **putaui*** [porque continuo acreditando que os copistas vão dar muito pouca atenção a estes detalhes] (VIII, 51).

São esses apenas alguns passos, entre tantos, que mostram a presença dinâmica de Varrão no texto do seu *opus magnum* gramatical.

4.2. A 2.^a PESSOA: PRESENÇA EXPLÍCITA E IMPLÍCITA DO LEITOR

Depois desse estudo que visou focalizar a pessoalidade varroniana no texto do *De lingua Latina*, cumpre examinar a presença dos receptores, ou seja, a de elementos da 2.^a pessoa gramatical, como termo da dialogicidade textual.

4.2.1. A 2.^a PESSOA EXPLÍCITA: *TU, TE, TIBI*

Irradiando da primeira pessoa e pela própria natureza dialogal do discurso, a dêixis surge na área da 2.^a pessoa, apontando para um alocutário, que, no *De lingua Latina*, é, de modo difuso, um leitor virtual e, de modo expreso, o *tu*-ciceroniano, destinatário e principal dedicatário da obra.

O *tu* explícito, em nominativo, ocorre uma única vez: ***tu** persequare* [persegue tu] (X, 40), que surge repentinamente e parece referir-se a um leitor anônimo. Nas formas oblíquas, o pronome pessoal de 2.^a pessoa ocorre quando Varrão se dirige expressamente a Cícero (*te, tibi*), nos seguintes três passos:

- no início da segunda tríade da primeira hécada, em acusativo: *In his ad **te***; a fórmula é curtíssima; o *his*, dêitico anafórico, tem por antecedente

"*libri*"; percebe-se que na frase se eliptiza um particípio do tipo de *scriptis* ou *missis*; a forma extensa seria: *In his libris ad te scriptis/missis*, ficando assim a tradução: [Nestes livros escritos/enviados a ti...] (V, 1);

- no final dessa mesma tríade, em dativo, ... *e quis...tris tibi ...scripsi* [dos quais...três escrevi para ti] (VII, 109); o pronome relativo *quis* tem, por antecedente, *libri*;

- e no parágrafo seguinte, em acusativo: *quos ad te misi* [que enviei a ti] (VII, 110); igualmente, o pronome relativo *quos* tem, por antecedente, *libri*.

4.2.2. A 2.^a PESSOA IMPLÍCITA NAS DESINÊNCIAS VERBAIS

A 2.^a pessoa implícita no verbo é mais comum. Pode aludir a Cícero, leitor ideal e privilegiado no pensamento de Varrão-escritor, por causa da compatibilidade intelectual e do estímulo por ele desencadeado no escritor; pode referir-se também a outro leitor, anônimo e virtual, com quem o escritor busca interação (Orlandi, 1987, p. 64). Assim se entendem as formas verbais utilizadas com certa frequência no *De lingua Latina*, no intuito de franquear o entendimento entre escritor e leitor.

- *si dicas* [se dizes] (V, 4);

- *si numeres* [se contas...] (VI, 33);

- *cum addas* [embora acrescentes...] (VII, 2);

- *uidebis* [poderás observar...] (VII, 2);

- *didiceris* [tiveres aprendido] (VIII, 6);

- *uti possis* [possas aplicar] (VIII, 6);

- *si animaduertas* [se consideras] (X, 30).

Tais expressões confirmam a oralidade e a dialogicidade do texto. Flagra-se o autor-escritor conversando com o leitor, interpretante,

estimulando-o, num movimento conativo, a envolver-se na exposição, a ser atento, como ocorre no dia-dia, nas falas discretamente persuasivas.²¹⁷

4.2.3. CÍCERO E SEPTÍMIO, DEDICATÁRIOS E LEITORES-MODELOS

A interação mais explícita do autor com seus leitores se faz pela dedicatória. Já no primeiro parágrafo do livro V, ele se mostra preocupado em definir os dois dedicatários (Septímio e Cícero), seus leitores-modelos, principalmente o último, que recomendara e aguardava a publicação da obra.

Ao iniciar o livro V, que abre a segunda tríade da primeira hékada, Varrão se dirige a Cícero, prestando-lhe um brevíssimo esclarecimento, que, aliás, requeria delicadeza nos termos: é que os três livros anteriores (a parte teórica da etimologia, livros II, III, IV) já haviam sido dedicados a Públio Septímio (*quos Septumio misi*) e, certamente, era intenção do autor manter a dedicatória ao reestruturar a obra.²¹⁸ Septímio fora um colega e subordinado de Varrão na administração romana e nas lides políticas do passado. Agora, ao iniciar a segunda tríade (parte prática da etimologia, livros V, VI, VII), Varrão diz que a dedica a Cícero. Faz isso laconicamente, quase de passagem: *in his ad te scribam a quibus rebus...*[nestes livros dedicados a ti, exporei os fatos a partir dos quais...] (V, 1). Ao terminar a tríade, Varrão confirma as dedicatórias e informa a razão: *e quis (= quibus) tris scripsi Po. Septumio qui mihi fuit questor, tris tibi, quorum hic est tertius...*[três deles eu dediquei a Septímio, que foi meu questor, e outros

²¹⁷ Como nesta frase, em que a pessoa de tratamento é anônima: “O regulamento manda obedecer....Mas se você descumpre e ultrapassa a velocidade, deve arcar com as conseqüências...”

²¹⁸ Esse bloco dedicado a Septímio (livros II, III e IV, perfazendo a 1.^a tríade) seria o núcleo inicial do *De lingua Latina*, que, depois, foi expandido para os 24 livros e uma introdução, totalizando, portanto, 25 livros. A tradição considerou Cícero como o dedicatário principal do conjunto, o que se infere da freqüente expressão citada nos fragmentos dos gramáticos posteriores: *Varro ad Ciceronem*, que acabou integrando o título da obra (*De lingua Latina ad Ciceronem*) e deixando P. Septímio como dedicatário secundário.

três a ti, dos quais este é o terceiro] (VII, 109). No parágrafo seguinte, continuando o tom coloquial como se fosse uma carta a Cícero, Varrão usa o tempo verbal *misi*, para dizer que já lhe enviara os três livros: *In secundis tribus quos ad te misi...* [Nos três posteriores que te enviei...] (VII, 110).²¹⁹

4.2.4. LEITORES VIRTUAIS: PERFIL E INTERAÇÃO

Ao longo do texto não há como distinguir se Varrão se dirige ao seu leitor ideal, que é Cícero — bom teorizador e excelente usuário da língua — ou a outro.²²⁰ Quanto ao nível médio do público-leitor, Varrão parece visualizá-lo neste passo: *sed uereor ne plures sint futuri qui de hoc genere me quod nimium multa scripserim quam quod reliquerim quaedam accusent...* [Mas, como eu receio que mais pessoas haverá que me criticarão por ter escrito coisas demais sobre esta disciplina do que aquelas que me acusarão por haver deixado algumas de lado...] (VII, 109). Pelo que o autor diz, ele já tem o perfil do seu leitor: a maioria deles prefere uma obra menos carregada de detalhes doutrinários.

Paralelamente a essa busca do perfil médio de seu leitor, Varrão, no seu tom dialogal, não deixa de imaginar tipos diferentes de leitores de sua

²¹⁹ Além de Cícero, Varrão instituiu outros dedicatários para suas obras; os conhecidos, segundo a crítica tradicional e o estado atual da documentação, são: Áccio (*De antiquitate litterarum*), César (*Antiquitates diuinae*), Pompeu (*De origine linguae Latinae*) (cf. Dilke, 1976, p. 354); Pompônio Ático (*De uita populi Romani*) (cf. Manzo, 1976, p. 421); Otaviano Augusto (*De gente populi Romani*) (cf. Zucchelli, 1976, p. 621); Augusto seria, com probabilidade, o dedicatário dessa obra; ela exibia o teor apoteótico em relação ao principado, que, segundo intuição de Varrão, estava em vias de ser inaugurado. Por outro lado, César dedica seus dois livros *De analogia* a Cícero (cf. Collart, 1954, p. 15). Cícero, por sua vez, dedica a Varrão a segunda edição dos *Academica Posteriora* (cf. Laughton, 1978, p. 105), envolvendo novos dialogantes: Varrão, Ático e o próprio Cícero.

²²⁰ E. P. Orlandi (Orlandi, 1987, p. 10) frisa, com razão, que a leitura é um processo complexo, envolvendo habilidades que não se reduzem ao imediatismo de ler. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente.

obra: o leitor tranqüilo e passivo, para quem toda informação é bem-vinda e assimilada; o leitor exigente, que quer detalhes e aprofundamentos; o leitor crítico, que espera opções mais avançadas para o convencimento, e o leitor adversário, encastelado em teorias próprias, pronto para confrontar. O primeiro, o autor satisfaz com uma simples fórmula derivativa: *a fruendo* [fruir] *fructus*, *a spe spicae* [espigas] (V, 36), muitas vezes acrescida de uma razão: *Arx ab arcendo, quod is locus munitissimus Urbis* [Arx (cidadela) vem de *arcere* (manter afastado), porque é o lugar mais fortificado da cidade] (V, 151); ou o deixa satisfeito com uma pergunta retórica: *Quis enim non uidet unde argentifodinae...?* [Quem não percebe a origem (compositiva) de *argentifodinae* (minas de prata) ?] (V, 7). Para um leitor mais exigente Varrão historia, como o faz, por exemplo, com o nome do rio Tibre, em dois parágrafos (V, 29-30). Para um leitor crítico, ele expõe as bases de sua teoria, amparando-se nos grandes nomes conhecidos da filosofia (Pitágoras, Aristóteles, Platão, Zenão) e da lingüística (Crisipo, Cleanto, Antípatro, Aristófanes, Apolodoro, Aristarco). Entre esses críticos, uns desvalorizavam o trabalho do etimólogo, apenas porque esse não lograva explicar certos radicais — embora já tivesse prestado bons serviços na explicação de muitas palavras derivadas. Outros, principalmente os cétricos ideólogos estóico-anomalistas, não admitiam considerar a língua como sistema suscetível de regras. Os primeiros, Varrão considera-os ingratos, por não reconhecerem o trabalho do etimólogo. Na verdade, já que o fenômeno da língua é complexo (*non mediocres tenebrae in silua* [não são poucas as trevas na selva]) (V, 5), todo trabalho de esclarecimento lingüístico, isto é, de metalinguagem, deveria ser bem-vindo, apesar de falhas do pesquisador (...*potius boni consulendum quam reprehendendum* [deve mais ser apreciado que censurado]) (VII, 4). Este passo esclarece o ponto em questão: *Quare qui ostendit equitatum esse ab equitibus, equites ab equite, equitem ab equo neque equus unde dicit, tamen hic docet plura et satisfacit grato* [Por isso, quem mostra que *equitatus* (cavalaria) vem de *equites* (cavaleiros), *equites* de *eques* (cavaleiro), *eques* de *equus* (cavalo), e não diz donde vem *equus*, contudo, este ensina muitas coisas e satisfaz a uma pessoa agradecida] (VII, 4). Enfim, para os segundos, isto é, aqueles cétricos anomalistas que insistiam em ver a língua como uso incontrollável e avesso a qualquer sistema de normas, Varrão aponta, sem se confrontar,

uma solução equilibrada: *et quod Aristarchus, de aequabilitatae cum scribit eiusdem, uerborum similitudinem quandam in inclinatione sequi iubet, quoad patiatur consuetudo* [e quando Aristarco alude à consistência dela (da língua), o que ele manda é seguir uma determinada analogia das palavras no que se refere à derivação, até ao ponto em que o uso permite] (IX, 1); e ponderava: *consuetudo et analogia coniunctiores sunt inter se quam iei credunt* [o uso e a analogia estão entre si mais entrosados do que eles julgam] (IX, 2).

Nesse tom dialogal, Varrão aproxima-se do seu leitor, no geral, incitando-o a prestar atenção e a ler as entrelinhas, enfim, a interpretar, como neste passo: *Quare cum inter se tanta sint cognatione, debebis subtilius audire quam dici expectare, id est,... ne expectes, dum ego in scribendo transferam in reliquum, sed ut potius tu persequare animo* [Por essa razão, havendo entre esses termos tão estreita relação de parentesco, deverás mais ouvir com sutileza do que esperar que (te) seja explicado, isto é..., ...não esperes que eu, como escritor, leve esclarecimento para o resto do assunto; ao contrário, tu mesmo, com o empenho possível, prossegue na linha do pensamento] (X, 40). Neste outro passo, o autor insiste em que o leitor crie seu método de aprendizagem: *His discretis partibus singulas percipe, quo facilius...uideas* [Estabelecidas essas diferenças, procura tu mesmo examiná-las uma por uma, para que percebas mais facilmente...] (VIII, 47).

4.2.5. O NOS AUTURAL: AUTO-AFIRMATIVO, ADVERSATIVO E CONATIVO

Freqüentemente o “**ego**” varroniano se ajunta ao “**tu**” do leitor virtual, formando a 1.^a pessoa do plural, nos casos reto e oblíquos: **nos** (X, 20), **a nobis** (V, 118), **ad nos** (V, 29). Essa 1.^a pessoa é pouco freqüente como categorema, mas muito presente nas formas verbais (ex.: *sequi debemus* [devemos seguir]). Às vezes, esse plural é exclusivamente autoral,²²¹ porque visa à auto-afirmação doutrinária ou ao contraponto com

²²¹ K. Bühler (Bühler, 1966, p. 177) teoriza sobre o pronome *nós* exclusivo (= eu) e o *nós* inclusivo (= eu + tu) na formação de tipos de enunciantes.

outros autores, como neste passo: *alii discernunt, alii non; nos...ascribemus...* [uns estabelecem uma distinção, outros, não; nós...aplicaremos...] (X, 20). Porém, as mais das vezes, o **nos** é simples somatório de eu e tu (= a gente), sendo aplicado com espontaneidade didática para, numa intenção conativa, fazer o leitor envolver-se numa experiência trivial, como nestes exemplos:

- *sol...quo ad nos uersum proximus est* [onde o sol se volta para perto de nós] (VI, 8);
- *speculum, quod in eo specimus imaginem* [espelho, porque nele contemplamos a imagem...] (VI, 82);
- *speculator, quem mittimus ante, ut respiciat quae uolumus* [Espião é aquele que enviamos à frente para observar o que queremos] (VI, 83);
- *et nos dicimus* [e nós dizemos...] (VII, 88), para confrontar com o que os outros dizem.

Essa 1.^a pessoa do plural (**nos**) pode também estar em função conativo-convocatória, significando um convite ao leitor para que acompanhe o autor no prosseguimento à matéria ou numa nova fase da pesquisa: *deinceps uideamus; nunc uideamus* [a seguir examinemos; agora vejamos...] (VI, 27, V, 75).

4.2.6. O PRONOME POSSESSIVO EM 1.^a PESSOA DO PLURAL: **NOSTER**

Ainda conciliando o **ego** do autor ao **tu** do leitor — elementos pessoais subjacentes ao texto —, verifica-se que é freqüente o emprego do pronome possessivo em 1.^a pessoa do plural *noster, nostra, nostrum*, de valor dialogal e conativo. O autor (*ego*) visa a envolver o leitor no conhecimento de algum dado de interesse pessoal, ou lingüístico, ou social, ou religioso, ou político, como ocorre nestas expressões:

- *salus nostra* [nossa saúde] (V, 8);
- *nostra uerba, nomina, uocabula, lingua* [nossas palavras, nossos nomes, nossos vocábulos, nossa língua] (VI, 2, 29, V, 3);

- **nostra, nostrae** *prouincia, coloniae* [nossa província, nossas colônias] (V, 16-29-143);

- **nostrī** *sacerdotes, augures, anales* [nossos sacerdotes, nossos áugures, nossos anais] (V, 33, VI, 23);

- **nostrī** *antiqui, ueteres, antenati, maiores* [nossos antigos, nossos antepassados, nossos patrícios, nossos maiores], ou, simplesmente, **nostrī** [nossos concidadãos, nossos contemporâneos], com valor substantival (V, 36, VII, 74, 87).

Nostrī são citados no *De lingua Latina* como usuários antigos e contemporâneos da língua. Porém, as mais das vezes, o termo se refere aos usuários antigos. Estes — a deduzir das muitas referências, do tom contextual de simpatia e também do apreço do escritor pelos arcaísmos lingüísticos — parecem ser tratados por ele como falantes de um latim mais genuíno, como os legítimos actantes da *latinitas*.

4.3. A 3.^a PESSOA E O GRANDE REFERENTE LINGÜÍSTICO: O POVO

Frise-se, ao longo do texto varroniano, a presença do grande referente contextual da obra, o povo, citado mais de quinze vezes. Esse ser coletivo de 3.^a pessoa é, freqüentemente, focalizado por Varrão como o grande usuário e detentor da língua. Nos livros etimológicos, o sentido contextual de “*populus*” parece ser de sujeito coletivo, agente ou paciente, em relação ao fato meramente social. Já nos livros morfológicos, “*populus*” assume significado contextual sócio-lingüístico, também agente ou paciente, como gestor da língua, com direitos (sentido ativo) e obrigações (sentido passivo) para com ela. Vejam-se, concisamente, os seguintes passos, em que Varrão evidencia a interação sócio-lingüística entre povo e língua, anotando-se, ao final de cada um, a postura desse ser coletivo, ativa ou passiva:

a) O autor fala de *uocabula quae sunt in consuetudine apud populum*” [de palavras que estão no uso do povo], quer dizer, o povo tem sempre a posse e o uso lingüístico (sentido sócio-lingüístico, sujeito agente — VI, 1);

- b) Ele informa que o nome *tribus* veio do fracionamento do povo em três grupos ou partes (sentido social, sujeito paciente — V, 35);
- c) Diz que o povo era recenseado ou avaliado pelo censor para pagar tributos, de acordo com a decisão e arbítrio deste (*censio/arbitrium*) (sentido social, sujeito paciente — V, 81);
- d) Comenta que o *dictator* [ditador], nomeado pelo cônsul, era o *magister populi* [mestre do povo], com suprema autoridade sobre ele (sentido social, sujeito paciente — V, 82; VI, 61);
- e) Explica que as *Feriae Latinae* (festas latinas) recebiam esse nome dos povos latinos (sentido social, sujeito agente — VI, 25);
- f) Observa que o povo que vivia no campo (*in agris populus*) e se reunia na cidade perante o rei; nas *Nonae* (nove dias antes dos *Idus*) era informado sobre as comemorações do mês (sentido social, sujeito paciente — VI, 28);
- g) Relata as palavras do arauto que trazia para o povo os bons augúrios recentemente tomados pelo censor, nestes termos: *Quod bonum fortunatum felix salutareque siet populo Romano...reique publicae populi Romani* [Que isto seja bom, favorável, feliz e salutar ao povo romano e à república do povo romano] (sentido social, sujeito paciente — VI, 86);
- h) Comenta sobre o arauto que percorria a longa muralha *quo modo populum inliceret ad eum locum unde uocare posset ad contionem* [para assim atrair o povo a um lugar de onde pudesse convocá-lo à assembléia] diante dos cônsules, censores e questores (sentido social, sujeito paciente — VI, 90);
- i) Diz que quando se adotam palavras novas, todo o povo (as pessoas), acomodando-as ao uso normal, é logo capaz de recitar, sem vacilação, sua declinação (*statim omnis dicit populus* [o povo aprende logo]) (contexto sócio-lingüístico, sujeito agente — VIII, 6);
- j) Considera que uma coisa é a fala do povo em geral (*alia populi uniuersi*) e outra a das pessoas tomadas individualmente (*alia singulorum*). O povo, no geral, deve ater-se à analogia (normas) em todas as suas palavras; e se

tem o costume de falar incorretamente, deve corrigir-se (*corrigere se ipsum*) (contexto sócio-lingüístico, sujeito agente — IX, 5);

l) Afirma que o povo se sustenta em seu próprio poder e os indivíduos no poder do povo. Por isso, do mesmo modo que cada pessoa deve corrigir seu próprio uso lingüístico — se este é incorreto —, assim deve o povo corrigir o seu. Apesar de ser um erudito, o autor reconhece: *Ego populi consuetudinis non sum ut dominus, at ille meae est. Vt rationi optemperare debet gubernator, gubernatori unus quisque (sic) in naui, sic populus rationi, nos singuli populo*. [Eu não sou dono (*ut dominus*) do uso lingüístico do povo, ao passo que ele é dono do meu uso. Como um comandante (*gubernator*) deve ater-se à norma (*rationi*) e cada um dos que estão na nave deve obedecer ao comandante, assim o povo deve ater-se à norma e cada um de nós aos ditames do povo] (contexto sócio-lingüístico, sujeito agente e paciente — IX, 6);

m) Observa que *Neque enim Lysippus artificum priorum potius secutus est vitiosa quam artem; sic populus facere debet, etiam singuli, sine offensione quod fiat populi* [Tão pouco Lisipo seguiu os defeitos dos artistas que o precederam; preferiu seguir a arte. Assim deve fazer o povo na sua fala, como também os indivíduos, sempre que não resulte desagradável para o povo] (contexto sócio-lingüístico, ativo e passivo — IX 18);

n) Recomenda que também o povo siga a norma da fala: *fatendum illud quoquo modo analogian sequi nos debere uniuersos, singulos autem praeterquam in quibus uerbis offensura sit consuetudo communis, quod ut dixi aliud debet praestare populus, aliud et populo singuli omnes* [Há que reconhecer que, de algum modo, nós, em geral, como também cada um em particular, devemos seguir os princípios analógicos, exceto nas palavras em que se estará ferindo o uso comum, pois, como eu tenho dito, um é o padrão da linguagem que deve cumprir o povo em geral e outro, o que deve realizar cada pessoa integrante do povo] (contexto sócio-lingüístico, sujeito agente — IX 114);

o) Mas reconhece a confusão que reina na linguagem do povo, que não tem ciência (gramatical) e que facilmente aceita modos de falar errados,

distantes do uso ideal da língua: *...sed, ut dixi, hoc genere declinatio in communi consuetudine uerborum aegrotat, quod oritur e populo multiplici et imperito: itaque in hoc genere in loquendo magis anomalia quam analogia* [Porém, como já tenho dito, nessa classe de analogia (fundada no uso), a declinação utilizada na prática comum das palavras sofre de uma doença, porque tem sua origem no povo, o qual tem gosto variado, mas não tem ciência; por isso, nesse gênero, mais reina, na linguagem, o princípio da anomalia do que o da analogia (sentido sócio-lingüístico, sujeito agente e paciente — X, 16);

p) Admite a existência de três níveis de analogia ou normas da fala: a básica e do uso comum, isto é, do povo identificado com o próprio uso; a individual, mais apurada, mas que não deve fugir da que está em uso; e a dos poetas, que também precisam estar atentos ao uso comum, embora tenham, de certo modo (*ex quadam parte*), mais liberdade criativa: *Harum primam sequi debet populus, secundam omnes singuli e populo, tertiam poetae* [Dessas três definições, a primeira deve seguir o povo, a segunda, cada uma das pessoas do povo, a terceira, os poetas] (sentido sócio-lingüístico, ativo — X, 74).

Como se observa, para Varrão o povo é agente lingüístico concreto, ativo e passivo e, ao mesmo tempo, referencial básico da língua. Ele é que é o senhor desta (*ut dominus*) e não o indivíduo. Ele rege seu uso com soberania e afirmação (sentido ativo). Porém o povo, considerado como o conjunto dos usuários da língua, também precisa submeter-se às regras da analogia, isto é, à norma gramatical (sentido passivo). Varrão não contempla, ao contrário, lamenta os erros arraigados no uso do povo, que, embora criativo, é, muitas vezes, incapaz de criar dentro da analogia. Por isso, distingue três níveis de norma da fala: o nível popular, o nível acima do popular, ou seja, de certos indivíduos lingüisticamente mais evoluídos, e o nível poético, mais livre para inovar. Todavia, o segundo e o terceiro padrão de usuários devem manter-se contactados com o referencial básico, isto é, aquele que está no entendimento lingüístico do povo. Isto quer dizer que o nível lingüístico praticado pelo povo é o ponto de partida para a evolução e o aperfeiçoamento da língua como código.

4.3.1. OS PRONOMES PESSOAIS DE 3.^a PESSOA COM VALOR SUBSTANTIVAL E REFLEXIVO

Retomando o estudo feito no item 3.b, trata-se dos seguintes pronomes com valor de substantivos, relativos à 3.^a pessoa (D, DA) e usados como pronomes reflexivos: **sui, sibi, se, se**.

Esses pronomes não possuem um nominativo equivalente à 1.^a pessoa (*ego*) e à 2.^a (*tu*), mas apenas essas formas citadas, correspondentes ao genitivo, dativo, acusativo e ablativo, análogos a *mei, mihi, me, me* e a *tui, tibi, te, te*. Eis um exemplo, no *De lingua Latina*, de uso dêitico anafórico do pronome **se** juntamente com o demonstrativo **illos**, que será objeto de estudo mais adiante:

- *sic monimenta quae in sepulchris, et ideo, secundum uiam quo praetereuntes admoneant et **se** fuisse et **illos** esse mortalis* [assim as inscrições que se encontram nos sepulcros, precisamente ao longo dos caminhos: para advertir os caminhantes que, como eles (= os inscritos nos sepulcros) foram mortais, também aqueles (= os transeuntes) o são] (VI, 49). Trata-se, portanto, do uso dos pronomes substantivos (**se, illos**) numa função dêitica anafórica, já que ambos apontam para elementos do próprio texto, mencionados anteriormente. **Se** reporta-se ao antecedente “os inscritos nos sepulcros = os mortos” e **illos** se refere ao antecedente “os transeuntes = os vivos”.

4.4. PRONOMES DEMONSTRATIVOS: DÊITICOS E DÊITICOS ANAFÓRICOS

Retomando o exposto no item 3.c, cabe recordar que os pronomes demonstrativos genuínos são **hic, haec, hoc** (1.^a pessoa), **iste, ista, istud** (2.^a pessoa) e **ille, illa, illud** (3.^a pessoa). Entretanto, há também os pronomes ditos impropriamente demonstrativos: **is, ea, id; idem, eadem, idem; ipse, ipsa, ipsum**, por participarem do fenômeno dêitico; os primeiros (**is, ea, id**) geralmente anunciam o pronome relativo, os segundos (**idem, eadem, idem**) reforçam a idéia de identidade e os terceiros (**ipse, ipsa, ipsum**) dão intensidade na demonstração.

Os pronomes demonstrativos têm valor substantival ou adjetival. São puramente dêiticos (D) (Mattoso Câmara, 1968, p. 111), enquanto realizam uma mostração localizadora das realidades contextuais (situacionais, extraverbais), mas podem ser também dêiticos anafóricos (DA), quando operam uma mostração relativa ao interior do texto. A linguagem varroniana manifesta-se acentuadamente dêitica, principalmente no fazer etimológico. Varrão emprega o signo como símbolo da realidade e como sinal. O símbolo é o nome substantivo, o sinal é o pro-nome (substitutivo do símbolo).²²² Esses pronomes demonstrativos, de domínio comum, usados sem plena consciência de serem suportes do fenômeno dêitico, estão também presentes no *De lingua Latina*. Cabe examiná-los nessa função dêitica.

a) **Hic, haec, hoc; hice, haece, hoce** [este, esta, isto]

É o demonstrativo usado para relacionar as coisas próximas do campo da 1.^a pessoa (= este, esta, isto).²²³ **Hice**, como reforço de **hic**, só aparece no genitivo: **huiusce libri** [deste livro] (VIII, 25). O uso dêitico diafórico (anafórico e catafórico) desse demonstrativo evidencia-se neste passo:

- **Haec** de hominibus...de pecore, **haec** [Essas coisas (ditas antes, até aqui) referiam-se aos homens;...estas (que seguem) serão sobre o gado](V, 95).

No caso, a forma neutra-plural **haec**, usada por duas vezes, aponta para dados relativos ao passado (anáfora) e anunciam os que serão tratados logo a seguir (catáfora). Esse movimento espacial-temporal no interior do texto tem, como base, o aqui-agora do sujeito da enunciação (1.^a pessoa) ao escrever. Assim, garante-se a seqüenciação, coesão e coerência do texto. Neste outro exemplo, verifica-se também a mostração

²²² J. Mattoso Câmara (Mattoso Câmara, 1968, p. 109) esclarece que dêixis é a faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar ou nominalizar.

²²³ Varrão parece não ter consciência da relação temporal de *hic, iste, ille* dentro do texto, como se tem hoje.

ad oculos (dêixis) e o movimento anafórico e catafórico (dêixis anafórica) do texto:²²⁴

- *sex libris exponere institui. De < his tris ante hunc feci, quos Septimio misi: in quibus est de disciplina, quam uocant ἐτυμολογικήν...In his ad te scribam...*[...resolvi expor em seis livros (isto é, os livros II-VII). Desses (isto é, desses seis livros II-VII), compus três (isto é, os livros II-IV), antes deste (provavelmente o livro I introdutório), os quais (isto é, os livros II-IV) enviei a Septímio. Nestes (isto é, nos livros V-VII e, por extensão, os livros V-XXV — futuros), a ti (isto é, Cícero) dedicados, exporei...] (V, 1). Por esses pronomes — pessoal (*te*), demonstrativos (*his, hunc, his*) e relativos (*quos, quibus, quam*) bem como pela presença de verbos no passado (*instiltui exponere, feci, misi*), no presente (*uocant*) e no futuro (*scribam*) —, o autor, enquanto informa o projeto de sua obra mediante uma densa e sucinta operação dêitica anafórica e catafórica, aponta fisicamente para os livros compostos e a compor e ainda informa os dedicatários (dêixis). Em resumo, há uma mostração contextual (extraverbal) e textual (verbal) dos referentes (pessoas e coisas do discurso) que são: “*ego*”= Varro, “*tu*”= Cicero, *libri* e *Septimius*.

b) *Iste, ista, istud; istic, istaec, istoc/istuc* [esse, essa, isso]

Teoricamente, trata-se de um demonstrativo da área da 2.^a pessoa gramatical (esse, essa, isso). Na prática esse princípio não se observa. Aliás, as formas *iste, ista, istud* não são praticadas por Varrão no texto do *De lingua Latina*. Ocorrem *istic* e *istuc (=istoc)* com valor substantival, como se pode verificar nos quatro versos transcritos abaixo, sendo os dois primeiros de Ênio e os dois últimos de Plauto:

- *Istic est de sole sumptus ignis* [Esse é um fogo subtraído do sol] (V, 59);

²²⁴ Essa idéia parte da primitiva confecção do livro em rolos de papiro, em que a escrita, como também a leitura, se desenvolvia de cima para baixo (ἀναφορά, ἀς = ação de subir, καταφορά, ἄς = ação de descer). Cf. A. Bailly (Bailly, 1950, p. 146 e 1059).

- **Istic** *est is Iuppiter quem dico* [Esse é o Júpiter a que me refiro] (V, 65);
- *Idem* **istuc** *aliis ascriptiuis fieri ad legionem solet* [Isso também costuma acontecer com os demais soldados que se ajuntam ao exército] (VII, 56) (*Menaechmi*);
- *Non tibi* **istuc** *magis diuidiaest quam mihi hodie fuit* [Isso não é para ti um tormento maior do que o dia de hoje o foi para mim] (VII, 60) (*Mercator*).

c) **Ille, illa, illud** [quele, aquela, aquilo (substantival e adjetival)]

Desse demonstrativo, referente à 3.^a pessoa gramatical (aquele, aquela, aquilo), já foi estudado um exemplo (cf. subitem 4.3.1). Naquele passo (VI, 49), Varrão empregou **ille (illos)** com valor de substantivo e com sentido dêitico anafórico, juntamente com o pronome **se**. Outro exemplo de uso dêitico anafórico do pronome *ille*, porém com valor de adjetivo, ocorre no passo VIII, 6. Varrão afirmara que são dois os tipos de origens de palavras: a *impositio* e a *declinatio*. Continuando, ele assim começa o parágrafo seguinte:

- Ad **illud** *genus* [Quanto àquele tipo...] isto é, a *impositio*...] (VIII, 6).

Outro exemplo de uso de *ille* com função substantival e sentido puramente dêitico é este que segue. Varrão aproveita para registrar a forma arcaica equivalente, **ollus** (= *ille*).

- **Ollus** *letus datus est* [ele foi dado à morte], e comenta: **Olli** *ualet dictum illi ab olla et ollo* [*Olli* é o mesmo que *illi*, dativo de *olla* e *ollus*] (VII, 42).

d) **Is, ea, id** [aquele, aquela, aquilo, esse, essa, isso]

Os pronomes **is ea id**, embora não sejam estritamente demonstrativos, como já dito, também ocorrem em função substantiva e dêitica anafórica, como neste exemplo:

- *quod* **is** *huc uenerit ibique sit sepultus* [porque ele (*Argus laesus*) chegara aí (*Argileto*) e aí foi sepultado...] (V, 157). Trata-se de uma função

dêitica anafórica do pronome **is**, que se reporta a um elemento já mencionado no texto (= Argus).

O pronome **is** é também usado como pronome adjetivo em função dêitica anafórica, como nestes passos:

- *sic is sermo in quo...*[assim aquele discurso em que...] (VI, 63);

- *is Iuppiter* [esse Júpiter] (V, 65).

Note-se, finalmente, que esses pronomes (demonstrativos) substantivos de 3.^a pessoa **is**, **ea**, **id** são freqüentemente usados no texto em combinação com os pronomes relativos, em função substantiva e com valor dêítico, perfazendo a correlação **is qui**, **ea quae**, **id quod** etc., como ocorre nestes passos:

- *Fatur is qui* [Fala aquele que] (VI, 52);

- *primum ea quae sumus acturi cogitare debemus* [primeiramente devemos pensar no que vamos fazer] (VI, 42);

- *ii qui facile fantur...*[aqueles que falam com habilidade] (VI, 52);

- *Insignis eorum est error qui malunt...*[Insigne é o erro daqueles que preferem...] (IX, 1).

e) **Idem**, **eadem**, **idem** [o mesmo, o próprio]

Embora não estritamente demonstrativos, esses pronomes têm algum valor dêítico, devido a seu sentido de reforço de identidade, como, por exemplo, nestes passos:

- *Eidem regioni adtributa Subura...* [Ao mesmo distrito está incorporada a Subura...] (V, 48);

- *Idem hic* Dis (= *dies*) *pater dicitur infimus...*[Ele mesmo, ou: o próprio Júpiter é denominado *Dius pater*, como deus das profundidades] (V, 66); como se observa, **idem** é um reforço do demonstrativo **hic**.

f) **Ipse**, **ipsa**, **ipsum** [o mesmo, o próprio]

Essas formas pronominais vêm sempre presas, também como um intensivo mostrativo, a uma das três pessoas gramaticais (explícitas ou

implícitas) ou a um substantivo. Para o primeiro caso, tem-se este exemplo:

- *ab eo quod **nostri**, cum maximam quadrupedem **quam ipsi** haberent uocarent bouem...*[devido a que os nossos patrícios denominavam boi o maior quadrúpede que eles mesmos (= nossos patrícios) possuíam...]
(VII, 39).

Ocorrem aí o dêitico possessivo **nostri** (= nossos antepassados), que é também anafórico, pois relaciona essa pertença à primeira e à segunda pessoa, ou seja, o autor e o leitor (eu, tu = nós), o relativo anafórico **quam**, que retoma *quadrupedem*, e o auxiliar-demonstrativo dêitico anafórico **ipsi**, que aponta para **nostri**.

Para o segundo caso, isto é, modificando um substantivo, há este exemplo:

- ***ipsum** quaerere ab eo quod* [o mesmo/próprio verbo “querer” vem de que...] (VI, 79).

4.5. OS PRONOMES POSSESSIVOS, INDEFINIDOS E RELATIVOS: DÊITICOS OU DÊITICOS ANAFÓRICOS

Além dos pronomes pessoais e demonstrativos, há outros que, segundo J. Herculano de Carvalho (Carvalho, 1974, p. 668-9) manifestam a dêixis e a anáfora.

a) possessivos: **nostra, nostri**

O pronome possessivo, por exemplo, encerra uma idéia de mostraçãõ possessiva e ao mesmo tempo anafórica. De fato, os possessivos **nostra lingua**, **nostra uerba** ou simplesmente **nostri** [nossa língua, nossas palavras, nossos patrícios], além de mostrarem a relação de posse com o objeto contextualizado (língua), apontam para o interior do texto, indicando o espaço lingüístico comum ao autor e ao leitor: **nostra lingua** (cf. subitem 4.2.6.).

b) indefinidos: **alius, quis, aliquis, quidam**

Esses pronomes indefinidos realizam apenas a dêixis. No texto varroniano eles geralmente aludem a um escritor ou autor de uma idéia (elementos contextuais), como nestes exemplos:

- *In pluribus uerbis a ante e **alii** ponunt (scaeprum), **alii** non (sceptrum)* [em muitas palavras uns põem “a” antes do “e”, outros não] (VII, 96);

- *si **quis** primigeniorum uerborum origines ostenderit...*[Se alguém mostrar as origens das palavras primitivas] (VI, 38);

- *Eundem hunc locum a pecore dictum putant **quidam*** [Alguns julgam que este mesmo lugar tomou sua denominação de gado] (V, 53);

- *ut **quidam** scribunt...*[como alguns escrevem] V, 147).

c) relativos: **qui, quae, quod**

Para I. N. Salum, os pronomes relativos (**qui, quae, quod**) são apenas dêiticos anafóricos, pois retomam um antecedente, viabilizando o fluxo do enunciado,²²⁵ como neste passo:

- *Omnis oratio cum debeat dirigi ad utilitatem, ad **quam** (utilitas) denique peruenit* [Como todo discurso deve dirigir-se para a utilidade, à qual finalmente chega...] (VIII, 26).

²²⁵ I. N. Salum (Salum, 1983, 319) mostra que Prisciano, baseado no gramático grego Apolônio Díscolo, já reconhecia que os pronomes demonstrativos eram dêiticos e que os relativos e possessivos eram anafóricos. Salum faz uma citação de Said Ali, de 1921, sobre os demonstrativos em seu valor dêitico: “...dêiticos, isto é, indicando a situação de pessoas e cousas e o momento da acção em relação à pessoa que fala. Mas o demonstrativo desempenha também outro papel na linguagem: pode referir-se às nossas próprias palavras, ao que acabamos de enunciar, como também ao que vamos ainda enunciar. Neste caso, diz-se que o demonstrativo é anafórico”. Portanto, o pronome demonstrativo, além de ser dêitico (indica no espaço as pessoas do discurso), é anafórico (faz referência ao texto e ao contexto). Salum comenta que o qualificativo “anafórico” abrange a referência retrospectiva e prospectiva e que o termo catáfora (sentido prospectivo, sugerido por K. Bühler, que o usou uma só vez) teria sido divulgado por Halliday e Hasan a partir de 1968.

Como já se verificou no capítulo VI sobre o estilo varroniano, muitas vezes o pronome relativo se prende a um antecedente eliptizado, como neste passo:

- *sunt (ii) qui scripserunt...*[há os (autores) que escreveram ...] (V, 157).

Recapitulando esse estudo sobre a dêixis e a dêixis anafórica nos pronomes, verificou-se que, além dos pronomes pessoais e demonstrativos, realizam-nas também os pronomes possessivos, indefinidos e relativos. Como manifestantes desse fenômeno lingüístico, eles dinamizam o texto, marcam os referentes textuais e contextuais e instauram a dialogicidade.

4.6. ADVÉRBIOS PRONOMINAIS (= ADVÉRBIOS)

Conforme estudado no subitem 3. g os pronomes-adverbiais (D, DA) são:

- *hic, hinc, huc, adhuc* [aqui daqui, para aqui, até aqui] (1.^a pessoa);
- *istic, istinc, istuc* [aí, daí, para aí] (2.^a pessoa);
- *illic, illinc, illuc* [lá, de lá, para lá] (3.^a pessoa).

Estes pronomes-adverbiais têm, geralmente, significação espacial, mas podem também assumir o aspecto temporal: *hic* [agora], *istic* [aí, nesse momento], *abhinc* [a partir daí, a partir desse momento].

Vinculados ao sentido dêitico liderado pelo pronome demonstrativo, isto é, à mostraçã locadora típica dos pronomes demonstrativos (*hic, iste, ille*), os advérbios pronominais ou pro-advérbios acabaram por assumir a categoria de advérbios. São os seguintes, que, relacionados com a posição das pessoas gramaticais, atuam como dêiticos ou dêiticos anafóricos:²²⁶

²²⁶ J. Collart (Collart, 1954, p. 182, n. 2), através de um fragmento conservado por Probus (G.R.F., frag. 264), deduz que Varrão tinha o conhecimento teórico desses advérbios pronominais relacionados com as pessoas gramaticais, embora não em sua plena função dêitica, como já comentado: *Varro aduerbia eius modi secundum sonorum rationem fieri demonstravit: ille —> illic illinc illuc, iste —> istic, istinc, istuc, hic —> hic, hinc, huc ...* [Varrão demonstrou que advérbios

a) **hic, hinc, huc, adhuc** [aqui, daqui, para aqui, até aqui]

De todas essas formas pró-adverbiais, a mais freqüente no *De lingua Latina*, principalmente nas fórmulas etimológicas e em função dêitica anafórica, é **hinc**. Estando numa posição intermediária, esse pronome adverbial aponta simultaneamente para a palavra ou situação antecedente, pré-existente, e para a nova palavra, a originada, conforme se observa nestes exemplos:

- *Alba Longa dicta. **Hinc** mater Romuli Rheia, ex hac Romulus, **hinc** Roma* [chamou-se Alba Longa. Daí (daqui) surgiu Réia, a mãe de Rômulo; desta, nasceu Rômulo e daí, Roma] (V, 144);

- *ut Cato catulus; **hinc** canis* [Como Cato (Catão), catulo; daí canis (cão)] (V, 99);

- *hoc a Latini filia, quae coniuncta Aeneae, Lauinia, appellatum. **Hinc** post triginta annos oppidum alterum conditur, Alba.* [Essa (cidade) recebeu o nome da filha de Latino, que era esposa de Enéias. Daí, trinta anos mais tarde, funda-se uma outra cidade, Alba] (V, 144);

- *Roma...Fortasse **hinc** illuc tulerunt et **hic** reliquerunt id nomen* [Talvez daqui (de Roma) tenham levado (os sículos) aquele nome (*lepus* = lebre) para lá (Sicília) e aqui (em Roma) o tenham deixado] (V, 101);

- ***Hinc** panarium, ubi id seruabant* [Daí, *panarium* (cesto de pão), onde o conservavam...] (V, 105);

- *Tigris qui est ut leo uarius, qui uiuus capi **adhuc** non potuit* [O tigre é um leão de variada cor que até hoje não pôde ser capturado vivo] (V, 100).

Note-se no exemplo acima a alteração do sentido do pronome adverbial **adhuc**, ou seja, de lugar para tempo: até aqui, até agora.

b) **istic, istinc, istuc** [aí, daí, para aí]

Como pronomes adverbiais essas formas não aparecem no texto varroniano.

dessa espécie se formaram, segundo a ordem natural dos sons: aquele —> ali, dali, para ali; esse —> aí, daí, para aí; este —> aqui, daqui, para aqui].

c) **illic, illinc, illuc** = lá, de lá, para lá

Vejam-se os seguintes passos em que esse advérbio pronominal manifesta a dêixis de localização:

- *Hircus, quod Sabini fircus; quod **illic** fedus, in Latio rure hedus, qui in urbe ut in multis a addito haedus* [*Hircus* (bode) corresponde ao que os sabinos chamam *fircus*; o que lá (na Sabina) dizem *fedus*, na área rural do Lácio é *haedus*, que, na cidade, como acontece com muitas palavras, acrescentando-se “a”, resulta *haedus*] (V, 97). Observe-se também que o pro-advérbio **illic** (= lá) é somente dêitico, pois aponta para um dado contextual, um lugar, a Sabina, não citado no texto;

- *Aspargi..., nisi Graecum: **illic** quoque enim dicitur ἀσπάραγος* [*Aspargos*,...a não ser que seja um vocábulo grego, pois lá se diz *asparagos* (ἀσπάραγος) (V, 104). Nessa frase, **illic** também manifesta dêixis pura, contextualizando um lugar, a Grécia, não citada;

- *Atrium appellatum, ab Atriatibus Tuscis: **illinc** enim exemplum sumptum* [O nome *atrium* deriva de *Atriates* (habitantes da Átria), de estirpe etrusca: dali foi tomado o modelo] (V, 161). O pro-advérbio **illinc**, dêitico na frase, aponta para um lugar-procedência, a Etrúria, não citada.

Finalmente, observe-se este exemplo em que ocorrem o pronome **id** e três pronomes adverbiais (**hinc, illuc e hic**) muito próximos e o funcionamento da dêixis e da dêixis anafórica. Note-se que os antecedentes são *Roma, Sicilia* = *sículos* e *lepus*, mencionados anteriormente na frase:

- *Fortasse **hinc** (deixis e anáfora) **illuc** (dêixis e anáfora) tulerunt et **hic** (dêixis e anáfora) reliquerunt **id** (anáfora) nomen* [Talvez daqui (de Roma) (os sículos) tenham levado aquele nome (*lepus*) para para lá (Sicília) e aqui (em Roma) (o) tenham deixado] (V, 101).

4.7. ADVÉRBIOS DE LUGAR: PARTICIPANTES DA DÊIXIS

Observem-se também no texto varroniano os advérbios de lugar que, em grau participativo com os pronomes, coadjuvam na articulação de referências textuais e contextuais. Os mais comuns (cf. subitem 3. h), são:

hic [aqui] (também pronome adverbial), **ibi** [aí], **ubi** [onde], **inde** [daí], **unde** [de onde], **qua** [por onde], **quo** [para onde].

Esses advérbios indicam um lugar no contexto (extraverbal), como neste exemplo:

- *quod **ibi** sit sepultus* [...porque ali estaria sepultado] (V, 43).

Não raro, porém, inserem-se numa fórmula etimológica derivativa em que operam uma referência textual (na função de dêiticos anafóricos), como neste passo:

- *pannus (πῆνος) Graecum, **ubi** e a fecit* [*pannus* (fio, bobina) é vocábulo grego, onde o “e” se tornou “a”] (V, 114) (cf. R.G. Kent, 1957, p. 111).

Por vezes, retomam uma noção desenvolvida no parágrafo anterior, como nestes passos:

- *animae et corporis discessus...**inde** omne corpus...*[a separação da alma e do corpo... daí, todo corpo...] (V, 60-61);

- *et dius et diuum, **unde** sub diuo* [daí também...*dius* (deus) e *diuum* (céu), donde a expressão *sub diuo* (a céu aberto)] (V, 66).

4.8. ADVÉRBIOS DE TEMPO: MARCADORES DA ANTERIORIDADE, SIMULTANEIDADE E POSTERIORIDADE

Além dos pronomes, advérbios pronominais e advérbios de lugar, que, pelo fenômeno da dêixis e dêixis anafórica, conectam o sujeito da enunciação aos referentes contextuais e textuais, há os advérbios de tempo que articulam presente, passado e futuro e indicam os processos de simultaneidade, anterioridade e posterioridade no plano do texto e do contexto. Os mais freqüentes, seguidos da indicação dos passos onde ocorrem no texto varroniano, são:

- presente, simultaneidade:

- *dum* [enquanto] (X, 40);

- *tum* [então, quando, naquele tempo] (V, 182, VIII, 2);

- *nunc, etiam nunc* [agora, hoje, ainda hoje] (V, 48);

- *nunc primum* [antes de mais nada] (VI, 86);
- *hactenus* [até aqui] (VI, 35);
- passado, anterioridade:
 - *tunc* [então, naquele momento] (VI, 7);
 - *ante, antea* [antes] (V, 41, 42);
 - *primum, primo, prius* [no princípio, primeiramente] (V, 36-89);
 - *olim* [antigamente, outrora] (VI, 95);
- futuro, posterioridade:
 - *tum* [então, por fim, finalmente] (VII, 5);
 - *postea* [depois, mais tarde] (V, 81-105);
 - *deinde, dein* [em seguida, a seguir] (V, 169, VII, 5);
 - *deinceps* = [em prosseguimento] (VIII, 75),
 - *secundo* [em segundo lugar] (VIII, 64);
 - *dehinc* [a partir daí, daí] (VI, 34);
 - *denique* [finalmente] (VIII, 37);
 - *postremo* [por último] (VIII, 38).

Vejam-se também algumas expressões antitéticas temporais, cujo uso indica pleno domínio do autor na articulação do tempo:

- *primum...secundo* [primeiro...depois] (VIII, 64-64);
- *primo...posteaquam* [primeiramente...a seguir] (V, 36, 108);
- *prius...tum* [no início, mais tarde] (VI, 40);
- *prius...deinde; primum...deinde* [primeiramente...depois] (V, 75);
- *nunc...tunc* [hoje, agora...antigamente] (V, 183);
- *nunc ...ante* [agora...antes] (V, 3);
- *tum...ante...etiam nunc* [então...ainda hoje] (V, 41, 182).

Eis alguns exemplos dessas antíteses temporais, em frases:

- *et multa uerba aliud **nunc** ostendunt, aliud **ante** significabant...*[e muitas palavras hoje assumem um significado; antes significavam outra coisa] (V, 3);

- *Id apparet quod ut **tum** institutum **etiam nunc** diis cum thesauris asses dant stipem dicunt* [Isto se evidencia pelo fato de que, como quando foi instituído, ainda hoje, quando entregam aos tesouros (do templo) as moedas de asse como oferendas aos deuses, chamam-nas *stips* (óbulo)] (V, 182).

Veja-se, finalmente, no passo VII, 5, a importância do uso dos advérbios de tempo na planificação do assunto programado, numa sucessão de quatro etapas: **primum** > **dein** > **tertio** > **tum**. Observe-se também a nítida presença da dêixis através do pronome demonstrativo **hic** e da insistente dêixis anafórica através do relativo **quae**, usado por três vezes sobre o antecedente *uerbis*:

- *Dicam in **hoc** libro de uerbis **quae** a poetis sunt posita, **primum**, de locis, **dein quae** in locis sunt, **tertio** de temporibus, **tum quae** cum temporibus sunt coniuncta...*[Tratarei neste livro das palavras usadas pelos poetas: primeiramente as relativas aos lugares, a seguir, as referentes ao que está nos lugares; em terceiro, as que expressam a idéia de tempo; finalmente, as associadas à idéia de tempo] (VII, 5).

4.9. TEXTO PARA ANÁLISE

Terminando essa análise do fenômeno dêitico no *De lingua Latina*, que, na verdade, teve como objetivo evidenciar a dialogicidade do texto varroniano, observe-se o seguinte passo em que o autor informa alguns dados da história e do antiquário de Roma, estabelecendo um intenso relacionamento de referências contextuais e textuais, pelo uso conjunto de pronomes e advérbios, em dois períodos relativamente breves:

***Vbi nunc** est Roma, Septimontium nominatum ab **tot** montibus **quos postea** urbs muris comprehendit; e **quis** capitolinum dictum, quod **hic**, cum fundamenta foderentur aedis Iouis caput humanum dicitur inuentum. **Hic** mons **ante** Tarpeius dictus a Virgine Vestale Tarpeia, **quae ibi** ab Sabinis necata armis et sepulta; **cuius** nominis monimentum*

*relictum quod **etiam nunc eius** rupes Tarpeium appellatur saxum.* [O lugar onde hoje está Roma denominou-se *Septimontes*, devido a tal número de montes que mais tarde a cidade abrangeu com as muralhas. Entre eles, o Capitólio assim se chama, porque se diz que aqui foi encontrada uma cabeça humana. Este monte anteriormente denominou-se *Tarpeius*, derivado de Tarpéia, uma virgem vestal que, naquele (mesmo) lugar, os sabinos mataram com (suas) armas e enterraram; conserva-se uma lembrança do nome dela, pois ainda hoje um rochedo dessa colina se denomina *Tarpeium Saxum* (Roca Tarpéia)] (V, 41).

Primeiramente, observe-se o uso próximo de pronomes, pronomes adverbiais e advérbios de lugar, operando em dêixis e em dêixis anafórica (=anáfora), além dos advérbios de tempo marcando o presente e o passado, a simultaneidade e a anterioridade em relação ao momento do enunciado. Vejam-se também, com mais detalhes, as referências contextuais (dêixis) e textuais (dêixis anafórica) estabelecidas por esses elementos do texto:

- Pronomes: *tot, quos, quis (=quibus), hic (mons), quae, cuius, eius*

São todos eles dêiticos anafóricos, pois apontam para os seguintes antecedentes:

- *montibus* <— *quos* (relativo); <— *tot* (indefinido);

- *montibus* <— (*e*) *quis* (relativo);

- *Capitolinum* <— *hic (mons)* (demonstrativo);

- *Tarpeia* <— *quae* (relativo);

- *Tarpeia* <— *cuius* (relativo);

- *Mons Tarpeius* —> *Capitolinum* <— *eius (rupes)* (pessoal=possessivo)

- Pronome adverbial: *hic*

Hic é um advérbio emancipado, mas de extração pronominal; conserva o valor anafórico, pois aponta para *Capitolinum* como antecedente:

- *Capitolinum* <— *hic*;

- Advérbios de lugar: *ubi, ibi*

Vbi tem valor catafórico,²²⁷ pois aponta para um subsequente que é *Septimontium*:

Vbi <— *Septimontium*;

Ibi tem valor anafórico, pois se reporta ao antecedente *Capitolinum*;

- *Capitolinum* <— *Ibi*

- Advérbios de tempo: *nunc-postea*; *ante-etiam nunc*

- *nunc* —> *postea* (presente —> passado)

O par (*nunc-postea*) indica uma relação contextual (real) de presente-passado e textual de simultaneidade-anterioridade (no enunciado).

- *ante* —> *etiam nunc* (passado —> presente).

Esse para (*ante-etiam nunc*) indica uma relação contextual (real) de passado-passado-presente e textual de anterioridade-simultaneidade.

É interessante observar como o dêitico anafórico **hic**, usado como proadvérbio (aqui, neste lugar) e como pronome demonstrativo (este monte), o par adverbial local **ubi-ibi** e especialmente as duas ocorrências do advérbio de tempo (**nunc, etiam nunc**) parecem sugerir o local onde o escritor se encontrava no momento do enunciado (escrito), isto é, em Roma. As duplas *hic-hic* e *nunc-nunc* (aqui e agora) parecem reforçar essa impressão do “aqui-agora” do sujeito no momento da produção do seu texto.

5. CONSCIÊNCIA DA DÊIXIS NO *DE LINGUA LATINA*: INDÍCIOS

Teria Varrão tido consciência dos “referentes” contextuais e textuais ou conhecido o fenômeno dêitico e dêitico diafórico (anafórico e catafórico) de um texto? Embora utilizando a correlação pronominal e proadvérbial, o escritor reatino parece não ter tido consciência dos efeitos

²²⁷ Na verdade, o termo comum seria “diáfora”, para significar o movimento mostrativo ascendente (anáfora) e descendente (catáfora).

desse uso — como também não a tiveram os demais escritores latinos e gregos. Seria exigir muito, sabendo-se que os estudos da linguagem na época se debatia na solução de problemas mais urgentes, como a formação do léxico, a assimilação latina de inúmeros empréstimos gregos, a ortografia, a nomenclatura gramatical etc. Por outro lado, Varrão não era um estilista. Por exemplo, no passo em que ele se refere ao fogo e à água como dois elementos cósmicos (Céu = fogo, Terra = umidade) a presidir o surgimento da vida: *...ignis et aqua. Ideo **ea** nuptiis in limine adhibetur, quod coniungitur **hic**...* [...água e fogo. Por isso, nas bodas se colocam ambos no umbral da casa, porque aqui tem lugar uma união...] (V, 61), parece que o emprego de **illic** = ali, nas bodas seria mais adequado do que de **hic**. Observe-se também este passo, já citado acima: *...quod is **huc** uenerit **ibique** sit sepultus* [porque ele chegara aí (a esse lugar = Argileto) e aí foi sepultado...] (V, 157). Note-se que, segundo o senso dêitico moderno, o correto seria usar **illuc** = para aí (indicando uma distância maior do emissor do enunciado), correspondente a **ibique**. O falante esclarecido na gramática de sua língua natural moderna (evoluída) pode mostrar melhor competência no uso da dêixis e de seu mecanismo no campo espacial e temporal (eu, este, aqui, agora/ tu, esse, aí / ele, aquele, ali, então), seja no sentido estritamente dêitico seja no sentido dêitico anafórico. Retomando, conclui-se que a relação dêitica, como fenômeno intrínseco à representação lingüística, fluía nos textos orais e escritos latinos, porém de forma espontânea, ainda não refletida. Não se vê no texto varroniano, por exemplo, o uso das formas *iste, ista, istud* como necessariamente conexas à segunda pessoa do discurso ou como alternativas a *ille, illa, illud*. Tinha-se, porém, uma idéia geral do seguinte encadeamento dêitico e dêitico-anafórico realizado pelos pronomes, pronomes adverbiais e advérbios (Salum, 1983, p. 311-41):

ego —> *hic - hinc - huc* —> *nunc*

ille —> *illic - illinc - illuc* —> *tunc*

Terminando este estudo sobre a dialogicidade no texto do *De lingua Latina*, tentou-se esclarecer que ela consiste na movimentação do autor e emissor do grande enunciado (a obra) em dois sentidos: para os referentes contextuais (extraverbais) e para os referentes textuais (verbais). Infere-se,

então, que essa dialogicidade é um dos interessantes produtos do fenômeno da dêixis, palavra que significa mostraçãõ daquilo que está de fora do enunciado, isto é, no contexto (extraverbal). Por outro lado, denominou-se a mostraçãõ para dentro do texto (textual) de dêixis anafórica (que vez ou outra pode ser catafórica, quando aponta para um dado futuro no rumo que o texto irá tomar). Porém, ao estudar a dêixis, viu-se que era imprescindível examinar todos os pronomes, os pronomes adverbiais e até certos advérbios, porque a dêixis — na sua função mostrativa (e não denominativa) — se prende a eles, manifesta-se neles, em graus diferentes. Analisou-se também o advérbio de tempo como instrumento que permite ao escritor manipular esses referentes no tempo e no espaço. Entretanto, não se pode perder de vista a ordem dos objetivos. A análise dessas três categorias ocuparam longo espaço neste estudo apenas porque elas constituem o suporte lingüístico concreto da dêixis e da dêixis anafórica, que, por sua vez, geram a dialogicidade textual.

6. REFERENTES CONTEXTUAIS E TEXTUAIS: ACTANTES DA CULTURA E DA LÍNGUA

Situando a questão num nível histórico-literário, quais teriam sido esses referentes contextuais e pragmáticos, ou quais os actantes do mundo real-possível com quem o autor interage,²²⁸ para manter o tom dialógico do *De lingua Latina*? E no nível textual da obra, qual teria sido o referente textual primordial? As respostas para essas perguntas se encaminham naturalmente para dois itens com seus desdobramentos.

a) Os grandes referentes contextuais do *De lingua Latina* aos quais Varrão se reporta genérica e constantemente, como a uma semântica de fundo, seriam o universo extralingüístico global, pertencente ao nível pragmático. Partindo de um plano remoto ao mais recente, esse universo é

²²⁸ Segundo T. A. van Dijk (Dijk, 1983, p. 81), a pragmática, em lingüística de texto, focaliza as relações entre texto e contexto bem como a idoneidade dos enunciados (atos de fala aceitáveis, apropriados e oportunos) dirigidos a um contexto determinado.

constituído pelos seguintes componentes, na seguinte ordem de participação:

a 1) o mundo grego e todo o seu patrimônio social, político e cultural em processo de absorção e transferência para uma nova ordem política ditada pelo império romano;

a 2) o mundo cultural romano global, como novo centro de poder político e militar, constituído pelos seguintes actantes:

- os *maiores (nostri, antiqui, ueteres)*, forjadores da pátria, espelhos da moralidade, bons usuários da língua, dignos de apreço e imitação, etc. — lugar mais ou menos comum nos escritores latinos;
- o povo em geral (romano-itálico), como usuário espontâneo e senhor da língua (IX, 6);
- os participantes diretos da contenda anomalia-analogia, em função da qual se concentram os representantes das escolas filológico-filosóficas e suas contribuições para o desenvolvimento da gramática: pitagóricos, platônicos, peripatéticos, estóicos e alexandrinos;
- os mandatários e formadores de opinião: reis, pontífices, sacerdotes, líderes político-militares, filósofos, poetas, todos tidos, nessa escala descendente, como impositores de nomes (ὀνοματοθέται);
- o antiquário romano, compreendendo todos os valores culturais: lendas, mitos, deuses, festas, patrimônio físico, etc., como visto no capítulo II.
- os historiadores, oradores, filólogos e gramáticos, considerados guardiães da língua.

Em suma, todos esses elementos e actantes do contexto extralingüístico são vozes trazidas para dentro do texto, participando da conversação com o autor. São eles, no conjunto, os verdadeiros construtores da *latinitas*, com os quais o autor dialoga interiormente, atribuindo-lhes as mais variadas ações de fazer, pensar e dizer, no passado e no presente. Eis alguns verbos, tomados aleatoriamente, que expressam essa dialogicidade: *usi sunt, faciebant, legebant, ponebant, coquebant, inuoluebant, putabant, dicebant, appellabant, appellarunt, nominarunt, declinarunt, aiunt, dicunt, loquuntur*, etc.

b) Já o grande referente textual do *De lingua Latina* é o universo lingüístico que, adstrito ao nível do texto, se apresenta em dois planos: em primeiro plano, é a própria língua latina, enquanto produto cultural de uso espontâneo e instrumento de comunicação (língua natural); em segundo plano, é a língua latina enquanto código, objeto de reflexão e metalinguagem (língua-objeto). Nesse segundo plano, da metalinguagem, situam-se as línguas estrangeiras e principalmente a língua grega, enquanto provedora de um respeitável estoque de empréstimos lexicais e estruturais à língua latina.

Concluindo, verifica-se que, graças ao fenômeno da dêixis, que permite a articulação entre os referentes contextuais e textuais, o *De lingua Latina* constitui um texto dialógico. Apesar de ser este preponderantemente técnico e árido, por ser uma árdua metalinguagem, e assim sendo, ter como meta prioritária a exposição da gramática da língua latina, apresenta o texto varroniano fortes traços de interação entre o autor e o leitor, o que torna a obra atraente e acessível à leitura — mais do que se poderia presumir.

CAPÍTULO VII

CONECTIVIDADE NO *DE LINGUA LATINA*: COESÃO E COERÊNCIA

Neste capítulo cumpre examinar um requisito fundamental pertinente à superestrutura da uma obra: sua conectividade, que se traduz em coesão e coerência.

Segundo Maria Helena Mateus (Mateus, 1983, p. 188), a textualidade — qualidade que define se um ato verbal oral ou escrito é, afinal, “texto” — se configura por vários requisitos, dos quais os dois primeiros, segundo a autora, são a conectividade e a intencionalidade — sendo esta última a propriedade relativa à atitude com que um locutor se dirige a um alócutário. Na verdade, parece ser a intencionalidade, elemento muito subjetivo e inacessível à análise lingüística, que impõe a forma de expressão de um pensamento, dando consistência ao seu produto final que é o texto. O que ocorre na fraseologia mais trivial acontece também na grande obra. Assim, parece que a intencionalidade é que determina uma das características mais cobiçadas em qualquer texto ou obra: a conectividade, esta sim, analisável textualmente, pelos conhecidos mecanismos de coesão e coerência. Eis, portanto, os temas a examinar neste capítulo com referência à textualidade do *De lingua Latina*: a intencionalidade da obra, que gera a conectividade, que, por sua vez, se garante e se mostra pelos processos de coesão e coerência.

1. INTENCIONALIDADE: O PROJETO DE UMA VASTA OBRA GRAMATICAL

O de *De lingua Latina* perdeu-se em seus substanciais três quartos, já que dos vinte e cinco livros elaborados por Varrão restaram apenas seis. No entanto, por esses, é possível fazer uma reconstituição da estrutura global da obra. Parte dessa reconstituição é certa ou provável e grande parte é puramente conjectural, como se tentou mostrar no capítulo III. Entretanto, por ela se pode verificar que o autor tinha o ambicioso plano de realizar

uma vasta obra de gramática da língua latina e que o primeiro passo para executá-lo foi elaborar um projeto, dividindo o conteúdo em três partes: a etimologia, a morfologia e a sintaxe.

Já na abertura do livro V, pertencente aos seis livros de etimologia, Varrão expressa vigorosamente sua intenção: *Quemadmodum uocabula essent imposita rebus in lingua Latina, sex libris exponere institui* [De que maneira os nomes foram dados às coisas na língua latina, resolvi expor em seis livros]. Essa locução “*exponere institui*” foi uma declaração de intenção, um passo decisivo, porém certamente resultante de um longo período de graves meditações, lucubrações noturnas, leituras, conversas com amigos, planejamento e esboços, antes de iniciar a redação. Se ele assim procedeu com a primeira hécada, certamente deverá ter sido ainda mais explícito na introdução geral da obra, no livro I.

2. CONECTIVIDADE DO TEXTO DO *DE LINGUA LATINA*

Maria Helena Mateus na citada obra (Mateus, 1983, p. 88 *et seqs.*) chama de textualidade o conjunto de propriedades que a linguagem humana deve apresentar para se configurar como texto, enunciado ou discurso. Dentre essas propriedades, que, segundo a autora, são seis — a conectividade, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a intertextualidade, a informatividade e a conectividade —, destaca-se a conectividade, como já comentado no item anterior. Porém, na ordem lógica, conforme exposto, a intencionalidade precede a conectividade, permite que ela se evidencie; pois a intencionalidade, como manifestação da vontade do locutor ou do escritor, é que o impulsiona a produzir um texto precisamente conexo, isto é, coeso e coerente. Ora, tal propósito, como uma chamada de atenção constante sobre a atividade do intelecto, é marca fundamental da presencialidade que o autor exerce sobre sua obra e que no texto do *De lingua Latina* se manifesta em diversos momentos: nas aberturas dos livros, nos epílogos, no anúncio da temática do livro seguinte, na recapitulação de conteúdos. Cumpre, pois, aprofundar o estudo da conectividade no *De lingua Latina*, a qual se manifesta principalmente pelos mecanismos de coesão e coerência.

Como no exemplo mencionado acima, no início do livro V, Varrão apresentara, juntamente com a dedicatória a Cícero, sua intenção de trabalhar a etimologia em seis livros: *sex libris exponere institui* [...resolvi expor em seis livros] (V, I), como acima comentado. No final desse livro V, faz o fechamento do assunto nele estudado: *...Ad uocabula quae pertinere sumus rati ea quae loca et ea quae in locis sunt satis ut arbitror dicta* [Os vocábulos que consideramos relativos a nomes de lugares bem como aqueles que expressam coisas nos lugares foram, julgo eu, suficientemente expostos] (V, 184). Ainda no final desse livro, o autor recapitula e projeta o assunto do livro seguinte: *Quare in proximo, ut in primo dixi, ...dicam* [Por isso, no livro seguinte, como anunciei no começo deste, exporei...] (V, 184). No final do livro VII, que é o último dessa primeira hékada, diz que precisa dar um ponto final a essa primeira parte, para iniciar a segunda hékada, sobre a morfologia. Ora, anunciar um tema, concluir, recapitular, projetar novo tema, não são apenas índices de conectividade mas também operações expressas de atenção sobre o texto com intuito de criar conectividade.

3. CONECTIVIDADE SEQÜENCIAL E CONCEITUAL: COESÃO E COERÊNCIA

Segundo a citada autora, a conectividade de um texto se manifesta de forma seqüencial e conceitual. A primeira seria o que se chama coesão e a segunda, coerência. A coesão é a própria seqüencialização e nexos sintático que se manifesta na superfície textual, ao passo que a coerência resulta da interação entre os elementos cognitivos textuais e o conhecimento do mundo.

4. CONECTIVIDADE SEQÜENCIAL: COESÃO TEXTUAL

Por questão expositiva, vejam-se primeiramente os elementos que denotam coesão no texto do *De lingua Latina*. Adentrando nos mecanismos de coesão textual, a citada autora divide-a em gramatical e lexical.

4.1. COESÃO GRAMATICAL: FRÁSICA, INTERFRÁSICA, TEMPORAL E REFERENCIAL

A coesão gramatical, por sua vez, ela a divide em quatro tipos: frásica, interfrásica, temporal e referencial. Cabe tratar sucintamente de cada tipo.

4.1.1. COESÃO GRAMATICAL FRÁSICA

Quanto a esse primeiro tipo de coesão, cumpre recordar que a frase varroniana já foi estudada anteriormente, no capítulo V, relativo ao estilo. Viram-se então as severas críticas sobre a mesma, por ser entrecortada, telégrafica, elíptica, abrupta, aparentemente descuidada, enfim, de leitura difícil, principalmente por causa dos elementos elípticos e das anáforas, isto é, do deslocamento de termos sintáticos da sua posição que seria a esperada. Todavia, na ocasião, ponderou-se que o escritor reatino também apresenta virtuosidades em sua fraseologia, consideradas as características técnico-didáticas da obra, como, por exemplo, a brevidade e a concisão tão necessárias num glossário — que é a forma dos livros de etimologia prática (livros V, VI e VII). Mas além dessas qualidades, Varrão provou que era capaz de produzir períodos balanceados, criar figuras de pensamento e construção, já apreciadas na época, tais como a antítese, o paralelismo, o quiasmo, que são também fatores de coesão.

4.1.2. COESÃO GRAMATICAL INTERFRÁSICA: SEQÜENCIAÇÃO OU CONCATENAÇÃO

A seqüenciação, isto é, a concatenação entre frases e períodos é um dos fatores que mais denotam a coesão gramatical de um texto.

A relação interfrásica no texto do *De lingua Latina* foi, em parte, examinada no capítulo V do ponto de vista estilístico, quando se explanaram os esquemas etimológico-derivativos e os operadores argumentativos. Como exemplo, estudou-se uma longa frase labiríntica varroniana, que pode ser censurada na sua estética, devido à densa interferência de elementos sintáticos, mas cuja concatenação interna e lógica estrutural não pode ser negada. Por isso, reexaminando o assunto

sob esse ângulo da seqüenciação, pode-se concluir que, devido ao uso próximo e intensivo de elementos conectores, a relação interfrástica varroniana, ao contrário de sintaticamente frouxa e rala, se apresentava compacta e densa, e se não digna de imitação, pelo menos de reflexão, dada sua aproximação com o estilo asianista. Verificou-se que o autor exhibe plena competência no uso dos diversos tipos de conectores: juntivos, disjuntivos, contrajuntivos e subordinativos, os quais, segundo Maria Helena Mateus, denotam, de forma imediata, a seqüenciação de um texto. Cabe examiná-los.

4.1.2.1. JUNÇÃO

Os conectores juntivos ou aditivos são abundantes, como nestes exemplos, intencionalmente sindéticos:

- *quod **et** in medicina **et** in musica **et** in aliis multis discrepant scriptores* [porque tanto na medicina como na música e em muitas outras disciplinas os escritores divergem...] (IX, 111);

- *sic Perpenna **et** Caecina **et** Spurina* (X, 27).

4.1.2.2. DISJUNÇÃO

Os disjuntivos ou alternativos também são freqüentes, quer com sentido inclusivo, quer exclusivo:

- *Sol **uel** quod ita Sabini, **uel** quod solus lucet* [O sol assim se chama ou porque os sabinos lhe dão tal nome ou porque é o único que resplandece...] (V, 67) (sentido inclusivo);

- *Inde omne corpus...**aut** interit **aut**, si manet, sterile* [Por isso todo corpo...ou morre, ou, se sobrevive, fica estéril] (V, 61) (sentido exclusivo).

4.1.2.3. JUNÇÃO E DISJUNÇÃO

Combinando três grupos integrados por disjunção e junção, tem-se este interessante complexo sintático:

- *Ea fere nominata **aut** translaticio nomine ab hominibus ut Sabini **et** Lucani, **aut** declinato ab hominibus ut Apulia **et** Latium, **aut** utrumque, ut Etruria **et** Tusci* [A maioria delas (regiões) são denominadas ora por transferência do nome de seus habitantes, como *Sabini* e *Lucani*, ora derivando deles, como *Apulia* e *Latium*, ora de ambos os modos, como *Etruria* e *Tusci* (etruscos)] (V, 31). Esse enunciado exhibe uma forte coesão, apoiada nesses elementos disjuntivos e juntivos. Eis seu esquema:

1. —> *aut* B —> *ut* a *et* b

2. —> *aut* C —> *ut* c *et* d

3. —> *aut* D —> *ut* e *et* f.

4.1.2.4. CONTRAJUNÇÃO

A conexão contrajuntiva é também freqüente, iniciando um período em contraponto ao anterior, ou no interior do período, como nestes passos, respectivamente:

- ***Sed*** *de Tiberis nomine anceps historia* [Entretanto, sobre o nome do Tibre há uma dupla tradição] (V, 30);

- *et **cum** eadem ratio quae est in amor et amoris, sit in amores et amorum, **tamen** ea...per se solum efficere non potest analogias* [e embora seja a mesma a relação entre *amor-amoris* e *amores-amorum*, contudo essa identidade...por si só não pode constituir analogias...] (X, 36).

4.1.2.5. SUBORDINAÇÃO

Quanto aos conectores subordinativos, ocorrem principalmente os concessivos (*cum* iniciando a subordinada), os conformativos, os comparativos, os causais e os condicionais. Veja-se este período elaborado à base de uma subordinação condicional irreal ou contrafactual, segundo

M. H. Mateus;²²⁹ observe-se também a presença de componentes juntivo (*et*) e contrajuntivo (*sed*):

- *Si ab Lybia dictae essent Lucae, fortasse an pantherae quoque et leones non Africae bestiae dicerentur, sed Lucae* [Se a denominação de bois lucanos (*dictae Lucae boues*= elefantes)²³⁰ procedesse da Líbia, talvez as panteras e os leões se qualificassem de feras não africanas mas lucanas] (VII, 40).

É também freqüente no texto varroniano o uso de uma subordinada conformativa, combinada de forma simples com uma principal, como neste exemplo:

- *Terra enim et Caelum, ut Samothracum initia docent, sunt dei magni...*[Terra, pois, e Céu, como ensinam os mistérios dos Samotrácios, são os grandes deuses...] (V, 58).

Observe-se também esta hipotaxe, marcada pelo encadeamento de uma condicional factual (segundo a realidade dos cálculos estatístico-lingüísticos do autor), uma conformativa e uma causal:

- *...horum uerborum, si primigenia sunt ad millia, ut Cosconius scribit, ex eorum declinationibus uerborum discrimina quingenta millia esse possunt ideo, quod a singulis uerbis primigeniis circiter quingentae species declinationibus fiunt* [...se, como escreve Coscônio, os termos originários dessas palavras chegam a um milhar, os termos diferentes resultantes de sua derivação podem montar a quinhentos mil, porque de

²²⁹ Segundo M. H. Mateus (Mateus, 1983, p. 197), uma subordinação condicional fica comprometida quando um antecedente é irreal, isto é, quando ele nega o mundo real. No passo varroniano, o boi lucano, como também o nome *bos Luca*, não vem da Líbia e sim, como o autor explica no parágrafo seguinte, de *lux*, isto é, do brilho que vinha de longe, dos escudos régios dourados dos lucanos; em decorrência, o conseqüente (panteras e leões lucanos) tem validade somente nesse mundo hipotético e selecionado pelo antecedente.

²³⁰ Segundo R. G. Kent (Kent, 1977, p. 307), *dictae* insere-se em *boues dictae Lucae*; *bos* é tanto masculino como feminino; *Luca bos* era o elefante, impropriamente chamado “boi da Lucânia” pelos romanos. *Lucanus* era em osco *Lucans*, pronunciado *Lucas* pelos romanos, donde a forma feminina *luca*.

cada palavra originária (*primigenia*) se produzem, por meio da derivação, cerca de quinhentos termos] (VI, 36).

Veja-se, finalmente, o jogo de conectores aditivo (*praeter*), contrajuntivo assindético (eliptizado: ‘*sed*’ *quae*), comparativo (*ut*, *ut*) e disjuntivo (*aut*) neste passo:

- *Sunt praeterea feriae conceptivae quae non sunt annales, ut hae “sed” quae dicuntur sine proprio vocabulo aut cum perspicuo, ut Nouendiales sunt* [Além dessas, há outras festas móveis que não são anuais como estas mencionadas, ‘mas’ que são conhecidas ou por uma designação não específica ou por um nome bastante expressivo, como *Nouendiales* (festas dos nove dias)] (VI, 26).

4.1.3. COESÃO GRAMATICAL TEMPORAL

Quanto à coesão gramatical temporal, é ela bastante evidente no texto do *De lingua Latina*. Deve-se, em boa parte, ao mecanismo da dêixis e da anáfora. Conforme já visto, o fluxo temporal, tanto no texto como no contexto, se expressa principalmente pelos advérbios pronominais, advérbios de tempo e pela própria correlação dos tempos verbais.

A coesão temporal em Varrão se articula diretamente com as realidades do contexto como no exemplo abaixo, em que ele desenvolve a etimologia de uma família de palavras, a *cognatio uerborum*: *cultus*, *incultus*, *capere*, *campus*, *collis*, *colere*. Para isso, usa advérbios, tempos e aspectos verbais adequados, ou seja, a forma do pretérito imperfeito *capiebant* — com seu aspecto durativo (*infectum*); o pretérito perfeito *colere coeperunt* — marcando o início de um processo incoativo no passado; e o pretérito perfeito *appellarunt* — com seu aspecto terminativo (*fectum*). Examine-se a seqüenciação temporal neste exemplo:

- *Quod primum ex agro plano fructus capiebant, campus dictus; posteaquam proxima superiora loca colere coeperunt, a colendo colles appellarunt* [devido a que no princípio recolham (*capiebant*) os produtos de uma área plana, chamou-se esta *campus*; mais tarde, ao

começar a cultivar os lugares próximos mais elevados, a estes denominaram *colles* (colinas), nome derivado de *colere* (cultivar)] (V, 36).

No exemplo acima subjaz o seguinte esquema do fluxo temporal e dos aspectos:

- *infectum* —> *capiebant* [colhiam = ação em duração indefinida];
- *inchoatum* —> *colere coeperunt* [começaram a colher = início da ação];
- *fectum* —> *appellarunt* [denominaram = ação terminada].

Essa coesão gramatical temporal realiza-se também de forma assindética, ou seja, por uma simples correlação de tempos verbais, por exemplo, entre o pretérito perfeito e o futuro, sem o recurso a advérbio, no exemplo “a”; ou marca o tempo presente por um advérbio (*nunc*), como ocorre no exemplo “b”, a seguir:

a) *De statutis diebus dixi; de annalibus nec d<i> e statutis dicam*: [Falei sobre os dias de festas fixas; vou referir-me às festas anuais não estabelecidas em um determinado dia] (VI, 25).

- *De his diebus **nunc** iam, qui...uideamus* [Examinemos agora aqueles dias que...] (VI, 27).

4.1.4. COESÃO GRAMATICAL REFERENCIAL

Finalmente, tem-se a coesão referencial. Ela toma corpo principalmente nos processos encadeados pela anáfora, catáfora e elipse. As duas primeiras foram estudadas junto com a dêixis, no capítulo VI; quanto à elipse, verificou-se que ela integra de forma essencial o estilo da frase varroniana, conforme exposto no capítulo V.

4.2. COESÃO LEXICAL: REITERAÇÃO E SUBSTITUIÇÃO

A coesão lexical se faz pelos processos de reiteração e substituição. Embora Varrão tenha proposto no passo V, 1 trabalhar menos os aspectos semânticos das palavras, pois sua pesquisa era essencialmente etimológica, contudo está ele atento aos traços semânticos, ou seja, à identidade ou aproximação de sentidos das palavras, pois que também eles atuam na

formação de famílias de palavras, a *societas ou cognatio uerborum*. Muitas das etimologias varronianas são, portanto, realizadas a partir das aproximações semânticas, além das fonéticas e morfológicas.

4.2.1. A REITERAÇÃO

A reiteração — a repetição de um termo — que é um processo homonímico e que acontece também por atuação de um pronome dêitico anafórico, garante a identidade semântica, como no exemplo que segue:

- ***Terra Ops***, quod ***hic*** omne ***opus*** et ***hac opus*** ad uiuendum, et ideo dicitur ***Ops mater***, quod ***terra mater*** [A Terra é *Ops* (abundância), porque nela se realiza todo o trabalho (*opus*) e dela se precisa (*opus est*) para sobreviver. Por isso se diz que *Ops* é Mãe, porque a terra é mãe] (V, 64). Eis os traços semânticos reiterados de forma homonímica, com a associação do conceito inicial de terra a outros, ou seja: Terra é abundância, produção, precisão, maternidade; a repetição e as aproximações de sentido levam a esta conclusão: *Terra = mater*, a terra é mãe. Examine-se o esquema:

—> *Terra* —> *hic* (aqui = nela) —> *hac* (dela)

—> *Ops* (abundância) —> *opus* (produção) —> *opus esse* (precisão)

—> *Terra Ops* —> *ops mater*; conclusão —> = *Terra mater*.

4.2.2. A SUBSTITUIÇÃO POR SINONÍMIA, PARONÍMIA, ANTONÍMIA, HIPERONÍMIA E HIPONÍMIA

Já a coesão lexical por substituição pode efetuar-se pelos processos de sinonímia, paronímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia.

4.2.2.1. SINONÍMIA

A sinonímia caracteriza-se pela manutenção de uma grande parte dos traços semânticos, como ocorre, por exemplo, neste passo em que Varrão estabelece uma forte identidade entre *uia*, *iter* e *ambitus* bem como entre

ambitus e *circuitus*. Ele explica as nuances: **iter** é um caminho pisado pelo gado (*teritur*), enquanto **ambitus** e **circuitus** indicam contorno.

- *Via quidem iter quod ea uehendo teritur; iter item actus, quod agendo teritur; etiam **ambitus iter**, quod circumeundo teritur: .nam **ambitus circuitus*** [Uma estrada é um caminho (*iter*), porque é pisada (*teritur*) ao ser transitada; também o movimento de ir (*actus*) é caminho (*iter*), porque com o passar do gado (*agendo*) é pisado; também o *ambitus* (circuito, contorno) é caminho (*iter*), porque no contornar (*circumeundo*), pisa-se nele, já que âmbito é o mesmo que circuito (*circuitus*)] (V, 22).

Como se observa, Varrão aproxima, num campo semântico, **iter**, **teritur**, **actus**, **ambitus**, **circuitus** e procura dar uma explicação para reunir essas palavras numa família. Esse foi um risco que a etimologia clássica já vinha correndo. A base mórfica de **iter**, **ambitus** e **circuitus** é compreensível, as demais não. De qualquer forma, o que é interessante notar são as razões ou as áreas semânticas associadas por ele para tornar aceitável a explicação etimológica.

Há também sinonímia nas aproximações entre **humor**, **udor** e **sudor** (humor, umidade, suor), entre **humectus**, **udus** e **uuidus** (úmido, empapado, molhado) (V, 24).

Já neste outro exemplo, Varrão parece insistir mais na diferença do que na semelhança entre os seguintes três *uerba faciendi*: *ago*, *facio*, *gero*:

- *in eo propter similitudinem **agendi** et **faciendi** et **gerendi** quidam error his qui putant esse unum* [nele, pela semelhança entre *agere*, *facere* e *gerere*, algum erro se atribui àqueles que consideram serem uma coisa só], pois,...**poeta facit fabulam**,...**actor agit**,... **imperator res gerit** [um poeta compõe uma narrativa,...um ator representa...um general realiza operações...] (VI, 77).

Em V, 2 o autor estabelece uma diferença entre **pertinacia** (pertinácia, palavra de sentido negativo) e **perseuerantia** (perseverança, palavra de significação positiva).

Nos livros etimológicos e morfológicos Varrão usa sinonimicamente vocábulos como:

- <i>consuetudo, usus</i>	- <i>uetustas, senecta</i>
- <i>etimologia e origo</i>	- <i>uerbum, nomen, uocabulum</i>
- <i>anomalía, dissimilitudo</i>	- <i>analogia, similitudo, proportio</i>
- <i>ratio, λόγος</i>	- <i>uernacula, nostra uerba</i>
- <i>mas e uirilis</i>	- <i>femina, muliebris</i>
- <i>uox e uerbum</i>	- <i>translatum, translaticium</i>
- <i>pars, diuisio</i>	- <i>propago, declinatus</i> [derivação]
- <i>forma, figura</i>	- <i>initia, principia</i>
- <i>propositio, ἀξίωμα</i>	- <i>proloquium, profata</i> (= <i>propositio</i>)
- <i>populus, uo[u]lgus</i>	- <i>participia, participalia</i>
- <i>ἔτυμα, origines</i>	- <i>patricus casus, patrius casus</i> [genitivo]
- <i>impositicius casus, nominandi casus, nominatiuus.</i>	

No livro VI, o autor desenvolve etimologias (às vezes fantasiosas) de diversos *uerba dicendi* e suas áreas nominais:

- *dicere*:

- > *dictiosus* [xistoso] —> *dictator* [ditador];
- > *dicare* [dedicar] —> *iudicare* [julgar];
- > *iudex* [juiz];
- > *dedicare* [declarar];
- > *indicere* [declarar] —> *indicium* [indício];
- > *addicere* [confirmar] —> *addictus* [endividado];
- > *docere* [ensinar] —> *doctor* [mestre];
- > *documenta* [testemunhos];
- > *dux / ductor* [guia];
- > *discere* [aprender] —> *disciplina* [disciplina];
- > *inducere* [introduzir] (VI, 61, 62);

- *fari*

—> *infans* [que não fala] —> *fatum* [fado];
 —> *facundi* [loquazes];
 —> *fatidici* [adivinhos];
 —> *res fatales* [fatalidades];
 —> *fasti dies* [dias fastos] —> *nefasti dies* [dias nefastos];
 —> *effata* [declarados] (VI, 52, 53, 54 e 55);

- *narrare*

—> *narus* [informado];
 —> *narratio* [relato, informação] (VI, 51);

- *loqui*

—> *eloqui* —> *reloqui* [responder];
 —> *locus* [colocar a fala];
 —> *prolocutus* [que acabou de falar];
 —> *loquax* [loquaz] —> *loquela* [fala] —> *colloquium* (VI, 56 e 57);

- *nuntiare*

—> *pronuntiare* [anunciar] —> *nuntius* [mensageiro] (VI, 58 e 59);

- *nominare* [denominar] —> *nomen*;

- *nuncupare* [citar, declarar] (VI, 60).

4.2.2.2. PARONÍMIA

Na tentativa de apresentar etimologias convincentes, Varrão incide no jogo fantasioso dos sons das palavras, aproximando parônimas (palavras com grafia e pronúncia assemelhadas), como nos exemplos abaixo:

- *Similiter ab omine **pilum**, qui host<is>em **periret**, ut **perilum*** [De modo semelhante, por seu presságio, *pilum* (dardo) é arma que faz perecer o inimigo, como se se dissesse *perilum* (perigo)] (V, 116).

Seria um processo derivativo de uma palavra (*perilum*) por redução, mediante uma aproximação fonética e semântica. Veja-se o esquema:

perire —> “*perilum*” —> *pilum* (dardo) —> arma que faz perecer.

- ***Panis*** *quod primo figura faciebant, ut mulieres in lanificio, pannus* [*Panis* (pão) tem este nome pelo formato que lhe davam primitivamente, como fazem as mulheres no lanifício: o de um pano (*pannus*] (V, 105).

4.2.2.3. ANTONÍMIA

Veja-se também a coesão que se obtém pelo uso das palavras antônimas. Varrão faz o jogo freqüente de pares de significação oposta:

- <i>puer - senex</i>	- <i>immortalia - mortalia</i>
- <i>finitum - infinitum</i>	- <i>Europa - Asia</i>
- <i>bonum - malum</i>	- <i>corpus - anima</i>
- <i>uita - mors</i>	- <i>analogia - anomalia</i>
- <i>dies - nox</i>	- <i>consuetudo - ratio</i>
- <i>Caelum - Terra, ignis - aqua</i>	- <i>similitudo - dissimilitudo</i> .

4.2.2.4. HIPERONÍMIA E HIPONÍMIA

As relações de hiperonímia e hiponímia ocorrem principalmente nas etimologias; eis um exemplo, primeiramente, de hiperonímia em que se diz o todo (classe) e depois a parte (o indivíduo):

- *Primum nomina omnium: alites ab alis, uolucres a uolatu...ut haec: upupa, cuculus, coruus, irundo, ulula, bubo; item haec: pauo, anser, gallina, columba* [primeiramente os nomes em geral: *alites* (aves) deriva de *aleae* (asas), *uolucres* (pássaros) de *uolatus* (vôo)...como estes: poupa, cuco, corvo, andorinha, coruja, mocho; igualmente estas: pavão, ganso, galinha, pomba] (V, 75). Eis o esquema:

gênero: —> espécies:

aleae > *alites* > —> *upupa, cuculus, coruus, irundo, ulula, etc.*

O inverso, ou seja, a relação hiponímica, embora rara, também ocorre no texto varroniano, como neste exemplo:

...ut polypus, hipos potamios, crocodilus, ...rana anas, mergus; a quo Graeci ea quae in aqua et terra possunt uiuere uocant ἀμφίβια [como o pólipo, o hipopótamo, o crocodilo,...a rã, o pato, o mergulhão; daí que, a estes animais, que podem viver na água e na terra, os gregos denominavam ἀμφίβια (anfíbios) (V, 78). Eis o esquema, agora inverso:

espécies:

—> gênero:

|

|

polypus, hipos potamios, crocodilus, rana, anas, —> ἀμφίβια.

5. CONECTIVIDADE CONCEITUAL: A COERÊNCIA NO MÉTODO E NA DOUTRINA

Quanto à conectividade conceitual da obra varroniana, que segundo Maria Helena Mateus, é a própria coerência, cumpre observar os dois itens mais importantes pelos quais essa se evidencia: a metodologia e a doutrina. Varrão segue uma metodologia pela qual impõe unidade à sua obra e em função de uma doutrina que se revela sólida ao longo do texto. Veja-se por partes.

5.1. COERÊNCIA NA METODOLOGIA: PESQUISA, REFLEXÃO E EXPOSIÇÃO

Primeiramente, quanto à metodologia, verifica-se que a abordagem varroniana sobre a língua latina resulta de três momentos lógicos e evolutivos: a pesquisa, a reflexão e a exposição. A primeira acontece quase imperceptivelmente.

5.1.1. PESQUISA

Varrão faz a pesquisa, observa os fatos lingüísticos, coleta dados ou já os possui acumulados na memória ou registrados em outras obras (seu interesse lingüístico parece difundir-se por toda sua obra), embora diga poucas vezes que realiza esses procedimentos prévios e indispensáveis ao

trabalho científico. Quando, por exemplo, ele estabelece esta etimologia: *Tribuni militum, quod terni tribus tribubus Ramnium, Lucerum, Titium, olim ad exercitum mittebantur* [Tribuni militum (os tribunos militares) assim se chamam porque antigamente eram enviados ao exército três deles, um para cada uma das tribos: Ramnes, Lúceres e Títios] (V, 81), certamente, antes, dispendera esforço em buscar essa informação ou na tradição verbal: *antiqui dicebant* [os antigos diziam] (V, 79), ou nos anais: *inueni scriptum* [encontrei registrado] (VII, 39), *ut annales ueteres nostri dicunt* [como registram nossos velhos anais] (V, 101) ou nos glossários já existentes: *qui glossas/glossemata scripserunt* [os que escreveram os glossários] (VII, 10, 34, 107).

5.1.2. REFLEXÃO E LEITURA

O segundo passo é a reflexão e leitura que Varrão diz fazer nas noites à luz de lamparina, momento em que, provavelmente, projetava seus esquemas, sumários e divisões (*partes*), para tornar viável a explanação de um assunto tão complexo como a linguagem — comparada por ele com uma selva escura (*tenebrae in silua* — V, 5). É possível que a metáfora da lamparina examinada no capítulo V seja apenas uma imagem convencional utilizada por Varrão para valorizar seu trabalho. Mas é certo que, sem que ele se tenha dedicado a uma intensa atividade intelectual em torno de leituras, reflexões, projetos e redação, não teria construído sua erudição. E Agostinho, conforme observado no capítulo I, pasmo diante da vasta obra varroniana, admirava nele primeiramente a enorme capacidade de leitura e, em decorrência, a vasta produção escrita.

5.1.3. EXPOSIÇÃO

O terceiro momento é a exposição, ou seja, a resolução de fazer a comunicação escrita da pesquisa e da reflexão, à qual ele alude no começo do livro V: *exponere institui* [resolvi expor] (V, 1). No final desse livro, ele arremata: *...sunt satis...dicta...neque, si amplius uelimus, uolumen patietur* [foram suficientemente...expostas;...nem, se quisesse me estender mais, os limites do volume permitiriam] (V, 184). Com esses três procedimentos

básicos em mente e seguindo o mesmo espírito metodológico, Varrão declara, logo no começo do livro V, que sua pesquisa tem seus graus de dificuldades de explicação da origem das palavras: o do homem comum, capaz de um raciocínio atimológico elementar (*argentifodinae* = *minas de prata*), ou seja, do povo), o dos gramáticos antigos que faziam a exegese dos poetas, principalmente de Homero, o dos filósofos estóicos que interpretavam os termos correntes da prosa popular e o do rei com seu *staff* (*rex sacrorum*), funções, espaço sagrado (*adytum*) e seus mistérios iniciáticos (*initia regis*), cuja compreensão o próprio autor diz pretender atingir (V, 8).

Há a considerar nessa metodologia os níveis diferentes no conhecimento da gramática. Logo após, Varrão divide o campo da pesquisa (V, 10): a linguagem em prosa (livros V e VI), em poesia (livro VII), as palavras relativas ao espaço-lugar (livro V), ao tempo-ação (livro VI), as palavras relativas a espaço-lugar e tempo-ação na poesia (VII), criando assim a segunda tríade da primeira hécada. No final da primeira hécada informa as três partes da obra inteira (*omnis operis de Lingua Latina tris feci partis* — VII, 110): 1.^a) como foram impostos os nomes às coisas (Etimologia), 2.^a) como se declinam os nomes em seus casos (Morfologia), 3.^a) e 4.^a) como eles se conectam ordenadamente (Sintaxe). No passo VII, 24 Varrão esclarece a dinâmica da composição de seus livros nas hécadas (e na obra inteira): primeira tríade teórica (de disciplina) e a segunda, prática (*de eius disciplinae propaginibus*). Nesse passo e no VII, 109 ele explica também a diretriz das tríades teóricas, *contra, pro, de*, ou seja:

Livros II/VIII- argumentos contra a etimologia/analogia;

Livros III/IX - argumentos a favor da etimologia/analogia;

Livros IV/X - forma e natureza da etimologia/conciliação entre analogia e anomalia.

Há, portanto, no *De lingua Latina*, uma clara metodologia de trabalho, que se reflete na construção de uma estrutura unitária do texto, resultante, por sua vez, da atuação de um forte senso de coerência.

5.2. COERÊNCIA NA DOUTRINA: O PRINCÍPIO DA CONCILIAÇÃO

Observa-se no texto do *De lingua Latina* uma lógica doutrinária sólida, fundada no seu pensamento eclético e dirigida pelo princípio da conciliação. Varrão procura reunir as duas principais correntes de investigação lingüística, a estóica de caráter filosófico e a alexandrina, preferentemente filológico-gramatical. No passo V, 2, confessa abertamente que vai seguir tanto a Crisipo de Soli e Antípatro de Tarso, conspícuos representantes da escola estóica, como a Aristófanis de Bizâncio e Apolodoro de Atenas, exímios defensores dos ensinamentos gramaticais alexandrinos. Esse propósito de não se deixar confinar nos limites doutrinários de uma única escola, Varrão já o expressara em V, 9, onde afirmava que: *...non solum ad Aristophanis lucernam sed etiam ad Cleanthis, lucubraui* [meditei à luz não só de Aristófanis (alexandrino) mas também de Cleanto (estóico)] (V, 9). Assim, buscando ser coerente com esse ecletismo pragmático, põe-se a investigar os vocábulos que indicam lugar e tempo (livros V e VI, respectivamente) — segundo as categorias filosóficas fundamentais da doutrina estóica; porém, logo depois, passará à análise do uso poético dos mesmos vocábulos exemplificados nos textos poéticos — o que constituía a atividade filológica preferida dos alexandrinos. Além disso, diz que dará prioridade ao estudo dos termos arcaicos, agindo de acordo com sua tendência conservadora de exaltar o latim arcaico. De fato, ele afirma que prefere, para análise, um termo da época do rei Latino a outro, embora criado por Ênio, por ser aquele um documento lingüístico de mais valor, primitivo e original (V, 8). Essa predileção pelo elemento lingüístico arcaico, que, aliás, se estendia a todos os dados do antiquário romano, coadunava-se com seu espírito conservador respaldado no modo de ser sabino, no *status* social de latifundiário, no pompeísmo político e no moderado espírito itálico-nacionalista. A propósito dessa índole, parece haver em Varrão algo que, transcendendo a própria investigação lingüística, se superpõe continuamente ao mero plano lingüístico e filológico: seu espírito de

antiquarista.²³¹ Sob esse prisma, o *De lingua Latina* não tem uma importância meramente filológica. O historiador e curioso encontrará na obra dados, por exemplo, sobre a topografia da antiga Roma, à qual o autor dedica 15 parágrafos, a começar de V, 41 (*Vbi nunc est Roma, Septimontium nominatum...*[O lugar em que hoje se levanta Roma denominou-se *Septimontium*...]).²³²

Varrão busca ser coerente em outros pontos teóricos além do etimológico, relativo à origem das palavras. Sua teoria gramatical funda-se na tentativa de conciliar os dois princípios da língua, que para os estóicos e a escola de Pérgamo em geral, encabeçada por Crates, era a *consuetudo*, o predomínio do uso; e que para a escola alexandrina, liderada por Aristófanos de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia, era a analogia, a *ratio*, quer dizer, a observância da norma. No seu pensamento eclético e conciliador, ambas precisam ser respeitadas (*neque anomalia neque analogia repudianda* — IX, 3) e diz que a analogia é válida só nos casos em que o uso não impede. Quanto à *impositio* e à *declinatio*, ele diz que são as duas formas de origem das palavras e da própria língua. Uma é a fonte, outra, o rio. Uma é criadora, o outro é distribuidor, difusor. Varrão diz que

²³¹ E. Riganti (*Varrone. De lingua Latina, libro VI*. Bolonia, Pàtron editore, 1978, p. 10, *apud* M.A.M. Casquero (Casquero, 1990, p. XXVII) afirma que a recuperação da origem de uma palavra não teria para Varrão um valor heurístico especial do ponto de vista filosófico-ético ou religioso. O haver especificado determinada derivação satisfá-lo plenamente, por ter tido conhecimento do valor original de um termo e, às vezes, por haver lançado um raio de luz sobre algum aspecto da antigüidade romana. A investigação etimológica propriamente dita, dirigida a descobrir *a qua re uocabulum sit impositum*, interessa-lhe mais que a investigação semântica dirigida a definir o conceito.

²³² R. Gelsomino (Gelsomino, 1976, p. 379-88) diz que o número sete (para o conjunto das colinas de Roma) foi dado por Varrão: *Nessuno dei monti sopra nominati è presentato prima di Varrone come uno dei "Sette" o Colli o Monti*. O autor demonstra que Varrão é o criador do cânone *dei Sette Monti* (o *Sette Colli*) de Roma. Vergílio ter-se-ia inspirado nesse cânone para fazer este verso: *"Septemque una sibi muro circumdabit arces"* (*Aen.* VI, 783), como também Horácio, no *Carmen saeculare*: *"Dis, quibus Septem placuere Colles"* (v. 7). A propósito, os sete montes eram: Aventino, Capitólio, Célio, Esquilino, Palatino, Quirinal e Viminal.

pela *impositio*, isto é, pela ação dos *impositores* (ὀνοματοθέται), os nomes são dados livremente às coisas, enquadrando-se em nominativo. Essas palavras criadas são as *primigenia*, os radicais do léxico latino, por exemplo *fagus* = faia. Esse léxico básico, no entanto, deve ser expandido por um mecanismo econômico, próprio da língua. Para explicá-lo, Varrão cria os conceitos de *declinatio uoluntaria* ou *a uoluntate* e *declinatio naturalis* ou *a natura*. A primeira permite a criação das derivadas (*declinata*), como, por exemplo, *fagus* (faia, um radical) > *Fagutalis* (Fagutal, uma derivada). Essa última, uma vez criada, enquadra-se, por força da *declinatio naturalis*, no sistema flexional da língua (VIII, 21-22). Portanto, a *declinatio uoluntaria* permite a criação do léxico e a *naturalis* rege o sistema expansivo, flexivo-desinencial (declinação e conjugação) e derivativo (derivação) da língua (X, 15). Quanto ao problema da anomolia e da analogia, Varrão busca eliminar a oposição entre elas, pois, na verdade, ambas sustentam a estrutura da língua erigida à base do uso e da norma: a *declinatio uoluntaria* pertence ao uso e a *naturalis* ao sistema normativo (X, IV). A língua é um corpo de normas, é um sistema, mas quem comanda é o uso; a própria analogia, que é o sistema normativo, não se opõe ao uso, ao contrário, precisa, de alguma forma (*ex quadam parte*), da chancela do uso para se tornar norma (X, 74). E assim, Varrão, fazendo algumas concessões aos anomalistas, consegue manter uma leve vantagem para a analogia. Esse espírito conciliativo reflete a formação da personalidade varroniana fundada na liberdade (anomalia) com ordem (analogia), que, transferidas para a interpretação do fenômeno da língua, constituem a liberdade que contempla a língua no seu dinamismo criativo e renovador (uso) e a ordem que possibilita ver a língua como elemento estável e comportado (regra, sistema).

Concluindo, a metodologia, a unidade dos livros e sobretudo a doutrina calcada no sentido conciliatório, todos esses elementos, aliados à coesão lexical e gramatical, garantem ao texto do *De lingua Latina* uma boa conectividade conceptual, a coerência, manifesta numa doutrina gramatical sólida e original.

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE

Assim, concluem-se também os estudos desta primeira parte, relativa à superestrutura, isto é, ao nível de expressão do texto do *De lingua Latina*. Abordou-se primeiramente, no capítulo II, o tema da metalinguagem; verificou-se aí que o *De lingua Latina* é um metatexto que tem por objeto o estudo do código dos romanos, a língua latina. No capítulo III, estudou-se a estrutura física-composicional e temática da obra. No capítulo IV, investigou-se a tipologia do texto varroniano: trata-se de um texto de teor científico e técnico, porém com nítidas características didáticas. No capítulo V, examinou-se a literariedade: o *De lingua Latina* distancia-se do conceito de peça literária, como obra da imaginação; assim, não se deve esperar encontrar nele um estilo que sirva de modelo; é verdade que apresenta defeitos na fraseologia, mas não é escasso de virtualidades, de recursos figurativos, como prova a presença de muitas metáforas no texto. Como elemento da superestrutura, estudou-se, no capítulo VI, a dialogicidade do texto varroniano: apesar de tratar de um tema árido, o autor busca – mediante a manipulação dos referenciais contextuais e textuais, através do fenômeno dêutico –, manter contato com o seu leitor, despertando-lhe o interesse pelo tema, que é reconhecidamente árido. Finalmente, no capítulo VII, procurou-se mostrar que o texto varroniano, dirigido por uma intencionalidade, apresenta conectividade, que, pela coesão e coerência, garante ao texto sua unidade estrutural. São esses os elementos mais significativos da superestrutura do *opus magnum* de Varrão, o *De lingua Latina*.

TERCEIRA PARTE

A MACROESTRUTURA: PLANOS DE CONTEÚDO

A MACROESTRUTURA: PLANOS DE CONTEÚDO

Se o estudo da superestrutura de uma obra focaliza sua exterioridade ou arcabouço compositivo e se ela mergulha na articulação temática mostrando seus níveis de expressão, o estudo da macroestrutura consistirá em examinar suas diretrizes informativas e seus esquemas semânticos profundos;²³³ ocupar-se-á de fazer emergir os dados cognitivos que constituem o próprio sentido de ser da obra.

Assim, os grandes temas compreendidos como constitutivos da macroestrutura do *De língua Latina* — objeto de estudo nesta terceira parte — são, sucintamente: as fontes do pensamento varroniano, os tipos de influências recebidas e sua assimilação (capítulo VIII); o caráter enciclopédico da obra e a atividade gramatical em Roma, da qual eclodiram a teoria gramatical varroniana e o ideal da *latinitas* (capítulo IX); os fundamentos étnicos, culturais e lingüísticos que coadjuvaram no surgimento do latim (capítulo X); as operações de metalinguagem através das etimologias (capítulo XI), dos parâmetros morfológicos (capítulo XII) e dos elementos de fonética teórica e aplicada (capítulo XIII). Eis a temática a ser desenvolvida na terceira parte desta tese.

²³³ M. H. Mateus (Mateus, 1977, p. 207) fala em estrutura temática, que seria a superestrutura, e em estrutura informacional, que seria a macroestrutura.

CAPÍTULO VIII

AS FONTES VARRONIANAS: INFLUÊNCIAS, ASSIMILAÇÃO E ORIGINALIDADE

A importância deste capítulo reside na convicção, em teoria literária, de que nenhuma obra é produto isolado de um autor e de que nenhum autor goza de autonomia ideológica absoluta. Desta perspectiva serão examinados, inicialmente, os problemas de abordagem, em si, das fontes varronianas, a dificuldade oferecida pela falta de documentação, a própria importância de Varrão como fonte de informação sobre o passado perdido, as delimitações sobre a originalidade do autor, as fontes helênicas e a absorção de todo esse influxo realizada em Roma. Em seguida, far-se-á a longa análise das fontes varronianas, primeiramente as gregas e, depois, as itálico-romanas. Finalmente, num início de estudo de “intertextualidade crítica”, no dizer de Leyla Perrone-Moisés,²³⁴ examinar-se-ão as vozes que ressoam no texto do *De lingua Latina*, marcando suas influências sobre Varrão. Ele cita nada menos que trinta doutrinadores gregos e vinte romanos. Traz para o interior de seu texto os nomes de vinte e cinco poetas latinos com excertos de suas obras. Faz referência a nada menos que setenta títulos de obras, a vinte e seis obras anônimas, a maior parte de domínio público, e a cinco obras de sua autoria. Ver-se-á a transitividade do texto varroniano com outros textos, o diálogo que ele estabelece com esses autores e obras, realizando, antecipadamente, o que a mencionada autora chama de polifonia textual. Há, portanto, um vasto material a analisar para tentar responder a uma só pergunta: se Varrão apresenta uma visão original da língua, de que fontes ele se aproximou para haurir elementos e assim erigir sua doutrina?

²³⁴ Segundo L. Perrone-Moisés (Perrone, 1979, p. 210), na intertextualidade entrecruzam-se dois textos em diálogo, o que analisa e o que é analisado. Para a autora, a citação, a soma de textos e a própria crítica das fontes não são ainda intertextualidade; seriam um primeiro estágio, rudimentos de intertextualidade.

1. AS FONTES DO SABER VARRONIANO: PIONEIRISMO E ORIGINALIDADE

Situar as fontes de um autor tem sido tarefa árdua para toda crítica que se pretende científica. E, no entanto, essa atividade é de fundamental importância para a ciência, pois ela patenteia as idéias, consagra seus mentores, informa seus desdobramentos em sistema e subsistemas, elaborando, assim, a própria história do pensamento. A crítica das fontes tenta responder à questão fundamental: Quem foi o primeiro a escrever sobre tal assunto?

A intertextualidade, um importante capítulo da moderna ciência do texto, informa que inexiste originalidade absoluta no drama íntimo do ato ou da expressão verbal. Mesmo os escritos antigos, considerados textos de base ou fundadores, cristalizados em suas estruturas, erigiram-se no ambiente de interdependências e ressonâncias ideológicas, apesar da vagarosidade dos meios de comunicação na época de sua composição. Passaram também eles por um processo de escuta, seleção e aproximação de discursos orais ou escritos, contemporâneos ou anteriores. Essa interação, já então existente, constitui o cerne do problema das fontes dos textos clássicos. Muitas vezes o formidável arranco de originalidade deles parece estar no próprio fato de serem os únicos disponíveis, pois que não há como saber da existência de textos anteriores. Assim, por exemplo, o *De lingua Latina* se apresenta como o primeiro projeto de grande porte para uma gramática no mundo romano e grego. É o primeiro conhecido pelo estudioso moderno, e, portanto, original; e é original simplesmente porque não se tem notícia de que tenha havido um outro anterior congênere. Em conclusão, acata-se como indiscutível o fato de que é nessa obra que ressoa o pensamento lingüístico anterior a Varrão e contemporâneo dele.

2. MAIS FÁCIL PERGUNTAR A VARRÃO DO QUE A SEUS PREDECESSORES

Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 45), no estudo das fontes de Varrão tudo concorre para tornar a pesquisa decepcionante, porque dos seus predecessores não resta nenhuma obra completa, salvo o tratado

gramatical de Dionísio Trácio.²³⁵ Portanto, seria mais fácil perguntar a Varrão sobre os antigos do que verificar nos antigos os empréstimos tomados por ele. Em outras palavras, é melhor fiar-se no reconhecimento dos dados informados pelo próprio reatino.

Ocorre, porém, que Varrão cita caprichosamente. Poucas vezes ele — como os escritores antigos em geral — cita o autor cujo pensamento reproduz. Quando o faz, não indica a referência. De modo geral, dissimula a autoria numa localização vaga: *Annales* (V, 74), *Annales ueteres nostri* (V, 101), *antiqui scriptores Graeci* (V, 123), *comicus* (V, 62), *in comoediis* (VI, 71), *in mimo* [na farsa teatral] (VI, 61), *Stoici* (G. R. F., p. 268, fr. 238), *leges* (VI, 60), *qui glossas scripserunt* (VII, 10, 34, 107), *ueteres poetae* (VII, 52), *poetae* (V, 88, VI, 11), *sunt qui dixerunt* (V, 85). Não poucas vezes a citação é delimitada num verso (*Ennius scribit: Tantidem quasi feta canes (= canis) sine dentibus latrat* [Escreve Ênio: “Ladra tão forte como uma cadela prenhe e sem dentes”] (VII, 32), ou em fragmento de verso (*Itaque Ennius ait: Oratores doctiloqui* [Assim, pois, diz Ênio: “Oradores hábeis no falar”] (VII, 41). Em outros casos não se nota a ressonância contextual de uma citação, como por exemplo, quando o autor se refere a Aristófanes e a Cleanto (V, 9), a Pitágoras (V, 11) e a Élio Estilão (V, 21; VI, 7). Parece não haver traços de um plano para comprovar um tópico através das citações ou explorar conseqüências teóricas das mesmas. Pode-se, quando muito, conjecturar sobre as influências dominantes ou os cruzamentos de influências. Assim, por falta de uma documentação

²³⁵ A. Traglia (Traglia, 1976, p. 175-95) questiona o fato de que Varrão não cita a Τέχνη γραμματική; e, no entanto, o reatino conhecia bem o ambiente ródio no qual Dionísio Trácio elaborara sua gramática. Traglia levanta a hipótese de ser esta gramática dionisiana uma elaboração tardia, total ou parcial, motivo por que Varrão não a teria conhecido. Uma das razões é a simplicidade da divisão, em quatro, das partes do discurso da gramática varroniana: nome (palavras que têm casos, mas não têm tempos); verbo (palavras que têm tempos, mas não têm casos), particípio (palavras que têm casos e tempos) e advérbio (palavras que não têm nem casos nem tempos); como se verifica, essa divisão é bem mais simples do que a divisão em oito partes de Dionísio Trácio: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção.

suficiente, a solução para o problema das fontes corre o risco de se tornar subjetiva.

3. COMPILAÇÃO E ORIGINALIDADE

O estudioso alemão, R. Reitzenstein,²³⁶ por exemplo, tende a ver em Varrão um compilador infatigável, mas sem originalidade. Segundo ele, os livros etimológicos, principalmente os livros V e VI, teriam sido uma ampla transcrição dos trabalhos de Élio Estilão. No entanto — impugna-se — se do próprio Élio restam apenas alguns fragmentos e referências, como se comprova a tese de Reitzenstein?²³⁷ Sabe-se que o mestre de Varrão, citado oito vezes, era, ideologicamente, um meio-estóico.²³⁸ Isso, porém, não é suficiente para atribuir a Élio a paternidade da tríade etimológica varroniana. J. Collart, concordando com o que diz F. della Corte,²³⁹ considera que é preferível tentar reconstituir os antecessores de Varrão através dele mesmo. Pondera também que se se insiste demasiadamente nos mínimos detalhes relativos às fontes, como fizera o citado autor

²³⁶ R. Reitzenstein. *Varro und Johannes Mauropus von Euchaita*. Leipzig, 1901, p. 31-43, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 45). Segundo Collart, R. Reitzenstein fundamenta-se na obra do bispo Joanes Mauropus, do século XI, o *Ἑτυμολογικόν*, escrito em versos jâmbicos gregos; essa obra apresenta um plano naturalista comparável ao dos livros V e VI do *De lingua Latina* (palavras relativas a lugares, a tempos, divisões em céu e terra etc.). Tal plano Mauropus teria tomado diretamente dos pensadores estóicos; Varrão teria feito o mesmo, mediante a influência de Élio Estilão, seu mestre, que é justamente citado: *Caelum, ut scribit Aelius...*(V, 18); *Terra, ut Aelius scribit...*(V, 21). A posição radical de Reitzenstein, segundo Collart, é rebatida por F. Müller, H. Dahlmann e F. della Corte.

²³⁷ Referências a Élio, além das varronianas, ocorrem em: Cic., *Br.* 205; *De or.* I, 193; *Acad. post.* I, 8; *Pro Scaur.* 23; Suet., *De gramm.* 2; Gell., *N. A.* I, 8, 18; III, 3, 12; X, 21, 2; XVI, 8, 2.

²³⁸ Élio Estilão é citado nos seguintes passos do *De lingua Latina*: V, 18, 21, 25, 66, 101; VI, 7, 59; VII, 2.

²³⁹ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 119), Varrão muito deveu aos filólogos antecessores; contudo, nenhum deles teve visão tão ampla e original da gramática quanto ele, para que pudesse compor um tratado da grandiosidade do *De lingua Latina*, chamado seu *opus magnum*.

alemão, corre-se o risco de contradição, isto é, de negar a personalidade do próprio Varrão, que é justamente o único eco que se tem dos autores anteriores no campo gramatical. Em resumo, segundo J. Collart e H. Dahlmann, Varrão teria feito empréstimos e, como leitor assíduo, aplicado anotações de suas leituras em seu texto. O que há de certo é que ele não se prendera a uma só fonte doutrinária.

4. ABORDAGEM DAS FONTES

Entretanto, perdura a questão: quais seriam, pelo menos em linhas gerais, os focos de influência sobre Varrão? A partir do emaranhado estudo (com resultados não sempre convergentes) feito por tratadistas como H. Dahlmann, F. della Corte, J. Collart, E. Paratore, F. Cavazza e outros, podem-se estabelecer planos diferentes para essa abordagem. Em primeira instância, os contatos entre Varrão e o mundo intelectual antigo foram indiretos, isto é, pela leitura que ele fazia das obras dos grandes pensadores, literatos e teóricos gregos, como também dos literatos, historiadores, oradores e juristas latinos — às quais ainda teve acesso. Pode-se imaginar o acervo pessoal varroniano, adquirido com recursos próprios em suas viagens a serviço de Pompeu, ou em função de seus envolvimento como editor. Além desse, considere-se o acervo que ele, nomeado por César, pôde compulsar quando organizava a biblioteca central de Roma.²⁴⁰ Esta resultava do investimento do erário na aquisição de obras — inclusive para competir com as da biblioteca de Alexandria e Pérgamo —, graças a um antecipado espírito, dir-se-ia “iluminista”, de César e Augusto.

²⁴⁰ Isso ocorrera durante, pelo menos, 10 anos dentre os 20 últimos de sua vida. Em 47 a. C. já fora indicado por César para dirigir a biblioteca. Em 33 a. C. trabalhava nos *Disciplinarum libri IX*, provavelmente elaborados naquele recinto, pois, sendo uma obra enciclopédica, requeria constantes consultas. Entretanto, e conforme já visto no capítulo I, devem-se descontar os anos em que Varrão esteve oculto para escapar da perseguição antoniana.

5. FONTES: ATENAS, PÉRGAMO, ALEXANDRIA E RODES; DA FILOSOFIA À GRAMÁTICA

Santo Agostinho, como já mencionado no capítulo I, admirava-se da imensa capacidade de leitura desenvolvida por Varrão. Ao certo, não há como saber em que grau Varrão conhecera os escritos dos grandes mestres gregos que ele cita no *De lingua Latina*: Aristóteles (VII, 70; VII, 11), Pitágoras (V, 11; VII, 17), Platão (VII, 37), Epicuro (VI, 39), Demócrito (VI, 39) e Zenão de Cício (V, 59). Esses mestres haviam erigido verdadeiros sistemas doutrinários que, aperfeiçoados pela reflexão conjunta, fizeram escolas. Num primeiro momento, estas se dedicavam à consideração filosófica pura (física, metafísica, teoria do conhecimento ou “canônica”) e à ética, isto é, aos parâmetros comportamentais decorrentes dos princípios filosóficos (sabedoria, virtude, ataraxia etc.). Alguns grupos eram pouco formais, como os pitagóricos²⁴¹ e sofistas; outros, formais, como a Escola cínica (cínicos), a Academia (platônicos), a Escola peripatética ou Liceu (aristotélicos), o Pórtico ou *Stoa* (estóicos), o Jardim (epicuristas), a escola de Mégara. Na época de Varrão (116 a 26 a. C.), essas escolas ainda pontificavam à luz de suas doutrinas originais. Essas, porém, já se encontravam adaptadas à perspectiva eclética, como ocorrera na Academia, ou ampliadas para outras áreas da pesquisa, como acontecera na Estoa em relação à reflexão lingüística.²⁴² Todavia, isso já representava uma segunda

²⁴¹ Segundo A. Traglia (Traglia, 1978, p. 273-89), a confraria neopitagórica em Roma, liderada por Nigídio Fígulo, era bastante conhecida. Foi, provavelmente, vista com simpatia por Varrão, embora de forma tácita. Este era homem público, escrevera longa obra sobre a teologia oficial (*Antiquitates diuinae*) que dedicara a Cesar como pontífice; tal obra insistia na racionalidade e necessidade da teologia estatal. Ora, o neopitagorismo pregava uma religião naturista, mística e intimista; a presença de Varrão num grupo desses comprometia-o perante o poder oficial, político-religioso. Entretanto, devem-se observar dois fatos: a) o *De lingua Latina* apresenta muitos elementos que mostram o gosto de Varrão pela numerologia pitagórica, principalmente nas divisões; b) conforme o depoimento de Plínio, visto no capítulo I, o corpo de Varrão não fora cremado e sim inumado, a pedido do próprio reatino, o que sugere uma convicção místico-pitagórica.

²⁴² Conforme P. Boyancé (Boyancé, 1975, p. 57-84), assim ocorrera na Academia. Antíoco de Ascalão, líder e mentor da quinta Academia e mestre de Varrão,

fase dessas agremiações; ou seja, a partir da filosofia, despertava-se o interesse também para o estudo da gramática, o que aconteceu em três vertentes, conforme J. Collart (Collar, 1954, p. 12) e F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 65):

- a) a exegese dos textos, orientada para o sentido histórico (etimológico), consuetudinário e popular da língua (prosa) e seu aspecto anômalo — tendência geralmente cultivada pelos estóicos, inclusive os de Pérgamo;
- b) a crítica de texto, em busca do sentido poético, interpretativo e normativo da língua e seu lado analógico — tendência elaborada principalmente pelos eruditos de Alexandria;
- c) a exegese de textos e a crítica de textos — tendência sincrética (F. della Corte comenta sobre a existência, em Rodes, de um terceiro grupo de estudos filológico-gramaticais, ideologicamente intermediário entre os de Pérgamo e os de Alexandria; esse chamado “ambiente ródio-sincrético” caracterizava-se por um estoicismo abrandado, resultante de uma síntese estóico-alexandrina).

Assim, essas três correntes de investigação lingüística, a pergamena-estóica de caráter histórico-filosófico, a alexandrina, de tendência filológico-gramatical e a ródia, médio-estóica e sincrética, eram representadas, em Roma, por seus líderes. As duas primeiras caracterizavam-se pelo tom polêmico e proselitista, incentivado por certa rivalidade política entre os pergamenos atálidas e os alexandrinos ptolomeus.

6. AFLUÊNCIA EM ROMA: REAÇÃO, ABSORÇÃO E OS CÍRCULOS DE REFLEXÃO E ELABORAÇÃO LITERÁRIA

Em Roma, o aporte dessas três correntes de investigação lingüística acontecia por dois pólos: o da influência e o da absorção. Partindo do

estudara as influências de Pitágoras em Platão. Assim, Antíoco se tornara um platônico estoicizante, apto a encabeçar o movimento eclético na filosofia. Os estóicos, por razões filosóficas, aprofundaram-se nos problemas lingüísticos. Já os eruditos de Rodes eram considerados meio-estóicos e meio-alexandrinos.

mundo helênico, o exercício da influência ocorreu de forma positiva, reafirmada pelo envio de filósofos e filólogos helenistas ao novo centro político-cultural, para colóquios e conferências. Com esse objetivo estiveram na *Vrbs* Crates, Carnéades, Cristolaos, Diógenes, o estóico, Panécio, Políbio, Possidônio, Tirânio, Filodemo, Fílon de Alexandria (Larissa), Fílon de Gadara e outros. Da parte dos semi-aculturados romanos, a absorção foi não menos requisitada. Paulo Emílio Cipião promovia a vinda de grupos de eruditos, professores e pedagogos gregos (Políbio, XXXXII, 10). Havia gramáticos de profissão vindos a Roma como prisioneiros (Políbio, XXXI, 33, 5).

Entretanto, esboçou-se também alguma reação a essa importação: tal foi o sentido do decreto de expulsão de filósofos, lançado pelo Senado em 161 a. C., por instigação de Catão o Censor (Gwynn, 1026, 37-8). A reação se reflete também no *De lingua Latina*, quando, por exemplo, Varrão critica o conferencista pergameno Crates, com estas duras palavras: *Insignis eorum est error qui...* [É extraordinário o erro daqueles que...] (IX, 1). Em decorrência dessa iniciativa proselitista desencadeada pelas várias escolas helenistas a partir dos meados do século II a. C., começaram a florescer em Roma círculos de reflexão literário-filológica, ou seja, os ditos cenáculos, liderados por poetas, como Ênio, e filólogos, como Élio Estilão, ou por personalidades político-militares, como Paulo Emílio Cipião, Cipião Emiliano, Lutácio Cátulo. Esses últimos anteciparam o mecenatismo da época do principado, promovendo o debate histórico, como aquele liderado por Políbio, a reflexão filosófica, trazida principalmente por Panécio e Possidônio, a crítica literário-filológica incrementada por Crates de Malos. Havia, porém, estudiosos em Roma desvinculados desses círculos ou cenáculos, como Coscônio e Aurélio Opilo, citados por Varrão.

7. OS NOMES DAS FONTES HELENO-HELENÍSTICAS: ANÁLISE

Carece, pois, verificar, em todo esse universo intelectual helenístico e romano, que nomes Varrão cita, pois, se o fez, foi porque os conheceu ou por leitura ou por contatos pessoais. Dos que ele menciona, uns exerceram influência fundamental em sua doutrina, outros, do que se infere do texto

varroniano, surgem como referência apenas circunstancial. Há também nomes importantes não declinados por Varrão, os quais, no entanto, críticos renomados, antigos e modernos, colocam no quadro geral de influências sobre o reatino, tanto na área da filosofia e da história como na da linguagem.

Seguem, pois, algumas considerações sobre esses nomes que estiveram atrelados às várias escolas, na seguinte ordem: cínicos, pitagóricos, platônicos, aristotélicos, estóicos ortodoxos, meio-estóicos pergamenos, eruditos alexandrinos, ródios, e outros autores, desconectados das escolas da moda, aos quais próxima ou remotamente Varrão deveu sua formação intelectual.

7.1. CÍNICOS

O cinismo teórico de Antístenes (século IV a. C.) e pragmático de Diógenes de Sínope inspirara o poeta e filósofo Menipo de Gadara (século III a. C). Este satirizava em prosa e verso a insensatez dos homens e dos próprios filósofos, num tom anticulturalista. F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 150) coloca o pensamento cínico de Menipo como a primeira herança helênica dominante no espírito do jovem reatino e inspiradora da volumosa obra, as *Saturae Menippeae*.

No *De lingua Latina*, não há reflexos de fundo cínico, embora Varrão — fazendo intertextualidade — mencione o assunto tratado em uma de suas conhecidas sátiras, a *Sexagesis*. Nela, Varrão cria o personagem Epimênides (VII, 3), aquele que, depois de 50 anos de sono, regressa a Roma, como sexagenário; o velho observa as imoralidades da capital, lança seus vitupérios e acaba em insucesso. Nesse mesmo texto (VII, 3), Varrão cita a lenda do herói Teucro, na qual se verifica o mesmo fenômeno observado na sátira *Sexagesis*: o ocultamento.²⁴³ O espírito cínico das

²⁴³ Epimênides, personagem da sátira menipéia *Sexagesis*, é um adivinho cretense do século VI a. C., dotado de virtudes purificadoras. Segundo a lenda, quando entrava em êxtase, sua alma abandonava temporariamente seu corpo para reencarnar-se nele mais tarde. Um dos seus sonos-êxtases durara 50 anos, depois dos quais, na versão de Varrão, voltou a Roma e viu a imoralidade por toda parte (Cf. Platão,

Menippeae — obra complexa nos seus aspectos: revolta, crítica, riso, ironia e ceticismo e ao mesmo tempo erudição, didática e arte — vai acompanhar Varrão por 25 anos, embora de forma intermitente, pois essa longa experiência literária, iniciada, segundo F. della Corte, em 80 a.C., terminou somente em 55 a. C.²⁴⁴ Ainda segundo esse crítico, os prováveis mediadores da influência cínica teriam sido os poetas helenistas, contemporâneos de Varrão, Antípatro e Árquias (amigo do qual Cícero faz a defesa na peça oratória *Pro Archia*). Esses dois poetas eram admirados em Roma por sua versatilidade no uso do hexâmetro²⁴⁵ — no que foram imitados por Varrão.²⁴⁶ A influência cínica no jovem poeta reatino começou a arrefecer quando se iniciaram os contatos com o amigo Áccio, que, além de ser literato, se encontrava também envolvido no esclarecimento de problemas lingüísticos, principalmente ortográficos. Observe-se, porém, que o cinismo não teve um influxo direto na teoria gramatical de Varrão; está sendo aqui comentado porque inicia, cronologicamente, a longa série de influências sobre o pensamento varroniano.

Leg. 692 d; Plutarco, *Solon* 12). A lenda de Teucro, relatada por Lívio Andronico (O. Ribbeck. *Trag. Rom. Frag.* 3 ed. Leipzig: Teubner, 1897, p. 7, 1897, *apud* Casquero, 1990, p. 214), diz que esse herói, filho de Telamão, rei de Salamina, não foi reconhecido ao regressar à pátria. Ambas as lendas reproduzem a idéia do herói ausente por muito tempo; quando volta, irreconhecido, flagra os parentes ou a sociedade no erro; o texto da lenda faz intertextualidade poética (parcial) com um prototexto, a *Odisséia* de Homero, em que o herói Ulisses, depois de tantos anos, retorna, não é reconhecido, reencontra-se com a fiel esposa Penélope, vê-a assediada por pretendentes e os castiga.

²⁴⁴ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 151) como também E. Paratore (Paratore, 1976, p. 243-67) vêem na obra satírica de Varrão uma inspiração para o *Apocolocyntosis* de Sêneca e o *Satyricon* de Petrónio.

²⁴⁵ Cícero (*De or.* III, 50, 194), também influenciado por Árquias, seu cliente, refere-se a essa métrica variada dos dois poetas: *aliisque uariis modis atque numeris...*[por outras e variadas medidas e ritmos...]

²⁴⁶ E. Paratore (Paratore, 1976, p. 260) considera também decisiva a influência da comédia paliata de Plauto sobre o poeta das *Menippeae*, principalmente na linguagem: “*infiniti debiti delle Menippeae al linguaggio plautino*”.

7.2. PITAGÓRICOS E PLATÔNICOS

Descendo da área filosófico-teológica para a da lingüística, cabe considerar os principais pontos que mostram a influência pitagórica no pensamento do erudito reatino.

7.2.1. A NUMEROLOGIA

Há a considerar, primeiramente, a filosofia pitagórica que interpretava o número como forma do universo. Varrão parece influenciado por essa numerologia, pois mostra uma clara preocupação pela divisão das matérias em seu universo intelectual, ou seja, em sua obra. Nota-se, no conjunto do *De lingua Latina* e de modo difuso, uma predileção pelo número 3, como nestes casos: a) divisão do *De lingua Latina* em três partes: etimologia, morfologia e sintaxe; b) agrupamento dos livros em tríades (blocos de três livros) e héxadas (dois blocos de três livros); c) método dialético: *contra*, *pro*, *de*; d) eixos da gramática: anomalia, analogia e conciliação; e) três tipos de palavras: *nostra*, *aliena*, *obliuia*; f) distribuição dos campos etimológico-semânticos: palavras de espaço, de tempo e de tempo-espaço; g) tríade capitolina: Júpiter, Juno e Minerva; h) três territórios e três tribos etc. No entanto, a quadripartição é também freqüente, aplicando-se a diversos itens doutrinários ao longo da obra: i) quadriga corpo-espaço, ação-tempo; j) quatro partes do discurso: nome, verbo, particípio e advérbio; l) quatro critérios da *latinitas*: *natura*, *analogia*, *consuetudo* e *auctoritas*; m) quatro funções da gramática: leitura, exegese, correção e julgamento; n) quatro graus de dificuldade da etimologia: povo, poetas, filósofos e rei; n) dois grupos de quatro causas da alteração das palavras: *demptio*, *additio*, *commutatio*, *traiectio* (das letras), *productio*, *correptio*, *adiectio*, *detractio* (das sílabas) etc. Já o número 7 não é tão freqüente nas divisões gramaticais; todavia, aparece em alguns tópicos do *De lingua Latina*, como no mundo astral (*septem stellae triones* — VII, 74, *septemtrio* — VII, 7); na música (*septem chordae citharae* — X, 46); na topografia (*septem montes* — VI, 24, *Septimontium* (V, 41); nas datas (*Septembres Kalendae* — VI, 20, *septimatrus* — VI, 14); na clínica médica (*septumus dies morbi*, como marco de etapa de uma doença — X, 46). O

número 7 evidencia-se também no título e na estrutura de uma outra e importante obra, as *Hebdomades*.

7.2.2. TEOLOGIA E ESPIRITUALISMO

Expondo a teologia varroniana, Santo Agostinho focalizava um dos problemas dessa teologia, ou seja, se a essência dos deuses repousava na entidade dos números (*C.D.* VI, 5). Oficialmente, a teologia varroniana não se fundamentava na mística numerológica. Ao contrário, para Varrão era válida a religião dirigida aos deuses oficiais do Estado romano, pois que ela se mostrava eficaz e útil às necessidades da vida civil coletiva.²⁴⁷ Entretanto, ao citar Ênio, seu autor preferido,²⁴⁸ o reatino se mostra particularmente interessado em apresentar tópicos em que o poeta pitagorizava, adentrando os umbrais do espiritualismo.²⁴⁹ Nos *Annales* e

²⁴⁷ G. Lieberg (Lieberg, 1976, 409-13), reproduzindo a análise que S. Agostinho fizera, tece comentários sobre a teologia tripartite varroniana, ou seja: a mítica (dos poetas), a filosófica (natural, dos filósofos) e a estatal (civil); a primeira falsa, a segunda válida para o foro íntimo e a terceira racional e viável do ponto de vista da cidadania. Segundo Lieberg, Agostinho, com toda sua admiração por Varrão, fazia ressalvas à teologia do erudito reatino, já que, por exemplo, a religião estatal se apoiava na mítica. Por outro lado, Lieberg comenta que a crítica agostiniana era injusta e anacrônica, pois não considerava os parâmetros religiosos, ou seja, Varrão era um homem da tardia antiguidade e o padre hiponense vivia na época do cristianismo florescente. Finalizando, o autor critica a postura geral preconceituosa de Agostinho contra o paganismo.

²⁴⁸ Varrão cita Ênio 68 vezes, Plauto, 64 e Áccio, 17.

²⁴⁹ A teologia, como ciência, parece ser inviável, uma vez que seu próprio objeto do conhecimento é inatingível, por fugir da área da investigação experimental. Para Varrão, a teologia se justificava no plano do conhecimento cosmogônico e antropológico, como um estudo objetivo das questões referentes ao conhecimento da divindade, aos atributos desta e às relações com o mundo. É o que ele faz quando se refere à *haec duo Caelum et Terra* [a esta dupla Céu e Terra] como *mas et femina* [masculino e feminino] (V, 58-59) e quando, no *De lingua Latina*, em V, 65-66, descendo do plano cosmogônico para o antropológico, reafirma os deuses oficiais da teologia romana: *Idem hi dei Caelum et Terra Iupiter et Iuno* [Estes mesmos deuses, Céu e Terra, são Júpiter e Juno]. E concorda com os versos do poeta Ênio, segundo o qual o ser de Júpiter se identifica com os elementos:

no *Epicharmus*, o poeta alude à metempsicose, à origem astral das almas, à teoria do universo, à harmonia dos princípios contrários (contidos nos versos enianos citados em V, 59-60), à explicação naturalista dos mitos de Saturno e Júpiter, ao tema dos avatares e sua metamorfose (V, 64-65) (Collart, 1954, p. 38).

aer, nubes, imber, frigus [ar, vento, chuva e frio]; ele, Júpiter, é o processo, em si, que faz interagir os elementos: *uentus post fit, aer denuo* [depois sopra o vento e de novo o ar...], e é ele, enfim, a bondade autodifusiva: *Qui mortalis, arua atque urbes beluasque omnis iuuat* [Ele é que dá ajuda aos homens, aos campos, às cidades e a todos os animais] (conceito arraigado no senso teológico popular e manifesto em expressões como: “Deus nos ajude”). Desenvolvendo a interpretação desse passo eniano, Varrão vai além: todos os seres têm origem nele (*hinc omnes*) e todos estão submetidos a *ele* (*sub hoc*). E volta a citar Ênio, num verso que atinge o cerne da espiritualidade romana: *Diuumque hominumque pater rex* [ele é Pai e rei dos deuses e dos homens]. E continua, imiscuindo teologia com uma típica etimologia semântica e fonemática: *Pater quod patefacit semen* [ele é pai porque faz manifestar-se (= brotar) a semente]; ele preside a própria concepção e o nascimento: *nam tum esse conceptum patet, inde cum exit quod oritur* [pois é evidente que a concepção teve lugar quando aquilo a que se dá vida sai]. No parágrafo seguinte (V, 66), identifica o nome mais antigo e adequado de Júpiter: *nam olim Diouis et Diespiter dictus, id est dies pater* [pois desde outrora ele era chamado *Diouis* e *Diespiter*, isto é, pai-dia]. E faz uma escatologia: *Idem hic Dis pater dicitur infimus, qui est coniunctus terrae, ubi omnia ut oriuntur ita aboriuntur; quorum quod finis ortuum Orcus dictus* [O próprio Júpiter é denominado *Dius pater* enquanto deus das profundidades, associado à Terra, onde todos os seres, como têm seu princípio, têm seu fim; e como ele é o final de seus nascimentos, chama-se Orco]. Varrão não se esquece de promover o lado feminino da divindade, representado por Juno, que é *Terra* e *Tellus* [Terra = elemento astral e *Tellus* = mãe-berço-nutriz], esposa de Júpiter, sua colaboradora: *una iuuat (Iuno) cum Ioue* [junto com Júpiter Juno ajuda], e *regina* [rainha], porque *huius omnia terrestria* [dela são todos os lugares da terra]. Eis aí um aspecto antropomórfico precioso da teologia romana — Deus com características antropomórficas equilibradas, ou seja, paternas e maternas — não aproveitado pela teologia cristã-católica, a não ser mais recentemente (Cf. L. Boff. *A trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis, Vozes: 1986, p. 153-5; cf. também as encíclicas mais recentes de João Paulo II que despertam para esse novo aspecto da teologia católica).

7.2.3. NEOPITAGORISMO: NIGÍDIO FÍGULO

Estava também presente em Roma Nigídio Fígulo, com fama de douto e mago. Era um dos chefes da confraria pitagórica (o *sodalitium nigidianum*). Ele se interessava também por etimologia e gramática. Distinguia-se de Varrão pela visão teológica. Nigídio palmilhava o caminho do misticismo individualista e o reatino, o da catolicidade ou cosmopolitismo religioso patrocinado pelo Estado.²⁵⁰ Aulo Gélcio tende a associar os dois pensadores, a agrupar suas comuns conclusões (Gell, *N. A.* III, 10), embora não esteja provado que Varrão tenha freqüentado o *sodalitium* ou que tenha havido mútua influência entre ambos no campo etimológico e gramatical.²⁵¹ Entretanto, Nigídio, Cícero e Varrão, três luminares da época, apoiavam abertamente — principalmente o primeiro — a linha política republicana de Pompeu, podendo-se conjecturar que Varrão, por solidariedade ideológica, tenha tido contatos com Nigídio. Além disso, Varrão solicitou a inumação de seu corpo de acordo com o ritual pitagórico (V. nota 39), o que confirmava traços comuns, varronianos e nigidianos, de adesão íntima ao espírito do mestre de Samos.

²⁵⁰ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1976, p. 88), a teologia varroniana era oficial, pública e capitolina, aberta, universal; a de Nigídio Fígulo era sectária, reservada aos iniciados, e mística. A teologia varroniana teria preparado as características da Romanidade (Roma- Vaticano) e da Catolicidade (universalidade) do cristianismo, que permaneceram íntegras desde o seu início até pelo menos ao fim da Idade Média.

²⁵¹ A. Traglia (Traglia, 1978, p. 286) considera que na pesquisa etimológica ou na doutrina gramatical, o que resta de Nigídio (sua obra, em vinte e nove livros, levava o título: *Commentariorum grammaticorum libri*) não era diferente da cultura e do ensinamento dos grandes mestres do tempo, sobretudo de Lucílio, Áccio e Élio Estilão; deste último, juntamente com Varrão, Nigídio parece depender. Por isso, entre Varrão e Nigídio não se pode falar de dependência e sim, quando muito, de identidade ou diversidade de fontes de ambos.

7.2.4. PRINCÍPIOS PITAGÓRICOS E LINGUAGEM

Pitágoras de Samos (580 - 530 ? a. C.) é o primeiro e mais antigo filósofo citado por Varrão (V, 11-13 e VII, 17).²⁵² No primeiro passo, que envolve interesse lingüístico, Varrão alude a uma teoria pitagórica firmada e exposta por Aristóteles na sua Metafísica (*Metaph.* I, 986 e et b). Trata-se dos princípios binários da natureza: finito-infinito, bem-mal, vida-morte, dia-noite e imobilidade-movimento. Esse último binômio, desdobrado nas categorias de corpo-espço e ação-tempo, tinha implicações diretas na linguagem, pois que surgia como sintagmas nominais (nomes) e verbais (verbos), forma binária que sempre marcou e marcará presença na superfície morfossintática do enunciado.

7.2.5. A TEORIA DA *IMPOSITIO NOMINUM*

Na teoria varroniana da *impositio nominum*, a influência pitagórica se evidenciava. Em epistemologia, o pitagorismo atribuía à palavra um valor místico-teologal,²⁵³ ocupando o segundo posto, isto é, logo após o número. Os pitagóricos, não materialistas nem positivistas, situavam-se num nível peculiar entre as duas teorias extremas em voga, ou seja, a língua como natureza e a língua como convenção (φύσις e θέσις). Para eles, a língua é θέσις (convenção), mas nessa origem há uma clara inspiração divina. Dessa forma, segundo F. Cavazza, os pitagóricos já apontavam para um caminho conciliatório, que constituía ponto-chave na doutrina gramatical varroniana (Cavazza, 1981, p. 42), com apenas uma diferença,

²⁵² O tópico refere-se a um ponto do geocentrismo, a “antiterra”, conceito comentado por Aristóteles (*Metaph. De coelo* II, 13, 293a).

²⁵³ Desta teoria, que confere ao termo *uerbum* um valor universal, os estudiosos da antiguidade não se desvincularam mais. Agostinho atribuía a Varrão a relação *uerum-uerbum: uerbum dictum est quasi a uerbum boando, hoc est uerum sonando* [*uerbum* vem como que de berrar a verdade, quer, dizer, fazê-la ressoar] (Aug., *Dial.*, p. 238, GS). O Evangelho de João (*In principio erat uerbum...Jo*, 1,1) parece captar do mundo antigo e introduzir na tradição bíblico-patristica esse valor místico-transcendental da palavra, como cerne da teologia cristã.

segundo A. Traglia (Traglia, 1978, p. 289), os pitagóricos postulavam um só impositor (ὀνοματοθέτης), que era a personalidade investida do poder régio-sacerdotal, enquanto Varrão, indigitando indivíduos (os reis Latino, Rômulo — V, 9 e Numa Pompílio — VII, 3) como geradores dos radicais lexicais, admitia a pluralidade de impositores de nomes (ὀνοματοθέται). Estes seriam os antigos romanos, pais da pátria e da língua, como se lê em: *et illi qui primi nomina imposuerunt rebus...*[também aqueles que por primeiro impuseram nomes às coisas...] (VIII, 7).²⁵⁴ É verdade que essa teoria era coerente com sua postura conservadora, estabilizadora da língua, em contraponto à onda de neologismos que invadia o latim. Entretanto, assim Varrão pôde colocar, por influência dos pitagóricos, sua fórmula conciliadora da linguagem — debatida como convencional ou natural — numa simples frase: *...natura enim dux fuit ad uocabula imponenda homini* [...entretanto a natureza foi guia para o homem na tarefa de impor nomes] (VI, 3). No livro X, buscando uma forma de alargar a base democrática da língua, Varrão ampliará o número de *impositores*, mediante a teoria da *declinatio uoluntaria*, ou seja, a criação contínua da língua através das palavras derivadas (*declinata*) sobre uma base lexical estável (as *primigenia*).

7.2.6. A LÍNGUA: FENÔMENO POSITIVO E SIMULTANEAMENTE SAGRADO

P. Boyancé (Boyancé, 1975, p. 100) diz que o pitagorismo do reatino se revela principalmente na teoria dos quatro graus de dificuldades etimológicas, ou precisamente, no quarto grau, que é o *adytum et initia*

²⁵⁴ H. Dahlmann (*Varro und die hellenistische Sprachtheorie*. Berlin, 1932, p. 13, *apud* F. Cavazza — Cavazza, 1981, p. 42) cita um fragmento do gramático Sérgio (G.-S. 4, 488, 3 *et seqs*): *Cum maiores nostri uiderent rerum naturam et nescirent quem ad modum appellarent, constituerunt sibi nomina, quibus diuersa appellarent, sic ut dicerent hominem, leonem, auem et cetera, item inanimalia* [Quando nossos antepassados viam a natureza das coisas e não sabiam como chamá-las, estabeleceram para si nomes com os quais pudessem denominar as diversas coisas, e assim dissessem “homem”, “leão”, “ave”, e outras; igualmente os inanimados].

regis (V, 8).²⁵⁵ Este quarto grau (degrau) situa a origem da língua em nível misterioso, sagrado, de conformidade com o pensamento metafísico dos pitagóricos. Nessa interpretação, P. Boyancé introduz a figura do pensador judeu-helenista Fílon de Alexandria, contemporâneo de Varrão, mas não citado por ele. Fílon apoiara-se numa fórmula do assim chamado “catecismo pitagórico ou dos acusmáticos”, conservada pelos peripatéticos. Ela confirma o caráter místico do νομοθέτης: Πάντων σοφώτατον ὁ ἀριθμός, δεύτερος δὲ ὁ τοῖς πράγμασι τὰ ὀνόματα θέμενος [o mais sábio de todos é o número; o segundo, porém, é aquele que põe nomes às coisas].²⁵⁶ Há influência pitagórica sobre Varrão como também sobre Fílon de Alexandria acerca, primeiramente, da origem pitagórica do νομοθέτης e, em segundo lugar, do caráter místico deste. Assim, chega-se a uma fonte comum, que seria Antíoco de Ascalona, mestre direto de Varrão e indireto de Fílon. Esclareça-se que Fílon de Alexandria, platônico e pitagorizante, numa interpretação paralela à de Varrão, teria levado a teoria do νομοθέτης para o contexto bíblico-judaico, sendo aí *impositores*, primeiramente, Adão e, num segundo momento e por função de líder, Moisés.

Resumindo, é incontestável a influência pitagórica no pensamento lingüístico de Varrão. Com essa teoria do quarto grau, ele promove a etimologia e diz que a língua é um fenômeno positivo (θέσις), mas insinua também que suas últimas origens se ocultam num patamar misterioso e sagrado. Para P. Boyancé, o influxo pitagórico ocorreu de forma contínua, ao longo da vida de Varrão. Contrariamente, F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 153) pensa que aquele teria sido preponderante no final da vida do

²⁵⁵ Para P. Boyancé (Boyancé, 1975, p. 106), *adytum* (ἄδυτον) é transcrição mais correta do que *aditum*. A palavra designa a parte mais sagrada do santuário. *Initia* não significa simplesmente “princípios”, mas “iniciação mistérica” ou “mistério”; Varrão vai usar o termo para caracterizar a religião dos samotrácios: *Terra enim et Caelum, ut Samothracum initia docent, sunt dei magni...* [Terra e Céu, como ensinam os mistérios da Samotrácia, são os grandes deuses...] (V, 58).

²⁵⁶ P. Boyancé (Boyancé, 1975, p. 101) considera que esse catecismo fora, inicialmente, conservado por tradição oral pelos peripatéticos: ἄκουσμα, ατος = o que se ouve, o que se entende, ensinamento, preceito (Cf. A. Bailly, 1950).

reatino, quando este realizava suas obras de fundo autobiográfico (*De sua uita*) e filosófico (*De forma philosophiae*). Sempre mais convencido da ideologia órfico-pitagórica (Plin., *N. H.* 35), o erudito reatino compôs uma obra de nove livros, cujo título, *De principiis numerorum*, manifestava claramente o apreço pela doutrina do mestre de Samos.

7. 3. PLATONISMO

Considerando os postulados pitagóricos vigentes no pensamento varroniano, conclui-se que há o cruzamento de outras influências: o platonismo, o peripatetismo e o estoicismo, não sendo fácil definir qual a preponderante.

Viu-se, no Capítulo I, que Varrão esteve em Atenas estudando o platonismo junto a Antíoco de Ascalão. Pode-se dizer que, num início, o platonismo constituiu a medula do pensamento varroniano. Se o reatino procurou suas fontes em Atenas, de 84 a 82 a. C., é que se convencera de que a Academia de Antíoco era o ponto de encontro para o debate sobre o ecletismo filosófico que se disseminava pelo mundo helenístico e romano.²⁵⁷ Deve-se entender, porém, que, segundo os críticos, a escola de Antíoco já caminhava para um “meio platonismo”; Antíoco era o pai dessa tendência,²⁵⁸ pois que se abria para vários tópicos doutrinários do pensamento pitagórico, estóico e aristotélico.

Vejam-se os principais pontos de contato de Varrão com o platonismo, que se fez, em primeira instância, no nível filosófico e teológico e, em segunda, no lingüístico.

²⁵⁷ Segundo B. Riposati (Riposati, 1976, p. 67), para a Academia liderada por Antíoco de Ascalona refluíam e se amalgamavam, num movimento eclético, as diversas orientações das escolas filosóficas gregas: platônicos, aristotélicos, pitagóricos, pergamenos, alexandrinos, cínicos, sendo os mestres mais conhecidos, além de Antíoco, Panécio, Posidônio, Políbio, Filon de Larissa (Alexandria), Tirânio.

²⁵⁸ H. Dörrie. “Die Frage nach dem Transzendenten im Mittelplatonismus”. *Entretiens sur l’antiquité classique*. Genève: Fondation Hardt, 1957, p. 193-223, *apud* P. Boyancé, 1976, p. 148). Boyancé confirma a opinião de Dörrie em relação à atuação de Antíoco de Ascalona como “pai do meio-platonismo”.

7.3.1. A ACADEMIA DE ANTÍOCO DE ASCALONA

Da Antiga Academia, cujos mentores, depois de Platão, foram Espeusipo, Xenócrates e Polemo, Varrão cita apenas o fundador. Quanto aos da Nova Academia, Arcesilau, Clitômaco, Carnéades e o próprio Antíoco de Ascalona, o reatino não os menciona no *De lingua Latina*. Após a experiência desta última Academia, notoriamente tendente ao ceticismo,²⁵⁹ o platonismo, segundo Boyancé (Boyancé, 1955, p. 57-84; 1976, p. 141), se desenvolveu por dois caminhos: os pensadores considerados precursores do neoplatonismo e os tidos como ecléticos. Entre os primeiros, estão os neopitagóricos-platonizantes e entre os segundos destacam-se os escolarcas Antíoco de Ascalona (já no fim do século II e inícios do século I a. C.) e Fílon de Alexandria ou de Larissa, o judeu (entre 25 a. C. e 40 d. C.). Fílon teve conhecimento da doutrina de Antíoco indiretamente, através de Eudoro de Alexandria, discípulo daquele mestre em Atenas. Assim, Fílon é importante como termo de comparação, segundo P. Boyancé, porque apresenta traços doutrinários platônicos, que, aproximados aos de Varrão, mostram uma fonte comum platônica, que é Antíoco de Ascalona (também mestre de Cícero). Cabe, pois, examinar os

²⁵⁹ A obra *Academica*, composta em 45 a. C. por Cícero, em forma de diálogo, versa sobre a evolução das teorias filosóficas na Academia. Na primeira edição (as *Academica priora*), Cícero apresentara a obra em dois livros (resta a segunda metade do segundo livro), nos quais os dialogantes eram L. Licínio Luculo (cônsul em 74 a. C.), Q. Lutácio Cátulo (cônsul em 78 a. C.), Q. Hortênsio Hortalo (cônsul em 69 a. C., rival de Cícero na oratória, mas elogiado por ele) e o próprio Cícero; em segunda edição (as *Academica posteriora*), Cícero refez a obra em quatro livros (resta a primeira quarta parte do primeiro livro); os dialogantes passaram a ser Cícero, Ático e Varrão (a quem a obra é dedicada), sendo este porta-voz das teses dogmáticas de Antíoco de Ascalona. Como filósofo, Cícero pretendia ser um adepto da Nova Academia de Carnéades; este pendia para o ceticismo, segundo o qual o conhecimento certo era impossível; um conhecer apenas fundado numa certa probabilidade era o máximo a que se poderia chegar. O arpinate não se deixava dominar por qualquer tendência; ia buscar nas várias escolas gregas aquelas teorias que sua razão julgasse aceitáveis. Nessa postura eclética, há a influência de Antíoco de Ascalona. Todavia, nem Cícero nem Varrão se viam obrigados a jurar pelas palavras de nenhum mestre, como dirá Horácio de si mesmo: *nullius addictus iurare in uerba magistri* (*Ep.* 1, 1, 14).

passos mais importantes que vinculam Varrão ao pensamento dessa última Academia.²⁶⁰

7.3.2. PLATONISMO E PITAGORISMO

Platão é citado uma só vez no *De lingua Latina*. O texto refere-se ao *Diálogo IV (Fédon)* em que o filósofo usa a palavra Tártaro para denominar o principal rio do inferno; por essa razão, para Varrão, a palavra era de origem grega (VII, 37).²⁶¹ Todavia, o passo, que, em si, apresenta apenas interesse etimológico e toponímico, indica algo importante: que Varrão tinha contato direto com os textos platônicos. O próprio pitagorismo, que por longo tempo fora transmitido oralmente devido às suas características sectárias e secretas, Varrão o conheceu através do platonismo. Os primeiros textos pitagóricos teriam surgido já no tempo de Platão, por interesse deste.²⁶²

²⁶⁰ B. Riposati (Riposati, 1976, p. 67) comenta que, para Cícero, a Academia chefiada por Antíoco seria a segunda Academia (*Accademica posteriora*). Para Riposati, ela teria sido a quinta e a última.

²⁶¹ Segundo M.A.M. Casquero (Casquero, 1990, p. 240), o diálogo IV corresponderia ao *Fédon*, no qual o Tártaro é considerado por Platão não um rio e sim um abismo infernal para onde afluíam todos os rios do inferno. No passo, Varrão explicava a origem da palavra *Tártaro* usada por Platão.

²⁶² P. Boyancé. “L’influence pythagoricienne sur Platon, dans “Filosofia e Scienze in Magna Grecia”. *Atti del quinto convegno di studi sulla Magna Grecia*. Naples, 1966, p. 88-90, *apud* P. Boyancé (Boyancé, 1976, p. 143). Segundo esse autor, como Pitágoras não deixara obra escrita, o conhecimento de sua doutrina traz problemas insolúveis, pois esta era considerada secreta, ensinada somente aos iniciados, admitidos em comunhão, e aos seguidores dos preceitos. Apenas mais tarde, no tempo de Platão, começaram a surgir os primeiros escritos pitagóricos. O que se conhece é a partir dessas fontes, depois de uma longa tradição de transmissão oral, não sendo possível, portanto, ir muito além de conjecturas; cf. H. Diels (Diels, 1968, p. 47).

7.3.3. TESTEMUNHO DE CÍCERO: VARRÃO SEGUIDOR DE ANTÍOCO

Na *Academica posteriora*, Cícero confirma que Varrão era defensor das teses de Antíoco e seu porta-voz em Roma, o que revela uma grande identificação do reatino com o pensamento do mestre grego.

7.3.4. PLATÃO, PITAGORISMO E TEORIA DA *IMPOSITIO*

Antíoco mostrara a influência do pitagorismo em Platão. No *Crátilo*, que especula sobre a origem da linguagem, o dialogante Eutifron é que insiste em que a idéia de um νομοθέτης, sua figura e função na língua, vêm dos pitagóricos. O próprio Cícero lembrava, nas *Tusculanae disputationes*, que essa doutrina — certamente discutida e amadurecida durante o tirocínio junto a Antíoco em Atenas — era pitagórica.²⁶³ Se Cícero, Fílon de Alexandria e Varrão se reportam ao mesmo tópico, é porque o mestre comum dos três o incluía no seu ideário, sobre a origem da linguagem.

7.3.5. ANTÍOCO, AMÁLGAMA ENTRE PLATONISMO, PITAGORISMO E ESTOICISMO: EM BUSCA DO ECLETISMO

Entretanto, é preciso considerar que a influência do platonismo em Varrão se localizava, segundo P. Boyancé, num plano anterior ao da linguagem, isto é, no da filosofia e da teologia, o que se deduz da análise do *Antiquitates diuinae*. Segundo um fragmento dessa obra varroniana conservado no *De ciuitate Dei* de Santo Agostinho, Varrão aproxima a tríade capitolina (Júpiter, Juno e Minerva) aos dois deuses da Samotrácia, Céu e Terra, representados por estátuas (V, 58); num segundo passo, complementa o entendimento dessa tríade por meio de um arquétipo que

²⁶³ Cic., *Tusc.* 1, 62:qui primus, quod summae sapientiae Pythagorae uisum est, omnibus rebus posuit nomina...[...que, por primeiro — porque isto pareceu adequado à grande sabedoria de Pitágoras — pôs nomes a todas as coisas].

“Platão chama de idéias” (*exempla rerum quas Plato appellat ideas*).²⁶⁴ Dessa forma, Júpiter seria o céu (elemento ativo, masculino, **pelo** qual as coisas são feitas), Juno, a terra (elemento passivo, feminino, **do** qual elas são feitas) e Minerva, as idéias (o arquétipo, o modelo **conforme** o qual são feitas). A partir desse tema da filosofia platônica, elaborado a partir de uma “metafísica das preposições” (por, de, conforme), chegou-se à interpretação das idéias como sendo produtos do pensamentos de um deus demiurgo; no *Timeu*, ela evolui para o conceito de um deus supremo e criador (Boyancé, 1976, p. 146). Essa mesma fórmula, segundo P. Boyancé, Fílon de Alexandria desenvolve no seu *De opificio mundi*, no comentário ao *Gênesis*, sobre o Deus Criador. Há, portanto, uma convergência, como já observado, entre Varrão e Fílon de Alexandria em torno do mestre platônico, Antíoco. Assim, Varrão parece fiel àquele que, corrigindo o ceticismo da Nova Academia, reconduzia esta ao dogmatismo; este, segundo P. Boyancé, já é uma característica estóica dentro do platonismo. Concluindo, com Antíoco iniciou-se uma tendência a harmonizar as idéias de Platão com as do estoicismo (dogmatismo), mantendo, ao fundo, um nítido interesse pitagorizante e teológico. Assim, o platonismo, medularmente conciliativo na versão de Antíoco, abria o pensamento varroniano para o ecletismo filosófico.

7.3.6. ELEMENTOS FILOSÓFICOS DO PITAGORISMO, PLATONISMO E ESTOICISMO

O que interessa neste estudo tem sido a verificação das influências que sobrevieram a Varrão precisamente no plano da linguagem. Entretanto, é preciso lembrar que, no mundo grego, a reflexão sobre a língua emanou da filosofia; essa reflexão era como um desdobramento auxiliar. Assim, ela se impregnava do sentido e da terminologia filosófica. O *De lingua Latina* revela esse fato, pois, juntamente com o desenvolvimento dos tópicos etimológicos, flui o pensamento filosófico-teológico varroniano.

²⁶⁴ Aug., *C. D.* VII, 28 (passo em que se encontra o fragmento varroniano das *Antiquitates diuinae* XV, 4, p. 188, 16-24, R. Ahagd). *Apud* P. Boyancé (Boyancé, 1976, p. 146).

A seguir, serão apresentados alguns itens da doutrina filosófico-teológica das três correntes, o pitagorismo, o platonismo e o estoicismo, alojada no pensamento varroniano. Ela já resultava, segundo alguns críticos, da mescla daqueles sistemas. Como Varrão apenas cita ou faz alusões, torna-se difícil indicar com segurança de que escola procedia determinado ponto teórico.

7.3.6.1. JÚPITER E OS ELEMENTOS DA NATUREZA

Segundo Ênio, Júpiter são os elementos do mundo. Eis o verso eniano, citado por Varrão, em que nivela o ser de Júpiter ao do ar, do vento, das nuvens, da chuva e do frio: *...Haece propter Iupiter sunt ista quae dico tibi* [Eis porque estes elementos, dos quais te falo, são Júpiter] (V, 65). Há, portanto, no passo, segundo Boyancé, se não uma identificação, pelo menos uma forte aproximação do deus com os elementos da natureza — no que se delineia uma perspectiva teológica panteísta (Aug., *C. D.* IV, 31 = *Ant. diu.* I, 56, p. 163, *apud* P. Boyancé — Boyancé, 1976, p. 148).

7.3.6.2. ALMA DO MUNDO: O FOGO CRIADOR

A alma do mundo é um princípio ígneo, é o fogo criador: *ignis a nascendo, quod hinc nascitur et omne quod nascitur ignis succendit* [Ignis (fogo) vem de *gnascor* (nascer) porque dele tudo nasce e em tudo que nasce se introduz fogo] (V, 70).

7.3.6.3. RELIGIÃO CÓSMICA; CONCEITO ABERTO DE TEMPLO: O CONTEMPLAR

Templo é conceito desvinculado do de “contrução”. Com efeito, a religião cósmica dispensa templos construídos e estátuas, como diz Varrão: *Templum tribus modis dicitur: ab natura, ab auspicando, a similitudine. Ab natura in caelo, ab auspiciis in terra, a similitudine sub terra* [*Templum* (templo) expressa-se em três aspectos: a partir da natureza, do auspício e da semelhança. O natural localiza-se no céu, o auspicial, na terra, o analógico, sob a terra] (VII, 6). No seguinte passo, Varrão aproxima

a idéia de templo à de contemplar: *Quaqua intuiti oculi, a tuendo primo templum dictum* [Para onde os olhos intuía, isso foi originariamente denominado templo, derivado de *tueri* (contemplar)] (VII, 7).

7.3.7. ANTÍOCO ECLÉTICO: METADE ACADÊMICO E METADE ESTÓICO

Essa aproximação entre platonismo e estoicismo já havia sido atestada por alguns autores antigos e confirmada por modernos. Ei-los:

a) Cícero já considerava Antíoco (seu mestre) meio acadêmico e meio estóico, o que teria também induzido o reatino a essa posição filosófica intermediária, ou seja, eclética (*Acad. post.* I, 3, 12;1, 3);

b) Num fragmento do *Antiquitates diuinae* de Varrão (*Ant. diu.* XVI, 43, R. Ahagd, p. 112), Santo Agostinho comenta que o erudito reatino, na classificação dos deuses, promove Minerva, que era uma deusa terrestre, a uma posição excelsa, “acima dos céus”, na qualidade de causa exemplar (= idéia). Isto significa, segundo P. Boyancé, que Varrão introduz no materialismo e na imanência estóica (= *Minerua* terrestre) a transcendência platônica (= *Minerua* acima dos céus), o que se configura, ideologicamente, como um meio-platonismo, ou também, como um meio-estoicismo;

c) Hipólito atribuía a Platão uma tríade de princípios (ἀρχαί): causa eficiente, material e formal (ou exemplar). Esta última — παράδειγμα — ele designava como “o pensamento de Deus, que Platão chama também de idéia (διάνοια).”²⁶⁵ Cícero já dera notícia sobre essa palavra-chave (διάνοια), vinda de Platão, como aquilo que é sempre idêntico a si próprio.²⁶⁶ Há nisso uma fusão do estoicismo (λόγος = razão, palavra) e do

²⁶⁵ Hyppol., *Philos.* 10, 1 (Diels, *Dox.*, p. 567): τὸ δὲ παράδειγμα τὴν διάνοιαν τοῦ θεοῦ εἶναι...

²⁶⁶ Segundo Cícero (*Acad. post.* II, 30), o intelecto (*mens*) percebe somente *id quod semper esset simplex et ... tale quale esset (hanc illi ιδέαυ appellabant) iam a Platone ita nominatam...*[...aquilo que fosse sempre simples e ... fosse idêntico (a isto chamavam “idéia”), já denominada por Platão com esse nome...]

platonismo (διδάγματα = idéias), cuja origem M. Lafranque atribuía a Panécio e a Posidônio;²⁶⁷

d) O estudioso R. Ahagd, especialista no texto das *Antiquitates diuinae*, também atribuía a fusão do estoicismo com o platonismo a Posidônio de Apaméia;²⁶⁸

e) H. Dahlmann (*apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 37) relaciona os princípios binários pitagóricos com a teoria estóica do κόσμος e conclui que o plano dos livros V (palavras relativas a espaço) e VI (palavras relativas a tempo) repousa sobre um compromisso entre os princípios preconizados por pitagóricos e estóicos, através do platonismo.²⁶⁹

7.4. O ESTOICISMO

O estoicismo, como sistema, apresenta-se no pensamento varroniano de forma consistente, mas evolutiva. Quando, no primeiro vintênio do século I a. C., o mestre Élio Estilão comentava com seu discípulo reatino os princípios da Estoa, fazia-o ciente das adaptações ocorridas em função do crescente entrosamento com outras correntes, principalmente em Rodes, resultando um meio estoicismo. No estudo do platonismo varroniano, no item anterior, procurou-se mostrar que o processo eclético estava em pleno andamento, por iniciativa do platonismo na visão de Antíoco de Ascalona.

²⁶⁷ M. Lafranque. *Poseidonios d'Apamée*. Publications de la Faculté des lettres et sciences humaines de Paris. Paris: série Recherches t. XIII, 1964.

²⁶⁸ R. Ahagd. *M. Terenti Varronis Antiquitatum rerum diuinarum libri I, XIV, XV, XVI*. *Apud* P. Boyancé (Boyancé, 1976, p. 148). Segundo este, o ponto de aproximação é a identificação de Deus com os elementos da natureza.

²⁶⁹ J. Collart (Collart, 1954, p. 37) reproduz a expressão (harmonização) que H. Dahlmann usa a respeito do ecletismo filosófico que se iniciava no mundo grego: "eine Harmonisierung der pythagorischen Lehre mit einer anderen und stoischen."

7.4.1. O ESTOICISMO ORTODOXO: ZENÃO E SUAS INFLUÊNCIAS

Para Varrão, a fonte estoica mais remota é o próprio Zenão de Cício, fundador.²⁷⁰ Varrão cita-o uma vez num contexto cosmogônico do livro V, quando apresenta os dois grandes deuses, o Céu e a Terra, e os associa aos elementos masculino e feminino (V, 58). No passo seguinte (V, 59), o autor dá a palavra a Zenão e, nos subseqüentes, como que naturalmente decorrentes do pensamento zenoniano, Varrão cita versos de Ênio, Pacúvio, Plauto (*comicus*) e Lucílio, envolvendo-os numa série de enunciados de também de teor cosmogônico, sempre marcados pelo dualismo espiritualista estoico. Eis o passo em que Zenão revela suas convicções: o fogo é a própria razão do universo (inteligência), ele é a alma, o princípio germinador dos seres vivos: *Animalium semen ignis is qui anima ac mens* [o germe dos seres animados é esta chama que é alma e inteligência] (V, 59). O próprio Varrão faz a exegese do passo zenoniano, indicando a procedência cósmica desse fogo: *Qui caldor e caelo, quod huic innumerabiles et immortales ignes* [E este calor vem do Céu, porque este detém inumeráveis e imortais fogos] (V, 59). Cita o Epicarmo eniano, para confirmar a origem e a natureza dessa chama: *Itaque Epicharmus cum dicit de mente humana ait: "Istic est de sole sumptus ignis"; idem de sole: "Isque totus mentis est"* [Por isso, Epicarmo, referindo-se à mente humana, diz: "é esta uma chama subtraída do sol"; e referindo-se ao sol: "ele é todo inteligência"] (V, 59). O seguinte verso é de Pacúvio: *Animam aether adiugat* [O éter junte-se à alma]; os dois seguintes são, novamente, de Ênio, que afirma: *"terram corpus quae dederit, ipsam/carpere, neque dispendi facere hilum"*...[a terra mesma volta a apropriar-se da substância que ela produzira e não deixa que nada se desperdice"] (V, 60). E Varrão interpreta: *Animae et corporis discessus...exitium; cum in unum ineunt, initia* [A separação de alma e corpo é morte; ...quando se fundem em uma unidade, dão lugar ao nascimento] (V, 60). Mais adiante é a vez de Plauto, que diz: *"Huic uictrix Venus, uidesne haec?"* [Para ele Vênus é uma vencedora, entendes?] (V, 62). E interpreta: *Non quod uincere uelit Venus,*

²⁷⁰ Cício em Chipre. O fundador do estoicismo, nascido em 336 a. C., chegara a Atenas em 313 e morrera em 262.

sed uincire [Não porque Vênus queira vencer (*uincere*); ela quer é atar (*uincire*= enlaçar, unir)]. E interpreta: ...*Tellus enim quod prima uincta Caelo, Victoria ex eo* [Pois a Terra foi a primeira a experimentar os amplexos (*uincta*) do Céu, daí o nome *Victoria*] (V, 62). A seguir, no contexto em que se diz que Vênus é a força da natureza, nascida da espuma pela união de uma semente de fogo do céu com a umidade do mar (*coniunctione ignis et humoris*), Varrão transcreve os versos de Lucílio: *Vis est uita, uides, uis nos facere cogit* [A vida é força, vê; ela é força que nos compele a agir] (V, 63). Nesse mesmo tom cosmogônico-espiritualista, Varrão realiza uma vasta associação semântica entre *Caelum* - *Saturnus* - *satus* e *Terra* - *Ops* - *mater*: *et ideo dicitur Ops mater, quod terra mater* [E por isso se diz que *Ops* (=abundância) é mãe, porque a terra é mãe] (V, 64). E assim prossegue o raciocínio varroniano não, talvez, numa rígida dialética linear, mas, antes, circular, como quem, contornando um jardim, colhe dos poetas latinos os versos mais significativos para expressar idéias antitéticas e simultaneamente conciliadoras: Céu e Terra, masculino e feminino, elemento ativo e passivo, fogo e água, calor e frio, *secura* e *umidade*, *morte* e *nascimento*, *alma* e *corpo*, *satus* e *mater*, *Saturnus* e *Ops* etc. Esse propósito conjuntivo repercute na teoria varroniana da linguagem, quando, por exemplo, o autor busca um ponto de equilíbrio em questões lingüísticas: plano histórico-evolutivo e plano sistemático da língua (*diacronia/sincronia*), uso e norma (*consuetudo/vóμος-ratio*), nome e coisa (*uerbum/res*), natureza e convenção (*φύσις/θέσις*), imposição e flexão (*impositio/declinatio*), irregularidade e regularidade (*anomalía/analogia*). Verifica-se, pois, uma forte presença do estoicismo no texto varroniano, a partir das idéias do grande mestre da escola, Zenão.

7.4.2. CLEANTO

Sabe-se que a partir de Zenão de Cício, a *Stoa* ortodoxa fora liderada, na linha sucessória, pelo fiel discípulo Cleanto de Asso (331 - 232 a. C.). Cleanto é citado uma vez em V, 9, num contexto em que Varrão confronta a doutrina daquele mestre estóico com a do alexandrino Aristófanes. Esse passo deve ser interpretado no sentido de que Varrão procura conciliar a visão lingüística dos estóicos (a língua como fato histórico, diacrônico,

anômalo, avesso à sistematização) com a dos alexandrinos (a língua como fato a-histórico, sincrônico, analógico, regulado por um sistema): *quod non solum ad Aristophanis lucernam, sed etiam ad Cleanthis lucubraui* [porque passei noites estudando à luz não só de Aristófanes, mas também de Cleanto] (V, 9).

7.4.3. CRISIPO DE SOLE E OUTROS

Diz-se que, sem ele, não haveria estoicismo. Com os nomes de Zenão e Cleanto, ele perfaz o tripé do Pórtico. Trata-se de Crisipo de Sole (280 - 207 a. C. - Cilícia). Ele era a medula dialética da escola, marcara-a com o espírito de sistema e dogmatismo. Varrão cita-o cinco vezes. Num contexto de elogios, Crisipo — juntamente com Antípatro de Tarso, outro líder estóico — é considerado perito em palavras relacionadas com o tempo (tempos verbais): *Huius rei auctor satis mihi Chrysippus et Antipater*. [Nesta matéria é para mim autoridade bastante Crisipo, como também Antípatro] (VI, 2).²⁷¹ No passo VI, 11, há a etimologia de *aeuiternum* evoluída para *aeternum*, que os gregos chamavam de αἰών e Crisipo desdobrara em ἀεὶ ὄν = o sempre existente. Em VI, 56, há o verbo *loqui*; para Crisipo, falar não é apenas colocar palavras. O enunciado é algo mais, pois que vem dirigido por uma intenção: *Igitur is loquitur qui suo loco quodque uerbum sciens ponit* [Portanto, “fala” quem coloca cada palavra em seu lugar correspondente, de forma consciente]. Em IX, 1, Crisipo volta a ser elogiado como *homo acutissimus* [um homem perspicaz]. Varrão defende-o, pois, a seu ver, apesar de ter escrito três livros Περὶ ἀνωμαλίας [Sobre a anomalia], Crisipo é mal interpretado pelo próprio confrade, o estóico Crates de Malos. Finalmente, em X, 59, Varrão comenta um tópico simples da metodologia crisipiana: uma coisa se desdobra de outra (*pater ex filio et filius ex patre*), idéia fundamental na teoria da flexão derivativa.

²⁷¹ Neste mesmo passo (VI, 2), Varrão diz que num segundo plano de competência (*si non tantum acuminis* [se não de tanta agudeza de espírito] vêm, após Crisipo e Antípatro, os alexandrinos Aristófanes e Apolodoro.

Depois de Crisipo, lideraram o Pórtico, seqüencialmente, Zenão de Tarso, Diógenes de Selêucia (Babilônio)²⁷² e Antípatro de Tarso, tendo sido este último (acima mencionado, cf. VI, 2) mestre de Panécio de Rodes, que iniciará o meio-estoicismo.

7.4.4. A ESCOLA DE PÉRGAMO: CRATES DE MALOS

No *De lingua Latina*, Crates de Malos surge como o introdutor oficial do pensamento estóico em Roma. Varrão envolve-o num clima veladamente negativo, como mau intérprete de Crisipo, como visto acima. No início do segundo século, Crates se encontrava no Pórtico, em Atenas, estudando o estoicismo com Diógenes de Selêucia, ou Babilônio.²⁷³ Posteriormente, Crates liderou a escola estóica em Pérgamo. Entre 172-171 a. C., fora a Roma como embaixador. Segundo Suetônio (*De gramm.* 2), Crates aí introduzira²⁷⁴ os estudos gramaticais e, juntamente, a polêmica sobre a anomalia e a analogia (Cavazza, 1981, p. 114). Diretor da biblioteca de Pérgamo e herdeiro das posições de Crisipo através de Diógenes, Crates defendia os princípios anomalistas patrocinados pela escola estóica pergamena, cuja direção ocupava. Era contemporâneo de Aristarco de Samotrácia, um dos seus oponentes. Junto com Antípatro, fora também mestre de Panécio. Crates é citado no *De lingua Latina* em três lugares: VIII, 64 e 69 e IX, 1. Nos dois primeiros, ele aparece envolvido numa polêmica com Aristarco. Em IX, 1, Varrão o reconhece como *nobilis*

²⁷² Segundo R. G. Kent (Kent, 1936, p. 64-82), Crates fora enviado a Roma na qualidade de embaixador. Na época estavam também lá Carnéades e Critolaus, representantes, respectivamente, da Academia (Nova) e do Liceu.

²⁷³ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 7) considera que quando Crates, no início do segundo século a. C., veio estudar filosofia em Atenas, Diógenes da Babilônia liderava a escola estóica, havendo, portanto, a probabilidade de este ter sido seu mestre.

²⁷⁴ Crates viera a Roma como embaixador de Pérgamo, entre 172 -171 a. C. Depois de um acidente em que fraturara a perna, fora obrigado a ficar em Roma. Enquanto se recuperava, fazia conferências filológicas que despertaram o interesse de muitos romanos para o estudo da linguagem.

grammaticus [eegrégio gramático], mas não deixa de fazer sua ironia: *Insignis eorum est error qui malunt quae nesciunt docere quam discere quae ignorant ...* [Extraordinário é o erro daqueles que preferem ensinar o que não sabem a aprender o que ignoram ...] (IX, 1). No contexto, o autor, discretamente a favor da analogia, ironiza a incompetência de Crates, que teria vindo a Roma para ensinar algo que ignorava, já que não soubera interpretar nem o próprio comparsa estóico, Crisipo, nem o rival alexandrino, Aristarco. Assim, Varrão censurava o “*nobilis grammaticus*” por seu radicalismo anomalista (estóico-ortodoxo) como um obstáculo à sua tese de conciliação entre analogia e anomalia.

7.4.5. O MEIO-ESTOICISMO: PANÉCIO E POSIDÔNIO

Sob a liderança de Panécio de Rodes (185 - 110 a. C.), o estoicismo ortodoxo passa à sua segunda fase, o meio-estoicismo.²⁷⁵ Caracterizou-se este pela perda de rigidez doutrinária, ou seja, pela aceitação de certo ecletismo resultante do aporte de teorias peripatético-acadêmicas.²⁷⁶ Na teoria do conhecimento, o médio-estoicismo equalizava dois extremos, a certeza estóico-ortodoxa e o ceticismo da nova Academia, interpondo o conceito da probabilidade.²⁷⁷ Discípulo de Antípatro em Atenas e de Crates

²⁷⁵ Segundo J. Brun (Brun, 1959, p. 7 *et seqs.*), o estoicismo difundiu-se *pari passu* com a helenização, atingindo centros culturais como Pérgamo, Alexandria, Rodes e, finalmente, Roma, onde Panécio (juntamente com o historiador Políbio) entrou em contato com um bom número de romanos de projeção, entre eles, Múcio Cévola (jurista), Élio Estilão (filólogo e mestre de Varrão, Cícero e Nigídio) e sobretudo Cipião Emiliano (demolidor de Cartago e cônsul). No cenáculo de intelectuais criado pelos Cipiões, Panécio instilava a doutrina médio-estóica, agora pautada por um humanismo racional e universalista que teve, não obstante resistências, boa aceitação por parte dos romanos — precisamente pragmáticos e expansionistas.

²⁷⁶ Na teoria do conhecimento o médio-estoicismo colocava a probabilidade entre a certeza estóica ortodoxa e o ceticismo da Nova Academia. Esse meio-termo reflete-se em Varrão que, por várias vezes, negando a premissa estóica, declara que a etimologia não consegue chegar à origem verdadeira de todas as palavras.

de Malos,²⁷⁸ Panécio, considerado o iniciador do médio estoicismo, difundira-o junto à aristocracia romana, como ilustre hóspede em Roma, participando, entre 146 e 140 a. C., do círculo filosófico-literário liderado pelo influente amigo Cipião Emiliano.

O sucessor de Panécio fora Posidônio de Apaméia (135 a 50 a. C.), contemporâneo de Varrão. Era um dos líderes do pensamento filológico elaborado em Rodes. A importância de Posidônio estava em que, agregando elementos do platonismo e do aristotelismo, consolidava o médio-estoicismo e promovia sua difusão no mundo romano, mediante o contato com nomes importantes como Mário, Cícero e Pompeu. No texto supérstite do *De lingua Latina*, não se encontra referência nem a Panécio nem a Posidônio. Mas é certo que, de ambos, Varrão recebera influências, através de Élio Estilão, pois este já estivera em Rodes pelo ano 100 a. C. e aí conhecera a posição intermediária dos filólogos de Rodes.²⁷⁹

7.4.6. ESCOLAS DE PÉRGAMO, ALEXANDRIA E RODES: SINCRETISMO

Os filósofos helenistas, alinhados ao movimento estóico e depois ao médio-estóico, foram os que mais se dedicaram aos estudos da etimologia e da gramática, devido ao impulso inicial dado por Zenão, interessado no esclarecimento dos problemas da linguagem. A reflexão filosófico-lingüística dentro do estoicismo vinha, pois, do Pórtico, em Atenas. A partir daí difundiu-se para o mundo helenístico, atingindo os três principais centros orientais de estudos: Pérgamo, Alexandria e Rodes. Em meados do século II a. C., aportavam em Roma os reflexos desse esforço intelectual. Recapitulando, eis os nomes dos mentores, pela sucessão e

²⁷⁷ Posidônio, que chegava a Roma em 86 a. C., fora amigo de Pompeu e mestre de Cícero. A crítica considera cada vez mais relevante sua influência médio-estóica no meio romano.

²⁷⁸ J. Brun (Brun, 1959, 20), F. della Corte (Della Corte, 1937, 68) e J. Collart (Collart, 1954, p. 9) comentam essa influência intelectual de Antípatro e Crates sobre Panécio.

²⁷⁹ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 69), Élio Estilão não teria conhecido Panécio.

lugar de atuação: Zenão (o primeiro filósofo que se dedicara, com persistência, a compreender a estrutura da língua),²⁸⁰ Cleanto, Crisipo, Diógenes da Babilônia, Antípatro, todos esses estabelecidos em Atenas. Os sucessores chegaram a fazer incursões a Roma: Crates de Malos (Atenas, Pérgamo e Roma), Panécio (Rodes, Atenas e Roma), Posidônio (Rodes e Roma), Élio Estilão (Rodes e Roma) e, finalmente, Varrão (Atenas e Roma). Assim, o reatino tornou-se o ponto de convergência privilegiado na captação da herança do pensamento estóico. Entretanto, e graças ao caminho do ecletismo apregoado pelo mestre acadêmico Antíoco, Varrão pôde também conservar sua autonomia para realizar a síntese própria de toda a tradição elaborada em torno da etimologia e da gramática. Dos nove líderes estóicos, Varrão deixa de citar (nos livros supérstites do *De lingua Latina*) apenas três: Diógenes, Panécio e Posidônio. Resta analisar, nessa esteira de influências estóicas sobre o reatino, o último e decisivo influxo, exercido agora por um lingüista itálico: Élio Estilão.

7.4.7. LÚCIO ÉLIO ESTILÃO PRECONINO: FONTE IMEDIATA E TUTOR

Ele é apontado como mestre e fonte imediata de Varrão. Inicialmente, sua fama veio da produção de peças oratórias, embora não fosse orador.²⁸¹ Essa atividade, segundo Suetônio (*Gramm.* 4), mostra o liame entre oratória e gramática em função do aperfeiçoamento da prosa artística latina. Áccio dedicara-se principalmente à poética de tradição eniana e à

²⁸⁰ Segundo F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 27), no *Crátilo* Platão havia colocado um problema e indicado um caminho, mas praticamente desistira de ver na etimologia um método científico de estudar a língua. Foram os estóicos que insistiram e se esforçaram por aperfeiçoá-lo e desenvolvê-lo, principalmente no aspecto prático da teoria lingüística.

²⁸¹ Segundo Suetônio (*De gramm.* 2), Élio escrevia peças oratórias para outros; ele mesmo não exercia a oratória: *...Stilo, quod orationes nobilissimo cuique scribere solebat* [porque costumava escrever peças oratórias para nobres]; Cícero confirma: *scribebat orationes quas alii dicerent* [escreveu discursos para que outros pronunciassem] (*Br.* 206); *scriptitavit orationes multis, orator ipse nunquam fuit* [escreveu discursos para muitos; ele mesmo nunca foi orador] (*Br.* 169).

tragédia. Élio, na linha do estoicismo, cultivara a prosa histórico-religiosa (estudo sobre os *Carmina Saliaria*, que Varrão julgou insatisfatório — VII, 2), a prosa histórico-jurídica (*XII Tabulae*) e o glossário etimológico (Ἑτυμολογικόν).²⁸² Em 100 a. C., Élio estava em Rodes, acompanhando o amigo Cecílio Metello Numídico, jovem orador, que, perseguido pelo ódio político, fora deportado para Rodes (Della Corte, 1937, p. 62). Élio transformou o ostracismo solidário numa *tournée* literária. Aí conheceu o pensamento de Apolônio de Rodes (295 - 215 a. C.), fundador da escola ródia; também aí teve contatos com Mólou²⁸³ e com Dionísio Trácio, autor da Τέχνη γραμματική.²⁸⁴ Os dois primeiros representavam a vigência da prosa do aticismo clássico. Dionísio, discípulo de Aristarco, absorvera os conteúdos filológicos alexandrinos (Della Corte, 1937, p. 67). A escola de Rodes tornara-se famosa principalmente pelo estudo da retórica e pelo seu sincretismo. Seus mentores procuravam conciliar os cânones retóricos do asianismo pergameno com os do aticismo alexandrino, realizando uma terceira tendência, a ródia. Assim, o retorno de Élio Estilão a Roma com a bagagem doutrinária ródia foi tão importante para a cultura em Roma quanto fora a vinda de Crates. A obra eliana, insenta de preconceitos filológicos, não tinha finalidade apologética (Della Corte, 1937, p. 69). A mobilidade da língua, seu eterno devir e a impossibilidade de ser sistematizada haviam sido postulados do primeiro estoicismo lingüístico, de inspiração agnóstica. Agora, influenciado pelo sincretismo rodesiano, Élio adotara critérios intermediários, tanto aristarqueus quanto cratesianos, ao exemplo de Dionísio Trácio (Della Corte, 1937, p. 73). É este o perfil de Élio Estilão, admirador de Plauto, de cujas comédias fizera um índice (*Indices Plautini*): apreciador do provincialismo itálico, pesquisador dos arcaísmos lingüísticos, enfim, conservador e fundador da ciência

²⁸² J. Collart (Collart, 1954, p. 277) cita H. Dahlmann, segundo o qual Varrão trabalhara sobre esse *Etimologikón* estóico, traduzido ou adaptado por Élio. (Cf. também F. della Corte — Della Corte, 1937, p. 72).

²⁸³ Conforme F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 65), Mólou, com quem Cícero e César estudaram retórica, era gramático e interpretava os textos de Homero.

²⁸⁴ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 67), a Τέχνη dionisiana fora original enquanto primeira tentativa de produzir uma gramática normativa grega.

etimológica em Roma (Della Corte, 1937, p. 56 e 71). Varrão, como discípulo, absorvera essa influência, não sem crítica. Cita-o em oito passos, geralmente com a finalidade de se amparar nas suas etimologias. Ei-los: V, 18: *Caelum dictum scribit Aelius, quod est caelatum, aut, contrario nomine, celatum quod apertum est*. [Élio escreve que o céu (*caelum*) se denomina assim porque está cinzelado (*caelatum* = gravado ou esculpido a cinzel); ou, por antífrase, porque está oculto (*celatum*)];²⁸⁵ V, 21: *Terra dicta ab eo, ut Aelius scribit, quod teritur* [Terra é assim denominada porque, como escreve Élio, é pisada]; V, 25: *...nisi potius, ut Aelius scribit, puticuli quod putescebant ibi cadauera proiecta* [a não ser que, preferivelmente, *puticuli* (tumbas) tenha esse nome, como escreve Élio, pelo fato de apodrecerem os cadáveres ali atirados]; V, 66: *Aelius Dium dicebat Diouis filium* [Élio afirmava que *Dius Fidius* era *Diouis filius* (filho de Júpiter)]; V, 101: *Volpes, ut Aelius dicebat, quod uolat pedibus* [Volpes (raposa) assim se chama porque, como dizia Élio, voa com seus pés]; VI, 7: *Intempestam Aelius dicebat cum tempus agendi est nullum* [Élio dizia que *intempestas* era o período de tempo impróprio para desenvolver qualquer atividade]; VI, 59: Varrão faz referência ao convívio com o mestre em torno dos problemas lingüísticos: *...mea memoria ut Aelius sic senes aliquot, nimium nouum uerbum quod esset, uitabant...* [Lembro-me de que Élio e alguns outros anciãos evitavam seu emprego (isto é, da palavra *nouuissimum* no lugar de *extremum* = o mais recente), por ser uma palavra demasiadamente moderna]; em VII, 2, elogia-o por seus esforços exegéticos, atribuindo certo insucesso na análise dos *Carmina Saliorum* às dificuldades próprias da etimologia de termos arcaicos: *Aelii hominis in primo in litteris Latinis exercitati interpretationem Carminum Saliorum uidebis et exili littera expeditam praeterita obscura multa* [Poderás observar que a interpretação do *Canto dos sális* de Élio, um investigador de primeira categoria na literatura latina, foi realizada, do ponto de vista literário, de forma fraca e que muitos detalhes, devido à obscuridade, foram deixados de lado] (VII, 2). Era complexo e confuso, em Roma, o

²⁸⁵ M.A.M. Casquero (Casquero, 1990, p. 14, n. 22) anota problemas paleográficos nesse passo.

quadro da produção lingüístico-literária latina, como reconhece o próprio F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 77). Esse autor esclarece sobre a existência de três partidos: um de tendência arcaizante; outro, revolucionário e inovador; e o terceiro, intermediário, mesclando o novo com o velho. Sob o ângulo da oratória, havia os asianistas, os neoáticos e os ródios, distinção puramente oratória, mas que pode ser estendida a outras atividades literárias. De todo modo, a assimilação do espírito ródio e sua transposição para Roma fora a grande inovação de Élio Estilão, comparável, como já se disse, à presença de Crates nos anos 172-171 a. C. A ressonância, porém, do esforço eliano realizado no início do século I a. C. não foi imediata. Só nos meados deste é que apareceram os frutos, consubstanciados nas obras de seus discípulos Nigídio Fígulo, Cícero e Varrão, notadamente desses dois últimos, pois que eram adeptos definidos do ecletismo. De Varrão, que interessa no caso, são os 41 livros do *Antiquitates humanae et diuinae*, o *De lingua Latina* e outras tantas obras, verdadeiras sumas. Nelas Varrão teve a oportunidade de sistematizar os estudos históricos, os dados relativos ao antiquário romano, os avanços filológico-gramaticais e, mais para o final, os filosóficos. Através delas é que Varrão pôde também aquietar dúvidas estabelecer definições, depois de um século de experimentos.

7.5. A ESCOLA DE ALEXANDRIA

Varrão cita vários escolarcas de Alexandria, que, como se tem afirmado, insistiam no caráter sistêmico da língua, em oposição aos estóicos. Têm-se, pois, de um lado, os já comentados componentes da linha estóico-ortodoxa de Atenas continuada pela escola de Pérgamo, cujo representante era Crates. Do outro, pontificava a escola de Alexandria, com seus representantes citados por Varrão: Aristófanes de Bizâncio, Apolodoro de Atenas, Aristarco, Hipsícrates. Aristófanes é citado em V, 9 como oponente de Cleanto. Em VI, 2, juntamente com Apolodoro de Atenas, ele aparece em contraposição a Crisipo e Antípatro. Em IX, 12, Varrão defende Aristófanes como observador das regras gramaticais: *Aristophanes improbandus, qui potius in quibusdam ueritatem quam consuetudinem secutus?* [Há de se criticar Aristófanes por ter preferido, em certos casos,

ater-se à norma correta a seguir o uso vigente?]. Em X, 68, Aristófanes é considerado criador da perfeita analogia. Apolodoro de Atenas, como já comentado, é citado uma vez, juntamente com Aristófanes (VI, 2).²⁸⁶ Apolodoro vinculava-se também à filosofia estóica, como discípulo de Diógenes da Babilônia. Aristarco (216 - 144 a. C.) e seus seguidores, os *aristarchei*, são os mais citados. Sobre estes há sete referências no texto varroniano. Em VIII, 63 e 68, aparecem em franca polêmica com os anomalistas e com Crates: *Reliquitur de casibus in quo Aristarchei suos contendunt neruos*: [Resta tratar dos casos a propósito dos quais os aristarqueus retesam “as cordas de seus arcos = “os seus nervos/músculos”] (VIII, 63). Em IX, 1, Varrão, rechaçando o radicalismo de Crates, considera Aristarco analogista moderado, pois que, para o filólogo alexandrino, a analogia vigora até onde o uso permite. Em IX, 43, Varrão ridiculariza os que acham Aristarco irresponsável e em IX, 91, defende-o das críticas dos anomalistas. Em X, 16, e X, 42, vê em Aristarco um atento estudioso das legítimas relações de semelhanças na língua.

Hipsícrates, outro estudioso alexandrino, é citado em V, 88. Varrão apresentara a etimologia segundo a qual *cohors* (pátio), numa granja, assim se chama porque em torno desse local se reúne o gado (*cooriri*). E comenta que, não obstante, Hipsícrates²⁸⁷ afirmava que *cohors* vinha do grego, χόρτος. Sabe-se que os alexandrinos, inclusive Hipsícrates, tendiam a ver no latim uma língua derivada do grego, especialmente do dialeto

²⁸⁶ M.A.M. Casquero (Casquero, 1990, p. 140) confirma que Apolodoro de Atenas, contemporâneo de Antípatro de Tarso, era, simultaneamente, seguidor dos ensinamentos gramaticais alexandrinos (como discípulo de Aristarco) e da filosofia estóica (como discípulo de Diógenes da Babilônia).

²⁸⁷ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 90 e , 114) comenta que Hipsícrates era um gramático da época de Sila, mencionado por Aulo Gélcio (N. A. 16, 12, 6). Ele teria sido o primeiro a formular a teoria lingüística da filiação do latim ao grego. Varrão, Dionísio de Halicarnasso, Quintiliano e outros tendiam a interpretar o latim como uma língua mista, com prevalência do eólio. Dionísio de Halicarnasso dizia que os romanos não falavam uma língua inteiramente bárbara; não falavam também verdadeiramente o grego, mas algo intermediário entre os dois (D.H., *Ant. Rom.* I, 90, 1, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 207).

eólico. Varrão cita ainda outros gramáticos alexandrinos, como Dionísio Sidônio, Arístocles de Rodes e Parmenisco (X, 10).²⁸⁸ Alude aos alexandrinos como *aristarchei*, “aristarquianos”, alinhados, pois, à tese da analogia (VIII, 63). Em X, 75, juntamente com Arístocles, Varrão refere-se a mais dois gramáticos, Arístreas e Aristodemo, pouco conhecidos; pelo contexto, parecem ser analogistas, ligados à escola de Alexandria.²⁸⁹

7.6. PERIPATÉTICOS

Embora o aristotelismo fosse menos conhecido em Roma, exerceu também influências sobre Varrão.

7.6.1. ARISTÓTELES

Varrão cita Aristóteles duas vezes. Na primeira, ele transcreve um verso do *Truculento* de Plauto, em que surge a palavra *praefica* (carpideira) num tom jocoso (VII, 70);²⁹⁰ diz que, conforme Aurélio Opilo,²⁹¹ *praefica* era a mulher que se postava num bosque; ali era

²⁸⁸ M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 420) comenta que Dionísio Sidônio e Parmenisco foram gramáticos, discípulos de Aristarco e que Arístocles de Rodes foi gramático contemporâneo de Varrão. Cf. também R. G. Kent (Kent, 1957, p. 540, n. b; p. 542 n. d.).

²⁸⁹ F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 27, n. 28 e p. 90, n. 122) lembra, entre alexandrinos não citados por Varrão, o nome de Filosseno de Alexandria, gramático contemporâneo do reatino. Filosseno escrevera *περὶ τῆς τῶν Ῥωμαίων διαλέκτου*; de acordo com a visão gramatical alexandrina, ele considerava o latim como um dialeto grego (G.R.F. fr. 1-12, p. 443-6, A. Funaioli) e aplicava o método analógico à declinação e à derivação das palavras.

²⁹⁰ Plaut., *Truc.* 495: *Sine uirtute argutum ciuem mihi habeam pro praefica* [para mim, um indivíduo muito arguto e sem coragem, é uma carpideira].

²⁹¹ M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 250) comenta o fato de que Varrão cita, por várias vezes e com elogios, Aurélio Opilo (VII, 65, 67, 79 e 106). Ele fora filósofo, gramático e *rhetor*. Ensinava e mantinha escola de gramática e oratória em Roma nos começos do século I a. C. Mas dissolveu-a, para, como fizera Élio Estilão, acompanhar a seu amigo P. Rútílio Rufo, condenado ao exílio em 92 a. C. (Suet., *De gramm.* 6). Aurélio residiu em Esmirna, onde publicou diversas obras,

contratada (*conduceretur*)²⁹² para cantar, diante da casa da família (*ante domum*), elogios ao falecido (*quae...eius laudis caneret*). Nesse contexto, e para confirmar a etimologia — explicada e desenvolvida juntamente com um detalhe do antiquário romano —, Varrão cita Aristóteles e sua obra *Νόμιμα βαρβαρικά*, onde o estagirita confirma ser esse um uso generalizado (de carpir nas exéquias): ...*Hoc factitatum Aristoteles scribit in libro qui inscribitur Νόμιμα βαρβαρικά* [Aristóteles escreve, no livro intitulado *Costumes estrangeiros*, que era praxe fazer isso]. A seguir, cita Névio como testemunho desse registro, porque também ele usara a palavra na sua comédia *Fretum*. Finalmente, Varrão cita Sêrvio Cláudio (Clódio),²⁹³ que também faz uso do vocábulo, e conclui que *praefica* vem de *praefectio* (ação de pôr-se à frente, uma vez que, segundo Cláudio, era também chamada *praefica* a mulher...*quae praeficeretur ancillis, quemadmodum lamentarentur* [...que comandava as criadas para ensinar-lhes de que modo iriam se lamentar]).²⁹⁴

entre as quais *Musae* e *Pinax*, em que, provavelmente, incluía uma catálogo das obras de Plauto.

²⁹² M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 260) comenta que esse bosque ficava perto do templo de Vênus Libitina, onde se concentravam os agentes funerários.

²⁹³ Segundo Suetônio (*De gramm.* 3), Sêrvio Cláudio era um gramático, contemporâneo de Varrão, genro e colaborador de Élio Estilão. É citado no *De lingua Latina*, em VII, 66, 70 e 106.

²⁹⁴ É interessante notar como em torno da etimologia de um termo de uso poético (*praefica* = carpideira) Varrão envolve vários e ilustres nomes: dois poetas, Plauto e Névio, dois gramáticos, Aurélio Opilo e Sêrvio Cláudio e um filósofo, Aristóteles. O passo de Plauto é documentado em *Truc.* 495, visto em nota anterior; o de Opilo, no *Grammaticae Romanae Fragmenta (G.R.F.)*, p. 90, de H. Funaioli; o de Aristóteles, no fr. 604, Rose, p. 367; o de Névio, no *Comicorum Romanorum Fragmenta (C.R.F.)*, O. Ribbeck, Teubner, 1898, 3 ed., p. 129; o de Sêrvio Cláudio, no *G.R.F.*, p. 98. Entretanto, não se sabe se Varrão teve conhecimento do texto da obra de Aristóteles (*Νόμιμα βαρβαρικά*) ou se soube de sua existência através de Névio (*quibus testimonium est...*). O que se pode observar é o cuidado com que Varrão se documenta para se pronunciar sobre o valor de uma palavra — o que revela uma preocupação científica.

Pela segunda vez, em VIII, 11, Varrão cita Aristóteles. Antes, faz uma menção a Dion,²⁹⁵ que dividia o discurso em três partes (*partes orationis*): as que têm casos, as que têm tempos e as que não têm nem casos nem tempos (= declinadas, conjugadas e invariáveis).²⁹⁶ A seguir, e em contraste com Dion, Varrão informa a posição de Aristóteles: *De his Aristoteles orationis duas partes esse dicit: uocabula et uerba, ut homo et equus, et legit et currit* [Dessas três partes (de Dion), Aristóteles afirma que só duas delas pertencem ao discurso: os nomes e os verbos, como *homo et equus* (homem e cavalo) e *legit et currit* (lê e corre)].²⁹⁷ Nos percalços da influência de Aristóteles sobre o reatino, verifica-se que a noção de flexão já constava nas obras de Aristóteles (Collart, 1954, p. 164). Sob o nome de *πτῶσις* (casos), Aristóteles englobava os fatos que Varrão denomina *declinatio*, ou seja, a derivação, a conjugação e a declinação propriamente dita.

7.6.2. TIRÂNIO

Esses dois passos examinados referentes a Aristóteles mostram um influxo aristotélico apenas circunstancial. A influência aristotélica profunda teria vindo principalmente através de Rodes que, segundo W. Belardi (Belardi, 1976, p. 297), era o ponto de encontro de estóicos, alexandrinos e peripatéticos. Desses últimos, o grande representante em Roma foi Tirânio,²⁹⁸ discípulo (com Élio Estilão) de Dionísio Trácio, autor

²⁹⁵ Trata-se de um erudito alexandrino, que fora embaixador em Roma em 56 a. C. (cf. M. A. M. Casquero — Casquero, 1990, p. 298).

²⁹⁶ Há, portanto, um forte comprometimento entre forma e função, ou seja, entre a flexão da palavra e sua função no enunciado; o conceito de “*oratio*” parece ainda não bem definido como unidade mínima do discurso, pois oscila entre *palavra* e *oração*.

²⁹⁷ Arist., *Rhet.* III, 2, 1404 b. II); o passo parece uma referência aos componentes mínimos da frase, segundo Aristóteles; na verdade, o estagirita distingue quatro partes do discurso: além dos nomes e dos verbos, ele apresenta as conjunções e as preposições ou articulações (Arist., *Poet.* XX, 1456 b.).

²⁹⁸ Y. Lehmann (Lehmann, 1988, p. 179) considera que a fonte de informações sobre Tirânio é Andronicos de Rodes (que era o 11.º escolarca do Liceu e que em torno

da Τέχνη γραμματική. Tirânio era gramático, filólogo, bibliotecário e pedagogo em Rodas, além de conhecedor especializado das obras de Aristóteles. Tirânio escrevera um livro sobre as partes do discurso, um tratado sobre as semelhanças entre o latim e o grego e um outro sobre os acentos (Περὶ προσῳδιῶν).²⁹⁹ Pelo patrocínio de Murena, por sua própria erudição fundada em Aristóteles e projeto de difundir em Roma obras e teorias do estagirita até então desconhecidas,³⁰⁰ Tirânio foi bem acolhido pela aristocracia romana, fazendo amigos como Varrão, César, Cícero e

de 60 a. C. preparava a 1.^a edição das obras de Aristóteles). Tirânio se chamava, na realidade, Teofrasto de Amisos (cidade do Ponto, onde nascera no começo do século I a. C.). Recebera de seu mestre o cognome de Tirânio por causa de seu comportamento agressivo com os colegas de estudo. Em Rodas, Tirânio conhecera a biblioteca do peripatético Apellicon de Teos, rica em obras de Aristóteles, inclusive as “exotéricas”, que constituíam o *corpus* do *Aristóteles perdido*. Depois da destruição de Amisos em 71 a. C., Tirânio, como prisioneiro de guerra na campanha contra Mitridates liderada por L. Licínio Luculo, fora trazido, por este, para Roma em torno de 68 a. C. e vendido a L. Licínio Murena, que logo o alforriou. Liberto, Tirânio foi bem acolhido no meio romano, por conhecer Aristóteles e fazer copiar e publicar escritos do estagirita, até então conhecidos somente no Liceu. Entretanto, a atividade científica de Tirânio não se limitava à propagação das obras aristotélicas, nas quais se explicava o sistema organizado e hierarquizado do universo. Ele era *grammaticus*, *librarius* e professor, com a tarefa de iniciar os filhos da elite de Roma na compreensão dos textos fundamentais da cultura greco-romana. Tirânio foi amigo de Varrão, que o conheceu por volta de 60 a. C. Por intermédio de Murena, Tirânio se tornou familiar de eminentes representantes da aristocracia romana, como César, Ático, Cícero, além de Varrão.

²⁹⁹ Y. Lehmann (Lehmann, 1988, p. 183) observa que esse seria um título conjectural de um tratado geral da acentuação; seria também fonte direta da obra gramatical varroniana, o *De sermone Latino ad Marcellum*.

³⁰⁰ Segundo Y. Lehmann (Lehmann, 1988, p. 179), o aristotelismo era tido pelos romanos como uma “filosofia árdua e técnica que não saíra do quadro estreito da escola que a professava”. Cf. J. Blaensdorf (Blaensdorf, 1988, p. 141-47) que associa os métodos da escola de Alexandria à orientação peripatética. Cf. também F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 95) que informa que muitos textos de Aristóteles e Teofrasto se encontravam na biblioteca de Alexandria, desconhecidos do próprio Peripato. O longo e paciente trabalho de recuperação e edição desses escritos, que já estavam em condições precárias, fora feito por Tirânio.

Ático, do qual era conselheiro.³⁰¹ É possível também que tenha incentivado César a criar a biblioteca de Roma e a confiar à competência do erudito Varrão — embora antigo pompeano — sua direção.

7.6.2.1. O ACENTO INTERMEDIÁRIO

Em filologia e gramática, Tirânio teve influência imediata sobre Varrão nos seguintes pontos: leitura e exegese dos textos poéticos, maior rigor no estabelecimento de textos, o que ocorreu principalmente em referência às comédias de Plauto, e uma teoria de “acento intermediário” (μέση προσφδία). Esta, originária, segundo Lehmann, da física aristotélica, postulava a existência, entre dois conjuntos ou qualidades extremas, de um elemento mediano, para garantir a continuidade ontológica da matéria. Já se consolidara a distinção clássica dos três acentos (agudo, grave e circunflexo), firmada por Dionísio Trácio, mestre de Tirânio, de forma que o intermediário seria um quarto acento, algo inovador. Essa teoria é também confirmada por um fragmento do Pseudo-Sérgio, extraído do *De sermone Latino ad Marcellum*, obra gramatical varroniana diferenciada do *De lingua Latina* por seu teor filosófico.³⁰²

³⁰¹ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 95) considera que com a derrota de Mitridates, o retorno de Licínio Luculo a Roma, a ascensão política de Pompeu e a presença de Tirânio, começaram a prevalecer em Roma as teorias e métodos lingüísticos alexandrinos.

³⁰² J. Collart (Collart, 1954, p. 73) cita o fragmento do Pseudo-Sérgio (*Expl. in Don. GKL*, IV, p. 531): “Confirmando seus princípios, Varrão traz provas evidentíssimas; é assim que ele procede em relação ao acento intermediário (*pro media prosodia*), quando afirma que a própria natureza não apresenta nenhum conjunto onde não haja um elemento intermediário. Da mesma forma que entre o ignorante e o erudito, o quente e o frio, o amargo e o doce, o longo e o curto há algo intermediário, que é o neutro, assim na voz, entre o alto e o baixo há o médio e aí se encontra o acento de que falamos. Segundo ele (Varrão), não há músico que ignore a existência de um *mezzo* no canto; nem ninguém poderá afirmar que na sonoridade das cordas ou no som das flautas ou na voz dos cantores sem acompanhamento há um som intermediário se a natureza mesma do som não o comportasse.” (A tradução é de minha responsabilidade). Num outro fragmento (*G.L.K. H. Keil* IV, p. 529 e *G.R.F.*, p. 301-3, fr. 282), o Pseudo-Sérgio confirma

7.6.2.2. A QUADRIPARTIÇÃO ARISTOTÉLICA: MÉTODO DE ANÁLISE

Partindo dessa classificação tonal quádrupla, Y. Lehmann conjectura que Varrão teria recorrido a uma técnica de análise estrutural, a quadripartição, como verdadeiro método de pensamento, a começar pela divisão da gramática em suas quatro funções. Com efeito, no primeiro livro dos *Disciplinarum libri IX*, segundo um fragmento do gramático Diomedes, essa divisão quadripartite estava presente em Varrão: *...artis grammaticae officia (...) constant partibus quattuor: lectione, enarratione, emendatione, iudicio. Lectio est (...) uaria cuiusque scripti pronuntiatio seruiens personarum exprimensque animi habitum cuiusque. Enarratio est obscurorum sensuum quaestionumque explanatio (...). Emendatio est (...) recorrectio errorum qui per scripturam dictionemque fiunt. Iudicium est (...) aestimatio qua poemata ceteraque scripta perpendimus* [...as funções (da arte) da gramática constam de quatro partes, (segundo Varrão): leitura, exegese, correção e julgamento. A leitura (...) é a declamação diversificada de cada texto, observando a atuação dos personagens e exprimindo o estado de espírito de cada um. A exegese é a

que Tirânio e Varrão tinham uma mesma teoria sobre os acentos: *Tyrannio uero Amisenus, quem Lucullus Mithridatico bello captum Lucio Murenæ concessit...quattuor scribit esse prosodias: βαρεῖαν (grave), ὀξεῖαν (agudo), μέσην intermediário) et περισπωμένην (circunflexo)...In eadem opinione Varro fuit.* [Todavia, Tirânio amiseno, que Luculo cedeu para Lúcio Murena... como prisioneiro na guerra mitridática, afirma haver quatro acentos: o grave, o agudo, o intermediário e o circunflexo;...Varrão tinha o mesmo parecer]. Ainda num outro fragmento (*G.L.K.* IV, p. 530), o Pseudo-Sérgio faz observar que Varrão citava os gramáticos que tiveram essa teoria antes dele, inclusive um peripatético: *“scire enim oportet...qui ante Varronem et Tyrannionem de prosodia aliquid reliquerunt plurimos et clarissimos quosque mediae huius (sc. prosodiae) fecisse mentionem, quos omnes sibi fuisse auctores Varro commemorat, grammaticos Glaucum Samium et Hermocratem Iasium, item philosophum Theophrastum, peripateticum* [pois é preciso saber que...entre todos os predecessores de Varrão e de Tirânio que escreveram sobre a questão do acento, a maioria e os mais célebres fizeram menção deste acento intermediário: Varrão lembra, nesse aspecto, que é na autoridade deles que ele fundamenta sua afirmação: na dos gramáticos Glauco de Samos e Hermócrates de Iasos, como também na do filósofo peripatético Teofrasto].

explicação dos significados obscuros e das dificuldades... A correção (...) é a retificação de erros cometidos na grafia e no enunciado. O julgamento (...) é a apreciação à qual submetemos os poemas e outros textos” (Diomedes, *G.L.K.* I, p. 426, *apud* Y. Lehmann — Lehmann, 1988, p. 184).

Outros exemplos de divisões quadripartites, de inspiração peripatética seriam, segundo Y. Lehmann, os seguintes:³⁰³

- as quatro dificuldades da etimologia (obsolescência lexical, inadequação de certos significantes aos significados, alterações fonéticas e equívocos semânticos) (V, 3);
- as duas séries de quatro causas das transformações (metásteses) das palavras (1.^a = supressão, adição, transposição e transformação de letras; 2.^a = alongamento, abreviação, junção e subtração de sílabas) (V, 6);
- os quatro graus de explicação da origem dos vocábulos (nível do povo, do poeta, do filósofo e do rei) (V, 7-9);
- as quatro partes do discurso (verbos, nomes, participípios e advérbios) (VI, 36);
- os quatro princípios dos seres (a quadriga *locus-corpus, tempus-actio*) (V, 12);
- os quatro elementos da linguagem ou da *latinitas*, segundo um fragmento varroniano conservado por Diomedes (*natura, analogia, consuetudo, auctoritas*) (Collart, 1954, p. 204);
- a divisão adotada para o *De re rustica* (*cognitio fundi, quae debent esse, quae sunt facienda, quo tempore* [o conhecimento da terra, instrumentos disponíveis, o que há a fazer e em que tempo] (*R.R.* I, 5, 3), estrutura essa coincidente com a quadriga dos princípios (o domínio = espaço, o equipamento = matéria, as atividades agrícolas = ação, o calendário de trabalhos = tempo (*R.R.* I, 4);
- a divisão também adotada no *Antiquitates humanae et diuinae* (*qui agant, ubi agant, quando agant, quid agant*, ou seja, os homens, o lugar, o

³⁰³ Essa quadripartição é atribuída também à numerologia pitagórica.

tempo, o culto (Aug., *C.D.* VI, 3, *apud* Y. Lehmann — Lehmann, 1988, p. 184);

- os quatro itens importantes na organização de um banquete, comentados numa das *Satyrae Menippeae*, intitulada “*Nescis quid uesper serus uehat*”: ...*ipsum deinde conuiuium constat, inquit, ex rebus quattuor...si belli homunculi conlecti sunt, si electus locus, si tempus lectum, si apparatus non neglectus*...[então, diz ele, o próprio banquete compõe-se de quatro elementos:...o convite a pessoas simpáticas, a escolha do local, a ocasião e a atenção nos preparativos] (*Men.*, fr. 335, = Gell., *N. A.* 11, 3, *apud* Y. Lehmann — Lehmann, 1988, p. 185).

Parece, portanto, ter havido uma relação desse esquema quaternário de análise nos campos da lingüística, da economia rural, da história e arqueologia humano-religiosa e da filosofia moral com a ciência aristotélica das classificações. Esse saber teria sido transmitido pelo peripatético Tirânio ao erudito reatino, embora nem todos os críticos concordem com que essa influência aritmológica (quadripatição) seja especificamente aristotélica.³⁰⁴ Assim, o encontro com Tirânio representa uma etapa importante no itinerário especulativo do reatino. Eis, por exemplo, alguns tópicos de procedência aristotélica: a) o espaço como categoria que abarca realidades concretas e objetos das várias ciências (nomes de lugares e coisas que nele se encontram, tratados especialmente no livro V), b) as categorias lógicas, c) a teoria dos predicáveis, d) o

³⁰⁴ J. Bayet (Bayet, 1965, p. 184) julga as subdivisões do *De lingua Latina* infinitas e cansativas. J. Collart (Collart, 1954, p. 39) vê nelas uma espécie de mística do número quatro, que explicaria o notório interesse do reatino pela aritmologia pitagórica; mas lembra que esse rigor dos planos exprime, talvez, uma necessidade de lógica. Cf. também P. Flobert (Flobert, 1985, p. XIII et p. 114, n. 1), para o qual essa divisão de temas profanos e religiosos é típica dos cânones acadêmicos (platônicos). A escola acadêmica dirigida por Antíoco de Ascalona, que o reatino freqüentara entre 84-82 a. C., era aberta a outras filosofias dominantes. Também a escola peripatética, encorajada pelo procedimento da Academia, dava os passos para a ampliação dos horizontes, o que explica o livre trânsito do peripatético Tirânio em Roma e a familiarização de Varrão com o estudo das categorias e predicados inerentes à teoria aristotélica do conhecimento.

sistema de quatro causas de todo fenômeno (causa material, formal, eficiente e final), as quais poderiam ter uma remota origem pitagórica, mas cuja elaboração era aristotélica, e) a visão do universo decorrente dessa quadripartição, f) o gosto pela observação do fato histórico-real. Todos esses itens elaborados por Varrão teriam um remetente definido: o peripatetismo. Se a Academia de Antíoco em Atenas amadurecera para o ecletismo, o contato com o aristotelismo despertou-a para a infinita complexidade das coisas e para a incomparável faculdade de organização do real como propedêutica à ciência.

7.6.3. INDEPENDÊNCIA VARRONIANA

Entretanto, Varrão manteve sua independência. Aristóteles e, por influência, os alexandrinos³⁰⁵ preconizavam a origem da língua como uma

³⁰⁵ J. Collart (Collart, 1954, p. 264) observa que Demócrito, Aristóteles, Diodoro de Mégara e os alexandrinos eram, de modo geral, os que se alinhavam à teoria da língua como produto de convenção (θέσις e não da natureza, φύσις). Para Aristóteles, as palavras são apenas símbolos (σύμβολα), signos (σημεῖα) que, por uma espécie de contrato (κατὰ συνθήκην), são equivalentes às coisas (ὁμοιώματα) e, por conseguinte, são suas imagens evocadoras (μιμήματα). Aristóteles admite o valor cognoscitivo da linguagem mediante a compreensão do objeto designado por um signo. Mas rejeita conexões de ordem natural entre significante e significado. Ele parte da consideração de que as coisas são iguais, mas suas denominações diferem entre os vários povos. Entretanto, segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 265), em algumas etimologias, o estagirita parece aceitar uma conveniência entre significante e coisa significada (ex.: ἡθική de ἥθος). Segundo H. Dahlmann (*Varro und die hellenistische Sprachtheorie*. Berlin, 1964, 5, *apud* F. Cavazza – Cavazza, 1981, p. 30), na origem da denominação está o πάθος que determina o σημεῖον, mas isso não deve fazer pensar, nem minimamente, que a posição de Aristóteles se aproxime da doutrina estóica. Os estóicos, que consideravam a língua como um fato natural (φύσις), viam na sensação suscitada pelas coisas a fonte do mecanismo que produzia os nomes, segundo um ajuste natural. Quanto a Diodoro de Mégara (da escola megárica), ensinava ele que somente o capricho preside a criação das palavras (ele usava qualquer partícula grega para dar nome aos escravos, ex.: Ἀλλὰ μὲν); admitia, portanto, total arbitrariedade do signo, sendo, nesse sentido, um claro precursor da teoria moderna dos signos. Com efeito, segundo esta (cf. E. Lopes – Lopes, 1993, p. 46), os signos lingüísticos são decididamente arbitrários, ressalvada a onomatopéia que surge por certa

realidade francamente convencional (θέσις), mas o reatino não os acompanhou plenamente nessa teoria. Ele estava ainda preso à concepção da origem natural da língua estipulada pelo estoicismo ortodoxo (φύσις). Entretanto, também não se fixou inteiramente a ela. Buscou o ecletismo, como fórmula para a conciliação, admitindo, por exemplo, um leque maior de *impositores* das palavras *primigenia* (não só os reis, mas também os poetas, os *antiqui*); redimensionou o problema da *impositio*, criando a teoria da *declinatio uoluntaria* e *naturalis*: a primeira ampliava a participação do número de falantes no estabelecimento das *declinata uerba* (derivadas); a segunda representava o enquadramento dessas *declinata* nos esquemas flexionais da língua.

7.6.4. DICEARCO: PRÉ-HISTÓRIA E HISTÓRIA

Ainda sobre as influências aristotélicas em Varrão, cumpre lembrar o nome de Dicearco, ao qual F. della Corte faz amplas referências (Della Corte, p. 111-37). Dicearco ³⁰⁶ é citado não no *De lingua Latina* e sim no *De re rustica*. Para o reatino, ele era *doctissimus homo* (R.R. I, 2, 16); para Cícero era *magnus et copiosus* (Of. II, 5, 16), autor de várias obras, entre as quais Βίος Ἑλλάδος [*Vida da Grécia*], todas muito lidas em meados do século I a. C (At. II, 2,2). A obra dicearqueana teria sido, para Varrão, um

necessidade natural entre significante e significado; mas essa necessidade também é variável, de acordo com a visão lingüística de cada sistema; por exemplo, para um falante do português, um corpo batendo na água faz *tchibum!*, mas para o falante do inglês faz *splash!*

³⁰⁶ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 127), Dicearco, como pesquisador de campo, isto é, geômetra e etnólogo (além de historiador), tido erroneamente por Censorino como acadêmico, era um discípulo de Aristóteles e amigo de Teofrasto (este, sucessor do estagirita no Liceu). Segundo Cícero, Dicearco mantinha uma controvérsia com Teofrasto, a mesma que dividia Ático e Cícero, ou seja, Ático estaria alinhado com Dicearco pelo sentido da práxis e Cícero a Teofrasto, pelo da teoria (Cic., At.. II, 16, 3). Segundo Cícero, Dicearco era historiador das remotas origens da linguagem (At. VI, 2, 3). Como γεωμέτρης (geômetra), este havia mensurado os montes do Peloponeso e, nessa atividade, conheceu populações isoladas que lhe deram elementos para compor uma história primitiva da Grécia (Βίος Ἑλλάδος).

modelo no estudo da ἀρχαιολογία, na medida em que ela não contemplava mitos e fábulas e sim a interpretação racional dos inícios do gênero humano, nos padrões científicos aristotélicos.³⁰⁷ O historiador grego era fonte de Varrão na sua postulação a respeito das três idades da humanidade: natural, pastoril e agrícola, ou respectivamente: uma idade áurea voltada para a natureza; depois, uma regressão com o estabelecimento de uma sociedade pastoril, na qual surgiram as guerras; e, finalmente, o melhoramento com o advento da agricultura. Essa última etapa, tendo representado um avanço para a humanidade (Varr., *R.R.* II, 1, 3; I, 2, 16), reforçou, segundo F. della Corte, o princípio neopitagórico do vegetarianismo: μηδὲν φονεύειν ἔμψυχον [não matar ser vivo]. No *De lingua Latina*, há reminiscência desse debate sobre as origens primitivas dos romanos e sua inculturação nos passos em que, por exemplo, Varrão desenvolve a etimologia de *Palatinum* — juntamente com as figuras dos aborígenes, de Evandro, Palânteo e Latino (V, 53) —, da *Terra Saturnia*, de Hércules e dos *argei* (V, 45).

7.7. EPICURISMO

No tempo de Varrão, a teoria epicurista sobre a linguagem foi retomada por Lucrécio no seu poema *De rerum natura*. Cabe analisar alguns pontos de contato entre a doutrina lingüística de ambos.

7.7.1. EPICURO E LUCRÉCIO: CONTRA A *IMPOSITIO*; A LÍNGUA É PRODUTO DA NECESSIDADE

Segundo a interpretação lucreciana, a língua, na visão de Epicuro, é algo natural, se consideradas suas últimas origens. Foi a necessidade que induziu os homens a dar os nomes às coisas. A fórmula típica de Lucrécio é expressa nestes versos do *De rerum natura*: *At uarios linguae sonitus natura subegit / mittere, et utilitas expressit nomina rerum* [Quanto aos

³⁰⁷ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 130), Varrão desdobra o material elaborado por Dicearco em duas obras suas: *De gente populi Romani* e *De uita populi Romani*, a primeira voltada para a pré-história e a segunda, para a história.

vários sons da linguagem, foi a natureza que obrigou a emití-los e foi a utilidade que levou a dar nome às coisas] (Lucr., *R. N. V*, 1028-90). Principiando pelo grito emocional (onomatopéia),³⁰⁸ a linguagem se tornou paulatinamente convencional, em função da complexidade da vida humana.³⁰⁹ Naturalista, sob o ângulo da origem da linguagem, o epicurismo, na versão lucreciana, repele, coerentemente, a teoria da imposição (*impositio*), advinda quer de um deus doador da palavra, quer de uma elite política e intelectual (νομοθέτης).³¹⁰ Lucrécio, atomista, e, portanto, avesso à ótica místico-espiritualista, metafísica e divino-religiosa do mundo — preconizada, respectivamente, por pitagóricos, platônicos e estóicos —, pronuncia-se taxativamente contra a teoria da imposição de nomes, como ocorre neste verso: *proinde putare aliquem tum nomina distribuisse / rebus et inde homines didicisse uocabula prima / desiperest...*[por isso, pensar que então alguém tenha distribuído nomes às coisas e que, depois, tenham os homens aprendido esses primeiros vocábulos é insano] (Lucr., *R. N. V*, 1041). Vê-se que, por trás desses enunciados, havia o embate de visões diferentes na época.

³⁰⁸ Segundo F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 29-30), Epicuro admite uma origem natural da linguagem, isto é, uma fase emocional que responde à necessidade natural de o homem manifestar suas sensações e sentimentos. O desenvolvimento sucessivo, aquele de valor cognoscitivo da palavra, deve-se aos aportes individuais, arbitrários e convencionais enquanto aceitos e sancionados pelo uso.

³⁰⁹ Conforme Ph. H. Lacy (Lacy, 1939, p. 86), e de acordo com a visão epicurista, os poetas e os retóricos teriam uma linguagem basicamente emocional, figurativa e estética, um pouco diversa, portanto, da interpretativo-discursiva.

³¹⁰ Para P. H. Schrijvers (Schrijvers, 1974, 337-64) e segundo Lucrécio, a reação da voz humana às sensações e emoções é uma lei física à qual estão submetidos todos os seres vivos, desde que possuam os órgãos fonadores. Essa reação é natural, isto é, caracterizada por uma necessidade imperiosa e inevitável (natureza = necessidade) que se exercita com constância. Ela é espontânea e ontogenética, existe por si e se produz em virtude das propriedades mesmas dos seres. Portanto, não é criada por uma ação exterior ao indivíduo, por exemplo, por intervenção de outro homem ou de um deus.

7.7.2. CONVERGÊNCIA: NECESSIDADE LUCRECIANA E UTILIDADE VARRONIANA DA LÍNGUA

Entretanto, pode-se vislumbrar alguma semelhança entre as concepções lingüísticas de Lucrécio e Varrão. Se o primeiro diz que o fenômeno da língua decorre de uma necessidade, o segundo, ainda que estipulando a *impositio* — que ele irá desdobrar em *naturalis* e *voluntaria*, em vista de uma conciliação teórica —, afirma que a *utilitas* comanda a linguagem: *Omnis oratio cum debeat dirigi ad utilitatem...* [Como todo enunciado deve direcionar-se para a utilidade,...] (VIII, 26); *et cum utilitatis causa uerba ideo sint imposita rebus ut eas significant...*[e como, por uma razão de utilidade, os nomes foram impostos às coisas para que eles as designem...] (VIII, 27).

7.7.3. CLINAMEN LUCRECIANO E DECLINATIO VARRONIANA: PLANOS DA FÍSICA E DA LINGUAGEM

A questão, porém, que mais interessa é uma hipotética influência da física atomista sobre a concepção da linguagem. E. Sapir (Sapir, 1980, 11-24) já observava que cada língua interpreta o real e o denomina a seu modo, impondo sua economia na articulação da realidade. Toda língua faz uso infinito de meios finitos. O mecanismo graças ao qual o falante pode fazer esse uso é denominado no estruturalismo da escola de André Martinet de “articulação”, segundo o qual a linguagem humana é caracterizada, no plano de sua concretização, como uma “dupla articulação” (Martinet, 1960, p. 108). Noam Chomsky confirma que as possibilidades de interpretar o mundo em enunciados são infinitas. Matematicamente, um falante pode produzir uma série infinita de frases, todas bem formadas e diferentes. Entretanto, o mecanismo gramatical é finito e definido, o que, na prática, delimita a expressão do pensamento.³¹¹ Assim, pode-se fazer um paralelo

³¹¹ W. Belardi (Belardi, 1976, p. 287) faz algumas considerações sobre a afinidade da linguagem com a lógica e a matemática admitida pela escola de Praga e as posições de Ch. Hockett e Pagliaro. Estes tendem a um pessimismo realista, pois o sistema lingüístico não se submete a uma computação exata em termos lógicos e matemáticos; esse sistema é mal definido na sua essência. Contrariamente ao

com o *clinamen* lucreciano e a *declinatio* varroniana. Segundo a física epicúria, há primeiramente os átomos em movimento, em eterna queda para o abismo, devido ao peso deles: eles são simples (indivisíveis), invisíveis, eternos, indestrutíveis, infinitos em número (Lucr., *R. N.* II, 62-332; 332-727). O poeta denomina-os de vários modos ao longo dos livros I e II: *corpora prima*, *primordia rerum*, *semina*, *semina rerum*, *radices* etc. Entretanto, para produzir o mundo material e visível ou corpos compostos, esses átomos, segundo a interpretação lucreciana do epicurismo, precisam ser acionados pelo mecanismo denominado *clinamen*, *declinatio* ou *παρέγκλισις*, que é o pequeno desvio, a leve e apenas necessária inclinação de átomos na sua queda para baixo.³¹² Esse *clinamen* é que permite o choque entre eles, do qual resultam as combinações e a formação dos corpos compostos: terra, água, fogo etc. Correspondentemente, no universo representativo (lingüístico) varroniano, há a *declinatio* que é o desvio de uma postura reta (nominativo e primeira pessoa do presente do indicativo dos verbos). Se o *clinamen*, segundo a física epicurista, é um princípio de economia que rege a produção de seres reais, a *declinatio* é, por sua vez, no mundo da representação lingüística, um princípio de economia que determina a multiplicação das palavras, ou seja, a produção da linguagem. A *declinatio uoluntaria* permitirá o surgimento das palavras derivadas

princípio da precisão que rege a lógica e a matemática, o da linguagem é o da aproximação (mesmo na linguagem científica) e da indefinição expressiva, devido à polivalência dos signos e aos condicionamentos psico-sociais da linguagem humana.

³¹² A concepção do *clinamen* concentra-se neste passo lucreciano: *Illud in his quoque te rebus cognoscere auemus / corpora prima cum deorsum rectum per inane feruntur / ponderibus propriis, incerto tempore ferme/ incertisque locis spatio depellere paulum, / tantum quod momen mutatum dicere possis* [Há neste assunto uma questão que muito desejamos que conheças: quando os corpos se movimentam de cima para baixo em linha reta através do vazio em virtude do próprio peso, afastam-se um pouco de sua rota num momento incerto e em incerto lugar, e tão somente o necessário para que possas dizer que se alterou o movimento] (*R.N.* II, 214-20).

(*declinata*)³¹³ a partir das *primigenia* (radicais, primitivas) e a *declinatio naturalis* fundará o sistema flexional-desinencial da língua (conjugação verbal, declinação casual).³¹⁴

7.7.4. ECONOMIA DA LÍNGUA: MEIOS FINITOS GERANDO POSSIBILIDADES INFINITAS

O *clinamen* lucreciano estaria para o mundo real como a *declinatio* para o universo lingüístico-representativo. Aos átomos, chamados, entre outros nomes, de “*radices*”, corresponderiam as *primigenia uerba* de Varrão ou palavras primitivas (VI, 36, 37), ou as *πρῶται φωναί* dos filósofos estóicos, de base denominativa, em número finito, para gerar infinitas possibilidades ou sintagmas frasais, segundo Chomsky. Assim, para a formação da língua, a *declinatio* é um fato tão necessário como o *clinamen* lucreciano o é para o mundo físico atomístico, como diz Varrão: *Declinatio inducta in sermones non solum Latinos, sed omnium hominum utili et necessaria de causa: nisi enim ita esset factum, neque discere tantum numerum uerborum possemus (infinitae enim sunt naturae in quas ea declinantur) neque quae didicissemus, ex his, quae inter se rerum cognatio esset, appareret* [A declinação tem sido aplicada não só na língua latina mas também nas de todos os homens, em razão da utilidade e da necessidade. Se não fosse feito dessa maneira, não poderíamos aprender um número tão grande de palavras (já que as formas naturais em que os vocábulos se declinam são infinitas); e, embora as aprendêssemos, não nos ficaria claro, a partir delas, que sistema as relaciona entre si] (VIII, 3). Eis aí o sentido da economia da linguagem claramente percebido por Varrão:

³¹³ No esquema varroniano, os tipos de derivação são quatro: palavras de tempo sem caso (*lego*), caso sem tempo (*lectio*), tempo e caso (*legens, lecturus*), sem tempo e sem caso: (*lecte*) (VI, 36).

³¹⁴ A declinação dos nomes compreende, em Varrão, quatro aspectos: a flexão nominal, *nominandi*: *ab equo* > *equile* [cavalo > cavalaria]; a flexão casual, *casuale*: *ab equo* > *equum* [nominativo > acusativo]; os graus de comparação: *augendi*: *ab albo* > *albius* [o aumentativo: branco > mais branco] e *diminuendi*: *a cista* > *cistula* [o diminutivo: cesta > cestinha] (VIII, 52).

com meios gramaticais finitos (*impositia uerba*), geram-se, pelo mecanismo da *declinatio*, infinitas possibilidades de derivação (*infinitae enim sunt naturae in quas ea declinantur*). Diante do princípio produtivo proporcionado pela *declinatio*, Varrão se entusiasma e mostra os quatro tipos de palavras derivadas: as de tempo: *lego* [leio], > *leges* [lerás], *lege* [lê tu]; as de caso: *lego* > *lectio* [leitura], *lector* [leitor]; as de tempo e caso: *lego* > *legens* [que lê], *lecturus* [que vai ler]; e as sem tempo e sem caso: *lego* > *lecte* (seletivamente), *lectissime* (muito seletivamente); e para confirmar sua teoria de uma criação contínua da linguagem que se propaga pela *declinatio*, ele cita Coscônio:³¹⁵ *horum uerborum si primigenia sunt ad mille, ut Cosconius scribit, ex eorum declinationibus uerborum discrimina quingenta milia esse possunt ideo, quod a singulis uerbis primigeniis circiter quingentae species declinationibus fiunt* [Se, como escreve Coscônio, os termos originários dessas palavras chegam a um milhar, os termos diferentes resultantes de sua derivação podem montar a 500.000 (quinhentos mil), já que de cada palavra originária se produzem, por meio da derivação, cerca de quinhentos termos] (VI, 36). Logo a seguir, diz que as palavras *primigenia* têm suas raízes próprias (*suas habet radices*);³¹⁶ e repete o cálculo, que, na verdade, para a época, abordava

³¹⁵ F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 86 e 105) considera que a figura de Q. Coscônio (100 a. C.), citado duas vezes (VI, 36, 89), é um tanto nebulosa. Sua doutrina (*uerba primigenia* — VI, 36) parece ser independente de escola e autóctone, isto é, itálico-romana; estende-se ao campo da gramática (com a obra *De uerbis*), da etimologia, jurisprudência (*Actiones*, citado em VI, 89) e do antiquário romano. Aulo Gélcio comenta os vários campos de conhecimento abordados por Coscônio: Roma antiga (Gell., N. A. 16, 17), língua antiga (1, 18), filosofia natural (2, 22), assuntos militares (15, 30 e 1, 25), religião (5, 12), questões jurídicas (10, 20 e 21).

³¹⁶ F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 76) comenta que Varrão usa o termo “*radix, radices*” em vários passos, correspondente aos *primigenia uerba* (V, 13, 74, 93 e 123; VI, 37; VII, 4, 28 e 35). A doutrina sobre esses *primigenia uerba* teria vindo de Coscônio (ou Filoxeno, aquele que com sua obra *περὶ τῆς τῶν Ῥωμαίων διαλέκτου* [*Sobre o dialeto dos romanos*] considerou o latim dialeto grego. O fato é que Varrão apresenta uma alternativa no procedimento etimológico: trata as palavras não só como “famílias de conceito” (método estóico) mas também como fazendo “*societas uerborum*” (= palavras cognatas, em torno de um radical ou raiz). Assim, ele teria tido um vislumbre de comparativismo lingüístico (moderno), ao qual não

numericamente o infinito: *Quare si quis primigeniorum uerborum origines ostenderit, si ea mille sunt, quingentum milium simplicium uerborum causas aperuerit una* [Portanto, se alguém se propuser a expor as origens das palavras primitivas (*primigenia*), e sendo elas um milhar, esclarecerá simultaneamente as origens (*causas*) de 500.000 (quinhentos mil) vocábulos simples] (VI, 37). Continuando, lembra ainda que com o processo de prefixação (*praeuerbia*), obtém-se um grande número de palavras, como acontece com o verbo *cedo* no seu significado básico de andar caminhar: *processit* (avançou), *recessit* (retrocedeu), *accessit* (aproximou-se), *abscessit* (afastou-se), *incessit* (atacou), *excessit* (retirou-se), *sucessit* (sucedeu), *decessit* (desistiu), *discessit* (separou-se), *concessit* (concedeu) (VI, 38).

7.7.5. CRIAÇÃO DO UNIVERSO E CRIAÇÃO DA LINGUAGEM

Voltando ao atomismo, vê-se que idéia análoga teve Lucrécio a respeito da necessidade da interveniência de um *clinamen*³¹⁷ no movimento vertical, retilíneo e descensional dos átomos para o surgimento dos corpos complexos: *quod nisi declinare solerent, omnia deorsum / imbres ut guttae, caderent per inane profundum, / nec foret offensus natus nec plaga creata principiis: ita nil umquam natura creasset* [...se (os átomos)

deu seqüência devido a um total e condicionante silêncio da antiguidade a respeito. É possível que Coscônio tenha dependido de fonte grega, mas sua teoria (*primigenia uerba*) tem sido considerada de um ponto de vista particular, ou seja, de âmbito romano, ou pelo menos realizada com o objetivo de firmar a autonomia e a autoctonia do latim em relação ao grego — o que, na verdade, transparece em Varrão por suas tendências conservadoras: valorizar os elementos do antiquário romano, realçar o latim antigo (arcaicismo) como modelo, explicar preferencialmente o latim com o latim, conectar a etimologia com dados da história romana etc.; todos esses itens perfaziam o ideário lingüístico varroniano.

³¹⁷ J. Brun (Brun, 1959, p. 57-62) discute se a teoria do *clinamen* é de Epicuro ou de algum discípulo. Diógenes Laércio não a registra. Para Cícero era fábula pueril. Outros acham-na coerente e incorporada a uma longa tradição doutrinária no epicurismo. Observe-se que contestando o fatalismo e o determinismo estóico, a teoria do *clinamen* afirma a existência da liberdade e do livre arbítrio, patente também na teoria da *declinatio uoluntaria* de Varrão.

não se pudessem desviar, eles, como gotas de chuva, cairiam no profundo espaço e não haveria para os elementos primordiais (os átomos) possibilidade de colisão nem choque: se assim fosse, jamais a natureza criaria algo] (Lucr., *R. N.* II, 221-21). Tem-se, então o paralelo: criação do universo (lucreciano) e criação da linguagem (varroniana). No livro VI, Varrão cita diretamente Demócrito e Epicuro, mestres do atomismo, aproximando os conceitos de *primigenia* (palavras primitivas) e *principia* (átomos): *Democritus, Epicurus, item alii qui infinita principia dixerunt, quae unde sint non dicunt, sed cuiusmodi sint, tamen faciunt magnum: quae ex his constant in mundo, ostendunt* [Demócrito, Epicuro e outros que também sustentaram a existência de infinitos elementos primordiais (*principia*) — cuja origem não explicam, mas apenas a natureza —, conseguem, no entanto, um grande resultado: mostrar que as coisas existem no mundo emanadas desses elementos] (VI, 39). Vê-se, portanto, que o próprio Varrão aproxima os dois princípios produtivos: do universo e da linguagem. Poder-se-ia também fazer um paralelo com o “caso” reto e os casos oblíquos. Segundo Carísio, os gregos chamavam o “caso” *rectum* não de ὀρθή πτώσις ou εὐθεία πτώσις, mas simplesmente ὀρθή ou εὐθεία ou ὀνομαστική, sem ajuntar πτώσις (= queda, caso), e os casos oblíquos chamavam de πλαγίαι πτώσεις (casos = quedas = oblíquos, inclinados). Ele dirá que o emprego acoplado de “*casus rectus*”, embora consagrado, é um abuso de linguagem;³¹⁸ isto é, o termo estaria em contradição com a imagem que suscita. Varrão assinala o problema de nomenclatura, mas não o resolve: *unde rectus an sit casus sunt qui quaerant* [donde, há quem questiona se o reto/nominativo é um caso] (VIII, 16). Os romanos transpuseram πτώσις para *casus*, palavra que evoca a idéia de queda.³¹⁹

³¹⁸ *Char.*, p. 195, K. Barwick: καταχρηστικῶς *tamen nominatiuum casum dicimus* [Chamamos catacrético o caso nominativo]. *Apud J. Collart* (Collart, 1954, p. 166).

³¹⁹ A. Ernout et F. Thomas (Ernout - Thomas, 1953, p. 7) conjecturam sobre como os antigos representavam para si a declinação; talvez como um objeto: “um estilete, por exemplo, que se fixa ao por do sol; a posição vertical correspondia ao nominativo, ao *rectus casus*; e os outros casos, em posições mais ou menos distanciadas da vertical, seriam os casos oblíquos”. (A tradução é da minha responsabilidade).

Isso parece também reproduzir, hipoteticamente, uma visão do universo inspirada na física atomística (que certamente era do conhecimento da intelectualidade romana), que seria a de átomos em queda reta e vertical. Nesse caso, o *clinamen* e a *declinatio* seriam os princípios gerativos de tudo: o primeiro, criando o mundo físico-real e a segunda, o mundo representativo da linguagem.³²⁰ A *impositio uerborum* é um fato (V, 3; VIII, 5; X, 51); ela fornece o vocabulário de base, as palavras primitivas (*imposita/impositicia uerba* — VIII, 1, 5). A *declinatio uoluntaria*, por sua vez, realiza uma economia da linguagem, na medida em que incentiva a criação e expansão do léxico (*propago, declinata uerba*), processo esse que se aplica às formas nominais e verbais (*lego > legi; Priamus > Priamo; pecunia, pecuniosus* — VIII, 4). Tais exemplos são suficientes para fazer compreender a intenção do autor de opor o nome primitivo (*impositum*) à forma flexionada secundária (*declinata, discrimina* — VIII, 1). A *declinatio naturalis* permite a articulação gramatical da linguagem, como o autor diz claramente: *Duo igitur omnino uerborum principia, impositio et declinatio, alterum ut fons, alterum ut riuus. Impositicia nomina esse uoluerunt quam paucissima, quo citius ediscere possent, declinata quam plurima, quo facilius omnes quibus ad usum opus esset dicerent* [Duas são, ao todo, as origens das palavras: a imposição e a flexão. A primeira vem a ser a fonte e a segunda, o rio. Os homens quiseram que as formas impostas fossem em menor número possível, para que mais cedo pudessem aprender; e que as formas flexionadas fossem em grande número, para que

³²⁰ Entretanto, a posição de Varrão é de conciliação. Ele não quer eliminar de sua teoria gramatical a *impositio*, que cria as palavras primitivas; cria a *declinatio uoluntaria* (que gera as palavras derivadas e em nominativo) e a *declinatio naturalis* (que ajusta as palavras ao sistema flexional): as palavras, como expressão da verdade, foram impostas às coisas (*declinatio uoluntaria*) pela vontade do homem que dá nome (V, 1, 2, 3), como um criador (*uoluntas impositoris* — VII, 2). Uma vez, porém, dado o nome (em nominativo), este precisa enquadrar-se às flexões estabelecidas pela natureza da língua, ou seja, às declinações/casos, conjugações/tempos, afixos e desinências, que aí estão e não dependem do indivíduo, e que constituem a *declinatio naturalis*; há, pois, de um lado, a criação lexical coletiva, e, do outro, sua “articulação” pelo sistema lingüístico.

todos pudessem, o mais facilmente possível, pronunciar aquelas que fosse necessário utilizar] (VIII, 5). Eis um esquema, para melhor entendimento:

impositio - *fons* —> *uerba primigenia* (poucos)

declinatio - *riuus* —> *declinatio uoluntaria* —> *uerba declinata* (muitos)

| —> *declinatio naturalis* —> sistema flexional-*propago*.

7.7.6. INDEPENDÊNCIA VARRONIANA: A LÍNGUA É CRIAÇÃO CONTÍNUA DOS FALANTES

Há, portanto, uma aproximação inconfessa de Varrão com o pensamento epicurista, no sentido de que a linguagem é uma criação, não em blocos, mas contínua. Se Varrão admite a criação progressiva (como Epicuro e seu poeta-intérprete, Lucrécio), ele faz intervir criadores não divinos, mas humanos. Estes participam, de alguma forma, do poder divino (sacerdotes); todavia, operam no plano histórico e são revestidos de uma autoridade política suficiente para impor sua criação (reis, *rex sacrorum*). Dessa forma, ele se safa da visão materialista preconizada pelo epicurismo e se ampara numa metafísica do poder aplicada de forma imediata na figura do detentor desse poder político que, por sua vez, fundamenta o estado e o império romano.³²¹ De outro lado, essa criação se faz segundo um plano que garante ao código certa imunidade à degenerescência. Contra o elemento que depaupera a língua e mina sua unidade, Varrão prevê a existência de paradigmas (garantidos pela *declinatio naturalis*) que lhe dão plena consistência e a direcionam à sua forma ideal, a *latinitas*. E assim se harmoniza a prática da língua, ou seja, o uso, o fato dinâmico, mutante e inovador, com a norma, o dado-sistema estabilizador e conservador. Sob esse enfoque, Varrão afasta-se dos filósofos materialistas e se aproxima dos idealistas.

³²¹ Nesse sentido, a função do *impositor* coincide com a do monarca (rei e sacerdote), cujo poder é transcendente, isto é, promana da divindade que rege os destinos e que, *desuper*, legitima seu representante no plano terreno. O epicurismo, cortando as relações com o mundo metafísico ou divino, dá melhor justificativa para o poder político imanente, de base democrático-representativa.

Terminando este estudo sobre as fontes helênicas em que Varrão se inspirou, isto é, o cinismo, o pitagorismo, o platonismo, o estoicismo, o meio-estoicismo, o aristotelismo, o epicurismo, o alexandrinismo, uma vez mais se tem a impressão de que nele se encontra uma doutrina de síntese; ou ele próprio, como o grande erudito do seu tempo em Roma, era cadinho em que se misturavam e depuravam tendências ideológicas de procedência variada e de complexa análise, vale dizer, ecléticas.

8. FONTES SITUADAS NO MUNDO ROMANO: AUTORES E CÍRCULOS

Além das influências sobre o pensamento varroniano advindas dessas correntes de reflexão lingüística vigentes no mundo grego, há as dos autores e círculos radicados no território itálico-romano.

8.1. LINGÜISTAS DE ATUAÇÃO DESVINCULADA DE CÍRCULOS ITÁLICOS

Lingüista de influência no mundo romano foi Lúcio Ateio Pretextato, chamado também Ateio Filólogo, não citado por Varrão no *De lingua Latina*. Ele era liberto, procedente de Atenas, contemporâneo do erudito reatino, amigo de Salústio, gramático de influência alexandrina, *rhetor* e jurisconsulto. Ateio interessara-se especialmente pelo estudo dos empréstimos do grego ao latim. Sua obra principal intitulava-se *Glossematorum Liber (Libri)*; nela se encontrava, provavelmente, a tradição das Γλωσσαι alexandrinas; dela Varrão recolheu, provavelmente, dados para suas etimologias (Collart, 1954, p. 208 e 306).

Além de Coscônio, que tivera uma atuação bastante isolada nos estudos lingüísticos (V. item 7.7.4 deste capítulo) e é citado em dois passos no *De lingua Latina*, tem-se um tal de Cornélio, que também parece ter produzido trabalhos sobre a língua latina mais ou menos desvinculados dos círculos romanos. Varrão cita-o três vezes (V, 148 e 150, VII 39). Para H. Funaioli, trata-se de Cornélio Epicado (Bardon, 1952, p. 153-4), liberto de Sila e autor da obra antroponímica *De cognominibus*, da qual resta apenas um fragmento conservado por Carísio (*Char.*, p. 140, K. Barwick, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 295).

8.2. CENÁCULOS ROMANOS: ÊNIO, CÍPIÃO, CÁTULO E ÉLIO

Quanto aos grupos que surgiram em território itálico a propósito da reflexão filológico-literária, há os pré-varronianos e os da época de Varrão, cujo alinhamento ideológico em relação a eles é difícil mensurar. F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 27) fala da existência de uma escola de Ênio (239-169 a. C.), que influenciara Pacúvio (220-131 a. C) na tragédia e Cecílio Estácio (+ 168 a. C.) na comédia.³²² Pacúvio, por sua vez, exercera influência sobre Pompílio Andronico, professor, editor e crítico,³²³ e sobre Áccio (170-86 a. C.), tragediógrafo, filólogo e gramático. De Áccio, Varrão foi admirador e amigo, a quem dedicou sua primeira obra, *Antiquitates litterarum*, em 85 a. C.³²⁴ Eis o esquema da sucessão dessas influências, segundo F. della Corte:

Num segundo momento, surgia o círculo de Cipião Emiliano (+129 a. C.), bem definido ideologicamente, de tradição romana; consolidado pela influência estóica de Crates na filologia, de Políbio na história e de Panécio (de Rodes) na filosofia médio-estóica, congregava expressivos poetas latinos como Lélcio Menor, Fúrio Filo, Rutílio Rufo, Terêncio (comediógrafo), Lucílio (sátira), Dafne e Pórcio Licínio. Esse círculo ou cenáculo proporcionou uma abertura metódica e moderada à contribuição cultural helenística.

³²² Posteriormente, manifestou-se a influência eniana na épica de Virgílio.

³²³ J. Collart (Collart, 1954, p. 13) cita Suetônio (*De gramm.* 7), segundo o qual Pompílio Andronico e Marco Antônio Gnifo haviam, cada um, elaborado um trabalho sobre os *Annales* de Ênio. Pompílio Andronico, pressionado pela indigência, fora obrigado a vender seu trabalho por um preço aviltante.

³²⁴ Segundo Y. Lehmann (Lehmann, 1988, p. 180-6), Áccio e Lucílio envolveram-se em polêmica em torno do problema ortográfico.

Além dos círculos de Ênio e Cipião Emiliano, havia, segundo F. della Corte, o de Lutácio Cátulo (cônsul, discípulo do sírio Antípatro). Era um cenáculo mais recente, isto é, mais próximo do tempo de Varrão. Seus participantes mostravam sinais de rompimento com a tradição romana; abriam-se de forma mais arrojada à influência helenística, principalmente na poética de teor erótico. Entre eles, contavam-se, segundo E. Paratore (Paratore, 1983, p. 91-133), os poetas Valério Edítuo, Lévio Melisso e Partênio de Nicéia. O próprio L. Élio Estilão, apegado à realidade itálico-romana, acompanhava o movimento, todavia, mais pela amizade ao líder Lutácio do que por convicção renovadora ou, menos ainda, por tendência novidadeira. Há também alusão a uma escola filológica em torno da figura do próprio Élio Estilão, cujos principais seguidores, segundo A. Traglia, foram Varrão, Cícero e Nigídio Fígulo (Traglia, 1978, p. 286).

9. INTERTEXTUALIDADE

Como elementos iniciais para um estudo da intertextualidade no *De lingua Latina*, a abordagem das fontes é, certamente, meio caminho percorrido. Dessa forma, estudar as fontes varronianas é identificar os múltiplos ecos que sussurraram no sentido da formação do erudito romano ou, que, no mínimo, lhe trouxeram dados valiosos, os quais, por sua vez, captados por seu poder de síntese, tomaram corpo textual.

9.1. VOZES DE DOUTRINADORES HELÊNICOS NO *DE LINGUA LATINA*: INTERTEXTUALIDADE

Não é intenção aqui realizar um estudo de intertextualidade sobre o *De lingua Latina*. Mesmo assim, ou por isso mesmo, vale a pena recapitular os nomes dos doutrinadores já citados, cujas vozes, vindas dos remotos tempos de Atenas, percorreram importantes plagas culturais do mundo oriental circunscrito na época helenística³²⁵ e adentraram,

³²⁵ A época helenística iniciou-se com o império implantado por Alexandre Magno; na sua esteira, partindo de Atenas, ocorreu uma verdadeira diáspora da cultura grega, direcionada principalmente para as colônias do oriente.

finalmente, os umbrais de Roma. Aí, tornaram-se nitidamente audíveis aos ouvidos do erudito reatino, forjaram seu multifário pensamento e lograram, quase todas — da relação que segue ³²⁶ —, gravar seus nomes nos livros supérstites do *De lingua Latina*. Recapitulando, essas vozes — umas, longínquas, outras, mais próximas e contemporâneas — são, como já comentado, de Pitágoras, Demócrito, Platão, Aristóteles, Epicuro, Zenão de Cício, Cleanto, Crisipo, Antípatro, Crates, Aristófanes de Bizâncio, Aristarco da Samotrácia, Apolodoro de Atenas, Dionísio de Sidônia, Arístocles, Parmenisco, Aristodemo, Arístecas, Hipsícrates, Antíoco de Ascalão, Políbio (historiador — V, 113), Dionísio da Babilônia, Dicearco, Panécio, Possidônio, Dionísio Trácio, Tirânio, Fílon de Alexandria — todos já apresentados neste capítulo.

9.2. VOZES DE DOUTRINADORES ITÁLICOS, PREDECESSORES E CONTEMPORÂNEOS

Entretanto, além desses doutrinadores da época helênica e helenística que trouxeram um perceptível influxo sobre o escritor reatino, há os autores romano-itálicos que ele conheceu ou por leituras, ou através das escolas ou, ainda, pelo contato pessoal. Alguns Varrão cita várias vezes, devido à notória contribuição nos estudos da linguagem e reconhecida influência sobre si próprio. Outros são citados mais ou menos circunstancialmente. Entretanto, todos eles têm um vínculo direto ou indireto com a área da filologia e gramática. São eles os seguintes: ³²⁷

- Élio Estilão;
- Cícero;³²⁸
- Coscônio;

³²⁶ Com exceção dos oito últimos nomes, os demais são citados no *De lingua Latina*.

³²⁷ Os primeiros da relação já foram comentados.

³²⁸ Como já visto no capítulo VI, o nome de Cícero não é citado no *De lingua Latina*; ele é, porém, o dedicatário, com presença fortemente marcada em pronomes de 2.^a pessoa, conforme estudo feito no capítulo VI.

- Sérvio Claúdio;
- Aurélio Opilo;
- Catão, sabino, censor (VII, 58, IX, 107);³²⁹
- Múcio Cévola, jurisconsulto, considerado fundador do direito civil, pontífice, cônsul em 133 a. C. (com o colega L. Calpúrnio Pisão Frugi) e autor de *Annales Pontificum* em 80 livros (V, 5 e 83; VI, 30; VII, 105);³³⁰
- Marcos Júlio Gracano, autor de *De potestatibus*; era amigo e contemporâneo de Caio Graco (V, 42, 48, 55; VI, 33, 95);
- Manílio, nome de grafia instável (*Manilius*, *Manlius*, *Mallius*), poeta e gramático, provavelmente contemporâneo de Varrão (V, 31; VII, 16, 17, 28, 105);³³¹

³²⁹ J. Collart (Collart, 1954, p. 229 e 255) observa que houve uma influência de Catão, o censor, nas etimologias varronianas. Os fragmentos de obras de Catão recolhidos por Funaioli (*G.R.F.*, fr. 1-10) apresentam a etimologia de topônimos e antropônimos; Catão faz a aproximação ou derivação de nomes como: *Marrucinus* de *Marsus*, *Albanus* de *albus*, *Grauiscae* (cidade da Etrúria) de *grauis*, *Praeneste* de *praestare*, *Sabinus* de *Sabus* (herói epônimo de origem lacedemônia, que, com a ajuda dos pelásgios, teria conquistado a região de Reate, na Sabina. Catão enfatiza a relação sinonímica: *properare* = *festinare*; *amor* = *cupido*; *falsarius* = *mendax*; há a influência do Catão, também sabino, sobre o pensamento nacionalista-conservador do conterrâneo Varrão, o que se manifesta numa clara valorização dos elementos itálicos constitutivos do latim (o sabino como elemento rático primitivo, ou anterior ao romano (como se verá no capítulo X), em contraponto ao helenismo invasor; obviamente, Varrão vivia uma época em que a resistência itálica segundo o estilo catoniano já se apresentava enfraquecida. O próprio Varrão era um conservador e, na linguagem, um arcaizante explícito, mas sua posição frente ao afluxo cultural helênico-helenístico foi, de modo geral, mais moderada do que a de Catão.

³³⁰ Segundo M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 4, n. 3), há também um Q. Múcio Cévola, jurista e pontífice máximo, que, impregnado pelo pensamento de Panécio, deixou grande influência na teologia latina; ele fora cônsul em 95 a. C. e sobrinho de Q. Múcio Cévola, o áugure.

³³¹ Para M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, 24) e R.G. Kent (Kent, 1957, p. 29), a grafia do nome Manílio é instável; confunde-se no manuscrito com *Manilius*, *Malius* ou *Mallius*, não podendo ser identificado com precisão. *Malius*, conforme

- Flaco, flâmine de Marte (VI, 21);
- Vôlnio, autor de tragédias escritas em etrusco (V, 55);³³²
- Marco Fúlvio Nobílior, cônsul em 189 a. C. (VI, 33);³³³
- Júnio Bruto, de identificação controversa (V, 5, 42, 48, 55; VI, 33, 95); ³³⁴
- Júnio Lutácio, figura provavelmente coincidente com a de Q. Lutácio Cátulo, cônsul em 102 a. C. (V, 150);
- Lúcio Calpúrnio Piso Censório, cônsul em 133 a. C., historiador, autor de *Annales* (V, 148, 149, 165);
- Procílio, talvez o autor mencionado por Cícero numa carta de 60 a. C. e por Plínio o Velho (V, 148, 154) (Cic., *At.* 2, 2, 2);
- Sulpício (V, 40); ³³⁵
- Sisena (VIII, 73);³³⁶

citado no *De lingua Latina* (V, 165) seria Tito Mânlio Torquato, cônsul no final da primeira guerra púnica. Há, porém, fragmentos desse autor latino no *F. P. R. (Fragmenta poetarum Romanorum)*, p. 284, Baehrens) e no *G. R. F. (Grammaticae Romanae Fragmenta)*, p. 85 - A Funaioli).

³³² J. Collart (Collart, 1954, p. 244) comenta que para Flaco e Vôlnio as datas são incertas.

³³³ R. G. Kent (Kent, 1954, p. 204) considera que esse Fúlvio é Sérvio Fúlvio Flaco, historiador, jurista e cônsul em 135 a. C.

³³⁴ M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 4) levanta três hipóteses para o esclarecimento do nome Júnio Bruto citado por Varrão: a) seria M. Júnio Bruto, jurista da metade do século II, contemporâneo do jurista e pontífice P. Múcio Cévola; b) seria D. Júnio Bruto, cônsul em 138 a. C., juntamente com P. Cornélio Cipião Nasica; c) tratar-se ia de M. Júnio Bruto, contemporâneo de Varrão, amigo de Cícero a quem este dedica o *Brutus*.

³³⁵ Coforme M.A.M. Casquero (Casquero, 1990, p. 30), trata-se do jurista Sérvio Sulpício Rufo, cônsul em 51 a. C., oponente de Cícero no caso de Murena, apesar de terem sido amigos na juventude, e, inclusive, terem sido colegas em Rodes, nos estudos retóricos.

³³⁶ Segundo R.G. Kent (Kent, 1957, p. 429) trata-se de Lúcio Cornélio Sisena, político, orador e historiador do tempo de Sula.

- Virgílio (VII, 39).³³⁷

Além desses muitos nomes envolvidos direta ou indiretamente na produção da metalinguagem da língua latina, Varrão cita também Névio,³³⁸ Ênio³³⁹ e Áccio³⁴⁰ que, concomitantemente à elaboração de sua obra poética, deram também sua contribuição para o esclarecimento do código latino.

9.3. POETAS GREGOS E LATINOS

Varrão, obviamente, cita esses três últimos, Névio, Ênio e Áccio, como poetas e gestores da língua (ὀνοματοθέτης) de primeira linha;³⁴¹ registra

³³⁷ Conforme M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 242) e H. Funaioli (G.R.F., p. 107), trata-se de um gramático desconhecido.

³³⁸ Nev., *Bell. Poen.*, p. 22, fr. 26 e 27, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 255); cf. também R.G. Kent (Kent, 1957, p. 40). Collart e Kent observam que Varrão se respalda por duas vezes em Névio: uma, para explicar a etimologia de *Auentinum*: *Naeuius ab auibus, quod eo se ab Tiberi ferrent aues* [Névio diz que (*Auentinum*) vem de aves, pois para ali se dirigem as aves do Tibre] (V, 43); outra, para esclarecer a etimologia de *Palatium* (Palatino): *Eundem hunc locum a pecore dictum putant quidam, itaque Naeuius Balatium appellat* [Há os que julgam que este lugar tomou sua denominação do gado; por isso, Névio lhe dá o nome de *Bala[n]tium*] (V, 53).

³³⁹ De Ênio (*T.R.F.—Tragicorum Romanorum Fragmenta*. O. Ribbeck, Leipzig = Teubner, 1897, p. 26) J. Collart (Collart, 1954, p. 255) analisa algumas colaborações como etimólogo, citadas pelo próprio Varrão: a) *Andromacha* (fr. 65): Varrão cita Ênio, a propósito da etimologia que este faz do nome Andrômaca < ἀνδρὶ μάχεται = a que combate o marido; *Andromachae nomen qui indidit, recte indidit* [Quem (Eurípides) deu nome a Andrômaca, fez isso muito corretamente] (VII, 82); b) *Alexander* (fr. 38): o poeta explica a etimologia do nome Alexandre, dado ao pastor Páris (VII, 82); c) *Medéia* (fr. 285): explica o nome do navio *Argus* (por *Argi, argeus*) (V, 157); d) *Annales* (fr. 59, recolhido por Vahlen): explica *Titienses* de *Tatius*, *Ramnenses* de *Romulus*) (V, 55).

³⁴⁰ Áccio (*T. R. F.* O. Ribbeck, p. 258, fr. 675, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 255) explica *aurora* por *aurum* (VII, 83).

³⁴¹ O livro VII concentra a atividade etimológica especialmente sobre os termos poéticos; esse livro resulta, de alguma forma, da influência dos filólogos alexandrinos, que davam especial importância ao estudo dos poetas.

palavras expressivas criadas por eles, que são utilizadas como base do trabalho etimológico, principalmente do livro VII, todo ele dedicado aos termos poéticos. Veja-se — somente sob o prisma da variedade e da frequência das citações — o empenho de Varrão em promover a literatura latina através da presença dos três poetas acima mencionados e de tantos outros, a começar com Plauto, que lidera a preferência: Plauto, citado também como *Maccius*: 65 vezes; Ênio: 61 vezes; Áccio: 16 vezes; Pacúvio: 17 vezes; Lucílio: 13 vezes; Mânlio: 5 vezes; Valério Sorano: 3 vezes (VII, 31, 35; X, 70);³⁴² Terêncio, comediógrafo: 2 vezes (VI, 69; VII, 84); L. Lívio Andronico: 2 vezes (V, 11, VII, 3);³⁴³ Cássio: 2 vezes (VI, 7; VII, 72);³⁴⁴ Juvêncio, poeta comediógrafo: 2 vezes (VI 50; VII, 65);³⁴⁵ Aquílio, poeta comediógrafo: 2 vezes (VI, 89, 106);³⁴⁶ Atílio, poeta comediógrafo: 2 vezes (VII, 90 106);³⁴⁷ Mácio ou *Matius*, tradutor da *Ilíada*: 2 vezes (VII, 95, 96);³⁴⁸ Pórcio Licino (V, 163; VII, 104);³⁴⁹ Seio Nicanor (VII, 104);³⁵⁰ Cecílio

³⁴² M.A.M. Casquero (Casquero, 1990, p. 234) pondera que se trata de um escritor do século II a. C., citado no *F. P. L. - Fragmenta poetarum Latinorum epicorum et lyricorum*. M. Morel. Leipzig = Teubner, 1927, p. 40.

³⁴³ Lívio Andronico é lembrado por causa da antiguidade dos termos latinos empregados por ele; entretanto, segundo Varrão, os nomes impostos pelo rei Latino são mais valiosos para o filólogo, porque mais remotos.

³⁴⁴ M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 144) comenta que o nome Cassius consta nos códigos "in *Bruto Cassii*", cuja alteração para "Accii" foi proposta por Victorius (editor). Embora citado por Varrão, Cássio é nome desconhecido na literatura latina.

³⁴⁵ H. Bardon (Bardon, 1952, p. 51-2), *apud* M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 176, n. 105) registra que Juvêncio era um poeta cômico do século II a. C.

³⁴⁶ R. G. Kent (Kent, 1957, p. 256, n. 89, b), amparado em Gell., *N. A.* III. 3, 4, diz que Varro, baseando-se no estilo da peça, atribuiu a comédia *Boeotia* a Plauto, a qual, entretanto, era considerada como sendo de Aquílio.

³⁴⁷ M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 286) comenta que o autor Atílio, citado por Varrão, consta no *Comicorum Romanorum fragmenta*. O. Ribbeck, Leipzig = Teubner, 1898, 3 ed. p. 37.

³⁴⁸ M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 276) observa que o nome de Matius consta no *Fragmenta poetarum Latinorum epicorum et lyricorum*, p. 48.

(VII, 103); Cânio ou Cássio, conhecido somente por este passo varroniano (VI, 81);³⁵¹ Aprísio ou *Aprissius*, poeta comediógrafo, conhecido também somente nesse lugar (VI, 68);³⁵² Hortênsio Hortalo, rival de Cícero na retórica, mas, depois, considerado amigo (VIII, 14);³⁵³ Papínio (VII, 28);³⁵⁴ Pompílio, tragediógrafo (VII, 93);³⁵⁵ Afrânio, comediógrafo (V, 25);³⁵⁶ e os poetas gregos: Homero: 3 vezes (VII, 74, 74, 85); Calímaco: citado 2 vezes (VII, 34 e V, 113);³⁵⁷ Sófron, poeta grego criador de mimos (V, 179); Hesíodo (V, 20); Eurípides (VII, 82).

³⁴⁹ M.A.M. Casquero (Casquero, 1990, p. 124) considera que Pórcio Licino é um poeta do começo do século I a. C.

³⁵⁰ J. Collart (Collart, 1990, p. 19-20) comenta que Marcus Seius Nicanor parece ter sido um rival que Varrão satirizou em três menipéias intituladas com seu nome: *Bimarcus*, *Marcipor*, *Marcopolis*.

³⁵¹ M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 199 n. 144) comenta que o nome de *Canis* também é desconhecido, mas pode ser o “*eques Romanus, nec infacetius et satis litteratus*” [cavaleiro romano, elegante e erudito], a que se refere Cícero (*Of.* 3, 14).

³⁵² M.A.M. Casquero (Casquero, 1990, p. 188, n. 127) observa que o nome de Aprísio consta no *Comicorum Romanorum Fragmenta*. O. Ribbeck. Leipzig: Teubner, 1898, 3 ed., p. 332.

³⁵³ M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 300) comenta que o orador Hortênsio foi também poeta, como Varrão faz questão de lembrar: *in poematis* [nos seus poemas].

³⁵⁴ R.G. Kent (Kent., 1957, p. 296, n. 28) comenta que o autor Papínio é desconhecido, ou, que talvez seja o mesmo que Prisciano chama de *Pomponius*; Bergk, *Opusc.* I, 88, propõe o nome *Pompilius*.

³⁵⁵ R. G. Kent (Kent, 1957, p. 347) comenta que o nome do autor Pompílio aparece no T. R. F. – *Tragicorum Romanorum Fragmenta*. O. Ribbeck. Leipzig: Teubner, 1897, p. 263.

³⁵⁶ M. A. M. Casquero (Casquero, 1990, p. 20) registra que o nome de Afrânio consta no *Comicorum Romanorum Fragmenta*, O. Ribbeck. Leipzig: Teubner, 1898, 3 ed., p. 430.

³⁵⁷ Calímaco, poeta elegíaco grego, crítico e filólogo, nascido em 310 a. C (Cirene), é citado por Varrão no mesmo passo em que cita o historiador Políbio (V, 113).

9.4. OBRAS CITADAS

Dos escritores citados, a maior parte poetas, são explicitamente mencionados os títulos das seguintes obras, de algumas das quais Varrão transcreve versos:

- Áccio: *Brutus* (ou obra de Cássio), *Philoctetes*, *Melanippus*;
- Aquílio: *Boeotia* (Varrão comenta que alguns a atribuem a Plauto);
- Aristóteles: *Νόμινα βαρβαρικά*;
- Coscônio: *Actiones*;
- Ênio: *Annales*, *Ajax*, *Medea*, *Alexander*, *Hecuba*, *Andromacha*, *Sota*, *Epicharmus*;
- Névio: *Cemetria*, *Romulus*, *Corollaria*, *Fretum*, *Aesiona*, *Clastidium*, *Dolus*, *Demetrius*, *Lampadio*, *Nagido*, *Stigmatias*, *Technicus*, *Tarentilla*, *Tunicularia*, *Bellum Punicum*;
- Pacúvio: *Medus*, *Hermiona*, *Periboea*;
- Papínio: *Epigrammation*;
- Pisão: *Annales*;
- Plauto: *Amphitruo* (versos), *Asinaria*, *Aulularia*, *Bacchides* (versos), *Casina*, *Curculio*, *Cistellaria*, *Curcumides*, *Epidicus* (versos), *Menaechmi*, *Mercator*, *Miles gloriosus*, *Mostellaria*, *Persa*, *Poenulus*, *Pseudolus* (versos), *Rudens*, *Stichus*, *Trinummus*, *Truculentus*, *Astraba*, *Boeotia*, *Cesistio*, *Colax*, *Condalius*, *Cornicularia*, *Faeneratrix*, *Friuolaria*, *Fugitiui*, *Neruolaria*, *Pagon*, *Parasitus piger*, *Sitellitergus*;
- Terêncio: *Adelphoi* (versos).

9.5. OBRAS CITADAS DO PRÓPRIO VARRÃO

Há também os ecos de outras obras de Varrão citadas por ele no *De lingua Latina*. São elas: *Antiquitatum libri*, *De aestuariis*, *De poematis*, *De poetis*, *Epistulae* e *Tribuum liber*.

9.6. OBRAS ANÔNIMAS, DE DOMÍNIO PÚBLICO

Além desses textos literários, Varrão cita um bom número de obras sem autoria. Trata-se de obras de domínio público, documentais, oficiais e patrimoniais, especializados numa grande variedade de assuntos: história, filologia, literatura, antiquário, religião, culto público, administração pública, fiscalização, leis, jurisprudência, agronomia, oratória, ciências augurais e divinatórias, construção civil etc. São elas:

- *Annales* (V, 74, 101);
- *Atellanae* (VII, 29, 84, 95),
- *Sacra uel Sacrificia Argeorum* (V, 47, 54);
- *Athenis in libris sacrorum* (V, 97);
- *Libri Pontificium* (V, 98);
- *Augurum libri* (V, 21);
- *Auspicia* (V, 33);
- *Carmen Nelei* (V, 37);
- *Carmen Priami* (VII, 28);
- *Saliorum carmina* (V, 110; VI, 14 *et passim*);
- *Censoriae Tabulae*, (VI, 86, 87);
- *Commentaria Consularia* (VI, 88-89);
- *Commentarium uetus anquisitionis* (do questor M. Sérgio — VI, 90-92);
- *Duodecim Tabulae* (V, 22, 140; VI 5; VII, 15, 51);
- *Fasti* (calendário — V, 84);
- *Glossae, Glossemmata* (VII, 10, 34, 107);
- *Leges* (VI, 60);
- *Leges priuatae aedificiorum* (V, 42);
- *Lex mancipiorum* (V 163; VI, 74);
- *Lex Plaetoria* (VI, 5);

- *Lex praediorum urbanorum* (V, 27);
- *Lex uenditionis fundi* (IX, 104);
- *Litterae antiquae* (V, 143; VI, 33);
- *Mimus* (VI, 61);
- *Saturni uersus* (VII, 36);
- *Sybilini libri* (VI, 15).

9.7. FONTES DE INFORMAÇÃO GENERALIZADAS

Além dessas, Varrão cita, ao longo do texto, fontes de informação generalizadas, representadas por grupos congregados em torno de alguma ideologia, interesse ou atividade, tais como: *aristarchei*, os discípulos de Aristarco (VIII, 68; X, 16, 42); *augures* (VI, 42, 53, 64); *comici*, ou *in comoediis* (V, 62, 63; VI, 71, 73); ou *mimus*, ou *in mimo* (teatro, comédia — VI, 61); *phisici* (astrônomos e astrólogos — V, 69; X, 55); *scaenici* (atores — VI, 76, IX, 17); *tragici* (poetas trágicos — VI, 67; VII, 23, 24, 25); *antiqui scriptores Graeci* (V, 123); *stoici* (G. R. F. p. 268, fr. 238); *qui glossas scripserunt* (VII, 10, 34, 107); *ueteres poetae* (VII, 52); *poetae* (V, 88, VI, 11); *sunt qui dixerunt* (V, 85); *leges* (VI, 60).

Terminando este exaustivo estudo sobre as fontes varronianas, cumpre firmar a posição de H. Dahlmann³⁵⁸ a respeito dos livros etimológicos, V, VI e VII, de que eles resultam da fusão elaborada por Varrão sobre um Ἑτυμολογικόν grego de inspiração estóica, traduzido ou adaptado por Élio Estilão e complementado por dados lingüísticos latinos. Varrão teria tomado muitos elementos de empréstimo. Uma pesquisa sobre o que é ou não dele apresentaria resultados frustrantes, por falta de documentos. Entretanto, tem-se a impressão de que a obra do erudito reatino não é simples resultado de compilação, ao contrário, sua obra gramatical, compreendendo a etimologia e a parte morfológica desenvolvida sobre a

³⁵⁸ H. Dahlmann é elogiado por Collart (Collart, 1954, p. 46), por ser um dos poucos, além de F. della Corte, que se dedicaram com afinco ao árduo estudo das fontes varronianas.

analogia, apresenta unidade, homogeneidade, além de repousar sobre um pensamento muito pessoal a respeito da linguagem e da gramática (Della Corte, 1937, 119, n. 2).

O próprio Varrão reconhece, de bom grado, suas falhas no conjunto; isso ocorre com mais frequência do que o fizeram os escritores antigos. Declara, porém, e com ênfase, quando inova: *Quem locum, quod est difficilis, qui de his rebus scripserunt aut uitaverunt aut inceperunt neque adsequi potuerunt* [Este tópico, por ser difícil, aqueles que escreveram sobre a matéria ou o evitaram ou abordaram, mas não puderam dar continuidade à tarefa] (X, 9). Acusa a omissão havida no passado em relação à observação da norma da língua e anuncia sua opinião: *Quarum similitudinem si esset origo capta et inde orsa ratio, minus erraretur in declinationibus uerborum* [Se a origem das semelhanças tivesse sido corretamente apreendida e, a partir daí, iniciado um sistema lógico, errar-se-ia menos na declinação das palavras...] (X, 11). O autor não desiste de inculcar a idéia de que a gramática da língua, como corpo de regras de combinação dos signos lingüísticos (o léxico), deveria ter sido, desde o início, objeto de estudo dos falantes romanos.

O estudo sobre a dialogicidade do texto varroniano (Capítulo VI) também pôde trazer esclarecimentos sobre a existência de um material textual elaborado pessoalmente por Varrão. A presença, a pessoalidade do autor no texto dissuade o leitor de julgar a obra como compilação; ao contrário, induz a considerá-la como produto de uma personalidade autoral, embora produzida sob a influência de uma reflexão coletiva em torno do tema da linguagem. Não há, portanto, como examinar explicitamente as fontes, uma por uma, ou fazer a sinopse comparativa de textos, porque não os há. Entretanto, o que já foi visto em termos comparativos entre Varrão e outras tendências será complementado pelo estudo da etimologia e da analogia, que constituem os dois gonzos de sua teoria gramatical e que serão objeto de estudo mais adiante, nos capítulos XI e XII. Consolidar-se-á a tese de que, no conjunto, e não obstante nutrido por fontes tão diversificadas, o escritor reatino logrou palmilhar o caminho próprio de um ecletismo eficaz, produtivo e conciliatório.

CAPÍTULO IX

ENCICLOPEDISMO, GRAMÁTICA E *LATINITAS* NO *DE LINGUA LATINA*: RESGATE E SÚMULA

Neste capítulo será examinado, primeiramente, o aspecto enciclopédico que caracteriza o espírito varroniano, considerado como resgate e súmula do riquíssimo patrimônio cultural elaborado num mundo que se esvaía, se transformava e corria o risco de perder esse patrimônio, por ausência de registro. A seguir, e especificando, ver-se-á a evolução da gramática em Roma como preparativo para o advento desse *opus magnum*, o *De lingua latina*, no qual se inseria o empenho varroniano por erigir a primeira síntese gramatical romana de que se tem notícia. Em último plano, mas não menos importante, focalizar-se-á o conceito de *latinitas* como decorrência, meta e supra-sumo de todo o esforço metalingüístico expresso no *De lingua Latina*.

1. O SENTIDO ENCICLOPÉDICO DA OBRA VARRONIANA: ABSORÇÃO E CONFRONTO COM A CULTURA GREGA

A erudição varroniana resultou numa obra enciclopédica que representa uma absorção ou assimilação da totalidade do conhecimento antigo e ao mesmo tempo um confronto com o helenismo, no sentido de autodefinição da cultura latina.

1.1. UM LUMINAR PARA OS ROMANOS, NAS CIÊNCIAS, ARTES E LETRAS

Conforme J. H. Waszink (Waszink, 1976, p. 209-23), Santo Agostinho leu e interpretou Varrão, principalmente sua teologia,³⁵⁹ admirando-se da

³⁵⁹ J. H. Waszink, em sua afirmação, se apóia na coleta de fragmentos que B. Cardauns fez das obras de Varrão em Santo Agostinho; cita também H. Dahlmann, segundo o qual Agostinho chegou a compulsar direta e integralmente as principais obras de Varrão. Waszink pondera que não seria possível a Agostinho expor o

da capacidade do erudito reatino para se dedicar a tantas leituras e ter tempo para produzir tantas obras.³⁶⁰ A vasta temática varroniana que se infere dos títulos de obras elencadas no capítulo III revela, por si, um intelecto enciclopédico consolidado na leitura, pesquisa e reflexão que cedo projetou o reatino como o mais fecundo erudito e polígrafo do seu tempo, com a titulação correspondente.³⁶¹ Como visto, F. della Corte, no apêndice de sua *Filologia*, estudou os conteúdos da obra varroniana. Ajuntando todos os elementos cognoscitivos versados nos títulos, conclui-se que Varrão abordou quase todas as áreas do saber filosófico-especulativo (λόγος), científico (ἐπιστήμη), técnico-sistêmico (τέχνη, *ratio*, *ars*) e prático-utilitário (ἐμπειρία, *consuetudo*) acumulados até o seu tempo.³⁶²

conceito grandioso contido na sua *De ciuitate Dei* sem oferecer ao leitor uma imagem da cidade terrena e, para tal, foi necessário que o bispo hiponense tivesse conhecimento da obra de Varrão, sobretudo das *Antiquitates humanae et diuinae* e do *De gente populi Romani*.

³⁶⁰ Aug., *C. D.* 6, 2, 178. ...*quī tam multa legit, ut aliquid ei scribere uacuisse miremur: tam multa scripsit, quam multa uix quemquam legere potuisse credamus* [ele leu tanto que nos maravilha ter-lhe sobrado tempo para escrever algo; e escreveu tantas obras que mal acreditamos que alguém tenha conseguido lê-las todas].

³⁶¹ De vários autores do mundo antigo, medieval e moderno Varrão recebeu títulos e louvores por sua erudição, tais como: *Doctissimus Romanorum* (Quint., *Inst. orat.* 10, 1, 95); *doctrinarum columen* (Gell., *N.A.* 19, 14); *eruditionis parens* (Simmaco, *Ep.* 1,2); *acuratissime doctus atque eruditus* (Ap., *Apol.* 12); *homo omnium acutissimus et sine ulla dubitatione doctissimus* (Aug., *C. D.* 6, 6); *M. Varro, quo nemo umquam doctiore apud Graecos quidem nedum apud Latinos...* [Marcos Varrão, em comparação ao qual nenhum mais erudito entre os gregos nem entre os latinos...] (Lact., *Diu. inst.* 1, 6); *Il terzo gran lume romano* (título que F. della Corte deu à sua obra, 1970, inspirado na obra de E. Petrarca, *Trionfo della Fama* 3, p. 37 *et seqs.*).

³⁶² J. Collart (Collart, 1962, p. 117-40) explica que o termo ἐμπειρία vinha da medicina, área de conhecimento utilitário e prático. A polêmica entre teoria e prática já existia na cúpula da Academia, ou seja, entre Isócrates, inclinado ao conhecimento teórico (ἐπιστήμη) e Xenofonte, voltado para a prática do conhecimento. Não havia oposição entre ἐμπειρία e τέχνη, embora alguns críticos aproximem a primeira à anomalia (uso, costume, = συνήθεια) e a segunda à

Ele não se confinou nos limites dos conhecimentos da época; procurou fazer síntese própria e avançou na descoberta de vários aspectos. Eis, elencadas perfunctória e aleatoriamente, as áreas do conhecimento abordadas pelo saber enciclopédico varroniano, do ponto de vista do espectro científico moderno: filosofia, dialética (lógica), retórica, gramática, etimologia, métrica, crítica literária, poesia, teatro, cenografia, história antiga, (elementos do antiquário, folclore, lendas, costumes, instituições civis, militares e religiosas), etnologia, política, direito, jurisprudência, mitologia, teologia, aritmética, geometria, astrologia, astronomia, geopolítica, hidrografia, geografia marítima, cosmografia, música, medicina, biologia, microbiologia, botânica, escultura, arquitetura, agronomia, agricultura, navegação etc. Segundo J. Carcopino, Varrão teria sido incentivado por César e pelo sobrinho deste, Otaviano, a elaborar a enciclopédia desses conhecimentos, para torná-los acessíveis ao público na biblioteca que se formava em Roma.³⁶³

1.2. TRADIÇÃO ENCICLOPÉDICA ROMANA

Apenas para contextualizar a obra varroniana, cabe uma breve incursão ao *corpus* enciclopédico latino, com base no trabalho realizado por F. della Corte sobre os enciclopedistas latinos (Della Corte, 1978, p. 41-50). Tem-se, inicialmente, Catão, o censor, que no *De agri cultura* e nos *Libri ad Marcum filium* se preocupava em compilar conhecimentos para seu filho e filhos estudantes da elite romana.³⁶⁴ Essa tradição enciclopédica

analogia (uso disciplinado, sistemático = *ars, ratio*). Cf. também F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 123).

³⁶³ Segundo J. Carcopino (Carcopino, 1968, p. 532), as obras *De lingua Latina*, *Epítome*, *Hebdomades*, *Disciplinarum libri IX* e *De uita populi Romani* teriam sido realizadas com o incentivo de César; nesse intuito, pois constituem sumas. Segundo Suetônio (*César* 44, 4), Varrão foi nomeado diretor das bibliotecas de latim e de grego precisamente para “adquirir, classificar e pôr à disposição do público” um rico acervo.

³⁶⁴ E. Paratore (Paratore, 1983, p. 105) observa que Catão, nacionalista, conservador e avesso ao helenismo, compilava informações sobre agricultura e medicina para fornecê-las aos filhos da elite romana e, assim, evitar que esses precisassem

é consolidada por Marcos Terêncio Varrão. Depois deste, surge A. Cornélio Celso, na época de Tibério, com sua *Artes*, uma enciclopédia de, pelo menos, 13 volumes.³⁶⁵ Seguindo o filão, Plínio o Velho publica, em 77 d. C., sua *Naturalis Historia* em 37 livros dedicados a Tito.³⁶⁶ Em meados do século III d. C., Nônio Marcelo compõe *De compendiosa doctrina per litteras*, um dicionário alfabético enciclopédico em 20 livros.³⁶⁷ Em torno de 400 d. C., Marciano Capella publica a enciclopédia *De nuptiis Philologiae et Mercurii*.³⁶⁸ Por volta de 620 d. C., Isidoro de Sevilha publica

recorrer aos mestres gregos. Catão teria reagido também à vinda de Crates de Malos a Roma, onde este, conforme exposto no capítulo VIII, teria iniciado os romanos nos estudos da literatura e da filologia.

³⁶⁵ H. Zehnacker e J. C. Fredouille (Zehnacker & Fredouille, 1993, p. 217) informam que os cinco primeiros livros dessa enciclopédia de Cornélio Celso versavam sobre agricultura e criação de animais; os oito seguintes, sobre medicina; esses oito são os supérstites, que lhe deram a fama de médico sem que tenha exercido a medicina. Havia ainda outros livros de Cornélio Celso, cujos assuntos eram: arte militar, retórica, filosofia e direito civil.

³⁶⁶ F. della Corte (Della Corte, 1978, p. 149-58) comenta que Plínio teve acesso direto a muitas obras varronianas, usou-as como fonte, mas as citações não são muito confiáveis, porque, convencido de que agia honestamente, restringia-se a informar mediante esta expressão “*auctor est Varro*”, sem outra referência. E. Paratore (Paratore, 1983, p. 689) julga o enciclopedismo pliniano apressado, pragmático e inferior ao varroniano; este seria mais “raciocinado e pensado”. H. Zehnacker e J. C. Fredouille (Zehnacker, Fredouille, 1993, p. 270) resumem os grandes assuntos da enciclopédia pliniana: biologia, genética, antropologia, ciências, cultura, moral e valores espirituais (livros 1-7); zoologia (livros 8-11); botânica (livros 12-19); remédios extraídos das plantas (livros 20-27); remédios de origem animal (livros 28-32); metais: ouro e prata (livro 33); cobre e bronze (livro 34); tintas e corantes (livro 35); pedras preciosas e de alvenaria (livros 36-37).

³⁶⁷ H. Zehnacker e J. C. Fredouille (Zehnacker & Fredouille, 1993, p. 63 e 420) esclarecem que os doze primeiros livros da enciclopédia de Nônio Marcelo versavam sobre gramática e os demais, sobre assuntos da vida cotidiana: alimentação, vestes etc.

³⁶⁸ Segundo os autores H. Zehnacker e J. C. Fredouille (Zehnacker & Fredouille, 1993, p. 420), a obra de Marciano Capella, de inspiração neoplatônica, consagra o programa escolar da antiguidade clássica e medieval, o *trivium* e o *quadrivium*, englobando, respectivamente, a dialética, a gramática e a retórica; a geometria, a aritmética, a astronomia e a música.

os *XX Libri Etimologiae*. Realizando a sùmula da antiguidade romana — como Varrão fizera em relação à grega —, e encerrando a tradição enciclopédica, Isidoro leva à Idade Média essa tradição, iniciada por Varrão, projetando-a como centro de interesse nos estudos escolásticos.³⁶⁹

1.3. O ESPÍRITO ENCICLOPÉDICO VARRONIANO: Παιδεία, Ἀρετή, *VIRTUS* E ARTES LIBERAIS

Como visto, nesse itinerário insere-se Varrão, após Catão. Imbuído de um espírito nacionalista menos radical que o do *ensor*, o reatino teve melhores condições de dar substância, forma e rumo ao enciclopedismo subsequente. Por seu profundo conhecimento do mundo antigo, Varrão pôde cumprir o papel imprescindível, nas letras latinas, de explicitar o processo, em pleno andamento, de absorção do cabedal cultural helênico, que, aliás, ocorreu não sem confronto com a cultura itálico-romana.³⁷⁰ A ingente tarefa de fazer a sùmula do passado e do presente resultou numa obra conhecida como sendo de proporções gigantescas.³⁷¹ Essa absorção da

³⁶⁹ Segundo H. Zehnacker e J. C. Fredouille (Zehnacker & Fredouille, 1993, p. 467), a obra de Isidoro divide-se em duas partes. Na primeira, nos livros I-VI, Isidoro consolida o *triuium* e *quadriuium* de Marciano Capela e estuda a religião, a teologia e a sociologia. Nos livros VII-IX desenvolve os assuntos sobre Deus, anjos e santos; Igreja, judaísmo, cismas, heresias, filosofias e idolatrias; sociedade humana: línguas, povos, reinos, exércitos e graus de parentesco. O livro X é um léxico etimológico. Nos livros da segunda parte apresentam-se as disciplinas técnicas: anatomia, zoologia, cosmologia, geografia, urbanismo, pedras preciosas, metais, agronomia, armas, jogos, arquitetura urbana e naval, habilidades, vestimentas, alimentos, ferramentas e utilidades.

³⁷⁰ F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 14, n. 1) considera que com sua *summa*, Varrão deu o máximo de contribuição para a cultura latina no fim da República, inspirando uma análoga, ou seja, aquela que Isidoro de Sevilha fará no final da Idade Antiga. F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 130) considera que o método histórico (antiquarista-etimológico) e analógico (lingüístico-gramatical) de Varrão permitia-lhe escrever a história de todos os fenômenos humanos.

³⁷¹ E. Paratore (Paratore, 1983, p. 178) considera que esse gigantismo teria marcado a obra varroniana com certa carência de reelaboração e harmonia no seu conjunto. A. Traglia (Traglia, 1976, p. 193) entende que o que ocorreu com o enciclopedismo varroniano foi falta de tempo para articular a massa de dados produzidos com

cultura grega aconteceu principalmente pelo acolhimento do conceito de παιδεία³⁷² e, especificamente, do de ἐγκύκλιος παιδεία (currículo pedagógico) e sua adequação ao mundo romano, isto é, em termos de artes liberais. O currículo grego inspirava-se no intelectualismo socrático-platônico. Seu núcleo semântico, a ἀρετή, evoluíra do sentido físico³⁷³ para o ético-espiritual, o saber.

Paralelamente, no mundo romano, as artes liberais, segundo A. Traglia (Traglia, 1976, p. 193), constituíam a propedêutica à *uirtus*. Em outros termos, a virtude é saber, binômio perfeitamente caracterizador da índole do erudito reatino. Nele, a ciência se torna operosidade vital, segundo o parecer de E. Bignone (Bignone, 1950, p. 377). Cassiodoro conservou o passo que reproduz o pensamento pragmático do erudito reatino, ou seja, de que todas as ciências têm sua existência em função da utilidade (Cassiod., *Inst. diu.* 2, 1). Os *Disciplinarum libri IX*, que Varrão elaborou na última fase de sua vida, entre 35 - 34 a. C. (ele faleceu em 27), representam seu derradeiro empenho, como intelectual, dirigido para uma grande meta: verter o sentido da παιδεία grega para a *humanitas* romana (B. Riposati, 1976, p. 78). Veja-se, esquematicamente, essa correspondência entre a herança grega e a assimilação romana, numa síntese lingüística:

παιδεία —> *humanitas*

ἐγκύκλιος παιδεία —> *artes liberales*

azáfama. Entretanto, os epítomes (resumos) elaborados por Varrão e os *Disciplinarum libri IX* demonstram sua preocupação de síntese didática e harmonização do conhecimento.

³⁷² W. Jaeger (Jaeger, s/d, p. 1 *et seqs.*) desenvolve o conceito de παιδεία; trata-se de um termo muito abrangente, compreendendo: civilização, cultura, tradição, literatura, formação, educação. Sendo um conceito complexo e por séculos burilado no pensamento grego, nenhuma dessas palavras, tomadas isoladamente, traduz exatamente o que os gregos entendiam por παιδεία. Cada termo se limita a exprimir um aspecto, sendo necessário todos, de uma vez, para abranger o sentido pleno.

³⁷³ W. Jaeger (Jaeger, s/d, p. 28) explica que o sentido físico da ἀρετή era o de valor guerreiro, preponderante em Homero.

ἀρετή —> *uirtus romana*.

Os *Disciplinarum libri IX* constituíam uma proposta de currículo educacional de nove disciplinas (um livro para cada disciplina), que representavam um dos aspectos mais caracterizadores do pensamento humanístico de Varrão, pois que centrado na formação clássica, isto é, lingüística, literária, artística e científica, do ser humano. Tratava-se das nove artes liberais, assim distribuídas em dois planos ou graus, nos quais, como se observa, já se configuravam o trívio e o quadrívio:

1.º grau: a gramática, a dialética e a retórica — ditas artes línguo-literárias, porque referentes a um núcleo básico e comum de estudos em torno da palavra (língua), do pensamento (lógica, filosofia) e da expressão retórica (comunicação), perfazendo, as três, um *triuuium* fundamental na formação humanista;

2.º grau, assim distribuído:

a) a geometria, a aritmética, a música e a astronomia — ditas artes formativas, porque indispensáveis como instrumentos de introdução à ciência, à arte e à técnica, perfazendo, as quatro, o *quadriuium*;

b) a medicina e a agricultura — ditas artes utilitárias ou práticas, porque direcionadas, complementarmente, ao trabalho profissional nas suas duas formas: serviço (medicina) e produção (agricultura).

Posteriormente, desmembraram-se as duas últimas em tratados autônomos, modelando-se definitivamente o *triuuium* e o *quadriuium*, com sete disciplinas, conforme já comentado.³⁷⁴

Concluindo essas considerações sobre o enciclopedismo varroniano, cabe frisar o permanente interesse lingüístico do autor, mesmo em tratados em que a gramática, em si, teria pouco a ver. Essa perspectiva interdisciplinar explicitava-se sobretudo nas três primeiras matérias ou

³⁷⁴ A. Traglia (Traglia, 1976, p. 194) comenta que Santo Agostinho tendia a incluir a filosofia entre as artes liberais. Traglia também não vê dificuldade em admitir que o *De philosophia* de Varrão acabasse sendo incorporado como um décimo livro dos *Disciplinarum libri IX*.

artes liberais. A gramática (*ars recte dicendi*), a dialética e a retórica (*ars bene dicendi*) formavam um grupo conexo e coeso, tendo por objeto o estudo da palavra em si mesma, na formação do conceito e na arte de persuadir. O primeiro dos *Disciplinarum libri IX* era de gramática, que, segundo A. Traglia (Traglia, 1976, p. 185), constituía, para Varrão, propedêutica para as duas outras, formando, as três, um pressuposto indispensável para a abordagem das demais seis disciplinas. Mais tarde, de pleno acordo com Varrão, Isidoro de Sevilha dirá: *Grammatica est scientia recte loquendi, et origo et fundamentum liberalium artium* [A gramática é a ciência do falar corretamente e também a origem e o fundamento das artes liberais] (Isid., *Orig.* 1, 5, 1 — *Etymologiarum siue Originum libri XX*). E della Casa comenta a afirmação de Isidoro, com propriedade e senso pedagógico: “Esses dois aspectos da gramática na antiguidade — o primeiro normativo e o segundo cultural — constituem a necessária propedêutica a qualquer outro ensinamento”.³⁷⁵

2. Τέχνη Γραμματική, SUA GESTAÇÃO NO MUNDO HELÊNICO

A partir do enciclopedismo varroniano, vários rumos de aprofundamento poderiam ser tomados, como o foram pelos vários especialistas em Varrão: história, antiquarismo (itálico-romano), filosofia, teologia, poética, filologia, gramática. Naturalmente, são estes três últimos os que interessam neste estudo e, de modo especial, o último.

Cabe, pois, imposter a obra gramatical varroniana nesse contexto. Para isso, faz-se necessária uma rápida e geral retrospectiva sobre a história da gramática no mundo greco-latino anterior a Varrão, para que se perceba que sua produção, longe de se encontrar isolada, decorria precisamente de uma preocupação, que, havia tempo, absorvia as mentes dos lingüistas gregos e latinos.

³⁷⁵ Para F. Cavazza (Cavazza, 1976, p. 35) a asserção de A. della Casa (Della Casa, 1978, p. 217, 224) continua válida: o estudo da língua pátria necessita do tempo e do espaço necessário e adequado em qualquer currículo, em todos os níveis.

2.1. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS: DA GENERALIZAÇÃO À ESPECIALIZAÇÃO

Primeiramente cumpre notar que a maioria das obras filológico-gramaticais anteriores a Varrão ou escritas no seu tempo desapareceram inexoravelmente, sendo, talvez,³⁷⁶ exceção a Τέχνη γραμματική de Dionísio Trácio. Diante dessa perda, indaga-se a que ponto chegaram os antigos na reflexão sobre a linguagem. Verifica-se que os precursores mais próximos do reatino são hoje conhecidos quase que somente através dele mesmo, ou seja, ele é a fonte mais recente de notícias sobre os percalços da gramática no mundo antigo e sua chegada a Roma.³⁷⁷ Há ainda a considerar este fato: a ciência moderna se aprofundou cada vez mais na especialização. Em torno da linguagem distinguem-se hoje vários campos de investigação.³⁷⁸

³⁷⁶ A. Traglia (Traglia, 1976, p. 178-9) levanta a hipótese de que Varrão desconhecia a Τέχνη γραμματική, por ter sido esta uma elaboração tardia. Por outro lado, essa gramática apresenta tantas interpolações que permite contestar a autoria integral de Dionísio Trácio. Por exemplo, enquanto Varrão adota quatro partes do discurso, Dionísio apresenta oito. Traglia menciona algumas coincidências que impedem de afirmar que Varrão teria desconhecido aquela obra, como, por exemplo, a definição de gramática: *ut Varroni placet, ars grammatica, quae a nobis litteratura dicitur, scientia est <eorum> quae a poetis historicis oratoribusque dicuntur ex parte maiore. Eius praecipua officia sunt quattuor: ... scribere, legere, intellegere, probare* [Como quer Varrão, a arte da gramática, que entre nós se chama literatura, é a ciência daquelas coisas que geralmente se encontram nos poetas, historiadores e oradores. As funções mais importantes dela são quatro:...escrever, ler, entender e provar] (Varr., *Disc. libri. I*, fr. 107, 1 G.-Sch.). Essa definição, testemunhada por Sexto Empírico, seria de Dionísio (Cf. Varr., *Inc. sed. fragm.* 117, p. 230, G. – Sch, *apud* Traglia, 1976, p. 179).

³⁷⁷ Depois de Varrão, surgem novos estudiosos da língua latina: Vérrio Flaco, na época de Augusto, e Quinto Rêmio Palêmon, no reinado de Tibério.

³⁷⁸ Deve-se reconhecer que a especialização é o caminho mais eficiente para o desenvolvimento das ciências em geral. Eis a escala variada e mesmo assim inconclusa, de temas modernos em torno da língua, literatura e comunicação: literatura (= poética), crítica literária, teoria da comunicação, filosofia da linguagem, estilística, retórica; semiologia e lingüística; lingüística diacrônica e sincrônica; lexicologia e pesquisa descritiva de línguas; psicolingüística, ensino de língua e tradução; fonética, fonologia e fonoaudiologia; sintaxe (= morfossintaxe), semântica e pragmática; intertextualidade e teoria do discurso; gramática estrutural e gramática gerativo-transformacional; lingüística de texto etc.

Entretanto, esse conceito de especialização e afunilamento no processo cognoscitivo não era tão comum entre os antigos; os horizontes do saber eram limitados e as abordagens menos detalhadas. Assim, ao fazer este estudo, há que desmontar os arquétipos mentais, por exemplo, aquele que se tem da gramática como um simples sistema de normas. A gramática surgiu dos temas da filosofia, com limites iniciais pouco definidos. Em decorrência, trouxe para seu bojo a complexidade do raciocínio filosófico, como aparece no *De lingua Latina*, quando Varrão, por exemplo, discute a natureza da linguagem, sua origem natural ou convencional, sua regularidade ou irregularidade, os princípios pitagóricos que a fundamentam, enfim, seu próprio objeto de estudo enquanto ciência. A clareza temática que a lingüística hodierna adquiriu e as várias opções de especialização e aprofundamento que ela oferece são vantagens consideradas normais, porém advindas de, pelo menos, dois longos milênios e meio de reflexão sobre um objeto de estudo instável e de difícil análise, como a língua — vantagens que obviamente Varrão não teve, quando pronunciou seu “*exponere institui*” [“resolvi expor”] (V, 1).

2.2. GRAMÁTICA: DISCIPLINA TARDIA E ACESSÓRIA; BUSCA DE IDENTIDADE E LEGITIMIDADE

Por outro lado, a gramática, segundo H. I. Marrou, apresentava-se como disciplina tardia na evolução das ciências. Permanecendo sem autonomia por longo período e sem metodologia própria, era monitorada, inicialmente, pela filosofia e, depois, também pela crítica literária e pela retórica (Marrou, 1959, p. 236). Até aos tempos varronianos, a gramática era domínio de todos, um campo aberto ao exercício filológico. Nesse sentido, como analisa J. Collart, podem-se distinguir dois tipos de tratamento dispensado à gramática (Collart, 1954, p. 1). Os mais antigos tratavam-na incidentalmente, qual módulo acessório das três disciplinas supramencionadas. A gramática ocupava um segundo plano, servindo de “arsenal” para discussões. Na atitude mais recente, já na época helenística, as questões lingüísticas passam a ser tratadas em função delas mesmas, sob a forma de monografias, a propósito de temas como: os termos ambíguos (Cleanto, estóico), a anomalia (Crisipo, estóico), o som (Diógenes de

Babilônia, estóico), o estilo (Teofrasto, peripatético), o glossário homérico (os alexandrinos em geral).

2.2.1. GRAMÁTICA: SOB O MONITORAMENTO DA FILOSOFIA: CONDIÇÃO ANCILAR

Questões filosóficas ainda prevaleceram por longo período sobre a gramática, até que surgisse uma síntese adequada e satisfatória, como a de Dionísio Trácio.³⁷⁹ A origem da linguagem, por exemplo, era uma questão tratada intensamente, mas sempre no âmbito da filosofia. Especulou-se durante muito tempo se ela era um fenômeno proveniente da φύσις ἢ θέσις, isto é, da natureza ou da convenção humana. Como auxiliar e servir da filosofia, a gramática, e, especialmente, a etimologia, prestava-se a fornecer um repertório de fatos lingüísticos concretos que serviriam de apoio a uma determinada argumentação filosoficamente contextualizada.³⁸⁰ Houve também, do lado do problema da origem da linguagem, outras discussões filosófico-lingüísticas: o som da palavra, a analogia e a anomalia, o valor do signo, a relação entre *uerbum* e *res*, a pura nominalização das coisas ou a sua significação profunda e verdadeira. Sofistas, acadêmicos, estóicos e peripatéticos interessaram-se pelas categorias gramaticais, na medida em que se vinculavam à filosofia. As noções de Espaço e Tempo, de nível filosófico, passaram a ser focalizadas como fatos da superfície sintática da linguagem, sob a forma do nome (seres, corpos, tema) e do verbo (ação, rema). A *propositio* do plano dialético passou, para ser melhor entendida, pelo crivo e pela boa resolução da *oratio*, que era um ponto estritamente gramatical. O Λόγος, princípio metafísico, começou a ser entendido também como sistema, *ratio*, que rege a linguagem. Esta, enfim, exerceu, progressivamente, o papel de mediadora no problema central da

³⁷⁹ Ressalvado o problema da autenticidade integral e da época da elaboração de sua gramática, conforme já comentado (n. 376).

³⁸⁰ M. Leroy (Leroy, 1973, p. 385-401) observa que, no *Crátilo*, Platão já apresentava a citada polêmica. Entretanto, além dele, pitagóricos, sofistas, atomistas, peripatéticos, epicuristas, inclusive Lucrécio, todos questionaram sobre a origem da língua.

epistemologia: o ser e o conhecer. Os alexandrinos, influenciados pela visão histórico-aristotélica notoriamente voltada para a realidade, tornaram-se atentos observadores de todo fato lingüístico concreto-textual. Determinados a fazer da gramática uma ciência autônoma, observavam que declinação, conjugação e derivação respondiam a modelos repetitivos e convencionais (θέσις), contrastando com a postura dos estóicos. Estes, tributários ainda de uma visão filosófica generalizadora, consideravam esses fenômenos flexionais por demais numerosos e de exceção para que se pretendesse estipular para eles uma norma; no seu ver, eram apenas “casos de espécie” na língua, como na natureza (φύσις) (Collart, 1954, p. 3 e 139). Ao lado das questões morfológicas, havia também as fonéticas. Platão³⁸¹ e Aristóteles se interessaram em definir o som, material e imaterial, como elemento fundamental da palavra, como se verá com mais detalhes no capítulo XIII.³⁸² Enfim, através de sua tutela, a filosofia, da qual se deve conceder que nasceram as ciências, priorizava considerações extragramaticais, inviabilizando, ou, não tanto, retardando a análise de fatos linguísticos chãos e repetitivos.

2.2.2. A GRAMÁTICA SOB A TUTELA DA CRÍTICA LITERÁRIA; UMA PROVEDORA DE RECURSOS

Entretanto, a gramática, no seu início, era considerada também ancila da crítica literária. Sabe-se que os eruditos gregos elaboravam a crítica de textos com vistas à publicação das obras dos poetas. Segundo Platão, Protágoras já comentava versos de Simônides (Plat., *Protag.* 338 e 339), e,

³⁸¹ Plat., *Tim.* 67 b, trad. Rivaud - *Platon*, Tome X. Paris: Belles Lettres, 1925. No *Timeu*, Platão define o som como um choque transmitido através das orelhas, por intermédio do ar, do cérebro e do sangue até à alma.

³⁸² J. Collart (Collart, 1954, p. 70, n. 4) observa que na época de Varrão já eram conhecidos os seguintes conceitos fonéticos: 1) *longitudo* (quantidade, valor, duração: μακρά [longa] e βραχεῖα [breve]); 2) *altitudo* (ou προσφδία [*accentus*]: βαρεῖα [grave], ὀξεῖα [agudo], περισπωμένη [circunflexo] e μέση [intermediário]; e 3) *crassitudo* (aspiração, *spiritus*: δασεῖα [rude] e ψιλή [suave]). Observe-se que em Aristóteles, o termo προσφδία possuía valor mais abrangente, compreendendo as três propriedades, embora seu sentido se aplicasse especialmente à *altitudo*.

segundo Aristóteles, aquele sofista criticava certas expressões de Homero (Arist., *Poet.* 1456 b). O próprio Aristóteles escreveu, sobre o assunto, uma obra intitulada *Problemas homéricos*.³⁸³ Na sua *Poética*, ao comparar os trágicos gregos, ele examinou detalhes textuais (Arist., *Poet.* 1455 b – 1456 a). Assim, sobretudo na época helenística, a crítica textual dos poemas, a *χρίσις ποιημάτων*, se tornou a parte mais nobre da gramática. O texto de Homero teve edições organizadas por Zenódoto, Aristófanes e Aristarco, entre outros. A partir da atenção na sintaxe do texto, especialmente nos limites dos sintagmas frasais, os alexandrinos criaram sinais gráficos para representar pausas e paradas. Era o começo da técnica da pontuação.³⁸⁴ Além disso, a exegese de textos levou os filólogos a estudar o léxico: palavras raras e técnicas ou de uso mais freqüente numa determina forma poética, numa área semântica, numa época, num autor, numa região ou província. As *Λέξεις*³⁸⁵ ou *Γλῶσσαι* se multiplicam na época helenística, abrindo o campo para o estudo da lexicologia e da dialetologia. Paralelamente, o zelo e o espírito de precisão na tarefa de transcrever textos apontavam, e com urgência, para a necessidade de equalizar problemas ortográficos, para os quais Aristarco, nas suas edições de Homero, procurava soluções (Collart, 1954, p. 5). No mesmo sentido, um fragmento de Dionísio Trácio expõe, por exemplo, a ortografia de palavras compostas, insistindo no fato de que uma grafia incorreta era uma grave infração gramatical (Schol., *Dion. Thrac.*, ap. Bekker, *Anecdota Graeca* II, p. 675; apud J. Collart — Collart, 1954, p. 5). Aristóteles empregava o verbo *σολοικίζειν* (cometer solecismo), alertando os usuários da língua contra o vício do solecismo, definindo-o como uma falta de concordância entre elementos lingüisticamente solidários (Arist., *Rhet.* III, 1407 b). Os

³⁸³ Cf. Ἀπορήματα Ὀμηρικά, fragm. Apud J. Collart (Collart, 1954, p. 4).

³⁸⁴ J. Collart (Collart, 1954, p. 4, n. 8) comenta que permanece obscura a questão do criador ou criadores da pontuação. A tradição indigita Aristófanes de Bizâncio, mas a opinião é contestada. Dionísio Trácio reconhece três sinais gráficos (στίγμαι) conhecidos no seu tempo: τελεία στιγμή (ponto final), μέση στιγμή (ponto intermediário, alto) e ὑποστιγμή (vírgula).

³⁸⁵ Λέξεις (λέξις, εως = locução, léxico, coleta de palavras do léxico, daí, glossário (Cf. A. Bailly, 1950).

estóicos, atentos ao costume e ao uso — que para eles presidem o ato verbal — observavam as infrações e as anomalias presentes na fala. Diógenes de Babilônia, mestre de Crates, também procurava definir o solecismo (σολοικισμός), o barbarismo (βαρβαρισμός) e a correção (ἐλληνισμός) (Von Arnim. *Stoic. Fragm.* III, p. 214, fr. 24 = Diog. Laert. VII, 59, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 5). Crisipo, antes de Diógenes, já havia escrito *Περὶ σολοικισμῶν* [*Sobre os solecismos*]. Como bom estóico-anomalista, admitia certos solecismos,³⁸⁶ e, como justificativa, observava que os erros de hoje serão as regras de amanhã (Von Arnim. *Stoic. Fragm.* I, p. 6 = Diog. Laert. VII, 189, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 5). O próprio Zenão, que escrevera muito sobre Homero, interessava-se também pela questão do solecismo, elemento desagregador da língua (Von Arnim, *Stoic. Fragm.* III, p. 23, fr. 82; cf. M. E. Egger. *Essai sur l'histoire de la critique chez les Grecs*, p. 233-4, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 5). Na época helenística, portanto, a gramática continuava como auxiliar da crítica textual e literária.

³⁸⁶ F. Charpin (Charpin, 1978, p. 211-5) diz que solecismo, segundo um fragmento do gramático Diomedes, é a alteração do discurso correto: *Soloecismus dicitur Graece λόγου σῶου ἄκισμος, id est integri sermonis corruptio* [a corrupção da palavra correta] (*G.L.K.* I, 453, 24). Há também esta definição do gramático Pompeius: *Diximus soloecismus esse uitium factum in contextu partium orationis. Nam si in uno uerbo faciat uitium, barbarismum facit* [Dizemos que solecismo é um erro circunscrito às partes da oração; pois se este ocorre em uma só palavra, comete-se barbarismo] (*G.L.K.* V, 288, 23). O solecismo era considerado um erro morfossintático, portanto, mais amplo que o barbarismo, que se confinava à incorreção de uma palavra.

2.2.3. GRAMÁTICA SUBSIDIÁRIA DA RETÓRICA: NO LÉXICO, NA ESTRUTURA E NOS TROPOS

Também a retórica se beneficiou de dados da área da gramática. Considerada a arte de falar bem,³⁸⁷ correta³⁸⁸ e persuasivamente,³⁸⁹ a retórica fazia suas incursões à gramática, buscando a seleção de palavras e expressões e solicitando outros tipos de informação. Os oradores procuravam analisar os efeitos do estilo, as nuances dos vocábulos, a cadência da frase (cláusulas) e a aplicação de figuras. O uso do vocabulário adequado e a garantia da clareza do discurso levavam os oradores a estudar com mais rigor a sinonímia e a homonímia. Os sofistas Pródico e Protágoras especializaram-se nesse tipo de estudo;³⁹⁰ para este último Aristóteles recomendava atenção, na *Retórica* (*Rhet.* III, 1405 a). Górgias, para garantir a clareza do estilo e captar a benevolência dos ouvintes, codificou e selecionou o uso de processos retóricos como a antítese, o paralelismo de som das palavras e de construção, a aliteração e a rima (Arist., *Rhet.*, 1409 a – 1410 a). Os estóicos, especialmente Crisipo, interessaram-se pelas anfibologias.³⁹¹ Aristóteles, voltado a detalhes, apontou para alguns artifícios gramaticais: o uso do termo concreto ao invés do abstrato, o uso abundante do participio ou do adjetivo substantivado (Arist., *Rhet.* III, 1405 b). No livro III de sua *Retórica*, dava conselhos práticos de estilo, envolvendo diretamente a gramática e mostrando os efeitos produzidos por vários recursos: o plural de

³⁸⁷ A Εὐέπεια de Pródico (Plat., *Phaedr.* 267 c).

³⁸⁸ A Ὀρθοέπεια de Protágoras (Plat., *Phaedr.* 267 c).

³⁸⁹ A Ψυχαγωγία de Sócrates (Plat., *Phaedr.* 271 c).

³⁹⁰ Pródico de Ceos passava por virtuoso no uso dos sinônimos. Platão mostra-o realizando uma série conhecida de palavras com nuances semânticas (Plat., *Protag.* 337 a-c). Protágoras escrevera um tratado sobre as propriedades dos termos (Plat., *Phaedr.* 267 c).

³⁹¹ Von Arnim. *Stoic. Fragm.* II, p. 6, fr. 14 = Diog. Laert. VII, 193, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 5. A anfibologia é a ambigüidade ou a duplicidade de sentido numa construção sintática.

majestade, o singular, a repetição do artigo diante do substantivo e do adjetivo, o eufemismo, os elementos enfáticos e pejorativos, os diminutivos, as palavras longas ou compostas, as partículas garantidoras de clareza (σύνδεσμοι), o assíndeto com seu efeito de rapidez e concisão (Arist., *Rhet.* III, 1405 a – 1407 b). Entre as figuras, o estagirita menciona principalmente a metáfora (μεταφορά) ou o emprego do sentido figurado que deve ser ao mesmo tempo de bom gosto e coerente (Arist., *Rhet.* III, 1405 b, 1406 a, 1410 b, 1412 a). Ele estabelece, ainda, contraste entre o estilo simples (λέξις εἰρομένη) e o complexo e desconcertado (κατεστραμμένη) (Arist., *Rhet.* III 1409 a). Teofrasto, dando prosseguimento ao interesse gramatical do mestre Aristóteles, escreveu um *Tratado do estilo* (Diog. Laert V, 47), que inspirou Cícero no *De oratore* e no *Orator* e Quintiliano no *De institutione oratoria*, especialmente no livros VIII e IX. Também Demétrio de Falera, seguindo o estagirita, escreveu *Περὶ ῥητορικῆς* [*Sobre a retórica*], obra conhecida por Cícero (*Or.* 94). Demétrio chegou a destacar a aplicação de diversas figuras de retórica como a metáfora, a catacrese, a metonímia, a alegoria, a hipálage (*apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 7). Quanto aos estóicos, Cícero e Quintiliano confirmam que Cleanto e Crisipo escreveram, cada um, um *Tratado de retórica* (Cic., *Fin.* IV, 7; Quint., *Inst. orat.* II, 17, 2 e III, 1, 5). Com os estóicos, o estudo das figuras assume extraordinária amplitude. Cuidadosos em estabelecer os rigorosos princípios da dialética, ciência do verdadeiro, eles enfatizavam a estrutura dos enunciados (os juízos), e, por conseguinte, da frase gramatical. Fixaram, assim, um repertório variado de como fazer um enunciado segundo o esquema da proposição e o valor semântico do termo. O que lhes interessava era a lógica formal, mas, em decorrência, a estilística se enriquecia por uma lista de tropos até hoje conhecidos, resultantes de muitos tratados *περὶ τρόπων*, ou seja, com os títulos aproximados a [*Sobre os tropos*], redigidos pelos estóicos. Diógenes Laércio informa que somente Crisipo escrevera cerca de vinte livros sobre o assunto (Diog. Laert VII, 194-5).

2.3. ARS GRAMMATICA: A PRÁXIS DA LÍNGUA E SINTONIA COM O PRAGMATISMO ROMANO

Com esse estudo, chega-se ao século II a. C. Viu-se que no helenismo a filosofia, a crítica e a retórica, utilizando-se das informações de uma ciência ainda embrionária, acabaram por favorecer a gestação daquela que seria uma das últimas conquistas da ciência grega: a gramática (Marrou, 1950, p. 236). Entretanto, seus diferentes domínios se tornaram mais ou menos reconhecidos e explorados quando os romanos — mais sintonizados com o conhecimento prático, a τέχνη, do que com o teórico, a ἐπιστήμη — mostraram-se vivamente interessados nessa *ars grammatica*.

2.3.1 A GRAMÁTICA EM ROMA: ABSORÇÃO E IMPLANTAÇÃO

Na gramática como em muitos outros domínios, os romanos se ampararam nas conquistas dos gregos. Como em outras artes, também na literatura e na lingüística acabaram por ter suas escolas, autores e obras (Collart, 1954, p. 7).

Os primeiros autores-literatos latinos são chamados por Suetônio de *semigraeci* (Suet., *De gramm.*). Em etapas sucessivas, entretanto, eles não só traduziram obras gregas e as adaptaram, como também criaram um universo literário próprio, diversificado do helênico e do helenístico. Nesse lento exercício, também os autores não-literatos, desbravando as fronteiras de sua própria língua e apontando para seus recursos, fizeram verdadeiro esforço de metalinguagem em grau cada vez mais explícito. Se na história de uma língua o surgimento de sua gramática constitui o ponto mais elevado de sua reflexão metalingüística, o *De lingua Latina*, foi exatamente isso para o latim, ou seja, uma metalinguagem, naquele preciso momento em que expirava a República e se prenunciava o nascimento do Principado. Entretanto, como observa J. Collart (Collart, 1954, p. 8), a documentação sobre os percalços dessa metalinguagem na antiguidade é lacunosa; os fragmentos recolhidos por H. Funaioli dão a impressão de anotações dispersas em trabalhos não especializados, o que dificulta a coleta de dados. Para tal estudo, a base têm sido os autores J. Collart (Collart, 1954,

p. 1-16), Franco Cavazza (Cavazza, 1981, p. 16-36) e F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 3-146).

2.3.2. INÍCIOS LENTOS E OBSCUROS: AUTORES PIONEIROS E TEMÁTICA

Com uma documentação tão escassa e dispersa, como fixar a evolução dos estudos da língua latina se o próprio Suetônio, bem mais próximo dos fatos, afirmava que em Roma os inícios da gramática foram lentos e obscuros (*De gramm.* 1)? Não obstante, para atender ao objetivo deste sucinto estudo que é o de focalizar a figura de Varrão como centro da reflexão gramatical, pode-se delinear uma evolução em três etapas: até meados do século II a. C.; daí — partindo de Crates de Malos — até o início do século I; e daí — a partir de Élio Estilão — até o final da vida do erudito reatino, em 27 a. C.

Considere-se a primeira etapa, *grosso modo*, o tempo decorrido até meados do século II a. C. Sabe-se que Ápio Cláudio (Cego), cônsul em 307 e 297 a. C. e Cíncio Alimento, pretor em 211 a. C., já se interessavam pelos problemas do alfabeto e sua história;³⁹² que Ênio fora o primeiro a propor a geminação de consoantes na escrita; que Cornélio Cipião Emiliano, filho de Paulo Emílio, se preocupava com os desacordos entre ortografia e pronúncia (Cic., *Or.* 159, Quint., *Inst. orat.* I, 7, 25; *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 8). Alguns poetas desse período, percebendo o gosto dos contemporâneos pela origem das palavras, apresentaram, incidentalmente, algumas etimologias em suas obras, especialmente de nomes próprios. Nesse sentido, o próprio Varrão comenta alguns tópicos etimológicos fantasistas de Ênio e Névio (*L. L.* V, 43, 53; VII, 82). Também Catão, nos

³⁹² J. Collart (Collart, 1954, p. 93, 113, 114) comenta que há uma tradição, recolhida pelo jurista Pompônio e Marciano Capela, que faz de Ápio Cláudio o reformador que estendeu o emprego do *R*: *ut pro Valesiis Valerii essent et pro Fusiis, Furii* [para que *Valerii* estivessem no lugar de *Valesii* e *Furii* no de *Fusii*] (*G.R.F.*, p. 1, fr. 1 e 2).

seus tratados, chegou a juntar à pesquisa etimológica o estudo, por exemplo, de sinônimos.³⁹³

A partir de meados do século II a. C., pode-se considerar que se iniciava uma segunda etapa, uma importante transição no campo dos estudos filológicos e literários em Roma. Figura decisiva nesse momento foi Crates de Malos, por suas conferências realizadas para um largo público romano, em 170-168 a. C., como já comentado no capítulo VIII. Deram elas um notável impulso aos estudos da língua e da literatura em Roma.³⁹⁴ Os ouvintes de Crates se empolgaram pelas questões filológicas trazidas por ele (Gwynn, 1926, p. 36-7), principalmente pela disputa entre a analogia e a anomalia. A partir de Crates, o interesse pela ciência da gramática cresceu intensamente, como resultado de suas posturas intelectuais. O impulso dado pelo mestre estóico, o interesse crescente de líderes políticos romanos pela filosofia, história, língua e literatura, a abertura à influência filológica helenística, os contatos freqüentes com eruditos de Atenas, a presença cada vez mais intensa de exímios escolarcas na *Vrbs*, a abertura de escolas e bibliotecas, enfim, a publicação de edições críticas, glossários e comentários (Collart, 1954, p. 8) — todos esses fatos constituíram, juntos, forças peristálticas para o avanço nos estudos lingüísticos no meio romano. Assim, em 167 a. C., depois da vitória de Pidna, Paulo Emílio trouxe a Roma um grupo de sábios e pedagogos (Políbio, XXXII 10). Em 160 a. C., Isócrates, o sírio, gramático de profissão, foi trazido a Roma como prisioneiro (Políbio, XXXI 33, 5). Em 155 a. C., chegavam a Roma, como embaixadores de Atenas, três filósofos: o acadêmico Carnéades, o

³⁹³ *G.R.F.*, p. 12-13, fr. 10 a 14 (*properare et festinare, amor et cupido, falsarius et mendax*); *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 308).

³⁹⁴ Suetônio (*Gramm.* I) informa que a data da vinda de Crates a Roma é incerta, mas que ela ocorreu logo após a morte de Ênio (*sub ipsam Enni mortem*), em 169 a.C. Informa também que o erudito fora enviado pelo rei Átalo de Pérgamo. Átalo I morrera em 197 a. C. e Átalo II subira ao trono em 159; e assim se instalou entre os autores a discussão a respeito da data da vinda de Crates a Roma: H. I. Marrou (Marrou, 1950, p. 540, n. 13) adota o ano de 159 a. C.; A. Sandys (Sandys, 1958, p. 159) propõe 168 a. C., data aceita também por M. Gwynn (Gwynn, 1926, p. 36); F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 18) propõe entre 172 e 171 a. C.

peripatético Critolaus e o estóico Diógenes de Babilônia (Plut., *Cat. maj.* I, 22), que obtiveram sucesso com suas preleções (Políbio, XXXIII 2; Gell, *N. A.* VI, 14). Nessa ocasião, segundo historia Cícero, fazia-se também presente em Roma Diofânio de Mitilene, um erudito grego (Cic., *Br.* 104). O próprio Catão, anti-helenista, que incentivara o Senado a expulsar eruditos e filósofos estrangeiros, acolheu o escravo Xílon, um competente gramático grego (Plut., *Cat. maj.* 20; Gwynn, 1926, p. 32-8). Em 144 a. C., o estóico Panécio de Rodes, discípulo de Crates de Malos, veio a Roma como amigo de Cipião Emiliano, tornando-se, com Políbio, membro influente do círculo dos Cipiões, no qual se discutiam questões filológicas, ao lado das filosóficas, históricas e literárias.

Os inícios do século I a. C. parecem constituir uma terceira fase, uma referência muito significativa para os estudos filológico-gramaticais em Roma, tendo como ponto de partida a figura de Élio Estilão. Como já comentado no capítulo anterior, por volta do ano 100 a. C. esse estudioso, futuro mestre de Varrão, voltava de Rodes, onde estivera para acompanhar um amigo no exílio. Aí também se encontrara com Dionísio Trácio, criador da primeira gramática grega (Suet., *Gramm.* 3). Assim, concomitantemente ao retorno de Élio, continuavam a aportar em Roma filósofos, historiadores, retóricos, bibliotecários e filólogos, fato que trouxe a intensificação da atividade intelectual. Assim, pelo ano 86 a. C., Posidônio de Apaméia, filósofo estóico, um dos mestres de Cícero, renovou o impulso cultural que imprimira seu mestre Panécio no século anterior. Alexandre Polyhistor, historiador e filólogo estóico, foi trazido a Roma por Sila e se tornou mestre de Higino, futuro erudito na época de Augusto (Suet., *De gramm.* 20). Demétrio de Magnésia, filósofo, historiador e compilador, fonte essencial de Diógenes Laércio, tornou-se amigo de Cícero e de Ático (*At.* VIII, 11, 7). César nomeou o retórico Apolodoro de Pérgamo preceptor do seu sobrinho, o jovem Otávio (Suet., *Aug.* 89). Em 67 a. C., ocorreu um fato ainda mais notável para a filologia e a gramática em Roma, aliás, já comentado no capítulo VIII: Tirânio, discípulo de Dionísio Trácio, autor de obras sobre as partes do discurso e sobre as semelhanças entre o grego e o latim, e grande conhecedor de Aristóteles, é trazido a Roma por Luculo, tornando-se amigo de Cícero e de Varrão e conselheiro técnico de Ático (G.

Boissier. *Cicéron et ses amis. Étude sur la société romaine du temps de César*. Paris, s/d/, apud J. Collart — Collart, 1954, p. 1-16).

2.3.3. EVOLUÇÃO DO ENSINO GRAMATICAL: DEMANDA POR MESTRES E ESCOLAS

Partindo do início do século I a. C., como terceira fase, pode-se afirmar que o próprio Varrão — escrevendo seu *corpus* gramatical que se iniciara com a publicação do *De antiquitate litterarum* entre 84 e 85 a. C. atingindo o auge com o *De lingua Latina* publicado entre 45 e 44 a. C. —, tornou-se, reconhecidamente, o principal ponto de referência para os estudos filológicos e gramaticais em Roma, até, praticamente, 27 a. C., ano de seu falecimento. Apesar das dificuldades de se estabelecer alguma cronologia para os fatos no campo do ensino da gramática na época de Varrão, pode-se adotar um critério que consiste em tomar como referência as próprias personalidades marcadamente envolvidas no fazer político e cultural da *Vrbs*. Incidir-se-á, obviamente, na elite intelectual da época: Élio Estilão, Sila, Pompeu, Catão uticense, Salústio, César, Cícero, Nigídio Fígulo, o próprio Varrão, e outros mais; uns, produtores diretos do saber filológico-gramatical, outros, notórios promotores desse saber.

Seguindo esse critério, analise-se, por exemplo, a figura de Élio. Pelo ano 100 a. C. ele regressava de Rodes, onde estivera em contato com Dionísio Trácio. Certamente Élio — que até então priorizara o estudo da etimologia na perspectiva metodológica estóica — trouxe para Roma o gosto pelos estudos gramaticais e pela crítica textual ao estilo dos eruditos ródio-alexandrinos. Em Roma, os novos conhecimentos de Élio foram repassados. Certo é que ele próprio exercia uma atividade professoral, mantendo cursos de filologia e retórica, preparando peças de oratória; teve dois insígnies discípulos, Cícero e Varrão (Cic., *Br.* 205; Gell., *N. A.* XVI, 8, 2), e, provavelmente, um terceiro, o pitagórico Nigídio Fígulo. Em decorrência, por imitação e, sobretudo, pela necessidade de atender a uma demanda pelos conhecimentos na área gramatical, outros estudiosos abriram cursos, em que cobravam pelo ensino dessa disciplina (Suet. *Gramm.* 3). Segundo Plínio, havia, nessa atividade, escravos-mestres,

qualificados pelo saber gramatical — motivo por que eram mais valorizados, inclusive no preço.³⁹⁵ Concomitantemente a Élio Estilão, e atuando também nos inícios do século I a. C., Marco Seio (ou Sueio) Nicanor, citado por Varrão (VII, 104),³⁹⁶ liberto de Marco Seio (edil em 74 a. C.),³⁹⁷ ensinava gramática em Roma. Outro gramático, Aurélio Opilo, citado em seis passos no *De lingua Latina*, também lecionava no início do século; segundo Suetônio, Opilo teria abandonado a administração de aulas para acompanhar o amigo Rutílio Rufo, condenado ao exílio (Suet., *De gramm.* 6). No consulado de Sila, por volta de 85 a. C., atuava como preceptor Marco Pompílio Andronico, que, não podendo concorrer com a fama de Antônio Gnifo, preceptor de César e Cícero, deixou Roma e foi ensinar gramática em Cumas (Suet., *De gramm.* 7). Cornélio Epicado, liberto do cônsul Sila e talvez preceptor do filho deste, é citado por Suetônio como tendo sido um ilustre mestre de gramática da época em que aquele exercia o consulado (Suet., *De gramm.* 19). Pompeu Lineu, escravo e gramático liberto do general Pompeu, abriu uma escola depois da morte deste (Suet., *De gramm.* 15), tornando-se rapidamente conhecido por uma disputa com Salústio, que, segundo ele, denegrira a figura do grande líder (Cic., *At.* XIII, 29, 1). Atenodoro de Tarso, estóico, bibliotecário em Pérgamo, veio a Roma tornando-se hóspede de Catão uticense (Plut., *Cat. min.* X, 16). Já em meados do século I a. C., atuava, como professor de gramática, Lúcio Orbílio Pupilo, o *plagosus Orbilius*, citado por Horácio (Hor., *Ep.* 2, 1, 70) e por Macróbio (Macr., *Saturn.* II, 6, 4) como sendo de caráter violento; segundo Suetônio, porém, Orbílio liderava uma eficiente

³⁹⁵ Plin., *N. H.* VII, 126. O escravo-gramático Lutácio Dafne, comprado por Lévio Melisso, fora o mais bem pago. Cf. J. Collart (Collart, 1954, p. 10).

³⁹⁶ Suet., *De gramm.* 5; cf. também F. della Corte (Della Corte, 1935, p. 240-43) que mostra que Marcus Seius Nicanor, gramático citado por Suetônio, e Sueius, poeta bucólico (*Fragmenta Poetarum Latinorum - F.P.L.*, W. Morel), são o mesmo personagem.

³⁹⁷ Conforme J. Collart (Collart, 1954, p. 20), o gramático Seio Nicanor teria sido uma vítima das ironias de Varrão. Já o edil Marco Seio teria sido amigo do reatino; Marco Seio era um proprietário de rica extensão agrícola perto de Óstia. (*De re rustica* III, 2, 14).

escola no tempo de Cícero e era um mestre de gramática tão desapegado dos interesses materiais, que, diferentemente de outros, vivia na penúria (Suet. *De gramm.* 9); seus ensinamentos foram continuados por seu filho Orbílio, o Jovem, e por seu discípulo favorito, Escribônio Afrodísio. Este, por sua vez, ainda segundo informes de Suetônio (*De gramm.* 19), entrou, depois da morte de Varrão, numa acirrada disputa filológica com o gramático Vérrio Flaco, da época de Augusto. Quanto a Cícero, ele próprio, após seus trabalhos no fórum, acompanhava os cursos administrados pelo gramático e retor Antônio Gnifo (Macr., *Saturn.* III, 12, 8); como acima mencionado, Gnifo fora um antigo preceptor de César (Suet., *De gramm.* 7). Outro egrégio mestre de gramática citado por Suetônio foi Cúrcio Nícias (*De gramm.* 14); sua atividade como professor e filólogo é confirmada por Cícero — que também o cita como amigo (*At.* XIII, 29, 1). Há ainda o nome do trácio Estabério Eros, contemporâneo de Varrão; ele fora mestre de Bruto e Cássio, futuros sicários de César.³⁹⁸

Esse sucinto excurso foi feito apenas para contextualizar a atuação de Varrão no ambiente dos estudos gramaticais em Roma. Não há vestígios de que ele tenha tido sua escola, seus discípulos. Na verdade, sendo aristocrata, rico proprietário de terras e exercendo rentáveis funções de comando no serviço público, ele não precisava subter-se às agruras do dar aulas. Sua atuação acontecia num patamar diverso, tão ou mais necessário do que o da transmissão direta do ensino: ele era pesquisador, foco gerador de conhecimentos gramaticais para os demais mestres. No seu tempo, o nome de *litterator*, designativo de mestre elementar de escrita e leitura, passava a um outro estágio, o de *grammaticus*, o docente superior, erudito e conhecedor profissional dos problemas da língua.³⁹⁹ A *ars grammatica* passou a perder o elemento substantivo (*ars*) e *grammatica*, simplesmente, assumiu o núcleo semântico. Ela era também chamada de

³⁹⁸ Estabério é mencionado por Suetônio (*De gramm.* 13), Plínio o Velho (*N.H.* XXXV, 199) e Prisciano (*G.L. K.* II, p. 385, 1).

³⁹⁹ Suetônio (*De gramm.* 4) comenta que os ensinamentos eram dados pelos *grammatici*, chamados, inicialmente, *litterati*.

litteratura, inclusive por Varrão.⁴⁰⁰ Cícero, tentando fugir do calque grego (γραμματική), procurou outros nomes para certas funções da gramática: *poetarum pertractatio* [estudo dos poetas], *historiarum cognitio* [conhecimento das narrativas], *uerborum interpretatio* [interpretação das palavras] (*Fin.* III, 5). Os termos *criticus* [comentarista] (Cic., *Fam.* IX, 10) e *philologus* [erudito, humanista] (Cic., *At.* XIII, 12,3) são raramente usados. Firmam-se os nomes *grammatica* e *grammaticus* que nos seis livros supérstites do *De lingua Latina* são usados 25 vezes (Cavazza, 1981, p. 35).

2.3.4. DUAS PRIORIDADES PARA A GRAMÁTICA: CORREÇÃO DA LINGUAGEM E ANÁLISE DE TEXTO

Deve-se considerar que o processo de absorção do helenismo por parte dos romanos no campo da linguagem ocorreu em duas vertentes: a poesia⁴⁰¹ e a erudição; se a primeira inspirou o fazer artístico-literário, isto é, o universo figurativo das obras, a segunda orientou o saber lingüístico, centrado na filologia e na gramática. Nessa área priorizaram-se dois aspectos: o da correção da linguagem e o da interpretação. Essa era uma idéia corrente em Roma, observada, bem mais tarde, por Quintiliano: *Haec igitur professio grammatici cum breuissime in duas partes diuidatur, recte loquendi scientiam et poetarum enarrationem* [...como esta tarefa do gramático se divide em duas breves partes: a ciência de falar corretamente e a interpretação dos poetas...] (*Inst. orat.* I, 4, 2). Havia, portanto, um duplo interesse pela gramática: o normativo (*scientia recte loquendi*) e o

⁴⁰⁰ A gramática é também chamada *litteratura*, que seria uma transposição de γραμματική: *ars grammatica quae a nobis litteratura dicitur* (Varr., fr. 107 Goetz-Schoell, p. 227).

⁴⁰¹ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 32-3) comenta que as formas progressivas de absorção literária teriam sido a tradução, a imitação e a inspiração. Na literatura, a tradução, como a *Odisséia* de Lívio Andronico, fora o primeiro passo legítimo; já Terêncio, em certas obras (*Andria*), teria criado algumas imitações, por contaminação; Virgílio teria elaborado sua *Eneida* por inspiração em Homero. Conforme F. della Corte, Terêncio fora acusado, por Lúcio Lanúvio, de contaminação e plágio de fábulas de Menandro.

interpretativo (*poetarum enarratio*). A *enarratio* realizava-se por dois modos: o da exegese estóica e o da crítica literária alexandrina. Exegese e crítica seduziam especialmente os pesquisadores romanos; elas constituíam, segundo já dissera Dionísio Trácio, uma parte importante da ciência gramatical (Collart, 1954, p. 54-5). Essa visão do estudo da gramática como interpretação foi frisada por Cícero, que, como já se mencionou acima, definia os *grammatici* como *interpretes poetarum* (*De diu.* I, 34, 12) e estipulava como tarefa primordial da gramática a *poetarum pertractatio* [a análise dos poetas] (*Fin.*, III, 5), em outras palavras, a gramática em função textual.

2.3.5. PRODUÇÃO DE OBRAS DE CRÍTICA E DE COMENTÁRIO: INTERPRETAÇÃO

Da metade do segundo século à publicação do *De lingua Latina*, entre 45-44 a. C., os filólogos romanos aplicaram os princípios da exegese estóica e da crítica alexandrina aos autores da literatura latina, criando obras de crítica e comentário. Vejam-se, a seguir, aquelas sobre as quais há notícias.

Otávio Lampádio publicou uma edição do *Bellum Punicum* de Nêvio, cuja divisão em sete livros se tornou clássica (Suet., *De gramm.* 2); a obra é registrada pelo gramático Santra: *...postea inuenimus septemnarum diuisum...* [depois encontrâmo-lo dividido em sete partes] (*G.R.F.*, p. 385, *apud* J. Blaensdorf — Blaensdorf, 1988, p. 148). Lampádio parece ter também preparado uma edição crítica do *Annales* de Ênio.⁴⁰² Quinto Vergunteio, pouco conhecido, fazia leituras comentadas sobre textos do amigo e poeta Ênio (Suet., *De gramm.* 2). Quinto Lélcio Arquelau, classificado posteriormente por Carísio entre os gramáticos de primeira linha e Vétio Filocomo, mestre do gramático e poeta Públio Valério Catão, organizaram leituras comentadas de Lucílio (*Char.*, p. 178, 18, K. Barwick). Lúcio Élio Estilão, mestre de Varrão, além de seus livros filológicos,

⁴⁰² Aulo Gélcio (*N. A.* XVIII, 5, 11) comenta que um gramático contemporâneo seu tinha conseguido um exemplar desses *Annales*, corrigidos por Lampádio: *librum...Lampadionis manu emendatum* [livro corrigido pela mão de Lampádio].

publicou trabalhos de crítica. Ele era, no dizer de Cícero, *scriptorum ueterum litterate peritus* [exímio conhecedor da produção literária dos escritores antigos] (*Br.*, 25). Élio escreveu comentários sobre o *Carmen Saliorum* (VII, 2), do qual restam quatro fragmentos (*G. R. F.*, p. 58-9); preocupado com a preservação da autenticidade dos textos de Plauto, Élio elaborou (como também fará Varrão) seu *Index* das comédias daquele poeta-comediógrafo, cuja linguagem considerava quase divina,⁴⁰³ fixando-as em número de 25 (*G.R.F.*, p. 58-9); é também, provavelmente, de Élio uma interpretação das *XII Tabulae* (*G.R.F.*, p. 66, fr.36; p. 71, fr. 57; p. 74, fr. 68). Marcos Antônio Gnifo publicou seus comentários de Ênio (*Suet.*, *De gramm.* 7; *G.R.F.*, p. 57-8). Seu rival, Pompílio Andronico, escrevera também um comentário (*opusculum*) sobre o *Annales* eniano; pressionado, porém, pela indigência, vendeu seu manuscrito — que Orbílio recolheu e publicou; já Suetônio afirmou ser ignorado o teor desse *opusculum* (*Suet.*, *De gramm.* 8). Um certo Cornélio e um certo Virgílio, ambos citados somente por Varrão (VII, 39) e que não são conhecidos, conforme visto, publicaram, cada um, comentários sobre Névio (*G. R. F.*, p. 105-6). Enfim, há os *incertorum grammaticorum fragmenta* recolhidos por H. Funaioli que indicam terem sido feitas outras *Interpretationes* sobre as *XII Tabulae* (*G. R. F.*, p. 113-14).

O importante a inferir-se dessa série de fatos é que os romanos não receberam a herança cultural helênica como também a tradição gramatical de forma passiva, como meros receptores. A transferência — fato inevitável na marcha da história das culturas —, não esvaziou a originalidade dos beneficiários, os romanos. Ao contrário, estes acolheram o imenso cabedal helenístico, intelectual e moral, de acordo com o seu gênio pragmático e o reelaboraram conforme suas necessidades, interesses e planos. Daí se explica a receptividade da gramática no meio romano. Ela não é ciência pura porque seu objeto é o próprio exame do ato verbal, fenômeno essencialmente pragmático. E esse pragmatismo ínsito no saber gramatical,

⁴⁰³ Quintiliano (*Inst. orat.* X, 1, 99) já observava o apreço de Varrão por Plauto, que transparece na grande quantidade de citações do poeta comediógrafo feitas no *De lingua Latina*. Tal apreço deve ter sido transmitido pelo mestre Élio.

isto é, não puramente especulativo, atraiu o espírito romano e especialmente o varroniano, mais propenso à τέχνη (o saber prático) do que à ἐπιστήμη (o saber filosófico).

2.4. AS TENDÊNCIAS ROMANAS: FILOSOFIA, CRÍTICA TEXTUAL E RETÓRICA

De modo geral, os dados sobre as doutrinas gramaticais vigentes em Roma até o surgimento das obras gramaticais de Varrão são raríssimos, segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 113). Os textos de interesse gramatical, além de escassos, são mutilados, diminutos, reduzidos a fragmentos de difícil contextualização. Não raramente, eles provêm de autores que, não sendo profissionais da gramática, trataram incidentalmente de problemas gramaticais. Como no mundo helênico, também em Roma a gramática surge subordinada a outras disciplinas, principalmente à filosofia, à crítica e à retórica. Cabe então analisar esquematicamente os fatos que giravam em torno desses três gonzos interdisciplinares em Roma.

2.4.1. TRADIÇÃO FILOSÓFICO-LINGÜÍSTICA EM ROMA

A tradição que, em Roma, mesclava filosofia e gramática aparece em vários autores, sendo os mais representativos — além do próprio Varrão com seu ecletismo, já examinado no capítulo VIII — Nigídio Fígulo, Élio Estilão, Lucrécio e César, cujas tendências cabe identificar, a seguir.

A tradição neopitagórica era representada por Nigídio Fígulo, erudito filósofo e gramático, autor dos *Commentarii grammatici*, obra em 29 livros. Ele pontificava que a linguagem é de origem transcendente e responde a um plano harmonioso (*proportio*).⁴⁰⁴

⁴⁰⁴ Cícero (*De diu.* I, 45, 102) observava nos neopitagóricos um gosto acentuado pela pesquisa etimológica. Para o neopitagórico Nigídio, os vocábulos são de origem natural, com valor transcendental; eles são verdadeiras imagens do pensamento. Procurando a harmonia entre a palavra e a coisa, ele explicava *auarus* por *auidus aeris*, *frater*, por *fere alter*. Gélio atribui a Nigídio o seguinte pensamento: “*Ita in uocibus quasi gestus quidam oris et spiritus naturalis est*” [assim na pronúncia

A tradição estóica manifestava-se, a princípio, principalmente em Lúcio Élio Estilão.⁴⁰⁵ Entretanto, através de seu contato com Dionísio Trácio em Rodes, tornou-se Élio um meio-estóico e meio-alexandrino, assimilando certo ecletismo gramatical (Suet., *De gramm.* 2) que repassou ao seu discípulo, Varrão.⁴⁰⁶ Os gramáticos posteriores citam-no pouco, porque já o conheceram apenas através do próprio escritor reatino.⁴⁰⁷

Lucrécio cultivava a tradição epicurista. Contrariamente a Nigídio, sustentava que só a necessidade de se comunicar é que levava os homens a dar nomes às coisas e que a língua nasceu primariamente do grito emocional (*R. N. V*, 1028-1090), caracterizando o ato verbal, em primeira instância, como onomatopéico.

Numa linha eclética, César compôs seu tratado *De Analogia*, mais orientado para a observação dos fatos lingüísticos em função dos efeitos

das palavras há como que um gesto natural da boca e do espírito] (Gell., *N. A. X*, 4).

⁴⁰⁵ Cícero confirma: "*Idem Aelius Stoicus esse uoluit.*" [O próprio Élio quis ser um estóico] (*Br.* 205).

⁴⁰⁶ Segundo H. I. Marrou (Marrou, 1950, p. 236), a maioria dos fragmentos relativos a Élio Estilão são os passos comentados por Varrão (no *De lingua Latina*) bem como as referências feitas por Vérrio, Quintiliano e Festo; este os toma de Vérrio, liberto da época de Augusto e gramático, designado pelo príncipe para ser professor de seus netos. Vérrio escreveu *De uerborum significatu* (obra perdida), em que tratava, já em ordem alfabética, não somente do léxico da língua, mas também das antiguidades romanas em geral.

⁴⁰⁷ Élio, o mestre de Varrão, devido a algumas etimologias, teve a má chance de tornar-se representante típico de absurdos etimológicos, como neste exemplo: "*uolpes quod uolat pedibus* [uolpes (raposa) porque voa com seus pés — *V*, 101]. Élio parecia ter predileção pela etimologia *e contrario* (por antífrase): *Caelum dictum scribit Aelius, quod est caelatum, aut contrario nomine, celatum quod apertum est; non male...*[Élio escreve que *Caelum* (céu) tem esse nome porque está cinzelado (*caelatum*), ou, por antífrase, porque está oculto (*celatum*); o que é incorreto...] (*V*, 18); Varrão registra, portanto, a etimologia e a crítica. Outro caso de antífrase eliana: *miles* (soldado) vem de *molitia* (moleza) porque, ao contrário, o soldado leva uma vida dura (*G.R.F.*, p. 61, fr. 15). Varrão explicará *miles* por *mille* (em grupo de mil — *V*, 89). Outra antífrase: *lucus* (bosque) vem de *lucere* porque, ao contrário, um bosque é escuro.

retóricos do que para a discussão abstrata a respeito da anomalia e da analogia.⁴⁰⁸

2.4.2. NA CRÍTICA TEXTUAL: A PRODUÇÃO DE COMENTÁRIOS E LEXICOLOGIA

Verifica-se que a tradição gramatical dos críticos alexandrinos suscita em Roma edições não só de obras voltadas para os comentários e crítica literária (a κρίσις ποιημάτων — Cavazza, 1981, p. 31, n. 35) mas também de trabalhos de lexicologia direcionados principalmente para a explicação de palavras antigas (as πρώται φωναί), inspirados nas Γλῶσσαι.⁴⁰⁹ Os mais expressivos envolvem os seguintes autores:

⁴⁰⁸ J. Collart (Collart, 1954, p. 149) considera que o *De analogia* já era conhecido quando Varrão elaborava o *De lingua Latina*. Aquela obra de César fora composta durante a guerra das Gálias, *inter tela uolantia et tubas* (G.R.F., p. 145). O que era para César analogia? Era uma aproximação entre os elementos semelhantes. O autor define analogia (*proportio*) com precisão em oito formas: *Quae est analogia? Comparatio similium: latine proportio dicitur. Fit octo modis* (G.R.F., p. 150, fr. 11), ou seja, segundo César, duas palavras estão em relação analógica se elas apresentam a mesma categoria (*qualitas*), o mesmo grau de comparação (*comparatio*), o mesmo gênero (*genus*), o mesmo número (*numerus*), a mesma estrutura, isto é, ambas simples, primitivas ou derivadas (*figura*), o mesmo caso (*casus*), a mesma desinência (*exitus syllabarum*), ou a mesma pré-desinência vocálica ou consonantal, nos mesmos tempos (*tempora*). Já segundo H. Dahlmann (Caesars Schrift über die Analogie. *Rheinisches Museum* 84, p. 265, 1935, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 146), o *De analogia* não era tanto uma tomada de posição gramatical ou uma contribuição às disputas filológicas, mas, antes, um tratado de estilo oratório, destinado a colocar os princípios de uma eloquência elegante e sutil. É o mesmo parecer de Cícero (Br. 252-253), para o qual César era o escritor de seu tempo com o estilo mais puro, mais elegante e mais correto. Como ele faz menção do *De analogia*, nessa mesma passagem, conclui-se que essa obra de César, no pensamento de Cícero, era, prioritariamente, um tratado de purismo literário, acompanhado de conselhos de ordem prática, expressos por um técnico do estilo (Collart, 1954, 147-9).

⁴⁰⁹ J. Blaensdorf (Blaensdorf, 1988, p. 141-7) insiste no fato de que, antes da chegada de Crates, a atividade principal da filologia romana era a glossografia, ou seja, a explicação de palavras e termos, a qual nasceu da prática dos juristas, premidos pela necessidade de interpretar com exatidão e aplicar com competência textos

a) Aurélio Opilo, atuando desde o fim do século II a. C., interessava-se pelo estudo das palavras raras e de termos técnicos; foi autor dos *Musarum libri* (G.R.F., p. 86-96);

b) Ateio Pretextato publicara os *Glossematorum libri*, em que aparecia seu gosto por palavras arcaicas e bizarras (G. R. F., p. 86-96, 28 fragmentos);⁴¹⁰

c) Hipsícrates, da época de Sila, ensinava em Roma, insistindo na estreita dependência do vocabulário latino do léxico grego (V, 88);⁴¹¹

d) Élio Estilão parece ter subestimado os aportes do grego para o latim, preferindo explicar o latim pelo latim;⁴¹² em compensação, deu importância às concordâncias do latim com elementos dialetais itálicos;⁴¹³

jurídicos antigos ainda em vigor, como a *Lei das doze Tábuas*, as fórmulas jurídicas tramitadas nos processos e outros documentos. A prioridade dessas explicações glossográficas era expor a jurisprudência, ficando o esclarecimento da língua, em si, para um segundo plano. Daí se explica também o interesse inicial menor pela sinonímia, morfologia e sintaxe e maior pela etimologia da área jurídica. Com o tempo, às questões jurídicas se somaram as históricas, arqueológicas e religioso-augurais. Assim atuaram Sextus Aelius Paetus Catus, cônsul em 198 a. C., na sua obra *Tripertita* (G.R.F., p. 15), Múcio Cévola, pontífice, Élio Estilão, Sulpício Rufo, Coscônio, Élio Galo, Antístio Labeo, na mira dos termos jurídicos. Essa atividade jurídico-glossemática ter-se-ia estendido, progressivamente, para a ampla área da linguagem.

⁴¹⁰ Fest., p. 192. Lindsay, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 306). Segundo Lindsay, a maior parte dos fragmentos conservados de Ateio não traz o título da obra donde foram extraídos; todavia é provável que o tenham sido do *Glossematorum liber* (cf. G.R.F., p. 138). Ateio Pretextato era gramático, retor e jurisconsulto, amigo e conselheiro técnico de Salústio (autor de *Bellum Catilinae* e *Bellum iugurthinum*), com o qual tinha, em comum, um gosto especial pelos arcaísmos.

⁴¹¹ Segundo Aulo Gélio (N. A. XVI, 12, 5), houve exageros por parte de Hipsícrates em ver o latim como proveniente do grego.

⁴¹² Varr., *Rer. diuin.*, XIV, *apud* Gell. N. A. I, 18, 1. Reproduzindo o pensamento de Varrão, Aulo Gélio confirma erros de Élio: *In quo L. Aelius noster, litteris ornatissimus memoria nostra, errauit aliquotiens* [...no qual, nosso Élio, homem ilustre em nossa memória, errou algumas vezes...]. Nesse passo registrado por Aulo Gélio, Varrão criticava o mestre sob três aspectos: Élio não se encontrava sempre bem inspirado nas suas considerações sobre a origem das palavras;

e) Cornélio Epicado, na época de Sila, especializara-se no estudo da antroponímia (onomástica), publicando seu *De Cognominibus*, do qual resta um fragmento conservado por Carísio (Char., p. 150, K. Barwick);

d) Aurélio Opilo mostrara, entre termos arcaicos, a palavra *stribligo*, pela qual os antepassados designavam o solecismo (G.R.F., p. 91, fr. 17; cf. Gell, N. A. V, 20);

e) Sérvio, Pompeu e Isidoro de Sevilha, três lingüistas tardios, fizeram alusão a um longo passo gramatical de Lucílio, em que esse poeta distinguia cem espécies de solecismos, chegando mesmo a relacioná-los numericamente (G.R.F., p. 14);

f) de modo geral, pelo que se infere dos fragmentos pré-varronianos supérstites, as reflexões sobre o correto e o incorreto manifestavam-se sobretudo no uso das palavras duvidosas, como, por exemplo, *plura* e *pluria*, *complura* e *compluria*.⁴¹⁴

2.4.3. DO ASIANISMO E DO ATICISMO ÀS QUESTÕES GRAMATICAIIS

Quanto à oratória, os mestres romanos da eloquência também solicitavam à área da gramática soluções lingüísticas.⁴¹⁵ Ao asianismo (ou

insistia sistematicamente em explicar o latim pelo latim; e não dava atenção suficiente às relações do grego com o latim.

⁴¹³ Essa referência do latim com os elementos dialetais itálicos teria ocorrido em relação ao osco (G.R.F., p. 60, fr. 8, exemplo: *daliuus* = louco); ao prenestino (G.R.F., p. 67, fr. 40, exemplo: *tongere* correspondia ao latim *noscere*; os prenestinos diziam *tongitio* para exprimir o que em latim é *notio*); ao falar de *Lanuuium* (G.R.F., p. 73, fr. 64, exemplo: *nefrendes* = rins); e ao sabino (G.R.F., p. 60, fr. 9, ex.: *Sancus* = *Diouis filius*).

⁴¹⁴ O gramático Sínio Capito, contemporâneo de Varrão, empregava, como Élio, os adjetivos *pluria* e *compluria* (Gell., N. A. V, 21).

⁴¹⁵ O *De lingua Latina* fora um tratado global sobre a gramática latina, uma obra sumulativa que já se fazia necessária no ambiente culto romano. Como tal, fora sugerido a Varrão, acompanhado e cobrado com certa urgência pelo mestre da eloquência contemporânea, Cícero, o que quer dizer que a atividade retórica precisava também dos subsídios interdisciplinares da *ars grammatica*.

antiaticismo) e ao aticismo, que eram estéticas debatidas nos níveis teórico e prático da retórica grega e da oratória romana, corresponderiam a anomalia e a analogia em nível gramatical.⁴¹⁶ Como já visto no capítulo anterior, os tratados sobre o estilo, de Teofrasto e de Demétrio de Falera, eram conhecidos de Cícero. De modo geral, as questões sobre a escolha judiciosa das palavras, o momento oportuno para sua colocação, seu valor adequado, o arcaísmo, o neologismo, os quase-sinônimos foram do interesse não só de Cícero (*De or.* III, 150-151) como também de autores anteriores a Varrão, como Catão, Lucílio e Áccio, e de seus contemporâneos, como Nigídio Fígulo,⁴¹⁷ Élio Estilão, Aurélio Opilo, Sêrvio Clódio e Afrânio (*G. R. F.*, p. 123, fr. 1).

2.4.4. GRAMÁTICA E MODISMO EM ROMA

O resultado de todas essas influências é que a gramática se tornou a ciência da moda, envolvendo, na discussão, personagens da esfera política, que chegaram a redigir tratados ou a abrir, em seus escritos, páginas

⁴¹⁶ J. Collart (Collart, 1964, p. 240) observa que a polêmica criava facções duplas: a) em torno do aticismo e do asianismo no campo da retórica; b) a propósito da analogia e da anomalia no campo da gramática; c) e os neotéricos e arcaizantes no nível línguo-literário. Segundo esse autor, pode-se falar apenas de uma certa coincidência entre analogia e aticismo. Cf. também A. Michel (Michel, 1978, p. 163-170) segundo o qual o debate sobre a analogia e a anomalia se refletia no domínio do direito romano. Labeão e Capitão, dois grandes juristas da época de Augusto, opunham-se na visão interpretativa da lei. O primeiro inscrevia-se na tradição analogista, acentuando os aspectos racionais da argumentação: definição, causalidade, silogismo, rigor lógico, mais espírito do que letra da lei, oposto ao formalismo hipócrita que manipula a lei, sem aprofundar sua intenção. Capitão, numa linha anomalista, prendia-se mais à letra da lei, ao positivismo jurídico; por outro lado, dedicava-se à pesquisa das leis antigas, às *antiquitates iuris*. Essas tendências mostravam uma fonte comum de inspiração, que era Varrão, pois que também este procurava o equilíbrio entre os aspectos históricos (diacronia) e a estrutura argumentativa (= sincronia, sistema, gramática) da realidade.

⁴¹⁷ Nigídio Fígulo, no seu *Liber de animalibus* (*G.R.F.*, p. 176, fr. 40), parece mostrar-se interessado por palavras antigas, raras e curiosas (*caesi* = cinza-verde, equivalente ao grego γλαυκῶπις) (*G.R.F.*, p. 77, fr. 43) e pelo vocabulário técnico.

dedicadas às questões gramaticais.⁴¹⁸ Vejam-se os nomes de figuras proeminentes da administração romana que, de forma mais ou menos esporádica, realizaram trabalhos de metalinguagem do latim:

- Calpúrnio Pisão, cônsul em 133 a. C., insere, em seus *Annales*, notas etimológicas a que Varrão se refere no *De lingua Latina* (V, 148, 149, 165);
- Q. Lutácio Cátulo, cônsul em 102 a. C., inclui notas filológicas em suas *Historiae*, das quais Varrão cita um excerto, a propósito da etimologia de *nox* [noite] (VI, 6);
- M. Júnio Gracano, amigo de Caio Graco, faz, nos seus trabalhos sobre direito, incidentais digressões de teor gramatical (*G.R.F.*, p. 120-1);
- Q. Múcio Cévola, que fora Pontífice Máximo e cônsul em 95 a. C. e ao qual Varrão se refere no *De lingua Latina*, discute diversos pontos gramaticais nos seus 18 livros de direito civil (Cic., *Top.* 29 e 37; Varr., *L.L.* V, 83; VII, 105; Gell., *N. A.* IV, 1, 17; XVII, 7, 3).
- César, nas Gálias, *inter tela uolantia, inter classica et tubas*, compõe seus dois livros *De analogia* (*G. R. F.*, p. 145), que dedica a Cícero, sabendo que este se interessava por temas retórico-gramaticais (Quint., *Inst. orat.* I, 4, 11; Gell., *N. A.* XV, 3, 1);
- Ápio Cláudio Pulcher, cônsul em 54 a. C., expõe, em seus livros, a ciência augural e a origem dos termos técnicos (*G.R.F.*, p. 426-7).

Assim, nos trabalhos mais variados e nos menos esperados, a gramática chega a tomar seu lugar, como um elemento constante numa operação interdisciplinar. Até mesmo nos trabalhos de nível literário

⁴¹⁸ Suetônio (*De gramm.* 3) destaca o incentivo que Élio Estilão dera aos usuários da língua latina; depois dele, melhorou a atenção pelo estilo e pela correção como também o interesse por parte dos cidadãos mais esclarecidos em fazer metalinguagem, isto é, explicar o código comum. Diz Suetônio no passo mencionado: *Posthaec [i.e., post Aelium Stilonem] magis ac magis et gratia et cura artis increuit, ut ne clarissimi quidem uiri abstinuerint quo minus et ipsi aliquid de ea scriberent* [Após isto (isto é, depois de Élio Estilão), mais e mais cresceu o interesse por essa arte e a atenção a ela, de forma que até homens ilustres não se abstinham de escrever algo sobre ela].

surgem alusões aos problemas gramaticais. Vejam-se os principais autores que trouxeram suas contribuições no esclarecimento da língua:

- Áccio e Lucílio encetam um querela sobre a representação gráfica das vogais, que ficou famosa, tanto que será mencionada por Horácio⁴¹⁹ e lembrada por Aulo Gélíio;⁴²⁰
- A exemplo de Ênio e Névio, Áccio e Afrânio integram em suas peças discussões sobre os vocábulos (Collart, 1954, p. 16);
- Valério Catulo revela preocupações gramaticais em alguns de seus epigramas.⁴²¹

No momento em que Varrão entrava em cena em Roma, o ambiente intelectual era especialmente favorável aos trabalhos de pesquisa gramatical. Os romanos pareciam muito envolvidos nela, como por um saudável modismo, revelador do apreço ao código latino. No entanto, faltava a todo esse empenho um espírito de coordenação. Esperava-se a obra de conjunto, a grande doutrina de síntese, que seria o *De lingua Latina*.

⁴¹⁹ A menção feita por Horácio (*Sat.* I, 10, 53) ocorreu cerca de 24 anos depois do falecimento de Varrão.

⁴²⁰ Aulo Gélíio (*N. A.* XVII, 21, 49) comentará o fato 200 anos depois. F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 20, nota 3 e p. 38, nota 1.) observa que Suetônio, no *De grammaticis*, não menciona essa controvérsia ortográfica, como também não menciona Áccio; parece que ele citava sistematicamente apenas os gramáticos profissionais, reservando um outro tratado para os gramáticos-poetas. Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 121, nota 5), o debate foi transmitido de forma unilateral: conhecem-se os ataques de Lucílio a Áccio, mas a resposta deste, se houve, é desconhecida.

⁴²¹ A respeito do *h* aspirado, Valério Catulo (84) ironizava um certo Árrio que dizia *chommoda* e *hinsidias*, abuso por que Aulo Gélíio, 200 anos mais tarde, recriminará também os escritores de sua época (Gell., *N. A.* II, 3).

2.5. A DOUTRINA GRAMATICAL VARRONIANA: FONTE E AUTENTICIDADE

Cumpre esclarecer que a doutrina gramatical de Varrão não se encontrava somente no *De lingua Latina*. No *De Antiquitate litterarum* deve ter ele tratado da grafia, no *De origine linguae Latinae* e no *De sermone Latino*, deve ter abordado o tema de uma pseudo-sintaxe. Atualmente, além do texto supérstite do *De lingua Latina*, há os fragmentos. Entretanto, se esse tratado apresenta problemas relativos à sua transcrição e à sua própria integridade, o que dizer dos fragmentos? Estes encerram dificuldades heurísticas maiores ainda. Nem sempre se sabe de que obras foram eles extraídos e qual seu contexto natural; podem estar incompletos, ou ser de segunda mão, ou ter sido transcritos de cor, sem a segurança de uma fonte escrita sob as vistas do compilador; este, por sua vez, pôde ter intenções interpretativas e argumentativas próprias no momento da seleção e do registro de um determinado informe. Os fragmentos, portanto, podem oferecer o risco de não reproduzirem com fidelidade o pensamento de um autor, como já visto no capítulo III. Assim, no *De lingua Latina*, isto é, no texto supérstite, não se encontra, por exemplo, uma definição de Varrão de gramática. Mas há cinco fragmentos — um de fundo histórico, outro de teor evolutivo, um terceiro de tendência filosófica e um quarto e um quinto de sentido técnico, isto é, línguo-literário — que permitem algumas ilações sobre a essência da gramática, na visão do erudito reatino.

2.5.1. O SENTIDO HISTÓRICO DA GRAMÁTICA: SUA INFÂNCIA, A *LITTERATIO*

O sentido histórico-evolutivo da gramática, retomado posteriormente por Marciano Capela⁴²² e Isidoro de Sevilha (Isid., *Orig.* I, 3, 1), encontra-se num primeiro fragmento conservado por Santo Agostinho (Aug., *De ord.* II, 12, 35; *G.R.F.*, p. 265, fr. 235), que reproduz o pensamento varroniano. Segundo esse fragmento, o significado primordial de gramática funda-se em γράμματα = *littera* > *litteratio*. Os homens, dotados do poder da fala, mas incapazes de ouvir as palavras dos ausentes, tiveram o desejo de difundir seu pensamento no tempo e no espaço. Por isso, representaram os sons articulados das palavras por meio de signos visíveis e limitados. É a fase da *litteratio*, da infância da gramática: *...uelut quaedam grammaticae infantia, quam Varro litterationem uocat*, [como se fosse a infância da gramática que Varrão chama de *litteratio*]. Tal concepção varroniana se reporta ao material básico da gramática, constituído de γράμματα e στοιχεῖα, ou seja, a letra isolada e a letra como elemento constitutivo da sílaba e da palavra (Bailly, 1950, p. 416 e 1795). Como se verifica, inicia-se uma concepção de gramática vinculada à língua escrita, que irá marcar, profundamente, e talvez indesejadamente, o estudo gramatical.

2.5.2. O SENTIDO INTEGRANTE-EVOLUTIVO: DA ALFABETIZAÇÃO À *LATINITAS*

No segundo fragmento, conservado pelo gramático Diomedes, Varrão parece aludir ao desenvolvimento interno da gramática, como uma estrutura que se vai erigindo gradativamente: *Grammaticae initia ab elementis surgunt, elementa figurantur in litteris, litterae in syllabas*

⁴²² Mart. Cap., *De nuptiis Mercurii et Philologiae* III, 229, p. 84-5, *apud* A. M. Carlo (Carlo, 1950, p. 173). Segundo o autor, Marciano Capela, procedente de Cartago ou Madaura (século V d. C.), fora gramático e erudito, poeta e prosista. Sua obra, de teor enciclopédico sobre as sete artes liberais, é uma espécie de sátira à maneira varroniana.

coguntur, syllabis comprehenditur dictio, dictiones coguntur in partes orationis, partibus orationis consummatur oratio, oratione uirtus ornatur, uirtus ad euitanda uitia exercetur [O início da gramática está no alfabeto; o alfabeto se representa sob a forma de letras; as letras se associam em sílabas; das sílabas resulta um grupo sonoro interpretável; os grupos sonoros interpretáveis se agrupam em partes do discurso; pela soma das partes do enunciado (sintagmas) forma-se o discurso (frase = *oratio*); no discurso se realça o vigor da eloquência, que é praticado para evitar os vícios da linguagem].⁴²³ O teor e a estrutura do fragmento lembram a teoria dos constituintes imediatos da lingüística descritiva moderna, em que os elementos simples se vão complexificando; aludem também a um planejamento pedagógico para a atividade gramatical que vai da alfabetização à retórica, tendo, como meta, a *latinitas*, isto é, o falar o latim correto e elegante; ou ainda, à teoria saussuriana dos sintagmas, desde o plano fonético ao sintático, segundo J. Mattoso Câmara.⁴²⁴

2.5.3. O TEOR FILOSÓFICO; *dictio* E *dicibile*; O SIGNIFICANTE E O SIGNIFICADO: INTUIÇÕES VARRONIANAS

Segundo H. I. Marrou (Marrou. *St. Augustin et la fin de la culture antique*. Paris, 1949, p. 578, n. 2, *apud*. J. Collart — Collart, 1954, p. 253 e 280), o tratado *De Dialectica* atribuído a Agostinho teria sido fortemente inspirado em Varrão. Nele, o bispo hiponense utiliza o termo *dictio* da dialética varroniana, conservado por Diomedes, conforme visto no item

⁴²³ Segundo o gramático Diomedes (*G.L.K.* I, p. 426 = *G.R.F.*, 267, fr. 237), os termos *uirtus-uitia* e ἀρετή-κακία, partindo de um certo valor ético-filosófico de fundo estóico, tomaram um sentido puramente gramatical. *Vitia orationis* são simplesmente as incorreções gramaticais e *uirtutes orationis* são os ornamentos, os recursos estilísticos, os cânones da *latinitas*; cf. F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 87).

⁴²⁴ Varrão parece antecipar a teoria dos sintagmas de Saussure, segundo a qual, com base na realidade binária da língua, formas mínimas se combinam com outras superiores, para constituir uma unidade, na seguinte seqüência, conforme J. Mattoso Câmara: sintagma lexical, locucional, sub-oracional, oracional, super-oracional (Mattoso Câmara, 1968, p. 332).

anterior, e acrescenta um outro termo: *dicibile*.⁴²⁵ Eis o teor do terceiro fragmento: *Verbum est uniuscuiusque rei signum quod ab audiente possit intelligi a loquente prolatum...Quod dixi uerbum, et uerbum est et uerbum significat. Quod dixi dicibile, uerbum est nec tamen uerbum sed quod in uerbo intelligitur et animo continetur significat. Quod dixi dictionem, uerbum est quod iam illa duo simul, id est ipsum uerbum et quod fit in animo per uerbum significat* [A palavra é o signo representativo de qualquer coisa, o qual, emitido por um falante, pode ser entendido por um ouvinte...O termo *uerbum*, que eu acabei de usar, não é apenas uma palavra, mas designa “a palavra”. O termo *dicibile* que eu empreguei é uma palavra, mas ele não designa “a palavra”: ele designa a noção que dela se extrai e é retida pela mente (= significado). O termo *dictio* que falei é uma palavra, mas ela designa de uma só vez os dois elementos precedentes, isto é, a palavra mesma (= enquanto signo sonoro, significante) e a noção que se cria na mente (= conteúdo, significado) através da palavra] (Aug., *De dial.* 1-7 = *G.R.F.*, p. 278-86, fr. 265, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 53). Como se vê, depois de conceituar a diferença entre *res* (a coisa) e *uerbum* (o signo), Agostinho acrescenta as duas noções, *dicibile* (o conceito, o significado) e *dictio* (o grupo sonoro interpretável, o significante). Se é verdade que Agostinho estava impregnado do pensamento dialético varroniano, então essas duas noções de significante e significado já eram conhecidas por Varrão,⁴²⁶ que, por sua vez, as recebera dos estóicos. Conforme J. Collart (Collart, 1954, p. 53), estes é que haviam elaborado a dialética do *uerbum* e *res*; consideravam essa disciplina (a dialética) ciência da verdade e o *uerbum* (palavra = signo lingüístico) o elemento

⁴²⁵ Segundo esse fragmento de Agostinho, Varrão distingue entre *dictio* e *dicibile*, ou seja, a palavra enquanto grupo sonoro despertando uma interpretação na mente (*dictio*) e o resultado dessa interpretação (*dicibile*), noções essas que parecem corresponder ao conceito moderno de enunciação e enunciado na teoria do discurso, segundo J. L. Fiorin (Fiorin, 1992, p. 39-40), que afirma que a nunciação, ato de produção do discurso, é uma instância pressuposta pelo enunciado, sendo este, produto dela.

⁴²⁶ Nesse aspecto, pode-se detectar alguma intuição varroniana a respeito da teoria do signo (significante e significado) consagrada por Saussure.

fundante da gramática. Essa identificação do pensamento dialético entre estóicos, Varrão e Agostinho se evidencia no fato de que, para Varrão, *uerbum* é *uerum boare*, fazer ressoar a verdade (G.R.F., p. 281). Essa etimologia popular colhida por Varrão traduzia também o sentido da própria palavra *etimologia*, ἐτυμολογία = palavra verdadeira, no sentido filosófico e ético estipulado pelos estóicos, segundo o qual as palavras reproduzem ou devem reproduzir a verdade das coisas.

2.5.4. O SENTIDO TÉCNICO: A GRAMÁTICA INSEPARÁVEL E EM FUNÇÃO DO TEXTO

Um quarto fragmento foi conservado por Mário Vitorino;⁴²⁷ ele diz: *Vt Varroni placet, ars grammatica, quae a nobis litteratura dicitur, scientia est [eorum] quae a poetis, historicis, oratoribusque dicuntur...*[De acordo com Varrão, a arte da gramática, que nós chamamos *litteratura*, é o conhecimento das coisas que são geralmente ditas pelos poetas, historiadores e oradores].⁴²⁸

2.5.5. O SENTIDO TÉCNICO: FUNÇÕES DA GRAMÁTICA: LEITURA EXPRESSIVA, EXPLICAÇÃO, CRÍTICA TEXTUAL E COMENTÁRIO

O quinto fragmento foi também conservado pelo gramático Diomedes: *Grammatica officia, ut adserit Varro, constat in partibus quattuor: lectione, enarratione, emendatione, iudicio*: [As funções da gramática, como afirma Varrão, constam de quatro partes: a leitura expressiva, a explicação literal das expressões obscuras, a crítica textual e o comentário

⁴²⁷ A. M. Carlo (Carlo, 1950, p. 172) comenta que Mário Victorino, originário da África, gramático e erudito, convertera-se ao cristianismo em torno do ano 355 d. C.; escreveu *Ars grammatica*, um comentário ao *De inuentione* ciceroniano, além de obras polêmico-doutrinárias em defesa do cristianismo.

⁴²⁸ G.R.F., p. 265, fr. 234, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 54); este autor observa que esta definição de gramática é, originariamente, de Dionísio Trácio: Γραμματική ἐστὶν ἐμπειρία τῶν παρὰ ποιηταῖς τε καὶ συγγραφεύσιν ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ λεγομένων [Gramática é o conhecimento das coisas que se encontram escritas principalmente nos poetas e nos escritores...].

literário] (G.R.F., p. 266, fr. 236). Nesse fragmento também há uma certa coincidência com as seis partes (μέρη) da gramática, conforme Dionísio Trácio: a leitura expressiva, a explicação de expressões poéticas, a lexicologia, a pesquisa das etimologias, a reflexão sobre a analogia e o comentário dos poetas. Entretanto, a fonte varroniana parece ser uma antiga quadripartição alexandrina, anterior a Dionísio Trácio, na seguinte correspondência das partes:

- *lectio* [a leitura expressiva] > ἀναγνωστικὸν μέρος;
- *enarratio* [a explicação das expressões obscuras] > ἐξηγητικὸν μέρος;
- *emendatio* [a crítica textual] > διορθωτικὸν μέρος;
- *iudicium* [o comentário literário] > χριτικὸν μέρος.⁴²⁹

Cícero apresenta uma outra quadripartição: *poetarum pertractatio, historiarum cognitio, uerborum interpretatio, pronuntiandi quidam sonus* (*De or.* I, 187).

Concluindo este estudo sobre os percalços da gramática nos tempos anteriores a Varrão, observa-se que na definição varroniana de gramática transmitida por Agostinho pesa a reflexão filosófica estóica, ao passo que nas conservadas por Mário Vitorino e Diomedes prevalece a visão prática alexandrina, isto é, uma gramática entendida mais como τέχνη do que como objeto de especulação pura, ἐπιστήμη. Há, portanto, um dualismo de inspiração, como diz J. Collart (Collart, 1954, p. 56), de fundo estóico e alexandrino, segundo o qual a gramática é vista, respectivamente, como ciência e como arte (= técnica), cuja síntese Varrão procura realizar.

3. A LATINITAS

Estuda-se gramática não por si mesma, mas porque ela significa tomada de consciência da estrutura de uma língua. Seu estudo oferece ao usuário

⁴²⁹ Observe-se que, na prática, a quadripartição varroniana se complementa em seis partes e se equipara às seis divisões de Dionísio, pois os estudos da etimologia e da analogia são colocados implicitamente, ocupando, cada uma, seis livros do *De lingua Latina*.

um caminho para entender o mecanismo da língua de forma analógica, ou seja, a mais consistente possível, para, como meta final, ele, o usuário, desempenhar, eficientemente, sua comunicação na sua comunidade de falantes. O que era a *Latinitas* para os romanos? Esse conceito resultava da reflexão amadurecida sobre o próprio código lingüístico utilizado por eles, na busca de sua perfeição como instrumento de comunicação.

3.1. OS ELEMENTOS DA *LATINITAS*: *NATURA*, *ANALOGIA*, *CONSUETUDO*, *AUCTORITAS*

Há um longo fragmento conservado por Diomedes, atribuído a Varrão, sobre o complexo conceito de *latinitas*. Cabe transcrevê-lo integralmente, uma vez que mostra, por si, o equilíbrio que, segundo Varrão, deve prevalecer entre norma e níveis de fala — controvérsia que se aguça na atualidade e promete durar. Ei-lo: *Latinitas est incorrupte loquendi obseruatio secundum Romanam linguam. Constat autem, ut adserit Varro, his quattuor: natura, analogia, consuetudine, auctoritate. Natura uerborum nominumque immutabilis est nec quicquam aut minus aut plus tradidit nobis quam quod accepit. Nam si quis dicat scrimbo quod est scribo, non analogiae uirtute, sed naturae ipsius constitutione conuincitur. Analogia sermonis a natura prodicti ordinatio est secundum technicos neque aliter barbaram linguam ab erudita quam argentum a plumbo dissociat. Consuetudo non ratione analogiae, sed uiribus par est, ideo solum recepta quod multorum consensione conualuit, ita tamen ut illi artis ratio non accedat sed indulgeat. Nam ea e medio lonquendi usu placita adsummere consueuit. Auctoritas in regula loquendi nouissima est. Namque ubi omnia defecerint, sic ad illam quemadmodum ad ancoram decurritur* [*Latinitas* é a observância do falar correto nos parâmetros da língua latina. Ela se constitui, como afirma Varrão, destes quatro elementos: natureza, analogia, uso e autoridade. A natureza das palavras e dos nomes é imutável e ninguém nos transmitiu mais ou menos do que aquilo que recebeu; pois se alguém pronuncia *scrimbo* o que é *scribo*, não é por força da analogia, mas pela própria constituição da natureza que ele se convence [do erro]. A analogia, segundo os técnicos, é a sistematização da língua oferecida pela natureza e, não de modo diferente,

é ela que distingue uma língua bárbara de uma culta, como a prata do chumbo. O uso equipara-se à analogia não pela teoria, mas pelo valor prático, pois que ele adquire vigor somente pelo consenso do grande número de usuários, de forma que a razão teórica, sem chegar a aprová-lo, contudo, o admite. Pois a teoria se habituou a assumir aquelas formas que, auferidas da plena prática da língua, consagraram-se pelo uso. A autoridade é o último elemento normativo da língua, pois, quando todos os demais falham, a ela se recorre como a uma âncora] (*G.L.K.* I, p. 439 = *G.R.F.*, p. 289, fr. 268, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 204).

A compreensão do conceito de *latinitas*, segundo esse texto, é de suma importância porque nele se resume e se justifica todo o esforço do erudito reatino ao fazer a metalinguagem do latim através de obras de teor gramatical, especialmente o *De lingua Latina*. Além do mais, revela uma consciência valorativa do que seja o latim correto e elegante. O que significariam aqueles quatro itens no pensamento varroniano? Inicialmente, Varrão tange uma questão da lingüística moderna, a da língua natural. *Natura*, naquele texto, significa que cada indivíduo é dono de uma condição essencial para atingir o que seria a *latinitas* na sua língua natural — que é um dado oferecido, a cada indivíduo, pela própria natureza social da língua. A *analogia* remete ao campo gramatical e demanda um esforço de observação e metalinguagem explícita da língua, pois esta é sistema, que, é essencialmente racional, analógico e normativo. Contudo, o exercício da *latinitas* é liberdade e criatividade dentro das fronteiras do sistema. Ambas se manifestam na *consuetudo*, o uso. Isso indica que, para Varrão, que é prevalentemente analogista, *consuetudo* fora da *analogia*, ou seja, o uso fora do sistema, comprometeria o exercício ideal da *latinitas*. Por outro lado, o uso consagrado em longo prazo tem o poder de alterar o sistema, o que permite a evolução da língua. Finalmente, quanto à *auctoritas*, é ela o somatório desses critérios, a plenitude da *latinitas* e, por isso, seu paradigma e seu nível estético-literário, apta a gerar padrões ideais de fala, inclusive com valor de norma, para a comunidade dos falantes.

3.2. O FALAR LATIM: *LATINE LOQUI, LINGUA LATINA, SERMO LATINUS* ETC...

O termo *latinitas* se relaciona com várias expressões utilizadas para designar o “falar latim”. Estudando os autores que analisaram o tema, como M. C. Diaz y Diaz (Diaz y Diaz, 1951, p. 35-50), P. Flobert (Flobert, 1988, p. 205-12) e M. Baratin (Baratin, 1988, p. 187-93), verifica-se que as expressões formadas pelo advérbio *latine* seguido de um *uerbum dicendi* — *latine loqui, latine dicere, latine scribere* — são muito antigas e foram empregadas com freqüência. A locução *lingua Latina* é a mais antiga e a mais freqüentemente usada; é registrada no epitáfio de Névio: *Obliti sunt Romae loquier lingua Latina* [Em Roma esqueceram-se de falar a língua latina] (*F.P.L. — Fragmenta Poetarum Latinorum* — p. 296, Baehrens, *apud* M. C. Diaz y Diaz — Diaz y Diaz, 1951, p. 38). Várias outras expressões foram usadas nas referências ao latim:

- *sermo Latinus*, pela primeira vez em Cícero (*De orat.* 2, 28);
- *Latina loquella*, nos gramáticos tardios (Macróbio, *Exc. Gramm.* V);
- *Latinum*, pela primeira vez em Cícero (*Tusc.* 3, 29);
- *lingua Romana*, pela primeira vez em Tácito (*Agric.* 21. 2);
- *sermo Romanus*, pela primeira vez em Quintiliano (*Inst. orat.* 2, 14, 1);
- *Latinum eloquium*, no gramático Diomedes (*Gramm.* I, p. 318, 15);
- *eloquium Romanum* (Diaz y Diaz, 1951, p. 37, n. 2);
- *romane* (= *latine*) (Diaz y Diaz, 1951, p. 37, n. 3);
- *Latinus stilus*, em Horácio (*Epist.* 2, 1, 164);
- *stilus Romanus*, em Tertuliano (*Nat.* 1, 10, p. 79, 23);
- *patrius sermo*, em Lucrécio (*R.N.* I, 832);
- *Latina uox*, em Cícero (*Carm.*, fr. 16 B);
- *Latinus sonus*, em Ovídio (*Fast.* 5, 195).

3.3. SENTIDO POSITIVO: ELEGÂNCIA: CORREÇÃO E CLAREZA; SENTIDO NEGATIVO: SEM VÍCIOS

Por trás de cada uma dessas denominações ou locuções denominativas há uma história, uma motivação e uma nuance significativa. A palavra *latinitas* surge pela primeira vez no *Rhetorica ad Herennium* (*Rhet. Her.* 4, 12, 17), obra anônima, um pouco anterior às obras retóricas de Cícero: *...elegantia est quae facit ut locus unusquisque pure et aperte dici uideatur; ...latinitas est quae sermonem purum conseruat ab omni uitio remotum. Vitia in sermone, ...duo possunt esse: solecismus et barbarismus..*[a elegância é que faz com que qualquer enunciado pareça ser dito correta e claramente; a *latinitas* é que conserva a língua correta, isenta de todo erro. Os erros no enunciado...podem ser de dois tipos: o solecismo e o barbarismo...].

Como se verifica, pesam, nessa conceituação de *latinitas*, fatores positivos e negativos. *Latinitas* é a elegância constituída de correção (*pure*) e clareza (*aperte*), mas também de ausência de vícios e contaminações de estrangeirismos, fuga do solecismo e rejeição do barbarismo. Pouco depois, inspirado no padrão estilístico imposto por aquele texto impregnado de didática retórica, Cícero partia para acerbos críticas a escritores latinos, discriminando-os em carta íntima a Ático; primeiramente, Cecílio: *malus enim auctor latinitatis est* (*At.* 7, 3, 10); depois, Pacúvio: *...Caecilium et Pacuuium male locutos uidemus*.⁴³⁰

3.4. EVOLUÇÃO DO SENTIDO: LOCAL-GEOGRÁFICO, SÓCIO-LINGÜÍSTICO, GRAMATICAL E RETÓRICO-LITERÁRIO

Há uma evolução do sema abstrato *latinitas* e do caracterizador *Latinus*. Partindo do significado puramente local-geográfico, por oposição às demais regiões itálicas em que não se usava o latim e sim outros falares

⁴³⁰ Cícero (*Br.* 258) elogiava o estilo oratório de César: *...iudico...illum omnium fere oratorum Latine loqui elegantissime*. [penso...que ele fala o latim mais elegante entre todos os oradores].

itálicos (o volsco, o osco-umbro, o etrusco), o *sema* evolui para o sentido sócio-lingüístico de comunidade de falantes; daí passou ao gramatical, significando ‘correto’, pela afirmação do código latino e sua defesa contra os barbarismos e solecismos; finalmente, por um processo de depuração da linguagem, passou a significar o nível de elegância retórica e literariedade, em oposição ao da fala usual. O epitáfio de Névio, por exemplo (*Obliti sunt Romae loquier lingua Latina*), opondo *Romae* a *Latina*, já exigia entendimento não só local-geográfico para esta última palavra (*Latina*) mas também sócio-lingüístico, na medida em que estabelecia uma identidade entre local, comunidade e língua. O termo *pure*, utilizado por Cícero, alude à gramaticalidade ou correção mínima da língua e assume o sentido negativo de fuga de vícios ou erros. O erro elementar era o barbarismo, relativo à realização fonética da palavra em si; ele confronta drasticamente o falante de latim com o não falante, ou seja, o estrangeiro, privado da audição da língua. Já o solecismo, menos primário, mas não menos insidioso, era o vício permanente do próprio falante de latim-língua-natural, ignaro ou displicente na realização adequada da sintaxe da língua. O último significado, o literário, coincide com o conceito de elegância. Mas essa elegância, segundo Cícero, não é sofisticação nem pedantismo na linguagem. Ela se define por dois conceitos indispensáveis ao ato verbal: a própria correção da linguagem (aspecto gramatical = *pure*) e a clareza (aspecto retórico/comunicativo = *aperte*).

3.5. *LATINITAS* E *VRBANITAS*: Ἑλληνισμός e Ἀττικισμός

Essa mutação semântica em quatro patamares, conforme acima comentado, deve ter ocorrido por influxo das doutrinas gramaticais gregas, isto é, por imitação. Na verdade, *latinitas* era uma adaptação do termo técnico grego Ἑλληνισμός, que se definia por ser uma contraposição tanto ao que não era grego (= língua estrangeira, bárbara, sempre considerada negativamente) como ao que, sendo grego, era reconhecido como incorreto ou solecismo.⁴³¹ Cícero tenta especificar o termo *latinitas*, criando o cânone

⁴³¹ M. Baratin (Baratins, 1988, p. 190) observa que o falar em outra língua que não o grego era o barbarismo e o falar grego incorreto era o solecismo. Os romanos não

da *urbanitas*, associando-o ao ἀττικισμός, como reflexo do desejo de comparar Roma com Atenas. O termo *urbanitas* se justificava como contraponto a *rusticitas*, isto é, ao latim das populações rurais. Cícero acentuava o aspecto geográfico-social e, de alguma forma, elitista, pois focalizava como sendo mais civilizado o latim falado na área da *Vrbs*.⁴³² Retornando ao texto inicial varroniano, há uma equivalência entre *latinitas* e *sermo Latinus*. Varrão escreveu um obra intitulada *De sermone Latino* no qual, segundo H. Dahlmann,⁴³³ o centro de interesse é a linguagem coloquial. Esse sentido coincide com a ilustrativa metáfora do horteleiro a propósito da etimologia que Varrão desenvolve sobre *sermo*: *Quod dicimus disserit item translatitio aeque ex agris uerbo: nam ut holitor disserit in areas sui cuiusque generis res, sic in oratione qui facit, dissertus. Sermo, opinor, est a serie, unde certa...sermo enim non potest in uno homine esse solo, sed ubi oratio cum altero coniuncta* [A forma *disserit* (semeia), que nós utilizamos num verbo de sentido translato, vem, igualmente, do campo,

eram tão preconceituosos contra as línguas estrangeiras quanto os gregos. A contrário, o latim recebeu elementos lexicais de outras línguas — grego, sabino, etrusco, gaulês, ibérico, cartaginês — e por isso não poderia tratá-las como bárbaras. Então, a equivalência ἑλληνισμός = *latinitas* corria apenas numa mão: a correção da língua e não a negação do que não era latim.

⁴³² P. Morilon (Morilon, 1978, p. 253-62) comenta que Cícero, pondo-se um tanto à distância da discussão sobre a analogia e a anomalia, insistia numa postura parcialmente coincidente com a anomalista a respeito da *latinitas*, de acordo com este passo: *...non...rationis aut scientiae sed quasi bonae consuetudinis* [não o critério da razão ou do conhecimento teórico, mas o do bom uso...] (*Br.* 258); frisava também a importância do nível da linguagem utilizada no dia-dia na família: *consuetudo sermonis cotidiani ac domestici* [o uso diário e familiar da língua] (*De or.* 3, 48); mas, nesse mesmo passo, revela-se preocupado com o método imposto pela analogia, com a necessidade de se estar atento a ela, pois acreditava na aprendizagem dirigida da língua, na *ratio*, na *doctrina*, na *lectio*, principalmente a *lectio ueterum oratorum et poetarum*. [...na leitura dos antigos oradores e poetas].

⁴³³ H. Dahlmann (*RE*, Supl. VI 1216, 2, *apud* Diaz y Diaz — Diaz y Diaz, 1951, p. 35-50) adverte para a importância da oralidade do latim, isto é, da linguagem coloquial, em cuja aprendizagem e uso corretos o próprio Cícero insistia: “das Zentrum des Interesses die Umgangssprache ist”.

pois, como o hortelão semeia nos canteiros variedades de cada espécie, assim faz, pela linguagem, quem conversa. Na minha opinião, *sermo* (palavra, fala, conversa) vem de *series* (série, encadeamento), donde, *serta* (seriação = grinalda)...Uma conversa (*sermo*) não pode ser entendida estando uma pessoa só, mas sim, quando a palavra está relacionada com outra pessoa...] (VI, 64). Tem-se então, até Varrão, o conhecimento progressivamente consciente dos quatro sentidos de *latinitas*: local (geográfico), sócio-lingüístico (comunidade de falantes), gramatical e retórico-literário. Posteriormente, alguns autores, mantendo esses significados, usaram o conceito de *latinitas* ampliando-o para outros significados, como os que seguem:

- Macróbio estendeu o sentido de *latinitas* à comunidade dos falantes de latim (Macr., *Saturn.* V, 21, 7);

- Hilário de Poitiers (*Trin.* II, 17), Cassiodoro (*Inst. diu.* I, 5, 6) e Macróbio (*Saturn.* I, 17, 7) usaram o termo *latinitas* como sinônimo de latim;

- Cassiodoro, referindo-se ao mundo da cultura romana e grega, fez equivaler *latinitas* a *romanitas* e usa *latinitas* em oposição a *graecitas* (...*qui tanta Latinitatis et Graecitatis peritia fungebatur*) (*Inst. diu.* I, 23, 2);

- Prisciano usou o termo *latinitas* num sentido geopolítico, fazendo equivaler *Latinitas* a *Romania*, com implícita oposição à Grécia, à κοινή e ao mundo Bizantino (*Inst. de arte gramm.* II, p. 565);

- Jerônimo e Isidoro usaram *latinitas* para significar o conjunto de obras e escritores latinos, ou o mundo literário latino (Hier., *Epist. Gal.* 2 prol., p. 357);

- Na época carolíngia, *latinitas* ou *tota latinitas* tomava o sentido histórico-geopolítico, ou seja, o mundo ocidental ou a herança do Império Romano sob a chefia de Carlos Magno (Diaz y Diaz, 1951, p. 49);

- Na Idade Média o termo *latinitas* cercava-se do sentido religioso-espiritual, designando a comunidade cristã ocidental (católica-apostólica), vinculada pela mesma língua, culto e rito latino, por oposição à comunidade cristã oriental, isto é: *ubi christiani Latinam agnoscunt*

ecclesiam [onde cristãos não reconhecem a Igreja Latina] (Diaz y Diaz, 1951, p. 49).

Conclui-se este capítulo. Examinou-se nele a obra varroniana à luz de três conceitos decrescentes na sua compreensão: o enciclopedismo varroniano, a gramática varroniana e a *latinitas*. Quem elaborou essa *lingua* ou *sermo Latinus* que Varrão menciona mais de 30 vezes nos livros supérstites do *De lingua Latina* (Casquero, 1990, p. 510)? Quem construiu esse universo cultural enciclopédico e essa metalinguagem que constitui a própria gramática latina? Quem foram esses actantes da *latinitas* que Varrão cita tão freqüentemente, ou seja: os *nostri* (20 vezes) os *antiqui* (20 vezes), os *ueteres* (14 vezes)? Cabe averiguar. Ele é um historiador e um pesquisador de *antiquitates* e um filólogo. Reuniu dois de seus maiores domínios, história e filologia, para essa tarefa de primordial importância, que se procurará esclarecer no próximo capítulo.

CAPÍTULO X

FUNDAMENTOS ÉTNICOS, CULTURAIS E LINGÜÍSTICOS DA *LATINITAS*

Neste capítulo tratar-se-á do universo étnico, cultural e lingüístico subjacente à própria construção do conceito da *latinitas*, termo designativo da excelência do latim. Primeiramente será apresentado o amálgama étnico que, segundo Varrão, permitiu, na base, consolidar a língua latina, distinguindo-se aí o dado pré-histórico e o histórico, e, por trás dos dados, o filósofo-historiador Varrão e o filólogo Varrão. A seguir, investigar-se-á o aporte propriamente lingüístico vindo do grego para o latim sob os ângulos de duas teorias: a da herança primitiva e a dos empréstimos sucessivos, quando se discutirá a questão do éolio como dialeto grego privilegiado na aproximação com o latim. Em terceiro lugar, discorrer-se-á sobre a expansão do léxico latino a partir das oportunidades dadas pela experiência lingüística grega. Face às metas de hegemonia político-militar no mundo a partir do território itálico, urgia que eles, os próprios romanos, consolidassem e enriquecessem seu código lingüístico. Finalmente, neste capítulo se colocará a questão do sabinismo de Varrão, expressão pessoal de seu nacionalismo e ao mesmo tempo elemento cultural e lingüístico tradicionalista e moderador, que teria intermediado a interação entre o grego e o latim.

1. A INVESTIGAÇÃO ÉTNICA: PRÉ-HISTÓRIA E HISTÓRIA NO TERRITÓRIO ITÁLICO

Segundo o pensamento varroniano, podem-se distinguir duas fases na ocupação populacional do território da península itálica: a pré-histórica e a histórica. A visão desses dois períodos corresponde aos títulos das obras de Varrão.

1.1. INVESTIGAÇÃO VARRONIANA: A PRÉ-HISTÓRIA

A fase pré-histórica é focalizada nas seguintes obras:

- na sátira “*Aborigines, περὶ ἀνθρώπων φύσεως*” [“Aborígenes, sobre a natureza dos homens”], uma das *Sátiras Menipéias* na qual se pode observar, como curiosidade, o título em latim e o subtítulo em grego;
- em *De salute generis humani*;
- em “*Tubero, de origine humana*”, que é um capítulo do *Logistoricum*;
- em *De Gente populi Romani*.⁴³⁴

1.1.1. TESES VIGENTES NA ANTIGUIDADE SOBRE A ORIGEM DO MUNDO E DA HUMANIDADE

De modo geral, o teor do debate relativo à pré-história era filosófico.⁴³⁵ Discutia-se se o mundo e o próprio gênero humano sempre existiram ou se nasceram num determinado momento da história. A propósito, na antiguidade, os filósofos se agruparam em torno de duas teses, assim resumidas e enunciadas por F. della Corte (Della Corte, 1976, p. 123):

- a) *Semper humanum genus fuit* [o gênero humano sempre existiu] ou: *principium fuisse nullum* [não houve princípio];
- b) *fuit tempus cum homines non essent* [houve um tempo em que não existiam os seres humanos] ou: *habuit initium* [houve um princípio].

⁴³⁴ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1976, p. 113), o *De gente populi Romani* diferencia-se do *De uita populi Romani* por focalizar especialmente o período da pré-história.

⁴³⁵ Segundo Cícero (*Ac. post.* I, 2, 8), as *Sátiras Menipéias*, embora não tratassem diretamente de filosofia, continham muitos elementos filosóficos: *multa admixta ex intima philosophia*, devendo servir, segundo Cícero, de incentivo à leitura por parte dos *minus docti*.

A tese “a” reunia, de modo geral, os pitagóricos, os acadêmicos (Platão, Xenócrates) e os peripatéticos (Aristóteles, Teofrasto, Dicearco).

Na tese “b”, as posições se bifurcavam: alguns homens primitivos foram feitos por intervenção divina (essa afirmação expressa uma linha metafísica, criacionista e transcendentalista, de fundo poético; as fábulas de Prometeu e do casal Deucalião e Pirra fluem nesse sentido); alguns homens foram “prodigiosamente” feitos pela própria natureza (*natura naturans*) (essa asserção manifestava, geralmente, um pensamento racionalista, imanentista e evolucionista, inserido, por exemplo, no atomismo-materialismo).

Da primeira posição da tese “b”, partilhavam, *grosso modo*, os pré-socráticos (Tales de Mileto, Anaximandro, Empédocles, Parmênides) e os estóicos (Zenão de Cício e discípulos) (cf. Della Corte, 1976, p. 124). A segunda posição dessa tese era endossada pelos atomistas (Leucipo, Demócrito) e atomistas-epicuristas (Epicuro, Lucrécio).⁴³⁶

1.1.2. POSIÇÃO FILOSÓFICA VARRONIANA: *PRINCIPIUM EXTITIT NULLUM*

Nesse debate, Varrão se posicionava pela tese “a”, ou seja, a de que a humanidade sempre existiu. Em decorrência, ele se alinha à idéia da continuidade da existência da estirpe humana, como se pode verificar neste passo do *De re rustica*: *Igitur, inquam, et homines et pecudes cum semper fuisse sit necesse natura...* [Por isso, digo, como é uma necessidade da natureza que tenha havido sempre homens e animais...] (Varr., *R.R.* II, 1, 2).

⁴³⁶ Segundo Lucrécio, poeta romano intérprete de Epicuro, o epicurismo afirmava a eternidade da matéria (átomo e vazio), mas não a eternidade desta *machina mundi* nem da vida, pois que, não sendo estes divinos, destinavam-se à ruína. (*R.N.* V, 96: *ruet moles et machina mundi*. [ruirá a massa e a máquina do mundo]).

1.2. INVESTIGAÇÃO VARRONIANA: A HISTÓRIA

Ao lado da visão pré-histórica varroniana analisada no item anterior sob o aspecto filosófico-especulativo, que não cabe desenvolver neste estudo, está a de um Varrão historiador-pesquisador das antiguidades e, *pari passu*, a do filólogo (o aspecto lingüístico será privilegiado neste estudo).

1.2.1. OBRAS VARRONIANAS DE HISTÓRIA E FILOLOGIA: INTERDISCIPLINARIDADE

Como já visto anteriormente no capítulo III, Varrão escrevera obras fundamentais de história, como *Antiquitates humanae* (25 livros) e *De uita populi Romani* (4 livros), e de filologia como *De lingua Latina* (25 livros) e *De origine linguae Latinae* (3 livros). Deve-se aqui observar que houve uma ingerência mútua das investigações nas áreas dessas duas disciplinas (história e filologia), que cabe examinar neste capítulo. Como historiador e filólogo, Varrão fez interagir considerações históricas e gramaticais numa metodologia que se poderia dizer interdisciplinar e moderna. Porém, esta última asserção seria plenamente satisfatória se, por um lado, a historiografia da época não estivesse tão comprometida com a obscuridade das lendas e as divergências das tradições e se, por outro, a gramática não fosse ainda uma disciplina tão retardatária, carente, ainda, dos meios e da metodologia de procedimentos, e, portanto, distante de uma autodefinição como ciência e técnica. Por isso mesmo, Varrão, como erudito e através de sua vasta obra, se empenhava precisamente nesta meta: dar consistência à sua pesquisa histórico-antiquarista e autonomia a essa nova ciência, a gramática.

Para o estudo atual das origens da língua latina em Varrão, há o fato complicador de que seus trabalhos históricos são conhecidos através de poucos e breves fragmentos,⁴³⁷ o que constitui uma desvantagem em relação

⁴³⁷ Os fragmentos de obras de história de Varrão foram recolhidos por H. Peter no *H. R. R - Historicorum Romanorum Reliquiae*. Leipzig: Teubner, 1906-1914 e por B.

ao material disponível para o estudo da gramática. No entanto, os textos gramaticais atuais de Varrão também oferecem poucos meios para que, através deles, se possa reconstituir, com segurança, o seu pensamento histórico sobre a origem do latim. Por exemplo, do *De origine linguae Latinae* tem-se apenas um fragmento, o que, para o pesquisador, é um dado pouco estimulante (*G. R. F.*, p. 185, fr. 3, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 210). Quanto ao *De lingua Latina*, já reduzido à sua quarta parte — o que também não é motivo de entusiasmo para o filólogo —, verifica-se que essa obra não tinha como objetivo expor problemas históricos da origem da língua.⁴³⁸ Ela supõe que estes já tenham sido tratados histórica e filologicamente em outras obras.⁴³⁹ Por isso, Varrão, apesar de nela fornecer apontamentos históricos úteis, procede apenas por alusões breves e incidentais, que não permitem compor o que seria, na íntegra, seu plano de estudo histórico.

1.3. OS ESTUDOS HELENÍSTICOS SOBRE DIALETOLOGIA: OBRAS PERDIDAS

Sabe-se que para o trabalho de pesquisa sobre a origem dos elementos do latim — sua afinidade com o grego e seu parentesco com dialetos itálicos, os *uerba peregrina* (V, 77, 100, 103, 167) e os *uerba uernacula* (V, 3, 77, 104; VI, 40; X, 69) —, Varrão tinha modelos já

Riposati, na sua obra *M. Terenti Varronis 'De uita populi Romani'*. Fonti, esegesi, edizione critica dei frammenti. Milano, 1936.

⁴³⁸ Os livros etimológicos (V, VI e VII) estudam a origem das palavras; incidentalmente, aparece neles algum tópico histórico oportuno para contextualizar o raciocínio etimológico; no entanto, nos parágrafos 41 a 56 do livro V —, quando Varrão assim começa: *Vbi nunc est Roma...* e desenvolve etimologias de topônimos da cidade (*Septimontium*, *Capitolium*, *Tarpeium saxum*, *Auentinum*, *mons Saturnius*, *Caelius* etc.), observa-se que a intenção de historiar quase prevalece sobre a de fazer etimologia.

⁴³⁹ O *De origine linguae Latinae* (escrito entre 56 e 47 a. C.) é anterior ao *De lingua Latina*. O tratado *Antiquitates diuinae*, dedicado a César, é também anterior, pois é citado no passo *L.L. VI, 13 (ut Antiquitatum libris demonstrauit)*.

elaborados, principalmente as Γλῶσσαι alexandrinas.⁴⁴⁰ Também os estóicos, como Diógenes de Babilônia e Crates de Malos, haviam-se ocupado da dialetologia.⁴⁴¹ Entretanto, de todos os trabalhos realizados por esses antecessores, restaram poucos fragmentos.

1.4. ESTUDOS EM ROMA SOBRE A ORIGEM DO LATIM: O DIALETO EÓLICO EM FOCO E A QUERELA NACIONALISTA

Em Roma, contemporâneos ou quase contemporâneos de Varrão chegaram a discutir o assunto. Catão,⁴⁴² em *Origines*, já falava de um parentesco entre o grego e o latim; apontava para o dialeto eólico como o mais próximo e registrava o fato de que era ele falado pelo antepassado histórico-lendário, o árcade Evandro.⁴⁴³ Na época de Silas, Hipsícrates (V, 88) redige seu tratado sobre palavras latinas emprestadas do grego.⁴⁴⁴ Outros contemporâneos de Varrão, já vistos anteriormente no capítulo VIII, como Tirânio, Lúcio Ateio Pretextato, Élio Estilão, haviam feito estudos sobre as afinidades lingüísticas entre as duas línguas e os elementos lexicais vindos do grego. Estava latente nesses estudos uma querela. Uns, imbuídos do nacionalismo, recusavam-se a ceder ao grego um lugar importante na formação do léxico latino; outros, levados de bom ou

⁴⁴⁰ Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 206-7), Calímaco, poeta e filólogo, elaborara a obra Ἐθνικαὶ ὀνομασίαι; Dionísio Trácio fizera um tratado sobre dialetologia (Περὶ διαλέκτων); Aristófanes publicara as obras Ἀττικά λέξεις e Λακωνικά γλῶσσαι. Outros alexandrinos (Istros, Filócoros e Hermônax) se interessaram pela glossologia.

⁴⁴¹ Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 207), Crates escrevera duas obras: Περὶ τῆς Ἀττικῆς διαλέκτου e Περὶ τῆς Ἀττικῆς λέξεως.

⁴⁴² Catão é citado em *L.L.* VII, 58.

⁴⁴³ João Lídio atesta que esse informe vem de Catão; *G.R.F.*, p. 311, fr. 295, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 207).

⁴⁴⁴ Aulo Gélcio (*N. A.* XVI, 12, 5) elogia Hipsícrates e comenta que sua obra teria inspirado uma outra obra similar, de Cloácio Vero, gramático da época de Augusto; mas, inspirado em Varrão, Aulo Gélcio também recriminava os exageros de Hipsícrates ao acentuar a dependência do latim da língua grega.

mau grado pelo influxo cultural helenístico, reconheciam a influência do grego sobre o latim. Dionísio de Halicarnasso, historiador grego, residente em Roma na época de Augusto, tendo Varrão como fonte (Collart, 1954, p. 207) e, por isso, dispondo de melhores instrumentos para avaliar, observava que...“Ρωμαῖοι δὲ φωνὴν μὲν οὐτ’ ἄκραν βάρβαρον οὐτ’ ἀπηρτισμένως Ἑλλάδα φθέγγονται, μικτὴν δέ τιν’ ἐξ ἀμφοῖν” [...os romanos falavam uma língua nem acentuadamente bárbara, nem completamente grega, mas algo de intermédio entre as duas] (D. H., *Ant. Rom.* I, 90, 1, *apud.* J. Collart — Collart, 1954, p. 207).

1.4.1. POSTURA VARRONIANA: REALISMO E DEPENDÊNCIA DO LATIM

Qual a postura de Varrão nessa querela? Ele era um helenista precavido e esclarecido. Falava e lia grego, escrevia nessa língua. Dera exemplo desse domínio nas *Sátiras Menipéias*, muitas das quais apresentavam uma linguagem híbrida, com títulos ou subtítulos em grego, com enunciados em grego dando seqüência aos versos em latim.⁴⁴⁵ Por sua vez, o texto do *De lingua Latina* mostra, sem escrúpulos, a real dependência do latim em relação ao grego: Varrão evidencia nada menos de 160 empréstimos. Deve-se ressaltar que, como instrumento de estudo dessas afinidades bilíngües, o *De lingua Latina* apresenta problemas textuais imputáveis, segundo J. Collart, ao copista do manuscrito F, que teria sido inábil na transcrição do grego.⁴⁴⁶ Importante, porém, é o reconhecimento desse forte vínculo do latim com o grego.

⁴⁴⁵ Segundo E. Coleiro (Coleiro, 1976, p. 321-6), Varrão parecia ver com naturalidade essa dependência do latim em relação ao grego.

⁴⁴⁶ J. Collart (Collart, 1954, p. 210) observa que a edição de A. Spengel é a mais rica em aparatos; oferece mais detalhes e opções nessa transcrição do grego; nesse caso, segundo ele, o estudioso precisa trabalhar em hipótese, como pisando num campo minado de incertezas e questionando da seguinte forma: “Se se pode dar crédito ao manuscrito F” ...ou...”se se quiser admitir tal conjectura...”

2. DUAS TEORIAS SOBRE A ORIGEM DO LATIM: HERANÇA PRIMITIVA E EMPRÉSTIMOS SUCESSIVOS

Diante das dificuldades de ordem arqueológica,⁴⁴⁷ histórica e filológica para o reconhecimento das origens do latim, J. Collart propõe duas teorias que coincidem com as duas visões varronianas sobre essas origens (Collart, 1954, p. 211-23). A primeira é a de uma herança primitiva, ou seja, a do historiador. Enquanto tal, este vê a língua latina como um conjunto mais ou menos estável falado por um grupo num tempo remoto. Ele procura confirmar a existência de contatos primitivos entre grupos de procedência grega chegados ao território itálico e as populações aborígenes itálico-latinas. A língua latina seria o resultado da absorção e adaptação desses aportes iniciais e em bloco, trazidos pelos falantes dos vários dialetos helênicos, especialmente o eólico.

A outra teoria é a dos empréstimos sucessivos, ou seja, a do filólogo. Enquanto tal, este analisa a língua como conjunto mutável. O latim e o grego, falado este pelos imigrantes que aportavam em território itálico, teriam interagido num processo contínuo de empréstimos lexicais e

⁴⁴⁷ Segundo A. & N. H. Ramage (Ramage, 1996, p. 17), a arqueologia, neste caso, pende para uma função que interessa mais à arte (arquitetura, escultura e pintura) do que à lingüística. Mas é sempre interessante comparar o problema da documentação lingüística com a artística. Segundo os autores, a arqueologia divide convencionalmente a expressão artística grega, controlável pela história, em três períodos: o arcaico, o clássico e o helenístico. No arcaico, de 600 a 480 a. C., estabeleceram-se as formas fundamentais da escultura e arquitetura. No clássico, de 480 a 330 a. C., elaborou-se a idéia do excelente, do ideal; a arte clássica será padrão perene de julgamento da arte em todos os tempos. No período helenístico, isto é, depois da morte de Alexandre Magno (323 a. C.) até o final do século I a. C., deu-se a disseminação da cultura e da arte grega. Nesse período ocorreu o progressivo estabelecimento do domínio romano na Grécia e na Ásia Menor (Egito, Síria, Pérsia). Assim, os termos “helênico”, “helenista” referem-se à Grécia, dos seus primórdios até o século III a. C., e “helenístico” reserva-se para o tempo entre o século III e I a. C. Portanto, arte ou cultura “helenística” é conceito diferente de “clássica”.

influências gramático-estruturais, naturalmente, com vantagens para o latim, como parte beneficiária.

2.1. TEORIA DA HERANÇA PRIMITIVA

Cabe aprofundar, primeiramente, a teoria da herança primitiva. Vivendo num tempo em que a vida romana já se impregnava de helenismo, Varrão estava cômico do parentesco entre o grego e o latim no léxico e no sistema gramatical. Historiadores e filólogos esforçavam-se por recolher os influxos primitivos do helenismo. Juntamente com a descoberta das fontes da língua, eles visavam a esclarecer nomes de antigas e ilustres famílias, títulos da nobreza romana e suas aproximações genealógicas com reis e heróis semidivinos. Uma vez provada a ligação, esses patrícios romanos tiravam proveito dessa condição para autopromoção em termos de política, honra e *status*. Varrão corroborara, indiretamente, essas pretensões ao se dedicar ao estudo da patronímia nas suas obras históricas e especialmente no *De Gente populi Romani*.

2.1.1. O ADVENTO DO ELEMENTO ESTRANGEIRO: OS CICLOS DAS LENDAS

Questiona-se como teria sido o encontro inter-racial e, por conseguinte, lingüístico-cultural, entre os gregos e asiáticos e os povos latino-italícos. O primeiro aporte greco-asiático para a Itália ocorrera num tempo historicamente obscuro. Não podendo dispor de dados para uma reconstituição científica dos fatos, o estudioso se depara com lendas, cujos enredos apresentam poucas possibilidades de desvendar ou firmar verdades históricas. Não obstante, cabe analisar, sucintamente, os quatro ciclos de lendas mais importantes, para se tentar auferir seu significado no conjunto do fenômeno imigratório e especialmente examinar sua repercussão no gênio lingüístico dos autóctones. São três de origem grega: a dos pelásgios, a de Evandro-Fauno, a de Hércules; e uma de fundo asiático: a do troiano Enéias.

2.1.1.1. LENDA DOS PELÁSGIOS

Segundo Varrão, num primeiro contato entre gregos e antigos latinos, os pelásgios,⁴⁴⁸ de origem grega, expulsos da sua terra, mas aconselhados pelo oráculo, emigram para a *Saturnia tellus*, a Itália; partilham-na com os aborígenes⁴⁴⁹ (autóctones) e se instalam perto do lago Cutília, na Sabina, na região de Reate, terra de Varrão (V, 71). Deles vêm as festas de agradecimento ao deus itálico Saturno, consagradas com o nome de *Saturnalia*.

2.1.1.2. A LENDA DE EVANDRO

O segundo contato entre gregos e ancestrais latinos, conforme a lenda, centraliza-se na figura de Evandro, filho do deus Mercúrio e da deusa Carmenta. Exilado da Arcádia, Evandro emigra com seus companheiros, os palânteos, para a *Oenotria*, antigo nome da Itália. Eles

⁴⁴⁸ Macr., *Saturn.* I, 7, 28-30. Aurélio Ambrósio Macróbio Theodósio, que viveu no final do século IV d. C., provavelmente africano, escreveu *Saturnaliorum libri VII* (obra em forma de diálogo entre pessoas doudas, dedicada a seu filho Eustáquio), em que deixou notícias preciosas sobre vários assuntos: costumes, religião, gramática e antiguidades, e cita a lenda dos pelásgios (povos vindos do mar).

⁴⁴⁹ Segundo F. della Corte (Della Corte, 1976, p. 114), os aborígenes, nascidos na Sabina e não imigrados, se definiam como autóctones, que teriam sido, primitivamente, cavernícolas. O autor cita um passo do *De lingua Latina*, segundo o qual Varrão, imitando o historiador e geógrafo grego Dicearco, também se encafurnava nos montes da Sabina, à procura dos lugares habitados nos primórdios da ocupação da península itálica — num procedimento correspondente ao que o reatino mantinha com relação à caça das palavras: *quae obruta uetustate, ut potero, eruere conabor* [tais palavras, obscurecidas por sua antiguidade, tentarei resgatar, enquanto possível] (VI, 2). Mas quem seriam esses aborígenes? Eles próprios seriam de origem grega, segundo Dionísio de Halicarnasso, que conta, com detalhes, a marcha emigratória dos tessálios-pelásgios e árcades-aborígenes rumo ao território itálico. Cf. D. H., *Ant. Rom.* I, 11 et 17-21, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 211).

são acolhidos pelo rei Fauno, aborígene, e ocupam as margens do rio Tibre.⁴⁵⁰

2.1.1.3. A LENDA DE HÉRCULES

Um terceiro aporte helênico de teor lendário é representado pela saga de Hércules em território itálico. Depois de liquidar o monstro Cacus, o herói semidivino é acolhido no Palatino por Evandro, que lhe dedica a *Ara Maxima*. Permanecendo por algum tempo na terra itálica, Hércules, numa missão salvadora, suprime os sacrifícios humanos; depois volta à Grécia; seus companheiros recusam-se a acompanhá-lo e fixam-se nos limites da futura Roma.⁴⁵¹

2.1.1.4. A LENDA TROIANA: ENÉIAS, LATINO E LAVÍNIA; RÉIA E RÔMULO

O quarto contato, e o mais recente, porém agora com o elemento imigrante asiático, ocorre quando o frígio Enéias, prófuga da guerra de Tróia, aborda com seus companheiros na região do Lácio. Ênio, Fábio Píctor e Catão já haviam aludido à origem troiana de Roma (Perret., 1942, p. 561, 607 *et seqs*). Varrão tenta fundir essa lenda de Enéias com a de Rômulo. Num longo e unitário passo do *De lingua Latina*, ele apresenta a etimologia de *Lauinium*, *Alba Longa* e *Roma*, inserindo-a num contexto pretensamente histórico. O historiador-Varrão parece prevalecer sobre o etimólogo-Varrão, pois é clara a intenção deste de firmar aquilo que era tomado, na visão do cidadão romano culto, como dado de valor histórico; observe-se o tom de certeza no trato e repasse dos dados e fatos: *Oppidum*

⁴⁵⁰ Essa lenda de Evandro aparece também em Virg., *Aen.* VIII, 52 *et seqs*; em Ov., *Fast.* V, 643 *et seqs*.; em Liv. I, 5. No *De lingua Latina* Varrão informa que Evandro viera da Arcádia (V, 21, 54).

⁴⁵¹ Esses fatos lendários são elaborados em: Virg., *Aen.* VIII, 52 *et seqs*.; Prop. IV, 9; Ov., *Fast.* V, 643 *et seqs*; Liv., I, 7, 10; Macr., *Saturn.*, I, 7, 31. No *De lingua Latina* (V, 45), Varrão cita Hércules oito vezes, numa das quais comenta a atuação do herói como fundador do ritual dos argeus (os bonecos), fato também atestado em Ov., *Fast.* 629-632, 645-660.

quod primum conditum in Latio stirpis Romanae, Lauinium. Nam ibi dii Penates nostri. Hoc a Latini filia, quae coniuncta Aeneae, Lauinia, appellatum. Hinc post triginta annos oppidum alterum conditur, Alba; id ab sue alba nominatum. Haec e naui Aeneae cum fugisset Lauinium, triginta parit porcos; ex hoc prodigio post Lauinium conditum annis triginta haec urbs facta, propter colorem suis et loci naturam Alba Longa dicta. Hinc mater Romuli Rhea, ex hac Romulus, hinc Roma [A primeira cidade de estirpe romana fundada no Lácio foi *Lauinium*, pois dali é que saíram nossos deuses penates. A cidade recebeu seu nome pelo de Lavínia, a filha do rei Latino e esposa de Enéias. Trinta anos mais tarde, funda-se uma segunda cidade, Alba, assim denominada devido ao episódio da porca branca. Essa porca, depois de escapar da nau de Enéias e de refugiar-se em *Lauinium*, pariu trinta leitões. Devido a esse prodígio, trinta anos depois da fundação de *Lauinium* ergueu-se esta outra cidade, a que se chamou *Alba Longa*, devido à cor da porca e à natureza do lugar. Aqui nasceu Réia, a mãe de Rômulo: se dela nasceu Rômulo, de Rômulo nasceu Roma] (V, 144).

Como se verifica, essas lendas, embora sem valor histórico, revelavam, como todas as lendas, o estado de espírito reinante no ambiente onde circulavam. Assim, parecem apontar, no seu conjunto, para os seguintes fatos que poderiam justificar fenômenos lingüísticos:

- a) Houve migração de gregos e asiáticos para o território itálico;
- b) Não-agressivos, os imigrantes foram bem recebidos pelos autóctones (Evandro-Fauno, Enéias-Latino);
- c) Houve conflitos (Enéias x Lavínia x Turno), mas foram resolvidos de forma favorável ao emigrante, inclusive com acondicionamento territorial privilegiado (Evandro e Hércules no Palatino);
- d) Houve miscigenação, inclusive no âmbito da elite social e política (Enéias e Lavínia, filha do rei Latino), também favorável à integração social do imigrante;
- e) O imigrante era elemento humano cultural e lingüisticamente superior, portador de civilização (Hércules extingue sacrifícios bárbaros).

Conclusão: o aporte trazido pela imigração, inclusive o lingüístico, foi, sem dúvida, altamente positivo para os autóctones.

2.1.2. ANÁLISE HISTÓRICO-ETIMOLÓGICA DA TEORIA DA HERANÇA PRIMITIVA

Permeando interesses históricos e etimológicos,⁴⁵² a análise dessa teoria mostra os indícios da aproximação greco-romana através de nomes como:

- *Caere* = Χαίρε (= salve!), cidade fundada pelos gregos-pelásgios;
- *Baiae*, cidade com o nome de *Baios*, amigo de Ulisses (*G.R.F.*, p. 347, fr. 383);
- *Palatium* (Palatino), topônimo associado a *Pallantes* ou *Palatini*, companheiros de Evandro (V, 53);⁴⁵³
- Hércules, *Argiuis*, o fundador do rito dos *Argei* (V, 45).⁴⁵⁴

⁴⁵² Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 214), os fragmentos dos livros históricos de Varrão revelam que ele também fazia etimologia em matéria prioritariamente histórica, tal era seu interesse pelas origens da língua pátria. Assim, contabiliza-se o seguinte número de etimologias presentes nesses fragmentos históricos: *Antiquitates humanae*: 9; *Antiquitates diuinae*: 56; *De gente populi Romani*: 6; *De uita populi Romani*: 21.

⁴⁵³ No *De lingua Latina* se lê: *Quartae regionis Palatium, quod Pallantes cum Euandro uenerunt, qui et Pallatini* [O quarto distrito corresponde ao Palatino (*Palatium*), porque ali se instalaram os Palânteos (*Pallantes*) que vieram com Evandro, também chamados *Pallatini*] (V, 53). *Pallas* é o nome do avô de Evandro; ele é epônimo de *Pallantium* na Arcádia e Palanto, cidade fundada por Evandro sobre o Palatino, área da futura Roma (Virg., *Aen.* VIII, 54). Entretanto, segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 214, n. 3), que se ampara em Ernout-Meillet (Ernout-Meillet, 1951, p. 843), a origem da palavra *Palatium* permanece desconhecida.

⁴⁵⁴ J. Collart (Collart, 1954, p. 214, n. 4) observa que se trata de uma etimologia fantasiosa, pois, segundo a tradição, Hércules era tebano e não argeu, embora seu período de provação se tenha passado na Argólida, na corte de Euristeu, rei de Tirinto.

No *De lingua Latina* Varrão também alude a vários fatos e personagens histórico-lendários, a propósito dos primeiros encontros entre ádvenas e autóctones:

- o exílio de Evandro e sua vinda para o território itálico (V, 21, 53);
- o casamento de Lavínia com Enéias (V, 144);
- a viagem de Hércules no território itálico como *defensor hominum* (Αλεξίκακος = o que afasta o mal — V, 45; VI 54; VII, 82);
- a origem de Rômulo, descendente dos reis de Alba (V, 144);
- a figura de *Latino* (V, 9, 32, 43, 144).

Varrão recolhe também do antiquário itálico-romano-latino informações de interesse histórico, tais como os que se referem aos seguintes elementos:

- a terra de Saturno (V, 42, 45);
- a topografia do antigo centro administrativo e religioso de Roma (V, 41 a 56: *Vbi nunc est Roma...*);
- as antigas divindades (V, 58-74), ou seja, Céu e Terra, os deuses da Samotrácia (V, 58), Netuno, Salácia, Venília (V, 72), Prosérpina (V, 68), Saturno (V, 64);
- a fundação das cidades antigas e o seu ritual (V, 143);
- os monumentos antigos da capital (V, 148 -159); o calendário de festas e suas origens (VI, 12-26);
- as tradições relativas a algumas constelações (VII, 73-75).

Nesse contexto, das lendas acima apresentadas, a mais importante é a de Evandro. Ele é fundador de Palanto, cidade primitiva erigida sobre o Palatino, local da futura *Vrbs*. Com Rômulo, que emergirá posteriormente, Evandro estabelece os fundamentos da civilização romana. A importância dessa relação entre Evandro e Rômulo é confirmada por João Lídio. Ele diz que Rômulo e seus companheiros não ignoravam a língua que Evandro e os seus haviam difundido por entre os bárbaros (*G.R.F.*, p. 311, fr. 295).

2.1.3. O EÓLIO, DIALETO PREPONDERANTE: ANÁLISE MORFOLÓGICA

É fato que o latim primitivo tomara grande quantidade de empréstimos do grego, dando a impressão ao historiador Dionísio de Halicarnasso, como já comentado, de que os romanos falavam uma língua que não era completamente latim nem completamente grego. Pode-se imaginar como o grego e o latim se mesclaram no território de Roma, da mesma forma como se misturaram os indivíduos que as falavam. Que dialeto grego seria esse com o qual o latim teria formado uma relação bilíngüe e do qual teria tomado tantos empréstimos?

A doutrina de uma herança lingüística vinda precisamente do dialeto eólico para a língua latina era oficial em Roma na época de Varrão, conforme G. Pascucci (Pascucci, 1979, p. 357); ela será também professada por Quintiliano, no século I d. C. (*Inst. orat.* I, 6, 31), e por Prisciano, no começo do século V (*Inst. de arte gramm.* I, 20, 26; *G.L. K.* II, p. 14-21).

J. Collart (Collart, 1954, p. 215) reúne as principais marcas do dialeto eólico apontadas por Varrão como fonte do latim:

a) a presença do **uau** (*digamma*), que era uma semivocalização característica do eólio, que podia vir no início ou no meio de palavra:

- *uirgo* < *f<u>irgo* [virgem];

- *uotum* < *f<u>otum* [voto] (*G.R.F.*, p. 291, fr. 270; *G. L. K.* VII, p. 148);

- *uesper* < *ἑσπέρα* [tarde] (VI, 6, VII, 50);

- *uitulus* < *ἰταλός* [bezerro] (V, 96);

- *ouis* < *ὄις* [ovelha] (V, 96);

b) a passagem do **o** a **u**, como em:

- *bullā* < *βόλλα* [bolha, glóbulo] (*G.R.F.*, p. 357, fr. 417);

- *puteus* < *πόταμον* [poço, potável] (V, 25);

- *lepus* < λέπορις [lebre) (V, 101];⁴⁵⁵

c) a conservação do **a** [longo], como em:

- *malum* < μάλον [maçã] (V, 102).

2.1.3.1. RESSALVAS AO EÓLIO COMO DIALETO PREPONDERANTE

A respeito desse predomínio do eólio, na concepção varroniana, como fonte do latim, J. Collart observa que esse dialeto não era precisamente aquele de que se tem conhecimento hoje,⁴⁵⁶ pois se, por um lado, Evandro falava o dialeto eólico, por outro, é designado incoerentemente como árcade. Além disso, Varrão cita outros dialetos como fornecedores de elementos lingüísticos para o latim: o jônio (V, 146; VI, 9), o ático (V, 108, 175), o dório (lacedemônio — V, 146).

A questão é obscura, principalmente porque esses elementos, considerados como herança lingüística, são por demais remotos, como são também remotas e se perdem nas brumas da lenda as figuras dos pelásgios, de Evandro, de Hércules e seus companheiros, presumivelmente tomados como primitivos doadores daquela herança lingüística. Não há, portanto, base para uma análise filológica de valor científico nem se pode esperar de Varrão pontos evolutivos evidentes, que, para os antigos, eram referências vagas ou até indiferentes, de valor mais histórico e tradicionalista do que técnico. Por outro lado, a história das antigas populações da Itália meridional e da Sicília em torno dos pelásgios e aborígenes (Macr., *Saturn.* I, 7, 28), árcades (V, 21), argeus (V, 45; VII, 38) e sículos (V, 101), embora constitua um dado atuante, é intermitente e variável, tanto nos autores gregos (que escreveram sobre a história romana) como nos latinos. Não tendo ainda plena consciência histórica (Cavazza, 1981, p. 18, 9)

⁴⁵⁵ No *De lingua Latina* se lê: *Lepus quod Siculi ut Aeolis quidam Graeci, dicunt λέποριν* [*Lepus* (lebre) assim se denomina, porque os sículos, como também alguns gregos eólios, dizem λέποριν]. (V, 101).

⁴⁵⁶ Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 215), os tratados de filologia distinguem quatro grupos de dialetos: o jônio-ático, o arcado-cipriota, o eólico (tessálio, beócio e lésbio) e o dório, líder do grupo ocidental (ou lacedemônio).

justamente por não disporem de conceitos nítidos para distinguir entre fato real, lenda e mito, os autores antigos, com poucas exceções, incorporaram naturalmente o elemento lendário e mítico à história, sem maior crítica. Há, portanto, necessidade de considerar com ressalvas a tese — de modo geral aceita na época pelos romanos e endossada por Catão e Varrão — da prevalência do dialeto eólico como provedor de empréstimos ao latim.⁴⁵⁷

2.1.4. VISÃO MODERNA: LENDA E CIÊNCIA

Nesse contexto, qual seria a posição científica moderna da história, da arqueologia e da filologia sobre a pré-história em território itálico? Como a historiografia considera a teoria da herança lingüística primitiva naquele afluxo inicial e em bloco sobre o latim?

Já de início, a visão moderna descarta, por razões de metodologia científica, a especulação lendária.⁴⁵⁸ No período histórico, admite-se o fato

⁴⁵⁷ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 115) observa que, não obstante a opinião partir de um autor antigo, ela é sempre preciosa para o estudioso, não necessariamente como prova cabal, mas como base crítica e método de investigação.

⁴⁵⁸ Segundo A. & N. H. Ramage (Ramage, 1996, p. 15), o período formativo das etnias no território itálico remonta ao ano 1000 a. C., época denominada Idade de Ferro. Nas proximidades de Bolonha habitavam os chamados Vilanovas, que seriam, pelos indícios arqueológicos, os ancestrais dos etruscos. Por outro lado, estes, já no século VII a. C., teriam recebido influências da Grécia, através das colônias gregas, como também de povos do oriente (Fenícia, Assíria, Lídia e, segundo Heródoto, da área correspondente hoje à Turquia). A cultura etrusca era superior à de Roma e exercia sobre esta uma superioridade política e comercial. Roma, porém, resistiu à idéia de ser considerada uma cidade etrusca. Ela fazia parte de uma região chamada Lácio, onde o povo falava a língua latina, diferente da dos etruscos. Durante algum tempo, os romanos estiveram sob a influência de reis descendentes de etruscos, até que no século VI a. C., no período arcaico, os romanos os expulsaram. Para aqueles autores, entretanto, a arte etrusca e a arte romana nasceram das mesmas raízes. Ambas pertenceram ao mesmo fundo de cultura itálica que vinha do tempo dos Vilanovas (aborígenes), os quais teriam recebido influências estrangeiras vindas das colônias gregas orientais, especialmente da Lídia.

geral de que houve contatos entre Roma e o mundo helênico desde a época dos reis romanos. Recuando a um passado mais longínquo, não se admitem acontecimentos carismáticos como a chegada de um herói ultramarino e epopéico como Evandro, Hércules, Enéias ou a invasão repentina de um povo como os pelásgios, os troianos e os árcades nem a fundação de cidades como *Lavinium*, *Alba Longa* e *Roma*.

Em substituição ao teor lendário e mítico, propõe-se a teoria de um substrato mediterrâneo ao qual teria sobrevivido uma nova cultura e uma língua aparentada com o grego e com as línguas indianas, germânicas e célticas. Por outro lado, quanto à teoria lingüística da herança primitiva, aceita-se, *grosso modo*, a superveniência de uma cultura mais avantajada, portadora de armas de ferro, fazendo uso do cavalo, cumprindo o ritual fúnebre e praticando a incineração.⁴⁵⁹ A transferência, porém, de elementos lingüísticos não teria sido nem abrupta nem em bloco.

Concluindo este estudo das origens do latim e suas afinidades com o grego sob o ângulo de uma herança primitiva, pode-se dizer que Varrão teria superestimado tanto a teoria quanto o enfoque sobre o dialeto eólico como fornecedor de empréstimos, não obstante ser essa doutrina lingüística majoritariamente aceita na sua época. Ele teria considerado empréstimo o que era resultado de uma origem comum — que ele parecia vislumbrar.

⁴⁵⁹ F. della Corte (Della Corte, 1976, p. 120) sintetiza a visão étnica varroniana para formação do povo romano, nas seguintes fases: a) ocupação do território de Roma por parte dos sículos; 2) expulsão dos sículos pelos nativos (aborígenes), ajudados pelos pelásgios (povo do mar); 3) concessão, por parte dos aborígenes, de uma colina, o Palatino, ao árcade Evandro e companheiros; 4) gradual desaparecimento dos pelásgios absorvidos pelos etruscos. O autor comenta, com certa ironia, as teorias modernas: sículos, aborígenes, pelásgios, árcades, que se sucederam no solo de Roma não encontram hoje muito crédito nos historiadores e arqueólogos; porém estes também construíram suas fábulas, com a diferença de que mudaram o nome: seus povos se chamam Terramaricoli, Appeninici, Subapeninici, Villanoviani, Protovillanoviani etc.

2.2. TEORIA DOS EMPRÉSTIMOS SUCESSIVOS: PROCESSO E INTERAÇÃO

A visão varroniana sobre as origens da língua não se restringe a uma teoria única. Ao lado dessa, isto é, da de uma herança primitiva até aqui analisada e relativa a um intenso investimento inicial do léxico grego sobre o latino, há outra, a dos empréstimos sucessivos. Como já comentado, e diferentemente da teoria da herança primitiva que decorre da perspectiva histórica varroniana, a teoria dos empréstimos sucessivos vincula-se à sua experiência de filólogo, naturalmente mais atento aos fatos ligüísticos do que o historiador.

2.2.1. ANÁLISE DOS APORTES E DAS RELAÇÕES BILÍNGÜES GRECO-LATINAS

Conforme esta segunda teoria, os aportes da língua grega para o latim teriam vindo por um longo e lento processo de interação entre ambas as línguas. Para Varrão, a língua inclui algo de estável e consistente, sem ser, ela mesma, estática. Ao contrário, sendo para o uso do povo, é dinâmica e mutável. Em decorrência, o falar dos helênicos também estava sujeito a mutações, que, de fato, ocorreram, quer por pressão das reflexões que vinham acontecendo, desde o século VI a.C., nos campos da filosofia, da ciência e da arte, quer em função da própria expansão militar, geopolítica e cultural desencadeada a partir do império macedônio implantado por Alexandre Magno — que marcou a passagem da cultura grega da fase clássico-helênica para a fase helenística. Em Roma, Varrão estudava e examinava o latim em suas relações com o grego. Seguem alguns passos que evidenciam esse interesse:

- Ele acompanhava as elaborações dos lexicólogos contemporâneos, especialmente as de Hipsícrates que estudara os aportes do grego para o latim (V, 88);
- Varrão, como conhecedor dessa língua estrangeira — que se impôs hegemonicamente *pari passu* com o império alexandrino —, porta-se, muito à vontade, como um crítico de antropônimos gregos; por exemplo, ele concorda (com Ênio) que Eurípides estava certíssimo ao dar, em

Troianas, o nome de Ἀνδρομάχη (Andrômaca) à personagem-esposa de Heitor, porque ela... ἀνδρὶ μάχεται [...briga com o marido] (VII, 82);

- O escritor reatino ingere-se no âmago do léxico estrangeiro e discute, com conhecimento de causa, formas sutis e cambiantes como μελίφυλλον, μελιττόφυλλον [melissa, erva-cidreira], μελιττώνες, μελιττοτροφεΐα [colméia] (Cf. *De re rustica* III, 16, 10 e 12 respectivamente);

- Em torno desse assunto, escreve uma obra: Περὶ χαρακτήρων, em três livros, já mencionada;⁴⁶⁰

- Realiza uma longa e originalíssima obra poética, as *Sátiras Menipéias*, em que usa, intermitentemente, versos em latim e em grego;

- Em oposição ao grego com cinco casos, ele põe em evidência o sexto caso latino (o ablativo), compara e transforma o fato num traço marcante para a individualidade do latim (VIII, 16);

- Comenta o fato de que os gregos fazem suas adaptações da situação latina, como acontece com Λευκιηνός < *Lucienus* (VI, 2), mas observa que os romanos também operam transposições diretas de nomes gregos, como *Aristarchus* < Ἀρίσταρχος.

2.2.2. ESTUDO DOS EMPRÉSTIMOS

Nessa teoria dos empréstimos sucessivos, podem-se distinguir, segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 22), os antigos, efetivados nos contatos mais ou menos remotos com falantes do grego em território itálico, e os recentes, advindos do próprio processo de helenização.

⁴⁶⁰ J. Collart (Collart, 1954, p. 27) vê dificuldades em saber ao certo o teor da obra Περὶ χαρακτήρων e conjectura: talvez versasse sobre os diferentes tipos de estilo, ou sobre os gêneros oratórios, ou, ainda, sobre as formas desinenciais

2.2.2.1. CRITÉRIO CRONOLÓGICO: EMPRÉSTIMOS PRIMITIVOS E RECENTES

Entre os empréstimos primitivos, segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 218-9), encontram-se no texto varroniano estes exemplos, uns em grego, outros, já transliterados no texto varroniano:

- *clamis* ou *chlamys* < χλαμύς [manto grego] (V, 7 e 133);
- *Caere* < χαῖρε [salve!], nome de cidade pretensamente relacionada aos pelásgios (G.R.F., p. 347, fr. 386);
- *ferte* < φέρετε [levai] (VI, 96);
- *putere* < πύθεσθαι [apodrecer, estar podre] (VI, 96);
- *ite* < ἴθι [ide] (VI, 96);
- *falces* < phanclas [foices] (V, 137);
- *muraena* < μύραινα [moréia] (5, 77);
- *macellum* > μάκελλον [mercado] (V, 146).

Alguns exemplos de empréstimos recentes:

- *parapechia* [blusa feminina bordada] (V, 133);
- *epychisis* [vaso] e *cyanthus* [copo] (V, 124);
- *orchitis* [< ὄρχις, azeitona graúda] (V, 108);
- *charta* [carta, mapa] (G. R. F., p. 197, fr. 26);
- *μαλάχη* [malva] (V, 103);

Nomes de animais trazidos recentemente:

- *camelopardalis* < καμελοπάρδαλις [girafa] (V, 100);⁴⁶¹

⁴⁶¹ *Camelopardalis* (girafa) era palavra muito recente (*nuper aducta*); o animal, como novidade, estava sendo vista pela primeira vez pelos romanos durante os jogos organizados por César, em 46 a. C., quando Varrão estava compondo o *De lingua Latina*. (Cf. Plin., *N. H.* VIII, 69).

- *pantheris* < πάνθηρ [pantera] (V, 100);
- *leaena* < λέαινα [leoa] (V, 100);
- *polypus* < πόλυπους [pulpo] (V, 78);
- *hipos potamios* < ἵππος ποτάμιος [hipopótamo] (V, 77);
- *crocodilus* < κροκόδειλος [crocodilo] (V, 78);
- *peloris* < πελωρίς [mexilhão] (V, 77);
- *echinus* < ἐχίνος [ouriço marinho] (V, 77);
- *uraeon* < οὐραῖον [posta de atum] (V, 76);
- *cybium* < κύβιον (atum novo) (V, 77);
- *thynnus* < θύννος [atum] (V, 77; VII, 47);

Termos técnicos da ciência, gramática, dialética, crítica literária, arte:

- *etymologia, notha uocabula* < ἐτυμολογική (VII, 109-110);
- *tragoedia, comoedia* [tragédia, comédia] (V, 55; VI, 65; X, 70);
- *glossema* [léxico] (VII, 34, 107);
- *enthymema* [o pensamento];
- *toreuma* [obra feita em cinzel];
- *noema* [reflexão];
- *schema* [figura]; ⁴⁶²
- *poema* [poema] (VI, 2, 34, 36).

2.2.2.2. CRITÉRIO REGIONAL: EMPRÉSTIMOS DE OUTROS DIALETOS E FALARES

Além desse critério cronológico, há o espacial-regional que aponta empréstimos vindos também de dialetos ou falares regionais diversos do eólico. Varrão cita os seguintes: *trulla* < τρυηλῖς [colher, concha] (V, 118);

⁴⁶² G. R. F., p. 275, fr. 256. *Enthymema, toreuma, noema* e *schema* constam nesse fragmento conservado por Carísio, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 223).

querquedula < κερκήδης [marreca] (V, 79),⁴⁶³ *orchitis* < ὄρχις [azeitonas graúdas], empréstimo do ático (V, 108); *donum* < δόσις [presente], também empréstimo do ático (V, 175); *uer* < ἦρ [primavera], empréstimo do jônio (V, 108); *macellum* < μακελλωταί e < μάκελλον [mercado], vocábulo usado pelos espartanos, portanto, empréstimo dório (V, 146).

Quanto a falares regionais, há os seguintes vocábulos, alguns já mencionados:

- *camelopardalis* [girafa] (de Alexandria) (V, 100);
- *falx, falces* [foice] < *phancas* (do Quersoneso) (V, 137);
- *lautumiae* [pedreiras-prisões] < *latomiae* < Λατομιαί (Siracusa) (V, 151);
- *mutuum* [prestação] < μοῦτος, (Sicília) (V, 179).

2.2.3. APROXIMAÇÕES COM O MÉTODO COMPARATIVISTA: LÍNGUA MÃE

Face a essas interações lingüísticas, e tendo o conhecimento dessa herança e receptação contínua da influência do grego sobre o latim, questiona-se se Varrão, como filólogo, teria pensado num método lingüístico histórico-comparativo (C. Tagliavini — Tagliavini, 1982, p. 1) para abordar esses fatos, ou se teria percebido a existência de um tronco lingüístico comum, ou, finalmente, se ele teria levantado a hipótese de uma língua-mãe que explicasse essas aproximações.⁴⁶⁴ Observa-se que, no fazer etimológico, ele aplica, inconscientemente, fórmulas frasais abstratas e

⁴⁶³ Varrão cita *trulla* e *querquedula* como de procedência grega, sem indicar o dialeto. J. Collart cita ambos os nomes como não sendo do eólio. Segundo A. Ernout-A. Meillet (Ernout-Meillet, 1951, p. 981), os vocábulos *trulla* e *querquedula* são de origem obscura. Cf. J. Collart (Collart, 1954, p. 220, n. 1 e 2).

⁴⁶⁴ V. Pisani (Pisani, 1971, p. XIII – XIX) esclarece sobre o objeto da glotologia indoeuropéia: ela estuda a história e a pré-história, especialmente pela fase mais antiga testemunhada, de um grupo de línguas geneticamente parecidas, envolvendo um complexo de dialetos e constituindo um conjunto homogêneo. O indoeuropeu seria a língua ou o conjunto de dialetos relativos a ela, abrangendo as seguintes famílias: indiana, irânica, armênia, grega, albanesa, latina, osco-úmbria, céltica, germânica, báltica, eslava, hitita e tocário (Turquestão oriental).

repetitivas no seguinte esquema, como já foi estudado nas fórmulas derivativas do capítulo IV: *A a Graeco B*, *A Graecum uocabulum B*, *A quod Graeci dicunt B*. Principalmente esta última parece apontar para a tese da noção de uma língua mãe. Vejam-se os exemplos: *ager* < ἄργός [campo] (V, 33);⁴⁶⁵ *nox* < νύξ [noite] (VI, 6);⁴⁶⁶ *sus* < ὕς [porco], *bos* < βοῦς [boi], *taurus* < ταύρος [touro] e *ouis* < οἷς [ovelha] (V, 96);⁴⁶⁷ *esperugo* < ἔσπερος [estrela-vésper] (VI, 6);⁴⁶⁸ *terminus* < *terminis* < *termen* < τέρμων, pl. τέρμωνα [limite] (V, 21);⁴⁶⁹ *aeuum* < *aetas* < αἰών [eternidade] (VI, 21).⁴⁷⁰ Enquanto as duas primeiras fórmulas (*A a Graeco B*, *A Graecum uocabulum B*) reconhecem o fato derivativo, a terceira (*A quod Graeci*

⁴⁶⁵ Varr., *L. L.* V, 33. Aí se lê: *Ager dictus...alii quod id Graeci dicunt argon* [Chama-se *ager*...; outros pensam que é porque os gregos o denominam ἄργός].

⁴⁶⁶ Varr., *L. L.* VI, 6. Nesse passo Varrão apresenta uma opção de derivação de *nox* do grego: *...nisi quod Graece νύξ nox* [a não ser porque em grego *nox* é νύξ].

⁴⁶⁷ Varr., *L. L.* V, 96. No passo se lê: *...hic est qui Graecis usus, sus quod ὕς, bos quod βοῦς, taurus quod ταύρος, item ouis quod οἷς; ita enim antiqui dicebant, non ut nunc πρόβατον* [aqui empregamos as denominações em uso entre os gregos: *sus*, porque eles dizem ὕς, *bos*, βοῦς, *taurus*, ταύρος, do mesmo modo que *ouis*, οἷς, porque esta é a palavra que empregavam os antigos gregos e não πρόβατον (cordeiro) como hoje].

⁴⁶⁸ Varr., *L. L.* VI, 6. No passo se lê: *Cum stella prima exorta (eum Graeci uocant esperon, nostri uesperuginem, ut Plautus...* [Quando desponta a primeira estrela, que os gregos chamam de ἔσπερος e nós *uesperugo*, conforme Plauto...].

⁴⁶⁹ Varr., *L. L.* V, 21. No passo se lê: *...itaque hoc cum is in Latio aliquot locis dicitur, ut apud Accium, non terminus, sed termen; hoc Graeci quod termona. Pote uel illinc; Euander enim, qui uenit in Palatium, e Graeci Arcas* [Por isso, em alguns lugares do Lácio, esta palavra (*termini* = limites territoriais) se emprega com a desinência - *is* (3.^a declinação), quer dizer, *termen*, como se lê na obra de Áccio, em lugar de *terminus*. É o que os gregos chamam de τέρμων; possivelmente aqui está a sua origem, pois Evandro, que chegou ao Palatino, era um árca de oriundo da Grécia] (V, 21).

⁴⁷⁰ Varr., *L. L.* VI, 21. No passo se lê: *Aeuum ab aetate omnium annorum (hinc aeuiternum, quod factum est aeternum); quod Graeci αἰῶνα, id ait Chrysippus esse αἰεὶ ὄν. [Aeuum (eternidade) vem da duração (aetas) da totalidade dos anos, daí aeuiternum de que resulta aeternum, porque os gregos dizem αἰῶνα, que Crisipo diz ser o αἰεὶ ὄν (o sempre existente)].*

dicunt B) expressa melhor o que se entende hoje por um método histórico-comparativo que fundamentou, no século passado, segundo E. F. Konrad Koerner (Koerner, 1997, p. 7-20) e C. Tagliavigni (Tagliavigni, 1982, p. 1), a hipótese da existência de uma língua mãe comum, o indoeuropeu. Com esses exemplos, conjectura-se que Varrão tenha vislumbrado o método moderno comparativista para chegar ao conceito de uma língua-mãe. Entretanto, não se deve exagerar essa especulação, confirma J. Collart (Collart, 1954, p. 225); pode-se, quando muito, levantar uma hipótese, a de que, de vez em quando, Varrão tenha percebido que algumas palavras gregas e latinas tinham origem comum.

2.2.4. MÉRITOS DA TEORIA DOS EMPRÉSTIMOS SUCESSIVOS

A teoria dos empréstimos sucessivos permite um melhor entendimento dos seguintes aspectos lingüísticos na busca das origens do latim:

- a) Ela possibilita distinguir empréstimos antigos e recentes;⁴⁷¹
- b) Evidencia as aquisições feitas a partir de outros dialetos além das do eólio, como também as dos falares de outras regiões do mundo helênico;
- c) Permite agrupar os empréstimos por categorias na parte etimológica do *De lingua Latina*;
- d) Focaliza preferencialmente o vocabulário científico e técnico;
- e) Revela a perene receptividade do latim às contribuições lexicais de outros sistemas lingüísticos.

Em conclusão, essa teoria manifesta as necessidades de um povo que, vocacionado a uma longa fase de hegemonia, mas se percebendo ao mesmo tempo defasado na filosofia, ciência, técnica e arte, requisitava para si, e com certa urgência, uma volumosa transferência de saberes e tecnologias,

⁴⁷¹ Segundo M. Lejeune (Lejeune, 1950, p. 100-1), os empréstimos antigos apresentam flutuações na medida em que foram também sofrendo as vicissitudes fonéticas da língua latina; tal distinção tem o aval da lingüística moderna.

e, sobretudo, demandava um instrumental lingüístico adequado aos seus projetos imperialistas e expansionistas.

3. RUMO À EXPANSÃO DO LÉXICO LATINO

O *De lingua Latina*, como uma peça num vasto complexo de obras de infra-estrutura cultural no final da República, parece refletir a ânsia dos romanos por arrancar-se da mencionada defasagem, adequar os conhecimentos ao seu código lingüístico e sedimentar a inadiável estrada rumo à expansão e consolidação de seu império.

3.1. VOCABULÁRIO DAS ÁREAS TÉCNICO-CIENTÍFICAS

Concretamente, essa demanda se reflete, em parte, na seleção vocabular quando da tomada de empréstimos. Vejam-se algumas etimologias em que se percebe a preocupação de aproveitar a experiência lingüística dos gregos em torno de certos conhecimentos técnicos:

- a) termos emprestados relativos ao mar e à atividade pesqueira: *muraena* [moréia], *thynnus* [atum] etc. (V, 77-79);
- b) termos da zoologia: animais aquáticos, anfíbios e terrestres: *polypus* [pulpo], *hipos potamios*, *crocodilus* etc. (V, 77-79 e 101);
- c) termos da botânica: árvores frutíferas, hortaliças e flores: *malum* [macieira], *radix* [rábano], *kymion* [cominho], *malache* [malva] etc. (V, 102-104);
- d) termos da indumentária e da moda: *parapechia* [veste feminina], *chlamydes*, *amphimalus* [casaco de seda] e *gaunacum* [peliça] etc. (V, 130-133 e 166-168);
- e) termos relativos à copa e cozinha: *epychisis* [vaso], *cyanthus* [copo], *lepestae* [jarras]; *cilibantum* [mesa redonda]; *potio* [bebida] etc. (V, 118-127);
- f) termos relativos à culinária: *mattea* [manjares], *thrion* [pastel] *orchitis* [azeitona] etc. (V, 107, 108, 112);

g) termos da vida financeira: *arrabo* [penhor, garantia], *muttum* [prestação], *numus* [dinheiro] (V, 169-183).

3.2. “CALQUES” FONÉTICOS E SEMÂNTICOS

Algumas etimologias varronianas, na aproximação com o grego, não apresentam fundamentação morfológica, antes, vão buscar na língua grega uma correspondência fonética ou semântica que justifique o empréstimo. Assim, Varrão distingue o “*calque*” da forma, ou seja, a identidade fonológica, como, por exemplo, *echinus* = ἐξίνοϛ [ouriço] (V, 77), *asparagus* = ἀσπάραγος [aspargo] (V, 104), *nox* = νύξ [noite] (VI, 6) etc. do “*calque*” semântico, isto é, a identidade de sentido, como nestes exemplos: *senatus* = γερουσία [senado] (V, 156), *Septem triones* = ἑπταστήρες [sete estrelas, constelação de Ursa] (VII, 74), ou *Septemtriones* (Collart, 1954, p. 227), *fundulus* = τυφλόν ἐντερον [chouriço] (V, 111), *Ca<r> <s>mena* = Μοῦσα (VII, 26), *uates* = ποιητής [vate, poeta] (VII, 36), *similitudo* = ἀναλογία (VIII, 23).

Conclui-se que Varrão, num paralelo entre o hodierno avanço dos estudos lingüísticos à luz do comparativismo e o que se poderia esperar da visão de sua época, foi, dentre os lingüistas de seu tempo, o que melhor compreendeu o parentesco entre o grego e o latim.

4. O NACIONALISMO GRAMATICAL E O SABINISMO

Ocorre que essa ação — ou a simples visão cultural — de manter as portas abertas da pátria para o helenismo era uma tarefa que comportava seus riscos, pois vigorava uma forte censura por parte de um setor romano nacionalista.⁴⁷² Por um lado, Varrão tinha ciência da necessidade de assimilação do helenismo para a grandeza de Roma. Por outro, como sabino erudito e conservador, mas, sobretudo, como discípulo de Élio Estilão, ele apreciava os valores pátrios, inclusive a língua. Todas os seus

⁴⁷² Cabe considerar que o helenismo agia com a força de uma moderna “globalização” da cultura, *mutatis mutandis*.

títulos de obras apontavam para essa verdade. Por isso, guardava um justo senso nacionalista, nada mais que equilibrado, que procurou introjetar no cerne de sua gramática. A nacionalização do alfabeto e da grafia já estava mais ou menos consolidada, graças ao esforço de Ênio, Lucílio, Áccio e do próprio reatino (Collart, 1954, p. 120). Agora, no *De lingua Latina*, esse nacionalismo gramatical se manifestava no esclarecimento etimológico do léxico latino orientado a privilegiar sobretudo o elemento dialetal sabino. Em outras palavras, sua tendência nacionalista se manifesta claramente, e de maneira um tanto particularizada, no seu sabinismo.

4.1. O SABINISMO VARRONIANO

Antes de mais nada, e embora não afirme explicitamente, Varrão é um sabino. Tal procedência transparece nas diversas vezes em que mostra elementos do latim no falar da Sabina, cujo perfume ele respira: *Et arae Sabinum linguam olent quae Tati regis uoto sunt Romae dedicatae* [Também os altares, que em virtude de um voto do rei Tácio foram erigidos em Roma, têm o odor da língua dos sabinos] (V, 74). Evidencia-se o tom poético-emotivo nessa observação. Todavia, como se verá, ele não deixa de colocar bases históricas e filológicas para esse sabinismo.

4.2. O PANSABINISMO

Os *Graeci antiqui* são postos por Varrão no caminho rumo ao território da Sabina. Diz ele num fragmento conservado por Sérvio: *Oenotria dicta est, ut Varro dicit, ab Oenotro rege Sabinorum* [A Enótria (= Itália) tem esse nome, como diz Varrão, de Enotro, rei dos sabinos] (Serv., *Ad Aen.* I, 532; *G. R. .F.*, p. 351, fr. 397, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 229). Esse Enotro, segundo a lenda, é, como Pallas, filho de Licaonte e neto de Pelasgo. Pallas seria o avô de Evandro. Enotro teria tido, junto aos sabinos, o mesmo papel que teve Evandro junto aos latinos. Em conseqüência, os sabinos eram mais antigos que os latinos e romanos,

porque se vinculavam aos arcado-pelásgios.⁴⁷³ Com estes, os sabinos puderam alastrar-s pela Itália central e meridional e impor sua hegemonia sobre os demais povos itálicos.

4.3. PANSABINISMO E PANARCADISMO

Verifica-se, no pensamento varroniano, primeiramente um panarcadismo, fundado, como já visto, na figura de Evandro, árcade, introdutor da língua e da cultura grega no território itálico. Paralelo a ele, surge um pansabinismo avassalador, receptor da influência grega e representante de uma comunidade sabélica na qual estão envolvidos osco-úmbrios e samnitas. Estes últimos são citados por duas vezes, como sendo de origem sabina.⁴⁷⁴

Assim, Varrão desenvolve várias etimologias em torno dessa etnia e desse dialeto. Faz derivar “sabino” de σέβεσθαι, porque os sabinos “reverenciam os deuses” (*G. R. F.*, p. 352, fr. 404, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 230). Já a palavra *cascus* é um termo sabino que se prende a uma raiz osca, como ele diz em dois passos: *Primum cascum significat uetus; secundo eius origo Sabina, quae usque radices in Oscam linguam egit* [Em primeiro lugar, *cascus* significa *uetus* (velho); em segundo, sua origem é sabina, a qual levou suas raízes até à língua osca] (VII, 28); e neste outro: *Item significat in Atellanis aliquot papum, senem quod Osci casnar appellant* [De igual modo, em algumas atelanas este termo (*cascus*)

⁴⁷³ J. Collart (Collart, 1954, p. 229) observa que Catão vinculava os sabinos ao herói epônimo *Sabus*, de origem lacedemônia, filho de *Sancus* (*L.L.* V, 66), também dito *Dius Fidius*.

⁴⁷⁴ Os samnitas são citados no *De lingua Latina* (VII, 29) e no fragmento do livro XXI das *Antiquitates humanae* conservado por Aulo Gélio (*Gell.*, N. A. XI, 1, 5); pelo contexto do passo VII, 29, infere-se que a língua samnita recebeu influxos da língua sabina; tratava-se, pois, de um grupo lingüístico mais recente que o sabino.

designa o papo, o velho, pois que os oscos o chamam *casnar*] (VII, 29).⁴⁷⁵ A palavra *Mammers* (*Mars*) é apresentada como forma sabina (V, 73).

4.4. SABINOS E ETRUSCOS

Verifica-se no *De lingua Latina* que o sabinismo varroniano foi tão preponderante que absorveu a contribuição lingüística dos etruscos. Quanto a estes, havia uma teoria na época de Varrão, atestada por Dionísio de Halicarnasso, segundo a qual os arcado-pelásgios, ao pisarem em território itálico, passaram a ser chamados de ‘tirrenos’, isto é, etruscos (D. H., *Ant. Rom.* I, 28, 3, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 231). Por outro lado, segundo Varrão, há uma identificação entre tirrenos e pelásgios: *Hyginus dicit Pelasgos esse qui Tyrrheni sunt. Hoc etiam Varro commemorat* [Higino afirma que os pelasgos são os próprios tirrenos. Isso também Varrão confirma] (*G.R.F.*, p. 361, fr. 400). Conclui-se que havia muitas afinidades entre sabinos e etruscos. Se os sabinos são citados como povo que venera os deuses (σέβεσθαι = venerar os deuses),⁴⁷⁶ também os etruscos eram conhecidos por sua religiosidade. Daí que, se não havia um parentesco, vigorava, pelo menos, um intercâmbio lingüístico entre essas duas etnias itálicas. O próprio Varrão titubeia na etimologia e retifica: a palavra *idus* (idos) é dada como etrusca, “ou melhor”, sabina, como ocorre neste passo: *Idus ab eo quod Tusci Itus, uel potius quod Sabini Idus dicunt* [O nome *Idus* se explica pelo fato de os etruscos dizerem *Itus*, ou, preferivelmente, porque os sabinos dizem *Idus*] (VI, 28). O nome da divindade *Vertumnus* é indicado como sendo etrusco: *...quod is deus Etruriae princeps* [...pois que era este o mais importante deus da Etrúria]

⁴⁷⁵ A. Ernout et A. Meillet (Ernout-Meillet, 1952, p. 183) aproximam *cascus* (sabino), *canus* (latim) e *casnar* (osco), evidenciando que os três vocábulos se prendem a uma raiz, com sufixos diferentes; parece ocorrer nesse passo varroniano uma atividade etimológica precoce e intuitiva, aproximada, talvez, de um “comparativismo” moderno, base teórica para a existência do indoeuropeu.

⁴⁷⁶ *G. R. F.*, p. 352, fr. 404. Trata-se de uma etimologia fantasiosa, que, porém, será retomada por Plínio o Velho, compilador e admirador de Varrão (Plin., *N. H.* III, 108).

(V, 46), mas, posteriormente, é relacionado entre os deuses sabinos (V, 74). Na formação dos *Septimontium* da cidade de Roma, a parte ocupada pelos sabinos é a maior: o Capitólio,⁴⁷⁷ o Aventino,⁴⁷⁸ o Quirinal,⁴⁷⁹ o Palatino⁴⁸⁰ e o *Vicus Ciprius*.⁴⁸¹

4.5. O DIALETO SABINO ASSIMILADO NOS USOS E NAS INSTITUIÇÕES ROMANAS

Varrão não perde as oportunidades para comentar os usos e as instituições em que os romanos são devedores dos sabinos, como nestes casos: o nome jurídico de *multa* [penalidades] (V, 95 e 177), as *mensae deorum* que constituíam um rito sabino (V, 23), a palavra *februatio* que era o ritual de purificação nas festas das *Lupercalia* (VI, 13), os deuses sabinos que participam do panteão romano (V, 74). Cabe, pois, verificar, de forma mais sistemática, os empréstimos extraídos dos vários setores da vida dos sabinos, ou seja, a campestre, a religiosa e a cotidiana. Eles são registrados com ênfase pelo próprio Varrão como sendo nomes sabinos.

⁴⁷⁷ O nome do Capitólio está vinculado à lenda da virgem Vestal Tarpéia (V, 41) e ao nome do herói sabino Métio Cúrcio (V, 149).

⁴⁷⁸ Essa vinculação dos sabinos com o Aventino encontra-se no fragmento atribuído a Varrão (*apud* Serv.) do *De gente populi Romani*; *G. R. F.*, p. 249-250, fr. 187. No parágrafo V, 43 do *De lingua Latina*, Varrão é menos categórico, pois apresenta três etimologias sobre o Aventino; no passo V, 152, ele diz que o rei sabino Tito Tácio fora sepultado no *Laurentum*, local situado no Aventino.

⁴⁷⁹ Quirinal vem de *Quirites*, que foram os companheiros do rei Titus Tatius, vindos com ele de *Cures* (V, 51).

⁴⁸⁰ No *Palatium* estabeleceram-se os primitivos *Palatini*, provenientes de uma região do Reate, chamada *Palatium* (V, 53). Nesse passo, Varrão informa quatro origens do nome *Palatium*: *Pallantes*, companheiros de Evandro; Palanto, esposa de Latino; *Balatium*, palavra que lembra o balido das ovelhas; e *Palatini* (= sabinos), que é a versão que justifica o pansabinismo varroniano.

⁴⁸¹ O *Vicus Ciprius* era uma colina de Roma, na qual os sabinos se estabeleceram. Conforme Varrão, *ciprus* ou *ciprius*, em sabino, significa “bom” (V, 159), daí “Rua do bom presságio” (Collart, 1954, p. 233).

Na vida campestre sabina, o latim buscou alguns nomes de animais domésticos, horários, produtos agrícolas, ferramentas, termos do pastoreio, alimentos, temperos, iguarias etc. Vejam-se os mais comuns: *edus* (zona rural), *aedus/haedus* (na capital) < *fedus* [sabino = cabrito] (V, 97); *ircus* (zona rural), *hircus* (na capital) < *fircus* [sabino = bode] (V, 97); *porcus* [do sabino < *aprinus*] ou do grego < πόρκος, πόρκη [porco] (V, 97); *horda* < *forda* [bos] [sabino = prenhe, vaca prenhe] (VI, 15); *ariuga* [sabino = carneiro para o sacrifício] (V, 98); *meridies* < *medidies* [meio-dia] (VI, 4); *crepusculum* < *creper* [crepúsculo] (VI, 5 e VII, 77); *faba* < *haba* [fava] (G.R.F., p. 298, fr. 280); *seculae* [foices] (V, 137); *pecus*, *pecunia*, *pecuniosus*, *a pastoribus* [palavra tirada do pastoreio] (V, 92); *puls* [papa], *pulmentum* [iguarias], *pulmentarium* [tempero] (V, 108), *caseus* [queijo] (V, 108).

Extraídos da vida religiosa sabina, há os seguintes principais empréstimos feitos ao latim: *februs*, *februm*, *februatio*, *februatus*, *februare* [purificação, purificar] (VI, 13); além de *idus*, há *sexatrus*, *septimatrus* [o sexto e o sétimo dia depois dos idos] (VI, 14); o verbo *reloqui* [dizer em resposta] (VI, 57); *lespesta* [taças para vinho nos altares dos deuses] (V, 123); *tesca* [lugares agrestes consagrados aos deuses] (VII, 8, 10-12). Quanto aos nomes dos deuses sabinos elencados em V, 74, cumpre assinalar que o aporte sabino à religião romana traz as características de um povo agrícola. O inventário varroniano reflete uma provável e antiga teoria dualista: um culto sabino interessado nas divindades do sol e um culto latino direcionado aos deuses celestiais. A religião romana resultaria da fusão desses dois cultos (Piganiol, 1912, p. 99, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 233). Na verdade, como observa J. Collart (Collart, 1954, p. 238), a lista varroniana dos deuses sabinos não está completa nem exata, por não incluir todos os deuses sabinos e por não serem, os elencados, exclusivamente sabinos.

Finalmente, eis alguns empréstimos sabinos, extraídos da vida cotidiana: *supparus* [tipo de xale] (V, 131), *indusium* [blusa] (V, 131); *lixulae* [suflês] (V, 107); *asta* [impurezas da lã, vocábulo osco] (VII, 54); *multa* (já mencionado); vejam-se também estes caracterizadores: *ciprus*

[bom] (V, 159); *creper* ou *creperus* [crepuscular, duvidoso] (VI, 5 VII, 77); *catus* [fino, penetrante] (VII, 46); *cascus* [velho] (já mencionado).

4.6. O DIALETO SABINO: ELEMENTO INTERMEDIÁRIO ENTRE O GREGO E O LATIM

Outro aspecto do sabinismo varroniano é que o sabino se apresenta como intermediário entre o latim e o grego, isto é, o latim toma emprestado do grego através do sabino. Já do ponto de vista histórico, Varrão insiste em que os imigrantes gregos (pelásgios) vieram, primeiramente, para a Sabina: *...in Sabinis quo e Graecia uenerunt Pelasgi* (R. R. III, 1, 6). Eis alguns vocábulos em que se admite ter havido essa intermediação sabina, ou seja, palavras que constituem um “calque” sabino sobre o grego e, depois, repasses, para o latim: *lepestae* < δεπέστα [vaso, jarra sagrada] (V, 123);⁴⁸² *lympa* > Νύμφη [água, onda, divindade aquática] (VII, 87).⁴⁸³

Concluindo este estudo sobre o sabinismo varroniano, observa-se que a idéia de uma língua intermediária entre o grego e o latim é original em Varrão. Ou ele está correto e a filologia moderna não tem meios para comprovar nem negar textualmente a teoria do pansabinismo, ou ele exagerou um pouco no seu nacionalismo regionalista, o que até se pode entender, dado seu amor à pátria e o desejo de contrabalançar o avanço descontrolado do helenismo sobre os valores línguo-culturais autóctones. Em princípio, o que ele quer mostrar é que os sabinos trouxeram uma contribuição importante à civilização romana. Como conhecedor da língua latina e grega, o reatino poderia explorar melhor as possibilidades que a dialetologia lhe oferecia. Entretanto, o que o escritor anotou foi suficiente para revelar, por um lado, o orgulho de ser sabino e, por outro, uma certa

⁴⁸² *Lepestae* (jarra sagrada — L.L. V, 123) < δεπέστα (L.L. V, 123) < λεπαστή (vaso em forma de concha — A. Bailly, 1950, p. 1180) < δέπας (vaso, copo — A. Bailly, 1950, p. 446). A comutação d > l seria uma característica fonética ocorrente na passagem do dialeto sabino para o latim.

⁴⁸³ Para A. Ernout et A. Meillet (Ernout-Meillet, 1952, p. 666) *lympa* seria uma helenização: *lympa* (água) < *lumpa* < *dumpa*, pela passagem d > l, segundo a fonética sabina, o que esclarece também a aproximação com *limpidus*.

indiscrição provinciana de criar o monopólio do dialeto sabino sobre a Itália antiga.

5. OUTRAS FONTES DO LATIM: O ETRUSCO, O GAULÊS, O IBÉRICO, O ARMÊNIO, O SÍRIO, O CARTAGINÊS

Entretanto, é preciso verificar outras fontes do latim, além do grego e do dialeto sabino como intermediário. O etrusco, o gaulês, o ibérico, o armênio, o sírio, o cartaginês também ofereceram suas contribuições.

5.1. O ETRUSCO: EMPRÉSTIMOS

Como os demais analistas romanos, Varrão não exalta o influxo lingüístico dos etruscos, visto que constituíam um povo politicamente vencido e socialmente integrado à vida romana. Varrão conhecia imperfeitamente o etrusco porque já não era uma língua falada.⁴⁸⁴

Entretanto, no *De lingua Latina* há indícios da presença atuante dos etruscos em Roma bem como da sua influência no vocabulário latino. Por exemplo, para minimizar um antigo episódio da ocupação de Roma pelos etruscos e pacificar as relações entre eles e os romanos, Varrão conta que Célio Vibena, caudilho etrusco, acudira com suas tropas em auxílio de Rômulo, contra o rei sabino, Tácio (V, 46).⁴⁸⁵ Realça também o fato de que Roma fora fundada segundo o ritual etrusco e que no seu tempo ainda existiam as marcas do pomério da *Vrbs*: *Cippi pomeri stant et circum Ariciam et circum Romam* [Em torno de Arícia e Roma estão de pé as estacas do pomério] (V, 143). Ele reconhece um tal de *Volnius* como autor de tragédias escritas em etrusco (V, 55). Para ele, os nomes das três tribos,

⁴⁸⁴ Conforme A. Ernout (*Les Éléments étrusques du vocabulaire latin*. Paris, 1930, apud J. Collart — Collart, 1954, p. 243), ignora-se em que época o etrusco deixou de ser uma língua falada.

⁴⁸⁵ Depois dessa ajuda, os etruscos ocuparam um local por demais estratégico em Roma (o monte Célio), donde foram obrigados pelos romanos a se retirar para a planície, pois estes se sentiam ameaçados. Daí resultou o nome do monte Célio, como também o do bairro etrusco, o *Vicus Tuscus* (V, 46).

Titenses, *Ramnes* e *Luceres*, são etruscos (V, 55). Coloca também a hipótese de que o nome do Tibre seja etrusco (V, 29-30). Atribui a arquitetos etruscos a concepção do *atrium* [átrio] e do *Tuscanicum* [galeria toscana ou etrusca] (V, 161). Diz que os nomes *Idus* (VI, 28), *Lares* (*G. R. F.*, p. 334, fr. 332, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 244) e os dos deuses *Vertumnus* (V, 46) e *Janus*⁴⁸⁶ possuem componentes lingüísticos etruscos. Quanto aos nomes comuns, Varrão diz serem etruscas as seguintes palavras: *subulo* [flautista] (VII, 35), *balteum* [cinturão] (V, 116), *miles* [soldado] (V, 89),⁴⁸⁷ *turma* [pelotão de cavalaria] (V, 91); outras palavras provavelmente etruscas são: *lucuns* [tipo de pastel],⁴⁸⁸ *trulleum* < *trulla* [colher, concha] (V, 118), *mattelio* [vasilha, jarra] (V, 119), *peluis* [bacia] (V, 119), *urceolus* [cântaro], *manale* [jarro], *nassiterna* [regador].⁴⁸⁹

Segundo F. della Corte, nenhum autor latino contemporâneo de Varrão disse tanto sobre os etruscos quanto o próprio Varrão, não obstante sua tendência a fundir o mérito dos etruscos e de outros povos nas glórias dos sabinos (Della Corte, 1937, p. 113, n. 1). O uso do “*potius*” denota o sentido preferencial e revela essa intenção. Ele diz que *Idus*, *Lares*, *Vertumnus* são palavras do léxico etrusco; quanto a *Idus*, ele corrige imediatamente, oferecendo uma opção etimológica através desta emenda: *uel potius quod Sabini Idus dicunt* [ou, preferivelmente, porque os sabinos dizem *Idus*] (VI, 28). No panteão sabino ele relaciona nomes de deuses etruscos como sendo sabinos (V, 74). Entretanto, apesar de sua tendência pansabinista e do silêncio generalizado dos contemporâneos sobre os

⁴⁸⁶ Varr., *Ant. diu.* XIV, *G. R. F.*, p. 236, fr. 134. Segundo P. Grimal (*Janus et les origines de Rome*, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 245), a palavra *Janus* é de origem etrusca; *Janus* é identificada como “Céu” no panteão mediterrâneo e itálico pré-romano.

⁴⁸⁷ Miles, de “mil” soldados, que eram fornecidos por cada uma das tribos (V, 89).

⁴⁸⁸ *Lucuns* ocorre nas *Sátiras Menipéias*; cf. Varr., *Men.*, p. 229, fr. 417 e p. 239, fr. 508, Bücheler-Heraeus. *Apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 245).

⁴⁸⁹ Essas três últimas palavras ocorrem em Varr., *De Vita populi Romani*, p. 295, fr. 52; *apud* B. Riposati (Riposati, 1976, p. 59-89).

etruscos, Varrão sentia e valorizava a importante contribuição, para a civilização romana, de um povo evoluído, religioso, construtor e artista.

5.2. OUTROS EMPRÉSTIMOS: O GAULÊS, O IBÉRICO, O CARTAGINÊS, O ARMÊNIO E O SÍRIO

Além dos empréstimos do grego, do sabino e do etrusco, o latim obteve empréstimos, embora pequenos, do gaulês, do ibérico, do cartaginês, do armênio e do sírio. Do gaulês: *sagum* (capa militar), *reno* [manta de pele de rena] (V, 167), *alauda* [cotovia] (VIII, 65), *petorritum* [veículo de quatro rodas] (Gell., N. A. XV, 30, 6); do ibérico: *lancea* [lança];⁴⁹⁰ do armênio: *tigris* (V, 100), vindo, porém, através do grego, τίγρις; do sírio: *camelus* (V, 100);⁴⁹¹ e do cartaginês: *purpura* (*Poenicum uerbum*) (V, 113).

Concluindo este capítulo sobre os fundamentos étnicos, culturais e lingüísticos que elaboram como forças peristálticas na gestação da *latinitas*, verifica-se que Varrão praticava uma filologia a serviço da história.

Quanto à origem do latim e sua aproximação com o grego, retome-se o exposto. Examinaram-se as duas teorias: a da herança primitiva e a dos empréstimos sucessivos; a primeira, externando uma visão de Varrão-historiador e a segunda, a de Varrão-filólogo-etimólogo. Pela primeira teoria, a assimilação do léxico grego teria sido, num momento inicial,

⁴⁹⁰ Segundo fragmento de Varrão (Varr., *Ant. diu.* XIV) conservado por Aulo Gélcio (N. A. XV, 30, 6), a palavra é de origem hispânica: *Varro...lanceam quoque dixit non Latinum, sed Hispanicum uerbum esse* [Também Varrão diz que *lancea* não é palavra latina, mas hispânica]; já segundo Festo Paulo, é de origem grega: *Lancea a Graeco dicta, quam illi λόγχην uocant* [*“Lancea”* é palavra grega, que eles chamam λόγχην] (Fest. P., p. 105 Lindsay); para A. Ernout (Ernout, 1946, p. 116), a palavra vem do grego, λόγχη, porém através do etrusco. *Apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 243).

⁴⁹¹ Na verdade, segundo A. Ernout et A. Meillet (Ernout-Meillet, 1952, p. 160), o empréstimo é feito através do grego, κάμηλος. *Apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 248).

volumosa e em bloco; pela segunda, o processo assimilativo teria sido contínuo, fluindo desde os primeiros contatos, segundo a idéia, parecida com a moderna, de que os sistemas lingüísticos naturais constituem um fato dinâmico, passivo de mutações e interações com outros sistemas.

Quanto aos fundamentos étnicos e culturais primitivos do povo itálico-romano, ponderou-se que os pelásgios e, posteriormente, Evandro (arcádio) e seus companheiros teriam sido os primeiros imigrantes a contribuir com uma grande massa lexical inicial, advinda principalmente do dialeto eólico,⁴⁹² que foi prontamente assimilada em território itálico, configurando o que se chama panarcadismo. Entretanto, aqueles ciclos lendários, dado seu quase nulo valor heurístico, devem ser lidos como símbolos ou metáforas sociais. Viu-se que, hoje, a História e a Arqueologia tendem a desconsiderar fatos mirabolantes ou polarizados por personagens carismáticas (Enéias, Rômulo etc.) — por mais esteticamente contextualizados que sejam num poema, como, por exemplo, na *Eneida* — como reais alavancadores de mutações históricas. Obviamente, isso não significa que, no caso do povo romano, eles não tivessem valor metafórico e revelassem verdades de fundo psico-social. Ao contrário, contribuíram fortemente para fomentar o espírito rácico. Precisam, porém, ser judiciosamente interpretados do ponto de vista histórico.

Na época da fundação de Roma, viu-se que Rômulo e seus companheiros não ignoravam a herança lingüística primitiva que Evandro difundira entre os “bárbaros”. Há um momento em que parece ter ocorrido um hibridismo greco-latino, na visão de Dionísio de Halicarnasso, pois que, como já comentado (cf. 1.4 supra), os romanos tentaram falar o grego. Assim entendido, o latim chegou a sofrer o risco de se ver engolfado pela língua e cultura grega superveniente e de se minimizar ou se diluir.

Entretanto, manteve-se um forte substrato defensivo contra o avanço panarcadista. Esse agente defensor da base autóctone itálica teria sido, *grosso modo*, o território cultural e lingüístico dos sabinos

⁴⁹² A procedência do latim do dialeto eólico era, como já estudado no capítulo IX, a versão corrente na época de Varrão.

(pansabinismo), por ser mais antigo, genuíno e conservador. Assim, atuava como frente polarizadora dos demais dialetos e ao mesmo tempo moderadora e intermediária entre o grego e o latim. Daí se explica, de certa forma, o orgulho de Varrão por ser sabino e portador dessa bandeira nacionalista.

Há, portanto, no reatino, uma concepção histórico-lingüística antitética, constituída do elemento inovador estrangeiro (grego) e do conservador nacionalista (latim), que pode ser resumida, no cenário itálico, no confronto entre panarcadismo e pansabinismo, e, num cenário amplo, na tensão entre helenização e latinização, Ἑλληνισμός e *latinitas*.

Ao contrário da visão virgiliana — que mostra o pacífico e pacifista Enéias constantemente provocado e ameaçado por um despeitado e agressivo Turno — a visão varroniana do encontro entre gregos e latinos mostra imigrantes sendo cordialmente recebidos pelos autóctones, principalmente na vertente lendária de Evandro-Fauno. Essa atitude não agressiva da cultura superior superveniente (gregos) somada à receptividade da cultura inferior, axenófoba (os latino-itálicos), foi proveitosa para ambas as partes. Tem-se a impressão de que, assim, o helenismo, tendo como instrumento a língua grega, pôde aportar pacificamente em território itálico e empreender a preciosa transmissão de seu vigoroso patrimônio para o mundo ocidental, através de Roma e do latim. Por outro lado, esse espírito receptivo predominará no povo romano sob a forma do cosmopolitismo que fará de Roma centro de convergência da cultura, sua assimilação e difusão no tempo oportuno.

Assim, o sabinismo varroniano, abstraído o exagero, pode ser interpretado como o amálgama simbólico dos dialetos itálicos que, em contato com o grego e outras línguas, permitiram que o latim se enriquecesse e adquirisse “o perfume da antiga nobreza da terra de Saturno” (V, 74).

CAPÍTULO XI

METALINGUAGEM NAS OPERAÇÕES ETIMOLÓGICAS

A etimologia investiga o léxico para perscrutá-lo no seu aspecto histórico e evolutivo, desde suas origens. Ao lado do estudo sincrônico-gramatical, constitui ela um expresse exercício de metalinguagem.

Neste capítulo será feito o estudo da etimologia varroniana sob vários ângulos. Em primeiro plano, será examinado o nome e o objeto da etimologia bem como o interesse de que ela se revestia; aí será também colocado o antigo debate sobre a origem e a natureza da linguagem, ou seja, se é produto da natureza ou da convenção humana, e a posição de Varrão a respeito. Num segundo plano, estudar-se-ão as vicissitudes da etimologia, o enigma que envolve o quarto grau de dificuldades etimológicas citado pelo autor e o caminho do falimento da etimologia clássica como ciência. Em terceiro lugar, serão focalizados os livros etimológicos em sua estrutura expositiva, o valor da etimologia clássica e sua debilidade. Num quarto item, será feito um estudo sobre a relação entre etimologia e semântica. Por último, apresentar-se-á o método etimológico, ou seja, a utilização de princípios e categorias que viabilizam e produzem etimologias tais como a onomatopéia, as palavras expressivas, o campo figurativo da linguagem, o processo paronímico, as etimologias populares, a onomástica e a antroponímia.

1. ETIMOLOGIA: ORIGEM DAS PALAVRAS E SEU SIGNIFICADO VERDADEIRO

A etimologia é o estudo do nascimento do léxico de uma língua. Ela se desenvolve necessariamente no plano histórico desta e se constitui numa pesquisa diacrônica. A seguir, serão examinados seus vários nomes, seu significado, a tentativa de Varrão e de Cícero de criar termos latinos

substitutivos, o objeto de estudo da etimologia e o interesse por seu estudo em Roma.

1.1. OS VÁRIOS NOMES E O SENTIDO DE “ETIMOLOGIA”

Se a metalinguagem é a elucidação do código lingüístico de uma comunidade de falantes, a atividade etimológica constitui um dos momentos mais intensos do fazer metalinguagem. No *De lingua Latina*, Varrão usa certos nomes para designar essa atividade verbal de mostrar a origem e o sentido de ser dos semas na língua latina. Mas Cícero, juntamente com Varrão, e autores anônimos também criaram palavras próprias para essa atividade, como alternativa ao uso do radical grego. É interessante observar o tipo e o número de ocorrências das várias denominações para “etimologia”, as quais podem ser reunidas em três grupos, como proposta classificatória:

a) grupo 1 - termos presos ao radical grego, usados no *De lingua Latina*:

- *etimologia* (1 vez — VII, 109) < ἔτυμον λέγειν [dizer a verdade];
- *etymologice* (1 vez — VII, 3) [de acordo com a etimologia];
- *etimologus* (1 vez — VI, 39) [etimólogo; etimologista];
- ἔτιμολογία (1 vez - V, 2) = *etimologia* [etimologia];
- ἔτυμολογική (sc. τέχνη) (3 vezes — V, 1; VII, 4; VII, 109);
- ἔτυμολόγον (1 vez — V, 29) [*ueriloquium* = enunciado verdadeiro];
- τὸ ἔτυμον / τὰ ἔτυμα (7 vezes) = [origem/origens, sentido verdadeiro];

b) grupo 2 - substitutivos latinos empregados no *De lingua Latina*:

- *origo*, *origines uerborum*, *origines uocabulorum* (26 vezes = origem);
- *causa*, *causae uerborum* (2 vezes = razão, procedência — VII, 4; VI, 37);
- *partus* (1 vez = nascimento — VI, 40); *principium*, *radix* (VII, 4);

c) grupo 3 - termos alternativos latinos.

Além desses termos latinos usados no *De lingua Latina*, há alguns alternativos, da autoria de Cícero — provavelmente decorrentes de colóquios lingüísticos com Varrão (grupos 1 e 2) — ou de autores

desconhecidos; são, todos eles, confirmados por Quintiliano (*Inst. orat.* I, 6, 28). Ei-los, perfazendo o grupo 3 :

- *notatio* < *nota* < σύμβολον; o termo é criado com base em Aristóteles;⁴⁹³
- *ueriloquium* < *uer*[(*is*)*um*] + *eloquium* = *etimon* + *logia* [enunciação do sentido verdadeiro];
- *originatio*: Quintiliano confirma a autoria anônima dessa palavra: “*Sunt qui...originationem uocent*”.

A propósito dessas etimologias, note-se o vocábulo *uerbum*. Segundo uma interpretação dada por Agostinho, *uerbum* vem de *uerum boare*, que significa “berrar a verdade”, “proclamar a verdade” contida nas coisas. Essa etimologia, embora não se encontre no *De lingua Latina*, o bispo hiponense atribuía-a a Varrão.⁴⁹⁴

1.1.1. A BUSCA DE SUBSTITUTIVOS LATINOS PARA “ETIMOLOGIA”

Como se verificou, Varrão, diante de termos técnico-científicos criados pelos gregos, evita transcrever integralmente o empréstimo. Tenta criar um termo latino que reproduza a mesma idéia; para isso, procede de três formas, que constituem um esquema aplicado em várias situações do fazer etimológico, que parece oportuno examinar.

⁴⁹³ Cic., *Top.* 10, 35: “...quam Graeci ἐτυμολογίαν uocant, id est, uerbum ex uerbo, ueriloquium; nos autem nouitatem uerbi non satis apti fugientes, genus hoc notationem appellamus, quia sunt rerum notae. Itaque hoc idem Aristoteles σύμβολον appellat, quod latine est nota” [...que os gregos chamam ἐτυμολογίαν, isto é, literalmente, *ueriloquium*; nós, porém, não suficientemente hábeis para fugir da novidade da palavra, chamamos esse conceito de *notatio*, porque são sinais das coisas. Por essa razão, o próprio Aristóteles chama a isso σύμβολον, o que em latim é signo”].

⁴⁹⁴ Essa interpretação de *uerbum* de Varrão é registrada por Agostinho: *Ergo uerbum dictum est quasi a uerum boando, hoc est uerum sonando* [Portanto, o nome “*uerbum*” procede como que de “berrar” a verdade, quer dizer, ressoar a verdade] (Aug., *De dial.* G. R. F., p. 281).

a) Primeiramente, respeitando os mestres gregos que criaram o termo, Varrão opera a transcrição perfeita do étimo em grego (ἐτυμολογία, ἐτυμολογική, ἐτυμολόγον, ἔτυμον, ἔτυμα), recepta-o tranqüilamente, preocupando-se apenas em enquadrá-lo ao caso pedido pela sintaxe latina, como neste exemplo: “*quam uocant ἐτυμολογικήν*” (no caso acusativo — V, 1). Esse é o caminho direto no sentido da apropriação, mesmo porque o autor, ao apresentar o nome da disciplina desenvolvida pelos gregos, não tinha alternativa nessa primeira instância.⁴⁹⁵

b) Num segundo tipo de operação, Varrão latiniza a palavra grega, fazendo “calques” semanticamente perfeitos, como é o caso de ἐτυμολογία = *etimologia*, e morfollogicamente quase perfeitos; “quase”, frise-se, já que a palavra grega, ao passar para o latim, pedia leves adaptações desinenciais, como ocorre em ἐτυμολόγος = *etimologus* (etimólogo), ἐτυμολογικῶς = *etimogice* (etimologicamente).⁴⁹⁶

⁴⁹⁵ Ainda hoje, observa-se que a terminologia técnico-científica é transferida (exportada) da cultura que a elaborou e fixou. Na verdade, essa transferência envolve uma semântica da superioridade econômica, cultural e tecnológica do grupo cultural criador da terminologia. Assim ocorreu entre Grécia e Roma, assim acontece hoje entre os países avançados e os atrasados do ponto de vista científico e tecnológico. No texto (conhecido) do *De lingua Latina*, das 162 palavras transcritas diretamente do grego, Varrão registra outros “calques” perfeitos como: λόγος, ἀναλογία, ἀνωμαλία, συνωνυμία, παροιμία, ἀμφίβιος, além de ἐτυμολογία. São termos dos quais os autores latinos não podiam escapar, pois a filosofia, a ciência, a técnica e a arte grega já os encontrara e fixara; era uma decorrência do monopólio cultural exercido naturalmente pelo helenismo. Como dito acima, essa transferência e assimilação se manifesta modernamente (e não só para os falantes do português) em expressões como: *play ground*, *play center*, *shopping center*, *hot-dog* e tantas outras. Diante dessa importação direta, as línguas vernáculas naturais parecem ter renunciado a criar palavras próprias, por julgar essa tentativa lingüisticamente contraproducente. Ou vale a pena criar um termo vernáculo para calques já perfeitamente assimilados na área econômica, como, por exemplo, *dumping*?

⁴⁹⁶ Das 162 palavras gregas comentadas no *De lingua Latina*, a grande maioria se constitui de termos comuns, como βοῦς = bos [boi], νύξ = nox [noite], μέσα = mensa [mesa], que são “calques” imperfeitos por causa de adaptações na passagem para o latim. Eles são objeto de desdobramentos e explicações etimológicas por parte do autor. Seria o equivalente, hoje, a trazer, por exemplo, do inglês, do

c) Numa terceira operação, Varrão, como também Cícero e estudiosos anônimos, tentam criar uma palavra latina própria, utilizando dois caminhos: recorre-se a um nome que possua correspondência semântica, como é o caso de *ueri+loquium* < ἔτυμο+λογία [enunciado verdadeiro]; ou aplica-se um nome que apresenta uma parcial correspondência semântica, que é o que ocorre com os nomes *causa*, *origo*, *partus*, *notatio*, *originatio*,⁴⁹⁷ *radix*, *principium*, criadas para substituir “ἔτυμολογία”.

1.1.2. RELUTÂNCIA E PREFERÊNCIA PELO NOME LATINO: O INSUCESSO

Observe-se ainda o procedimento gradativo de Varrão como usuário da língua e escritor-gramático. Em princípio, ele reluta no emprego da forma composta (ἔτυμον + λόγος) e cognatas: ἔτυμολογική, ἔτυμολόγον, *etimologia*, *etimologice*, *etimologus*), tanto das formas gregas puras (procedimento “a”, descrito no item anterior) como das latinizadas (procedimento “b”). Com exceção do termo ἔτυμολογική que o autor usa três vezes, as demais formas ele emprega somente uma vez. Num segundo momento, ele é parcimonioso no uso da forma ἔτυμον (pl. ἔτυμα). Aplica-o sete vezes. E finalmente, revela-se pleno usuário dos “calques” semânticos latinos pelos quais procura reproduzir o conceito grego. São esses: *origo/origines uerborum* ou *origines uocabulorum*, ou *causa/causae uerborum*, expressões que ele emprega ao todo vinte e oito vezes, conforme o segundo caminho do procedimento “c” descrito no item anterior.

francês e do alemão para o vernáculo palavras como *football* > futebol; *toilette* > toalete; *Volks* > fusca (de *Volks+Wagen*), representando, esta última, uma interessante e sugestiva acomodação fonológica.

⁴⁹⁷ A palavra *ueriloquium* comentada por Cícero (provavelmente discutida antes com o amigo Varrão) é uma tradução de ἔτυμολογία; ela conserva a idéia de “verdade”, segundo a filosofia estóica; por isso, *ueriloquium* é um “calque” semântico, se não perfeito, pelo menos muito aproximado do termo grego para expressar “palavra verdadeira”. Já os termos *origo* e *originatio* fogem do matiz semântico de “verdade” e se fixa no técnico (origem), ao passo que *notatio* perde tanto na idéia de “verdade” como na de “origem”, parecendo fixar-se na de “marca”, “símbolo”.

Entretanto, com esses substitutivos, Varrão não consegue retratar a contento o termo grego “ἐτυμολογία”, porque o componente semântico “verdade”, ou “sentido verdadeiro” pensado pelos estóicos em “ἐτυμολογία” se perde ou desaparece na expressão latina “*origo uerborum*”, embora, para Varrão, a palavra “*uerbum*” signifique fazer “reboar a verdade”, como acima exposto. Já Cícero não só foge da terminologia grega como nutre prevenção contra ela, como sendo elemento estranho. E, no entanto, ele mesmo afirmava, como já observado, que os latinos não “somos” bastante hábeis (*non satis apti*) como os gregos na criação de termos técnicos e científicos.

Ora, isso denota um nacionalismo lingüístico fadado ao insucesso, pois essas criações tanto varronianas (*origo, causa*) como ciceronianas (*notatio, nota* < σύμβολον = *signum*) e anônimas (*originatio*) não substituíam plenamente o significado de “ἐτυμολογία”, além de que, segundo Quintiliano, o próprio Cícero “temia”, evitava as terminologias criadas por ele mesmo.⁴⁹⁸

1.2. OBJETO DA ETIMOLOGIA: O AJUSTE ENTRE *VERBUM* E *RES*

Já no primeiro enunciado do livro V, Varrão se preocupava em definir o objeto de seu estudo etimológico: *Quemadmodum uocabula essent imposita rebus in lingua Latina sex libris exponere institui* [De que maneira os nomes foram dados às coisas em latim, resolvi expor em seis livros] (V, 1). Parece que a preocupação primordial de Varrão é esclarecer o fato da *impositio*. Para ele, imbuído de esquemas e pensamento estóicos, o *nomen* (a palavra) que se impõe à *res* (coisa) não é apenas um signo convencional, pronto para ser captado pelo ouvinte na sua materialidade fônica. Antes, o nome está ou deve estar comprometido com a intenção e função de reproduzir a verdade, numa íntima relação de identidade com a *res* e no sentido da expressão *uerum boare*, criada por Varrão e conservada

⁴⁹⁸ Quint., *Inst. orat.* I, 6, 28: *Nam uerbum... ueriloquium, ipse Cicero, qui finxit, reformidat.*

por Agostinho, conforme já examinado. O gramático Donato⁴⁹⁹ confirmará, com maior nitidez ainda, o vigor dessa idéia varroniana, isto é, a inerência entre *uerbum* e *ueritas*, no seu comentário sobre a comédia *Adelphoe* de Terêncio.⁵⁰⁰ Esse traço de identidade entre o nome e a coisa é que fundamentará todo o trabalho etimológico de Varrão, para satisfazer o princípio lingüístico estóico de que não há nenhuma palavra da qual não se possa descobrir, e com certeza, a sua origem.⁵⁰¹ Foi esse, é verdade, um princípio estóico preñado de riscos para a ciência etimológica, o qual Varrão procurou rechaçar, por várias vezes, no texto do *De lingua Latina*. Entretanto, acabou por cumpri-lo com seriedade, tal era sua fidelidade aos parâmetros ideológicos do estoicismo. Empenhou-se, portanto, e por questão de princípios, numa metodologia que, não raro, conduziu a resultados práticos e a análises etimológicas pouco convincentes, para não dizer risíveis — isto porque os antigos não dispunham ainda de noções e de instrumentos lingüísticos aptos (o comparativismo moderno, o conhecimento das mutações fonéticas, o sentido histórico-evolutivo da língua) para desenvolver uma etimologia científica.

1.3. O INTERESSE PELA ATIVIDADE ETIMOLÓGICA NA GRÉCIA E EM ROMA

Donde teria surgido o interesse pela atividade etimológica? J. Collart explica que, além da base filosófico-científica e quase mística de buscar a adequação perfeita entre *nomen* e *res*, havia a necessidade de explicar os nomes de deuses, de personagens ilustres, de heróis e de lugares mencionados nas lendas e nos relatos poéticos de Homero, Hesíodo, Ésquilo e outros. A essa atividade se dedicaram também alguns poetas latinos como Ênio, Névio, Áccio e prosadores-analistas como Fábio Pictor,

⁴⁹⁹ Élio Donato era um gramático do século IV d. C.; sua obra, *Artes grammaticae*, foi ponto de referência, como manual prático, para os estudos gramaticais posteriores.

⁵⁰⁰ Don., *ad Ter. Ad. V*, 8, 29: ...*nam uerba a ueritate dicta testatur Varro* [pois Varrão atesta que “palavras” vêm de “verdade”].

⁵⁰¹ Aug., *De dial. G. R. F.*, p. 281-2: ... *nullum esse uerbum cuius non certa explicari origo possit* [Não há nenhuma palavra cuja origem certa não possa ser explicada].

Catão, Fúlvio Nobilior, Cássio Hemina e Élio Estilão, relatores, segundo J. Collart, da tradição que privilegiava a ascendência troiana dos romanos (Collart, 1954, p. 254). Infere-se que a etimologia tivera início na área verbal da teonímia, antroponímia e toponímia. Num segundo momento, essa atividade ter-se-ia voltado também para os nomes comuns.

1.3.1. NÍVEL POÉTICO DA LINGUAGEM: O PERPÉTUO DESAFIO DA INTERPRETAÇÃO

Outro fator que impulsionou a atividade etimológica foi o próprio mistério dos nomes, principalmente os poéticos. Tratava-se de um desafio; e este levou os eruditos, principalmente estóicos e alexandrinos, a empenhar-se na reconstituição e edição, exegese e crítica dos textos poéticos, a começar com Homero. No início do livro VII do *De lingua Latina*, Varrão, inteiramente voltado à etimologia de termos poéticos, alude à opacidade destes, quer por causa dos problemas de ecdótica, ou seja, da antiguidade dos textos e conseqüente precariedade em que se encontravam, quer por causa do inerente enigma que cercava sua origem e seu sentido no texto e contexto. Assim começa ele reconhecendo o primeiro parágrafo do citado livro VII: *Dificilia sunt explicatu poetarum uocabula* [Os vocábulos usados pelos poetas são de difícil explicação] (VII, 1). No parágrafo seguinte, ele afirma que, apesar do esforço interpretativo, muitos termos continuam desconhecidos: *Cum haec amminicula addas ad eruendum uoluntatem impositoris, tamen latent multa* [Embora busques apoios suplementares para extrair a intenção do criador (*impositor*), muitas coisas permanecem obscuras] (VII, 2).⁵⁰² Ele critica seu próprio mestre Élio Estilão, profissional das letras, pelo seu trabalho praticamente inexpressivo sobre o *Canto dos Sálios*: *Aelii, hominis in primo in litteris Latinis exercitati, interpretationem Carminum Saliorum uidebis et exili litteram expeditam, et praeterita obscura multa* [Poderás observar que a interpretação do *Canto dos Sálios*, de Élio, um conhecedor de primeira

⁵⁰² Varrão parece antecipar a frustração de editores modernos de textos clássicos, face às dificuldades paleográficas que eles encontram em certos manuscritos.

linha das letras latinas, foi realizada de maneira fraca e que muitos detalhes obscuros foram deixados de lado] (VII, 2). Porém um pouco antes, ele atribuíra esse resultado não à incompetência do mestre, mas, sim, às condições precárias em que os textos poéticos haviam sido produzidos: *...sic in poematis uerba non omnia quae habent ἔτυμα possunt dici...ab eo...multum licet legeret*. [...assim, nos textos poéticos, nem todas as palavras que têm origem (ἔτυμα) ...podem ser reconhecidas por um estudioso....embora tenha este lido intensamente] (VII, 2).

1.4. O ENIGMA DA LINGUAGEM: NOMEN OMEN; MÉRITOS DO ETIMÓLOGO

Complementando esse parecer varroniano, Cícero, no *De diuinatione*, falava da magia do nome, expressando-a neste interessante parônimo que sintetiza a luta perpétua travada no íntimo de cada ato verbal: *nomen omen* (*Diu.* I, 45, 102), isto é, o nome é magia, sugestão, símbolo, indício e presságio. Em outras palavras, a materialidade fônica do nome não garante, com certeza absoluta, a transcrição fiel do pensamento. Pelo poder mágico da palavra, o homem tem sido estimulado, em todos os tempos, a fazer etimologia, a elaborar a metalinguagem da língua. Entretanto, Varrão avisa que esta, a etimologia, não lograva dar a razão de todas as palavras: *...praesertim cum dicat etymologice non omnium uerborum posse dici causa*<m> [...sobretudo quando a ciência etimológica confirma que não é possível estabelecer a origem de todas as palavras] (VII, 4). Entretanto, nesse mesmo passo, ele diz, através da metáfora da pereira, conforme analisado no capítulo V, que, embora o agricultor não consiga ou não tenha meios para identificar suas raízes, ele não deixa de ter seu mérito, pois sabe qualificar o fruto (a pera), a rama e a árvore (a pereira mesma). Assim deveria ser interpretada a contribuição do etimologista: *Quare qui ostendit equitatum esse ab equitibus, equites ab equite, equitem ab equo neque equus unde dicit, tamen hic docet plura et satisfacit grato*...[Por isso, o estudioso que mostra que *equitatus* (cavalaria) vem de *equites* (cavaleiros), *equites*, de *eques* (cavaleiro) e não diz de onde vem *equus* (cavalo), não obstante, ele ensina muitas coisas e satisfaz a uma pessoa agradecida...] (VII, 4). Varrão quer dizer que se o lingüista estudioso não consegue explicar um radical, ou seja, uma palavra primitiva, mas consegue

identificar as derivadas dela: a) ele já dá sinais de conhecer razoavelmente a língua, b) presta um esclarecimento do código lingüístico a uma comunidade ignara, c) merece o reconhecimento por deter esse saber e poder esclarecer.

1.5. A ETIMOLOGIA: ATRELAGEM À FILOSOFIA

No capítulo III examinou-se a composição dos seis livros etimológicos. Eles ocupam um quarto do tratado do *De lingua Latina*. Há os três teóricos (II, III e IV), não conservados, e os três de prática etimológica (V, VI e VII). Nos três livros teóricos, cujo desenvolvimento se baseava no esquema *contra - pro - de*,⁵⁰³ Varrão teria inserido também a grande questão que os filósofos se colocavam e à qual Aulo Gélcio aludia: *Quaeri enim solitum apud philosophos φύσει ὀνόματα sint ἢ θέσει* [Era costume entre os filósofos questionar se os nomes são de origem natural ou convencional] (Gell., *N. A.* X, 4).

Os filósofos, em função desse debate sobre a origem e a natureza da linguagem, acabaram interessando-se pelo exame de certas leis que determinam as estruturas das palavras, das frases e do discurso (sentenças). Assim, dessas reflexões filosóficas nasceram os primeiros rudimentos gramaticais. Quando a técnica gramatical começava a tomar corpo, ou seja, desmembrar-se da reflexão puramente filosófica, eles, os filósofos, tenderam a considerar esse domínio como seu. Entretanto, os estudiosos da gramática também não se proibiram de pensar no problema da origem e da natureza da língua. Assim, tornou-se livre a fronteira entre a reflexão filosófica e a técnica gramatical e a etimologia tornou-se domínio comum (Collart, 1954, p. 259); o lado vantajoso foi o impulso dado à pesquisa etimológica; o inconveniente foi a vinculação da etimologia à

⁵⁰³ O conteúdo dos livros teóricos (a primeira tríade do tratado do *De lingua Latina*) está descrito no primeiro parágrafo do livro V, quando o autor faz uma recapitulação da matéria: [Desses (seis livros), já compus três, que dediquei a Septímio, nos quais está exposta a disciplina que denominam Etimologia; as questões que poderiam ser enunciadas contra ela estão no primeiro livro, as favoráveis, no segundo, e as referentes à sua natureza, no terceiro] (V, 1).

filosofia, que determinou a metodologia para a pesquisa etimológica, como a de exigir explicação sobre a origem de todas as palavras e a de pretender enquadrá-las nas categorias de espaço e tempo.

1.5.1. DEBATE: NATUREZA *VERSUS* CONVENÇÃO E ARBITRARIEDADE DO SIGNO

A querela sobre a origem natural ou convencional da linguagem dividia os filósofos, segundo F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 21-2), em três grupos: um que pregava a origem natural da língua, outro que defendia a origem convencional e o terceiro que adotava uma posição intermediária. Apenas para contextualizar a posição varroniana, que posteriormente será analisada com detalhe, cumpre verificar o ponto central da doutrina de cada pensador, seguindo uma possível ordem cronológica, para, depois, tentar reuni-los num daqueles três grupos.

1.5.1.1. PITAGÓRICOS: POSIÇÃO INTERMEDIÁRIA ENTRE Θέσις E Φύσις

Quanto aos pitagóricos, já se comentou no capítulo VIII que o fragmento do *Catecismo dos Acusmáticos* alude à transcendência do número e da palavra: “...de todas as coisas, o mais sábio é o número; o segundo, porém, é aquele que dá nome às coisas (ο ὀνοματοθέτης).”⁵⁰⁴ Tal pensamento já era do conhecimento de Cícero nas *Tusculanas*: *qui primus, quod summae sapientiae Pythagorae visum est, omnibus rebus posuit nomen* [...que, por primeiro — fato que pareceu a Pitágoras algo de máxima sabedoria — deu nome a todas as coisas] (*Tusc.* 1, 62). Vê-se que Pitágoras dava especial destaque à *impositio nominum*: esta não poderia ser obra de qualquer um dos usuários da língua. Na ordem natural das coisas, a figura do ὀνοματοθέτης (*impositor*) é imprescindível, pois é ele que, pelo poder da língua (θέσις), interpreta a realidade. Por outro lado, a palavra envolve, para ele, um valor místico e ocupa o segundo posto (depois do número) na

⁵⁰⁴ J. Collart (Collart, 1954, p. 260) observa que a medicina, por exemplo, era considerada coisa humana, mas o número e a palavra eram vistos como realidades divinas concedidas ao homem.

teoria do conhecimento. Sendo a língua produto da clara inspiração divina, Pitágoras e pitagóricos pendem pela teoria de uma origem natural (φύσις). Esse detalhe confere-lhes uma posição intermediária entre θέσις e φύσις, que, segundo F. Cavazza, talvez tenha sido o germe da teoria conciliativa proposta por Varrão (Cavazza, 1981, p. 22), o que será objeto de considerações posteriores neste estudo.

1.5.1.2. HERÁCLITO: PALAVRAS COMO IMAGENS VIRTUAIS DAS COISAS

Para Heráclito, a palavra reproduz integralmente o pensamento. As palavras são imagens virtuais perfeitas, como essas que se vêem na água. O nome respeita a coisa e uma das provas disso é o valor onomatopéico das palavras; Heráclito é um dos primeiros gregos a pensar nesse fato (Cavazza, 1981, p. 22).

1.5.1.3. DEMÓCRITO: A FAVOR DA ARBITRARIEDADE DO SIGNO

Demócrito é adepto da concepção da língua como convenção. Sua posição decorre da arbitrariedade da língua, isto é, da existência de homônimos (nome igual para coisas diferentes) e sinônimos (nomes diferentes para a mesma coisa) e da irregularidade da língua — argumento que será utilizado pelos anomalistas. Esse convencionalismo lingüístico de Demócrito compatibiliza-se com seu materialismo, ao qual repugna qualquer valorização transcendental da palavra. No diálogo *Crátilo* de Platão, o filósofo atomista é representado por Hermógenes, que se posiciona pela língua como fruto da convenção humana, segundo M. Leroy (Leroy, 1973, p. 385-401).

1.5.1.4. SOFISTAS: NATURALISTAS E CONVENCIONALISTAS

Os sofistas, segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 262), são os herdeiros de Heráclito, portanto, partidários da origem natural da língua. Pródico, por exemplo, era um sofista ligado à teoria da ὀρθοέπεια (linguagem correta) e, assim sendo, apoiava os doutrinadores da ὀνομάτων ὀρθότης (exatidão, ajuste dos nomes às coisas), postura que se compatibilizava com

a doutrina transcendentalista da língua. No entanto, F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 24-6 e 29) reconhece uma face convencionalista dos sofistas, visto que eles atribuíam às palavras e ao som vocálico um valor meramente instrumental, sem caráter especulativo-filosófico. Além disso, para esse autor, Protágoras se apresenta como um relativista, isto é, parcialmente agnóstico quanto ao valor da palavra enquanto expressão do conhecimento.

1.5.1.5. PLATÃO: CONVENCIONALISTA; CRÍTICA À FALTA DE BASE CIENTÍFICA PARA A ETIMOLOGIA

Apesar de se mostrar prioritariamente preocupado com a reflexão filosófica em torno do ser e do conhecer, Platão não ficara indiferente ao problema da origem e natureza da linguagem, conforme visto no capítulo VIII. Esse tema ele desenvolve no *Crátilo* (ἡ περί ὀνομάτων ὀρθότητος [ou: *Sobre a adequação das palavras*]), subtítulo que caracteriza o assunto. Segundo J. Collart, esse diálogo contém 140 (cento e quarenta) etimologias; observe-se que elas não são as únicas no conjunto da obra platônica — o que revela um filósofo atento ao problema da linguagem.

Eis o sentido geral daquele diálogo: um dos interlocutores, Crátilo, discípulo de Heráclito, defende a tese de seu mestre, a da origem natural da linguagem (ὀρθότης ὀνομάτων = adequação dos nomes às coisas). Outro, Hermógenes, discípulo de Demócrito, defende a teoria da convenção e do acordo (συνθήκη καὶ ὁμολογία) sancionado pelo uso (νόμῳ). Sócrates se refugia numa posição intermediária; diz que muitas palavras são realmente imagens das coisas; tal ajuste encontra-se na natureza (as onomatopéias testemunham o fenômeno) ou no acordo confirmado pelo uso; todavia, o uso também revela a existência de palavras que não se ajustam às coisas; nesse caso, é preferível apoiar-se na experiência, isto é, no uso que é convenção. Ao fim do diálogo, Platão considera com simpatia que a tese de Crátilo — pela origem natural da língua — não é sempre risível. Com isso, Platão parece pender pela tese convencionalista. Na verdade, ele retomava o ponto de vista filosófico de que na base triangular ser-conhecer-linguagem, o elemento confiável, porque estável, é a idéia (idealismo) e não

a linguagem. Assim, o problema lingüístico parece ter ficado sem solução, como não sendo, prioritariamente, de interesse filosófico.⁵⁰⁵

E, no entanto, Platão foi o primeiro a ocupar-se da etimologia e de seu valor científico, na medida em que põe a questão da adequação entre nome e coisa no plano de significante e significado. Assim, ele pode ser considerado o fundador da etimologia e ao mesmo tempo seu mais cético usuário. Resumindo, com base no *Crátilo*, podem-se firmar algumas conclusões do ponto de vista lingüístico (Cavazza, 1981, p. 24-26):

a) Platão admite nomes primitivos e derivados. Para chegar aos derivados (as *declinata* uerba de Varrão), é necessário conhecer os primitivos (*primigenia uerba*), o que exige um rigoroso estudo diacrônico, tarefa quase impossível face aos poucos instrumentos lingüísticos da época; Varrão, um pouco ao contrário e numa perspectiva sincrônica, prioriza a explicação das palavras derivadas vigentes na língua, que são em maior número; não deixa de pesquisar as primitivas, mas afirma a impossibilidade de dar uma explicação para todas elas. Procura, enfim, equilibrar o interesse pela face diacrônica (*primigenia*) e sincrônica (*declinata*) da língua (Plat., *Cra.* 422a-e);

b) Platão não tencionava fixar uma teoria da linguagem e sim uma teoria do conhecimento; já Varrão se coloca como gramático que busca uma regra, um cânone de valor aplicativo, mesmo no obscuro campo da etimologia;

c) Os nomes primitivos podem corresponder às coisas pela via imitativa, isto é, representando-as com uma imagem fônica. A arte e o nome imitam, mas ambos podem ser falsos; admitir erro na imposição dos nomes é admitir a impossibilidade do conhecer científico, donde se infere que o homem precisa postular uma convenção para estabelecer uma linguagem de valor contratual (συνθήκη) (Plat., *Cra.* 423c-435c), sobre a qual possa erigir a ciência;

⁵⁰⁵ M. Léroy (Leroy, 1973, p. 395) considera que os filósofos negligenciavam, de modo geral, a parte propriamente lingüística; esta oferecia para eles um interesse apenas secundário.

d) Os nomes não fazem conhecer as coisas; os homens podem conhecê-las diretamente sem os nomes, dirigindo-se ao ser delas. O fracasso da etimologia está justamente nisso. Ela teria falhado naquilo que constitui sua função: checar a veracidade entre nome e coisa. Por outro lado, as formas primitivas, como admitia Sócrates (Plat., *Cra.* 414c), já estavam alteradas, não permitindo uma reconstrução. Por isso, Platão já não encontrava na operação etimológica um valor científico (Plat., *Cra.* 435d-440e).

Conclusão: embora não queira pronunciar-se explicitamente, Platão parece pender pela linguagem como resultado de convenção humana, face à necessidade de, pelo uso convencional, salvaguardar as bases mínimas do valor científico da linguagem.

1.5.1.6. ESTÓICOS: PELA ORIGEM NATURAL E EQUALIZAÇÃO ENTRE VERBUM E RES

Os estóicos, decididamente, eram partidários da linguagem φύσις. Crisipo havia desenvolvido longos estudos sobre a dialética, tornando-a uma das mais fortes disciplinas da escola. Mais exatamente, eles estavam atentos ao valor da sentença, cujos elementos gramaticais procuravam examinar. O que está nas frases são palavras, mas atrás delas estão as realidades naturais retratadas. Além do mais, para eles, a sabedoria consiste em seguir a natureza que, sendo organizada, também rege a linguagem. Dessa forma, a etimologia era uma metodologia pela qual os estóicos logravam analisar a relação entre a linguagem e a realidade, entre a palavra e a coisa — que para eles se apresentavam ajustadas (Collart, 1954, p. 262). Conforme H. Dahlmann, a doutrina dos estóicos a respeito da origem natural da linguagem se baseia na sua epistemologia, ou seja, na teoria segundo a qual a sensação suscitada pelas coisas seria a fonte do mecanismo que produz os nomes segundo um ajuste natural (Dahlmann, 1964, p. 5, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 30). Assim, para eles, a etimologia teve uma grande importância como método de estudo. Se foi Platão que a criou (*Crátilo*), foram os estóicos que a desenvolveram numa linha sucessiva que vai de Zenão, passa por Cleanto, Crisipo, Diógenes da

Babilônia, Crates, Élio Estilão e chega até Varrão. Este é o último elo dessa longa cadeia a tentar ressuscitar a etimologia, dar-lhe *status* de ciência.⁵⁰⁶ Para os estóicos, a pesquisa etimológica partia das palavras primitivas, ou seja, os *primigenia uerba* ou πρῶται φωναί, que constituíam o repertório básico da língua e, ao mesmo tempo, ponto de partida para as palavras derivadas, os *declinata uerba*. Som e conceito formavam a base para as operações etimológicas de semelhança (*similitudo*), vizinhança (*uicinitas*) e oposição (*contrarium*) entre os vocábulos. A etimologia para os estóicos tinha valor ético-filosófico, quase religioso, estando sempre no rastro e encalço da verdade. Conforme F. Cavazza, se Platão fundou a etimologia, os estóicos a desenvolveram. Prenderam-na, porém, às amarras filosóficas. Destituída de autonomia científica, a etimologia palmilhou o caminho do falimento (Cavazza, 1981, p. 28).

1.5.1.7. ARISTÓTELES: LÍNGUA COMO RESULTADO DE CONVENÇÃO

Como Demócrito (subitem 1.5.1.3), Aristóteles ensina que o signo é arbitrário e que, por conseguinte, a língua é resultado de convenção social. Na doutrina aristotélica, as palavras são apenas símbolos (σύμβολα), signos (σημεῖα) que, por uma espécie de contrato (κατὰ συντήκην), se fazem os equivalentes das coisas (ὁμοιώματα) e, por conseqüência, as suas imagens evocadoras (μιμήματα) (*De interpr.*, p. 20, Busse; *Rhet.* III. 1404a; *apud J. Collart — Collart, 1954, p. 264*). O estagirita admite o valor cognoscitivo da linguagem à base da compreensão de um objeto designado por uma palavra. Entretanto, segundo F. Cavazza (Cavazza, 1954, p. 30), vislumbra-se nele alguma conexão de ordem natural entre significante e significado, ou seja, há coisas que são iguais em toda parte (nível de significado), as quais, porém, são denominadas de formas diferentes (nível de significante). Entretanto, isso se refere à função da linguagem e não à sua origem. De resto, Aristóteles está distante da doutrina sensacionalista dos estóicos, conforme acima exposto.

⁵⁰⁶ Varrão e seu modelo etimológico serão retomados somente cinco séculos mais tarde, por Isidoro de Sevilha.

1.5.1.8. DIODORO DE MÉGARA, MODERNO: A TOTAL ARBITRARIEDADE DO SIGNO

Ele se apresenta como o convencionalista mais definido da antiguidade. Para ele, somente o capricho preside à criação da linguagem. As palavras são puramente arbitrárias; entre elas e as coisas não há nenhum ‘ajuste’, nem natural nem convencional, mas apenas tradicional. Esta postura coincide com a da lingüística moderna (Cavazza, 1981, p. 30).

1.5.1.9. EPICURO: LÍNGUA NATURAL NA ORIGEM E CONVENCIONAL NO PROCESSO

A doutrina de Epicuro, realista e de bom senso, sobre a linguagem, está exposta na *Carta a Heródoto*, conservada por Diógenes Laércio (*Epic.* X, 75-76). Nas suas origens, a língua não foi estabelecida por convenção (μὴ θέσει). Foram a natureza e as próprias necessidades ocasionadas pelas formas de vida que levaram o homem a emitir os sons, traduzindo, em primeira instância, emoções e sentimentos. Essa linguagem foi sendo codificada nos grupos de falantes, sendo enriquecida com os aportes individuais, apropriada e integrada no interior dos clãs, segundo P. H. de Lacy (Lacy, 1939, p. 85-92). Natural na origem, a linguagem se tornou convencional por um longo processo, como produto da sociedade. Nesse ponto, Epicuro se separa do congênere materialista e atomista Demócrito e abre, como Platão, um largo espaço ao uso. Essa convencionalidade da língua permitia ao epicurismo aceitar a diversidade dos nomes dados à mesma coisa. Em outras palavras, o epicurismo já pregava implicitamente a tese de que não existe nenhuma língua que seja padrão de “adequação”. Dito positivamente, segundo a antropologia moderna, toda língua vale plenamente apenas para o seu grupo falante (Cavazza, 1981, p. 30).

1.5.1.10. OS ALEXANDRINOS: CONVENCIONALISTAS E NOMINALISTAS CONVICTOS

Eles davam à disputa φύσις ἢ θέσις um valor apenas relativo. Não se dedicavam tanto ao campo especulativo da linguagem, ao estudo da sua

origem ou de parentescos lingüísticos. Estavam mais atentos à pesquisa do correto ou não-correto, ao estilo dos poetas e à gramática normativa, ou seja, à face sincrônica da língua. Assim, e sem maiores dúvidas, eles se definiam pela teoria da língua como *θέσις*, como convenção. Segundo F. Cavazza, a doutrina lingüística dos eruditos alexandrinos pode ser resumida em dois pontos: a) a linguagem é um fato essencialmente humano; ela tem um valor instrumental que não atinge a essência das coisas, mas apenas as denomina, enquanto o nome é imagem do objeto; b) a relação entre significante e significado é arbitrária e aquela entre o significante e o objeto é uma relação de natureza mental, pragmática, isto é, convencional e não natural (Cavazza, 1981, p. 32).

1.5.1.11. TESES EM ROMA: LUCRÉCIO, ÉLIO ESTILÃO E NIGÍDIO FÍGULO

Finalmente, em Roma, no tocante à doutrina da origem da linguagem, marcaram presença Lucrécio, Élio Estilão e Nigídio Fígulo, contemporâneos de Varrão, sendo os dois primeiros predecessores nessa teoria. O primeiro, Lucrécio, não só defendia a tese de Epicuro como rechaçava a da *impositio* e atacava a da criação da linguagem advinda como em bloco,⁵⁰⁷ o que mostra, segundo P. H. Schrijvers, que a discussão *φύσις ἢ θέσις* estava bem viva no seu tempo (Schrijvers, 1974, p. 337-64). Élio Estilão, representando a tradição estoica, era pela tese da origem natural da língua. Nigídio Fígulo, seguindo Pitágoras, pontificava na escola neopitagórica de Roma. Para ele, as palavras eram de origem natural e transcendente; elas são verdadeiras imagens do pensamento; entre as palavras e as coisas há uma fantasiosa harmonia; eis um protótipo de etimologia nigidiana: *frater* [irmão] é *fere alter* [quase outro] e *avarus* [avaro] é *avidus aeris* (ávido de ar).⁵⁰⁸

⁵⁰⁷ Também Varrão repelia a idéia da formação de uma língua em bloco, pois apoiava a da criação contínua da linguagem, o que se infere pela importância que ele dá aos estudos diacrônicos.

⁵⁰⁸ Aulo Gélcio traduz o pensamento místico de Nigídio Fígulo sobre a legitimidade ou o valor natural do signo como re-presentante da realidade: *Ita in uocibus quasi gestus quidam oris et spiritus naturalis est* [Assim, nas palavras, há um como

Recapitulando, as posições dos filósofos e lingüistas antecessores de Varrão a respeito da origem e natureza da língua podem ser resumidas desta forma:

a) A tese da origem natural da língua (φύσις) com adequação natural entre o nome e a coisa era defendida por Pitágoras e pitagóricos (com a ressalva da *impositio*, elemento θέσις), Heráclito, estóicos em geral, Élio Estilão e Nigídio Fígulo (neopitagórico);

b) A tese da origem convencional com a da arbitrariedade entre o nome e a coisa contava com os seguintes adeptos: Demócrito, Platão (por inferência, a convencionalidade da língua atende melhor às necessidades da ciência), Aristóteles (os nomes são apenas signos e símbolos das coisas), Diodoro de Mégara (arbitrariedade máxima do signo) e alexandrinos (convencionalistas, mas com certa indiferença pela discussão);

c) Posição intermediária tinham os sofistas (divididos, mas tendentes aos argumentos pela convencionalidade). Posição especial ocupavam Epicuro e seu poeta Lucrécio, segundo qual, em primeira instância a natureza impulsiona a linguagem (φύσις), que, logo após, se torna convenção por força do próprio processo de interação social (θέσις).

1.6. POSIÇÕES VARRONIANAS SOBRE A ORIGEM E A NATUREZA DA LINGUAGEM

Nesse debate, qual a posição de Varrão? Ela estaria manifesta nos livros II, III e IV, sobre a etimologia *in abstracto*, na teoria. Privado desses livros, o estudioso de Varrão precisa amparar-se nas alusões semilantes na prática etimológica versada nos livros V, VI e VII e nos fragmentos. Por outro lado, não sendo sua doutrina nem explícita nem contínua como num bloco teórico, cumpre respigar os dados. Vejam-se, então, os pontos mais importantes relativos à origem e à natureza da língua bem como aos mecanismos que regem a etimologia.

que natural gesto da boca e do espírito] (N. A. X, 4, *apud* A. Traglia — Traglia, 1978, p. 273-89).

1.6.1. A PALAVRA (*VERBUM*) COMO EXPRESSÃO DA VERDADE DAS COISAS (*RES*)

Fiel aos parâmetros filosóficos estóicos, Varrão idealiza a relação entre palavra (*uerbum*) e coisa significada (*res*). A palavra é um signo que “proclama a verdade”, pois para ele, *uerbum* é *uerum boare*, como já comentado.

1.6.2. A PALAVRA E O PODER DE NOMEAR: A *IMPOSITIO*

As palavras, expressões da verdade, foram impostas às coisas (V, 1 - 3) pela vontade de um nominador (*uoluntas impositoris*) (VII, 2).

1.6.3. A *IMPOSITIO VERBORUM* E A CRIAÇÃO DO LÉXICO BÁSICO DA LÍNGUA

A *impositio uerborum* (V, 3, VIII, 5, X, 51) gerou o vocabulário de base (léxico básico), que são as palavras primitivas (*primigenia* ou *impositicia uerba*) (VIII, 5). Os *primigenia uerba*, em torno de um milhar, segundo a teoria de Coscônio (VI, 36-37), são constituídos só de *principia uerborum*, os radicais (VI, 39).⁵⁰⁹

1.6.4. DUPLA ESTRUTURA DA LÍNGUA: A *IMPOSITIO* E A *DECLINATIO*

Os dois princípios formadores da língua são a *impositio* e a *declinatio* (VIII, 5), um criador e produtor e outro estruturador e difusor. Por oposição à *impositio*, a *declinatio* é uma combinação de uso (*declinatio uoluntaria*) com regra (*declinatio naturalis*). Por necessidade de adaptação do vocabulário às circunstâncias, a *declinatio*, como fator

⁵⁰⁹ Um pouco antes, Varrão esclarecia o que entendia por *primigenia uerba*: *Primigenia dicuntur uerba ut lego, scribo, sto, sedeo et cetera, quae non sunt ab aliquo uerbo, sed suas habent radices* [Denominam-se *primigenia* palavras como *lego* (leio), *scribo* (escrevo), *sto* (estou de pé), *sedeo* (estou sentado) etc. que não derivam de nenhuma outra] (IX, 37). *Radices* seriam as “palavras primitivas”, isto é, simples.

articulatório e econômico, multiplica o número das formas primitivas (poucas, ou, simbolicamente, em torno de mil). Isso ocorre mediante as declinações propriamente ditas (os casos), as conjugações (os verbos) e as flexões (afixais, derivativas e desinenciais ou puramente gramaticais). Elas possibilitam a articulação e a economia da língua. Cada palavra primitiva está na origem de uma *cognatio* (parentesco) ou *societas uerborum*, ou seja, ela gera uma família de palavras (V, 13). O cerne da etimologia é o próprio exame diacrônico do léxico ou a investigação histórica dos radicais da língua.

1.6.5. DECLINATIO VOLUNTARIA E DECLINATIO NATURALIS: DERIVADAS E FLEXÃO

No livro X, Varrão explica a *declinatio a uoluntate* (=uoluntaria) e a *declinatio a natura* (= naturalis): *Voluntatem appello, cum unus quiuis a nomine aliae rei imponit nomen, ut Romulus Romae; naturam dico, cum uniuersi acceptum nomen ab eo qui imposuit non requirimus quemadmodum is uelit declinari, sed ipsi declinamus, ut huius Romae, hanc Romam, hac Roma. De his duabus partibus uoluntaria declinatio refertur ad consuetudinem, naturalis ad rationem* [Denomino ‘flexão voluntária’ aquela em que uma pessoa, partindo de um nome, põe nome a outra coisa, como Rômulo dá o nome a Roma. ‘Flexão natural’ é aquela que, uma vez aceito o nome imposto por alguém a alguma coisa, todos nós, usuários, não questionamos de que maneira se quer que o nome seja flexionado, mas nós o declinamos, como o genitivo *Romae*, o acusativo *Romam*, o ablativo *Roma*. Desses dois tipos de flexão, a voluntária reporta-se ao uso e a natural, à norma] (X, 15). Deduz-se que, pela *declinatio uoluntaria*, as *uerba primigenia* como também as *declinata* (derivadas) são impostas em ‘caso’ reto/nominativo (*Roma*) e, sendo verbo, na primeira pessoa do singular do indicativo (*lego* etc.). A *declinatio naturalis* se encarrega de enquadrar automaticamente as palavras — uma

vez criadas pelo processo derivativo — nos demais casos e desinências verbais pré-estabelecidos pela língua, com base no sistema flexional.⁵¹⁰

1.6.6. Os *IMPOSITORES*: COMPETÊNCIA NA CRIAÇÃO E NA EXPANSÃO DA LÍNGUA

As palavras não são escolhidas arbitrariamente, pois têm com os objetos uma referência de conveniência. No entanto, segundo Varrão, elas foram impostas às coisas por um ato voluntário. Pergunta-se quem é esse *impositor* ou νομοθέτης? Teria sido um indivíduo genial? Ou teriam sido criadores sucessivos? Quem teria provido o homem do poder da linguagem: um deus, a própria natureza? Para o escritor reatino, a intervenção divina direta está descartada; a indireta apresenta algumas possibilidades, pois tem algo a ver com o poder sagrado dos reis. Por isso, ele sugere que *impositores* primários e legítimos teriam sido os grandes e bons líderes políticos do passado. Agindo em função da *impositio* (ato de vontade), eles se vinculavam às últimas origens da língua, prendiam-se ao contexto ético e étnico dos tempos antigos e à excelência da língua nascente — por isso, são dignos do respeito, da admiração e imitação dos pósteros-falantes; eles criaram o léxico básico, os *primigenia uerba*. Como já visto, Varrão cogita em alguns desses ilustres personagens e os cita; eles teriam criado as palavras primitivas, em torno de mil, segundo Coscônio (V, 36). São eles, por exemplo, o rei Latino (V, 9), que, simbolicamente, presidira os primeiros contatos do mundo latino com o mundo estrangeiro; Rômulo, que fundara Roma, assim a denominara e lhe dera base política (X, 15); e Numa Pompílio, que fora o grande e admirado consolidador das instituições e da paz (VII, 3, 45). Às vezes, Varrão parece atribuir difusamente essa função de *impositores* aos “[*antiqui*]+[*nostri*]”, expressões que ele usa em vinte e oito passos, separadas ou copuladas. Isso se explica por sua tendência global arcaizante de fazer valer as fontes da língua, seu elemento primitivo e estável, em contraponto a uma onda

⁵¹⁰ Nas declinações, a indicação de um caso oblíquo logo após o nominativo, geralmente o genitivo, é importante, porque mostra o enquadramento possível no sistema: *rana*, *ae* (1.^a), *poema*, *tis* (3.^a), *dominus*, *i* (2.^a), *domus*, *us* (4.^a) etc.

contemporânea e emergente de neologismo descontrolado e desagregador, segundo sua visão. *Impositores* em segunda instância seriam os sucessivos usuários da língua, inclusive os contemporâneos, os quais, em função da *declinatio uoluntaria*, criam, a partir das *uerba primigenia* (palavras antigas), as *uerba declinata* (derivadas, novas), expandindo, por esse processo, a língua latina. Varrão diz que, para o trabalho de pesquisa etimológica, ele prefere um termo criado, há tempos antes, pelo rei Latino a um outro — recente — mesmo que criado por um grande poeta como Ênio (V, 9). Faz também um paralelo entre as palavras estabelecidas por Rômulo e as lançadas no léxico por Lívio Andronico. Segundo o contexto histórico, parece também preferir, para o estudo etimológico, as palavras do rei às daquele primeiro poeta latino: *Aun non potius mea uerba illa quae hereditate a Romulo rege uenerunt quam quae a poeta Liuius relictas?* [Acaso aquelas palavras que vieram por herança do rei Rômulo não são mais minhas do que aquelas legadas pelo poeta Lívio?] (V, 9). Apesar de ter os poetas latinos em grande estima e considerar Lívio Andronico (284-204 a. C.) e Ênio (239-169 a. C.) antigos e competentes usuários da língua latina, Varrão intui que eles não teriam pertencido à casta de *impositores*, pois que esta era formada pelos próprios reis, como acima exposto; ou seja, os poetas não se integrariam ao quarto e supremo nível de realização da linguagem que é: *ubi est adytum et initia regis* [onde está a parte secreta do templo e os segredos iniciáticos do rei] (V, 8). Ora, Latino remontava a um tempo lendário; Rômulo e seu sucessor Numa Pompílio, mais recentes, envolviam-se também num plano semilendário (século VIII e VII a. C.). Portanto, os próprios poetas, não obstante toda a veneração varroniana por sua atuação na construção do latim, pertenceriam a um grupo de *impositores* de segunda instância na língua, ou seja, não primários (em função da *impositio*), mas secundários (em função da *declinatio uoluntaria*), tendo em vista ser relativamente recente sua contribuição para a língua. Nota-se claramente o pensamento aristocrático de Varrão e sua intenção de comemorar os reis, de vincular e fazer remontar a língua latina à respeitável ascendência histórica dos romanos, usuários do latim, associando o poder da língua à própria fonte do poder político.

O que suscita essa questão dos *impositores*? Por trás dela situa-se o problema da economia da língua, ou seja, de sua criação num primeiro instante lógico e de sua expansão, num segundo momento. Segundo Varrão, a língua precisa contar com um número mais ou menos estável de elementos radicais, ou melhor, de raízes lexicais profundas,⁵¹¹ das quais a grande maioria dos falantes não tem consciência, por ser difícil e nebuloso o próprio acesso a elas. Sobre esse bloco (criação), elabora-se o sistema flexional com vistas à criação derivativa de palavras (expansão). O processo derivativo encadeado pelo princípio da expansão é, geralmente, compreensível, porque decorre da própria estrutura da língua (sincronia); o relativo, porém, à criação da língua situa-se no patamar da pesquisa histórica (diacronia); este apresenta, às vezes, raízes lexicais remotas, cujas origens escapam ao conhecimento dos próprios etimólogos; ainda hoje, estes, com todos os meios comparativistas, chegam a conclusões deste tipo, ao se defrontarem com certos problemas lexicais: “palavra de origem desconhecida”.⁵¹² Varrão intui a limitação da própria ciência e expressa a decepção de forma enigmática: *ubi est adytum et initia regis*. Em outras palavras, como um monte sagrado e parcialmente inacessível, a língua tem seu cimo nebuloso e não menos misterioso.

1.6.7. FALHAS NA *IMPOSITIO*: INEXPERIÊNCIA E CAPRICHOS DO POVO

Infere-se que *impositores*, em segunda instância, podem ser, individualmente, os perpétuos usuários da língua que, resumidos no conceito de “povo”, atuam de acordo com as necessidades do léxico vigente, sempre no rumo de sua expansão. Nessa tarefa de impor nomes às coisas, a natureza foi guia do homem (VI, 3). Todavia, os *impositores* podem errar, devido à inexperiência ou ao capricho (*libido*): *quod homines imperiti et dispersi uocabula rebus imponunt, quocumque eos libido*

⁵¹¹ Cumpre distinguir radical de raiz; raiz, como um segmento de lexema, seria mais remoto que radical (lua, luz, lunático, lume, luzeiro, luminosidade, iluminar, Luciano, Lúcifer etc).

⁵¹² Essa expressão não é usada por Varrão.

inuitauit...[...pois que os homens, inexperientes e desatentos, impõem os nomes aos objetos da forma como lhes dita o capricho...] (X, 60). O povo representa o uso e este, o uso, é espontâneo, um tanto alógico e desordenado, comprometedor da própria eficiência da linguagem. Varrão, porém, renunciando ao idealismo, mostra-se realista: admite que a comunicação verbal é a própria vida e a vida não é só racionalidade. Por isso, o fenômeno da língua envolve uma considerável faixa do dado não-racional, território típico das necessidades vitais e da emoção.

1.6.8. AS ESTRUTURAS DA LÍNGUA: NATUREZA, ANALOGIA, USO E AUTORIDADE

Em um fragmento conservado por Diomedes (*G. L. K. I*, p. 439; *G. R. F.*, p. 289, fr. 268), Varrão afirma que a linguagem repousa em quatro elementos estruturais: natureza (*natura*), analogia (*analogia*), uso (*consuetudo*) e autoridade (*auctoritas*). A natureza provê o homem do poder da fala e lhe garante, por herança, o repertório lingüístico dos ancestrais. A analogia é regra, estabilidade, estrutura e regularidade; o uso é liberdade, variedade, mutabilidade, irregularidade, anomalia. Assim, analogia e uso são as duas forças antitéticas e complementares que comandam a evolução da língua, na linha da conservação e mutação; juntos, garantem-lhe não só estabilidade e consistência mas também dinamismo e renovação. *Auctoritas* é poder e autonomia; é o elemento suplementar que intervém na criação das palavras. Cada indivíduo se apropria da língua a seu modo, impondo sua marca, estilo, competência, sua *performance*, enfim, segundo Chomsky, sua capacidade criativa. O comunicador, orador, ou escritor lingüisticamente competente eleva o nível da fala e se torna paradigma (*auctoritas*) em virtude do próprio exercício ideal da língua.

1.6.9. NATUREZA ANTITÉTICA DA LÍNGUA: LIBERDADE CRIATIVA E NORMA

A língua é intrinsecamente antitética. Impõe limites ao usuário pelos dois flancos: pela *impositio*, que é liberdade e pela *natura*, que é

enquadramento. A *auctoritas* corresponde aos fatores *uoluntas* e *impositio*. Vontade é imposição de nomes (θέσις); natureza é declinação (φύσις): *Voluntatem dico impositionem uocabulorum naturam declinationem uocabulorum* [Denomino vontade a imposição de nomes e natureza, a flexão dos mesmos] (X, 51). Logo a seguir, Varrão esclarece didaticamente o conflito entre liberdade e sistema: *Impositio est in nostro dominatu, nos in naturae: quemadmodum enim quisque uolt, imponit nomen, at declinat quemadmodum uolt natura* [A imposição dos nomes está em nosso poder, mas nós estamos no da natureza; cada indivíduo impõe o nome como quer, porém a natureza flexiona como quer] (X, 53).

1.6.10. O PROCESSO DE CRIAÇÃO CONTÍNUA DA LÍNGUA

Segundo Varrão, o vocabulário (o repertório lexical) não foi criado de uma só vez, em bloco e *ex abrupto*. Também não houve intervenção demiúrgica para o surgimento do fenômeno lingüístico. Os homens foram ajuntando ao vocabulário primitivo transmitido pelos ancestrais (produto da *impositio*) novas palavras (produto da *declinatio uoluntaria*) que, equalizadas naturalmente pela declinação, se incorporaram ao léxico e ao uso; esse fato caracteriza o processo da criação contínua da língua.

1.6.11. SÍNTESE DA POSIÇÃO VARRONIANA: ECLETISMO E CONCILIAÇÃO

Recapitulando o quanto acima exposto, conclui-se que:

a) A língua resulta de uma criação lenta e contínua, o que aproxima Varrão da tese de que a língua se realiza por convenção humana (θέσις), tendo por guia a natureza (φύσις), o que, por sua vez, revela uma influência epicúria (VI, 3);

b) Por outro lado, a criação da linguagem se faz pelo perfeito ajuste semântico das palavras às coisas; esse fato coincide com a posição dos que afirmam ser a língua um fenômeno que tem sua origem na natureza (φύσις), como os pitagóricos e estóicos;

c) Reunindo os conceitos supra (“a” e “b”), parece prevalecer no pensamento varroniano uma doutrina eclética na filosofia (φύσις - θέσις),

sintética no método (*impositio - declinatio*) e conciliadora nos objetivos práticos: como a vida, a língua é síntese de liberdade e norma.

2. FRUSTRAÇÃO: PASSAGEM DO INTERESSE DIACRÔNICO-ETIMOLÓGICO AO SINCRÔNICO-GRAMATICAL

Como visto anteriormente neste capítulo (1.5.1.5.), Platão descartara a possibilidade de elevar a etimologia ao *status* de ciência, devido ao caráter assistemático e empírico desta. Varrão foi o último dos estóicos a empenhar-se em dar-lhe foro científico, em viabilizar sua independência da filosofia e da própria gramática. Tentou isso ao criar a metáfora do quarto grau de dificuldades etimológicas (*ubi est adytum et initia regis*) (Cavazza, 1981, p. 17, n. 8). Entretanto, F. della Corte observa que, depois que a etimologia satisfizera as exigências da filosofia como método lingüístico e investigativo, ocorreu uma mudança gradual de interesses, ou seja, passou-se da área dos estudos etimológicos ou filológico-antiquários — perspectiva diacrônica da língua — para a analógica e gramatical — perspectiva sincrônica (Della Corte, 1937, p. 125). Isto significa que a etimologia foi perdendo sua autonomia e incorporando-se ao estudo da gramática. Percebendo esse fato, Varrão projetou os estudos etimológicos apenas numa héxada, como uma quarta parte inserida no estudo global de gramática programada para o *De lingua Latina*. Dessa forma, para o autor, a etimologia, de ciência, como ele idealizava, tornou-se uma forma de erudição ou apenas um método de pensamento e de pesquisa sobre o antiquário lingüístico romano-latino, conforme ponderam R. Schröter e outros autores (Schröter, 1962, p. 81 *et seqs.*; Della Corte, 1937, p. 113 e Collart, 1954, p. 278), tanto que, no início do livro V, ele chama a etimologia de disciplina: *...in quibus est de disciplina, quam uocant ἐτυμολογικὴν* [...nos quais se versa sobre a disciplina que denominam Etimologia] (V, 1).

2.1. DIFICULDADES DA ETIMOLOGIA: A LÍNGUA, SELVA TREVOSA, SEM SENDAS

No início do livro V, Varrão afirma, eufemisticamente, que o próprio objeto de estudo da etimologia é obscuro: *Non mediocres enim tenebrae in silua ubi haec captanda neque eo quo peruenire uolumus semitae tritae...* [Não são poucas as trevas na selva em que estas palavras deverão ser colhidas nem são trilhados os caminhos rumo ao local aonde queremos chegar] (V, 5). Ao longo dos parágrafos V, 3 a 6, o autor explica essas dificuldades, que podem assim ser resumidas:

- a) Não se conhece o processo de imposição de nomes;
- b) A antigüidade extinguiu diversos nomes primitivos;
- c) Do que se conserva, nem tudo foi aplicado corretamente;
- d) Nem tudo o que foi aplicado corretamente permanece íntegro;
- e) Nem toda a origem do latim está em palavras vernáculas;
- f) Palavras primitivas mudaram de valor semântico;
- g) A antigüidade fez deteriorar ou desaparecer muitas palavras;
- h) O campo de trabalho etimológico parece uma selva trevosa e sem sendas;
- i) Há todo tipo de incongruências nas palavras antigas e novas;
- j) As palavras sofreram todo tipo de alteração (metástases e metaplasmos) nas suas estruturas: adição, supressão, comutação, transformação, redução, alargamento, abreviação;
- l) Apesar dos esforços, muitas coisas ficam sem esclarecimento (*latent multa*).

Diante de um quadro tão adverso à atividade etimológica, Varrão, como que sondando sua própria capacidade diante de uma situação caótica, revela sua postura serena e consciente de pesquisador profissional, e, disposto e inarredável, afirma: *Non, si non potuero indagare eo ero tardior, sed uelociter ideo, siquiuero* [Se eu não puder investigar, nem por isso ficarei para trás; ao contrário, por isso mesmo, irei mais depressa, se puder] (V, 5). E diz que vai iniciar a abordagem pelo caminho mais

fácil: *...in quo genere uerborum aut casu erit illustrius uideri possit origo, inde repetam* [Tornarei a questionar: em que tipo de palavras ou caso se pode mais ilustrativamente observar a origem delas...]. Enfim, apresenta suas posições (*ut arbitror*), propõe saídas alternativas (*uel...uel...*) e estabelece conjecturas para explicações: *...nisi quod* [a não ser que...] (V, 94, 167).

2.2. OS QUATRO GRAUS DE DIFICULDADES ETIMOLÓGICAS NO TEXTO VARRONIANO

Assim, a atividade etimológica se apresenta em Varrão como sendo nebulosa e enigmática. Nos parágrafos 7 e 8 do livro V, ele estabelece, em forma de metáfora, os quatro graus (ou degraus) de dificuldades da etimologia. Como esse texto é muito esclarecedor e apresenta um longo e unitário bloco teórico — que até sugere ao leitor como teriam sido redigidos os textos teóricos sobre etimologia nos livros II, III e IV —, convém transcrevê-lo na íntegra, para uma melhor apreciação: *Nunc singulorum uerborum origines expediam, quorum quattuor explanandi gradus. Infimus quo populus etiam uenit: quis enim non uidet unde argentifodinae et uiocorus? Secundus quo grammatica ascendit antiqua, quae ostendit, quemadmodum quodque poeta finxerit uerbum, quod confinxerit, quod declinarit; hic Pacui: “Rudendum sibilus”; hic: “Incuruiceruicum pecus”; hic: “Clamide clupeat bracchium” (V, 7). Tertius gradus, quo philosophia ascendens peruenit atque ea quae in consuetudine communi essent aperire coepit, ut a quo dictum esset oppidum, uicus, uia. Quartus, ubi est adytum et initia regis: quo si non perueniam ad scientiam, at opinionem aucupabor, quod etiam in salute nostra nonnunquam facit cum aegrotamus medicus (V, 8)* [Vou agora tratar da origem de cada uma das palavras, cujos graus de explanação são quatro. O mais baixo é aquele a que chega também o vulgo falante; pois quem não percebe a origem de *argentifodinae* (minas de prata) e de *uiocurus* (inspetor de vias)? O segundo é aquele a que ascende a gramática antiga, que mostra de que maneira um poeta aplicou cada uma das palavras que ele inventou e fez derivar de outras; assim, este exemplo de Pacúvio: “o assobio das cordas”; e este: “o gado de cerviz encurvada”; e este outro: “de

sua clâmide ele faz um escudo para seu braço”. O terceiro grau é aquele ao qual a filosofia, elevando-se, chega e principai por esclarecer aqueles termos que são do uso corrente, como: de onde vieram as palavras *oppidum* (cidade), *uicus* (aldeia), *uia* (caminho). O quarto grau é onde está a parte secreta do templo e os segredos iniciáticos do rei; se eu não conseguir chegar até ao conhecimento positivo (*scientiam*), ao menos buscarei a opinião (*opinionem*), o mesmo que, às vezes, na saúde, faz o médico quando ficamos doentes] (V, 7-8). Como se observa, o 4.º grau apresenta uma linguagem enigmática que tem despertado a curiosidade de todos os estudiosos de Varrão. Veja-se esse assunto por partes.

2.3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS QUATRO GRAUS DE DIFICULDADES

O primeiro grau ou degrau da atividade etimológica é o do povo simples, que, graças a uma gramaticalidade primária e ínsita como herança lingüística, está naturalmente apto a distinguir os constituintes de uma palavra composta, como ocorre com *argentifodinae* [minas de prata]. O segundo, retroagindo para dentro da metodologia da gramática antiga, centraliza a análise sobre a linguagem dos textos poéticos. Nesse grau, da gramática de texto, especializaram-se os filólogos alexandrinos, liderados por Aristófanes de Bizâncio.⁵¹³ O terceiro grau remete a Cleanto e aos demais filósofos estóicos, que trabalharam especificamente sobre a etimologia, isto é, sobre as aproximações fonéticas⁵¹⁴ e semânticas das palavras de uso cotidiano, ou seja, da prosa. Eles demonstraram também como dos *uerba primigenia* [palavras primitivas] surgiram os *declinata uerba* [palavras derivadas] como: *oppidum* < *ops* (V, 41), *uicus* < *uia* (V, 145), *uia* < *uehere* (V, 22, 35). E o quarto grau, como caracterizá-lo? Sendo alexandrinos e estóicos os inspiradores, respectivamente, do segundo e do terceiro graus, pode-se conjecturar que o do quarto seja Pitágoras, devido à

⁵¹³ Os eruditos alexandrinos parecem não ter dado tanta importância ao estudo (diacrônico) da etimologia quanto os estóicos. Ocuparam-se prioritariamente das realações gramaticais da língua (sincronia).

⁵¹⁴ Trata-se, principalmente, dos fatos fonéticos (metaplasmos) envolvendo *demptio*, *additio*, *commutatio* e *traiectio* (V, 3, 6; VI, 2; VII, 1).

áurea mística em que ele e sua escola trataram a palavra, como já considerado no capítulo VIII sobre as fontes varronianas. Essa é a opinião de H. Dahlmann endossada por J. Collart (Dahlmann, 1932, p. 36-7, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 275).

2.4. O ARCAÍSMO: DADO ESTABILIZADOR *VERSUS* PRESSUROSOS NEOLOGISMOS

Como já comentado, os *impositores primigeniorum uerborum* seriam os ancestrais ilustres e soberanos em meio à comunidade dos falantes; seriam eles os sábios elaboradores do léxico fundamental, os intérpretes inspirados pela verdade. Já os *impositores declinatorum uerborum* seriam os posteriores e sucessivos criadores da língua, empenhados na expansão do léxico, mediante o processo derivativo. Como já visto acima, eles estavam sujeitos a criar palavras erradas, devido à inexperiência e ao capricho (V, 3).

Cumprir observar que essa interpretação coincide, como já visto acima, com a idéia varroniana de engrandecer a atuação dos antigos em todas as suas iniciativas, quer como pais da pátria (*maiores*), quer como exímios construtores da língua. Privilegiar os termos antigos, apreciar o arcaísmo na linguagem coadunava-se com a índole conservadora de Varrão. Parece ter ele uma opinião formada: o latim dos antigos era melhor do que o da geração contemporânea.⁵¹⁵ Ora, os sabinos, como observado no capítulo anterior, representavam o elemento lingüístico antigo e também regulador das aquisições vindas do grego. Nessa tendência arcaizante, entendida

⁵¹⁵ Uma obra gramatical é sempre um ponto de referência nacional, apontando para o que deveria ser um traço comum entre indivíduos que se expressam no mesmo código. Varrão, unificando os conceitos de língua e pátria, intuía que, revelando as origens da pátria e da língua num tratado, podia oferecer aos romanos um motivo a mais para a unidade itálica em torno do latim, como também em torno de um líder político, o que também se fazia urgente. Esse justo arcaísmo tinha, portanto, duas razões: uma social, para unir os romanos pelas origens pátrias e lingüísticas, e outra gramatical, para firmar a identidade e a estabilidade da língua mediante um freio à intensa invasão de elementos lingüísticos estrangeiros, os neologismos.

como fator de estabilidade da língua, reflete-se, como já dito, o sabinismo varroniano, provinciano e conservador — em oposição ao panarcadismo — como também a preferência pelo uso do latim rural ao uso do latim urbano.

2.5. O QUARTO GRAU NA PERSPECTIVA POLÍTICO-TEOLÓGICA

P. Boyancé aufere do citado passo uma interpretação político-teológica. Ele parte do “Catecismo dos Acusmáticos e da idéia do ὀνομαθέτης (*impositor* — elemento de fundo pitagórico)”, já comentados no capítulo VIII; esclarece a influência do pitagorismo exercida sobre o platonismo e chega a Antíoco de Ascalão. Este, após as vicissitudes reformistas da Academia, conseguira fazer dela uma escola menos cética, mais dogmática, e, portanto, mais propensa a acolher elementos do estoicismo. Como já visto parcialmente no capítulo VIII, P. Boyancé estabelece um paralelo entre Varrão — discípulo direto de Ascalão e teólogo da religião romana —, e Filo de Alexandria, o Judeu, discípulo indireto de Ascalão e teólogo da religião judaica. Para Filo, Adão e Moisés teriam sido os grandes e sábios *impositores*, verdadeiros reis e intérpretes da língua. Boyancé associa o significado do texto varroniano (V, 7 e 8) ao do *Gênesis* — no versículo em que Adão dá nomes aos animais (*Gen.* 2, 19) — e lhes atribui uma equivalência política e teológica.⁵¹⁶ Do lado romano, os *impositores* estariam revestidos da mesma autoridade divina, principalmente os reis Numa Pompílio, que marcara a memória dos romanos por sua atuação no campo religioso, verdadeiro *rex sacrorum*,⁵¹⁷ e

⁵¹⁶ A propósito, veja-se o passo, em duas traduções, Edições Paulinas e Editora Vozes: *Gen.* 2, 19: “(O Senhor Deus) formou, pois, da terra, toda sorte de animais campestres e de aves do céu e os conduziu ao homem para ver como ele os chamaria, e para que, tal fosse o nome de todo o animal vivo, qual o homem o chamasse” (*Bíblia Sagrada*. Edições Paulinas, São Paulo, 1967). *Gen.* 2, 19: “Então o Senhor Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem para ver como os chamaria; cada ser vivo teria o nome que o homem lhe desse” (*Bíblia Sagrada*. Editora Vozes, Petrópolis, 1982).

⁵¹⁷ Sobre Numa, Varrão faz os seguintes enunciados: os romanos conservavam as relíquias de Numa Pompílio (V, 157); durante seu longo reinado, a *Porta Ianualis* (Porta do templo de Jano) permaneceu fechada, o que significava que transcorreria

Tarquínio, não o Soberbo, mas o Prisco. Nesse contexto não podem ser omitidos os nomes dos reis Latino e Rômulo, que Varrão cita expressamente como *impositores*, como já comentado (V, 9). Pelo contexto, infere-se que Varrão tencionava estender o poder da *impositio* a toda a antiga realza romana, da qual promanavam as leis civis e os ditames religiosos; os reis teriam sido os últimos responsáveis pela concretização do *corpus* jurídico, teológico e lingüístico de vital importância para a vida do povo romano. Conjectura-se até que Varrão tenha reforçado a idéia de uma monarquia esclarecida, inspirada, talvez, no *Político* de Platão. Esta obra expunha o caráter do verdadeiro rei e estadista. *Mutatis mutandis*, deve-se lembrar que no cenário romano, brilhava agora a figura de Júlio César, enfeixando, praticamente, o poder civil e religioso, como general vencedor de Farsália e Pontífice Máximo. A ele Varrão dedicara os 16 livros do *Antiquitates rerum diuinarum*, segundo P. Boyancé (Boyancé, 1975 p. 57-84; 1976, p. 137-62). Assim, este passo do *De lingua Latina*, relativo ao enigmático quarto grau da etimologia (*ubi est adytum et initia regis*), significaria uma discreta manifestação ao mesmo tempo que um secreto voto pelo retorno de um príncipe monarca para os romanos, que seria o próprio César⁵¹⁸ ou seu futuro sucessor.

entre os romanos um longo tempo sem guerra (V, 165); o *Carmina saliorum* é da época daquele rei (VII, 3); e ele instituiu os flâmines (V, 45). O reinado de Numa Pompílio, sucessor de Rômulo, foi considerado pelos romanos como uma espécie de idade de ouro; ele instituiu festas, sacrifícios e o calendário com o acréscimo dos meses de janeiro e fevereiro; dele os romanos herdaram importantes institutos: os Pontífices, as Virgens Vestais, os flâmines, os Sális; ele construiu a Régia (palácio real nas imediações do Fórum), o templo de Vesta e outros.

⁵¹⁸ Na época em que o *De lingua Latina* estava sendo redigido (47-45 a. C.), César sofria fortes pressões políticas por causa de sua pretensão monarquista, conjuntura essa que culminou com seu assassinato em 15 de março de 44 a. C. O passo relativo ao quarto grau, centralizando a figura do rei (figura remota) como impositor no processo lingüístico, parece ser uma menção favorável à reimplantação da monarquia como forma de governo.

2.6. O QUARTO GRAU: UMA INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICO-EPISTEMOLÓGICA

Enfim, A. Michel (Michel, 1965, p. 69-79) interpreta os quatro degraus varronianos à luz de uma teoria do conhecimento inspirada em Plutarco. Segundo este, há quatro tipos de conhecimento:

- a) o que se apóia nos sentidos;
- b) o que procede dos mitos;
- c) o que vem da ciência racional; e
- d) o que exprime a lei política.

Com estes, haveria então as seguintes correspondências:

- a) Os sentidos, como fonte primária do conhecimento, corresponderiam ao grau popular de percepção da etimologia;
- b) O conhecimento da realidade proveniente dos mitos corresponde ao modo de elaboração dos poetas, a cujos textos se dedicavam os gramáticos alexandrinos;
- c) O conhecimento pela ciência racional corresponderia ao grau etimológico praticado pelos filósofos estóicos;
- d) Finalmente, o conhecimento da lei corresponderia ao grau do poder político-religioso do rei.

3. OS LIVROS ETIMOLÓGICOS VARRONIANOS: A COMPLEXIDADE CRESCENTE

A partir das dificuldades crescentes para o esclarecimento das origens das palavras (V. 2.1 supra) e desse lado enigmático constitutivo da própria etimologia, Varrão faz seu plano expositivo dos livros etimológicos, cuja característica básica é a complexificação crescente.

3.1. O PLANO SEQUÊNCIAL DAS ETIMOLOGIAS: DIFICULDADE PROGRESSIVA

A seqüência das palavras nos livros etimológicos não acontece em ordem alfabética, porque esta constituiria, para o estoicismo varroniano, uma forma mecânica, aleatória e até inorgânica de tratar as palavras. Assim, a apresentação obedece a outro critério, ou seja, a estrutura temática combinada com os níveis de dificuldades crescentes. No fim do livro V, Varrão informa que as palavras aí estudadas, relativas ao espaço e designativas de corpos, coisas e lugares, são *aperta*, de origem evidente (V, 184).⁵¹⁹ No livro VI, ele diz que as palavras que exprimem tempo são obscuras: *locus difficilima aetuma*, porque muitas nem apresentam equivalência com o grego nem parecem nativas (VI, 40). No livro VII, logo no início, o autor previne o leitor, dizendo que os termos poéticos são difíceis de explicar: *difficilia sunt explicatu poetarum uocabula* (VII, 1). Na primeira metade desse livro VII, o autor trata dos termos poéticos designativos de lugar e, na segunda, trata dos designativos de tempo, o que indica que são mais difíceis ainda. Há, portanto, um critério expositivo segundo a progressividade dos problemas etimológicos, a qual se evidencia no seguinte plano de conteúdos dos livros (V, 13, 57, 184; VI, 1, 35, 97; VII, 1, 72, 110):

1.º) Livro V:

- nomes que expressam espaço (V, 1-56);
- nomes de coisas que estão no espaço (57-183);

2.º) Livro VI:

- nomes que expressam tempo (VI, 1-34);
- nomes de coisas que se desenvolvem no tempo (VI, 35-96);

3.º) Livro VII:

⁵¹⁹ Algumas etimologias, porém, ele cita como sendo obscuras (*flamen Dialis*, *flamen Furinalis* — V, 84), como também os nomes de certos valores monetários (*deunx*, *dextrans*, *dodrans* — V, 172).

- nomes poéticos que expressam a idéia de espaço (VII, 1-71);
- nomes poéticos que expressam a idéia de tempo (VII, 72-108).

Varrão explica que vai seguir os princípios dicotômicos pitagóricos: finito e infinito, bem e mal, vida e morte, dia e noite; fixa-se, porém, no que mais interessa lingüisticamente: a imobilidade e o movimento (V, 11). A seguir, funda a quadriga dos princípios: *...quod stat aut agitur, corpus. Vbi agitur, locus, dum agitur, tempus, quod est in agitu, actio. Quadripertitio magis sic apparebit: corpus est ut cursor; locus stadium qua currit, tempus hora qua currit, actio cursio*. [...o que permanece imóvel ou se move é o corpo; onde se move é o espaço; enquanto está em movimento, é o tempo; o fato mesmo de que está em movimento é a ação. Esta quadruplicidade se esclarecerá melhor desta forma: o corpo é o corredor-atleta; o espaço é o estádio por onde corre; o tempo é a duração horária durante a qual corre; a ação é a própria corrida] (VII, 11). O plano é evidente e a metáfora da quadriga, apropriada. Segundo H. Dahlmann, ela possui elementos de inspiração pitagórica e estóica, como a definição de tempo,⁵²⁰ a divisão cosmológica e sua aplicação à gramática no livro V, no qual as palavras relativas ao espaço são estudadas, obedecendo ao seguinte esquema:

/	continentes	—>	céu (V, 17-20)
espaço		—>	terra (V, 21-56)
\	conteúdos	—>	deuses (V, 58-74)
		—>	espécies mortais (V, 75-101)
		—>	indústria humana (V, 105-183). ⁵²¹

⁵²⁰ Segundo H. Dahlmann (Dahlmann, 1932, p. 16-23, 36-8, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 277), é obviamente estóica, por exemplo, a definição de tempo reproduzida por Varrão, inspirado em Zenão. Definição de Zenão: χρόνος...διάστημα κινήσεως [tempo...intervalo do movimento]. Definição de Varrão: *motus enim interuallum tempus* [tempo é o intervalo (transcurso) do movimento] (V, 12).

⁵²¹ O texto sobre o qual se estabelece essa divisão varroniana do livro V parece basear-se na cosmologia de Possidônio, filósofo médio-estóico, segundo Diógenes

Confirmando que essa fórmula é de fundo cosmogônico — e mostrando que ele, Varrão, está sendo fiel ao mestre Élio Estilão e às linhas do pensamento estóico ortodoxo ao aplicar esse grande esquema-abertura ao livro V —, cita-o, como que para garantir a paternidade eliana da idéia: *Caelum dictum scribit Aelius, quod est caelatum...*[Élio escreve que Céu assim se denominou porque está cinzelado...] (V, 18) e *Terra dicta ab eo, ut Aelius scribit, quod teritur...*[Terra assim se denominou, segundo escreve Élio, porque é triturada, pisada...] (V, 21).⁵²²

3.2. O VALOR DAS ETIMOLOGIAS VARRONIANAS

O que se diz de Varrão, diz-se também da elaboração etimológica precedente. Ao ler os livros etimológicos, percebe-se o vivo interesse do autor pela pesquisa histórica de cada palavra. Obviamente, há muitas etimologias sem valor científico para a visão moderna. Carece, porém, atenuar as exigências desta e preferir não fazer uma leitura rigorosa, étimo por étimo. Mais importante é a síntese teórica que ele realiza ao buscar as fontes da língua. No desenvolver de suas etimologias, ele combina uma inspiração teórica pitagórica (a palavra-verdade) com um método estóico (espaço e tempo) numa perspectiva epicurista (criação contínua da linguagem). Isto muito se coaduna com uma visão moderna, propensa a realizar o estudo da língua em sua face multifária. Varrão estava atento ao pensamento lingüístico diversificado de sua época; conhecia os enfoques dados pelo pitagorismo, estoicismo e epicurismo, representados, respectivamente, por Nigídio, Élio Estilão e Lucrécio, como já estudado.

Laércio; ei-la: ...κόσμος..., σύστημα ἐξ οὐρανοῦ καὶ γῆς καὶ...σύστημα ἐκ θεῶν καὶ ἀνθρώπων καὶ τῶν...γεγονότων. [cosmo...é o conjunto do céu e da terra, ...dos deuses e dos homens ...e das coisas criadas] (Posid., ap. Diog. Laert., VII, 138).

⁵²² Esse esquema já havia sido utilizado por Varrão em *Antiquitates humanae*, redigido em vinte e cinco livros, que, segundo Santo Agostinho, incluía quatro héxadas, ou seja, relativas aos homens, aos lugares, aos tempos e às ações; esse esquema reproduzia a quadriga dos princípios: *corpus-locus* e *tempus-actio*: *Intendit enim qui agent, ubi agent, quando agent, quid agent* (Aug., *C. D.* VI, 3).

Por isso mesmo, pôde o reatino elaborar para o seu tempo uma síntese lingüística, erigindo sua obra com autonomia e originalidade.

3.3. A DEBILIDADE DAS ETIMOLOGIAS: A INJUNÇÃO METODOLÓGICA ESTÓICA

Nos livros etimológicos, segundo o cálculo de J. Collart, há cerca de mil trezentas e cinqüenta etimologias, das quais oitocentas e vinte estão no livro V. Ajuntando as esparsas nos fragmentos e no *De re Rustica*, chega-se a cerca de mil setecentas e cinqüenta indicações de origens de palavras (*origines*).

Segundo J. Collart, a etimologia de Varrão apresenta, porém, um defeito de base: o desejo de encontrar, a todo custo, um ponto de referência entre o signo e a coisa significada. Tal perspectiva, inspirada pelos estóicos, levou-o a resultados risíveis, como já esclarecido. Quintiliano se externará sobre a debilidade dessas etimologias, embora ele mesmo também não dispusesse de outros métodos e instrumentos lingüísticos para um trabalho científico.⁵²³

Fazendo-se, porém, justiça ao reatino, deve-se reconhecer que essa postulação de referência obrigatória entre o signo e a coisa significada — a teoria de uma correspondência aproximada — foi erro comum dos filólogos antigos,⁵²⁴ incluindo-se entre eles os interlocutores do *Crátilo* de Platão.⁵²⁵

⁵²³ Quintiliano (*Inst. orat.* I, 6, 37), depois de comentar algumas etimologias extravagantes de Élio Estilão, observa que também Varrão queria mostrar a Cícero que *ager* (campo) vinha de *agere* (fazer); a razão etimológica era a de que havia sempre muito o que fazer no campo (V, 34); *merula* (melro, por contração de *mera uolans*) recebia esse nome porque aquela ave costuma voar sozinha (= *mera*); ao contrário, *graguli* (gralhas) assim se chamavam porque voam em bando (*gregatim*) (V, 76).

⁵²⁴ Com exceção de Diodoro de Mégara, que, como já visto, descartou qualquer aproximação natural entre nome e coisa.

⁵²⁵ M. Leroy (Leroy, 1973, p. 394) comenta que no debate entre Sócrates e Hermógenes (seguindo Heráclito, Hermógenes defendia a tese da origem natural da linguagem), tratava-se de provar que as palavras são adequadas às coisas por natureza. Apresentam-se então etimologias fantasiosas, inclusive em torno da

Na visão moderna, a proporção de etimologias fantasiosas em Varrão — segundo J Collart, 3/7 — é aceitável, considerado o desvio metodológico.

3.4. O MÉTODO ESTÓICO-REALISTA: A IDENTIDADE ENTRE O NOME E A COISA

Afinal, qual era esse método para a atividade etimológica varroniana? Sobre este, convém reproduzir um interessante texto do *De Dialectica* atribuído a Santo Agostinho (Aug., *De dial.* = *G. R. F.*, p. 282-3, fr. 265). Ele mostra alguns pontos metodológicos e teóricos dos estóicos sobre a interação entre nome e coisa. Talvez o bispo o tenha extraído dos próprios livros teóricos varronianos sobre etimologia (II, III e IV), provavelmente ainda acessíveis aos estudiosos dos finais do século IV d. C., ou de alguma outra obra de Varrão, seu autor pagão preferido. Eis o texto:⁵²⁶ “Os estóicos ensinam que é preciso levar a pesquisa a um ponto em que a coisa (*res*) forme com o som da palavra (*sonus uerbi*) um acordo de harmoniosa parecença, como quando dizemos, por exemplo, *aeris tinitum* [o zunido do ar], *equorum hinnitum* [o relincho dos cavalos], *ouium balatum* [o balido das ovelhas], *tubarum clangorem* [o clangor das trombetas], *stridorem catenarum* [o ranger das correntes], pois compreendes que essas palavras produzem um som comparável ao dos próprios objetos que as palavras exprimem. No entanto, como há coisas que não produzem ruído, será o modo de toque que vai dizer algo delas: da mesma forma que esses objetos afetam nossa sensação de maneira suave ou áspera, e na medida em que a suavidade e a aspereza dos fenômenos afetam nossos ouvidos, dessa mesma forma os nomes desses objetos são criações suaves ou ásperas; por exemplo, a própria palavra *lenis* [suave] tem uma sonoridade suave quando a pronunciamos. Quem, ao contrário, quando ouve a própria palavra *asper*

onomástica, como o nome dos deuses (θεοί), que seria proveniente do verbo θεῖν (correr), porque os deuses correm perpetuamente pelo mundo (Platão considerava os astros divindades primitivas); Agamenão era admirável (ἀγαστός) pela sua perseverança (ἐπιμονή), enquanto Orestes tinha o caráter selvagem de um montanhês (ὄρεινός).

⁵²⁶ A tradução é da minha responsabilidade.

[áspero] não sente uma impressão de rudeza? Há uma impressão de suavidade quando dizemos *uoluptas* [prazer], de aspereza, quando dizemos *crux* [cruz]. Para *mel* [mel], tanto a coisa produz uma impressão suave sobre o nosso gosto quanto o nome, que a designa, afeta o nosso ouvido com suavidade...É assim que eles (os estóicos) quiseram ver a origem das palavras na sua harmonização entre a impressão produzida pelas coisas (significado) e a impressão produzida pelos sons (significante). Daí que a faculdade de designar se estende às relações de semelhança entre as coisas. Por exemplo, *crux* foi bem designada, porque a aspereza do próprio nome se ajusta à rude dor que provoca a cruz; mas, ao contrário, *crura* [pernas], foram assim denominadas não, evidentemente, por dar uma idéia de cruel dor, mas sim, porque, pela sua extensão e dureza, as pernas são, entre outros membros, aquelas que mais se assemelham à madeira. Assim se chegou à *abusio* [catacrese]: emprega-se não o nome de uma coisa parecida e sim o de uma coisa comparável...Fala-se de *piscina* [piscina] num estabelecimento de banhos, embora lá não haja nem peixe (*piscis*) nem nada que se lhe assemelhe; e no entanto, *piscina* parece ter tirado seu nome de peixe por causa da água, condição de vida dos peixes...Daí, levou-se o procedimento à antífrase. Pois *lucus* (o bosque), creia-se, tirou seu nome daquilo que não faz luz (*luceat*)...Esta comparação, em geral, vai longe e pode ser aplicada a vários casos: pela causa; por exemplo, a palavra *foedus* (tratado), vinda de *foeditas porci* (o ar malcheiroso do porco), graças ao qual um tratado se torna eficaz (*sic*); ou pelo efeito: por exemplo, *puteus* (poço), porque se crê que *puteus* tem esse nome do fato de que *potatio* (o ato de beber) lhe é pertinente; ou sobre o conteúdo: por exemplo, quer-se que *urbs* (cidade) seja um nome vindo de *orbis* (círculo), porque ao redor de uma vila, após a tomada de auspícios, se faz aquele circuito com a charrua; ou pelo continente: por exemplo, quando se afirma que *horreum* (celeiro) vem de *hordeum* (cevada), com a mudança de uma letra...; ou é a parte pelo todo: por exemplo, damos ao gládio (*gladius*) o nome de *mucro* (-*onis*, a ponta), que é a extremidade do gládio; ou o todo pela parte: por exemplo, *capillus* (cabeleira), que é tomado de *capitis pilus* (pelo da cabeça).”

Observa-se, por esse texto conservado por Agostinho e inspirado em Varrão, que a metodologia estóica oferecia categorias variadas para a análise etimológica, tais como a onomatopéia primária ou genuína (*aeris tinitum, equorum hinnitum, ouium balatum, tubarum clangorem, stridorem catenarum*), a secundária ou aproximada (*lenis, uoluptas, mel, asper, crux*), o efeito paronímico (*crux-crura*), a catacrese ou *abusio* (*crura, piscina*), a antífrase (*lucus*), a metonímia (*hordeum/horreum*) — como também a metáfora e a antonomásia, não comentadas no mencionado texto —, das quais, todas, Varrão se valeu nas suas pesquisas etimológicas e das quais também se tratará mais adiante com a devida atenção.

4. ETIMOLOGIA E SEMÂNTICA

Há também a considerar a relação entre etimologia e semântica. Esta última era uma disciplina menos conhecida e menos solicitada do que a etimologia. No entanto, logo no começo do livro V, Varrão diz que cada palavra tem duas naturezas a serem estudadas: sua origem e sua aplicação concreta como significação das coisas. O primeiro tipo de pesquisa os gregos chamam de ἐτυμολογίαν e o segundo, de περὶ σημαινομένων (sobre as significações = semântica — V, 2).⁵²⁷ Note-se que para a palavra grega ἐτυμολογία, havia um “calque” perfeito (= *etimologia*). Mas para ‘semântica’ não havia, o que o levou a aplicar uma perífrase que os próprios gregos empregavam, isto é, περὶ σημαινομένων. A seguir, Varrão dá um exemplo muito prático sobre o que é fazer etimologia e o que é esclarecer o valor semântico do signo lingüístico, isto é, sua semântica. Ele aproxima e diferencia as palavras *pertinacia* (obstinação) e *perseverantia*:
- estudo etimológico: *pertinacia* < *pertendere* (= obstinar-se);

⁵²⁷ Σημαίνω = marcar com um significado; Aristóteles já usava a palavra como adjetivo: σημαντικός, ή, όν (indicativo, significativo, característico — *Poet.* 20,9) e como substantivo: τὸ σημανόμενον (a significação, o sentido — *Rhet.* 3, 2, 13). Varrão faz um giro e usa a expressão περὶ σημαινομένων (sobre as significações); cf. A. Bailly (Bailly, 1950, p. 1742-3).

- estudo semântico: *pertinacia* < *in quo non debet pertendi*. “Pertinácia” é insistir em algo em que não se deve insistir (sema de valor negativo);
- estudo semântico comparativo: *perseuerantia* < *in quo oportet manere*. “Perseverança” é insistir em algo em que vale a pena insistir (sema de valor positivo).

No final do parágrafo, ele diz que tratará da etimologia e da semântica (das significações); desta última, porém, cuidará de maneira apenas perfunctória (*exilius*). Varrão tem consciência da importância da semântica, talvez ainda não tida como disciplina. Intui que, no momento das aplicações etimológicas, precisará fixar significados, verificar nuances e transposições de sentido (metáforas); deverá também examinar homônimas e sinonímias (polissemia) — todas essas, questões semânticas. Da mesma forma que um *primigenium uerbum* produz termos derivados formadores de uma família de palavras (*cognatio* = parentesco), assim um sentido primeiro pode expandir-se para sentidos figurados secundários. Isto significa que operações morfológicas e semânticas se encontram imbricadas nos estudos etimológicos varronianos. Ele verifica que o exame do valor do signo lingüístico centrado no elemento primitivo e radical e nas derivadas (cognatas) implica na necessidade de análise semântica, quer no nível descritivo (sincrônico) quer no histórico (diacrônico).⁵²⁸

5. O MÉTODO ETIMOLÓGICO: PRINCÍPIOS ETIMOLÓGICOS PRODUTIVOS

Cabe agora analisar de perto o método etimológico varroniano. Vejam-se alguns princípios produtivos de etimologias, como o fenômeno onomatopéico, as palavras de sonoridade expressiva, o campo figurativo da linguagem (a metáfora, a metonímia, a catacrese, a antonomásia, a

⁵²⁸ Não se pode esperar que Varrão tivesse claros os conceitos (modernos) de sincronia e diacronia. Tem-nos, porém, de forma implícita e prática, por exemplo, ao historiar constantemente elementos lingüísticos usados pelos *antiqui* e apontar para o seu valor vigente, como também ao se referir à linguagem desses “*antiqui*” e à dos “*nostrī*” = contemporâneos.

antífrase), a atração parônima, as etimologias populares e, no final, o importante campo da onomástica, compreendendo principalmente a antroponímia. Esses recursos constituem verdadeiras categorias ou princípios etimológicos que Varrão utilizou de forma prática e variada para estudar e mostrar as origens das palavras. Cumpre, porém, alertar para o fato de que eles se encontram totalmente dispersos nos livros de prática etimológica (V, VI, VII), sem qualquer preocupação do autor com teorizar o fato.

5.1. ONOMATOPÉIA

Varrão evita o nome grego ὀνοματοποιία,⁵²⁹ como também o neologismo latino *onomatopoeia*. Ele designa o fenômeno com estas perífrases latinas: *a sua uoce, ab ipsius uoce, ab suis uocibus* (V, 75, 78, 96, 100), *uerba a similitudine sonitus* (VI, 67-68), *a uocis sono, ab eius rei simili sonitu* (VI, 84). Deve-se frisar que a categoria etimológica das onomatopéias é a única que corresponde plenamente à teoria da adequação das palavras às coisas, ou seja, da palavra como imagem sonora daquelas. Vejam-se alguns nomes e verbos em que o reatino indica explicitamente que as etimologias se baseiam no som da *res*. Segundo J. Collart, a moderna filologia também admite que, na sua maior parte, sejam onomatopéias, mesmo porque estas apresentam fatores subjetivos na geração das impressões auditivas dos usuários da língua.

a) Nomes de animais.

Os nomes de animais citados como sendo onomatopéias são a anfíbia *rana* [rã] (V, 78) e os quadrúpedes *ursus* [urso] (V, 100), *sus* [porco], *bos* [boi], *taurus* [touro], *ouis* [ovelha] (V, 96).

⁵²⁹ Segundo Cícero (*Top.*, I, 9), o termo ὀνοματοποιία já se encontrava em Teofrasto. Aristóteles conhecia ὀνοματοποιέω. Segundo Quintiliano, as onomatopéias são pouco freqüentes na língua latina: *minime nobis concessa* (*Inst. orat.* I, 5, 72).

Os nomes de pássaros e outras aves reconhecidos por Varrão como vindos do processo onomatopéico, são: *hirundo* [andorinha], *bubo* [mocho], *cuculus* [cuco], *ulula* [coruja], *upupa* [poupa], *columba* [pomba], *coruus* [corvo], *galina* [galinha], *pauo* [pavão], *anser* [ganso] (V, 75).

b) Verbos: vozes dos animais aplicáveis aos homens.

No livro VII, ele se refere a verbos que imitam os gritos dos animais, gritos esses aplicáveis também ao homem tagarela: *Multa ab animalium uocibus tralata in homines* [Muitas palavras foram transferidas das vozes dos animais para os homens] (VII, 103). São eles: *bouare* [mugir, berrar], *dibalar* [balir, balar], *[h]eiulitare* [latir, ganir, esganiçar], *fremere* [rugir], *frendere* [ranger os dentes], *fritinnire* [o cantar do melro], *gannire* [latir, ladrar, ganir], *hinnire* [rinchar, relinchar, nitrir], *latrare* [ladrar, gritar], *mugire* [mugir], *rudere* [zurrar, ornejar], *uagire* [vagir], *ululare* [ulular, uivar, vociferar].

c) Verbos: vozes somente do homem.

Em outro passo, Varrão usa verbos cujo som se aproxima do ruído de ações próprias do homem (*uerba dicta a similitudine soni*). São eles: *clamare* [gritar, clamar], *crepare* [estalar com a boca, reclamar], *gemere* [gemer], *increpitare* [encrespar, vociferar, brônquear], *iubilare* [gritar atrás, chamando], *murmurari* [murmurar], *quiritare* [chamar aos gritos] (V, 67-68); *mussare* [cochichar, falar por entre os dentes], daí *mutus* [mudo] (VII, 101);⁵³⁰ *sorbere* [sorver] *bibere* [beber], *feruere* [ferver] (VI, 84).

⁵³⁰ Observe-se a etimologia de *mutus*: *Mussare dictum, quod muti non amplius quam μῦθὸν dicunt..* [*Mussare* (silenciar) se diz porque os mudos não dizem mais que *mu*] (VII, 101).

5.2. PALAVRAS EXPRESSIVAS: EFEITOS SONOROS E ALITERAÇÕES

Além dessas onomatopéias puras, há aquelas que envolvem elementos onomatopéicos parciais, relativos a certos ruídos. É interessante notar como, absorvido pelo propósito de mostrar a origem de palavra por palavra, Varrão se revela atento a detalhes sonoros com resultados semânticos surpreendentes. Neste passo, por exemplo, ele alerta para a diferença de som que opõe *flumen* (corrente de água) a *stillicidium* (goteira): *...inter haec hoc interest, quod stillicidium eo quod stillatim cadit, flumen, quod fluit continue* [...entre estas duas palavras está a diferença que *stillicidium* toma seu nome do fato de cair gota a gota e *flumen*, porque flui continuamente] (V, 27). Analise-se foneticamente. *Flumen*, apresentando em sua primeira sílaba o encontro /fl/ — uma labiodental fricativa surda e uma alveolar lateral (líquida), ou seja, duas constrictivas, ambas apoiadas pela vogal /u/ fechada —, sugeria a imagem sonora de um elemento líquido canalizado e em movimento contínuo (fluxo). Observe-se em *stillicidium* os quatro fonemas vocálicos agudos e freqüentativos (-i -i -i -i), a presença inicial do encontro /st/ no qual se valorizam mutuamente a alveolar fricativa surda /s/ e a língüodental surda /t/, ou seja, uma constrictiva seguida de uma oclusiva; tal palavra sugeria o som intermitente da gota que se boja e cai (sss-t). Observe-se também o verbo *cadit*, em aliteração com *cid*, como que fazendo eco do som da queda (*stillicidium cadit*). A pôr crédito no supracitado e longo texto agostiniano de inspiração varroniana a respeito dos efeitos sonoros das palavras (onde se verificava que o som duro dos fonemas consonantais de *crux* (/kr/ e /ks/) sugeria a imagem-sensação da dor na expressão humana), também estes, ora analisados, e outros mais, ocorrentes no texto do *De lingua Latina*, não passavam despercebidos a Varrão, embora provavelmente a nomenclatura classificatória dos fonemas ainda fosse elementar.⁵³¹

⁵³¹ Como poeta e também como crítico dos poetas, Varrão não só era estilista como também observador dos estilos. Ele conhecia as regras de metrificação e, certamente, os efeitos sonoros das palavras. Quando toca na questão das mutações fonéticas no interior das palavras (*additio*, *demptio*, *traiectio*, *commutatio* e

5.3. O CAMPO FIGURATIVO COMO PRINCÍPIO PRODUTIVO DE ETIMOLOGIAS

A seguir, cumpre analisar, na área da semântica, as figuras de linguagem mais freqüentes utilizadas pelo autor como princípios produtivos de etimologias.

5.3.1. METÁFORA

Aristóteles e Teofrasto já conheciam a palavra (μετάφορα), mas Varrão, como fará Quintiliano,⁵³² evitava o “calque” da forma e buscava criar os “calques” semânticos latinos, tais como: “*translatum uocabulum*” [palavra transposta do emprego de um sentido a outro] (V, 77) e *translaticium nomen* [nome com significado transposto] (V, 32). Os exemplos de etimologias por metáfora, no sentido genérico de transposição ou transferência de sentido, são numerosos. Portanto, o conceito de metáfora em Varrão é global e unificado, pois enfeixa os de metonímia, sinédoque, catacrese, antonomásia, perífrase etc., que, afinal, não deixam de ser *translaticia uerba*. No capítulo VI, foram estudadas, sob o ângulo da literariedade do latim varroniano, muitas metáforas, entre as quais cabe recordar a da selva escura, a da árvore limítrofe, a da pereira, a da espiga relegada no campo. Essas quatro metáforas, por exemplo, atuam, respectivamente, como símbolos e imagens em vários sentidos, como estes: a) a própria complexidade do estudo das origens da língua (selva), b) a língua como sistema que aprofunda suas raízes no solo vizinho (árvore

outras), ele acrescenta “*ut in superioribus libris ostendi* [como mostrei em livros anteriores] (V, 6). Esses livros eram ou os três teóricos do *De lingua Latina* sobre etimologia (II, III, e IV) ou outra obra gramatical específica sobre o assunto. Acrescente-se a isso o fato de ele estar sempre atento às aproximações fonéticas das palavras, procurando compor, a partir das associações fonéticas, as famílias de palavras, como *opus=ops*, *Neptunus = nuptus, obnubit, nuptiae* etc.

⁵³² J. Collart (Collart, 1954, p. 286) observa que Quintiliano não ousava ainda introduzir o termo *metaphora*; empregava *traslatio: traslatio, quae μετάφορα Graece uocatur* [translatio, que em gregos se chama metáfora] (*Inst. orat.* VIII, 6,4).

limítrofe), c) o trabalho de pesquisa do etimólogo (pereira), d) a necessidade da concisão como característica da didática da língua (espiga).

5.3.2. METONÍMIA

Às palavras envolvidas no processo metonímico Varrão dá o nome genérico de *appellata* ou *nominata a parte*. E acrescenta *ut multa* [como ocorre em muitos casos...]; isto significa que, para ele, muitas etimologias se resolviam por esse processo (V, 141, 155). Nos livros etimológicos, Varrão não explicita os detalhes das subcategorias pertinentes ao processo metonímico, como as citadas no texto agostiniano (causa/efeito, continente/conteúdo etc). É possível, porém, que, em outras obras, ele tenha tratado delas expressamente. Eis alguns exemplos de etimologias elaboradas à base de metonímias:

- *lactuca a lacte, quod holus id habet lact* [*lactula* (alface) vem de leite, porque aquela hortaliça contém leite], isto é, o nome do ser (a brancura da seiva) é tirada de seu princípio ativo (o leite);⁵³³
- *canis a canendo* [*canis* vem de cantar/canir], isto é, o ser por sua própria ação (V, 99);
- *fiscina a ferendo* [*fiscina* (cesta) derivado de *ferre* (levar)], isto é, o nome do produto por sua função (V, 139);
- *fons unde funditur* [*fons* é de onde brota (*funditur*)], isto é, a causa (*fons*) pelo efeito (*funditur*) (V, 123);
- *cilliba a cibo* [*cilliba* (mesa) deriva de *cibus* (alimento)], isto é, *mutatis mutandis*, o continente pelo conteúdo (V, 118);
- *pecunia a pecu* [*pecunia* (dinheiro) deriva de *pecus*], isto é, o signo pela coisa significada (V, 92).

⁵³³ Parece haver uma relação metonímica do ser (alface, *lectula*) e seu princípio ativo (seiva leitosa que está nas folhas), pela qual se justifica o nome.

5.3.3. CATACRESE

Varrão não usa o termo técnico *κατάχρησις*. Por uma perífrase designa o fenômeno desta forma: “*uerba dicta a parte simili* ou *translatio a similitudine*” (V, 77, 117, 161, 167).⁵³⁴ Esse princípio etimológico consiste em dar (abusivamente) o nome de um primeiro objeto a um segundo, com o qual o primeiro mantém um ponto de semelhança. Há o sentido próprio: perna do corpo humano e o sentido figurado (transposto): perna da mesa; folha da árvore e folha de papel. Vejam-se exemplos de catacrese com os nomes de peixes (V, 77), a seguir:

Varrão diz expressamente que esses nomes de peixes se explicam por semelhanças (*similitudines*) ou na forma (aparência): *anguilla* [enguia], *linguaca* [linguado], *sudis* [peixe espada]; ou na cor: *asellus* [merluza], *umbra* [timalo], *turdus* [tordo]; ou em outra característica: *lupus* [lobo marinho], *canicula* [cação], *torpedo* [torpedo]; cita também moluscos: *suranae* [pernas], *pectunculi* [petúnculos], *ungues* [unhas, dedos].

Certos nomes da linguagem militar se baseiam na catacrese (V, 117), como estes:

- *cornua* [trombeta], hoje de metal, antigamente era de chifres (V, 117);
- *cerui* [abrolhos, estacas bifurcadas como os cornos do cervo] (V, 117);
- *testudo* [tartaruga, carapaça da tartaruga, escudo convexo para a cabeça] (V, 117); por extensão, significa cobertura ampla para proteção ao aríete e a seus manipuladores no ataque às muralhas (V, 161).

5.3.4. ANTONOMÁSIA

O termo *ἄντονομασία* é encontrado em Teofrasto, o competente sucessor de Aristóteles à frente da escola peripatética. A antonomásia é

⁵³⁴ O termo *abusio*, de conotação negativa, para “catacrese”, será utilizado pela primeira vez por Quintiliano. Ele já percebia que o processo catacrético repetido é elemento empobrecedor da língua (*Inst. orat.* VII, 2, 3).

também um princípio etimológico muito produtivo. Vejam-se alguns exemplos:⁵³⁵

a) Nomes próprios tornam-se comuns:

- *Tusculus* > *tuscanicum* [na arquitetura: galeria etrusca/coberta] (V, 32);
- *Atria* > *Atriatres* > *atrium* [pátio interior etrusco] (V, 161);
- *Faleriae* > *Faliscus uenter* [tripa à moda falisca] (V, 111);
- *Iuppiter/glans* > *iunglans* [= *nux*, noz] (V, 102).

b) Nomes comuns tornam-se próprios:

- *Commitium* [assembléia] (V, 155);
- *Doliola* [pequenas jarras] (V, 157);
- *Vicus Sceleratus* [rua do crime] (V, 159);

c) Adjetivos derivados de nomes próprios (V, 84):

- (*Flamen*) *Dialis* (*Diouis*);
- *Volcanalis* (*Volcanus*);
- *Martialis* (*Mars*);
- *Furinalis* (*Furrina*);

d) Adjetivos toponímicos:

- *Quirinalis Collis* < *collis* [Monte Suirinal] (V, 51);
- *Saturnia porta* < *porta* [Porta Satúrnica] (V, 42);
- *Praenestinus ager* < *ager* [Campo prenestino] (V, 32);
- *Lacus Cutiliensis* < *lacus* [Lago de Cutília] (V, 71);
- *Tarpeium saxum* < *monimentum* (V, 41);
- *Curia Hostilia* < *aedes* (V, 155).

e) Adjetivos mudados em nomes próprios:

- *Vinalia* [festa do vinho] (V, 13; VI, 16, 20);

⁵³⁵ Quintiliano (*Inst. orat.* VIII, 6, 29) considera a antonomásia figura de retórica.

- *Rauduscula Porta* [Porta de cobre] (V, 163);
- *Noctiluca* [Diana, cognome] V, 68).

Essas duas categorias de adjetivos Varrão as denomina *cognomina* (V, 84 e 146).

5.3.5. ANTÍFRASE

Aristóteles e Teofrasto já usavam o termo ἀντίφρασις.⁵³⁶ Varrão cria o “calque” semântico *contrarium* (V, 18). Élio Estilão havia recorrido com frequência à antífrase como procedimento etimológico. Agora o discípulo reprova o mestre (*non, male...*) por ter derivado (por antífrase) *caelum* (o céu aberto) de *celare* (encobrir, esconder) (V, 18). Mas ele comenta que *Manes*, o plural do adjetivo *manis* ou *manus*, designativo de ‘bom’, é uma antífrase, por chamar de “bons” os espíritos infernais, além de ser um eufemismo dirigido à *captatio beneuolentiae* [para agradar].

5.4. ATRAÇÃO PARONÍMICA: *ADDITIO*, *DEMTIO*, *TRAIECTIO* E *COMMUTATIO*

Varrão percebera a ingenuidade da antífrase como princípio ou categoria de pesquisa etimológica. Evitou-a, talvez para não incorrer no lapso do mestre Élio. Em compensação, recorreu freqüentemente à atração parônima como fonte de explicação de uma grande quantidade de termos. Essa categoria lembra o trocadilho ou calembur, praticado pelo senso etimológico popular, que, normalmente, leva a soluções fantasiosas.⁵³⁷ Varrão observava a grande variedade de flexões nominais e verbais da língua. Fixou-as como *mutationes litterarum et syllabarum*. São elas:

a) no plano dos fonemas (=letras):

- *additio* [adição] ;
- *demptio* [supressão];

⁵³⁶ Quintiliano conhece o termo grego ἀντίφρασις (*Inst. orat.* VIII, 6, 57).

⁵³⁷ Em português “dor nas cadeiras” = nos quadris.

- *traiectio* [transposição];
- *commutatio* [permuta, transformação];

b) no plano das sílabas:

- *productio* [alargamento];
- *correptio* [abreviação];
- *addiectio* [acrécimo];
- *detractio* [subtração].

No fazer etimológico, para expressar essas *mutationes*, ele usa expressões concretas, como nos seguintes exemplos:

- *commutatio*: **I** cum **E** et **C** cum **G** magnam habet communitatem [O *i* com o *e* e o *c* com o *g* têm entre si uma grande relação], a propósito de *illex* [sedutor] > *illicit* [seduz] (VI, 95);
- *commutatio*: **E**...ex...**A** *commutato, ut multa* [pela permuta do *a* pelo *e*, como acontece em muitos casos], a propósito de *clam* [ocultamente] > *clepere* [ocultar] (VII,94);
- *commutatio*: ...una littera mutata [...permutando uma letra], a propósito de *flabelum* > *flagellum* (R.R. I, 31, 3);
- *demptio*: ...postea **I** *tertia littera extrita*..[perdendo-se mais tarde a terceira letra, o *i*], a propósito de *arimenta* > *armenta* [animais de tração] (V, 96);
- *demptio*:...**S** *detrito* [com a supressão do *s*], a propósito de *sirpices* > *irpices* [rastelo] (V, 136);
 ...osmen e quo **S** *extritum* [*omen* [presságio] deriva de *osmen*, com a perda do *s*] (VII, 96);
- *demptio*: ...**R** *exclusum, propter leuitatem* [excluiu-se o *r*, por ser brando], a propósito de *parilia* > *pallia* [pálcios] (V, 33).⁵³⁸

⁵³⁸ A etimologia completa é: *Pallia hinc, quod facta duo simplicia paria, parilia primo dicta, r exclusum propter leuitatem* [*Pallia* (pálcios) tem esta denominação do fato de que, sendo confeccionados com dois panos simples (*paria*), no princípio

Para mostrar a debilidade e infirmação do processo etimológico ou para justificá-la, Varrão usa expressões como - *quasi* (como se, por assim dizer — *G.R.F.* p. 253, fr. 201) ou - *ut* [como, como se...] (V, 108, 131). A recorrência a tais expressões denotativas de incertezas no fazer etimológico não foi exclusiva do erudito reatino.⁵³⁹ Os conectores *ut*, *uelut* e *quasi* confirmam a impressão de que se operava, consensualmente, uma etimologia possível, ou seja, ao alcance do “mais ou menos”. Entretanto, esse era o método, essa era a trilha batida pelos predecessores, todos eles considerados sérios estudiosos da língua.⁵⁴⁰ Além do mais, Varrão defendia esse processo, discordando de eventuais censuras dos leitores: *Non reprehendendum igitur in illis qui in scrutando uerbo litteram adiciunt aut demunt, quo facilius quid sub ea uoce subsit uideri possit* [Não se deve, pois, censurar aqueles que, ao examinarem uma palavra, acrescentam ou suprimem uma letra para descobrir com maior facilidade o que se possa ver como subjacente ao som da palavra] (VII, 1). Eis algumas etimologias envolvendo as mais variadas *mutationes* de letras, consoantes e sílabas inteiras, de difícil resconstituição:

- *bruma* < *breu(i)ssimus dies*... [...porque o dia é brevíssimo] (VI, 8);
- *flamen* < *filamen* < *filum*), [...porque os flâmines tinham a cabeça coberta com uma tira] (V, 84);
- *hordeum* [cevada] < *horridus* [aspecto eriçado] (V, 106);
- *armenta* [bois de arado] < *arimenta* [< *arare* V, 96];

se dizia *parilia*; mais tarde desapareceu o *r*, por ser brando] (V, 133). Tem-se então, segundo Varrão, esta seqüência etimológica: *pallia* < *paria* < *parilia*.

⁵³⁹ J. Collart (Collart, 1954, p. 291) observa que usavam tais conectores Élio Estilão (*monstrum...a monendo...uelut monestrum*), Aurélio Opilo (*ueterinam...quasi uenterinam uel uterinam, quod ad uentrem...*) e Nígídio Fígulo (*Frater est dictus quasi fere alter*).

⁵⁴⁰ Essa metodologia mostra como foram ínvios e incertos os caminhos históricos da verdade científica. O que é considerado conhecimento líquido e certo numa época pode não sê-lo em outra. Uma ciência que não questiona continuamente a si mesma e o seu método está fadada à estagnação e à falência; o que, de alguma forma, ocorreu com a etimologia clássica.

- *turma* [pelotão de cavalaria] < *terima* < *ter deni* (V, 91);
- *urna* [urna para água] < *urinare* [verter água] (V, 126);
- *uirtus* [virtude] < *uiritus* < *uir* (V, 73);
- *rutrum* [escavadeira] < *ruitrum* < *ruere* (V, 134);
- *balteum* [cinturão] < *bulteum* < *bullatum* (V, 116);
- *caseus* [queijo] < *coaxeus* < *coactum lac* [leite coalhado] (V, 108);
- *nux* [noz] < *nox*; seu sumo “escurece”, enegrece o corpo (V, 134);
- *scutum* [escudo] < *sectura* < [recortes de lâmina] (V, 115);
- *prata* [prados] < *parata*; “preparados” para o cultivo (V, 40);
- *rus* [campo] < *rursum*; “novamente” as mesmas tarefas (V, 40);
- *capra* [cabra] < *carpa*; que “colhe”/come de tudo (V, 97);
- *brassica* [couve] < *praesica* < *praeseco* [cortar folha por folha] (V, 104);
- *falx* [foice] < *far* [trigo] (V, 137);
- *indusium* [camisa feminina] < (*ut*) *intusium* [= “íntima”] (V, 131);
- *pilum* [dardo] < *perilum* < *perire* [que faz perecer] (V, 116).

5.5. AS ETIMOLOGIAS POPULARES: *VERBA APERTA*

Onomatopéias, palavras expressivas, metáforas, metonímias, catacrese, antonomásia, antífrase, trocadilhos na área das parônimas — não são esses os únicos recursos etimológicos aplicados por Varrão na prática etimológica. Seria necessário acrescentar os aportes estrangeiros e dialetais. Segundo J. Collart, Varrão apontou 162 (cento e sessenta e dois) empréstimos do grego, o que representa quase 10% do total das 1750 (mil setecentas e cinquenta) etimologias levantadas nos textos supérstites. Há ainda a considerar o sabinismo varroniano que foi fonte e critério de informações sobre as origens das palavras latinas. Além disso, há as etimologias para as quais não existe critério classificatório, geralmente correspondentes ao primeiro grau de dificuldade, ou seja, a etimologia popular. Trata-se de derivados ou compostos cujos elementos são óbvios.

Varrão chama-os de *uerba aperta* (V, 84, 92, 94, 184), pois não requerem esforço teórico para serem explicados, como, por exemplo: *uis, uitis, uinum, uindemia, uitidemia, uindemiator* [energia, videira, vinho, vindemia, vindimador] (V, 37); *ager, agrarius, agricola* [campo, campestre, agrícola] (V, 13); *equus, eques, equites, equitatus* [cavalo, cavaleiro, cavaleiros, cavalaria] (VII, 4); pertencem a essa categoria os compostos cujos radicais são facilmente descobertos: ...*uiocurus (uia-curus)*, *argentifodinae (argentum-fodinae)*: *quis non uidet unde?* [o zelador de estradas, as minas de prata: quem não percebe de onde se formam essas palavras?] (V, 7).

5.6. ONOMÁSTICA: ANTROPONÍMIA

A onomástica teve grande importância na prática etimológica antiga. Em Varrão, das 1750 etimologias, 520 concernem a nomes próprios, quer dizer, 29%.⁵⁴¹ Como uma das partes da onomástica, a antroponímia chegou a fazer-se presente nas obras gregas e latinas e também na cultura popular, como algo sagrado, quase supersticioso. Cícero, no *De diuinitate*, diz que, no momento da partida para a fundação de uma colônia, o líder cuidava de escolher um nome de bom presságio, relacionado na lista dos integrantes, para que conduzisse as vítimas do sacrifício na cerimônia prévia de purificação (*lustratio*); o mesmo cuidado tinha o almirante em relação aos seus marujos, e o censor em relação ao povo. Diz também Cícero que essa crença estava arraigada principalmente entre os pitagóricos (*De diu* I, 102-103). Sendo Varrão um historiador, apoiava-se cientificamente, e enquanto possível, na etimologia para demonstrar algum ponto histórico. Acreditava, por exemplo, que com o nome *Caere*, vila etrusca, vindo de Χαῖρε, provava-se cabalmente a afinidade entre gregos e etruscos e, conseqüentemente, a

⁵⁴¹ Segundo J. Collart, essa proporção aumenta para 75% no conjunto dos fragmentos e cai para 18% no *De lingua Latina*, devido ao próprio tipo de assunto desse tratado. Nos livros morfológicos, essa proporção deve reduzir-se muito mais por incluir menor quantidade de elementos históricos.

origem pelásgica destes.⁵⁴² No *De lingua Latina*, entre suas fontes históricas, Varrão cita um tal de Cornélio (V, 158, 150) que, segundo A. Funaioli, seria o liberto de Sila, Cornelio Epicado. Este escrevera uma obra sobre antroponímia, o *De cognominibus*, da qual resta um fragmento conservado por Carísio; nela Epicadus associava o nome de Sila à Sibila (*G. R. F.*, p. 105). Isso indica que o estudo da antroponímia despertava o interesse dos patrícios romanos. Como escritor de obras históricas, filólogo e pitagórico, Varrão estava naturalmente interessado na onomástica com suas várias ramificações: nomes de deuses (V, 73-74); prenomes de homens (*G.R.F.*, p. 331-7, fr. 323 e 48); sobrenomes de homens (Varr., *R.R.* II, 1, 10); nomes dos meses (VI, 33-34); nomes das partes do mundo: províncias, territórios, povos (V,31-33), rios (V, 29-30) e lugares históricos (V, 148-149).

A etimologia desses nomes é geralmente explicada pela metáfora, pela antonomásia, por aproximações um tanto inseguras como também pela procedência estrangeira. Entretanto, o sabinismo também aparece no domínio da antroponímia. Segundo Varrão, o uso de três nomes (*praenomen, nomen gentilicium e cognomen*) é de origem sabina (*G. R. F.*, p. 331, fr. 323). Alguns prenomes ele cita como sendo de origem sabina — *Appius, Titus (Tatius) e Numa (Pompilius)* (*G. R. F.*, p. 332, fr. 325; p. 336, fr. 344; p. 322, fr. 323) — ou grega, mas vindo através dos sabinos — *Ancus* (Ἀγκών). Prenomes etruscos são: *Lars* < *Lares* e *Lucius* (etrusco ou sabino) (VI, 5 e VII, 77). De outros prenomes Varrão assinala o aspecto metafórico, como, por exemplo:

- *Gnaeus* [grão de beleza] = característica física (*G. R. F.*, p. 333, fr. 330);

⁵⁴² Segundo A. Bailly (Bailly, 1950, 2114), Χαῖπε é uma saudação equivalente a *Salus! Salve!*. Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 295), trata-se de uma aproximação fantasiosa: *Varro putat Caere oppidum Etruriae a Pelasgis, cum sitientes inuentum flumen proximum ...salutassent χαῖπε....atque ea causa id uocabulum oppido datum* [Varrão acredita que Caere era uma cidade da Etrúria, originária dos Pelásgios, visto que os ádvenas, sedentos, saudaram com “salve!” o rio próximo ali encontrado e, por esse motivo, o mesmo nome foi dado à cidade] (*G.R.F.*, p. 347, fr. 383).

- *Faustus* [o favorecido] = qualificativo augural (*G. R. F.*, p. 333, fr. 328);
- *Hostus* [estrangeiro] = procedência geográfica (*G. R. F.*, p. 333, fr. 331);
- *Marcus* [o nascido em março, dedicado a *Mars*] = uma circunstância do nascimento (*G. R. F.*, p. 334, fr. 335);
- *Octauus* [o oitavo] = um número de ordem na linha de geração (IX, 60).

Devido à sua própria procedência camponesa, Varrão parece destacar os nomes e sobrenomes de cor local. No *De re rustica*, consagra um parágrafo a nomes gentílicos provindos de nomes de animais — *Porcius*, *Ouinus*, *Caprilus*, *Equitius*, *Taurius* — como também sobrenomes do mesmo tipo — *Capra*, *Taurus*, *Vitulus* (Varr., *R.R.* II, 1, 10). Do mesmo gênero são estes nomes dados a certos personagens do *De re rustica*: *Scrofa* [porca] (*R.R.*, II, 1, 2): *Merula* [melro], *Pica* [pega, ave], *Pauo* [pavão] e *Passer* (*R.R.*, III, 2, 2). Não eram raros os nomes de pessoas tirados de plantas e animais. O nome gentílico de *Fabius* prendia-se a *faba* [fava] e os sobrenomes *Lentulus*, *Cicero* e *Stolo* aludiam, respectivamente, a *lens* [lentilha], *cicer* [grão de bico] (*G. R. F.*, p. 339, fr. 355) e *stolo* [rebento, broto].⁵⁴³ J. Collart relaciona vários cognomes que marcavam uma característica corporal:

- *Plautus* ou *Plancus* [pé chato], um defeito;
- *Scaurus* [pé aleijado], um defeito;
- *Scaevola* [canhoto], uma característica;
- *Rufus* [ruivo], a cor dos cabelos);
- *Pictor* [pintor], um ofício;
- *Bubulcus* [boieiro, vaqueiro], um ofício;
- *Postumus* [nascido após a morte do pai], uma circunstância;
- *Agrippa* (*aegre partus*) [nascido com dificuldade], uma circunstância.

⁵⁴³ No *De re rustica* assim Varrão justifica o cognome *Stolo*: *quod effodiebat circum arbores e radicibus quae nascerentur e solo, quos stolones appellabant* [...porque ele arrancava, o que, ao redor das árvores, nascia de suas raízes e saía do solo, o que chamavam *stolones* (brotos, rebentos)] (*R.R.* I, 2, 9).

J. Marouzeau observa que a antroponímia romana se apoiava em fatos, costumes e crenças de um povo de camponeses. Era descritiva e exata, mas sem imaginação, se comparada com a grega (Marouzeau. J. *Le latin, dix causeries*. Toulouse-Paris, Privat-Didier, 1927, p. 156-7, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 298). Com referência à antroponímia varroniana, a afirmação daquele autor é significativa, pois ela focaliza os elementos campestres. Há, porém, outro aspecto. Como historiador, Varrão estava vivamente interessado na etimologia dos nomes próprios, visto que esta lhe permitia esclarecer tópicos da história romana, inclusive a preponderância do fator sabino. Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 299), é extraordinária a abundância de dados concernentes a nomes próprios contidos nos fragmentos varronianos. Maior abundância deveria ter havido em sua grande obra histórica, o *Antiquitates rerum humanarum et rerum diuinarum*, vasto repertório de onomástica, do qual se serviram fartamente Aulo Gélcio, Tertuliano, Agostinho e tantos outros, como fonte de informações, estudos críticos e reflexões teológicas.

Concluindo este estudo sobre a etimologia varroniana, cumpre lembrar que houve quem dissesse que os livros etimológicos (V, VI e VII) teriam sido originariamente obra de Élio Estilão, mestre de Varrão (R. Reitzenstein, *Varro und Johannes Mauropus von Euchaita*. Leipzig: Teubner, 1901, p. 31-4, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 300). Segundo H. Dahlmann (Dahlmann, 1932, p. 16-23, 36, 38, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 277), Élio teria trabalhado em um *Etimologikon* grego — de inspiração pitagórica e metodologia estoica —, traduzindo-o e adaptando-o. Na verdade, muitos filósofos e filólogos gregos e latinos anteriores a Varrão já haviam palmilhado o caminho da etimologia. Ele não mostra nenhuma pretensão de tê-lo descoberto. Ao contrário, revela ética autoral, pois cita um grande número desses antecessores que, direta ou indiretamente, se haviam empenhado em assentar bases teóricas e práticas, na tentativa de tornar a etimologia uma ciência. Eis uma lista desses nomes, exaustiva, e, de alguma forma, já apresentada no capítulo VIII, mas aqui necessária como argumento a favor da lisura autoral varroniana: Pitágoras, Platão, Demócrito, Aristóteles, Zenão, Epicuro, Cleanto, Crisipo, Crates, Aristófanes de Bizâncio, Aristarco, Catão (censor), Ateio Pretestato,

Hipsícrates, Cornélio Epicado, Cévola (jurista), Marco Júlio Gracano (Pontífice), Manílio, Flaco (flâmine), Vólnio (especialista em etruscologia), Marco Fúlvio Nobílior (cônsul), Lutácio Cátulo, Lúcio Calpúrnio Pisão Censório (cônsul) e o mestre Élio Estilão. Varrão cita também obras cujos conteúdos constituíam o patrimônio cultural romano: os *Livros dos Áugures*, dos *Pontífices*, o *Ritual dos Argeus*, os *Comentarii consulares*, o *Commentarium uetus anquisitionis*, as *Glossae*, os *Annales*, os *Annales ueteres nostri*, as *Leges*. Comenta com grande reverência os poetas latinos: Lívio Andronico, Plauto, Ênio, Nêvio, Pacúvio, Terêncio, Ácio, Lucílio, Manílio, Seio Nicanor e outros menores. Além disso, tivera, presumivelmente, como homem de projeção na vida intelectual e política, contatos verbais, orais ou escritos, diretos ou indiretos, embora não registrados, com pessoas de sua época de influência no campo da filosofia e das letras, tais como Posidônio, Tirânio, Dionísio Trácio, Lucrécio, Nigídio Fígulo, César e Cícero. Se compilou, cabe entender que Roma precisava urgentemente assimilar o cabedal do helenismo, para não deixá-lo perder-se. Se cometeu falhas no fazer etimológico, isso deve ser debitado à metodologia herdada dos estóicos, da qual, pela lei do determinismo literário ou científico, dificilmente poderia escapar, apesar de ter praticado seu direito de reclamar.⁵⁴⁴ Não obstante, Varrão imprimiu originalidade ao seu trabalho etimológico em vários itens: reuniu um material lingüístico disperso numa síntese própria de grande valor para a posteridade; relatou, relacionou e unificou uma grande quantidade de fontes antigas e contemporâneas; imprimiu uma nítida tendência pessoal, o sabinismo, na pesquisa das origens do latim; fundiu etimologia e história; por último, mas não o último: retirando esse material etimológico do isolamento em que se encontrava, fez a súmula de tudo e articulou-a numa obra gramatical de caráter enciclopédico, o *De lingua Latina*, que serviu de primeiríssima referência a todos os lingüistas do império romano,

⁵⁴⁴ Varrão resistia a essa teoria estóica, pela qual o filólogo tinha de achar solução para explicar a origem de todas as palavras.

passando por Isidoro de Sevilha, e, daí, até aos humanistas da Renascença.⁵⁴⁵

⁵⁴⁵ As influências de Varrão na Idade Média e no Renascentismo foram estudadas por J. H. Waszink (Waszink, 1976, p. 198-209), por J. Ijsewijn (Ijsewijn, 1976, p. 225-42) e por J. Stefanini (Stefanini, 1978, p. 185-92).

METALINGUAGEM NAS OPERAÇÕES MORFOLÓGICAS

Juntamente com o estudo que Varrão desenvolveu sobre a etimologia do léxico latino, o da morfologia constitui o momento mais expresso de metalinguagem da língua latina. E é precisamente na hékada morfológica (livros VIII a XIII) que se encontra a maior parte da doutrina gramatical de Varrão; ele a divide em duas partes: uma tríade teórica (livros VIII a X) e uma tríade prática (livros XI a XIII). O presente capítulo estrutura-se nessas duas partes. Na parte teórica serão apresentados os seguintes temas: o objeto da morfologia (a *declinatio*), o plano varroniano, as origens da querela anomalia-analogia, os argumentos de ambas as partes, a solução varroniana e a própria existência da controvérsia. Na parte prática, depois de examinar os conteúdos dos livros morfológicos, discorrer-se-á sobre as partes do discurso (*partes orationis*), ou seja, sobre a morfologia do nome (gênero, número, grau, casos, declinações, numerais, pronomes), do verbo (pessoas, tempos, modos, vozes, formas nominais, conjugações, aspectos), das palavras invariáveis, do particípio e das derivações (prefixos e sufixos) — temas que hoje, transcorridos dois mil anos, ainda se encontram na pauta das gramáticas das línguas.

1. MORFOLOGIA: PARTE TEÓRICA

Os livros VIII, IX e X do *De lingua Latina* tratam da parte teórica do que se chama hoje Morfologia, palavra que Varrão desconhece.⁵⁴⁶ Os livros XI, XII e XIII, que tratariam da parte prática da morfologia e que completariam a hékada, perderam-se. O que restou, porém, apresenta uma construção coerente e seqüencial, sendo suficiente para dar uma idéia da doutrina do erudito reatino.

⁵⁴⁶ A. Bailly (1950) não registra o termo “morfologia” em grego, como o faz para a ἑτυμολογία ou ἑτυμολογική.

1.1. OBJETO DO ESTUDO MORFOLÓGICO: *DECLINATIO* E SINCRONIA

Se o estudo das origens do léxico, que constitui a Etimologia, é, por natureza, diacrônico, porque se vincula às vicissitudes da história da língua, o das formas é, preponderantemente, sincrônico, porque se prende ao sistema lingüístico, entidade vigente em função do aqui-agora da língua, que, por sua vez, responde às necessidades imediatas da comunicação.

No começo do livro VIII Varrão mostra: *quo pacto de his declinata in discrimina ierint* [como a partir dessas formas primitivas (*imposita*) as formas flexionadas (*declinata*) chegaram às suas diversas modificações secundárias (*discrimina*)] (VII, 1). Diz, com simplicidade didática: *rectum homo, obliquum hominis, quod declinatum a recto* [*homo* é reto, *hominis* é oblíquo, porque se declina a partir do reto]. E dá outros exemplos, com uma forma verbal, fazendo entender que a mudança de tempo, ou seja, do presente do indicativo para o pretérito perfeito, é uma *declinatio*, uma flexão: *lego > legi* [leio, li] (VIII, 3). Somente no livro X ele vai dar a definição de declinação: *Declinatio est, cum ex uerbo in uerbum aut ex uerbi discrimine, ut transeat mens, uox commutatio fit aliqua* [Há flexão quando, passando de uma palavra para outra ou partindo da diferença de uma forma, se produz alguma variação na sua articulação, com a finalidade de informar uma mudança de significado] (X, 77). Na *declinatio* engloba-se todo fato articulatorio da língua: declinação, conjugação e derivação. Varrão julga o sistema flexional necessário a todas as línguas, por motivo de economia. A memória não articularia tanta variedade de formas e sentidos; era preciso haver traços de semelhanças entre eles (VII, 3). Varrão adota o cálculo de Coscônio (*ut Cosconius scribit*): havendo cerca mil palavras primitivas (*primigenia*), e cada uma delas produzindo quinhentas declinadas, resulta um total de quinhentas mil palavras entre declinadas, conjugadas e flexionadas (VI, 36), cifras em que certamente o erudito reatino não acreditava. Ele mesmo fala de um número infinito, quer dizer, incalculável, de formas derivadas: *Qua enim ratione in uno uocabulo declinare dediceris, in infinito numero nominum uti possis* [Quando tiveres aprendido quais são os princípios que se utilizam na declinação de uma palavra, poderás aplicá-lo em um incontável número delas] (VIII, 36). Essa discussão numérica parece banal para o lingüista

moderno, mas na época, ela decorria de um outro debate de grande vulto: a analogia e a anomalia da língua, em função da qual Varrão expõe sua doutrina e seu plano sobre a morfologia e fundamenta sua gramática.

1.2. O PLANO VARRONIANO: TEÓRICO, PRÁTICO E POLÊMICO

Distinguir teoria e prática, polemizar o assunto no esquema *pro*, *contra*, *de* e propor a sua solução conciliadora — parece ter sido esse o plano geral do autor na apresentação da morfologia. Se nos seis livros etimológicos (1.^a héxada) Varrão estudara a origem do léxico, nos seis seguintes (2.^a héxada) ele vai desenvolver questões de morfologia, em cuja base está a *declinatio* ou flexão das palavras. Se a *impositio* cria o léxico e motiva o seu estudo histórico, que constitui objeto da etimologia, a *declinatio* gera o sistema multiplicador da língua que é uma operação morfológica, sincrônica. Ao fundo, subjaz a questão da anomalia e da analogia, fundamental para o entendimento da doutrina gramatical varroniana. A anomalia justifica a *impositio*, enquanto vontade, criatividade, uso, liberdade; ela reúne os que apóiam a livre evolução da língua; entretanto, esse princípio, ao acentuar unilateralmente o valor da *dissimilitudo*, isto é, dos aspectos irregulares e centrífugos, oferece o risco de trazer inconsistência à língua e esgarçadura ao tecido do discurso. Já a analogia é *similitudo*, *declinatio*, disciplina, sistema, estrutura, proporção, norma, regra, racionalização e economia dos recursos da língua, que torna sua articulação possível e estável; atuando, porém, isoladamente, levaria à estagnação e ao empobrecimento da língua. Portanto, as duas devem presidir o ato verbal de modo simultâneo, e essa é a meta conciliadora de Varrão.

Ele introduz também uma distinção entre a *declinatio uoluntaria* e a *declinatio naturalis*. A primeira se caracteriza por ser uma *impositio* secundária, isto é, não de palavras primitivas (*primigenia*), mas, sim, de palavras derivadas; essa *declinatio a uoluntate ou uoluntaria* se alinha ao princípio da anomalia, na medida em que significa liberdade para criar palavras derivadas e em caso reto. A segunda, a *declinatio naturalis*, que é a *declinatio* propriamente dita, enquadra as palavras criadas no sistema

flexional da língua, o que não depende da vontade do criador dos vocábulos. Vê-se, portanto, que analogia e anomalia subsistem como princípios perenes, solidários e dinâmicos da língua, garantidores de sua coesão.

Como se verifica, o teor da questão, polarizada no jogo da *impositio-declinatio*, *declinatio uoluntaria-declinatio naturalis*, *anomalia-analogia*, impôs, por si, um plano polêmico na apresentação da morfologia. Primeiramente, Varrão distingue teoria e prática. Afirma que o problema das flexões fora objeto de numerosos tratados, tanto dos gregos como dos romanos (dos quais, porém, não se tem notícia): *de eo Graeci Latinique libros fecerunt multos* [sobre essa matéria gregos e romanos escreveram muitos livros] (VIII, 23); e projeta seu estudo morfológico inserido como importantíssima peça de gramática no *De lingua Latina*. Assim, consagra seis livros às flexões: três à teoria flexional (livros VIII, IX e X) e três aos aspectos práticos morfológicos (livros XI, XII, XIII). Num segundo momento, apresenta a controvérsia no esquema: *contra, pro, de*. O livro VIII reúne os argumentos daqueles que são contra a analogia, isto é, os argumentos dos anomalistas contra a língua como sistema; o livro IX mostra os argumentos dos que são contra a anomalia, portanto, dos analogistas contra os teóricos que negam que a língua seja regida por regras; o livro X é conciliador; se os dois anteriores são polêmicos, este livro X é doutrinário, voltado para a teoria gramatical correta, capaz de examinar o que há de verdade na anomalia e na analogia (VIII, 24).

Como se observa, esse plano obedece a uma intenção de tornar polêmico o assunto, dar-lhe mais atrativo. Ele teria sido sugerido ou pela mística dos números, ou pelo conhecido esquema retórico de tese - antítese - síntese, ou pelo propósito varroniano de se colocar como árbitro na questão, conciliar opostos e realçar sua doutrina; ou, finalmente, pelos três motivos juntos. Antes de continuar o estudo da *declinatio*, cumpre analisar os percalços desse debate, do qual, aliás, Varrão é a única fonte informativa, pois, conforme acima mencionado, os livros escritos, segundo ele, por gregos e latinos, perderam-se.

1.3. ORIGENS DA QUERELA ENTRE A ANALOGIA E A ANOMALIA

A causa distante dessa querela, segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 135), é a primitiva confusão nas áreas de competência dos filósofos e filólogos gregos. Como já visto, a gramática, na sua gênese, era auxiliar da filosofia, da crítica e da retórica. Estava distante ainda do conceito então vigente de ciência. Tomando, porém, consciência de si e de seu objeto, a gramática desprende-se gradativamente da tutela dessas disciplinas. A oportunidade para ela se promover ocorreu quando surgiu em Atenas, em nível filosófico, a primeira reflexão sobre linguagem — que se tornou uma longa querela. Como já estudado, discutia-se se a origem da língua era natural/φύσις — as palavras representam a essência das coisas — ou convencional/θέσις — elas são produto de contrato social consagrado pelo uso. Como se verificou no capítulo XI, alimentando esse debate e fazendo parte da gramática, a etimologia servia aos filósofos um repertório de casos concretos de palavras para fundamentar determinada argumentação. Já em pleno helenismo, com o aumento do interesse na crítica de textos, a gramática alargou seus horizontes, iniciando o estudo das formas, principalmente no campo da fonética e da morfologia, para prestar melhores subsídios na abordagem dos textos literários. O debate θέσις-φύσις, que fora tão marcante, acabou sendo superado e substituído por um outro, o da analogia e anomalia, concebido no mesmo espírito polêmico, e, às vezes, chegando à diatribe.⁵⁴⁷ Alguns estudiosos, atentos às declinações e conjugações, aproximavam palavras a paradigmas, evidenciando o que havia de semelhante na articulação da língua (analogia, semelhança). De modo geral os analogistas consideravam a linguagem como uma criação convencional, cujos elementos o homem pode conhecer e comutar, como

⁵⁴⁷ As polêmicas intelectuais da antiguidade greco-romana envolvendo φύσις e θέσις, aticismo e asianismo, analogia e anomalia, Lucílio e Áccio em torno da ortografia, Labeão e Capitão sobre o direito, Pérgamo e Alexandria e as escolas e doutrinas, de modo geral, lembram as controvérsias em torno de estéticas: românticos e realistas (Questão coimbrã), o modernismo europeu no início do século XX, os conservadores e modernistas de 1922 no Brasil etc.

um instrumento útil. Outros, atentos à multiplicidade dos paradigmas e aos numerosos ‘casos de exceção’, afirmavam a futilidade das regras e dos princípios gerais; declaravam que a anomalia, a “a-norma”, reina sobre a linguagem, isso porque esta é uma criação perfeita e superior, que não se submete a regras que pretendam dirigir sua práxis.

Essa polêmica deu-se entre os dois grupos de estudiosos — de formação e preocupações intelectuais diferentes —, centralizando-se, naturalmente, nos líderes. Os partidários da anomalia⁵⁴⁸ eram, geralmente, os estóicos, marcados por uma longa tradição e profissionalização na reflexão lingüística e filosófica. Como antigos partidários da teoria da origem natural da língua (φύσις), eles haviam desenvolvido a dialética, que consideravam a ciência do verdadeiro. Julgando Aristóteles complicado, aboliram o *distinguo* estabelecido pelo estagirita nas *Analíticas*, distanciando-se da lógica exposta nos *Tópicos* (Collart, 1954, p. 136). Em contrapartida, a dialética estóica estava atenta a tudo o que podia ser traduzido em discurso. Segundo os estóicos, a célula do discurso é a sentença (unidade lógica) que se estrutura na frase (unidade gramatical). Explica-se, portanto, o interesse com que estudaram a gramática,⁵⁴⁹ não tanto como fim e, sim, como meio para aperfeiçoar a lógica formal, e esta,

⁵⁴⁸ Segundo o gramático Probus (*apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 135-9), a anomalia é definida como um acidente em relação a um paradigma estabelecido: *anomalia est miscens uel inmutans aut deficiens ratio per declinationem* [anomalia é um sistema que consiste em misturar, transformar ou suprimir elementos através de um mesmo paradigma]; misturar, exemplo: *iugera*, gen. pl. *iugerum*; transformar, exemplo: *Iuppiter*, gen. *Iouis*; suprimir, exemplo: *hoc nefas*, gen. *huius nefas*. Onde, para o gramático, havia um desses processos, mistura, transformação ou supressão, ali havia anomalia.

⁵⁴⁹ Há dois passos, um de Posidônio e outro de Crisipo, conservados por Diógenes Laércio, definindo dialética; do primeiro: “Dialética é, pois, segundo Posidônio, a ciência que permite distinguir o verdadeiro do falso e do indiferente; ela tem por objeto, como diz Crisipo, o significado e o significante”; do segundo: “A dialética comporta duas partes, a primeira concerne ao significado e a outra à matéria da expressão (= significante)”. Cf. Posid. et Chrys. *Ap. Diog. Laert.* VII, 42 e 43. (A tradução é de minha responsabilidade).

para subsidiar a dialética.⁵⁵⁰ Assim, as obras gramaticais dos estóicos, que foram abundantes, constituem gramáticas ‘orientadas’, tanto que, em Diógenes Láércio, as monografias sobre o que seria gramática se classificam como Λογικοί, reunidas às obras de lógica formal.⁵⁵¹

1.4. O DEBATE ENTRE ANALOGISTAS E ANOMALISTAS

Embora a analogia esteja em vantagem doutrinária, não há nenhum triunfalismo por parte dos analogistas. Ao contrário, postam-se tranqüilos na retaguarda, refutando os argumentos dos anomalistas, que, nervosos, exibem certa agressividade.

1.4.1. OS ANOMALISTAS NO ATAQUE: BASE FILOSÓFICA

O livro VIII expõe a doutrina anomalista dos estóicos. Transparece nele um forte teor de intransigência doutrinária, alimentada pela técnica dialética. Eles expõem, não sem violência, os argumentos mais comuns: a analogia é contrária à natureza, ela não responde ao critério de utilidade, de clareza, brevidade e beleza. A analogia é reguladora, mas a anomalia é soberana no uso da língua. Regra e uso se contrariam; portanto, não há regra nem analogia. As formas defectivas ou aberrantes, as formas duplas (*ciuitatium* / *ciuitatum* — VIII, 66), os aportes estrangeiros (*Hectorem* com o breve e *praetorem* com o longo — VIII, 72), as aproximações

⁵⁵⁰ Mesmo assim, encontram-se em Diógenes Laércio vários títulos que apontam para estudos gramaticais feitos pelos estóicos: De Cleanto (*Dos predicados, Dos termos ambíguos* — Cleanth, VII, 175); de Esfero (*Dos predicados* — Sphaer., VII, 178); de Crisipo (*Os cinco casos, Os nomes comuns, Os termos singular e plural, Os verbos ativos e passivos, Os solecismos, Contra o uso, A favor do uso* — Chrys. VII, 191-192 e 198). Desses estudos restam poucos fragmentos, além de que sua localização é incerta. Isto obriga o pesquisador a respaldar-se em Varrão, cuja documentação é, no estado atual, a mais próxima, embora de segunda mão; cf. J. Collart (Collart, 1954, p. 138).

⁵⁵¹ Diógenes Laércio (*Chrys.* VII, 189-198 e 199-201, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 136), localiza os trabalhos de Crisipo que tratam de etimologia na rubrica de Ἑτικαί, junto com os tratados de moral e de filosofia geral.

forçadas (*lupus* da 2.^a e *lepus* da 3.^a declinação — VIII, 68) são, todos, elementos argumentativos trazidos pelos anomalistas. O tom polêmico destes parece incisivo e arrogante, como no passo que segue: *Praeterea quoniam utilitatis causa quaeque res sit inuenta, si ex ea quis id sit consecutus, amplius eam scrutari sit nimium otiosi, et cum utilitatis causa uerba ideo sint imposita rebus ut eas dignificent, si id consequimur una consuetudine, nihil prodest analogia* [Ademais, se alguém conseguiu atinar, a partir de uma coisa, que esta (a língua) foi criada por causa de sua utilidade, levar mais a fundo essa pesquisa é ocioso (= é próprio de quem dispõe de demasiado tempo livre...). E sendo por uma razão de utilidade que os nomes foram impostos às coisas para que eles as representem, se nós os entendermos somente pelo uso, de nada serve a analogia] (VIII, 27). Os anomalistas dizem que a analogia, para ser válida, teria que abranger a totalidade da língua. Assim, não é possível dizer que um etíope é branco pelo fato de possuir dentes brancos: “Portanto, a analogia não existe” (VIII, 38). Em outros passos eles chamam os analogistas de insanos (*pro insano sit reprehendendus* — VIII, 33), descarados e insolentes (*impudentes* — VIII, 41), em outras palavras, ousados.

1.4.2. OS ANALOGISTAS NA DEFESA: BASE FILOLÓGICA

Os analogistas não eram filósofos profissionais. Eram, na maioria, filólogos, críticos e eruditos da escola de Alexandria. Partidários da teoria da origem da língua como convenção, *θήσις*, eles estudavam a gramática por ela mesma, independentemente de polêmicas filosóficas, para atender às necessidades práticas e torná-la uma ciência. A analogia era um método de análise praticado normalmente na Academia e no Liceu. Platão falava desse método como aplicável às ciências matemáticas (*Tim.* 31 c, 32 c); donde passou para outras ciências. Aristóteles estendia-o à zoologia e à gramática (*Nic.* I, 10). Teofrasto, seu discípulo, aplicava-o à botânica e à medicina (*Hist. plant.* IV, 1). Confirmando essa tradição, Varrão também explica que a analogia gramatical se apóia nas relações (pitagóricas) de proporção aritmética (X, 43). Se este princípio foi rejeitado pelos filósofos estóicos, ele foi recebido pelos alexandrinos, enquanto filólogos. Isso ajuda a esclarecer as causas longínquas da querela analogia-anomalia e ao mesmo

tempo a entender a metodologia mais científica e menos filosófica que os alexandrinos imprimiram ao estudo da gramática. Dionísio Trácio, meio alexandrino, dizia que a “consideração da analogia” é parte importante da língua.⁵⁵² E, segundo Carísio, Aristófanos de Bizâncio já havia estabelecido cinco critérios para reconhecer a relação analógica entre palavras: a) a mesma categoria, isto é, verbo, nome etc.; b) o mesmo caso; c) a mesma desinência; d) o mesmo número de sílabas; e) o mesmo som; f) a mesma estrutura: palavras simples ou compostas (*Char.*, p. 149, K. Barwick).

1.4.3. O TOM MODERADO E CONSTRUTIVO DOS ANALOGISTAS ALEXANDRINOS

Se o livro VIII é inspirado na argumentação estóico-anômala, o livro IX fundamenta-se na dos analogistas alexandrinos, cujo tom é mais tranqüilo e moderado, porém, mais construtivo. Aristarco, por exemplo, não tem, em princípio, uma atitude hostil à anomalia; ao contrário, ele reconhece a força do uso na língua (IX, 1). O livro IX, de modo geral, constitui uma resposta honesta aos ataques dos anomalistas no livro VIII. Enquanto os anomalistas são intransigentes com a analogia, os analogistas abrem concessões à anomalia e argumentam de forma disciplinada e racional. Esta, porém, tem alguma exceção, como neste passo em que a ironia se infiltra na argumentação e eles chegam a qualificar os anomalistas de “retardados”: *Quis est tam tardus qui illas quoque non animaduerterit similitudines...*[Quem é tão lento de espírito que não tenha observado aquelas outras equivalências ...] (IX, 32); e neste outro: *...et si in minore parte sit, tamen sit, nisi etiam nos calceos negabunt habere, quod in maiore parte corporis calceos non habemus* [...mas ainda que ocorresse em menos ocasiões, a analogia continuaria existindo; a não ser que afirmassem que nós não possuímos sapatos porque na maior parte do corpo não temos sapatos] (IX, 45). Esse argumento dos ‘sapatos’ parece ser

⁵⁵² Dionísio Trácio (*Ars gramm.* 1, p. 6, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 143) usa a expressão: ἀναλογία ἐκλογισμός (= consideração da analogia).

uma resposta à altura dos argumento (anomalista) dos ‘dentes brancos do etíope’ (VIII, 38).

1.5. A GRAMÁTICA DE TEXTO ALEXANDRINA: PARTE NOBRE

É importante notar que o interesse dos alexandrinos analogistas no estudo da gramática ia para além das formas da língua. Centrava-se na crítica textual literária, que, no dizer de Dionísio Trácio, autor da *Tέχνη γραμματική*, é a parte mais nobre da gramática.⁵⁵³ A propósito, observa-se que Dionísio não faz nenhuma alusão à querela analogia-anomalia, o que, talvez, se explique pelo fato de ser sua obra de interesse pedagógico ou de ser Dionísio pertencente ao ambiente filológico de Rodes, mais distanciado ou isento daquela polêmica.⁵⁵⁴

1.6. CRONOLOGIA DA CONTROVÉRSIA

Quanto à cronologia dessa querela, é difícil estabelecê-la, por falta de documentação anterior a Varrão. Este cita nomes, mas não se preocupa com datação. Vejam-se os nomes dos estudiosos mais relacionados com ela.

1.6.1. CRATES DE MALOS

O momento mais acirrado parece ter envolvido as figuras de Crates de Malos e Aristarco de Samotrácia. Como aquele mestre estóico se encontrava em Roma em 170 a. C., o auge desse debate deve ter ocorrido em meados do

⁵⁵³ Dionísio Trácio (*Ars gramm.* 1, *apud* J. Collart, 1954, p. 143) diz: ...χρίσις ποιημάτων, ὃ δὴ καλλίστον ἐστὶ πάντων τῶν ἐν τῇ τέχνῃ. [A crítica dos poetas é o que de mais nobre existe na técnica da gramática]. Essa visão alexandrina do estudo da gramática parece estar próximo da mentalidade gramatical moderna: a gramática é função do texto, oral ou escrito, especialmente do “poético”, no sentido de criativo-representativo, portanto, poesia ou prosa. Já a visão gramatical estóica se coadunaria às necessidades de outros tipos de textos, principalmente os interpretativo-argumentativos.

⁵⁵⁴ F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 68) informa que o alexandrinismo de Dionísio Trácio em Rodes recebia influências estóicas, o que fazia dele um meio-estóico.

século II a. C. Por outra, sabendo-se que no Pórtico se sucederam Zenão, Cleanto, Crisipo, Diógenes de Babilônia etc., que Crates fora discípulo desses dois últimos, e, ainda, que Varrão cita Cleanto como oponente de Aristóфанes de Bizâncio (V, 9), conclui-se que, embora menos aguda, a questão já remontava à segunda metade do século III a. C. Para confirmar essa aproximação, há a figura de Crisipo que viveu entre 280 e 204 a.C. Esse criador da dialética estóica parece ter sido um espírito belicoso, a julgar pelos títulos de várias obras dirigidas “contra” algum personagem ou teoria, conforme observado por Diógenes Lécio.⁵⁵⁵ É possível que Crates tenha assimilado esse tom polêmico nos ataques a Aristarco e aristarquianos, que, por sua vez, também ‘retezavam seus arcos’ para se defenderem (VIII, 63). Varrão mesmo não comenta a transposição desse debate para Roma, pois só cita autores gregos.

1.6.2. A CONTROVÉRSIA EM ROMA; ATÉ SEXTO EMPÍRICO

Suetônio (*De gramm.* 1), porém, e Aulo Gélcio (*N. A.* II, 25) confirmam a existência da controvérsia em Roma; esse último considerava-a assunto trivial ou ‘lugar comum’ nos meios filológicos e literários romanos. Cem anos depois do erudito reatino, Quintiliano acendia a discussão, dizendo, ironicamente, que a analogia é fenômeno inerente à língua e que estava sempre vinculada ao uso.⁵⁵⁶ E cem anos depois de Quintiliano, Sexto

⁵⁵⁵ Diog. Laert. VII, 198: ...πρὸς τὸ Ἀρκεσιλάου μεθόδον [contra o método de Arquísilau].

⁵⁵⁶ Quintiliano (*Inst. orat.* I, 6, 16, *apud* J. Collart — Collart, 1962, p. 117-40), segundo Collart, era admirador de Varrão, cita-o vinte e três vezes; César e Nígídio Fígulo são citados quatro vezes e Palêmon uma vez. Eis o modelar texto de Quintiliano que insiste em que a gramática não existe *a priori*, ao contrário, ela está em função do uso, é posterior a ele, que é o fato primeiro: *Non enim cum primum fingerentur homines, analogia demissa caelo formam loquendi dedit, sed inuenta est postquam loquebantur, et notatum in sermone quid quo modo caderet. Itaque non ratione nititur sed exemplo, nec lex est loquendi, sed obseruatio, ut ipsam analogiam nulla res alia fecerit quam consuetudo* [Com efeito, não foi no momento em que os homens foram criados que a analogia, caindo do céu, deu sua forma à língua. Ela foi inventada depois que eles começaram a falar e perceberam como as coisas se flexionavam na língua. Assim,

Empírico tentará ressuscitar a querela, como fervoroso partidário da anomalia (*Adu. gramm.* I, 98).

Poder-se-ia esperar que Varrão citasse seus mestres Áccio e Élio Estilão, como também o amigo Cícero como participantes da querela sobre a analogia e a anomalia. Varrão, porém, não os envolve na polêmica. Antes, ele emprega formas verbais genéricas e repetidas, para indicar a existência de debatedores: *aiunt, dicunt, inquiunt, negant, reprehendunt*, cujos actantes podem ser gregos e romanos. Aliás, são até propositadamente confundidos, pois, segundo ele, a língua dos romanos têm as mesmas estruturas que a língua dos gregos (IX, 32). Entretanto, parece haver uma exceção. Ele cita L. Cornélio Sisena, político, orador e historiador, que viveu de 119 a 67 a. C. Discutindo o uso da locução nominal *pater familias* (genitivo arcaico), o texto varroniano esclarece que o plural deveria ser *patres familiarum*, forma analogicamente correta e atestada por Sisena: *Item plures patres familias dicere non debuerunt, sed ut Sisenna scribit, patres familiarum* [De igual modo, não deveriam empregar o plural *patres familias* (pais de família) e sim, como escreve Sisena, *patres familiarum* (pais de famílias)] (VIII, 73). Por esse detalhe, é possível caracterizar o espírito de Sisena como o de um adepto da analogia.⁵⁵⁷ Foi, porém, necessário esperar um século para se obterem mais informações sobre a presença de outros debatedores romanos na discussão da analogia no tempo de Varrão. Quintiliano, por exemplo, cita Cícero (*Inst. orat* I, 6, 18 César e Augusto (I, 6, 19) e Antônio Gnifo (I, 6, 23). Mas como os informes sobre a postura deles na querela são muito parcos, seria necessário complementar com o exame de obras ou fragmentos desses autores, o que também levaria a resultados decepcionantes, pelo fato de que as indicações repousam sobre formas oscilantes no uso da época. Por exemplo, segundo o

ela se apóia não num princípio mas em exemplos; nem há uma lei da linguagem, mas o resultado da observação, de forma que nenhuma outra coisa terá originado a analogia a não ser o uso].

⁵⁵⁷ F. Cavazza (Cavazza, 1981, p. 134) comenta que Cornélio Sisena, além de historiador, foi gramático e orador, adepto convicto, respectivamente, do analogismo gramatical e do aticismo retórico. Cf. também J. Blaensdorf (Blaensdorf, 1988, p. 145).

passo de Quintiliano, Antônio Gnifo, mestre de César, estabelece que se deve dizer *robur* (carvalho) e *ebur* (marfim), com seus plurais perfeitamente analógicos, *robura* e *ebura*. Seria ele, por isso, um analogista?⁵⁵⁸ Segundo Aulo Gélcio, Élio Estilão e Sínio Capitão, o jurista contemporâneo de Varrão, usam não *plura* e *complura* e sim *pluria* e *compluria*, formas analógicas de *omnia* (N. A. V, 21). Seriam por isso analogistas? No entanto, Cícero registra que Élio era um estóico, e, por coerência, um anomalista.⁵⁵⁹ Nigídio Fígulo admite o pretérito perfeito *memordi* (em vez de *momordi*) e a forma *facitur* (em vez de *fit*). Sendo ele um pitagórico, era partidário da língua *φύσις*; assim, alinhado por esse aspecto aos estóicos, Nigídio seria um anomalista. Além do mais, ele apoiava o uso da língua, popular e diversificado, motivo por que seria também um anomalista. Por outro ângulo, por adequação ao espírito doutrinário de normalização, isto é, de ver o discurso e a língua como impregnados da *proportio* e da *ratio*, Nigídio estaria filiado à analogia. Como se observa, a caracterização segundo os parâmetros da analogia ou anomalia não era evidente. Quanto a Augusto, em carta a César, citada por Quintiliano, o futuro príncipe observa que ele próprio prefere a forma *calidum* a *caldum* (quente), por ser mais eufônica.⁵⁶⁰ Isto quer dizer que para o missivista era importante o efeito sonoro da palavra.

⁵⁵⁸ Quintiliano (*Inst. orat.*, I, 6, 18) tende a usar as formas anômalas *robor* e *ebor*. Também Lucrécio usava a forma *robor* (R.N. II, 1131).

⁵⁵⁹ No entanto, Élio é um estóico, como informa Cícero: *Idem Aelius Stoicus esse uoluit* (Br. 205). Por isso, Élio estaria alinhado aos anomalistas. Segundo Suetônio (*De gramm.* 2), ele estivera em Rodes com Dionísio Trácio (este, meio-estóico e meio-alexandrino); cf. F. della Corte (Della Corte, 1937, p. 68). Face a essa formação complexa, seria difícil definir qual o espírito de Élio com relação ao debate entre analogia e anomalia. Cf. também H. I. Marrou (Marrou, 1950, 236).

⁵⁶⁰ Quintiliano registra o fato: *Sed Augustus quoque in epistulis ad C. Caesarem scriptis emendat, quod is calidum dicere quam caldum malit, non quia id non sit Latinum, sed quia sit odiosum*..[Mas também Augusto em cartas escritas a César observa que ele prefere dizer *calidum* a dizer *caldum*, não por não ser esta de uma forma latina, e, sim, por ser desagradável] (*Inst. orat.* I, 6, 19).

1.6.3. CÍCERO: ANOMALISTA OU ANALOGISTA? ISENÇÃO

Sobre a posição de Cícero na questão da analogia e anomalia, o texto conhecido do *De lingua Latina* não oferece nenhum informe. Aliás, as únicas referências a Cícero nessa obra são os momentos em que Varrão lhe confirma a dedicatória. Entretanto, partindo dos próprios textos ciceronianos, P. Morillon informa que, neles, os índices sobre alguma tendência para a analogia ou para a anomalia se entrelaçam de tal forma que se torna arriscado afirmar a que campo ele aderiria (Morillon, 1978, p. 253-62). Por exemplo, no *Orator*, o arpinate critica certas formas, em princípio analógicas, que ele próprio substituiria por formas anômalas: *non quire* por *nequire* (154); *pro deorum fidem* por *pro deum fidem* (155); *trium uirorum capitalium* por *trium uirum capitalium* (156); *isdem* por *idem*, *non scire* por *nescire* (157); *abfugit* por *aufugit* (158); *insapiens* por *insipiens*, *inaequum* por *iniquum* (159). Mas não se pode concluir que, criticando essas formas, ele condenasse a analogia. Sua intenção era rejeitar pedantismos analógicos. Por outro lado, se ele fazia concessão ao uso, preferindo *nosse* e *iudicasse* a *nouisse* e *iudicauisse*, não era porque aderisse formalmente a uma escola anomalista, mas simplesmente por uma questão de prolação e audição. Como orador profissional, precisava obter das palavras o essencial efeito de *suauitas* e *elegantia*, características da *latinitas*, isto é, *o pure et emendate loqui*. Este era seu verdadeiro critério gramatical, que certamente obnubilou a discussão sobre a analogia e a anomalia, tanto que, diante de uma forma de uso incorreto (anômala), porém sonora, e outra correta (analógica) mas desagradável, ele parecia preferir a primeira. E critica a concepção do analogista Sisena, para quem falar correto é falar inusitadamente (*recte loqui...esse inusitate loqui* — Br. 260). P. Morillon (Morillon, 1978, p. 253-62) pondera que para Cícero, considerando seu campo de interesse retórico, a polêmica sobre a analogia e a anomalia foi pouco significativa. O arpinate dava ênfase a outros aspectos da língua como a *suauitas*, a *bona consuetudo* e principalmente a *latinitas*. Provavelmente, Cícero já fizera suas as palavras de quem ele considerava o mais erudito dos romanos, o próprio Varrão, que, no *De lingua Latina*, dizia abertamente: *Quare quoniam fit ut potius de uocabulo*

quam de re controuersia esse uideatur, illud est potius advertendum...[Por isso, como acontece que a controvérsia parece ser mais de nome do que de substância, é preciso estar atento...] (X, 6).

1.6.4. CÉSAR: FIXAÇÃO DOS CRITÉRIOS PARA ANALOGIA

César escreveu um tratado, o *De analogia*, em dois livros. Num dos poucos fragmentos (*G.R.F.*, p. 150, fr. 11), ele afirma que a comparação entre semelhantes (= analogia) se chama em latim *proportio: comparatio similibum...latine proportio dicitur*. Aplica, portanto, o neologismo “*proportio*” — que também Varrão usa vinte e oito vezes — e apresenta estes oito critérios para checar a relação analógica entre palavras:

- *qualitas*, a mesma categoria;
- *comparatio*, o mesmo grau de comparação;
- *genus*, o mesmo gênero;
- *numerus*, o mesmo número;
- *figura*, a mesma estrutura;
- *casus*, o mesmo caso;
- *exitus syllabarum*, a mesma desinência;
- *tempora*, a mesma pré-desinencial sonântica ou consonântica, na mesma quantidade.

Como Nigídio Fígulo, César confirma o uso de *memordi*, *pepugi*, *spepondi*, de *u* para o dativo singular da quarta declinação (*G. R. F.*, p. 156, fr. 26), de *i* para o ablativo/dativo dos neutros em *al* e *ar* da terceira declinação (*G. R. F.*, p. 154-5, fr. 22 e 24), do acusativo *Calipsonem* (e não *Calipso*) como *Iunonem* (*G. R. F.*, p. 154, fr. 20). Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 148), não se pode acusar César de, inspirado no seu purismo e na sua liderança política, ter tentado impor em gramática um dogmatismo analógico e arbitrário, embora reprovasse o anarquismo morfológico. Não se pode também afirmar que ele tivesse combatido a *consuetudo*, ao contrário, era favorável ao uso de formas populares (*memordi*) e preferia as formas lingüísticas conhecidas e de pleno uso. Por

que Varrão não cita César, se já conhecia sua obra e sua temática?⁵⁶¹ Talvez porque César fosse um purista, um estilista e não um polemista.⁵⁶² Por outro lado, segundo H. Dahlmann, o *De analogia* de César não era uma tomada explícita de posição gramatical sobre a questão da analogia e da anomalia nem visava a ser, prioritariamente, uma contribuição às questões filológicas; antes, era um tratado de estilo oratório, destinado a colocar os princípios de uma eloquência elegante e sutil, como a sua (Collart, 1954, p. 149).

1.7. ARGUMENTOS DE ANOMALISTAS E ANALOGISTAS

Seria exaustivo examinar os argumentos dos anomalistas no livro VIII e os dos analogistas no livro IX. Esquemáticamente, são eles os seguintes: argumentos dos anomalistas:

- a anomalia é a lei verdadeira da natureza;
- na natureza só existe o individual;
- na natureza não há dois seres semelhantes;
- *dissimilitudo* é a base da vida;
- a anomalia é *consuetudo*, uma necessidade da vida;
- a anomalia preside a arte, a moral e a vida cotidiana;
- a anomalia preside a linguagem;

⁵⁶¹ O *De analogia* teria sido conhecido por Varrão quando este redigia o *De lingua Latina*, pois a obra de César fora composta durante a campanha bélica nas Gálias, *inter tela uolantia et tubas* (G. R. F., p. 145).

⁵⁶² Para Cícero (Br. 352), César era o escritor contemporâneo possuidor do estilo mais puro, mais elegante e mais correto. Como nessa mesma obra Cícero citava também o tratado *De analogia* de César, conjectura-se que, segundo o arpinate, aquela obra de César era um tratado de purismo literário, acompanhado de conselhos de ordem prática, expostos por um técnico em estilo. Essa interpretação, porém, não impede de pensar que o *De analogia*, na sua parte filológica, se orientava discretamente para a defesa da tese de uma analogia abrandada.

- a linguagem tem por finalidade a utilidade;
- a analogia é uma quimera;
- a analogia não é conforme a natureza;
- a analogia é inútil e prejudicial;
- a analogia só existe na imaginação dos analogistas;

argumentos dos analogistas:

- analogia é *similitudo* nos tipos de formação gramatical;
- a anomalia é a exceção gramatical;
- a anomalia existe, não se nega; mas a analogia é mais freqüente;
- a analogia é uma lei de experiência elementar.

Como se observa, os anomalistas, geralmente filósofos estóicos, apresentam uma argumentação mais genérica, dogmática, intransigente e tendente à aniquilação do adversário. A dos analogistas, geralmente filólogos e críticos alexandrinos, é mais técnica, objetiva, e, no entanto, concessiva. Da leitura dos livros VIII e IX, resta a impressão de que os debatedores não se entendem, pois se mantêm irredutíveis aos seus princípios, sobretudo os anomalistas. Esses, na verdade, já se dedicavam, havia mais tempo, à reflexão gramatical e preponderavam no meio intelectual, porque estavam tradicionalmente coesos na pessoa de um mestre, num corpo de doutrinas e no nome de uma escola a representar, o Pórtico. Dessa forma, parecia que eles não tinham que ceder em nada. Já os alexandrinos, defensores da analogia, eram mais recentes e “inexperientes”, e, como tal, vistos como incômodos e ousados, ou, como na expressão dos anomalistas, *impudentes*: descarados, atrevidos, ousados. Assim, o debate morfológico, que na verdade se faz por longos monólogos de parte a parte, apesar de oferecer uma leitura interessante pelo tipo de argumentação, parece cair no vazio das palavras face a seu conteúdo, como observa o próprio Varrão, conforme já mencionado: *Quare quoniam fit ut potius de uocabulo quam de re controuersia esse uideatur...* [Por isso, como acontece que a discussão parece estar voltada mais para a denominação do que para a essência mesma da questão...] (X, 6). Esse esquema varroniano, no entanto, parece ser intencional; visava

precisamente a criar no leitor a expectativa pela presença de um árbitro competente que iria dirimir a questão através de sua doutrina verdadeira, porque conciliadora.

1.8. SOLUÇÃO VARRONIANA: ANALOGISTA COM CONCESSÕES À ANOMALIA

A doutrina de Varrão está no livro X, mas já fora anunciada no início e no fim do livro IX, isto é, de IX, 1 a 7 e de IX, 111 a 115. Ela não é mais que uma conciliação em forma de síntese: analogia e anomalia coexistem no mundo, porque, na natureza, os primeiros elementos operam de forma dupla e antitética. Essa visão lingüística busca suas bases na teoria dos princípios de Pitágoras. Daí em diante, e em tese, a querela não teria mais razão de existir. Será apenas necessário delimitar a área de atuação de cada um desses princípios, isto é, o *simile* e o *dissimile*, a norma e a exceção, a regra e o uso (X, 2). Ver-se-á que entre a analogia e a anomalia há mais afinidades do que se pensa, porque ambas nascem do uso. O passo que segue é de fundamental importância para o entendimento dos dois conceitos: *...quod consuetudo et analogia coniunctiores sunt inter se quam iei credunt. Quod est nata quadam consuetudine analogia et ex hac consuetudine item anomalia* [...porque o uso e a analogia estão entre si mais unidos do que eles julgam, pela razão de que a analogia nasceu de um certo uso, como também desse uso nasceu a anomalia] (IX, 2-3). Esse texto é de inspiração pitagórica por seu dualismo de princípios; entretanto, o caminho para uma solução técnica já fora insinuada pelo alexandrino Aristarco, que Varrão cita explicitamente: *...et quod Aristarchus, de aequabilitate cum scribit eiusdem, uerborum similitudinem quandam in inclinatione sequi iubet, quoad patiatur consuetudo* [...e quando Aristarco alude à consistência (regularidade) da língua, o que ele manda é seguir uma determinada analogia de palavras no que se refere à derivação, embora até ao ponto em que o uso permita] (IX, 1). Esse último inciso marca a compreensão da analogia, pois entroniza o uso como última instância da língua; em outros termos, a analogia é válida sempre que não contrasta com o uso (X, 74). Para dirimir o impasse entre uso (anomalia) e norma (analogia), Varrão introduz sua teoria sobre a expansão do léxico, a qual se realiza sobre o repertório de palavras primitivas. A questão centraliza-se na

criação de palavras por derivação. Trata-se, pois, de uma *impositio* secundária, destinada à criação de novas palavras. O autor começa por distinguir a *declinatio uoluntaria* da *declinatio naturalis* (X, 15). A flexão voluntária é a forma primeira de um derivado, como no exemplo: *fagus* (faia) > *Fagutal* (lugar situado no Monte Esquilino). *Fagus* é a palavra simples e primitiva (*primigenia*), pré-existente no léxico; é uma das *πρῶται φωναί*, criada numa primeira *impositio* por um remoto *ὀνοματοθέτης* (*impositor*). *Fagutal*, a derivada, resulta de uma *impositio* secundária. O criador da derivada é que aplica essa forma inicial, sempre em caso reto. É forma voluntária porque se origina de um capricho do falante, isto é, de sua liberdade e criatividade, características essenciais do princípio da anomalia. A *declinatio naturalis* (flexão natural), apresenta dois aspectos: o flexivo-desinencial e o derivativo e seus desdobramentos:

- a) flexivo-desinencial —> nominal-casual: *Roma* > *Romae* (X, 15);
—> verbal: *lego* > *legis, legit, legam* (VI, 37);
- b) derivativo —> prefixal: *cedo* > *processit, recessit...* (VI, 38);
—> sufixal: *turdus* > *turdarium* (VI, 2).

Ela obedece, portanto, ao paradigma flexional que não depende mais da vontade do falante. Tal operação se baseia na *ratio* ou *proportio* ou *similitudo*, que caracterizam a analogia. Observa-se que essa doutrina varroniana é uma síntese de doutrinas e escolas. Partindo dos princípios binários de Pitágoras, ele associa as reflexões lingüísticas de alexandrinos e estóicos, sob os nomes respectivos de analogia e anomalia.⁵⁶³

1.9. EM DEBATE A PRÓPRIA EXISTÊNCIA DA CONTROVÉRSIA

Alguns autores levantaram a hipótese de que essa questão da analogia e anomalia, potencializada por uma hipotética rivalidade entre estóicos e alexandrinos, teria sido deturpada por Varrão, com a finalidade de realçar sua doutrina. J. Collart (Collart, 1954, p. 155) coloca alguns itens que

⁵⁶³ Essas posições antitéticas assumem, hoje, denominações como língua e fala, forma e substância, norma e uso, sistema e liberdade lingüística.

poderiam alimentar essa conjectura: a ausência quase total de fontes e participantes romanos; a grande quantidade de citações anônimas (*quidam dicunt...*); a atitude voluntariamente agressiva dos estóicos; a inapetência das partes em buscar uma base de entendimento; a presença do elemento risível em alguns momentos da argumentação; o foco em um personagem provocador e arbitrário (Crates);⁵⁶⁴ a manutenção desse foco pelo espaço-tempo gráfico exagerado de dois livros, o VIII e o IX; a provável interferência de rivalidades políticas e hegemônico-culturais entre Pérgamo e Alexandria, incluindo as respectivas escolas e bibliotecas; a faduidade e o oportunismo do autor. Esses fatores, no conjunto, estariam elaborando em duas direções: primeira, esvaziar o próprio sentido de ser do debate; segunda, promover a conciliação doutrinária adrede elaborada pelo erudito autor. Ao final, porém, J. Collart consolida alguns importantes pontos históricos: a querela foi um fato histórico certo; ela decorreu do fato de filósofos e filólogos terem-se empenhado de forma simultânea em viabilizar a gestação de uma nova ciência, a gramática; eles partiram de princípios diferentes, o que lhes obstruiu o caminho para a univocidade, e, com isso, o mútuo entendimento; o mal-entendido, uma vez descoberto, motivou uma controvérsia que se perpetuou; houve obras de gramática que não aludem à querela, como a Τέχνη γραμματική de Dionísio Trácio e o Περί συνθέσεως ὀνομάτων [*Sobre a combinação das palavras*], obra

⁵⁶⁴ Crates é intitulado por Varrão *nobilis grammaticus* (IX, 1); mas antes desse tratamento respeitoso, ele fora solenemente chamado de mau intérprete de Crisipo; além disso, queria ensinar o que não sabia: *Insignis eorum est error qui malunt quae nesciunt docere...* [É insigne o erro daqueles que preferem ensinar o que não sabem] (*ibid.*). Pelo menos, pelo contexto, essas palavras parecem ser dirigidas a Crates. Varrão referia-se apenas à questão da analogia. Certamente a intenção dele não era generalizar essa incompetência para o campo inteiro da linguagem. Crates, como já estudado no capítulo VIII, fora benquisto em Roma, era um homem ativo; mesmo em estado de recuperação da perna (fraturada em acidente), empenhara-se ele em iniciar os romanos no gosto pelos estudos literários e gramaticais. Sexto Empírico, um anomalista convicto, ao retomar a disputa sobre a analogia e a anomalia, porá Crates em primeiro lugar na lista dos grandes gramáticos antigos (*Adu. gramm.* II, p. 44).

perdida de Dionísio de Halicarnasso, autor imediatamente posterior a Varrão (Collart, 1954, p. 157).

Aprofundando e radicalizando a crítica, Detlev Fehling questiona a própria existência da controvérsia. Segundo esse autor, ela constituiria, em última análise, um esquema cômodo, um tipo de exposição adotada pelo autor, ou uma discussão de Varrão consigo mesmo (Fehling, 1956, p. 214 e 1957, p. 48).

Todavia, A. Traglia e A. Michel (Traglia e Michel, 1962, p. 138-9) julgam não ter sido vã ou gratuita a discussão. Ela fazia parte da tradição antitética do pensamento grego, expresso, por exemplo, nos confrontos entre dualismo platônico e monismo estóico, unidade da natureza e independência da razão, atomismo materialista e metafísica, natureza e convenção, aticismo e antiaticismo (=asianismo), analogia e anomalia, enfim, alexandrinos e estóicos.

Nesse meio, o ecletismo de Varrão, assimilado de várias fontes, conforme estudado no capítulo VIII, e potencializado pela sua índole conciliadora e pragmática, busca não a confusão e sim a conciliação de doutrinas, conceitos esses muito diversos. Talvez ele tenha optado por essa forma de enfatizar o debate⁵⁶⁵ para justamente diversificar o estilo, quebrar a monotonia e a limitação imposta pelo fraseado técnico-etimológico dos três livros anteriores, ou, enfim, para dar asas à sua criatividade, fazendo pulsar uma questão morfológica não menos árida e fria. É possível também que, para isso, se tenha inspirado nas formas doutrinárias dialogadas de Platão. Cabe, pois, acreditar na veracidade do ecletismo e do espírito de conciliação do reatino. Além do mais, seria injusto pensar que fosse ele mero receptor da reflexão lingüística helenística. Ao contrário, apesar da inelutável injunção histórico-cultural do helenismo a que Varrão e seus contemporâneos romanos estavam sujeitos, souberam eles elaborar suas sínteses.

⁵⁶⁵ O debate parece ter sido uma forma literária escolhida por Varrão, para realizar uma apresentação menos árida do assunto; no entanto, ele manteve o esquema técnico planejado: *contra*, *pro* e *de*, versado, respectivamente, nos livros VIII, IX, X.

2. MORFOLOGIA; PARTE PRÁTICA : *ARS GRAMMATICA*

Varrão associa *impositio* a *historia* (diacronia) e *declinatio* à *ars grammatica* (sincronia): *Ad illud genus, quod prius, historia opus est: nisi discendo enim aliter id non peruenit ad nos; ad reliquum genus, quod posterius, ars, ad quam opus est paucis praeceptis quae sunt breuia* [Quanto ao primeiro gênero de palavras (*impositicia uerba* — VIII, 5), precisa-se recorrer à história: o conhecimento delas não chega até nós de outra forma a não ser pelo estudo. Quanto ao segundo gênero de palavras (*declinata uerba*), que constituem um fato posterior, há que empregar a ciência da gramática, para a qual se necessita de poucas regras, que, ademais, são breves] (VIII, 6). O termo *ars* é, portanto, reservado para designar o estudo das formas. Se as etimologias mostravam o fluxo histórico da língua fundado na *impositio*, a *ars* revela a língua como função, estrutura e sistema, fundada no fenômeno da *declinatio*. Mais do que a etimologia, a morfologia aproxima o estudo da língua ao conceito propriamente dito de *ars grammatica* ou simplesmente gramática. Nesta parte prática serão focalizados apenas três itens. O primeiro será uma introdução ao conteúdo dos livros morfológicos, o segundo cuidará de esclarecer a divisão varroniana das partes do discurso, ou seja, as categorias do nome, do verbo, das palavras invariáveis e dos participios, e o terceiro focalizará a *declinatio* como fator de expansão da língua, ou seja, a derivação.

2.1. OS LIVROS MORFOLÓGICOS: SEUS CONTEÚDOS

A hécada morfológica compreendia uma tríade teórica (livros VIII, IX e X — supérstites) e uma tríade prática (livros XI, XII e XIII — perdidos). O desaparecimento dessa segunda tríade é grande obstáculo à reconstituição da morfologia varroniana. Qual teria sido o conteúdo desses livros? Por analogia com o conteúdo dos livros de etimologia prática (livros V, VI, VII) e com a não-infirmação por parte de quatro fragmentos do livro XI e dois do livro XIII (*G. R. F.*, p. 192-3, fr. 13 a 18, *apud J. Collart — Collart, 1954, p. 133*), pode-se conjecturar o seguinte plano:

Livro XI: morfologia dos termos designativos de espaço e das coisas nele existentes, isto é, as categorias nominais e pronominais;

Livro XII: morfologia dos termos designativos de tempo, ou seja, as categorias verbais;

Livro XIII: morfologia especial, isto é, dos termos poéticos.

Para obter algum resultado na análise desses livros, há que recorrer às poucas indicações práticas ocorrentes nos livros VIII, IX e X e explorar os fragmentos.

2.2. PARTES DO DISCURSO (ORAÇÃO)

Cumprе lembrar que Platão distinguia dois elementos fundamentais da proposição (λόγος): τὸ ὄνομα e τὸ ῥῆμα (Plat., *Soph.* 261.e e 262.d.); ῥῆμα expressa as ações e ὄνομα se aplica aos sujeitos que as praticam. Na verdade, essa era uma distinção em função de uma lógica formal. Já Aristóteles, segundo Quintiliano, enumerava três componentes da *propositio*: *uerba, nomina et coniunctiones* (Quint., *Inst. orat.* I, 4, 18). Entretanto, segundo Varrão, Aristóteles afirmava que só duas delas pertenciam ao discurso: *uocabula et uerba ut homo et equus, et legit et currit* [nomes e verbos, como homem e cavalo, lê e corre] (VIII, 11). À medida que a gramática buscava sua autonomia, o inventário sobre as partes do discurso foi-se definindo. Os alexandrinos, atentos à economia da linguagem, procuraram estabelecer uma nomenclatura mais gramatical que filosófica. Dionísio de Alexandria, citado por Varrão,⁵⁶⁶ dividia a *propositio* em três partes: uma que indicava os casos; outra, os tempos; e uma terceira que não indicava nem uma nem outra coisa, e que correspondiam, de alguma forma, à declinação, à conjugação e às partes invariáveis (VIII, 11).⁵⁶⁷ A. Traglia observa que na Τέχνη γραμματική

⁵⁶⁶ M.A.M. Casquero (Casquero, 1990, p. 298) confirma que Dionísio de Alexandria, filósofo, fora embaixador em Roma em 56 a. C.

⁵⁶⁷ Assim, a divisão de Dionísio de Alexandria seria uma reprodução da divisão tripartite de Aristóteles, ressalvada a observação de Varrão de que as partes do discurso, segundo Aristóteles, se resumiam a duas: nomes e verbos.

Dionísio Trácio enumerava oito partes: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção (Traglia, 1976, p. 177-95). E afinal, qual era a teoria varroniana? Depois de ele mesmo concluir que as divisões eram numerosas (*sunt diuisiones plures* — VIII, 44)⁵⁶⁸ e depois de acrescentar um item à divisão de Dionísio de Alexandria, ou seja, os particípios, Varrão classifica as partes do discurso em quatro (VIII, 44 e X, 17):⁵⁶⁹

- a) palavras com caso —> nome —> *appellandi* (nominal): *homo, Nestor*;
- b) palavras com tempo —> verbo —> *dicendi* (verbal): *scribo, lego*;
- c) palavras sem caso e sem tempo —> advérbio —> *adminiculandi* (de suporte, invariável, indeclinável): *docte, commode*;
- d) palavras com caso e tempo —> particípio —> *iungendi* (copulativa ou participial = adjetivo + verbo): *scribens, legens*.

Como se verifica, a divisão varroniana, com 4 itens, procura conciliar o critério filosófico com o técnico-gramatical; ela é numericamente intermediária entre Platão (2 itens), Aristóteles (2 itens), Dionísio de Alexandria (3 itens) e Dionísio Trácio (8 itens).

⁵⁶⁸ O próprio Varrão comenta, no *De lingua Latina*, que Dionísio de Sidônia (gramático da época helenística e discípulo de Aristarco) dividia a *propositio* em 47 categorias, Aristocles (de Rodes, gramático do tempo de Varrão) em 14, Parmenisco (gramático alexandrino, discípulo de Aristarco) em 8; e assim, uns mais, outros menos: *sic alii pauciora aut plura* (X, 10).

⁵⁶⁹ Quintilinao (*Inst. orat.* I, 4, 18) comenta que os filólogos de seu tempo ainda não tinham chegado a um acordo sobre o número das partes da *propositio*.

2.2.1. O NOME E O GRUPO NOMINAL⁵⁷⁰

Varrão diz que a categoria nominal se divide em quatro *partes* (VIII, 45). Para cada uma dessas partes ele informa a nomenclatura adotada por alguns gramáticos (*a quibusdam*), dá dois exemplos, enquadra-as na família de palavras e indica o qualificativo lógico, ou seja, a extensão do conceito. Eis o esquema a que se poderiam reduzir esses informes:

- nomenclatura —> exemplos —> família —> qualificativos
- *prouocabula* —> *quis, quae* —> *articuli* —> *infinitum*
- *uocabula* —> *scutum* —> *nominatus* —> *ut infinitum*
- *nomina* —> *Romulus* —> *nominatus* —> *ut finitum*
- *pronomina* —> *hic, haec* —> *articuli* —> *finitum*.

Como já observado, o termo *uocabula* designa os nomes comuns e *nomina*, geralmente, os nomes próprios.

Logo a seguir, Varrão informa que cada uma dessas partes apresenta três formas: *sexum*, *multitudo*, *casus* (gênero, número e caso) (VIII, 46), conforme o seguinte esquema:

- sexum* —> *uirile, muliebre, neutrum* —> exemplo: *doctus, docta, doctum*;
multitudo —> *unum, plura* —> exemplo: *hic, hi, haec, hae*;
casus —> *rectus, obliquus* —> exemplo: *Marcus/Marci, ouis/ouis*.

Cabe aprofundar esses três termos da prática morfológica em Varrão — como em todas as posteriores gramáticas —, em torno do nome e sua articulação em gênero, número, caso e grau.

⁵⁷⁰ Há elasticidade e incerteza do vocabulário técnico empregado por Varrão. Na base, tem-se a oposição de *uerbum* a *res* (palavra / coisa), depois, de *nomen* ou *uocabulum* a *uerbum* (nome / verbo — VIII, 13) e finalmente de *nomen* a *uocabulum* (nome próprio / nome comum). O primeiro par antitético reflete uma nomenclatura de característica filosófica, a segunda revela uma denominação de interesse intermediário entre lógica e gramática (τὸ ὄνομα e τὸ ῥῆμα), e a terceira parece puramente gramatical, surgida por influência da área da antroponímia.

2.2.1.1. O GÊNERO

Para indicar a palavra gênero, Varrão usa *genus* ou *sexus*.⁵⁷¹ O uso desse último termo revela uma nomenclatura gramatical ainda oscilante entre a perspectiva real e a gramatical. Isso se pode dizer, em parte, dos termos utilizados por Varrão, ou seja, *uirile* e *muliebre*, para designar o masculino e o feminino. Para informar o masculino, ele usa: *mas* (IX, 38), *masculinum genus* (G. R. F., p. 271, fr. 249), *masculinum* (G. R. F., p. 197, fr. 26), *uirile genus* (X, 8), *uirile/uirilia* (IX, 38), *uir* (IX, 41); os termos empregados para indicar o feminino são: *femina* (IX, 38), *femininum genus* (G. R. F., p. 197, fr. 249), *femininum* (G. R. F., p. 271, fr. 249), *muliebre genus* (VIII, 46), *muliebre* (IX, 41). Varrão ensina que o masculino e o feminino têm entre si uma afinidade natural, enquanto que o neutro se coloca à parte, ao sabor do arbítrio e da convenção; por isso é, geralmente, definido pela anteposição do pronome. O passo que segue mostra uma reflexão coincidente com a da gramática moderna: *Sic dici uirum Perpennam ut Alfenam muliebri forma et contra parietem ut abietem esse forma similem, quom alterum uocabulum dicatur uirile, alterum muliebre et utrumque natura neutrum sit. Itaque ea uirilia dicimus non quae uirum significant, sed quibus proponimus hic et hi, et sic muliebria in quibus dicere possumus haec aut hae* [Assim, a um homem pode-se chamar *Perpenna*, nome que por sua forma é de mulher, como *Alfena*; e, ao contrário, vocábulos como *paries* (parede) e *abies* (abeto) podem parecer, por sua forma, semelhantes; quando, em verdade, o primeiro é masculino e o segundo feminino e ambos, por sua natureza, são neutros (= nem macho nem fêmea). Por isso, denominamos masculinos não aqueles nomes que designam o masculino e sim aqueles aos quais antepomos *hic* (o) e *hi* (os) e femininos aqueles antes dos quais podemos dizer *haec* (a) ou *hae* (as)] (IX, 41). Ao autor parecem óbvios os conceitos

⁵⁷¹ J. Collart (Collart, 1954, p. 160) observa que Aristóteles considerava Protágoras o inventor dos três gêneros gramaticais (γένη), que são: ἄρρενα (masculinos, viris), θήλεα (femininos, mulheris), σκευή (inanimados, neutros). Dionísio Trácio usa esta nomenclatura calcada em Protágoras, com diferença para o neutro: ἀρσενικόν (ou ἄρρενικόν, masculino), θηλυκόν (feminino), οὐδέτερον (neutro).

de gênero natural para expressar o sexo, macho e fêmea, dos seres animados, e gramatical para fixar o gênero convencional, masculino, feminino e neutro. Para Varrão, o neutro se define por estar alheio a qualquer informação sobre o ser vivente sexuado (macho/fêmea). Por isso, ele diz que *paries* e *abies* são neutros, embora do ponto de vista gramatical sejam, respectivamente, masculino e feminino: *...et contra parietem ut abietem esse forma similem, quom alterum uocabulum dicatur uirile, alterum muliebre et utrumque natura neutrum sit* [...e, ao inverso, vocábulos como *paries* (parede) e *abies* (abeto) parecem, por sua forma externa (= real, natural), semelhantes, quando, em realidade, o primeiro é masculino e o segundo, feminino e ambos, por natureza, são neutros] (IX, 41). Aliás, o neutro, para Varrão, nem seria um gênero, pois, conforme um de seus fragmentos conservado pelo Pseudo Sêrgio, *genus* se radica no verbo *generare*, que, por sua vez, se relaciona semanticamente a seres vivos (G. L. K. IV, p. 492, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 161). Outro fragmento varroniano conservado por Cledônio confirma: *Dicit Varro nullam rem animalem neutro genere declinari* [Varrão afirma que nenhum ser vivo é designado por uma palavra do gênero neutro] (G.R.F., p. 270, fr. 246).

2.2.1.2. O NÚMERO

A noção de número gramatical (*numerus* — IX, 67), singular e plural, é dada pelos termos *singulare* e *multitudo* ou *genus multum* (pluralidade — IX, 67)⁵⁷² e suas subdivisões, conforme o seguinte esquema:

- *singulare* —> *unum* [singularidade] —> *equus* [um cavalo]
- > *coniuncta* [coletivo] —> *unae bigae* [uma biga]
- *multitudo* —> *infinitum* [indefinido] —> *Musae* [Musas]
- > *finitum* [definido] —> *duae, tres, quattuor* (IX, 65).

⁵⁷² J. Collart (Collart, 1954, p. 163) observa que Dionísio Trácio na sua *Tέχνη* usa a nomenclatura de Platão no *Sofista*, relativa à articulação da realidade singular e plural. Os três números (ἀριθμοί) são: ἐνικός, δυικός, πληθυντικός = um, dois e muitos.

Assim Varrão define singular e plural: *Singulare est quod natura unum significat, ut equus aut quod coniuncta quodammodo ad unum usu, ut bigae...Multitudinis uocabula sunt unum infinitum, ut Musae alterum finitum, ut duae, tres quattuor* [Singular é aquele que, por natureza, indica uma unidade, como *equus* (um cavalo), ou aquele que, composto de elementos (= coletivo), foi como que reduzido pelo uso a uma unidade, como *unae bigae* (uma biga, um carro de dois cavalos)...As palavras que indicam o plural são de dois tipos: um indeterminado como *Musae* (Musas) e outro determinado como duas, três, quatro] (IX, 63-64). Embora sem muita nitidez, Varrão tocou no problema da singularidade e pluralidade coletiva na prática gramatical, diferenciando o indivíduo da espécie: Por exemplo, ele opõe *uinum* [vinho] a *uina* [produção vinícola], *unguentum* [perfume] a *unguenta* [os tipos de perfume], *oleum* [azeite] e *olea* [os tipos de azeite] (IX, 67).

2.2.1.3. O CASO

Aristóteles usava o termo *πτῶσις* (flexões) no sentido que Varrão dará à *declinatio*, para expressar os fenômenos flexionais da língua: a derivação, a conjugação e a declinação propriamente dita. Depois de Crisipo, surge a nomenclatura para o nominativo que é chamado ὀρθή ou εὐθεία πτῶσις, o caso vertical ou direto, por oposição aos flexionados (πτῶσεις) (Collart, 1954, p. 164). O nominativo era imaginado como o raio vertical ou original, incidindo no centro de uma circunferência; os casos oblíquos seriam raios oblíquos (πλαγίαι πτώσεις).⁵⁷³ Os romanos traduziram *πτῶσις* por *casus*, que evoca a idéia de queda. Mas o próprio Varrão observa que se questionava entre os lingüistas a contradição da expressão *casus rectus: unde rectus an sit casus sunt qui quaerant* [há os que questionam se o reto seja um caso] (VIII, 16). Segundo Carísio, os gregos geralmente designavam o nominativo por εὐθεία ou ὀρθή, sem ajuntar *πτῶσις*. Dirá que

⁵⁷³ Segundo R. G. Kent (Kent, 1977, p. 370), a imagem antiga sobre a declinação seria a de um objeto (um relógio de sol), com o estilete ao centro. O nominativo corresponderia à posição vertical do estilete e os casos oblíquos às outras posições mais ou menos distantes da vertical e original.

o uso consagrado da expressão *casus rectus* era uma incoerência abusiva (*Char.*, p. 195, K. Barwick). No passo VIII, 16, Varrão reúne as seis formas de flexão latina; mas ele se restringe a indicar suas funções com um exemplo, não se importando em dar o nome da respectiva função casual. São elas, precisamente nesta ordem:

- *quis uocetur, ut Hercules* —> nominativo;
- *quemadmodum uocetur, ut Hercule* —> vocativo;
- *quo uocetur, ut ad Herculem* —> acusativo;
- *a quo uocetur, ut ab Hercule* —> ablativo;
- *cui uocetur, ut Herculi* —> dativo;
- *cuius uocetur, ut Herculis* —> genitivo.

No livro X, Varrão começava a descrever os casos. Ele vinha expondo as coordenadas da declinação, ou seja, uma linha perpendicular (*transuersus ordo*) e outra horizontal (*directus ordo*). A perpendicular alinhava os casos, partindo do nominativo. A horizontal reunia as formas nominativas, de nominativo a nominativo, para atender aos gêneros masculino, feminino e neutro, conforme o quadro abaixo (X, 23):

>—————> **genera** (*directi ordines* = horizontal)

| *albus* —> *alba* —> *album*

| *albi* —> *albae* —> *albi*

| *albo* —> *albae* —> *albo*

| **casus** (*transuersi ordines* = perpendicular).

Nos parágrafos seguintes ao X, 23, Varrão iria, provavelmente, tratar dos casos como fizera com o nominativo, mas o texto é interrompido por três folhas no original. Conseqüentemente, a nomenclatura propriamente dita dos casos precisa ser respigada, inclusive em fragmentos. Vejam-se as denominações dadas por Varrão, com a correspondente terminologia utilizada por Dionísio Trácio:

- nominativo —> *nominandi casus, nominatiuus*, (X, 23), *rectus casus* (V,4, *passim*) —> ὀρθή, εὐθεῖα, ὀνομαστική (πτῶσις);
- genitivo —> *patricus* ou *patrius casus* (VIII, 66-67; IX, 54, 76, 85) —> γενική, κτητική ou πατρική (πτῶσις);
- dativo —> *dandi casus* (VIII, 36, X, 21) —> δοτική ou ἐπισταλτική (πτῶσις);
- acusativo —> *accusandi casus* (VIII, 66), *accusatiuus* (VIII, 67) —> αἰτιατική (πτῶσις);
- vocativo —> citado apenas como função do verbo *uocare* —> προσαγορευτική (πτῶσις)
- ablativo —> *sextus casus*, ou *proprius Latinus casus* (X, 62), ou *ablatiuus*⁵⁷⁴ —> inexistente na língua grega.

2.2.1.3.1. AS DECLINAÇÕES

Os livros XI, XII e XIII, perdidos, incluíam, provavelmente, um estudo detalhado das declinações e sua prática. Suprindo a falta desses livros com as poucas e esparsas alusões feitas nos livros VIII, IX e X e em fragmentos, podem-se obter certos informes, dos quais os mais importantes parecem ser os seguintes:

a) Para Varrão, o ablativo pode constituir uma forma mais eficiente que o próprio nominativo ao se pretender fazer o enquadramento nas declinações. Veja-se, por exemplo, a declinação de *lupus* (2.^a) e *lepus* (3.^a), *poema* (3.^a) e *rosa* (1.^a), *liber* (subst. e adj. da 2.^a) e *equester* (adj. da 3.^a) (VIII, 68). O autor diz: *Sin ab singulari quis potius proficisci uolet, initium oportebit ab sexto casu, qui est proprius Latinus* [Se alguém deseja partir do singular, será conveniente que inicie do sexto caso que é propriamente latino] (X, 62). Continuando, ele explica o motivo: o ablativo apresenta uma variedade de desinências que o nominativo não

⁵⁷⁴ O nome *ablatiuus* não ocorre nos livros superstites do *De lingua Latina*; é, porém, citado num fragmento varroniano conservado por Diomedes (*G. R. F.*, p. 273, fr. 251).

oferece:...*quod ei habent exitus aut in A, ut hac terra, aut in E, ut hac lance, aut in I, ut hac clauī, aut in O, ut hoc caelo, aut in V, ut hoc uersu* [...já que estes (os casos) mostram, em sua sílaba final, um *a*, como *hac terra* (ablativo de *terra*), ou um *e*, como *hac lance* (ablativo de *lanx*, prato) ou um *i*, como *hac clauī* (ablativo de *clauīs*, chave), ou um *o*, como *hoc caelo* (ablativo de *caelum*, céu), ou um *u*, como *hoc uersu* (ablativo de *uersus*, verso...)] (X, 62). Vê-se, portanto, que Varrão tinha alguma noção semelhante à moderna de radical e de tema.

b) Na segunda declinação, e segundo o gramático Carísio, Varrão insistia, contra Lucílio e Nigídio Fígulo, na manutenção do genitivo em *-iī* dos nomes próprios em *-ius*. Os motivos eram todos plausíveis: 1.º) observar o parissilabismo do paradigma dessa declinação, 2.º) atender ao uso e 3.º) obedecer à analogia.

c) Na terceira declinação, pela boca dos anomalistas, ele diz que havia formas oscilantes nos casos:

- ablativo singular: —> *hac oui* —> *hac oue* [nesta ovelha];
 —> *hac aui* —> *hac aue* [nesta ave];
- nominativo plural: —> *hae puppis* —> *hae puppes* [estas embarcações];
 —> *hae restis* —> *hae restes* [estas cordas];
- genitivo plural: —> *ciuitatum* —> *ciuitatium* [das cidades];
 —> *parentum* —> *parentium* [dos pais];
- acusativo plural: —> *montes* —> *montis* [montes];
 —> *fontes* —> *fontis* [fontes].

d) Na quarta declinação, segundo Aulo Gélíio (N. A. IV, 16, 1), Varrão, juntamente com Nigídio Fígulo, preconizava *-uis* para o genitivo e *-ui* para o dativo:

- genitivo (*us*) em *uis* —> (*fructus*) —> *fructuis*;

- dativo (*ui*) em *ui* —> (*domui*) —> *domui*.⁵⁷⁵

e) Na declinação de palavras emprestadas do grego (*notha uocabula* = palavras bastardas), Varrão faz notar que havia uma geração antiga de romanos (*prisca*) que as latinizava, enquadrando-as na declinação latina adequada: *Hectorem*, *Nestorem*, como *quaestorem*, *praetorem* (VIII, 72). Segundo Quintiliano, César pertenceria a essa ala antiga, pois, declinando *Calipso*, aprovava a forma acusativa *Calipsonem* (Quint., *Inst. orat.* I, 5, 63). Entretanto, já a partir de Áccio, talvez pela crescente influência do helenismo, houve uma tendência a grecizar as palavras, isto é, a respeitar suas características flexionais originais ao entrarem na sintaxe latina, como praticava aquele poeta ao preferir a forma grega *Hectora* à latina *Hectorem* (VIII, 72 e X, 70). Buscando uma solução, Varrão classifica esses empréstimos gregos em três tipos de declinação: a antiga, a nova e a recente:

- declinação antiga (*priscae*)—>*Bacchides*, *Chrysides* (declináveis
Ex. *Bacchidem*, *Chrysidem*, etc.);
- declinação nova (*iuniores*)—>*Bacchides*, *Chrysides* (nominativo
e acusativo - não delináveis);
- declinação recente (*recentes*) —> *Bacchides*, *Chrysides* (nominativo);
—> *Bacchidas*, *Chrysidas* (acusativo).

Como seus compatriotas faziam uso dessas três possibilidades flexionais, Varrão procurava conciliar, dizendo ser preferível a intermediária, já que as formas da primeira eram pouco parecidas com as gregas e as da última, pouco semelhantes às “nossas”, isto é, latinas.

f) Palavras em *-ma*, do tipo *poema*, *schema*, *aenigma*. Num fragmento conservado por Carísio (*G. R. F.*, p. 275, fr. 256), Varrão estabelece que essas palavras devem seguir a terceira declinação, inclusive com o dativo-

⁵⁷⁵ Segundo Aulo Gélíio (*G. R. F.*, p. 156, fr. 26 = Gell., *N. A.* IV, 16, 8, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 171), César optava pelo dativo em *u* para manter o parissilabismo da quarta conjugação. Varrão optava por *uis* (genitivo) e *ui* (dativo) por assimilação com a terceira declinação que tem *is* e *i* nos dois casos considerados; isto é, assim operava por apreciar o método analógico.

ablativo plural em *-bus*. Mas, seja para sacrificar à moda, seja por eufonia, ele se permite usar a forma anômala *enigmatis* em vez de *enigmatibus*, como ocorre no *De utilitate sermonis* conforme fragmento conservado também por Carísio (*Char.*, p. 157, K. Barwick, *apud* J. Collart – Collart, 1954, p. 173). Além disso, Varrão escreveu uma obra intitulada *De Poematis* (não *Poematibus*), distinta, segundo o inventário de São Jerônimo, de uma outra, intitulada *Poematum libri X* (*G. R. F.*, p. 182); já nesse título, o genitivo se apresenta analógico, ou seja, corretamente enquadrado no paradigma da terceira declinação.

g) Há também as palavras irregulares quanto à declinação. Elas escapam do domínio da analogia. Varrão classifica-as em quatro categorias:

- 1.^a) *uocabula quae non declinantur*: *nequam* (sem valor), *mox* (dentro em breve) e *uix* (apenas) (X, 79);
- 2.^a) *uocabula quae unum solum habent casum*, como ocorre com os nomes das letras do alfabeto, devendo porém ser declinado o artigo: *hoc ba*, *huius ba* [este *b*, deste *b*] (VIII, 54);
- 3.^a) paradigma único que não permite comparação. Ex. *caput*, *capitis* (palavra única em seu gênero, em *t* final) (X, 82);⁵⁷⁶
- 4.^a) palavras dúbias: *socer/socrus* (X, 82).

2.2.1.4. GRAUS DE COMPARAÇÃO: DECLINATIO AUGENDI E MINVENDI:

Varrão usa a expressão *declinatio augendi* ao explicar os graus de comparação do adjetivo. É interessante observar que o adjetivo, como termo qualificativo ou caracterizador de pessoa ou objeto, é designado por Varrão, de forma implícita e genérica, como “*cognomen*” (V, 32, 84, 109,

⁵⁷⁶ *Caput* é a única palavra dada como exemplo. Num fragmento conservado por Carísio (*Inst. gramm.*, *G. L. K* I. 131, 7-8, fr. 22) Varrão afirma que a palavra *gitt* (erva-doce) deve ser empregada da mesma forma em todos os casos (portanto, indeclinável). Nesse fr. 22, porém, Carísio observa que a forma *gitti* (ablativo) é usada.

146).⁵⁷⁷ Retornando aos graus, verifica-se que não se encontram no *De lingua Latina* termos equivalentes aos hodiernos “comparativo” e “superlativo” nem teorias sobre os desdobramentos desses conceitos.⁵⁷⁸ Varrão, porém, oferece vários exemplos de uso desse mecanismo essencial do grau, com as formas sintéticas biformes *ior-ius* (comparativo de superioridade para o masculino/feminino e neutro) e triformes, *issimus, a, um* (superlativo absoluto, para o masculino feminino e neutro) ou *errimus, a, um*, especial para os adjetivos em *er*; vejam-se os exemplos: *dulcis* > *dulcior, dulcissimus* (VIII, 76), *candidum* > *candidius, candidissimum* (VIII, 17), *pauper* > *pauperrumus, pauperrima* e até para advérbios. Quanto a estes, Varrão explica que não se faz nem o comparativo (*manius* = “mais cedo”) nem o superlativo (*manissime* = “muito cedo”) de *mane* (de manhã), porque, em relação ao fluxo do tempo, não há o “mais” nem o “menos” e sim o “antes” e o “depois”.⁵⁷⁹ Chama a atenção para a anomalia da série *malum* (em vez de *peium*) e *peius* (em vez de *malius*), *pessimum* (em vez de *malissimum*) (VIII, 75); adverte também para o uso incorreto do comparativo de superioridade *luscior*, cuja existência, contrastando com *stultior*, não faz sentido, pela seguinte razão: ...*quod natura nemo lusco magis sit luscus, cum stultior fieri uideatur* [...porque, por natureza, nenhuma pessoa que seja caolha (*luscus*) pode ser mais caolha (*luscior*), embora uma pessoa possa se mostrar mais estúpida (*stultior*)] (IX, 72).

⁵⁷⁷ Em Aristóteles, “adjetivo” é um ἐπίθετον, isto é, um adjunto, uma palavra que vincula a um nome uma qualificação, uma designação; esse termo se encontra também em Dionísio Trácio. Em latim, o conceito de “adjetivo” evolui somente a partir de Quintiliano (*Inst. orat.* VIII, 2,10; VIII, 3, 20; VIII 6, 40, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 176).

⁵⁷⁸ Hoje, são conhecidos os desdobramentos dos graus comparativo e superlativo: comparativo de igualdade, de inferioridade e de superioridade; superlativo absoluto (sintético e analítico) e relativo (de superioridade e de inferioridade); no entanto, embora não dispondo de nomenclatura, o latim tinha meios lingüísticos para articular essas grandezas.

⁵⁷⁹ Já no português vernáculo “mais cedo” e “muito cedo, cedíssimo” são formas aceitáveis, que envolvem a noção comparativa não só de tempo “antes” e “depois”, mas também de intensidade.

A *declinatio augendi* se opõe à *declinatio minuendi* (VIII, 52), que agrupa os *magnitudinis uocabula* (VIII, 79) ou diminutivos. Os exemplos dados por Varrão mostram que substantivos e adjetivos podem receber esse tipo de flexão. Ele cita os seguintes sufixos diminutivos *-ulus* (*a, um*); *-culus* (*a, um*); *-ellus* (*a, um*); (VIII, 77) - *illus* (*a, um*) (VIII, 79). Um mesmo vocábulo pode ter várias formas diminutivas, como *caput, capitulum, capitellum* (VIII, 79); *niger, nigriculus, nigellus* [adjetivo = negro]; *cista, cistula, cistella* [cesta] (IX, 74); *canis, catulus, catellus* (IX, 74) e *catinulus* (*G. R. F.*, p. 193, fr. 16), *equus, eculus* [cavalinho]; este último (*eculus*) é um *hapax*, isto é, ocorre uma só vez (*R.R.* II, 7, 13). Finalizando, Varrão adverte, prudentemente, que nessa formação de diminutivos mais vale seguir o uso do que a analogia (*L.L.* VIII, 79).

2.2.1.5. OS NUMERAIS

Como pertencentes à área do nome, Varrão engloba os numerais com o nome de *numeri* (IX, 76) ou a expressão *uocabula multitudinis finita* (IX, 64) em oposição aos plurais indeterminados. As informações esparsas permitem reunir alguns pontos práticos:

1. Há o *actus* (casa ou grupo de milhar), compreendendo três *decuriae*, que são as casas decimais: centenas, dezenas e unidades. O primeiro *actus* vai de 1 a 999. A partir de 1.000, começa o segundo *actus*, atingindo 999.999. Segundo Varrão, os antigos se satisfaziam com a contagem até dois *actus*: *antiqui his numeris fuerunt contenti* (IX, 87). Posteriormente introduziram (*imposuerunt*) o multiplicativo *decies*, resultando um terceiro e um quarto *actus*: *Ad hos (duos) tertium et quartum actum addentes...imposuerunt* [Os pósteros, acrescentando a estes (dois) sistemas uma terceira e uma quarta série, criaram...] (IX, 88).

2. Varrão assinala que *unus* (*unus, une, unum, unius, uni, uno* — VIII, 63), *duo* e *tres* (X, 83) se declinam e que *mille* é um substantivo neutro indeclinável no singular (*sine casibus* — IX, 88).

3. Ele menciona prenomes numéricos, *Quintus, Sextus, Decimus* (IX, 60) e compostos numéricos, como *dupondius* = *duo pondus* [moeda de dois asses] (IX, 81), *bigae, quadrigae* (X, 24), *triumvir, decemvir* (IX, 85);

tressis, *tresses*, *tressibus* [três asses], *decussis* [dez asses], *centussis* [cem asses] (IX, 81).

2.2.1.6. OS PRONOMES

Encontram-se poucas indicações de Varrão no *De lingua Latina* sobre os pronomes. Ele chama o pronome de *pars succaedanea* ou *succidania*⁵⁸⁰ e *articulus/i*, termo este correspondente a ἄρθρα, encontrado em Aristóteles, estóicos e alexandrinos (*Poet.* 1457 a). Varrão distingue, sumariamente, duas espécies de pronomes para os quais dá estes exemplos:

- *prouocabula*: *quis*, *quae* → *infinita*;
- *pronomina*: *hic*, *haec* → *finita* (VIII, 45).

Entretanto, segundo um fragmento varroniano conservado pelo comentarista e gramático Pompeu,⁵⁸¹ Varrão conhecia uma classificação mais extensa para os pronomes de base (*primigenia*), que seriam:

- *pronomina finita (tria)*: *ego*, *tu*, *ille*;⁵⁸²
- *pronomina infinita (septem)*: *quis*, *qualis*, *talis*, *quantus*, *tantus*, *quotus*, *totus*;⁵⁸³

⁵⁸⁰ Segundo Aulo Gélíio (*N. A.* IV, 6, 4), Varrão chamava o pronome genericamente de *pars succaedanea* ou *succidania*. Essa terminologia pertencia à linguagem religiosa e significava “levado como suplemento para efetivar o sacrifício”. Com essa imagem, realçava-se a função do pronome como “sucedâneo” do substantivo, que é o que ocorre no caso do pronome-substantivo (pessoal, relativo, mostrativo, possessivo, interrogativo e indefinido).

⁵⁸¹ O gramático Pompeu supõe que um interlocutor lhe aponte o caráter limitado de seu inventário a respeito dos pronomes e responde a essa objeção fictícia, dizendo que os pronomes enumerados são os que Varrão qualifica como *primigenia*, não incluindo os *deductiva* (derivados); cf. *G.R.F.*, p. 276, fr. 259, *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 180).

⁵⁸² Donato e Probus interpretarão esses *finita* como *pronomina quae recipiunt personas* [pronomes que receptam as pessoas] (respectivamente: *G. L. K.* IV, p. 357 e 131), ou seja, pronomes pessoais.

⁵⁸³ Para Diomedes, *infinita* são os *pronomina quae incertis personis aptari possunt* (*G. L. K.* I, 329), ou, como classificam as gramáticas, pronomes indefinidos.

- *pronomina minus quam finita (sex): ipse, iste, is, hic, idem, sui (sic)*;⁵⁸⁴

- *pronomina possessiua (quinque): meus, tuus, suus, noster, uester*.⁵⁸⁵

Mesmo com essas informações do gramático Pompeu, o quadro parece incompleto, porque não se conseguiria saber qual a classificação que Varrão dava, por exemplo, ao relativo *qui*, ao indefinido *alter*, ao *uter* com sua noção substantivo-numeral e demonstrativo-anafórica, ao reflexivo *se* — o que seria, talvez, exigir demais de uma gramática que ainda buscava consistência morfológica e consolidação terminológica. No passo VIII, 51, Varrão dá a entender que a declinação dos pronomes ainda era uma questão espinhosa (*spinosiora*), às vezes agravada pela desatenção dos *librarii*, os copistas, nem sempre confiáveis na transcrição de detalhes ortográficos. Por exemplo, ao nominativo singular *quis* deveria corresponder o plural “*ques*” (VIII, 50), aliás, forma analógica que, segundo Carísio, fora utilizada por Catão e Pacúvio (*Char.*, p. 115, K. Barwick). Ao lado de *ille/illi* havia *ollus/olla*, formas arcaicas utilizadas pelos arautos nos comícios e nos funerais: ...*quod alterum comitiis cum recitatur a praecone;...alterum apparet in funeribus*...[quando uma forma (*olla*) é empregada pelos arautos nos comícios;...a outra (*ollus*) se usa nos funerais...] (VII, 42). Além disso, Varrão menciona a existência de advérbios derivados de pronomes (advérbios pronominais), especialmente os de lugar, com desinência em - *ic*, - *uc*, - *inc*: *illic* (lá, acolá), *illuc* (para lá, para ali), *illinc* (daí, de lá), *hinc*, *abhinc* (daqui, deste lugar), e outros, conforme uma relação de advérbios pronominais utilizados por ele e conservada pelo gramático Probus (*G.R.F.*, p. 278, fr. 264, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 182):

- *ille* > *illic*, *illinc*, *illuc*, *illo* [ele > lá, naquele lugar / dali, daquele lugar / para ali / para aquele lugar / para lá, para os lados de lá];

⁵⁸⁴ Os *minus quam finita* são também definidos por Diomedes como *pronomina quae incertis personis aptari possunt ut ipse* (*G. L. K. I*, p. 329).

⁵⁸⁵ Donato conservará essa divisão sumária varroniana (pronomes de *qualitas finita* e *qualitas infinita*). Carísio, partindo dela, apresentará um inventário com subdivisões mais numerosas (*Char.*, p. 200-9, K. Barwick, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 181).

- *iste* > *istic, istinc, istuc* [esse > aí, nesse lugar, agora, neste momento / daí, desse lugar/ para aí, para esse lugar];
- *idem* > *ibidem* [o mesmo > no mesmo lugar];
- *qui* > *quo* [alguém que > para algum lugar, para alguma parte, para onde (?)];
- *quique* > *quoque* [quem quer que > para qualquer parte];
- *quicumque* > *quocumque* [quem quer que > para qualquer lugar que, onde quer que];
- *quidam* > *quondam* [um, certo > em certos momentos, em um certo momento, às vezes];
- *quispiam* > *uspiam* [um qualquer > em qualquer parte, em algum lugar];
- *aliquis* > *aliquo, alicubi* [para qualquer parte ou lugar / em qualquer lugar];
- *qualis* > *qualiter* [qual > de qual modo ?];
- *meus* > *meatim*, *tuus* > *tuatim*, *suus* > *suatim*, *noster* > *nostratim*, *uester* > *uestratim* [= *more meo, more tuo etc.*, à minha moda].

2.2.2. OS VERBOS

O verbo é, geralmente, designado por Varrão pela palavra *uerbum*. Entretanto, para evitar equívocos (com *nomen, uocabulum*), ele usa também a expressão *uerbum temporale* (VIII, 13) ou a perífrase *uerborum genus quae tempora adsignificant* (VIII, 20).

2.2.2.1. OS TEMPOS E AS PESSOAS

Varrão menciona a divisão clássica: *praeteritum (legebam)*, *praesens (lego)*, *futurum (legam)* e as três pessoas: *qui loqueretur, ad quem, de*

quo.⁵⁸⁶ Ele conhece os tempos do pretérito (indicativo), através de exemplos, sem lhes dar nomes:

- *tundebam* > imperfeito;
- *tutuderam* > mais que perfeito;
- *tutudi* > perfeito;
- *tutudero* > futuro do pretérito (X, 48).

2.2.2.2. OS MODOS

O vocabulário técnico gramatical latino não estava suficientemente formado para expressar os detalhes da morfologia verbo-modal, embora essa já estivesse acontecendo na prática. A noção de modos (*diuisiones* = os três modos, indicativo, subjuntivo e imperativo), por exemplo, parece estar apenas insinuada neste único passo do livro X: ...*Si enim natura non omnes formae uerborum terna habent tempora, ternas personas, non habent totidem uerborum diuisiones. Quare cum imperamus, natura quod infecta uerba solum habent, cum aut praesenti aut absenti imperamus, fiunt terna, ut lege legito legat: perfectum enim imperat nemo. Contra quae sunt indicandi, ut lego legis, legit, nouena fiunt uerba infecti, nouena perfecti* [Se, pois, por natureza, nem todas as formas verbais possuem os três tempos, nem as três pessoas, quer isso dizer que elas não têm seus modos (*diuisiones*) em igual número. Porque, quando damos uma ordem — já que, por natureza, no imperativo só há verbos na forma do *infectum*, ou já que ordenamos para o presente ou o futuro —, usam-se três formas: *lege, legito, legat*, pois ninguém ordena algo já feito. Entretanto, no indicativo, como *lego, legis, legit*, as formas existentes são nove no *infectum* e nove no *perfectum*] (IX, 101). Como se verifica, apesar do sentido difuso do vocabulário, esse texto apresenta algumas intuições varronianas sobre a teoria verbal, principalmente quanto ao modo, que poderiam ser resumidas da seguinte forma:

⁵⁸⁶ Em Dionísio Trácio, as pessoas (πρόσωπα) são: πρῶτον, δεύτερον, τρίτον (Ed. Uhlig, p. 51, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 183).

- a noção de tempos e pessoas (acima estudadas);
- a noção de modo, que estaria por trás do termo *diuisiones*;
- alusão ao modo imperativo pela expressão *cum imperamus*, usada duas vezes;
- alusão ao indicativo, pelo uso da perífrase *quae sunt indicandi*;
- alusão ao subjuntivo, sem comentário, mas configurado na forma *legat* com seu valor optativo;
- referências aos dois aspectos verbais, pelo uso dos termos *infectum* e *perfectum*;
- a noção de verbos defectivos (cf. 2.2.2.5).

2.2.2.3. AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO

Quanto às formas nominais (o infinitivo, o particípio, o gerúndio /gerundivo e o supino), Varrão emprega-as todas nos livros supérstites, mas não apresenta nenhuma indicação teórica a respeito. Disso, porém, não se pode concluir que ele não as tenha esclarecido na prática morfológica. A propósito, em monografia intitulada “As formas nominais no *De lingua Latina*”, o autor desta tese mostrou o uso que Varrão faz dessas formas, tomando como experiência e campo de estudo os cem primeiros capítulos do livro V.⁵⁸⁷ Contabilizaram-se 211 ocorrências, que

⁵⁸⁷ H. Coradini. “As formas nominais no *De lingua Latina*”. Monografia de bimestre, 1994, 113 p. No estudo do infinitivo, por exemplo, examinaram-se 13 variedades e suas respectivas razões sintáticas. O mais freqüente (14, 69%) foi o uso do infinitivo como complemento das várias modalidades de verbos auxiliares ou “servis”, em expressões tais como: *exponere institui, retrahere nequit, potuero indagare, peruenire uolumus, perscrutari patietur, esse apparet, facere et solent et debent*; a segunda variedade de uso do infinitivo (13,74%) foi a do acusativo com infinitivo como objeto, onde se fazem presentes, necessariamente, os *uerba sentiendi* e *dicendi* ou *declarandi*, como nestes exemplos: *Argeos dictos esse putant* [acreditam que os Argeus assim se chamam...]; *dicunt...ibi Vortumnus stare* [dizem que a estátua de Vortumno ali se encontra...]; *Pythagoras ait omnium rerum...initia esse bina* [Pitágoras afirma que os princípios de todas as coisas são binários]. O particípio é também usado sob várias formas, sendo mais

foram examinadas uma por uma em suas modalidades e razões de uso dentro da fraseologia varroniana, chegando à seguinte estatística estilística:

	ocorrências	percentagens
Infinitivo	112	52,14%
Particípio	55	27,02%
Gerúndio (substantivo verbal)	37	17,54%
Gerundivo (adjetivo verbal)	6	02,84%
Supino (em <i>um</i>)	1	00,47%
Totais	211	100,00%.

2.2.2.4. AS VOZES

De modo um pouco mais formal, Varrão alude às três vozes do verbo: ativa, passiva e depoente. As duas primeiras são chamadas *contraria, ut amo, amor, lego, legor*.⁵⁸⁸ Verbos depoentes são os que não apresentam dois tipos opostos, isto é, *quae contraria non habent, ut loquor et uenor* [que não apresentam diátesis contrária, como *loquor* (falo) e *uenor* (caço)] (VIII, 59).

comum o particípio atributivo (9,48%), como nestes casos: *eius perforatum tectum* [o seu teto perfurado], *a corde congruente* [de um coração que concorda]. Outras formas nominais ocorrentes são o gerúndio, muito comum, ex.: *quaestores a quaerendo* [*quaestores* deriva de *quaerere*]; o gerundivo, raro, ex.: *ad familiam purgandam* [para purificar a família] (V, 55); o supino em *um*, raríssimo, ex.: *ea (uia, elíptico) qua tum (sequebatur, elíptico) aduectum dicitur Velabrum* [o caminho pelo qual se seguia para transportar ...chama-se *Velabrum* (V, 43); e o supino em *u*, de sentido passivo, também raríssimo, ex.: *Difficilia sunt explicatu poetarum uocabula* [As palavras dos poetas são difíceis de explicar] (VIII, 2).

⁵⁸⁸ Os estóicos chamavam a voz ativa τὸ ὀρθὸν κατηγορήμα, a voz passiva τὸ ὑπτιον κατηγορήμα e a voz neutra οὐδέποτεον (*Chrys.*, Von Armim, *Stoic. fragm. II*, p. 59, fr. 183); Dionísio Trácio distingue três διαθέσεις: ἐνέργεια (ativa), πάθος (passiva) e μεσοτής (média) (*Dion. Thr.*, éd. Uhlig, p. 48); *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 183).

2.2.2.5. AS CONJUGAÇÕES

Quanto às conjugações, e segundo o texto do *De lingua Latina*, Varrão parece distinguir apenas três: *meo meas* (eu ando, 1.^a), *neo, nes* (eu teço, 2.^a), *ruo, ruis* (eu caio, 3.^a). Entretanto, Diomedes informa que o reatino já conhecia as quatro conjugações (*G. R. F.*, p. 277, fr. 261); tal notícia, porém, leva a controvérsias.⁵⁸⁹ Segundo um fragmento de Prisciano,⁵⁹⁰ Varrão tinha ciência dos verbos defectivos, como é o caso de *sisto* [suster, parar], *tollo* [levantar, tirar], *fero* [levar, trazer], *aio* [dizer], *furo* [enfurecer-se], aos quais, por exemplo, faltam o tempo do pretérito perfeito e os derivados dele. Por outro lado, embora não dê nenhum exemplo para elucidar a questão, Varrão parece tocar no problema dos verbos irregulares, em que uma série se diferencia da outra, e dos anômalos, em que faltam elementos na série. Vejam-se estes passos: *Quocirca non si genus cum genere discrepat, sed in suo quique genere si quid deest requirendum* [Por conseguinte, o que interessa examinar não é se uma série se diferencia de outra série, mas se em cada uma delas falta algum elemento] (IX, 102). *Quare ut illic fit, si hic item acciderit, in formula ut aut caput non sit aut ex alieno genere sit...* [Por essa razão, se — como com os nomes, assim também com os verbos — ocorre de faltar, no paradigma, o ponto de partida ou de ser ele de outro tipo...] (IX, 103). As formas verbais freqüentativas também lhes eram conhecidas, como as terminadas em *itare* (*cantitare* — VIII, 60).

⁵⁸⁹ Varrão não teria percebido as diferenças flexionais entre *lego* (3.^a), *cipio* (3.^a) e *audio* (4.^a conjugação). Essa percepção teria sido um fato posterior. O gramático Sacerdos (século III d. C.) teria sido o primeiro a estabelecer a distinção entre as quatro conjugações, que foram consolidadas posteriormente por Prisciano (cf. Ernout, *Morph.*, p. 186 n. 1., *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 185).

⁵⁹⁰ *G.R.F.*, p. 227, fr. 263 : *quibus (uerbis) adeest praeteritum perfectum et omnia quae ex eo nascuntur* [nos quais verbos falta o pretérito perfeito e todas as formas que dele derivam]. Entretanto, Varrão teria também tido conhecimento do fenômeno que se poderia chamar de “supletivismo”, isto é, das formas como *sustuli*, supletiva do pretérito perfeito de *tollo*, *tulli* de *fero*, *insaniui* de *furo* etc.

2.2.2.6. OS ASPECTOS: *INFECTUM* E *PERFECTUM*

Segundo Varrão, a característica mais importante a estabelecer no verbo não é tanto o tempo e sim a duração, isto é, a oposição entre o *infectum*, que expressa uma ação inacabada, e o *perfectum*, que indica uma ação terminada, tanto na voz ativa como na passiva. Veja-se o esquema:

infectum —> imperfeito > presente > futuro

ativo: *tundebam* > *tundo* > *tundam* [golpeava, golpeio, golpearei]

passivo: *amabar* > *amor* > *amabor* [era, sou, serei amado]

perfectum —> mais que perfeito > perfeito > futuro do perfeito

ativo: *tutuderam* > *tutudi* > *tutudero* [golpeará, golpeei, terei golpeado]

passivo > *amatus eram* > *amatus sum* > *amatus ero* [tinha sido amado, fui amado, terei sido amado].

Varrão teria sido o primeiro gramático latino a expressar nitidamente essa noção de *infectum* e *perfectum*. Ele comentava que a maior parte de seus contemporâneos somente tiveram em conta os três tempos verbais e não a duração. Mesmo os gramáticos da decadência, segundo J. Collart, com exceção de Prisciano, não teriam explorado essa idéia. Cumpre, porém, lembrar que os estóicos já estabeleciam uma diferença entre ação *ἄτελής* [sem fim, inacabada, imperfeita] ou *ἄπειρος* [indefinida, indeterminada] e *τέλειος* [terminada, acabada, perfeita]. O mérito de Varrão estaria em ter trazido uma doutrina grega para o latim e tê-la explicitado, dando-lhe justa ênfase gramatical (Collart, 1954, p. 187).

2.2.3. AS PALAVRAS INVARIÁVEIS

A quarta e a última parte do discurso é a das palavras que não têm nem caso nem tempo, *ut docte* [sabiamente] *et facete* [engenhosamente] (X, 17). Trata-se de palavras invariáveis, sobre as quais Varrão dá apenas exemplos, como *nequam* [sem valor], *mox* [dentro em breve] e *uix* [apenas]. Algumas invariáveis, como os advérbios de lugar, são formas

declinadas dos pronomes, como já visto (*ille* > *illinc*). De modo geral, todas as indicações sobre as invariáveis são vagas e dispersas.⁵⁹¹

2.2.4. OS PARTICÍPIOS

Varrão informa claramente a estrutura gramatical do particípio: *...quod simul habent casus et tempora, quo uocantur participia* [porque possuem simultaneamente caso e tempo, razão por que se denominam particípios] (VIII, 58). No parágrafo seguinte, ele mostra que a voz ativa apresenta dois particípios, um presente (*amans*) e um futuro (*amaturus*) e que a voz passiva dispõe de um único, o particípio passado (*amatus*), o que coloca as vozes em desequilíbrio. Também os depoentes possuem os três particípios (*loquor* > *loquens*, *locuturus/locutus*). Quanto aos verbos intransitivos, como eles não têm voz passiva, não possuem particípio passado. *Curro*, por exemplo, apresenta apenas as duas formas: *currens e cursurus* (IX, 59).

2.3. A DERIVAÇÃO

Em Dionísio Trácio, o estudo da derivação fazia parte integrante do nome, no mesmo nível do gênero, número e caso.⁵⁹² Para Varrão, a derivação é uma das formas da *declinatio* (VI, 35; VIII, 1). Ele diz que as formas flexionais do nome são: nominativa, casual, aumentativa e diminutiva (VIII, 52). Eis, pois, os quatro *genera* com exemplos (*genus*):

⁵⁹¹ Lucílio parecia interessar-se pelas palavras invariáveis; por exemplo, procurava estabelecer uma diferença entre *intus* e *intro* (*G. R. F.*, p. 46, fr. 39); Nigídio Fígulo comentava os advérbios em *-im*, formados sobre verbos de movimento, tais como *expulsim*, *cursim* (*G.R.F.*, p. 163, fr. 7) e advérbios em *-tim* derivados de nomes de animais como *canatim*, *suatim*, *bouatim* [como um cão, como um porco, como um boi] (*G.R.F.*, p. 169, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 189).

⁵⁹² Segundo Dionísio Trácio, havia duas formas (εἴδη) de palavras: as primitivas (πρωτότιπον) e as derivadas (παράγωγον). As derivadas apresentavam sete formas (εἴδη): o comparativo, o superlativo, o diminutivo, a derivada nominal, a derivada verbal, a patronímica e o adjetivo; cf. J. Collart (Collart, 1954, p. 190).

- *nominandi* —> *equus* > *equile* (primitiva —> derivada) [cavalaria];
- *casuale* —> *equus* > *equum* (nominativo —> acusativo) [cavalo];
- *augendi* —> *album* > *albius* (positivo —> comparativo) [mais branco];
- *minuendi* —> *cista* > *cistella* (positivo —> diminutivo) [cestinha].

A *declinatio* é uma dupla operação, isto é, nela ocorre um componente voluntarioso (impositivo, ativo, criativo) e outro não-voluntarioso (receptivo, passivo). Na *declinatio uoluntaria* ou *a uoluntate*, o criador da forma derivada fixa-a em nominativo; uma vez feita essa operação, a flexão “natural” (*a natura*), ou seja, o sistema flexional, retoma seus direitos sob a forma de declinação casual, cessando, a partir daí, a vontade do impositor: *Voluntatem appello, cum unus quiuis a nomine aliae rei imponit nomen, ut Romulus Romae; naturam dico, cum uniuersi acceptum nomen ab eo qui imposuit non requirimus quemadmodum is uelit declinari, sed ipsi declinamus, ut huius Romulus Romae, hanc Romam, hac Roma. De his duabus partibus uoluntaria declinatio refertur ad consuetudinem, naturalis ad rationem* [Denomino flexão voluntária aquela em que uma pessoa, partindo de um nome, impõe um nome a outra coisa, por exemplo, Rômulo que dá nome a Roma. Flexão natural é aquela em que, uma vez aceito o nome imposto por alguém a alguma coisa, nós não questionamos de que maneira ele deseja ser flexionado, mas nós mesmos o flexionamos, como o genitivo *Romae*, o acusativo *Romam*, o ablativo *Roma*. Desses dois tipos de flexão, a voluntária pertence ao uso e a natural ao sistema normativo] (X, 15). Verifica-se, portanto, que a forma nominativa se opõe às posteriores, por ser o ponto de partida para a flexão derivativa. Ela é uma derivação extrínseca, porque mostra o surgimento de uma nova palavra (*equus* > *equile*; cavalo > cavalaria). As demais flexões (caso, número, gênero e grau) seriam intrínsecas.

2.3.1. A DERIVAÇÃO SUFIXAL

Varrão tinha consciência de uma morfologia sufixal, embora as indicações nesse sentido sejam vagas. No começo do livro VI, ele considera que nesse gênero de *declinatio*, os grandes peritos foram Crisipo e Antípatro, como também Aristófanes e Apolodoro, que pesquisaram o

processo derivativo, como se pode perceber neste passo: *qui omnes uerba ex uerbi ita declinari scribunt, ut uerba litteras alia assumant, alia mittant, alia commutent ut fit in turdo, in turdario et turdelice* [...todos eles ensinam que uma palavra deriva de outra, de forma que umas palavras incorporam novas letras, outras as perdem, outras as permutam, como acontece com *turdus* (tordo), *turdarium* (rede para caçar tordos), *turdelix* (filhote de tordo)] (VI, 2). Verifica-se, pois, que Varrão distinguia numa dada palavra o seu elemento específico (radical) e ao mesmo tempo comum à sua família e um elemento genérico e sufixal, capaz de dar origem a uma outra palavra. Dessa forma, ele tinha noção clara da *cognatio uerborum*, que é a família de palavras, como em *ager, agrarius, agricola* (V, 13). Mas todos esses elementos morfológicos se encontram dispersos (e sem maior base teórica), inclusive nos livros etimológicos, como se nota no exemplo dado e nestes outros:

- *albatus* < *albus* (V, 82); - *barbatus* < *barba* (V, 119);
- *capital* < *caput* (V, 130); - *cinerarius* < *cinis* (V, 129);
- *copiosus* < *ops* (V, 92); - *Fagutal* < *fagus* (V, 162);
- *curare* < *cura* (VI, 46).

Varrão apresenta também as derivações seguintes, que, na verdade, são questionáveis do ponto de vista do encadeamento cronológico — o nome do profissional da profissão, substantivo de verbo, verbo de substantivo, nome da palavra derivada mais breve do que a da primitiva, ou seja, por um sistema de redução — muito embora o que mais interessava fosse examinar o processo derivativo e o valor do sufixo:

- *uolo* < *uoluntas* (VI, 47); - *sutor* < *sutrina* [sapateiro] (V, 93);
- *medicus* < *medicina* (V, 93); - *exercitus* < *exercitare* (V, 87);
- *optio* < *adoptare* (V, 91); - *porta* < *portare* (V, 142);
- *poena* < *poenire* (V, 177); - *Roma* < *Romulus* (V, 33 e 144; X, 15);
- *imperator* < *imperium* (V, 87); - *facio* < *facies* (VI, 78);
- *cursor* < *currere* (VIII, 53); - *dictator* < *dicere* (V, 82);
- *ductor* < *ducere* (VI, 82); - *quaestor* < *quaerere* (V, 87);

- *censor* < *censio*, *onis* [censor, censo] (V, 81).

Entretanto, ele parece sentir-se seguro em seus critérios: *Quare quod ab arte artifex dicitur nec multa in eo obscura, relinquam* [Como um artista recebe seu nome de sua habilidade, e não há muita obscuridade nesse domínio, deixarei o assunto] (V, 93). Afirma, portanto, que é de *ars* que os *artifices*, como o médico e o sapateiro (*sutor*), tiram seu nome e não de *mederi* (cuidar, tratar) e *suere* (coser). Nessas derivações, ele parece partir de um princípio filosófico, metafísico e idealista; isto é, o nome abstrato⁵⁹³ deve preceder o nome do agente (*ars* > *artifex*, *medicina* > *medicus*, *sutrina* > *sutor*); o nome da coisa deve preceder o nome da ação, isto é, o verbo (*uoluntas* > *uolo*, *facies* > *facio* [modelar]); a causa deve preceder o efeito (*imperium* > *imperator*, *Romulus* > *Roma*). Como se explica então a derivação *porta* de *portare*, *poena* de *poenire*, *quaestor* de *quaerere* e outros substantivos acima realacionados? Varrão explica essas derivações não de um ponto de vista filosófico e, sim, meramente gramatical, como neste texto: *Quae uocabula dicuntur a uerbis, fiunt ut a scribendo scriptor, a legendo lector...ut ab amando, amator...*[Quanto às palavras derivadas de verbos, como *scriptor* de *scribere*, *lector* de *legere*,...como *amator* de *amare*...] (VIII, 57). Varrão, distante de uma gramática saturada de regras, ou seja, normativa, apenas constatou e descreveu o fato que se poderia traduzir numa regra prática da gramática hodierna: se o substantivo (coisa = *porta*,⁵⁹⁴ *poena*, ou agente = *quaestor*, *cursor*) denota ação, ela será a palavra derivada e o verbo a primitiva. Seria um substantivo “deverbal”. Vê-se, pois, face ao mecanismo derivativo, um Varrão bifronte, utilizando, às vezes, princípios filosóficos de inspiração estóica e anomalista e, outras, apoiando-se em critérios puramente gramaticais, provavelmente de origem alexandrina e analógica.

⁵⁹³ Isid., *Etym.* X, 1. Assimilando o pensamento varroniano, Isidoro de Sevilha confirmava que, por essa derivação de cunho filosófico, vinha primeiramente a *sapientia*, depois o *sapiens*, primeiramente a *humanitas*, depois o *homo* (Collart, 1954, p. 192).

⁵⁹⁴ *Porta* no texto varroniano (*L.L.* V, 142) é sema denotativo de movimento, da ação de passar transportando (*portare*) e, menos, de objeto estático, divisória de compartimentos.

2.3.2. A PREFIXAÇÃO

Varrão conhece a prefixação como modalidade de criação de novas palavras na língua. Chama esses prefixos de *praeuerbia*, que na verdade, se relacionam com as preposições. Ele não apresenta uma teoria sobre os prefixos, apenas fornece vários exemplos, para mostrar como a língua se expande mediante a *declinatio*. No passo VI, 38, seu raciocínio é mais quantitativo do que analítico. Argumenta que, com dez prefixos aplicados sobre as quinhentas formas secundárias derivadas de cada palavra, segundo a teoria de Coscônio, podem-se obter cinco mil formas diferentes (*discrimina*); sendo mil as palavras *primigenia*, chegar-se-ia a uma cifra de um milhão de formas diferentes. Esses dez *praeuerbia* Varrão os coloca, como exemplos, antes de *cessit*, pretérito perfeito de *cedo* (andar, caminhar, avançar), que é uma forma livre na língua latina. Eis os resultados desse processo de prefixação: *processit* [avançou], *recessit* [retrocedeu], *acessit* [aproximou-se], *abscessit* [afastou-se], *incessit* [atacou], *excessit* [retirou-se], *successit* [substituiu], *decessit* [desistiu], *discessit* [separou-se] e *concessit* [concedeu] (VI, 38). Colocando a prefixação como uma decorrência da *declinatio*, Varrão entende-a como um processo derivativo e não compositivo.⁵⁹⁵

Em conclusão, o que se poderia dizer, sem injustiça, da morfologia do *De lingua Latina*, é que ela é incompleta e dispersa. Essa natureza fragmentária incomoda o espírito moderno acostumado a observar fatos, selecionar problemas, sistematizar soluções etc. Entretanto, esse conflito na mente de quem se põe hoje a pesquisar aquele prototexto que é o próprio *De lingua Latina*, deve ser imputado mais à exigente perspectiva

⁵⁹⁵ Os prefixos assumem um valor significativo que empresta ao radical um novo sentido, patenteando assim a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária. O processo cria uma nova palavra, mas não a muda de categoria, como às vezes ocorre na sufixação. E. Bechara (Bechara, 1970, p. 216) considera a prefixação um processo derivativo. C. Ferreira da Cunha (Cunha, 1986, p. 103) argumenta que se o prefixo não tem existência própria no idioma, ou seja, se é forma presa, como em *dispor* e *reter*, o fato deve ser tratado como uma derivação, mas se ele costuma funcionar também como palavra independente (forma livre), como *contra* em *contrapor*, seria adequado falar em composição.

científica moderna do que ao próprio Varrão, configurado e delimitado que estava ao saber que se lhe descortinava em seu tempo. De sua parte, porém, o reatino, por causa e em consequência de sua reconhecida erudição, tinha plena consciência de estar abordando uma matéria obscura, árdua e, por isso mesmo, pouco atraente e com reduzida chance de prender o leitor comum. Assim ele se expressava sobre a percepção e a aplicação da analogia na língua, princípio teórico de todo estudo morfológico: *Quem locum, quod est difficilis, qui de his rebus scripserunt aut uitauerunt aut incepterunt neque adsequi potuerunt* [Este tópico, por ser difícil, aqueles que escreveram sobre a analogia ou o evitaram ou o iniciaram e não puderam continuar] (X, 9). Não obstante, colocara todo seu esforço pessoal na elucidação da complexa economia da língua.

Como a etimologia, vista no capítulo XI, a morfologia varroniana gira também em torno dos conceitos de natureza, analogia, uso e autoridade. Primeiramente, para ele, a língua é uma espécie de matéria prima herdada *a natura*,⁵⁹⁶ sistematizada pela *analogia*, elaborada pelo uso espontâneo (*consuetudo*) e aperfeiçoada pela *auctoritas*. O falante tem um crédito lingüístico de natureza social, que pode ser sacado do patrimônio comum, a língua. A analogia, por sua vez, propondo a regra como um princípio racional e moderador do uso, incorpora à língua os elementos consolidados e sancionados por este. A regra, como produto da razão, tenta regularizar as formas espontaneamente produzidas pelo uso. A ela cabia uma tarefa duplamente árdua: de um lado, administrar e interiorizar o sistema autóctone e endógeno, ou seja, o latim e os dialetos itálicos; de outro, interpretar e adaptar os volumosos empréstimos léxicos de um poderoso sistema exógeno, o grego. Quanto ao uso, apresentava ele aspectos variados: o local e o nacional, o falar antigo e o novo, a moda (neologismos) e a autoridade (arcaísmos). A *auctoritas* também é fator preponderante na construção morfológica. Ela se configura nas pessoas dos *impositores* e *antiqui*, oradores e poetas, analistas e gramáticos — todos exímios

⁵⁹⁶ Ninguém, por si, pode modificar a herança lingüística recebida em primeira instância da comunidade dos falantes.

elaboradores da metalinguagem —, na medida em que puderam cooperar na criação da *latinitas*, expressão ideal da língua.

É verdade que a parte prática da morfologia varroniana foge do alcance do pesquisador, principalmente devido à falta dos livros XI, XII e XIII. Entretanto, os dados supérstites, devidamente recolhidos e elaborados, permitem atribuir ao reatino uma visão lingüística penetrante e moderna, sob certos aspectos, além de um espírito de análise e diferenciação — objeto da admiração dos pósteros intelectuais romanos e, não menos, do pesquisador moderno.

CAPÍTULO XIII

METALINGUAGEM NA TEORIA E NA APLICAÇÃO DOS ELEMENTOS FONÉTICOS

Os elementos sobre uma fonética varroniana encontram-se com mais frequência nos fragmentos conservados pelos gramáticos posteriores do que no texto, propriamente dito, do *De lingua Latina*. Tais fragmentos revelam, de um lado, o quanto Varrão estava interessado e avançara no estudo dos sons das palavras e, de outro, o pouco que a reflexão gramatical, posterior a ele, chegou a produzir. Antes, ao contrário, esta muito dependeu da reflexão varroniana.

Como no estudo da etimologia e da morfologia, visualiza-se na reflexão fonética varroniana uma parte teórica e outra prática. Frise-se, porém, que não há nenhum plano do autor prevendo, no *De lingua Latina*, a inserção de um estudo específico sobre esse ramo da gramática.

1. FONÉTICA: PARTE TEÓRICA

A parte teórica do estudo da fonética em Varrão vem, em primeira instância, do acervo de teorias já produzidas pelos lingüistas gregos. Uma vez, porém, assimiladas, foram reelaboradas por ele no plano da língua latina. Num segundo momento, a reelaboração varroniana é noticiada no conjunto dos pareceres que gramáticos tardios deram a respeito.

1.1. O SOM DA LINGUAGEM: DEFINIÇÃO; DUAS TEORIAS

Assim, há um fragmento de Varrão, conservado pelo gramático Diomedes, em que o autor reatino apresenta uma definição de voz: *Vox est, ut stoicis uidetur, spiritus tenuis auditu sensibilis, quantum in ipso est. Fit autem uel exilis aerae pulsu uel uerberati aeris ictu* [O som da voz é, no parecer dos estóicos, um espírito sutil, perceptível ao ouvido, de acordo com sua característica, isto é, enquanto ressoa. Ela é causada ou pela

emissão de um leve sopro ou pela percussão do ar em vibração]. O texto de Diomedes prossegue com outros esclarecimentos, que devem ser considerados como testemunhas do pensamento de Varrão sobre a fonética. Ei-lo, por curiosidade, apenas traduzido (sob minha responsabilidade): “Todo som é articulado ou confuso. O som articulado revela inteligência; é aquele emitido pela voz humana; denomina-se também “literável” ou “grafável”, porque pode ser traduzido em letras. O som “confuso” não revela inteligência, não é grafável; é aquele realizado pelo grito natural dos animais, não podendo ser convertido à escrita; é, por exemplo, o relincho do cavalo e o mugido do touro” (*G.K.L.* I, p. 420; *G.R.F.*, p. 268, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 57).

Segundo interpretação de Aulo Gélíio,⁵⁹⁷ esse texto varroniano (conservado por Diomedes) expõe duas teorias filosóficas sobre a natureza do som (*uel...uel...*): a estóica e a platônico-aristotélica.

1.1.1. TEORIA ESTÓICA DA EMISSÃO DO SOM: CORPO SONORO INDEPENDENTE

Havia, de fato, entre os filósofos gregos um debate sobre a natureza do som. De um lado, tinha-se uma teoria da emissão que afirmava ser o som, por si, uma matéria específica. Essa teoria se bifurcava:

a) Havia a doutrina atomística de Demócrito e Epicuro; segundo a física atomística de ambos, o som decorre de um fluxo de átomos;

b) Havia a doutrina espiritualista dos estóicos, segundo a qual o som é uma corrente de ar sutil (*spiritus subtilis*) e específica, metamorfoseada e transformada num corpo novo, uma matéria em si. É essa teoria estóica que, segundo Aulo Gélíio, estaria no pensamento de Varrão: o som resulta de um *exilis aurae pulsus*; isto é, depois da percussão originada nos órgãos

⁵⁹⁷ N. A. 5, 15: *Sed uocem Stoici corpus esse contendunt...Plato autem non esse uocem corpus putat...* [Mas os estóicos confirmam que a voz é um corpo...Platão, porém, não considera que a voz seja um corpo], *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 59).

fonadores, o som se transforma num corpo sonoro independente, que atinge o aparelho auditivo.⁵⁹⁸

1.1.2. TEORIA PLATÔNICO-ARISTOTÉLICA: ONDULATÓRIA OU DO CHOQUE

Ao lado da teoria da emissão e corporificação do som da voz, Varrão insere no texto uma outra teoria (*uel*), a ondulatória (ou do choque), de origem platônica e aristotélica, contida na expressão varroniana *uel uerberati aeris ictus*,⁵⁹⁹ cuja descrição é a seguinte: por um choque provocado pelos órgãos fonadores, dá-se a percussão do ar, que caminha no espaço como uma onda (não como matéria específica); é um choque inicial que se propaga e se torna som no ponto de contato com os órgãos receptores auditivos. Em outras palavras, o som é provocado por um distúrbio do ar, transmitido aos órgãos receptores que os interpretam e traduzem para sensações específicas e, daí, para o sentido.

Nesse debate, verifica-se a forte influência da teoria estóica sobre o pensamento varroniano acerca do som e sua natureza, ou seja, a de um corpo que soa independentemente da fonte sonora, obviamente, enquanto dura. É possível que essa teoria tivesse alguma base na experiência auditiva do fenômeno do eco que, aparentemente, é uma matéria sonora independente da fonte.

1.2. PROPRIEDADES DOS SONS DO VOZ: *LONGITUDO, ALTITUDO, CRASSITUDO*

Um outro fragmento varroniano recolhido pelo Pseudo-Sérgio transmite a teoria de Varrão sobre as propriedades do som: *Scire oportet*

⁵⁹⁸ Segundo os estóicos, os sons das palavras não estariam sempre no ar, disponíveis; na interpretação de Diomedes acima citada, eles subsistiriam ...*quantum in ipso est*, isto é, enquanto têm consistência, enquanto vibram, duram.

⁵⁹⁹ Platão diz que o som é um choque transmitido através dos ouvidos por intermédio do ar, do cérebro e do sangue até à alma (*Tím.* 67 b). Para Aristóteles o som é um sopro (*πνεῦμα*) que transmite uma percussão; não é o ar, em si, transformado num corpo específico (*De anima* II, 8, 2); *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 60).

uocem, sicut omne corpus, tris habere distantias: longitudinem, altitudinem, crassitudinem... [É preciso saber que o som, como todo corpo material, tem três dimensões: duração, altura, densidade (intensidade)...]. (Ps. Serg. *Expl. in Don.* = *G.R.F.*, p. 296, fr. 278 = *G.L.K.* IV, p. 525-6, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 63). O texto prossegue por algumas linhas mais, para desenvolver esses conceitos. Como já visto acima, subjaz a ele a teoria estóica do som como corpo material, suscetível de divisão nessas três dimensões. Portanto, os sons da voz humana comportam três elementos: a duração (*longitudo*), que se avalia por meio do tempo, do número de sílabas e do valor dessas; a altura (*altitudo*), que se revela pelo *accentus* (προσῳδία) grave e agudo; e a intensidade (*crassitudo*), que qualifica os sons como *pinguiores* (fortes) e *tenuiores* (fracos). Como Varrão teria fixado esses valores? Supõe-se que em algum lugar não supérstite do *De lingua Latina* ou de outra obra, ele tenha tido o cuidado de desenvolver essa teoria, inclusive através de exemplos. Por azares, segundo anota J. Collart (Collart, 1954, p. 64), os conceitos de *longitudo* e *crassitudo* aparecem apenas no fragmento acima citado.

Entretanto, cumpre observar que já no Περὶ Ἀκουστικῶν Aristóteles usara o termo στοιχεῖα para significar letras e sons.⁶⁰⁰ Nessa mesma obra, ele empregara nomes relativos às propriedades constrativas do som, a *longitudo*, a *altitudo*, a *crassitudo*. Eis os nomes latinos e gregos, que marcam, enquanto possível, as oposições articulatórias:

longitudo —> μῆκος = comprimento = longitude, duração > largueza

—> βραχυτής = pequenez, qualidade de curto > brevidade

altitudo —> ὀξύτης = forma pontuda = agudeza

—> βαρύτης = baixeza, peso = gravidade

crassitudo —> δασύτης = aspereza, rudeza, sonoridade = aspiração

⁶⁰⁰ Arist., *Poet.* 1456 b 30. A palavra στοιχεῖα designava em Aristóteles ao mesmo tempo as letras e os sons que elas representavam; para as letras, enquanto signos puramente gráficos, se reservava o vocábulo γράμμα; *apud* J. Collart (Collart, 1954, p. 65).

—> ψιλότης = brandura, suavidade, surdez = não aspiração.

Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 65), Aristóteles usava esses termos para frisar a estética e a expressividade dos sons, tais como sílabas rugosas e lisas, duras e moles. Não se deve, portanto, pretender encontrar neles a precisão dos termos modernos, embora δασεῖαι φωναί e φίλαι φωναί já significassem, respectivamente, palavras aspiradas e não aspiradas. Em Dionísio Trácio, porém, elas adquirem um significado preciso e técnico: τὰ δάσσεα designam “aspiradas” (θ, φ, χ); τὰ ψιλά, “surdas” (τ, π, κ); e τὰ μέσα, “sonoras” (δ, β, γ) (*D. Thr.*, p. 12-3, éd. Uhlig, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 66).

Questiona-se em que termos foram traduzidos por Varrão os conceitos de Aristóteles. Se este pensava no seu valor qualitativo (duração, timbre, expressividade), Varrão pendia para o sentido quantitativo. Assim, a *crassitudo*, com suas dimensões de som *pinguis* e *tenuis*, era entendida pelo reatino como intensidade, como volume de ar na emissão do som, um som, talvez, denso ou ralo, forte ou fraco.

Quanto à *longitudo*, ou seja, a duração temporal entre vogais breves e longas, ou seja, a quantidade das vogais, esta lhe era, naturalmente, conhecida. Seu mestre Áccio, para distinguir longas e breves na escrita, propunha a geminação gráfica das longas (*G. L. K.*, VI, p. 8, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 68). No *De lingua Latina* Varrão dizia que Áccio preferia *Hectora* (o breve — forma helenizada) a *Hectorem* (o longo — forma latinizada — X, 70). No livro VIII, Varrão diz expressamente que nas formas homônimas-homógrafas do presente e do pretérito perfeito *pluit* [chove, choveu] e *luit* [solve, solveu] o *u* é breve no presente e longo no pretérito (VIII, 104). No mesmo passo, diz que na expressão jurídica *ruta caesa* [bens móveis extraídos do solo] o *u* é longo (VIII, 104). Em outros passos, Varrão parece mostrar indiferença quanto à quantidade das vogais, quando, por exemplo, associa *puteus* [poço, *u* breve] a *putor* [pestilência, *u* longo] (V, 25). Varrão escrevera uma obra intitulada *De poematis* em que, provavelmente, teorizara sobre a quantidade das vogais. Entretanto, como observa J. Collart, ele mostrava domínio da matéria quando tratava da

prática poética, ou seja, ao versar sua extensa obra, as *Sátiras Menipéias*; como filólogo, parecia negligenciar o assunto (Collart, 1954, p. 68).

Quanto à *altitudo*, um outro fragmento do Pseudo-Sérgio informa que Varrão tomara de Tirânio Amiseno, discípulo de Dionísio Trácio, sua teoria dos acentos, acrescentando um acento intermediário.⁶⁰¹ Dionísio classificara os acentos (τόνοι) em três: o agudo (ὀξύς), o grave (βάρυς) e o circunflexo (περισπωμένος) (*D. Thr.*, p. 6-7, éd. Uhlig, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 70). Tirânio, e com ele Varrão, introduziram o citado acento intermediário entre o agudo e o grave.⁶⁰² Assim, entre um registro alto e um registro baixo deveria haver uma μέση *prosodia*, nem grave nem aguda e distinta do timbre modulado ou circunflexo.⁶⁰³

Como visto, as três propriedades do som assinaladas por Varrão corresponderiam, *grosso modo*, a essas que se conhecem hoje no latim: duração (quantidade: vogais longas e breves), intensidade (tonicidade: som forte ou fraco das sílabas) e altura (tom agudo ou grave). Entretanto, a

⁶⁰¹ O Pseudo-Sérgio (*G. K. L.* IV, p. 528-32; *G.R.F.*, p. 301-3, fr., 282, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 70) registra: *Tyrannio uero Amisenus...quattuor scribit esse prosodias: βαρεῖαν, ὀξεῖαν, μέσην et περισπωμένην;...in eadem opinione et Varro fuit* [Tirânio Amiseno...escreve que há quatro acentos: o grave, o agudo, o intermediário e o circunflexo;...também Varrão tinha a mesma opinião].

⁶⁰² Segundo J. Collart (Collart, 1954, p. 73-4), quanto à expressividade do som, Varrão apoiava-se em dois argumentos a respeito desse acento intermediário. O primeiro era de caráter moral e afetivo: na natureza, que se mostra irredutível aos extremismos, há sempre um meio termo entre duas qualidades extremas e opostas, como o morno entre o quente e o frio; esse *mezzo* nem sempre é perceptível; na música, por exemplo, é difícil de ser percebido numa audição. O outro argumento é de fundo estóico: a voz, corpo material, tem, na sua *altitudo*, uma parte aguda, uma parte grave e uma mediana.

⁶⁰³ Quanto a esse acento intermediário, o Pseudo-Sérgio informa que o próprio Varrão reconhecia os gramáticos gregos Glaucos de Samos, Hermócrates de Iasos e, igualmente, o peripatético Teofrasto como criadores dessa média prosódia (*G. K. L.* IV, p. 530). Ao final, todos parecem remontar a Aristóteles. A προσφῶδια aristotélica, palavra equivalente a *accentus*, designava o conjunto das propriedades do som, em particular a *altitudo*. Essa, por sua vez, era determinada pela ὀξύτητι καὶ βαρύτητι καὶ τῷ μέσῳ, isto é, pelo timbre agudo, grave e intermediário (Arist., *Poet.* 1456 b 30).

ausência de exemplos concretos, principalmente relacionados com a *altitudo* e a *crassitudo*, torna difícil, no estado atual da documentação, recuperar o entendimento exato desses conceitos varronianos, chegados até o presente de forma não só escassa como também dispersa.

1.2.1. EXPRESSIVIDADE

Um outro fragmento varroniano conservado por Diomedes (*G. L. K. I*, p. 426 e *G. R. F.*, p. 269, fr. 243) presta alguns esclarecimentos sobre os efeitos expressivos das sílabas, segundo o entendimento de Varrão: “Entre as sílabas, como diz Varrão, umas são rugosas, outras lisas, umas alongadas, outras curtas/secas; umas bárbaras, outras, gregas; umas duras, outras macias. Sílabas rugosas são, por exemplo: *trux*, *crux*, *trans*; lisas, por exemplo: *lana*, *luna*; sílabas alongadas são aquelas que têm uma vogal longa como último ou penúltimo elemento, por exemplo: *facilitas*; curtas/secas são aquelas que terminam por uma “muda”, como *hic*, *hoc*; sílabas bárbaras são, por exemplo, as da palavra *gaza*;⁶⁰⁴ sílabas gregas são, por exemplo, as de *Hymnos*, *Zenon*;⁶⁰⁵ sílabas duras aparecem, por exemplo, em *ignotus*; sílabas macias, são, por exemplo, as de *aedes*.” É interessante notar que já Aristóteles no *Περὶ ἀκουστικῶν* classificava as sílabas segundo seu valor estético, em pares opostos: μαλακαὶ ἢ σκληραὶ [suaves ou duras], λεπταὶ ἢ παχεῖαι [finas ou grossas], λιγυραὶ ἢ σαθραὶ [melodiosas ou destoantes/desagradáveis].

Também Sócrates, no *Crates* de Platão, reconhecia a expressividade do *r* e do *l* como também do *d* e do *t* para sugerir, respectivamente, movimento e parada. Do ponto de vista varroniano, o *l* de *luna* e *lana* sugere a idéia de um corpo deslizante (Collart, 1954, p. 74); não sem razão,

⁶⁰⁴ Segundo A. Ernout et A. Meillet (Ernout-Meillet, 1951, p. 477), a palavra é persa, tomada pelo grego (γάζα); designava “tesouro do rei da Pérsia” e tinha para os gregos um som bárbaro; para os romanos a palavra começou a aparecer precisamente no tempo de Varrão.

⁶⁰⁵ Seriam sílabas gregas, por causa da presença do *-y* e do *-z*, grafias, em princípio, estranhas ao latim, e, por isso, destacavam-se como pertencentes a palavras emprestadas. (A tradução do excerto é da minha responsabilidade).

o reatino mostra o jogo de som (/ue/ /uin/) ao fazer a etimologia de *Venus*: *Non quod uincere uelit Venus, sed uincire* [Não porque Vênus queira vencer, mas sim, unir] (V, 62). Observe-se também que, para Varrão, o *r* de *paria* é brando (*propter leuitatem*), motivo por que desapareceu, resultando *pallia* (pálidos) (V, 133).

1.3. CLASSIFICAÇÃO DOS SONS

No texto conhecido do *De lingua Latina* não ocorrem os termos técnicos *uocales*, *consonantes*, *semiuocales*, *mutae*. Alguns fragmentos, porém, segundo J. Collart (Collart, 1951, p. 74), mostram que Varrão conhecia essa nomenclatura que já vinha sendo versada por platônicos, peripatéticos, estóicos e alexandrinos. Diomedes, que, também segundo aquele autor, segue Varrão em suas generalidades fonéticas, apresenta uma lista das semivogais e “mudas”, tais como estabelecidas pelo reatino.⁶⁰⁶ As semivogais correspondiam ao que se entende por contínuas, constrictivas ou não oclusivas. As “mudas” seriam as oclusivas ou instantâneas. Eis o quadro geral, com a possível aproximação à nomenclatura hodierna:

semivogais —> c o n s t r i t i v a s + n a s a i s
 —> s - z - f - l - r - m - n
 —> f r i c a t i v a s lateral vibrante + n a s a i s
 mudas —> o c l u s i v a s
 —> b - d - g - h k - c - p - q - t
 —> s o n o r a s a s p i r a d a s u r d a s .⁶⁰⁷

⁶⁰⁶ A lista varroniana registrada por Diomedes (*Art. gramm.* II; *G.L.K.* I, p. 422) correspondia, *mutatis mutandis*, à das ἡμίφωνα (semivogais), estabelecida por Dionísio Trácio.

⁶⁰⁷ Dionísio de Halicarnasso (D.H., *Περὶ συνθέσεως ὀνομάτων* XIV, 83-85, 55-7, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 76), na época de Augusto, estabelecia a seguinte classificação: a) semivogais: líquidas, nasais, sibilantes, consoantes duplas; b) mudas: surdas, sonoras, aspiradas; c) em cada uma dessas categorias inseria os conceitos de labiais, dentais, guturais; como se verifica, tal classificação parece aproximar-se mais das dos manuais modernos. Entretanto, segundo J. Collart,

1.3.1. LITTERAE E SYLLABAE

Num outro fragmento conservado por Diomedes, Varrão diz que as *litterae* se agrupam em *syllabae* (*litterae in syllabas coguntur*).⁶⁰⁸ Por esse passo, conclui-se que o reatino distinguia nitidamente o conceito de sílaba do de fonema como unidade sonora indivisível. Verifica-se também, por esse fragmento de Diomedes, que a palavra *littera* designava, para o escritor reatino, “letra” enquanto signo gráfico e, ao mesmo tempo, som (fonema), ao passo que os gregos já dispunham, para essas duas noções, de dois termos: γράμματα e στοιχεῖον. J. Collart (Collart, 1954, p. 77), porém, observa, que, apesar dessa distinção teórica entre som mínimo (fonema) e letra, na prática, quando Varrão usa os termos supressão, adição, transposição ou transformação de letras (*litterarum* — V, 6), não se sabe com certeza a que ele se refere, se ao fonema ou se à letra.

2. FONÉTICA APLICADA

Coloca-se a questão se Varrão compusera um tratado prático de análise fonética. Teria ele inserido o assunto no *De Antiquitate Litterarum*, ou no *De Sermone Latino ad Marcellum*? Os gramáticos posteriores elaboraram estudos em torno de temas como a voz, as letras, as sílabas, a prosódia, nos quais Varrão é referência fundamental. Eles teriam citado o dito tratado, se houvesse. Por outro lado, considerado o estado atual da documentação, não consta a existência de nenhuma obra sobre fonética elaborada antes de

essa classificação já remontava, ao menos parcialmente, a Platão (*Crat.* 426 c - 427 d). Por outro lado, Aristóteles, na *Poética*, misturava às propriedades físicas do som as propriedades afetivas. Conclui-se que ao tempo de Platão e Aristóteles a fonética procurava firmar-se como disciplina compartimentada e coerente.

⁶⁰⁸ Eis o fragmento conservado por Diomedes (*G.L. K.* I, p. 426, frag. 237): “A gramática toma sua fonte do alfabeto; o alfabeto se representa sob a forma de letras, as letras se ajuntam em sílabas (*litterae in syllabas coguntur*), uma reunião de sílabas forma um grupo sonoro interpretável...” (A tradução é de minha responsabilidade).

Varrão, donde se conclui que, se o reatino escreveu alguma, ela teria sido original, notória e marcante. Dessa forma, observa-se que, se já sobre a morfologia aplicada os elementos disponíveis no *De lingua Latina* são tão escassos e dispersos, sobre uma fonética aplicada são-no mais ainda, além de incompletos e lacunares. O conjunto está longe de formar um corpo de doutrina, mesmo porque Varrão parecia não categorizar a fonética como ciência autônoma e ramo específico dos estudos lingüísticos.⁶⁰⁹ No entanto, nem por isso suas observações — ainda que rudimentares e em torno de uma disciplina ainda incipiente e inconsistente — são menos preciosas.

Varrão tem a intuição do fato fonético, mas poucas vezes o denomina. Parece não dispor de um sistema teórico suficiente para explicá-lo.⁶¹⁰ Não obstante, num passo fundamental, ele apresenta uma nomenclatura básica. Em nível de letras (fonemas) são eles: *demptio* (supressão), *additio* (adição), *commutatio* (transformação) e *traiectio* (transposição) e em nível de sílabas: *productio* (alargamento), *correptio* (abreviação), *adiectio* (acréscimo) e *detrectio* (supressão) (V, 6). No estudo a seguir, tentar-se-á reagrupar esses rudimentos fonéticos raros e dispersos e enquadrá-los naquela sumária nomenclatura varroniana. O estudo será feito obedecendo

⁶⁰⁹ *Littera* era para ele signo gráfico e som. Entretanto, verifica-se que, ainda hoje, a nomenclatura e os campos do estudo do fonema buscam melhores definições entre fonética, fonêmica, fonemática e fonologia (Sievers, Saussure, escola de Praga/Trubetzkoy, escola norte-americana). Há a tendência, segundo J. Mattoso Câmara, a considerar a fonética (histórica, descritiva, experimental) como um estudo da fonação, dos efeitos acústicos elementares que a audição apreende como unidades sônicas produzidas pelos órgãos fonadores, independentemente de sua função lingüística. Fonêmica e Fonologia seriam termos correspondentes, sendo o primeiro norte-americano e o segundo, praguense; a Fonêmica estaria voltada para a apreensão dos fonemas e a Fonologia, para o levantamento dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações, condições prosódicas, traços distintivos etc. Fonemática, como derivado mais regular do grego, é o termo proposto para substituir Fonêmica. Cf. J. Mattoso Câmara (1968, p. 159).

⁶¹⁰ É preciso lembrar que o objetivo de Varrão nos livros etimológicos e morfológicos era examinar não o valor dos fonemas, letras e sílabas e sim a origem das palavras e o sistema analógico da língua.

às duas fundamentais divisões dos fatos fonemáticos (metaplasmos): o vocalismo e o consonantismo.

2. 1. VOCALISMO

Os fenômenos fonéticos mais freqüentes relativos às vogais são os seguintes, com seus respectivos exemplos.

2.1.1. *COMMUTATIO* [COMUTAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO]

a) **e > i** (exemplos:)

- *inlicium* [convocatória, aliciamento] < *pellexit* (*pellicio* < *lacio* [aliciar] (VI, 94-95);
- *insicia* [picado de carne] < *insecta* [carne picada] (V, 110);
- *discrimen* [linha divisória, limite] < *cerno* [eu distingo] (VI, 81);
- *tritura* [trilha], *tribulum* [tritador, debulhador], *triones* [junta de bois] < *terere* [pisar, triturar, arar a terra] (V, 21, VII, 74);

b) **a > e** (exemplos:)

- *clepere/clepsere* [subtrair, furtar] < *clam* [secretamente] (VII, 94);
- *gregatim* [coletivamente] < *gragulus* [gralha] (V, 76);
- *Antemnae* [localidade] < (ante) *amnis* [rio] (V, 28);
- *tibicen* [trombeteiro], *liticen* [tocador de clarim] < *canere* (V, 91).

c) **e > u** (exemplo:)

- *turma* [esquadrão de cavalaria] < *terima* [*ter deni* = trinta ginetes] (V, 91);

d) **e > o** (exemplos:)

- *toga* [veste, toga] < *tego* [cobrir] (V, 114);
- *forum* [fórum] < *fero, confero* [levar, dirimir] (V, 145);⁶¹¹

⁶¹¹ Trata-se de etimologia fantasiosa.

e) **o** > **e** (exemplo:)

- *metuere* [temer] < *motus* [comoção, movimento] (VI, 48);

f) **u** > **o** (exemplo:)

- *doctor* [mestre] < *ductor, induco* [condutor, conduzir] (VI, 62);

2.1.2. *TRAIECTIO* [TRANSPOSIÇÃO]

a) **fer** > **fre**, **para** > **pra** (exemplos:)

- *fretum* [mar] < *fervens, feruere* [fervente, ferver] (VII, 22);

- *prata* [prados] < *parata* [preparados] (V, 40).

2.1.3. *DEMTIO* [SUPRESSÃO] (EXEMPLOS:)

- *armentum* [gado para tração] < *arimentum* (< *arare*) (V, 96);

- *urna* [vaso de água] < *urīnor* [mergulhar na água] (V, 126);

- *nihil* < *nihilum* (V, 111).

2.1.4. *ADDITIO* [ACRÉSCIMO] (EXEMPLOS:)

- *cereo* [ver] < *creo* [criar] (VI, 81);

- *terere* [pisar] < *tritura* [debulha do trigo], *triones* [bois de arado] (V, 21).

2.1.5. *DEMTIO, COMMUTATIO, TRAIECTIO*

Ocorrem também as mutações complexas, resultantes da combinação de supressão, transformação e transposição de grupos fonéticos — que aqui estão sendo apenas apresentadas como exemplos de fatos, sem a intenção de uma análise precisa das causas desses acidentes fonéticos:

- *bruma* [bruma] < *breuissimus (a) (dies)* (VI, 8);

- *aprilis* [abril] < *aperire* [abrir] (VI, 33);

- *fructus* < *fruor* [desfrutar] ou < *fero* [produzir] (V, 104);

- *sceptrum* < *scaeptrum* [cetro, trono] (VII, 96);
- *Mesius* < *Maesius* (VII, 96);
- *fenesicia* [feno] < *faenesicia* (VI, 96);
- *celum* [céu] < *caelare* [cinzelar] (V, 18).

2.2. CONSONANTISMO

Também nas consoantes se produzem os mesmos fenômenos que Varrão chama de *additio*, *demptio*, *commutatio* e *traiectio litterarum*. Não cabe neste estudo entrar no mérito das aproximações etimológicas feitas pelo mestre, embora soem hoje como fantasiosas. Importa apenas assinalar que a semelhança fonética aliada a uma razoável aproximação semântica constituíam método freqüentemente usado — não só por Varrão — para explicar as origens das palavras e, assim, reuni-las em famílias.

2.2.1. COMUTATIO: P>B, T>D, T>C, K>G, R>S, S>R, D>R, L>R, H>S, D>L

a) **p > b** (exemplos)

- *Palatium* < *balatium* [local onde se reúne o gado] (V, 53);
- *nuptiae* [núpcias] < *nubes* [nubentes] (V, 72);
- *brassica* [couve] < *praesica* < *praeseco* [desprender] (V, 104);

b) **t > d** (exemplo:)

- *indusium* [veste, blusa] < *intus* [íntimo] (V, 131);

c) **t > c** (exemplo:)

- *Orcus* < *ortus* [surgido, nascido] (V, 66);

d) **g > c** (exemplos)

- *actus* [passagem] < *ago* [tocar o gado] (V, 34-35);
- *cinctus* [cinturão] < *cingere* [cingir] (V, 114);

e) **s > r** (exemplos)

- *Lares* [as divindades] < *Lases* (VI, 2);

- *Liber* > *Loebes* (VI, 2);

- *aerarium* [erário] < *aes* [cobre] (V, 183);

f) **r** > **s** (exemplos)

- *fasti* (*dies*) < *fari* [anunciar] (VI, 29);

- *rorarii* [soldados em escaramuças] < *ros* [orvalho] (VII, 58);⁶¹²

- *orator* < *os* [boca, linguagem] (VI, 76);

- *iurgium* [querela], *iurgare* [abrir processo] < *ius* [direito] (VII, 93);

- *Carmenae* [musas] < *Casmenae* (VII, 26);

e) **d** > **r** (exemplo:)

- *meridies* [o meio-dia] < *medius dies* [forma arcaica] (VI, 4);

f) **l** > **r** (exemplo:)

- *Caeriolensis* (< *Carinae*) < *Caeliolus* < *Caelius* (V, 47);

j) (aspirada) > **s**; (exemplos:)

- *sus* < *ſŷ* [porco] (V, 96);

- *sirpices* < (**h**)*irpex* [rastelo] (V, 136);⁶¹³

l) **d** > **l** (exemplos:)

- *olor* [cheiro], *olet* [recende] < *odor*, *odorari* (VI, 83);

- *peculium* [recurso], *peculatum*, *peculiare* < *pecus*, *udis* [gado, base econômica] (V, 95);

- *lumariae* < *dumariae* < *dumecta* [abrollhos] (V, 137);

- *Nouensiles* < *Nouensides* [divindade sabina] (V, 74);

- *solium* [trono], *seliquastrum* [cadeira] < *sedere* [sentar-se] (V, 128).⁶¹⁴

⁶¹² *Rorarii* eram os soldados em escaramuças, que davam início à batalha, como o rorejar precedendo a chuva pesada.

⁶¹³ *Hirpex* (forma urbana), *irpex* (forma rural);

2.2.2. *DEMPATIO* [SUPRESSÃO]: S, R, C

a) **s** (exemplos:)

- aper [javali] < **as**per (V, 101);⁶¹⁵

- irpices [rastelos] < **sir**pices (V, 136);

b) **r** (exemplo:)

- *pilum* [lança] < *perilum* [perigo] < *perire* [perecer] (V, 116);

c) **c** (exemplo:)

- *uruum* [cama do arado] < (*curuum*) (V, 135);

2.2.3. *DEMPATIO, TRAIECTIO* [SUPRESSÃO, TRANSFORMAÇÃO] (EX.:)

- **pr**ata < **par**ata [vide supra];

- **cap**ra [cabra] < **car**pa (V, 97).

2.2.4. PALAVRAS ASPIRADAS (H)

Segundo Prisciano, Varrão⁶¹⁶ recusava ao **h** o direito de figurar como letra do alfabeto,⁶¹⁷ ou, ao menos, procurava restringir seu uso,

⁶¹⁴ Mário Victorino, inspirado em Varrão, confirmava: *Nouensides per L siue per D scribendum: communionem enim habuit L littera cum D apud antiquos, ut dingnam et linguam, dacrimis et lacrimis, Capitodium et Capitolium...* [Nouensides devia ser escrita com L ou D: havia uma equivalência entre a letra L e D nos antigos, como em *dingua* e *lingua*, *dacrimae* e *lacrimae*, *Capitodium* e *Capitolium...*]; Mar. Vict., *G.L.K.* VI, p. 26, ap. J. Collart (Collart, 1954, p. 99).

⁶¹⁵ *Apri ab eo quod in locis asperis...* [Apri (javalis) recebem esse nome por causa dos lugares abruptos (*asperis*) em que vivem] (V, 101).

⁶¹⁶ Um fragmento varroniano conservado por Carísio indica concretamente a rejeição do **h** junto com oclusivas: *Pulchrum Varro adspirari debere negat.* [Varrão nega que deva ser aspirado o **h** em *pulchrum*] (Char., p. 93, fr. 3, K. Barwick). Se no livro V estão registradas as formas aspiradas *epichysis* (tipo de vaso — V, 124) e *parapectia* (vestido feminino — V, 133), é, provavelmente, porque no original estavam escritas em caracteres gregos. Quanto à palavra *falx* (foice), vem ela de *far* (trigo), que provém de uma forma dialetal *phanclas* (V,

principalmente no meio das palavras junto a oclusivas, como em *pulcher*, *Gracchus*.⁶¹⁸ Cícero observava que os antigos usavam a aspiração somente diante de vogais; a exemplo deles, ele mesmo dizia que, junto a oclusivas, pronunciava *pulcros*, *Cetegos*, *triumpos* (*Or.* 160). No entanto, com as progressivas concessões ortográficas feitas ao helenismo, acabaram consagrando-se as formas *pulchros*, *Cethegos*, *triumphos*, como se registra no *Orator*. Quintiliano atesta que, até a uma época, os antigos ignoravam a aspiração, escrevendo *aedus* (cabrito), *ircus* (bode), *olus* (legume), em oposição às formas citadinas, *haedus*, *hircus*, *holus*. Quintiliano registra, ainda, que Valério Catulo ironizava um certo Arrius, por escrever *chommoda*, *hinsidias* (*Inst. orat.* I, 4, 19-21; I, 5, 20). Aulo Gélcio também recriminava o uso abusivo do *h* por parte de seus contemporâneos.⁶¹⁹ Varrão, por tradição camponesa, escrevia e pronunciava *irpex*, *edus*, *ircus*, *olus*, *irundo* (andorinha), termos comuns no campo, sem *h*, mesmo em começo de palavras. Apesar de admitir o uso do *h* nessas palavras,⁶²⁰ mostrou, etimologicamente, ser desnecessário em algumas outras, como em *[h]onos* [honra], por vir de *onus* [responsabilidade] (V, 73), em *[h]asta* [lança] de *astare* [estar de pé] (V, 115)⁶²¹ e em *[h]auriga* [carneiro para o

137). Assim, em *cohors* (pátio, ajuntamento), o *h* não se justificaria, porque a palavra vem de *cooriri* (ajuntar).

⁶¹⁷ Prisciano confirma o fato, não só para o *h* mas também para o *q* e o *k*: *Auctoritas Varronis nec K nec Q nec H in numero adhibet litterarum* [O autor Varrão não inclui nem K, nem Q, nem H entre as letras (*G. R. F.*, p. 236, fr. 240)].

⁶¹⁸ Este fragmento de T. Escauro registra o fato: *Negat Varro etiam Gracco aspirandum* [Varrão contesta que em *Gracchus* se deva aspirar] (*G.R.F.*, p. 299, fr. 280 c). Por rusticismo ou para manter a verdadeira tradição romana, Varrão preconiza esta transcrição: *Graccus*, *pulcer*; *ap.* J. Collart (Collart, 1954, p. 96).

⁶¹⁹ *N. A.* II, 3. A aspiração teria entrado no latim por força da moda e de certo esnobismo dos romanos citadinos na operação de empréstimos do grego. Cf. J. Collart (Collart, 1954, p. 76).

⁶²⁰ Segundo Aneu Cornuto, Varrão admitia as formas aspiradas *heres* (herdeiro), *hircus* (bode):...*quod uocalibus quoque dicit anteponi ut heres, hircus* (*G.R.F.* p. 297, fr. 279).

⁶²¹ Isto é, quem empunha uma lança geralmente está de pé.

sacrifício] de *aries* < *ares* [carneiro] (V, 98). Entretanto, o autor também hesita, quanto, por exemplo, a *harena/arena* (areia, arena, anfiteatro). Tratava-se de palavra duvidosa. Se tivesse origem em *haereo* (estar fixo), dever-se-ia manter o **h**; se, porém, viesse de *aridus*, seria necessário suprimi-lo, segundo um fragmento conservado por Sêrvio (*Ad Aen.* I, 172, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 92). Contudo, segundo um fragmento varroniano conservado por Veleio Longo, Varrão faz *harena* provir de *fasena*, palavra sabina, nesta equivalência: **f** (sabino) > **h** (latim) e **s** (sabino) > **r** (latim). Estaria então ocorrendo, simultaneamente, uma aspiração e um rotacismo, ou seja, *fasena* > *harena*.⁶²² No *De lingua Latina*, Varrão confirma a tergiversação da aspirada, ou seja, sua presença na fala urbana e sua dispensa no latim rural. Ele diz claramente: [**H**]ircus, quod Sabini **f**ircus; quod illic **f**edus, in Latio rure edus [**H**ircus/ircus (bode) corresponde ao sabino **f**ircus; o que lá dizem **f**edus, no meio rural latino é edus (cabrito)] (V, 97). Vê-se que ele registra o uso rural, sem **h**, mas admite uma razão para o uso do **h** na cidade. Resumindo, tem-se, primeiramente, uma *demptio* (supressão) total da fricativa labiodental dialetal-sabina (**f**) ou sua *commutatio* (transformação) em uma aspirada (na cidade); em segundo passo, há a *comutatio* da fricativa alveolar (**s**) com a vibrante (**r**). Examinem-se os fatos havidos:

f (dialetal, sabino) > [**h=0**] ou **h**; (exemplos:)

- *hilum* (mínimo) < *filum* [fio] (V, 113) —> *commutatio*
- *ircus* < **f**ircus (no campo) —> *demptio*
- **h**ircus < **f**ircus (V, 97) (na cidade) —> *commutatio*
- [**a**]edus < **f**edus (no campo) —> *demptio*

⁶²² Assim diz o fragmento varroniano conservado por Veleio Longo: *Harenam dicimus propter originem uocis, si quidem, ut testis est Varro, a Sabinis fasena dicitur, et sicut S familiariter in R transit, ita F in uicinam aspirationem mutatur* [Pronunciamos *harenam* por causa da origem do vocábulo; se, como diz Varrão, *fasena* se diz a partir de uma procedência sabina e como o S passa, no colóquio, para R, assim o F muda para um aspiração vizinha (*G.L.K.* VII, p. 68, *apud* J. Collart — Collart, 1954, p. 98).

- *h[a]edus* < *fedus* (V, 97) (na cidade) —> *commutatio*

s (dialeto, sabino) > *r*; (exemplo):

- [*h*]*arena* < *fasena* [farinha] —> *commutatio*.

2.2.5. GEMINAÇÃO: *ADDITIO*

Ênio parece ter sido o primeiro a adotar o procedimento de duplicar consoantes, à maneira dos gregos, onde elas eram pronunciadas (Collart, 1954, p. 100). A implantação das geminadas se fez progressivamente, em meio a incertezas. Em alguns casos, a *additio litterae* parecia arbitrária ou se fazia por analogia ou gosto popular; buscava-se grafar a expressividade das palavras mediante a geminação, como nestas, para as quais Varrão parece dar um motivo, mesmo que fantasioso:⁶²³

- *oppidum* [cidade] < *ops* [riqueza, pujança, poder, segurança] (V, 141);

- *olla* [panela onde se cozinha o legume] < *olus* [legume] (V, 108);

- *pannus* [pano] < *panis* [pão chato, na sua forma primitiva] (V, 105);

- *palla* [veste externa, à vista] < *palam* [abertamente] (V, 131);

- *terra* (*tera*) < *terere* [pisar; porque é pisada] (V, 21);⁶²⁴

- *collis* [colina] < *colere* [cultivar] (V, 36);

- *Pallantes* [companheiros de Evandro] < *Palatium* [V, 53];

- *narro*, *narratio* [narrar, narração] < *gnarus* [sabedor] (VI, 51).⁶²⁵

⁶²³ Num decreto de Emílio Paulo de 189 a. C., já apareciam formas “modernas” como *essent* e *uellet*. Homem culto, possuidor da primeira biblioteca particular de Roma, ele já estava atento aos influxos do helenismo, inclusive na escrita latina. Entretanto, de modo geral, em textos administrativos e jurídicos, a prática da geminação, como novidade que era, implantou-se de forma mais lenta. A *Sententia Minuciorum* de 117 a. C. apresentava formas arcaizantes como *esent*, *iuserunt*, *posidere* ao lado de novas como *essent*, *iusserunt*, *possiderent* (Cf. J. Collart — Collart, 1954, p. 100).

⁶²⁴ Essa etimologia, de Élio Estilão, fez sucesso na antiguidade; Isidoro de Sevilha usa-a (*Etym.* XIV, 1,1). No entanto, um texto dos *Livros dos Áugures* trazia a grafia *tera* (Collart, 1954, p. 101).

2.2.6. GRUPOS FÔNICOS COMPLEXOS

Há alguns grupos fônicos cuja mutação requer uma análise minuciosa, tais como:

a) du [=dw] > b (*commutatio*, *demptio*); (exemplos:)

- **bellum** [guerra] < **duellum** (V, 73);

- **Bellona** [deusa da guerra] < **Duellona** (VII, 49);

b) qu (= kw) > c (k) (*commutatio e demptio*); (exemplo:)

- **colo** [cultivar] < **Esquiliae** [distrito de Roma] (V, 49);

c) gn > n [*commutatio*]; (exemplos:)

- **narrare** < **gnarus** [sabedor] (VI, 51);

- **narus** < **gnarus** (VI, 51);

- **nascor** [nascer] < **gnascor** < **ignis** [fogo interior] (V, 70);

d) s > ns (*commutatio*) (exemplo:)

- **mensa** < μέσα (V, 118);

e) r > s (*commutatio*) (exemplos:)

- **russum** < **rursum** [novamente] (V, 40);

- **Casmenae** [musa] < **Carmenae** (VII, 26-27);

f) s > (*demptio*) (exemplos:)

- **omen** [presságio] < **osmen** < **os** [boca] (VI, 76, VII, 97);

- **pomoerium** [pomério] < **posmoerium** < **postmoerium** (V, 143);

- **Camillus** < **Casmillus** [agente auxiliar no ritual samotrácio] (VII, 34);

⁶²⁵ Apesar da duplicação praticada por Varrão, há um fragmento conservado por Mário Victorino com parecer contrário: *Narare per unum R scribitur, ut Varroni placet; secutus est enim etymologiam nominis eius, qua gnarus dicitur qui scit et accipit quod loqui debeat...Ideo et naratio unum R habere debet* [Narare se escreve com um r, como prefere Varrão; seguiu ele a etimologia de seu nome, pela qual gnarus (sábio) se diz daquele que sabe e aceita dizer o que deve ser dito...Por isso naratio deve apresentar um só r] (G.R.F., p. 296, fr. 277).

- *Camena* [musa] < *Casmena* (VII, 26);

g) gl > l (*commutatio*) (exemplo:)

- *pala* [pá de escavar < *pango* [enterrar] (< pag-[s]-la) (V, 134).

2.2.7. O PREFIXO: *AMBI* - *AMBE* - *AMB* - *AM* - *AN*

Varrão indica a forma *ambe* (*ambi*) como se fosse uma forma livre na língua (VII, 30). Na verdade, trata-se do prefixo *ambe/ambi*, que toma as seguintes formas:

- *ambe* < *ambecisus* [cortado de ambos os lados] (VII, 43);

- *ambi* (forma arcaica) < *ambiegna* [ladeada de dois cordeiros] (VII, 31);

- *ambi* < *Ambiuius* [nome de pessoa, ambíguo] (VII, 30);

- *amb* < *ambages* [ambigüidades] (VII, 30);

< *ambitus* [circuito] (VII, 30);

< *ambitiosus* [ambicioso] (VII, 30);

< *ambagio* [adágio/ida de um lado para o outro] (VII, 31);

< *ambegna* [vaca circundada de dois cordeiros] (VII, 30, 31);

< *ambustum* [queimado ao redor] (VII, 31);

- *ami* < *Amiterni* [habitantes de Amiterno, ou seja, de ambos os lados do rio Aterno = *am (b) i (A) ternus*] (V, 28);

- *am* < *amnis* [rio que descreve um circuito < *ambitus*] (V, 28);⁶²⁶

- *an* < *ancilia* [escudo sagrado, estilo trácio] < *ambecisus* [cortado de ambos os lados] (VII, 43);

< *anfractus* [curvado] (< *am(bitus) + fractus*) (VII, 15).⁶²⁷

⁶²⁶ Trata-se de uma etimologia fantasiosa.

⁶²⁷ Na verdade, seria um empréstimo da forma osca *amfr* (= *amb*) + *actus*. Cf. J. Collart (Collart, 1954, p. 105).

2.2.8. A SUPRESSÃO DE SÍLABAS: *DETRACTIO SYLLABARUM* (EXEMPLOS:)

- *pilum* [lança] < *perilum* [perigo] (V, 116);
- *pallia* [manto] < *parilia* (V, 133);
- *sestertius* < *semistertius* (V, 173);⁶²⁸
- *selibra* < *semilibra* (V, 171).

2.2.9. CORRESPONDÊNCIAS COM O GREGO: *COMMUTATIO E DEMPTIO*

Tanto no campo das vogais como no das consoantes, Varrão reconhece tacitamente correspondências fonéticas entre o latim e o grego na tomada dos empréstimos. Segue um breve e sistemático elenco de palavras (algumas já estudadas) que mostram os fatos lingüísticos mais comuns presentes na transposição do grego para o latim. No *De lingua Latina*, eles se encontram dispersos e não constituem objeto de reflexão fonética por parte do autor:

a) mutações vocálicas (exemplos:)

- **us** < **ος** - *asparagus* [aspargo] < ἄσπαράγος (V, 104);
 - *taurus* [touro] < ταύρος (V, 96);
- **a** < **α** - *mensa* [mesa] < μέσα (V, 118);
 - *malum* [maçã] < μᾶλον (V, 102);
- **u** < **ου** - *mutuum* [empréstimo] < μοῖτος (V, 179);
- **i** < **ει** - *lilium* [lírio] < λειρίον (V, 103);
- **ae** < **αι** - *aeuum* [eternidade] < αἰών (VI, 11);
- **ae/ e** < **η** - *scaena* = *scena* [cena, anfiteatro] < σκηνή (VII, 96);
 - *scaeptrum* = *sceptrum* [tronco] < σκῆπτρον (VII, 96);

⁶²⁸ *Dupondius et semis* equivalia a dois asses e meio, o mesmo que um (1) *semis tertius* (= *sestertius*), no qual *semis* se reduz a *ses* (como *semisque* se reduz a *sesqui*) (L.L. V, 173).

- **u** < ευ - *Lucienus* < Λευκιένος [Luciano] (VI, 2).

b) digama (**uau**) no início e no meio de palavra (exemplos:)

- *uesper* [a tarde] < ἑσπέρα (VI, 6);

- *uitulus* [vitelo, terneiro] < ἰταλός (V, 96);

- *prouidere* [prover] < προιδεῖν (VI, 96);

- *ouis* [ovelha] < οῖς (V, 96);

- *aeuum* [eternidade] < αἰῶν (VI, 11);

c) mutações consonantais (exemplos:)

θ > t (*commutatio*):

- *ite* [ide] < ἴθι (VI, 96);

- *putere* [apodrecer] < πύθεσται (VI, 96);

espírito rude > **s** inicial:

- *sus* [porco] < ὄς (V, 96);

v > m (em final de palavra):

- *tryblum* [tigela] < τρύβλιον (V, 120);

- *mutuum* [dinheiro obtido por empréstimo] < μοῖτον (V, 179);

δ > l

- *lespesta* [jarra] < δεπέστα < δέπας [taça] (V, 123).

Concluindo este estudo, observa-se que a classificação dos sons das palavras estabelecida por Varrão no *De lingua Latina* não parece nítida e menos ainda exaustiva. Cumpre lembrar que suas aproximações fonéticas não se faziam em função delas mesmas ou com a consciência da existência de uma disciplina independente, mas, sim, em função da etimologia. Essa era a “ciência” da moda, que se encontrava comprometida em informar a origem de cada palavra.

Por outro lado, não consta, como previsto no plano do *De lingua Latina*, um livro ou tríade para o estudo da fonética. Por isso, como no campo da etimologia, surgem, no da fonética varroniana, alguns aspectos fantasiosos. Como se verificou, a própria terminologia *commutatio*,

demptio, *traiectio* e *additio* é genérica e não se presta como instrumento para uma análise precisa dos fatos fonéticos.

Entretanto, muitas das aproximações fonéticas varronianas são aprovadas pela filologia moderna (*αἰὼν-aeuum*, *bellum-duellum*, *ἑσπέρα-uesper*, *fircus-hircus*, *medidies-meridies*, *moenia-munire* etc.). Em muitos casos, as soluções de Varrão, mesmo errôneas (para a fonologia moderna), são reveladoras de um senso agudo de fonética. Não raro, Varrão mostra detalhes da economia da língua latina e correspondências bilíngües, isto é, o sistema fonético do latim com o sistema fonético da língua grega. Apresentando o termo latino e sua possível ressonância com o grego, Varrão inicia uma introdução, embora ainda tímida, no campo de uma fonética comparada de interesse nitidamente moderno. Veja-se este passo: *Pocula a potione, unde potatio et etiam posca. Haec possunt a πότῶ, quod πότος potio Graece* [*Pocula* (copos) é nome derivado de *potio* (bebida), o mesmo que *potatio* (ação de beber) e *posca* (mistura de vinagre com água). Esses vocábulos, porém, podem derivar de πότος, porque πότιο (bebida) em grego se diz πότος] (V, 122).

Sem dúvida, a maior dificuldade que se oferece ao estudo da fonética de Varrão reside em que faltam os livros de morfologia prática. Além disso, todas as indicações de fonética prática dadas por Varrão estão dispersas. Não constituem um sistema. Por outro lado, os gramáticos posteriores não conceberam, mais claramente que ele, a existência autônoma da fonética, por isso não aproveitaram os elementos esparsos de Varrão e não cuidaram de reproduzir mais largamente os conhecimentos por ele consolidados. Portanto, segundo J. Collart, não é exagero dizer que até onde Varrão levou a fonética, nesse patamar ela ficou até há cem anos atrás (Collart, 1954, p. 112).

CONCLUSÃO

A obra *De lingua Latina* não é um texto figurativo, nem poético e, sim, temático. Não se trata de uma obra representativa e, sim, interpretativa da realidade no que concerne ao fenômeno da linguagem. Insere-se na literatura latina como uma reflexão sistemática e projetiva sobre o seu próprio instrumento de expressão, a língua latina, e, por isso, como se viu, no capítulo II, se classifica como uma vasta metalinguagem.

No núcleo desse interesse, Varrão explicita o conceito de *latinitas*, que já vinha sendo tratado de forma latente em sua época. A *latinitas* seria o próprio uso do latim levado à sua excelência. Esse conceito, essencialmente lingüístico, envolvia uma auto-afirmação da língua nacional fortemente positiva, mas, ao mesmo tempo, imitativa e contrastiva; ou seja, a própria *latinitas* advinha do desejo misto de copiar o ἑλληνισμός (o helenismo, tendo como sua melhor expressão a própria língua grega) e, simultaneamente, se opor à sua ingerência no mundo romano.

Entretanto, partindo desse sentido estritamente lingüístico de *latinitas*, Varrão, como luminar de sua época e polígrafo, parece estender sua visão para um panorama ainda mais vasto, o sócio-lingüístico, no qual se delineavam os pontos da história, etnia e cultura romano-latina, amalgamados pela língua. Segundo esse sentido ampliado, o autor estaria pensando a língua latina como resultado de uma elaboração conjunta, tal é a insistência com que cita as contribuições etimológicas advindas dos povos itálicos e de outros povos, especialmente o grego, para a formação do latim. Obviamente, essa seria uma visão hodierna que se estaria projetando para o passado. Para além do sentido lingüístico, portanto, a *latinitas* seria causa e efeito, fator e resultado do que aí estava: agrupamento étnico, movimento cultural e sistema lingüístico, sempre numa paradoxal busca de identificação e, ao mesmo tempo, discreto ombreamento com o helenismo. Tal concepção ampliada da *latinitas* se justifica como uma tentativa de entender o cenário social e político da obra varroniana e de aclarar a própria interpretação que lhe dava a intelectualidade romana.

Por outro lado, voltando ao início, o *De lingua Latina* é, estritamente, código explicando o código e, nesse sentido, insere-se no campo de uma

vasta metalinguagem, que se manifesta de forma implícita e explícita; implícita, nos momentos de investigação das etnias e dos elementos do antiquário romano, ou seja, no inventário do patrimônio itálico-latino-romano (cultura); explícita, na atividade direta da investigação histórico-etimológica nos livros V, VI, VII e gramático-morfológica nos livros VIII, IX e X.

No cerne da visão lingüística varroniana encontra-se, portanto, a pesquisa histórico-etimológica e gramático-morfológica, desenvolvida nos tempos modernos por Saussure com os nomes de diacronia e sincronia da língua. Na época anterior a Varrão, nos percalços de tantas e variadas elaborações filosóficas que influenciaram a própria gramática como ciência (Capítulo IX), o problema centralizou-se na discussão sobre a anomalia e a analogia da língua e foi vivenciado principalmente pelos filósofos estóicos e filólogos alexandrinos. Eis os pontos diferenciais dessa controvérsia, que, na realidade, constituem a macroestrutura do *De lingua Latina*:

estóicos

origem natural da língua - φύσις

a língua, fato e fenômeno

método histórico-diacrônico

estudo etimológico

nome: imitação do conceito

ajuste do signo à realidade

impositio = léxico básico

ênfase na irregularidade da língua

preferência: prosa popular

aderência *uerbum/res*

prevalência do uso

filósofos

alexandrinos

origem convencional - θέσις

a língua, sistema

método gramático-sincrônico

estudo analógico

nome: representação do conceito

arbitrariedade do signo

declinatio = flexão, expansão

prevalência da regularidade

preferência: textos poéticos

não aderência *uerbum/res*

o poder da norma

gramáticos

ἐμπειρία	τέχνη
anomalía	analogia
liberdade, criação	estrutura, racionalidade
produção da língua	estrutura e ampliação
parole	langue
exegese textual	crítica textual.

Poder-se-iam relacionar alguns problemas hodiernos com algumas posturas varronianas concernentes à língua e à gramática.

A língua latina no *De lingua Latina* é instrumento de reconstituição e explicitação da consciência da *latinitas*, ou seja, através do uso correto do código lingüístico de uma comunidade de comunicadores nessa língua. A preocupação tradutiva desse universo de usuários do latim (*latinitas* no sentido sócio-lingüístico) é uma função metalingüística, *lato sensu*.

Entretanto, o empenho em explicitar a língua em sua gramática resulta da preocupação com a preservação do código lingüístico como elemento unificador dessa *latinitas*: é a função metalingüística em ação, *stricto sensu*. Dessa forma, a língua é instrumento do nacionalismo latino-romano: faz engendrar a pátria e o sentido do império.

Segundo Varrão, a língua, em qualquer momento da sua atualização, isto é, na sincronia da fala com suas anomalias, tem uma forte relação com seu lastro histórico-diacrônico, enquanto sistema consolidado pela presença constante da analogia. Ao autor reatino não repugna reconhecer e aceitar como enriquecedora a intromissão de elementos de outros sistemas lingüísticos, isto é, estrangeiros, na língua vernácula, pois a língua é como a árvore limítrofe, cujas raízes se aprofundam e pervadem o território lingüístico vizinho.

A língua (*langue*) é do povo, é dinâmica, é uso (*parole*): nela existe sempre o elemento surpresa, novo e criativo, devido ao processo da *impositio uerborum*.

As dissimilitudes que ocorrem na prática da fala são uma realidade constante e avassaladora; elas sugerem, fortemente, que a língua é inexplicável, pois, muitas vezes, se apresenta como a natureza: caótica e anômala; por isso, não se deveria pretender ver analogia na língua.

Antiteticamente, porém, a língua é sistema e norma que controla o uso e garante sua própria estabilidade, pelo processo da *declinatio*; esta lhe é erige a gramaticalidade, a normatividade analógica, que, por sua vez, facilitando ao usuário a articulação da realidade.

Existe, sim, uma gramática natural, pragmática, ínsita e implícita nas enunciações do povo falante. Mas existe também a gramática tética, teórica e expositiva, ocupada e preocupada legitimamente em propor o sistema lingüístico correto, em defesa do código, sem ser necessariamente impositiva.

Varrão evita o gramaticismo; para ele, regras e nomenclaturas devem ser reduzidas ao mínimo. Todavia, julga insensato opor-se à normatividade gramatical mínima, pois ela rege a fala culta, a *latinitas*, o *latine loqui*, que, por sua vez, representa o estágio ideal no uso do código comum.

Contrariamente a um certo pensamento, vigente, hoje, em âmbito universitário, que exhibe alergia ao estudo diacrônico da linguagem, Varrão proporia uma linha correta e equilibrada da pesquisa lingüística, pois ele próprio consagrou seis livros do *De lingua Latina* ao estudo da etimologia que é essencialmente investigação histórica da língua (*impositio*) e seis outros à análise da morfologia, que é pura análise sincrônica (*declinatio*).

Por que se insiste em imprimir uma ideologia ao uso da língua? Ou, por que motivo se quer ver na dita “norma culta” da língua — que seria a *latinitas* — uma forma de opressão das classes dominantes, bem-falantes, sobre as dominadas, más usuárias, porque socialmente mal condicionadas? Varrão dizia que a língua é, sobretudo, do povo, que, também ele deve ter acesso à *latinitas*, à excelência do código, à estrada, nem sempre fácil, mas larga e batida que possibilita a todos, o tráfego seguro na comunicação.

Os a-gramáticos, que querem o uso lingüístico livre em toda sua variância, de modo avesso a qualquer norma, arriscam-se a perder-se nos caminhos tortuosos, a complicar o próprio uso. Este, displicente e

inconsistente, compromete a sobrevivência do próprio código lingüístico das gerações de usuários, presentes e futuras. Fazendo frustrar a analogia na língua, levam-na à diluição. Acaso as acentuadas dissimetrias ou anomalias na língua portuguesa, hoje, não são o resultado de uma histórica displicência para com o código? Por que se minimiza o estudo da gramática hoje, sendo que ela é, por assim dizer, um dos últimos recursos, na vida acadêmica, para se administrar um pouco de lógica verbal às mentes dos falantes? Ou na frase de Graciliano Ramos: “A lembrança de Madalena me persegue” (*São Bernardo*), por que a maioria dos alunos adolescentes, pressupostamente na posse das operações abstratas, reconhecem (erroneamente) “Madalena” e não “lembrança” como centro referencial do sintagma nominal na função de sujeito (núcleo do sujeito ou actante)?

Todavia, um sistema lingüístico é o que é, ou se constitui num instrumento de hegemonia? Roma usou o latim para estabelecer seu poderio político e militar sobre os povos latinos, itálicos e estrangeiros. O erudito tinha uma consciência republicana, mas suas posturas culturais e lingüísticas bem como suas composições políticas com César, poder emergente, sugerem sua intenção de abandonar a visão política republicana porque esta se mostrava incapaz, na conjuntura, de gerir o Estado Romano e muito menos de proporcionar à sociedade romana uma enunciação coletiva e equalizada sobre a vida civil, e, conseqüentemente, uma linguagem unificada. Assim, acabou aderindo à desobstrução dos caminhos que levariam ao Principado e à consolidação do império romano. O Principado trouxe o sentido da pátria e esta consolidou a língua.

Por outro lado, cumpre resgatar a função primitiva da gramática: a exegese textual, a gramática de texto. Esta, enquanto elemento abstrato e estruturador da língua, acontece espontaneamente no texto oral ou escrito, preside-o, embora de forma latente, e lhe dá consistência. Por isso, não existe estudo e ensino de gramática sem texto referencial, pois a gramática é τέχνη e não ciência pura (ἐπιστήμη); ela é o entendimento prático da língua no rolar do texto, oral ou escrito. Eis o que se pode dizer do *De lingua Latina*: uma metalinguagem do latim.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES CRÍTICAS

- FUNAIOLI, H. *Grammaticae Romanae Fragmenta* I. Leipzig: Teubner, 1907.
- VARRÓN. *De lingua Latina*. Introducción, traducción y notas de M. A. M. CASQUERO. Barcelona: Anthropos, 1990.
- VARRON. *De lingua Latina. Livre V*. Texte établi, traduit et commenté par J. COLLART. Paris: Les Belles Lettres, 1954.
- VARRON. *La langue Latine. Livre VI*. Texte établi, traduit et commenté par P. FLOBERT. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- VARRO. *On the Latin language. Books V-IX*. With an English translation by R. G. KENT. Books V - IX. 4 ed. London: Loeb - Classical Library, 1977. 2 v.
- VARRON. *Économie rurale. Livre I*. Texte établi, traduit et commenté par J. HEURGON. Paris: Les Belles Lettres, 1978.
- VARRON. *Économie rurale. Livre II*. Texte établi, traduit e et commenté par C. GUIRAUD. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

TEXTOS CRÍTICOS

- BARBU, N. "De pyramide bonorum in Varronis rerum rusticarum libris". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 281- 98.
- BELLARDI, W. "Aspetti della teoria del linguaggio in Varrone". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2., p. 285-98.

- BOSCHERINI, S. "Città e campagna nella dottrina linguistica di Varrone". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 317-33.
- BLAENSDORF, J. Crates et les débuts de la philologie romaine. *Ktema* 13: 141-7, 1988.
- BOISSIER, G. *Étude sur la vie et les ouvrages de M. T. Varron*. Paris, 1861.
- BOYANCÉ, P. Sur la théologie de Varron. *Revue des Études Anciennes* 57: 57-84, 1955.
- _____ "Les implications philosophiques des recherches de Varron sur la religion romaine". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 1., p. 137- 62.
- _____ Étymologie et théologie chez Varron. *Revue des Études Latines* 53: 57-84, 1975.
- BRIGGS, Ward W., Jr. *Concordantia in Varronis libros De re rustica*. New York: Georg Olms Verlag, 1983.
- BRINK, C. O. "Horace and Varro". *Entretiens sur l'antiquité classique*. T. 9 Varron. Ginebra: Fondation Hardt, 1963, p. 173-220.
- BUCHWALD, W. Musae Varronis. *Museum Helveticum* 23: 215-7, 1966.
- CARDAUNS, B. "Zu Varros Menippeen fr. 582-583". *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 1, p. 37-44.
- CAVAZZA, F. *Studio su Varrone etimologo e grammatico*. Bolonha: La nuova Italia, 1981.
- _____ Studio su Varrone etimologo. *Latomus* 45: 184-9, 1986.
- CÈBE, J. P. "Sur les fragments 170 et 171 Bücheler des *Satires Ménippées* de Varron". *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 1, p. 45-62.

- CENDERELLI, A. "Interesse delle opere di Varrone come fonte de notizie per lo studio storico del diritto romano". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 321-6.
- CIPRIANO, P. "Varrone e l'uso 'calendaristico' dei termini *fas* e *nefas*". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 327-34.
- CIPRIANO, P. "Arcaicità di dicere in testimonianze varroniane". *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 1, p. 63-80.
- COLEIRO, E. "Tracce della satura antica nelle satire Menippeae di M. Terenzio Varrone Reatino". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 335-46.
- COLLART, J. Varron grammairien et l'enseignement grammatical dans l'antiquité romaine. *Lustrum* 9: 213-41, 1964.
- _____ M. Terenzio Varrone, *De lingua Latina*, libro X, a cura di A. Traglia. *Latomus* 16: 145-6, 1956.
- _____ (dir.) *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978.
- _____ *Varron, grammairien latin*. Publications de la Faculté des Lettres de Strasbourg. Paris: Les Belles Lettres, 1954.
- _____ "Analogie et anomalie". *Entretien sur l'Antiquité Classique*. T. 9 Varron. Genebra: Fondation Hardt, 1963, p. 117-40.
- _____ Varron et Pline l'Ancien. Remarques sur le style des deux auteurs techniques. *Ktema* 4: 162-8, 1974.
- _____ "Quelques remarques sur le style de Varron dans les *Satires Ménippées*". *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 1, p. 101-6.

- _____ “Analogie e anomalie”. *Entretiens sur l’antiquité classique*. T. 9 Varron. Ginebra: Fondation Hardt, 1963, p. 117-32.
- _____ Quelques observations sur Aulu-Gelle grammairien. *Revue des études latines* 43: 384-95, 1965.
- _____ Palemon et l’ars grammatica. *Revue de Philologie* 12: 228-38, 1938.
- _____ “Oeuvre grammatical de Varron”. In: J. Collar (dir.). *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 3-21.
- COLSON, F. H. The grammatical chapters in Quintilian. *Classical Quartely* 8: 33-47, 1914.
- _____ The analogist and anomalist controversy. *Classical Quartely* 13: 24-36, 1919.
- COPPA, G. De Cicerone ac de Varrone commentationes. *Latinitas* 4, 65-8, 1956.
- DAHLMANN, H. “Zu Varros Literaturforschung, besonders in *De poetis*”. In: *Entretiens sur l’antiquité classique*. T. 9 Varron. Ginebra: Fondation Hardt, 1963, p. 3-21.
- _____ “Zu Varros antiquarisch-historischen Werken, besonders den *Antiquitates rerum humanarum et diuinarum*”. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 1, p. 163-77.
- _____ “Varro *Men.* fr. 104 B”. *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 1, p. 107-16.
- DAL SANTO, A. “Semel dicta vel perraro usurpata in Varronis *Saturis Menippeis*”. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 553-63.

- _____ “Fr. Petrarca Varroni Reatino quid scripserit ab urbe Roma a. Domini MCCCL”. *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 1, p. 117-32.
- DANGEL, J. Grammaire et rhétorique à Rome: notion de romanité. Introduction. *Ktema* 13: 139-40. 1988.
- _____ Accius grammairien? *Latomus* 49: 37-58, 1990.
- DELLA CORTE, F. *Filologia latina dalle origini a Varrone*. Turin: Rosenberg & Sellier, 1937.
- _____ “Varrone Metricista”. *Entretiens sur l’antiquité classique*. T. 9 Varron. Ginebra: Fondation Hardt, 1963, p. 141-62.
- _____ “L’idea della preistoria in Varrone”. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 1, p. 111-36.
- _____ “Il debito di Plinio verso Varrone”. In: J. Collart (dir.). *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 149-58.
- DEMAND, N. The nomothetes of *Cratylus*. *Phronesis* 20: 106-9, 1975.
- DENIS, E. S. La syntaxe du latin parlé dans les *Res rusticae* de Varron. *Revue de Philologie* 73: 141-62, 1974.
- DESCHAMPS, L. “L’attitude de Varron face à la rhétorique dans les *Satires Ménippées*”. *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 1, p. 153-70.
- _____ L’harmonie des sphères dans les *Satires Ménippées* de Varron. *Latomus* 38: 9-27, 1979.
- DESMOULIEZ, H. Sur la polémique de Cicéron et des atticistes. *Revue des Études Latines* 30: 168-85, 1952.

- DIAZ Y DIAZ, M. C. *Latinitas*, sobre la evolucion de su concepto. *Emerita* 19: 35-50, 1951.
- DIHLE, A. Analogie und Attizismus. *Hermes* 85, 170-205, 1957.
- DILKE, O. A. W. "Varron and the origins of centuriation". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 353-8.
- FEHLING, D. Varro und die grammatische Lehre von der Analogie und der Flexion. *Glotta* 35: 214-70, 1956; 36: 46-100, 1957.
- FERRARINO, P. "Quadruium (Quadrivio di sei arti?! - La caverna platonica). *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 359-64.
- FINK, J. Analogie und Anomalie in der Sprache, Zu Varro *De lingua Latina* 9, 1. *Hermes*: 377-9, 1952.
- FLINTOFF, E. "Varro in the works of John of Lydia". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 365-78.
- FLOBERT, P. La dérivation nominale chez les grammairiens romains. *Latomus* 48: 741-52, 1989.
- _____ *Lingua Latina et Lingua Romana: purisme, administration et invasions barbares*. *Ktema* 13: 204-12, 1988.
- _____ La théorie du solécisme dans l'antiquité, de la logique à la syntaxe. *Revue de Philologie*: 173-81, 1986.
- _____ "Observations sur le texte du *De lingua Latina* VI, 2-31". In: J. Collart (dir.). *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 43-51.
- FRACESCHI, F. Censorino e Varrone. *Aevum* 28: 393-418, 1954.

- GARZETTI, A. "Varrone nel suo tempo". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 1, p. 91-110.
- GELSOMINO, R. "Varrone e i sette colli di Roma". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 379-88.
- GERSCHEL, L. Varron logicien, I. Étude sur une séquence du *De lingua Latina*. *Latomus* 17, 1: 65-72, 1958.
- GIOMINI, R. "Su alcuni frammenti grammaticali *incertae sedis* di Varrone". *Atti del Congresso Internaz. di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 389-407.
- HARTUNG, H. J. Παρεπόμενα ρέματος bei Varro ? (*De lingua Latina* X, 31-33). *Glotta* 51: 293-311, 1973.
- HEINZ, A. Quomodo e contemporanea linguarum doctrina antiquorum de analogia et anomalia controuersia diiudicanda sit. *Eos* 57: 86-95, 1967-1968.
- HENTZ, G. Les sources grecques dans les écrits des agronomes latins. *Ktema* 4: 152-60, 1974.
- HEURGON, J. L'effort de style de Varron dans les *Res rusticae*. *Revue de Philologie* 24: 57-71, 1950.
- HORSFALL, N. M. Turnus ad Portas. *Latomus* 33: 80-6, 1974.
- IJSEWIJN, J. "De fortuna Varronis apud scriptores Latinos renatarum litterarum aetate". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 1, p. 225-42.
- LA PENNA, A. "Alcuni concetti base di Varrone sulla storia romana". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 397-407.

- LAUGHTON, E. Observations on the style of Varro. *Classical Quartely* 10: 1-28, 1960.
- _____ "Humour in Varro". In: J. Collart (dir.). *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 105-11.
- LEHMANN, A. L'image de l'Asie dans la pensée de Varron. *Ktema* 13: 263-73, 1988.
- LEHMANN, Y. Varron et le grammairien Tyranion: l'apport doctrinal del' aristotelisme. *Ktema* 13: 179-86, 1988.
- LIEBERG, G. "Il giudizio di S. Agostino sulla teologia di Varrone". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 409-14.
- LUCIEN, G. Varron logicien. Étude sur une séquence du *De lingua Latina*. *Latomus* 17: 65-72, 1958.
- MANTERO, T. "La nave Argo e Varrone Reatino (*Men. fr. 15 Cèbe*)". *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 1, p. 247-68.
- MANZO, A. "Spunti di storia dell'arte e di critica d'arte in Varrone". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 415-28.
- MARACHE, R. Les théories de l'analogie et de l'anomalie. *Revue des Études Latines* 29: 50-1, 1951.
- _____ À propos de l'analogie et de l'anomalie. *Pallas* 2: 31-8, 1954.
- MATHEEUSSEN, A. "L'emploi de Varron dans la 'Restauratio linguae Latinae' (1533) de Georges D'Halluin". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 429-35.

MICHEL, A. Le philosophe, le roi et le poète dans le *De lingua Latina*. *Revue de Philologie* 39: 69-79, 1965.

_____ “Le philosophe et l’antiquaire: a propos de l’influence de Varron sur la tradition grammatical.” In: J. Collart (dir.). *Varron grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 163-70.

MINUCCI, A. “Quid e Varronis operibus Thomas Campanella hauserit atque in suis scriptis protulerit”. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 437-48.

MOUSSY, C. “Signum” et les noms latins de la preuve: l’héritage de divers termes grecs. *Ktema* 13: 168-77, 1988.

NICOLAS, B. “De pyramide bonorum in Varronis Rerum rusticarum libris”. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 281-4.

PAGLIARO, A. La dottrina dell’analogia e i suoi precedenti. *Ricerche Linguistiche* 4: 1-18, 1958.

PARATORE, E. “L’aspetto poetico della personalità di Varrone ed il suo gusto letterario”. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 1, p. 243-67.

PASCUCCI, G. “Le componenti linguistiche del latino secondo la dottrina varroniana”. *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 2, 339-64.

PERUZZI, E. “La formula augurale di Varrone *L.L.* VII, 8”. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v.2, p. 243-67.

PISANI, V. “Non solum ad Aristophanis lucernam, sed etiam Cleanthis: la teoria grammaticale e quella filosofica nell’etimologia di Varrone”. *Atti*

del Congresso Internazionale di Studi Varroniani. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 1, p.197-207.

----- “Schema agostiniano e schema varroniano della disciplina grammaticale”. *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 2, p. 397-411.

PIZZANI, U. Il filone enciclopedico nella patristica da S. Agostino a S. Isidoro di Siviglia. *Agostinianum* 14: 667-96, 1974.

PIZZANI, U. “Le sezione musicale dei *Disciplinarum libri* di Varrone Reatino”. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 457-76.

RAMOS, G. A. Observaciones sobre la terminologia de ciertos procesos lingüísticos en los gramáticos latinos (chez Varron). *Voces* 2: 109-27, 1991.

RETA, O. J. & CASQUERO, M. A. M. *San Isidro. Etimologías*. Madrid: BAC, 1982, v. 2.

RIPOSATI, B. Varrone e Cicerone maestri di umanità. *Aevum* 23: 246-66, 1949.

----- “M. Terenzio Varrone: l'uomo e lo scrittore”. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v.1, p. 60-89.

ROBINSON, L. “Marcus Terentius Varro, *Sexagesis* or born sixty years too late”. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 477-84.

ROMANIELLO, G. “L'etimologia di Profanus e Sacer sulla base di testimonianze Varroniane”. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 485- 94.

- ROMANO, D. "Varrone e Cibele". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 495-506.
- SALLMANN, K. "M. Varro quid ad medicinam contulerit". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 507-14.
- SBORDONE, F. "Sul *De poematis* di Varrone". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 515-24.
- SCONOCCHIA, S. "Contributo per il testo di Varrone, *De lingua Latina* V, 19". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 525-31.
- SERBAT, G. Les structures du latin. In: *Collection Connaissance des Langues*. Paris: Éd. A. & J., 1986.
- SHERLOCK, R. B. *The Syntax of nominal forms of the verb, exclusive of the participle, in St. Hilary*. Washington: The Catholic Univ. of America Press, 1947.
- SCHRÖTER, R. "Die varronische Etymologie". *Entretiens sur l'antiquité classique*. T.9 Varron. Ginebra: Fondation Hardt, 1963, p. 79-101.
- STEFANINI, J. "Remarques sur l'influence de Varron grammairien au Moyen Âge et à la Renaissance". In: J. Collart (dir). *Varron grammairien antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 185-92.
- TAYLOR, D. J. *Declinatio. A study of the Linguistic Theory of M. Terentius Varro*. Amsterdam, 1974.
- _____ *De lingua Latina* X, 76. *American Journal of Philology* 97: 119-20, 1976.

- THIERFELDER, A. "De aenigmate varroniano". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2 , p. 533-8.
- TODINI, U. "L'Olimpo e la Chorea degli astri in Varrone e in Ennio fr. XXXVII Ann. Vahl". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 539-52.
- TRILLI PARI, L. "Alcune precisazioni sulle *Eumenides* di Varrone". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 565-70.
- TRAGLIA, A. "L'ars grammatica vista da Varrone in rapporto con le altre arti". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 1, p. 177-95.
- _____ "Varrone e la prosa letteraria del suo tempo". *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 2, p. 497-539.
- _____ "Dottrine etimologiche ed etimologie varroniane con particolare riguardo al linguaggio poetico". *Entretiens sur l'antiquité classique*. T. 9 Varron. Ginebra: Fondation Hardt, 1963, p. 34-68.
- _____ "Etimologia e sinonimia in Nigidio Figulo." *In*: J. Collart, (dir.). *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres , 1978, p. 273-89.
- TRAINA, A. "Varrone *Men.* 498 B". *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 2, p. 541-6.
- TRAPÈ, A. "Augustinus et Varro". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 553-63.

- VALGIGLIO, E. "Varrone in Plutarco". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 571-96.
- VENERONI, B. "L'etimologia varroniana *Venus* da *Vinctio*". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 597-602.
- VETTER, E. Zum Text von Varros Schrift über die lateinische Sprache. *Rheinisch Museum* 101: 257-85, 289-323, 1958.
- VICO, G. "Un magistrato monetario della *gens terentia*: Marcus Terentius Varro (49 a. C.)". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 603-8.
- ZUCCHELLI, B. "L'enigma del TRIKARANOS: Varrone di fronte ai triumviri". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 609-25.
- _____ "Sui *Logistorici* di Varrone". *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 2, p. 587-602.
- WASZINK, J.H. "Varrone nella letteratura cristiana dei primi secoli". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 1, p. 209-23.

ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

- ALMEIDA, J. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- AMENÓS, J. B. *Gramática griega*. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1951.

- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 1950.
- BARATIN, M. *L'analyse linguistique dans l'antiquité classique*. Paris, Klincksieck, 1981.
- _____ Remarques sur la place et le rôle du concept de latinité dans les grammaires latines antiques. *Ktema* 13: 187-93, 1988.
- _____ "Sur l'absence de l'expression des notions de sujet et de prédicat dans la terminologie grammaticale antique". In: J. Collart (dir.). *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 205-9.
- BARDON, H. *La littérature latine inconnue*. Paris, 1952.
- BARROS, D. & FIORIN, J. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994.
- BAYET, J. *La religion romaine, histoire politique et psychologique*. Paris: Payot, 1957.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. Tradução de M. da Glória Novak e M. Luiza Neri. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BERNÁRDEZ, E. *Introducción a la Lingüística del Texto*. Madrid: Espasa-Calpe, 1982.
- BIANCO, G. "Riflessi della crisi agricola italica nel *De re rustica* di Varrone". *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 300-16.
- BICKEL, E. *Historia de la Literatura Romana*. Madrid: Gredos, 1982.
- BIVILLE, F. Tradition grecque et actualité latine chez les grammairiens latins: l'approche phonique de la langue. *Ktema* 13: 155-66, 1988.
- BOYANCÉ, P. *Études sur la religion romaine*. Paris: Boccard, 1972.

- BOWER, E. W. Some technical terms in Roman education. *Hermes* 89:462-77, 1961.
- BÜHLER, K. *Teoria del lenguaje*. Tradução de Julián Marías. Madrid: Gredos, 1966.
- BRUN, J. *L'Épicurisme*. Paris: P.U.F., 1959.
- CABRAL, L. S. *Introdução à lingüística*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- CARCOPINO, J. César. Paris, 1968.
- CARLO, A. M. *Historia de la Literatura latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1950.
- CARVALHO, J. H. de. *Teoria da linguagem*. Coimbra: Atlântida, 1974.
- CHARPIN, F. "La notion de solécisme chez les grammairiens latins". In: J. Collar (dir.). *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 185-92.
- COLLART, J. "A propos des études syntaxiques chez les grammairiens latins". In: J. Collart (dir.). *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 195-204.
- CHOMSKY, N. A. *Linguagem e Pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- CROISET, A e M. *Histoire de la littérature grecque*. Paris: Boccard, 1910-1928.
- DANGEL, J. Grammaire et rhétorique à Rome. *Ktema* 13: 138-9, 1988.
- D'ANNA, G. "Qualche precisazione sulla storia della satira". *Scritti in onore di Benedetto Riposati. Studi su Varrone*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1979, v. 1, p. 133-42.
- DELLA CASA, A. "Giulio Romano nella storia della grammatica latina". In: J. Collar (dir.). *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 217-224.

- DELLA CORTE (org.). *Enciclopedia Virgiliana*. Roma: 1984-1991, 5 v.
- DESMOULIEZ, A. Sur la polémique de Cicerón et des atticistes. *Revue des Études Latines* 1952: 1162-85.
- DIELS, H. *Os filósofos pré-socráticos*. Tradução de G. A. Borheim. São Paulo: Cultrix, 1968.
- DIJK, Teun A. Van. *La ciencia del texto*. Buenos Aires: Paidós, 1983.
- DUMÉZIL, G. Jupiter Mars Quirinus et les trois fonctions chez les poètes latins do 1.^{er} siècle av. J. C. *Revue des études latines* 1951: 318-30.
- ECO, H. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- ERNOUT, A. & THOMAS, F. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck, 1953.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1951.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 1992.
- FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix [s.d.].
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin Français*. Paris: Hachette, 1981.
- GREIMAS, A. J. *Semântica Estrutural*. S. Paulo: Cultrix-USP, 1973.
- GWYNN, A. *Roman education from Cicero to Quintilian*. Oxford: Clarendon Press, 1926.
- IDT, G. “Intertextualité”, “Transposition”, Critique des Sources. *Nova Renascença*, 1984.
- JAEGER, W. *Paidéia*. São Paulo: Herder, [s.d.].
- JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. Tradução de I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

- JENNY, L. A estratégia da forma. Intertextualidades. Tradução de Clara Crabbé Rocha. *Poétique* 27, Paris. Coimbra: Almedina, 1979.
- KIRCHER, C. La formation des noms en latin d'après Priscien. *Institutions grammaticales*, livres II, III, IV. *Ktema* 13: 195-203, 1988.
- KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1991.
- KOERNER, E. F. K. Lingüística e filologia, o eterno debate. *Filologia e Lingüística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1997.
- KRAHE, H. *Lingüística Indoeuropea*. Madrid: Instit. A. de Nebrija, 1971.
- LACY, Ph. H. de. The epicurean analysis of language. *American Journal of Philology* 60: 85-92, 1939.
- LANCIANI, R. *The ruins and excavations of ancient Rome*. New York: Bell Publishing, 1979.
- LEJEUNE, M. Latin et chronologie italique. *Revue des Études Latines* XXVIII: 100-1, 1950.
- LEROY, M. *As grandes correntes da lingüística moderna*. São Paulo: Cultrix-USP, 1971.
- LEROY, M. Théories linguistiques dans l'antiquité. *Les Études Classiques* 41: 385-401, 1973.
- LINDSAY, W. M. The latin grammarians of the empire. *American Journal of Philology* 37: 31-41, 1916.
- LOPES, E. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- _____. *Discurso, texto e significação*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- LYONS, J. *As idéias de Chomsky*. São Paulo: Cultrix-USP, 1973.

- MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfossintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1978.
- MADWIG, J. N. *Grammatica Latina*. Porto: Typogr. Manuel Pereira, 1972.
- MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1954.
- MARROU, H.I. *Histoire de l'éducation dans l'antiquité*. Paris: Éditions du Seuil, 1950.
- MARTINET, A. *Éléments de Linguistique Générale*. Paris: Armand Colin, 1964.
- MATEUS, M. H. M. et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- _____. *Dicionário de Filologia e Gramática*. São Paulo: J. Ozon, 1968.
- _____. *Princípios de lingüística geral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- MOISÉS-PERRONE, L. A intertextualidade crítica. Intertextualidades. Tradução de Clara Crabbé Rocha. *Poétique* 27. Coimbra: Almedina, 1979.
- MORELLI, G. *Ricerche sulla tradizione grammaticale latina*. Roma, 1970.
- MORILON, P. "Cicéron et les écoles grammaticales de son temps". In: J. Collart, dir. *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978 p. 253-62.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

- _____. Uma questão de leitura: a noção de sujeito e a identidade do leitor. *Revista PUC* 14: 57-69, 1987.
- PARATORE, E. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- PARI, L. T. "Alcune Precisazioni sulle 'Eumenides' di Varrone. *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 1976, v. 2, p. 565-70.
- PÉPIN, J. "Remarques sur les sources de la *theologia tripertita* de Varron". In: J. Collart (dir.). *Varron, grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 75-82.
- PERELLI, L. *Antologia della letteratura latina*. Torino: Paravia, 1971.
- PERRET, J. *Les origines de la légende troyenne de Rome*. Paris: Belles Lettres, 1942.
- PICARD, G. C. *L'art romain*. Paris: PUF, 1962.
- PISANI, V. *Glottologia Indoeuropea*. 4 ed. Torino: Rosenberg & Sellier, 1971.
- PIGANIOL, A. *Essais sur origines de Rome*. Paris: Boccard, 1916.
- RAMAGE, N. H & RAMAGE, A. *Roman art. Romulus to Constantine*. New Jersey: Prentice Hall, 1996.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- SALUM, I. N. As vicissitudes dos dêitico-anafóricos. *Língua e literatura*, USP, 1983, p. 313-42.
- SANDYS, J. E. *A history of classical scholarship*. Cambridge: University Press, 1958.
- SAPIR, E. *A linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix-USP, 1969.
- SCHRIJVERS, P.H. La pensée de Lucrèce sur l'origine de la langue. *Mnemosyne*, Leiden, XXVII (4): 337- 64, 1974.
- TAGLIAVINI, C. *Le origini delle lingue neolatine*. Bologna: Patron, 1982.
- TANTUCCI, V. *Sintassi Latina*. Rocca San Casciano: Capelli, 1971.
- TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck, 1969.
- THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY*. Oxford: Clarendon, 1970.
- THE OXFORD COMPANION TO CLASSICAL LITERATURE*. Oxford: University Press, 1989.
- TURCAM, R. *Les cultes orientaux dans le monde romain*. Paris: Les Belles Lettres, 1989.
- ZAFFAGNO, E. *Dizionario degli scrittori Greci e Latini*. Roma: Marzorati, 1988, p. 2312-27.
- ZEHNACKER, H.; FREDOUILLE, J. C. *Littérature latine*. Paris: PUF, 1993.
- WOODCOCK, E. C. *A new latin syntax*. London, 1964.